



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA LÚCIA TAVARES DE OLIVEIRA

**MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e
empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira**

Recife
2023

ANA LÚCIA TAVARES DE OLIVEIRA

MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leilah Santiago Bufrem

Coorientador: Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

A48m Oliveira, Ana Lúcia Tavares de
Mestra Joana Cavalcante e o Maracatu Baque Mulher: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira/ Ana Lúcia Tavares de Oliveira – Recife, 2023.
522f.: il., fig., tab.

Sob orientação de Leilah Santiago Bufrem.
Sob coorientação de Murilo Artur Araújo da Silveira.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2023.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Mestra Joana Cavalcante. 2. Maracatu Baque Mulher. 3. Práticas informacionais. 4. Socialização da cultura afro-brasileira. 5. Empoderamento feminista. 6. Memória. 7. Identidades afrodescendentes. I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientação). II. Silveira, Murilo Artur Araújo da (coorientação). III. Título.

020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023 -183)

ANA LÚCIA TAVARES DE OLIVEIRA

MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Aprovada em: 18/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Leilah Santiago Bufrem (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Majory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Gisele Rocha Cortês (Examinadora Externa)

Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves (Examinador Externo)

Universidade Federal da Paraíba

Prof^a Dr^a Celly de Brito Lima (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

A minha ancestralidade negra e indígena, à mestra Joana Cavalcante, ao Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado (FBV), doravante Maracatu Baque Mulher, ao *Ylê Axé Oxum Deym*. Às *yalorixás*, mães de santo da Comunidade do Bode, Pina, Recife, Pernambuco. Às mulheres de terreiro, candomblecistas, juremeiras, umbandistas, às mulheres espíritas e espiritualizadas. À Nação do Maracatu Encanto do Pina, ao Maracatu Mirim Encanto do Pina, ao grupo cultural Mazuca da Quixaba, ao Projeto Uma Transformação Social Encantinho do Pina - Projeto Encantinho do Pina, sob a regência e coordenação geral de mestra Joana. À tia Maria de Minas, vovó Ana, vovó Cambinda, vovó Maria das Águas, vovó Rita, vovó Tereza, pai Benedito, pai Camilo, pai Francisco, pai Jacó, pai João Baiano, pai João de Angola, pai Joaquim das Almas, pai Malaquias e pai Tertuliano, entidades espirituais que constituem a cúpula sagrada do Centro Espírita Umbanda Pai Tertuliano. À mãe Naninha, pai Trajano, mãe Maria e pai João *in memoriam*, que dirigiram esse centro. À mãe Márcia e pai Severino, atuais dirigentes deste centro de umbanda. À Cigana Cecília, Maria Luziara, Maria Mulambo, Maria Padilha, Maria Quitéria e à Moça, que me acompanham em todos os lazes, nos meus momentos de boemia. À mulher “Preta Formosa” - filha de Oxum, entidade espiritual que me acompanhou, juntamente com Iansã e pai Benedito neste “escrivado”, escrita desta tese. Às deusas, deuses, entidades espirituais, mestra Paulina, pretas velhas, pretos velhos, orixás, de maneira especial à Iansã, minha orixá de cabeça, Oxum, Cigana Cecília e pai Benedito, que me auxiliaram espiritualmente projetando em mim a perseverança e intelectualidade suficiente para o “abaicamento” deste doutoramento. Essas entidades espirituais me fizeram entender de onde venho e aceitar minhas performances no palco da vida, vivendo de uma forma plena, feliz, sem culpas. Dedico esta obra intelectual com todo meu afeto e gratidão *in memoriam* a minha amável, insubstituível e inesquecível mãe Noêmia Francisca Tavares (10/05/1936 - 31/08/2021), à minha irmã Maria Natércia Tavares da Silva (24/12/1961 - 13/06/2001). Às feministas que fortaleceram, fortalecem e fortalecerão os direitos das mulheres ciganas, índias, negras, pobres, periféricas e dos terreiros. Às mulheres que fizeram e fazem parte da minha trajetória de vida, minhas inspiradoras e referências de feminismo negro. Especialmente à minha mãe que contribuiu para eu ressignificar meu sistema familiar, superar e romper estrategicamente, ao meu modo, os portais dos marcadores sociais da diferença, tornando-me artista das expressões e manifestações culturais de matriz africana, atriz, cantora, dançarina da cultura popular, batuqueira de maracatu de baque virado, arquivista, pedagoga, psicopedagoga, especialista em “Educação em Direitos Humanos”, mestra e doutora em “Ciência da Informação”, mesmo sendo filha de uma mulher mãe solo, preta, pobre, periférica, nordestina e não alfabetizada, Noêmia Francisca Tavares.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Meu eterno agradecimento ao Universo pelas inúmeras oportunidades que tem me proporcionado desde o ventre da minha mãe, meu exemplo de mulher, que me proporcionou tudo de melhor dentro das suas condições financeiras e sempre me amou.

Especialmente à minha mãe (*in memorian*), Noêmia Francisca Tavares (10/05/1936 - 31/08/2021) pelo amor incondicional, apoio e incentivo na minha trajetória acadêmica e artística. Era minha preta linda, educada, extrovertida, de caráter e sentimentos nobres, não sabia nem pronunciar o meu nome, chamava-me de Ana “Luça”, mas me ensinou a ser a Ana Lúcia Tavares de Oliveira que sou hoje, atriz e doutora em “Ciência da Informação”, com princípios morais e humanizados. Te reverencio e te agradeço eternamente pela minha vida, à senhora foi o meu bem mais precioso nesse plano.

À minha irmã Ana Cristina Tavares de Oliveira, meus irmãos Ednaldo Tavares da Silva, José Tavares da Silva, Manoel Tavares da Silva, Severino Francisco Tavares da Silva. Sou grata ao Universo em ter o privilégio de ser irmã de vocês. Amo-lhes com intensidade!

Amplio meus agradecimentos às minhas sobrinhas, sobrinhos, de modo especial à Anna Lívyia Tavares e Silva e, todas às crianças da família Tavares, “erezinhas”, criancinhas que com a pureza do olhar me faz acreditar que as crianças, adolescentes e jovens da nação brasileira, vão lutar por um país que promova paz, amor, solidariedade, garantia dos direitos humanos e o progresso do Brasil.

Gratidão por tudo, minha amável, insubstituível e inesquecível mãe! Faz exatamente um ano e oito meses que a senhora desencarnou, ainda estou aprendendo a viver com sua ausência física, está sendo muito difícil, mas a senhora me ensinou a superar toda e qualquer situação, a ser uma mulher forte. Sendo assim, vou aprender a viver com leveza sua eterna ausência. Almejo, no momento oportuno, ter o privilégio de encontrá-la.

Agradeço, à minha orientadora, Leilah Santiago Bufrem, em ter me escolhido como orientanda, acreditando que juntas construiríamos saberes, conhecimentos e pesquisas. Principalmente pela educação, generosidade, gentileza e capacidade

intelectual, sempre me incentivando a ler e pesquisar cotidianamente. Gratidão é o meu sentimento, intelectual da inteligibilidade aguçada!

Ao professor Murilo Artur Araújo da Silveira, por ter aceitado o convite para “abaicá” a coorientação, assinalando relevantes contribuições na construção desta tese. Grata pela partilha de conhecimento, cientista da informação.

Às professoras Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Celly de Brito Lima, aos professores Edvaldo Carvalho Alves e Hélio Márcio Pajeú, componentes da banca examinadora de qualificação. Em especial, às professoras Gisele Rocha Cortês e Majory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda, que aceitaram a atribuição de examinadoras desta tese, antes concedida à Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira e Hélio Márcio Pajeú, aos quais agradeço pelas contribuições para a redação final da tese aqui apresentada. Estendo meus agradecimentos às professoras examinadoras Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia e Harue Tanaka, examinadoras suplentes dessa tese. Gratidão pela disponibilidade.

À coordenação, professoras, professores, equipe técnica, amigas, amigos e colegas do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE), pelo acolhimento, partilha de conhecimento e respeito mútuo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – BRASIL (CAPES), que financiou esta pesquisa de doutoramento – Código de Financiamento 001.

À Suzana Mesquita Wanderley, secretária do PPGCI/UFPE, pela atenção a mim prestada durante esse doutoramento. Grata pelo carinho, secretária articuladíssima.

À Joana D’arc da Silva Cavalcante, mestra Joana Cavalcante, mentora, fundadora e coordenadora geral do Maracatu Baque Mulher, Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado (FBV). Minha eterna gratidão, em possibilitar que nós pesquisássemos sua trajetória nas manifestações culturais do maracatu de baque virado sob a ótica do protagonismo e empoderamento das mulheres negras como mediadoras culturais.

Estendo meu reconhecimento, respeito e admiração às batuqueiras guerreiras do Maracatu Baque Mulher, especialmente à mãe Andreia de Bessen (*in memoriam*), Maria José da Silva/Lila, Mariana Bianchi/tia Mari, Shirlene Benta do Nascimento,

Patrícia Aliprandini Soares, carinhosamente Paty. Meu reconhecimento aos saberes das crianças, adolescentes, jovens e mulheres idosas que compõem esse movimento de empoderamento feminista. Aprendi muito com essas “erezinhas” de inteligibilidade aguçadíssima, principalmente, com as *yalorixás* Maria Cândida Silva/vó Quixaba, Maria do Carmo da Silva/mãe Carminha, Maria da Penha Silva/mãe Penha, Célia Benta da Silva - rainha da Nação do Maracatu Encanto do Pina e Maria Tânia de Souza/mãe Tânia, idosas providas de múltiplos saberes ancestrais.

Às batuqueiras e aos batuqueiros da Nação do Maracatu Encanto do Pina, de forma especial a Damares Berreza Montenegro (Damares Calixto), Ilma Maria Bezerra Montenegro (Pecon Calixto), Isabelle Caroline Caldas da Paz (Belinha) e Vanessa Figueiredo Reis Nogueira (Vanessa Reis), com quem estou tendo o privilégio de compor o coral oficial dessa nação e do Baque Mulher Recife. Gratidão, cantoras da voz encantadora pelos ensinamentos musicais.

Às adolescentes, jovens, mulheres e homens que integram o Mazuca da Quixada, grupo cultural fundado e coordenado pela mestra Joana. Esse grupo me possibilitou “abaicá” fundamentos da jurema sagrada. Grata pela oportunidade de conhecer e conviver com vocês, “mói”, muitas mazuqueiras intelectualizadas e mazuqueiros intelectualizados.

À Faysa de Maria Oliveira e Silva, paraibana desenvolvidíssima, minha conterrânea. És uma amiga indo e voltando, “Desenvolta”. Grata pelo acolhimento na sua mansão, pela generosidade, preocupação de irmã, quando eu saía para “abaicá” minhas performances nos lazeres da Grande Recife. Gratidão é o meu sentimento, “idozinha mirim”, idosa com essência de criança.

À minha irmã de coração Adriana Lígia Tavares de Oliveira, pelos inúmeros conselhos, amor e respeito que sempre demonstrou ter por mim. Grata por você existir, amiga evoluída!

À Maria Cely de Sousa Silva, que realizou a diagramação das imagens selecionadas para ilustrar esta tese, és uma marmotinha incrível, uma terroristazinha maravilhosa. Gratidão, amiga da inteligibilidade aguçada!

À Edeltudres de Oliveira Lima, pela generosidade, educação e compartilhamento de saberes. Tens me ensinado a compreender a vida, considerando as especificidades e perceptivas dos acontecimentos. És uma mulher ímpar, tenho orgulho de ser tua amiga. Suas práticas humanizadas me inspiram. Sei que és PHD

em Farmácia, mas eu lhe intitulo, PHD da vida, das práticas humanizadoras. Gratidão doutora evoluída!

À Carla Maria de Almeida pela sororidade em ter “abaicado” no meu WhatsApp, sua tese de doutoramento defendida em 2021, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), intitulada “Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da jurema no terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar”, no mesmo dia que a depositou na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tal tese me proporcionou ampliar meus conhecimentos sobre as religiões e manifestações de matriz africana, afro-brasileira e afroameríndia. Gratidão, amiga da inteligibilidade múltipla!

Minha gratidão se estende à minha amiga e musicista Kátiusca Lamara dos Santos Barbosa pelo mesmo “abaicamento” de sororidade, com sua tese de doutoramento defendida em 2022 no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM/UFPB), intitulada “Da brincadeira a resistência: defendendo o território e a territorialidade através do coco de roda no Quilombo do Ipiranga, município do Conde, Paraíba”. Sua desenvoltura musical, profissional e acadêmica me inspira. Desenvolvida sou tua fã, em todos os aspectos!

Às amigas Adriana Carla Spezia Perdiz, Jamile Andreia Passos, Maristela Azambuja, mestra Joana Cavalcante pelo acolhimento em vossas “mansões”, localizadas na Comunidade do Bode, Pina, Recife, no período que estava “abaicando” a pesquisa de campo desse doutoramento. Gratidão, mói de intelectuais evoluídas!

À Lisianne Matias Saraiva e sua mãe, Josélia Matias Saraiva, minhas ex-colegas de trabalho e amigas que o Universo me presenteou, pessoas pelas quais tenho um enorme carinho e quem me fizeram vivenciar o luto da minha mãe de uma forma mais branda, rememorando as boas e agradáveis vivências com minha amável, insubstituível e inesquecível mãe, com toda gratidão e muita reverência, que ela merece. Sou grata ao Universo, às deusas, deuses em ter tido o privilégio, nesse plano, de ter sido sua filha, mãe!

A Severino dos Ramos de Oliveira/Companheiro Ramos, pela amizade, companheirismo, gentileza, generosidade, carinho e ensinamentos. Tens me transmitido muitos conhecimentos sobre religiosidade. Tenho um profundo respeito pela sua espiritualidade e lhe reverencio enquanto líder espiritual do Centro Espírita

Umbanda Pai Tertuliano, fundado em 4 de agosto de 1963¹, principalmente, como pessoa. És um homem evoluidíssimo, sou tua fã poeta articulado!

Aos grupos culturais AjaMulher, *Ojú Òrun*, Baque Mulher João Pessoa, Baque Mulher Recife, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Lapinha Jesus de Nazaré de Cabedelo, Coral Voz Ativa, As Calungas, Raízes Parahyba, Nação Maracahyba, Tambores do Forte. Aos grupos de teatro Arte Povo, Tenda, Companhia Paraíba de Dramas e Comédias, Chão de Teatro, Articulados Encena e ao coletivo de dança Companhia Elementos Culturais, pelas profícuas oficinas, ensaios e inesquecíveis apresentações em praças, associações comunitárias, teatros, escolas, atos de militância social e política, seminários, congressos, universidades, faculdades, instituições públicas e privadas. Grata pelas vivências artísticas imensuráveis, “mói” de intelectuais!

À Maré Produções Artísticas e Educacional, organização sem fins lucrativos (ONG), de natureza civil, com fins artísticos, culturais e educacionais, pelo compartilhamento de saberes, pela oportunidade de estar como autora em nove e, coautora em oito capítulos de livros, publicados por essa ONG. Gratidão marinheiras e marinheiros, que compõem essa maré de conhecimento.

Ao Coletivo Atuador, grupo de trabalho colaborativo composto essencialmente por atrizes e atores, com diferentes formações e linhas de trabalho, cujo objetivo é a prática de atuação voltada para o audiovisual. Grata “mói” de marmotas marmotentas, pelas vivências das performances que já “abaicamos” e as que vamos “abaicar” no audiovisual paraibano.

Às amigas, amigos e colegas do Núcleo de Curadoria Digital, grupo de pesquisa do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (DCI/UFPE), especialmente à professora Sandra de Albuquerque Siebra pelos relevantes diálogos sobre Curadoria Digital, principalmente a proeminente contribuição do acesso e uso da Informação Digital para a Ciência da Informação (CI).

Ao Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares (GLICPOP), coordenado pelo professor João Irineu de França Neto, pela oportunidade em discutir temáticas referentes às múltiplas linguagens que tecem os fenômenos das culturas

¹ Situado à Avenida da Fraternidade, nº 182, Cristo Redentor - João Pessoa, Paraíba. Ver o filme “Bodas de Aruanda”, vencedor do prêmio Walfredo Rodrigues, oferecido pela prefeitura municipal através da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), sob a direção de Chico Sales. Este filme está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6U7OOCAnjw>. Acesso em: 20 jun. 2022.

populares do Nordeste Brasileiro, enquanto estudante do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Às amigas e colegas do Grupo de Pesquisa em Estudos Interdisciplinares em Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em especial à professora Harue Tanaka pelo incentivo aos estudos através da observação, registro, levantamento e análise de performances musicais de mulheres e comunidades feministas.

Às amigas e amigos que “abaicam” comigo momentos de lazer “Odara”, que para a cultura hindu significa paz e tranquilidade e, para a religião do candomblé e umbanda, é um tipo de Exu, que significa algo infinito. Almejo que nossa amizade também seja infinita, “mói” de “esquizitinhas”, “esquizitinhos”, que me proporcionam momentos felizes, especialmente à Fernanda Mara Ferreira Santos, Rossana Ferreira Santos, Eliane Aparecida do Egito e Bertrand Paulo Araújo Sousa, meu eterno diretor dos “abaicamentos” das performances performáticas. Gratidão grupo “odariano” pelos diálogos intelectualíssimos nas mesas dos bares da orla de João Pessoa, Paraíba, minha cidade natal.

Ao grupo de viagem “Pé na Estrada” pelas viagens agradabilíssimas e inesquecíveis que “abaicamos” juntas e juntos. Gratidão amigas e amigos “mói” de “esquizitinhas” e “esquizitinhos” que amo de “montão”, especialmente Evandro Oliveira Lima, meu diretor artístico, psicólogo e psicanalista das reflexões e performance performáticas nas praias do litoral sul da Paraíba.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com esta pesquisa. Viva a diversidade cultural do Brasil, viva a educação e as universidades públicas brasileiras que prezam pelo ensino, pesquisa e extensão.

Não poderia deixar de registrar que esta tese simboliza um ato de “parir” fruto da resiliência, perseverança, principalmente da resistência do meu lugar social de pesquisadora negra, pobre, periférica, nordestina e brasileira que, ao contrário de muitas e muitos, consegui a “duras penas”, derramando muitas lágrimas resistir aos irreparáveis impactos da Covid-19², superei as dificuldades vivenciadas durante esta pesquisa. Digo-lhes que o fechamento desse ciclo foi materializado com ajuda

² Doença causada pelo coronavírus, grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo mulheres e homens, que apresenta um quadro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Entre os anos 2020-2022, a Covid-19 causou a morte de muitas pessoas no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

espiritual das entidades, orixás, de maneira especial meu anjo da guarda, Preta Formosa, filha de mamãe Oxum e do meu guia espiritual Pai Benedito. Essas entidades espirituais iluminam e fortalecem minha caminhada nesta vida, amo viver!

Minha solidariedade e sinceras condolências às famílias, amigas, amigos e colegas das vítimas da pandemia mundial ocasionada pelo coronavírus, deflagrada em 17 de março de 2020.

Perdão às pessoas evoluídas e das boas vibrações não nominadas nesses agradecimentos, mas que também contribuíram significativamente na minha trajetória pessoal, artística, acadêmica e profissional.

Axé e um “afro abraço” a todas, todos e todes!

Se à mulher não é permitido fazer suas próprias escolhas (tocar o instrumento que quiser, ir aonde desejar ir, estudar, cantar, vestir-se conforme seu gosto, escolher o credo, a orientação sexual que desejar e defender seus pares...) é porque está sendo coibida e pressionada a não fazê-las (HARUE TANAKA, 2018).

Não se trata exatamente de ser professora e sim de transmitir vivências e conhecimentos. Na Comunidade do Bode, aqui no Pina, em Recife educação e informação chegam precariamente. Nós mulheres que moramos nas comunidades periféricas não conseguimos identificar racismo, opressão, machismo. Nos ensinam que para a mulher ser alguém na vida, ela precisa ter um bom marido, ser uma boa dona de casa. Somos criadas para servir os homens, é algo imposto e visível na nossa sociedade, principalmente nas favelas e periferias (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

As mulheres são as agentes sociais providas de múltiplas capacidades, elas têm uma inteligibilidade aguçadíssima, são detentoras de um potencial intelectual imensurável. Não compete às mulheres, as atribuições de ser tão somente mãe e trabalhar exclusivamente para a família, ser dona de casa, mas mestra de maracatu Nação de baque virado, compositora, cantora, batuqueira, dançarina, vigilante, educadora social, atriz, professora universitária, pesquisadora, doutora, poetisa, médica, advogada, arquiteta, caminhoneira, piloto, jogadora de futebol entre outras profissões. Todas as mulheres têm o direito de “abaicarem”, ou seja, exercerem as profissões que desejam exercer na sociedade brasileira e no mundo. A capacidade e o empoderamento das mulheres feministas são imensuráveis (ANA TAVARES, 2023).

RESUMO

Objetiva descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado. Para tanto, analisa as práticas informacionais das expressões e manifestações afro-brasileiras a partir dos elementos gênero, raça e classe no maracatu de baque virado, considerando estes últimos, marcadores sociais da diferença e do protagonismo identitário e memorialístico das mulheres afrodescendentes; mapeia as práticas informacionais da cultura de matriz africana, a partir das narrativas das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, por meio das dimensões do protagonismo feminista; destaca os elementos memorialísticos do conjunto de práticas, a partir dos registros de fazer e pensar por meio da oralidade; e, elabora um glossário para organizar as narrativas, fundamentar e evidenciar as práticas informacionais realizadas. Utiliza como métodos a etnografia, a observação participante e o estudo de caso. Inclui, dentre os instrumentos de obtenção de dados, a história oral de vida e os registros imagéticos que constituem o cotidiano das entrevistadas. Realiza análise de conteúdo, agrupando os dados em categorias. Os resultados mostram que as práticas de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher são práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira que contribuem para a construção e preservação da memória e das identidades afrodescendentes. Destaca o protagonismo e empoderamento de mestra Joana nas Nações de baque virado, a partir da tríade informação, cultura e memória, compreendendo-as como complementares na reconstrução das práticas memorialísticas e identitárias das expressões e manifestações culturais de matriz africana. Identifica que há desafios na busca constante da preservação das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, sobretudo as narrativas feministas. Discute as relações desses marcadores sociais da diferença, com vistas a ampliar e fortalecer as discussões desse fenômeno social para a salvaguarda e reconstrução histórica do país, de sua memória e de sua identidade cultural. Verifica a expansão de horizontes nos estudos sobre informação, cultura, memória e identidade das expressões e manifestações afrodescendentes no campo da Ciência da Informação, e suas relações com os marcadores sociais da diferença. Considera o protagonismo e empoderamento das

mulheres na reconstituição dessas expressões e manifestações, compreendendo que as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher possibilitam um alargamento da cultura afro-brasileira que, articuladas, tem o potencial de contribuir na formação identitária e memorialística da nação brasileira. Evidencia indícios de modificação das estruturas políticas, sociais e culturais das expressões e manifestações afrodescendentes, entre elas o maracatu Nação. O estudo contribui com as políticas culturais por meio de uma análise que evidencia as práticas informacionais afro-brasileiras ampliando, assim, a concepção do empoderamento feminista na perspectiva das mulheres batuqueiras do Maracatu Baque Mulher.

Palavras-chave: Mestra Joana Cavalcante; Maracatu Baque Mulher; práticas informacionais; socialização da cultura afro-brasileira; empoderamento feminista; memória; identidades afrodescendentes.

ABSTRACT

Objective to describe the informational practices and artistic trajectory of master Joana Cavalcante and Maracatu Baque from the perspective of social empowerment, emphasizing feminist protagonism in the Nations of Baque Virado. To this end, it analyzes the informational practices of Afro-Brazilian expressions and manifestations based on the elements of gender, race and class in maracatu de baque virado, considering the latter, social markers of difference and the identity and memorial protagonism of Afro-descendant women; maps the informational practices of African-based culture, based on the narratives of Maracatu Baque Mulher batuqueiras, through the dimensions of feminist protagonism; highlights the memorialistic elements of the set of practices, based on records of doing and thinking through orality; and, prepare a glossary to organize the narratives, substantiate and highlight the informational practices carried out. Use ethnography, participant observation and case studies as methods. It includes, among the data supply instruments, oral life history and imagery records that identify the daily lives of the interviewees. Performs content analysis, grouping data into categories. The results show that the practices of master Joana Cavalcante and Maracatu Baque Mulher are informational practices that socialize memorialistic elements of Afro-Brazilian culture that are important for the construction and preservation of memory and Afro-descendant identities. It highlights the protagonism and empowerment of master Joana in the Nations of Baque Virado, based on the triad of information, culture and memory, understanding them as complementary in the description of memorialistic and identity practices of cultural expressions and manifestations of African origin. It identifies that there are challenges in the constant search for the preservation of informational practices for the socialization of Afro-Brazilian culture, especially as feminist narratives. Discuss the relationships between these social marks of difference, with a view to expanding and strengthening discussions of this social importance for the safeguarding and historical preservation of the country, its memory and its cultural identity. Check the expansion of horizons in studies on information, culture, memory and identity of Afro-descendant expressions and manifestations in the field of Information Science, and their relationships with social markers of difference. Consider the protagonism and empowerment of women in the reconstitution of these expressions and manifestations,

understanding that the informational practices and artistic trajectory of master Joana Cavalcante and Maracatu Baque Mulher enable an expansion of Afro-Brazilian culture which, when articulated, has the potential to contribute to the identity and memorial formation of the Brazilian nation. Evidence does not promise changes in the political, social and cultural structures of Afro-descendant expressions and manifestations, including maracatu Nação. The study contributes to cultural policies through an analysis that highlights Afro-Brazilian informational practices, thus expanding the conception of feminist empowerment from the perspective of women batuquistas from Maracatu Baque Mulher.

Keywords: Master Joana Cavalcante; Maracatu Baque Mulher; informational practices; socialization of afro-brazilian culture; feminist empowerment; memory; afro-descendant identities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Baque Mulher Recife.....	49
Figura 2 - Baque Mulher João Pessoa.....	49
Figura 3 - Mestreira Joana Cavalcante ministrando oficina no Baque Mulher João Pessoa	52
Figura 4 - Trajetória Metodológica.....	67
Figura 5 - Mestreira Joana Cavalcante realizando a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina	92
Figura 6 - Sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina em reforma	99
Figura 7 - Sede do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> em reforma	99
Figura 8 - Projeto Encantinho do Pina idealizado e realizado pela mestreira Joana Cavalcante em parceria com o <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> , Nação do Maracatu Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e Mazuca da Quixaba	101
Figura 9 - Comunidade do Bode – localizada no Pina, Recife, Pernambuco	105
Figura 10 - <i>Yalorixá</i> dona Maria de Sônia	106
Figura 11 - <i>Babalorixá</i> pai Marcelo – Manuel Cândido Cavalcante - pai biológico de mestreira Joana Cavalcante.....	108
Figura 12 - Logomarca da Nação do Maracatu Porto Rico	109
Figura 13 - Rainha da Nação do Maracatu Porto Rico – <i>yalorixá</i> Elda de Oxóssi/Elda Ivo Viana	110
Figura 14 - Mestre Chacon/Jailson Chacon Viana regendo o baque da Nação do Maracatu Porto Rico.....	111
Figura 15 - <i>Babalorixá</i> Eudes Chagas/José Eudes Chagas.....	118
Figura 16 - Coral oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina	124
Figura 17 - Desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina – 2018.....	126
Figura 18 - Célia Benta da Silva/dona Célia de Iansã/rainha Célia e Thiago Roberto Santos da Silva/rei Thiago são a rainha e o rei da Nação do Maracatu Encanto do Pina.....	126
Figura 19 - <i>Flyer</i> de divulgação do desfile oficial 2023 da Nação do Maracatu Encanto do Pina.....	128

Figura 20 - Maracatu Mirim da Nação do Maracatu Encanto do Pina – Encantinho.....	129
Figura 21 - Jhayana Cavalcante/Jhay de Oyá (<i>in memoriam</i>).....	131
Figura 22 - João Jhadyel Cavalcante/ogã João de Orixalá	133
Figura 23 - Jhadyane D'arc Cavalcante/Jhady de Oyá	134
Figura 24 - Projeto Encantinho do Pina.....	136
Figura 25 - Oficinas ministradas pela mestra Joana Cavalcante, batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, batuqueiras e batuqueiros da Nação do Maracatu Encanto do Pina	138
Figura 26 - Nathasha Ewelly do Nascimento de Paula regendo a <i>live</i> do Maracatu Mirim da Nação Encanto do Pina – Encantinho	140
Figura 27 - <i>Flyer</i> de divulgação do projeto “Troca de saberes” realizado virtualmente.....	141
Figura 28 - Maria Clara Lopes da Silva/Clarinha e João Guilherme Augusto Martins/Guilherme rainha e rei do Maracatu Encantinho do Pina	143
Figura 29 - José Davi Lopes Flor da Silva/Davi batuqueiro do Maracatu Encantinho do Pina	145
Figura 30 - <i>Flyer</i> de divulgação da série de <i>lives</i> “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina”	147
Figura 31 - <i>Babalorixá</i> Sérgio desfilante da Nação do Maracatu Encanto do Pina trajando vestimenta feminina da corte real dessa nação homenageando a mestra Paulina.....	156
Figura 32 - Jocien Bruno Martins do Prado desfilante da Nação do Maracatu Encanto do Pina trajando vestimenta feminina da corte real dessa nação homenageando as <i>yabás</i>	157
Figura 33 - Joana Cavalcante primeira mestra de maracatu de baque virado – mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina	165
Figura 34 - Maria do Carmo da Silva/ <i>iabassê</i> mãe Carminha da Oxum – mãe biológica de mestra Joana Cavalcante.....	166
Figura 35 - Manoel Cândido Cavalcante/ <i>babálorixá</i> Marcelo – pai biológico de mestra Joana Cavalcante.....	168
Figura 36 - <i>Babalorixá</i> Adalberto de Lima Cavalcante e a bisneta Jhayana Cavalcante (<i>in memoriam</i>)	169

Figura 37 - <i>Yalorixá</i> Maria Cândida da Silva/vó Quixaba – avó paterna de mestra Joana Cavalcante.....	170
Figura 38 - Legado de Joana D'arc da Silva Cavalcante – primeira mestra de maracatu Nação	173
Figura 39 - Certificado de 2º Grau/Ensino Médio de mestra Joana Cavalcante.....	174
Figura 40 - Mestra Joana Cavalcante aos 17 anos	175
Figura 41 - Mestra Joana Cavalcante, o ex-esposo mestre Chacon Viana, Jhayana Cavalcante (<i>in memoriam</i>), João Jhadyel Cavalcante e Jhadyane D'arc Cavalcante.....	176
Figura 42 - Mestra Joana Cavalcante vencedora do prêmio “Inspirar 2021” na categoria “grupos e coletivos”	190
Figura 43 - <i>Yalorixá</i> Maria Cândida da Silva/vó Quixaba vencedora do prêmio “Inspirar 2022” na categoria “pessoa física (MEI)”	191
Figura 44 - Primeira formação do Mazuca da Quixaba	198
Figura 45 - Formação atual do Mazuca da Quixaba.....	199
Quadro 1 - Apresentações artísticas do Mazuca da Quixaba 2021 - 2022	201
Figura 46 - <i>Flyer</i> de divulgação do convite para a celebração dos 18 anos de fundação do Mazuca da Quixaba e registro das/dos participantes dessa celebração	202
Figura 47 - <i>Flyer</i> de divulgação do Mazuca da Quixaba no evento “(Re) Existência” promovido pelo Sesc Campo Limpo, São Paulo.....	204
Figura 48 - Mazuca da Quixaba no show <i>on-line</i> , realizado na sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina	205
Figura 49 - Apresentação do Baque Mulher Recife no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG)	206
Figura 50 - <i>Flyer</i> de divulgação de oficina e ensaio do Baque Mulher Recife	224
Figura 51 - <i>Flyer</i> de divulgação de ensaio e oficina do Baque Mulher João Pessoa.....	226
Figura 52 - <i>Flyer</i> de divulgação de cancelamento de todas as atividades da matriz e dos grupos que constitui o Maracatu Baque Mulher	227
Figura 53 - Projeto Mestra Joana Convida	228

Figura 54 - Flyer de divulgação dos projetos: “Quem Somos”, “Baque Mulher é Periferia”, “Pérolas Negras Raiz Ancestral”, “Terapia Comunitária Integrativa”, “Mulheres em Ação”, “Aquilombamento Orumnilá”	234
Figura 55 - Felicitações de aniversário às integrantes do Maracatu Baque Mulher	235
Figura 56 - Cartazes de divulgação do I, II, III, IV, V Encontro Nacional Baque Mulher.....	238
Figura 57 - Mulheres que participaram do I Encontro Nacional Baque Mulher.....	239
Quadro 2 - Relação dos vídeos do I Encontro Nacional Baque Mulher.....	240
Figura 58 - Mulheres que participaram do II Encontro Nacional Baque Mulher	242
Quadro 3 - Relação dos vídeos do II Encontro Nacional Baque Mulher.....	243
Figura 59 - Mulheres que participaram do III Encontro Nacional Baque Mulher.....	246
Quadro 4 - Vídeo do III Encontro Nacional Baque Mulher.....	246
Figura 60 - Mesa de abertura do III Encontro Nacional Baque Mulher	247
Figura 61 - Mulheres que participaram do IV Encontro Nacional Baque Mulher	249
Quadro 5 - Vídeo e imagens do IV Encontro Nacional Baque Mulher	250
Figura 62 - Mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.....	251
Figura 63 - Mulheres que participaram do V Encontro Nacional Baque Mulher	252
Quadro 6 - Imagens do V Encontro Nacional Baque Mulher	252
Figura 64 - Mulheres homenageadas no V Encontro Nacional Baque Mulher.....	253
Figura 65 - Erica Malunginho (Deputada Federal), Doralyce (compositora e cantora pernambucana), Jhadyane D’arc Cavalcante (filha de mestra Joana Cavalcante)	254
Figura 66 - Yakekerê do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> – Joana D’arc da Silva Cavalcante/mestra Joana Cavalcante	255
Figura 67 - Mestra Joana Cavalcante regendo a ala dos agbês da Nação do Maracatu Porto Rico.....	268

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAYOMI	Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba
ACAM	Associação Comunitária Agrícola de Muçumagro
AMANPE	Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco
AMB	Articulação de Mulheres Brasileiras
AEDAB	Associação de Estudos e Defesa da Cultura Afro e Religiosidade Espírita de São Roque
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia
ACTP	Articulação da Caminhada de Terreiros de Pernambuco
BM	Baque Mulher
BMJP	Baque Mulher João Pessoa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ação Comunitária
CI	Ciência da Informação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COVID-19	Doença causada por um tipo de coronavírus
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCI	Departamento de Ciência da Informação
EMAN	Escola de Música Anthenor Navarro
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
FBV	Feministas do Baque Virado
FENEARTE	Feira Nacional de Negócios do Artesanato
FIG	Festival de Inverno de Garanhuns
FMPE	Fórum de Mulheres de Pernambuco
FUNJOPE	Fundação Cultural de João Pessoa
GLICPOP	Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Intersexo
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Interssexo, Assexuais e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidades de gênero que existam.

LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Interssexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binário e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidades de gênero que existam.
MINC	Ministério da Cultura
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MEI	Microempreendedor Individual
MPB	Música Popular Brasileira
MUCGES	Grupo de Pesquisa em Estudos Interdisciplinares em Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde
NBD	Novo Banco de Desenvolvimento
NUFAC	Núcleo de Formação de Agentes de Cultura da Juventude Negra
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ODS	Objetivo do Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PB	Paraíba
PENESB-RJ	Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira do Rio de Janeiro
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
PPGM	Programa de Pós-graduação em Música
PROAC	Programa de Ação Cultural
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
REDE ACTP	Rede de Articulação da Caminhada de Terreiros de Pernambuco
RENAFRO	Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde
RMR	Rede de Mulheres de Recife
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC	Serviço Social do Comércio
SINSPIRE	Ecosistema Cocriativo de Conexões e Inteligências em Comunicação, Sustentabilidade, Cultura, Empreendedorismo e Inovação
SOSERVI	Sociedade de Serviços Gerais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TRANSVAL	Grupo Transval Segurança e Vigilância
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
2	TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	46
3	EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DA TRÍADE: INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA.....	73
4	TRAJETÓRIA DOS MARACATUS EM PERNAMBUCO	85
4.1	NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA: PROTAGONIZANDO A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA REGÊNCIA DE UMA NAÇÃO DE MARACATU DE BAQUE VIRADO.....	98
4.2	DESFILE OFICIAL DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA	125
4.3	PROJETOS, CAMPANHAS, AÇÕES E ATIVIDADES DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA.....	129
4.4	LIVES DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA.....	146
5	JOANA D'ARC DA SILVA CAVALCANTE: RESISTÊNCIA, PROTAGONISMO FEMINISTA, REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS, POBRES, PERIFÉRICAS E CANDOMBLECISTAS NO MARACATU DE BAQUE VIRADO.....	165
5.1	MESTRA JOANA CAVALCANTE: COMBATENDO TODAS AS FORMAS DE PRECONCEITO NA HARMONIA MUSICAL DAS LOAS E NO BATUQUE DOS TAMBORES.....	183
5.2	LOAS AUTORAIS E COAUTORAIS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE	184
5.3	HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE: PRIMEIRA MESTRA DE MARACATU DE BAQUE VIRADO.....	187
5.4	GRUPOS CULTURAIS IDEALIZADOS E COORDENADOS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE	195
5.4.1	Filhas da Oxum Opará	195
5.4.2	Maracatu Axé da Ilha.....	196
5.4.3	Mazuca da Quixaba	198
6	MARACATU BAQUE MULHER: MOVIMENTO FEMINISTA DISSEMINANDO FATOS MEMORIALÍSTICOS E IDENTITÁRIOS DA	

CULTURA AFRO-BRASILEIRA À LUZ DAS NARRATIVAS DAS MULHERES.....	206
6.1 REGIMENTO INTERNO DO MARACATU BAQUE MULHER FUNDAMENTADO NOS ENSINAMENTOS E NA CIÊNCIA DO CANDOMBLÉ NAGÔ.....	213
6.2 GRUPOS ATIVOS E INATIVOS DO MARACATU BAQUE MULHER.....	222
6.3 PROJETOS SOCIAIS IDEALIZADOS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE EM COLABORAÇÃO COM O MARACATU BAQUE MULHER.....	229
6.4 ENCONTROS NACIONAIS DO MARACATU BAQUE MULHER.....	237
6.4.1 I Encontro Nacional Baque Mulher.....	238
6.4.2 II Encontro Nacional Baque Mulher.....	241
6.4.3 III Encontro Nacional Baque Mulher.....	245
6.4.4 IV Encontro Nacional Baque Mulher.....	249
6.4.5 V Encontro Nacional Baque Mulher.....	251
7 NARRATIVAS E SABERES ANCESTRAIS DAS FEMINISTAS DO BAQUE VIRADO QUE TOMBAM, MAS NÃO CAEM.....	255
7.1 NARRATIVAS DA FILHA DA OXUM: YAKEKERÊ MESTRA JOANA CAVALCANTE.....	265
7.2 SABERES DAS MARACATUZEIRAS DO MARACATU BAQUE MULHER: GUERREIRAS BATUQUEIRAS DO BAQUE VIRADO QUE JUNTAS SE FORTALECEM E CAMINHAM MELHOR.....	296
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	301
REFERÊNCIAS.....	307
APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DAS EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA ELABORADO PELA PESQUISADORA A PARTIR DAS NARRATIVAS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE E DAS 31 INTEGRANTES DO MARACATU BAQUE MULHER RECOLHIDAS NAS ENTREVISTAS E REVISTAS NA LITERATURA.....	329
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DE MESTRA JOANA CAVALCANTE.....	418

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS BATUQUEIRAS DO MARACATU BAQUE MULHER.....	420
APÊNDICE D - MULHERES MENCIONADAS NAS ENTREVISTAS.....	422
APÊNDICE E - MAPEAMENTO DOS ESTUDOS PUBLICADOS E EM ANDAMENTO SOBRE MESTRA JOANA CAVALCANTE, MARACATU BAQUE MULHER E NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA.....	452
APÊNDICE F - NOME FICTÍCIO DAS ENTREVISTADAS, DATA, HORÁRIO, TEMPO DE DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ..	458
APÊNDICE G - LEVANTAMENTO DOS GRUPOS ATIVOS E INATIVOS DO MARACATU BAQUE MULHER.....	460
APÊNDICE H - ATIVIDADES IDEALIZADAS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE E PROMOVIDAS PELO MARACATU BAQUE MULHER CONSIDERANDO OS FUNDAMENTOS DO CANDOMBLÉ NAGÔ E A TRAJETÓRIA DA MESTRA.....	465
APÊNDICE I - ADJETIVOS QUE ÀS ENTREVISTADAS ATRIBUÍRAM À MESTRA JOANA E O QUE ELA REPRESENTA PARA CADA ENTREVISTADA.....	468
APÊNDICE J - COMPOSIÇÕES AUTORAIS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE.....	473
APÊNDICE K - COMPOSIÇÕES COAUTORAIS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE.....	477
APÊNDICE L - LOAS / PONTOS / MÚSICAS QUE FORAM MENCIONADAS NAS ENTREVISTAS E SUAS RESPECTIVAS AUTORIAS	478
APÊNDICE M - TÍTULOS DAS LOAS QUE COMPÕE O REPERTÓRIO DO MARACATU BAQUE MULHER, NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA, MARACATU ENCANTINHO DO PINA, MAZUCA DA QUIXABA E SUAS RESPECTIVAS AUTORIAS	485
APÊNDICE N - HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE, REPRESENTANDO O MARACATU BAQUE MULHER.....	488
APÊNDICE O - HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE, REPRESENTANDO O YLÊ AXÉ OXUM DEYM, NAÇÃO DO	

MARACATU ENCANTO DO PINA, MARACATU ENCANTINHO DO PINA, MAZUCA DA QUIXABA E FILHAS DA OXUM OPARÁ.....	489
APÊNDICE P - TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL AO MARACATU NAÇÃO.....	490
APÊNDICE Q - AGENDA DE MESTRA JOANA CAVALCANTE 2022 – 2023.....	491
APÊNDICE R - LOGOMARCAS DO MARACATU BAQUE MULHER.....	505
APÊNDICE S - PERFIL DAS 32 ENTREVISTADAS.....	506
APÊNDICE T - CARTA DE ANUÊNCIA DO MARACATU BAQUE MULHER	511
APÊNDICE U - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	512
APÊNDICE V - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE ...	517
APÊNDICE W - AUTORIZAÇÃO DE USO DE ARQUIVOS/DADOS DE PESQUISA DO MARACATU BAQUE MULHER	518
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	519

1 INTRODUÇÃO

Hoje tem alegria, hoje tem alegria, tambor ecoar. Esse é o Baque Mulher que nasceu no Pina para empoderar. Lutar contra a opressão, violência e exclusão. Vem no baque virado trazendo o axé da minha Nação. É de baque virado, é de maracatu. Vem quebrando barreiras, unindo fronteiras, vencendo tabus³.

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Cultura afro-brasileira é o conjunto de expressões e manifestações culturais predominantes no Brasil, constituída a partir do abarcamento das práticas culturais da população africana com outras tradições, principalmente indígena e europeia. Tal cultura é caracterizada e estabelecida pelo agrupamento dessas práticas componentes das identidades do país, além disso, é avaliada como patrimônio cultural brasileiro, recomenda-se a salvaguarda desse patrimônio (UNESCO, 2003).

Este trabalho é um estudo de caso que assinala reflexões sobre a trajetória artística de mestra Joana e das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, idealizado e fundado em 12 de outubro de 2008 pela *yakekerê*⁴, mãe pequena do *Ylê Axé Oxum Deym*⁵, mestra Joana Cavalcante. Este maracatu de feministas do baque virado está sediado na cidade do Recife, capital pernambucana, especificamente, na Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina⁶.

Expandir a discussão relacionada à cultura afro-brasileira, considerando as narrativas feministas, se torna pertinente, pela sua relação com a construção histórica do Brasil, que a torna uma medida de combate ao racismo estrutural, incentivando participação, protagonismo, empoderamento e emancipação das populações afrodescendentes, nomeadamente das mulheres negras, ao ressignificar e politizar sua raça, fundamentada nos conhecimentos construídos e apreendidos no movimento negro (GOMES, 2017).

No entanto, se constata uma participação insuficiente do Estado na preservação e disseminação da diversidade cultural para garantir a memória da

³ Loa “Hoje tem alegria”, autoria de mestra Joana Cavalcante.

⁴ Ver Apêndice A.

⁵ Terreiro, barracão, casa de axé da *yalorixá* Maria Cândida Silva (vó Quixaba), avó paterna de mestra Joana Cavalcante. Esse terreiro de candomblé nagô está sediado na Comunidade do Bode, Pina, Recife, Pernambuco.

⁶ Informações disponíveis no regimento interno desse movimento, atualizado em 24 de abril de 2020.

cultura afro-brasileira, especialmente nos últimos anos, quando o contexto brasileiro não tem sido animador. Para contemplar a diversidade cultural, sugere-se a elaboração e implantação de políticas públicas culturais (SACRAMENTO, 2016), que considere as especificidades da cultura popular e seus fenômenos, compreendendo-os dialeticamente, ponderando a relação a ser estabelecida entre o moderno e o tradicional, o erudito e o popular, o hegemônico e o subalterno, bem como as relações sociais e políticas que perpassam a cultura de massa e a indústria cultural (CANCLINI, 2008).

O estudo problematiza como mestra Joana e o Maracatu Baque Mulher desenvolvem as práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira que contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes, enfatizando as narrativas feministas no que tange às atividades realizadas por esse Movimento⁷ destacando o protagonismo social e o empoderamento das mulheres no maracatu de baque virado.

Refletindo a partir da tríade informação, cultura e memória, procura-se compreender esses conceitos como complementares na reconstrução das expressões e manifestações culturais de matriz africana, sob a ótica do protagonismo e empoderamento feminista.

A cultura de matriz africana tem suscitado disputas sociais e políticas em diversos espaços, entre eles destacam-se universidades, fundações, secretarias e conselhos de cultura. Entende-se que a preservação e disseminação dessa cultura dependem da cooperação entre governantes e sociedade civil organizada. Nesse sentido, a relevância da efetivação das políticas públicas voltadas para o segmento cultural, principalmente que levem em consideração as “relações que se estabeleceram entre a cultura das classes dominantes e a das classes dominadas”, afirma Rita de Cássia Araújo (1996).

Mirian Aquino (2013), ao escrever sobre a cultura de matriz afro-brasileira, constatou que ela paulatinamente se torna pauta nas academias e conseqüentemente do governo, no tocante ao financiamento da pesquisa. Segundo Leilah Bufrem (2022), os dois últimos governos têm desestabilizado e limitado projetos e ações nas

⁷ Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. A pesquisa quando se refere a esse maracatu de feministas do baque virado utiliza a grafia “Movimento” em maiúsculo para evitar repetições.

universidades brasileiras, provocando um retrocesso no que tange ao financiamento de pesquisas, notadamente a partir de 2019, no governo de Jair Messias Bolsonaro⁸.

Mesmo diante da carência de incentivo financeiro à pesquisa no Brasil, há um ato de resistência das pesquisadoras e pesquisadores ao realizarem pesquisas nos trabalhos de conclusão de curso, nos programas de mestrado, doutorado, pós-doutorado, publicarem artigos científicos e concretizarem projetos de extensão no ensino superior que prioriza práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira no país, destacando-se: 36 estudos (Apêndice E) relacionados ao legado de mestra Joana, Maracatu Baque Mulher e da Nação do Maracatu Encanto do Pina⁹, fundada em 5 de março de 1980 na Comunidade do Bode, Pina, Recife, Pernambuco pela *yalorixá*, mãe de santo, Maria José da Silva/dona Maria de Sônia, bisavó paterna de mestra Joana Cavalcante.

Esses 36 estudos são representativos e estimulam a ampliação das discussões sobre cultura afro-brasileira, especialmente no contexto universitário, envolvendo pesquisadoras, pesquisadores e brincantes das expressões e manifestações culturais de matriz africana.

Conforme levantamento realizado pela pesquisadora, um número expressivo das pesquisas, enfatizadas no (Apêndice E) não obteve financiamento. Portanto, fazendo um comparativo com os estudos de Aquino (2013), é legítimo afirmar ter ocorrido redução de investimento nos Programas de Pós-graduação nas universidades brasileiras. Além disso, constatou-se arrefecimento do incentivo

⁸ A gestão Bolsonaro na Educação é a pior da história [...], segundo dados disponíveis, pode-se também falar em uma das piores gestões da história. A vida dos estudantes tem sido cada vez mais difícil. Desde o início do (des)governo Bolsonaro, tanto o presidente quanto seus representantes nos ministérios têm contribuído para este cenário. Cortes na educação, falas preconceituosas, insegurança alimentar, ameaças aos institutos federais e às universidades públicas [...]. Ministro da Educação virou lenda no Brasil [...] sequência de ministros assumindo o cargo e conseguindo ser ainda piores que os anteriores. Além deles, as equipes no Ministério também se pautavam pela guerra cultural e ideológica que não traz nenhum tipo de benefício aos estudantes. Ao todo, foram 4 ministros: Ricardo Vélez, que ficou até 8 de abril de 2019; Abraham Weintraub, que durou até 20 de junho de 2020; Carlos Alberto Decotelli, que só aguentou 5 dias no cargo; Milton Ribeiro, que brincou bastante até 28 de março de 2022, Victor Godoy, que está por lá hoje, mas vai saber até quando. E aí veio a pandemia... Se o que já caminhava para se tornar algo mal estabelecido e visando apenas a reeleição do presidente Jair Bolsonaro, com a pandemia, a gestão educacional sofreu um golpe certeiro. O impacto brutal é justamente maior pela falta de ações do órgão. O que pôde ser comprovado com os dados negativos apresentados pelo Censo Escolar de 2021, que exemplificou, entre outras questões, uma taxa de abandono do Ensino Médio de 5% em comparação a 2,3% em 2020. Informação disponível em: <https://ubes.org.br/2022/gestao-bolsonaro-na-educacao-e-a-pior-da-historia/>. Acesso em: 26 dez. 2022.

⁹ A pesquisa quando se refere a essa Nação de baque virado, utiliza a grafia “Encanto do Pina” para tornar a leitura fluída.

direcionado aos projetos e ações dessas instituições de ensino, conforme Bufrem (2022).

Esta pesquisa aponta o protagonismo social e empoderamento feminista na cultura afro-brasileira, como prováveis instrumentos para garantir o direito de fala das mulheres negras, herdeiras das/dos descendentes da África, como disseminadoras das manifestações culturais das populações afrodescendentes.

Segundo Lilia Schwarcz (2012), quando o Brasil foi recém-descoberto, essas populações foram consideradas pelos “bárbaros gentis” [...] povo “sem F, sem L e sem R - sem fé, sem lei, sem rei”. Essa teoria dos bárbaros gentis é fundamental para entendermos a nação miscigenada na qual vivemos, principalmente suas complexas nuances. Até o presente momento, a nação brasileira vem sendo marcada por inúmeras formas de racismo.

Ao considerar as nuances de atos racistas, há no país um tipo de racismo “muito peculiar - praticado na intimidade, mas negado publicamente”, afirma Schwarcz (2012). Para essa autora, a designação da população afrodescendente como “povo sem fé, lei e rei”, anteriormente destacada, foi defendida no final do século XIX, período em que o Brasil também vivenciou os modelos deterministas raciais.

No início do século XX, defendia-se a teoria do branqueamento brasileiro, com o propósito de transformar a raça negra, considerada inferior em uma raça superior. O enobrecimento da raça humana só seria alcançado se existisse a predominância numérica de pessoas brancas em casamentos inter-raciais. Essa teoria do branqueamento é nitidamente uma tentativa de legitimar a supremacia da raça branca em relação à negra (SCHWARCZ, 2012).

O Brasil, em 1930, defendia ideias de mestiçagem. Já em 1950 o país vivenciou o mito da democracia racial, ou seja, a convivência pacífica era uma falsa exaltação da miscigenação. Conforme Schwarcz (2012), para a construção da identidade nacional, na prática, o que permaneceu e ainda permanece em voga é a máxima do “quanto mais branco, melhor”. O livro *Raízes do Brasil* do autor Sérgio de Holanda (1984) é considerado uma obra progressista, no que tange à busca da identidade nacional.

Nesse panorama, a informação relacionada às práticas culturais das populações afrodescendentes precisa ser discutida nos meandros da Ciência da Informação (CI), uma vez que a democratização dessas práticas informacionais de

socialização da cultura afro-brasileira, a partir da oralidade, tende a possibilitar a ressignificação dos conhecimentos ancestrais e o fortalecimento da identidade do Brasil, considerando os saberes da cultura negra (MARTINS, 2000).

Afere-se que para a CI as oficinas de maracatu de baque virado, ensaios, apresentações artísticas, *lives*, rodas de diálogo sobre temáticas feministas realizadas pelo Maracatu Baque Mulher são práticas informacionais socializadoras desse coletivo feminista. Tais práticas são elementares para o empoderamento das mulheres dele participantes. Elas são protagonistas das suas trajetórias e a partir da mediação da informação tornaram-se empoderadas. Na perspectiva do protagonismo social defendido por Henriette Gomes (2019), elas são protagonistas da cultura afro-brasileira, na medida que são mediadoras da informação no que tange a visibilização das expressões e manifestações dessa cultura.

O protagonismo social, tem uma intrínseca relação com a informação e, a mediação é fundamental nesse processo, uma vez que ela põe a informação em favor do desenvolvimento do protagonismo da humanidade (Gomes, 2019). Conforme Eliany Araújo (2001), tanto mestra Joana quanto as participantes do Movimento, são criadoras/protagonistas e não objetos/coadjuvantes. Do ponto de vista da corrente teórica freireana elas estariam no mundo e com o mundo, cada uma, ao seu modo "descobrir-se-ia criticamente" como fazedora desse mundo da cultura com seu ímpeto de criação e recriação.

Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 2006, p. 17).

No Brasil, a cultura afro-brasileira tem fortalecido as narrativas de grupos com pouca representação social e política, incluindo a população negra e as mulheres, estimulando essa população ao protagonismo social nos espaços disseminadores dessa cultura e visibilizando as práticas feministas. Djamila Ribeiro (2017), em sua obra "O que é lugar de fala?", discute a importância da escuta efetiva às mulheres negras, como modo de promover novas formas de saber e novos conhecimentos. Para a autora, compreender o lugar de fala das mulheres possibilita o seu reposicionamento como protagonistas da história.

Em relação ao lugar das mulheres após o impacto da industrialização, há uma passagem no livro “Mulheres, raça e classe”, da autora Angela Davis, que destaca:

Na verdade, o lugar da mulher sempre tinha sido em casa, mas durante a era pré-industrial a própria economia centrava-se na casa e nas terras cultiváveis ao seu redor. Enquanto os homens lavraram o solo (frequentemente com a ajuda da esposa), as mulheres eram manufadoras, fazendo tecidos, roupas, velas, sabão e praticamente tudo o que era necessário para a família. O lugar da mulher era mesmo em casa - mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que o de seus companheiros. Quando a produção manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a ideologia da feminilidade começou a forjar a esposa e a mãe como modelos ideais. No papel de trabalhadoras, ao menos as mulheres gozavam de igualdade econômica, mas como esposas eram destinadas a se tornar apêndices de seus companheiros, serviçais de seus maridos. No papel de mães, eram definidas como instrumentos passivos para a reposição da vida humana (DAVIS, 2016, p. 45).

É pertinente problematizar também, a partir da obra “Casa-grande & senzala” do autor Gilberto Freyre (1952), para se pensar a origem do Brasil e como ele foi formado historicamente. O autor estruturou a formação da população brasileira com relação à identidade e seu retrato social, pautando-se em fatores culturais ligados a uma cultura racista, misógina e patriarcal. Conforme Freyre, a colonização brasileira advém basicamente das relações envolvendo os senhores e as casas-grandes estabelecidas no âmbito familiar, sendo a família, principal responsável pela formação das brasileiras e brasileiros.

Há uma lacuna nas relações de gênero no âmbito das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, cujo caráter, ainda permeado pelo viés de um discurso patriarcal e machista, contexto que desconsidera, em certa medida, o saber e o conhecimento das mulheres. Utiliza-se a categoria de gênero para visibilizar o empoderamento feminista na reconstrução da cultura em tela, com ênfase na participação das mulheres nessa reconstrução, por entender que:

Usar o gênero como categoria de análise decolonial significará empreender estudos que vejam que o que hoje entendemos ou usamos como sexo/gênero foi construído no performativo da colonialidade, tendo a raça e o racismo como informadores dessa construção, ou seja, raça, sexo e gênero não surgem como conceitos

separados, mas são forjados numa mesma matriz que tem como estrutura binária central aquela de humanos/não-humanos (GOMES, 2018, p. 77).

Constata-se que as universidades, intelectuais e cientistas da informação, feitas as devidas ressalvas, destacam-se as autoras, Elieny Silva (2012) e Mirian Aquino (2013) têm pensado as práticas informacionais, no que tange a produção, organização e mediação, referentes aos saberes da população negra de um modo muito resumido, técnico, restrito ao tipo de suporte e aos modos de circulação. Considera-se pertinente alargar essa compreensão e pensar a partir dos gêneros informacionais. É imprescindível refletirmos não só sobre como as academias, mas, especialmente, como a CI trata as questões relativas as práticas informacionais.

Informação é “um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual” (LE COADIC, 1996, p. 5). Consta a existência de vários tipos de práticas de informação, destacando-se em: primárias, secundárias, terciárias, gerais, especializadas, textuais, audiovisuais, digitais, orais, internas, externas, documentais, históricas, internacionais, nacionais, regionais ou locais (BARROS, 2020; PINHEIRO, 2006; BELLOTTO, 2002; DURANTI, 1994).

Tais práticas, salvo as devidas proporções, são disponibilizadas de forma impressa e/ou digital e, classificadas como formais e informais. Além disso, são compreendidas como ferramentas imprescindíveis na recuperação de informações para consulentes inseridas/os em diferentes contextos, inclusive como pesquisadoras, pesquisadores das expressões e manifestações culturais, a exemplo do maracatu Nação (BARROS, 2020).

No que tange ao conceito de gênero documental, “está repleto de vácuos conceituais e/ou algumas incongruências mais facilmente identificáveis, como confundir espécie documental com suporte de registro de informação”, afirma Vanderlei Santos (2018, p. 55).

Espera-se, assim, incentivar pesquisadoras e pesquisadores da CI a contribuírem com suas pesquisas para a compreensão da informação como uma operação relevante na salvaguarda das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, abarcando a informação como força motriz para a construção da memória e preservação dos significados identitários dessa cultura. Nesse contexto:

A operação com a informação no campo da Ciência da Informação parece, portanto, requerer a adoção de dois paradigmas, em princípio opostos: a Teoria da informação para lidar com sua dimensão formal (como estrutura e como sinal) e a Teoria da comunicação para dar conta da mensagem e sua recepção (como significado) (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 7).

Entende-se que esses paradigmas são centrais para mediar o conhecimento na CI, ciência que estuda a informação desde a sua gênese até o processo de transformação de dados. Trata-se de uma área interdisciplinar, preocupada com a análise, coleta, classificação, manipulação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação (CAPURRO, 2003). Além disso, é um campo do conhecimento que tende a elucidar os fenômenos sociais, considerando a informação como um direito humano fundamental (ARAÚJO, 2001).

A fim de promover o desenvolvimento da pesquisa, o intercâmbio e a cooperação na CI, em 1989 foi criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB). Um dos seus principais objetivos é divulgar o conhecimento produzido por suas associadas e associados – Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação, professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais da CI.

A partir de então, no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) foram criados Grupos de Trabalho (GT) em temas específicos da Ciência da Informação. O mais recente deles, criado em 2022, é o GT 12 - Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, tendo a professora Izabel França de Lima como coordenadora e a professora Maria Aparecida Moura como coordenadora adjunta. A ementa desse grupo de trabalho desperta interesse especial para esta pesquisa: “Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Racial, Feministas e Queer. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude, Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero”.

Destaca-se o GT 12 do ENANCIB pela correlação que tem com esta pesquisa, pelas aproximações com a problemática e a tese, possibilitando ampliar as discussões sobre as temáticas aqui já elencadas, considerando os estudos teóricos e aplicados em informação.

Pondera-se que a disseminação da cultura afro-brasileira possibilita constituir, numa perspectiva identitária e patrimonialista, a identidade cultural das sujeitas e sujeitos, pelo viés da memória individual, social e, principalmente coletiva, uma vez que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 34). Assim, questiona-se como isso ocorre, quais as atrizes e atores, quais as características, como se evidenciam os acontecimentos marcantes nas trajetórias percorridas, com suas performances e propostas, considerando os aspectos da memória imbricados na sociedade, defendidos por Ecléa Bosi (1979).

Causa inquietações caras e cíclicas às candomblecistas, juremeiras e umbandistas/mulheres de terreiro, negras, pobres e periféricas, o fato de que a sociedade tende a silenciá-las. Djamila Ribeiro (2018) afirma que as mulheres negras são vistas pela sociedade brasileira como inferiores às brancas e tratadas como meros objetos sexuais. A autora nos apresenta o seguinte argumento pertinente a nossa discussão:

Ao perder o medo do feminismo negro as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo (RIBEIRO, 2018, p. 51).

Para se ter uma compreensão do contexto micro e macro das expressões e manifestações culturais disseminadas pela mestra Joana Cavalcante, será apresentado um conjunto de análises sobre sua trajetória artística na ressignificação e reconstituição do maracatu de baque virado, a partir das atividades difundidas pelo Baque Mulher Recife, grupo matriz do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, constituído por mulheres que se autodeclaram empoderadas, feministas e batuqueiras dessa cultura ancestral, conforme Arline Lins (2018), elas ganham mais espaço nos maracatus Nação em Pernambuco.

De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação (INRC) (2011), baque virado é uma manifestação artística da cultura popular e

carnavalesca da Região Metropolitana do Recife, em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo.

Considera-se que tanto a memória quanto a identidade dizem respeito a uma reconstrução do passado a partir do presente, envolvendo fatos e lembranças dos aspectos sociais, culturais e das narrativas orais (BOSI, 1979). Nesse sentido, precisou-se, respeitar, compreender e ouvir as narrativas feministas, a partir do lugar de fala das mulheres, de maneira especial, das negras (RIBEIRO, 2017).

Retomando o ponto de vista de Maurice Halbwachs (1990), no que diz respeito à memória coletiva, e fazendo um paralelo com esta pesquisa, afere-se que tal memória constrói, ano após ano, a memória e a identidade do Maracatu Baque Mulher, uma vez que esse movimento é constituído também por “combinação de influências que são, todas, de natureza social” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

É pertinente destacar que quando a sujeita, sujeito pertence ou promove as expressões e manifestações da cultura de matriz africana é recomendado respeitar as diversidades culturais existentes na sociedade, pois, ao estudar seus aspectos, adentramos em um ambiente amplo, haja vista envolver aspectos relacionados aos conceitos pré-estabelecidos, expressos nas relações sociais entre mulheres e homens, tanto nas ações individuais quanto coletivas na sociedade.

Os saberes ancestrais afrodescendentes, no que tange aos fundamentos do maracatu Nação, evidencia a identidade cultural do Brasil e alarga as identidades e mediações culturais (HALL, 2003), possibilitando a manutenção das Nações de maracatu e corroborando na reconstituição da memória coletiva dessa expressão de matriz africana, a partir da história oral (ASSMANN, 2016), bem como por meio do registro e transferência da informação (AZEVEDO NETTO, 2008) e da própria relação que é estabelecida entre cultura e política no atual contexto brasileiro (RUBIM; TAVARES, 2021).

Sendo assim, o estudo contribui com as políticas culturais a partir das reflexões e ações que aspiram disseminar informação, conhecimento, aspectos da memória, identidade e valor das práticas culturais afro-brasileiras, ampliando a concepção da reconstituição da cultura de matriz africana, na perspectiva das mulheres batuqueiras do Movimento (LUCINDA, 2017).

As políticas públicas culturais no Brasil são basicamente as normas que o Estado institui, em colaboração com a sociedade civil, para pautar suas ações,

objetivando atender as demandas culturais da coletividade, contemplando as necessidades dos segmentos artísticos. Porém, é pertinente frisar que nem sempre a sociedade tem exercido efetivamente o direito de opinar sobre essas referidas políticas (RUBIM; TAVARES, 2021).

Conforme Teixeira Coelho (2012, p. 313), habitualmente a política cultural é entendida como programa de intervenções “realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas”. Coelho (2012) também compreende política cultural como uma “ciência da organização das estruturas culturais”. Para o autor, tais políticas resultam de iniciativa adotada pelas e pelos agentes do Estado para direcionar a produção, distribuição e uso da cultura, no que tange a preservação do patrimônio histórico e ordenação do aparelho burocrático que, em certa medida, impõe uma política cultural que não contempla as diferentes culturas.

Afirma-se que para ocorrer a efetivação dessa política, ela primeiramente deve ser compreendida como resposta aos direitos coletivos e considerada instrumento de planejamento para promover a participação da sociedade civil organizada nas tomadas de decisões nos espaços que fomentam políticas culturais no Brasil (RUBIM; TAVARES, 2021).

Segundo mestra Joana Cavalcante (2020), “maracatu Nação de baque virado é uma manifestação cultural que tem relação com o candomblé” e todos os fundamentos desse maracatu são pautados nos ensinamentos, educação, conhecimentos e rituais religiosos do candomblé nagô. Embora essa manifestação de matriz africana tenha se originado em Recife, hoje está presente em diversas regiões do Brasil. Nesse sentido:

O Maracatu existe em muitas regiões do Nordeste e não ocorre apenas no período de carnaval. É uma manifestação cultural de origem afro utilizada simbolicamente para homenagear a coroação do rei nas festas religiosas, que integravam os escravos à cultura europeia, tornando-se mais tarde, após a abolição da escravatura, uma prática dos festejos carnavalescos. Alguns creem que ele foi trazido ao Brasil pelos portugueses em meados do Século XVIII e era praticado no Recife com suas danças e aspectos teatrais, nas cerimônias e festejos agenciados pela corte. O cortejo era acompanhado por instrumentos de percussão e seus praticantes vestiam-se como personagens da realeza tais como: porta-estandarte,

rei, rainha, damas do paço, duque, duquesa, príncipes e princesas, incluindo as bonecas calungas, que eram espécies de oferendas às entidades religiosas. No caso da igreja católica, estas bonecas representavam uma homenagem à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia. Caso a festa fosse realizada em um terreiro, a homenagem era feita aos orixás¹⁰ (PAJEÚ, 2015, p. 220).

Nessa perspectiva, compreende-se essa expressão ancestral como uma cultura de resistência. Dito isso é pertinente problematizar as múltiplas facetas do maracatu, questionando como ele vem sendo compreendido pelas mulheres, principalmente, como essa cultura vem sendo abarcada sob a ótica das narrativas feministas.

É, também, imprescindível uma análise acerca da cultura de matriz africana e de como ela contribui com o processo de desmistificação de possíveis estigmas e estereótipos acerca do protagonismo e empoderamento feminista nessa cultura, refletindo sobre os aspectos políticos, sociais e culturais que inibem as mulheres de exercerem ações de reconhecimento e pertencimento da cultura e/ou culturas na qual estão inseridas. É pertinente reconhecer o protagonismo feminista nas expressões e manifestações culturais, de matriz africana com vistas a alargar e fortalecer as discussões sobre protagonismo e empoderamento das mulheres negras (ANSELMO, 2020).

A partir das discussões já apresentadas, destaca-se como questão de pesquisa: Como mestra Joana Cavalcante e o Maracatu Baque Mulher desenvolvem as práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira, contribuindo para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes?

Posta esta questão, a pesquisa tem como objetivo geral descrever as práticas informacionais e a trajetória artística da Mestra e do Movimento sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado. Para alcançar esse objetivo, são propostos três objetivos específicos:

- a) analisar as práticas informacionais das expressões e manifestações afro-brasileiras sob a ótica de gênero, raça e classe no maracatu de baque virado,

¹⁰ Para as religiões de matriz africana são deusas e deuses da mitologia *yorubá* representadas e representados pela natureza. Esse conceito é consagrado também na literatura científica.

como marcadores sociais da diferença do protagonismo identitário e memorialístico das mulheres afrodescendentes;

- b) mapear as práticas informacionais da cultura de matriz africana, na perspectiva das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, a partir das dimensões do protagonismo feminista, considerando as narrativas dessas batuqueiras;
- c) destacar os elementos memorialísticos do conjunto de práticas, a partir dos registros de fazer e pensar por meio da oralidade.

Para o alcance dos objetivos, tornou-se fundamental a elaboração de um glossário das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira organizado pela pesquisadora a partir das narrativas de mestra Joana Cavalcante e das 31 integrantes do Maracatu Baque Mulher recolhidas nas entrevistas e revistas na literatura, para organizar as narrativas, fundamentar e evidenciar os processos e as práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos dessa cultura, constituindo-se, ao final, como um produto e resultado alcançado.

Permeia o estudo, a consciência da necessidade de preservar e disseminar a cultura afro-brasileira, para garantir a memória e a identidade da população afrodescendente, especialmente das mulheres negras. Dito isso, o estudo considera pertinente assumir o protagonismo feminista, priorizar o recorte de raça e classe como marcadores sociais da diferença, imprescindíveis nas discussões com vistas a ampliar e fortalecer o protagonismo das mulheres afrodescendentes.

Os “Marcadores Sociais” são os marcos da diferença, também compreendidos como uma área de estudo das ciências sociais que busca elucidar como são socialmente constituídas as desigualdades e hierarquias entre as pessoas. Tais marcadores trazem à baila temas relacionados a desigualdades de sexo, raça, étnica, orientação sexual, identidade de gênero, idade, nível de escolarização, classe econômica e religião entre outros elementos constituídos a partir da natureza humana, quanto aqueles originários das construções sociais e estruturados socialmente que determinam a posição, oportunidades e possibilidades as sujeitas, sujeitos, que até hoje são latentes na sociedade brasileira (HIRATA, 2014).

Sabe-se que brasileiras e brasileiros nascem, vivem e crescem em uma sociedade marcada por diversidade de culturas, religiões e diferentes atitudes de ser no mundo. Essas características são consideradas como uma forma de classificar e hierarquizar a população brasileira, fato que tende a reforçar a

reprodução de desigualdades entre essa população, principalmente entre as pessoas negras e com deficiência, conforme Vanessa Silva e Wilker Silva (2018).

Afere-se que os marcadores sociais da diferença são definidos por características que compõem cada pessoa, a saber: gênero, região, religião, cor de pele, etnia, entre outras características. Tais marcadores, quando não há uma ponderação na forma de tratá-los e analisá-los, tendem a reproduzir desigualdades, estereótipos e pré-conceitos, que salvo exceções são naturalizados, impossibilitando um olhar mais humanizado sobre as pessoas e suas diferentes realidades (SILVA; SILVA, 2018).

Sabe-se que pessoas, movimentos e coletivos atravessadas, atravessados por algum marcador social da diferença, tendem a se localizar em situação desigual perante aquelas, aqueles que não carregam nenhum desses marcadores. Observa-se que os marcadores sociais da diferença muitas vezes não derivam de forma isolada, mas de configurações distintas determinantes de outras questões relacionadas a desigualdades entre pessoas e grupos na sua diversidade.

Na atualidade existem inúmeros tipos de feminismo representados em primeira, segunda e terceira ondas. Não há pretensão de detalhar essas três ondas do feminismo, mas enfatizar essa última, que apresenta o termo analisado numa perspectiva contemporânea, que leva em consideração a diversidade das mulheres, se propondo a derrubar o estereótipo sexualizado da imagem das mulheres nas práticas informacionais, na tentativa de combater todas as formas de violência contra as mulheres (OLIVEIRA, 2006).

Para Lélia González (2020), os conhecimentos, saberes e fundamentos ancestrais adquiridos pela mestra Joana Cavalcante mulher preta, pobre, periférica, nordestina, pernambucana, candomblecista e feminista na sociedade brasileira, aponta para um “feminismo afro-latino-americano”. A autora afirma que o feminismo negro está em crescente atuação, mas considera que o pensamento “afro-latino-americano”, embora próximo de nós, ao mesmo tempo se faz muito distante.

Mesmo reconhecendo que seus livros e textos são referendados em diferentes teses de doutorado e dissertações de mestrado, a autora atribui tal feito à responsabilidade social e acadêmica de intelectuais negras e negros em potencializar esse pensamento. Adverte-se que, orientadoras e orientadores em programas de diversos cursos “sugerem” - determinam listas de leituras que potencializam o racismo

estrutural ou tende perpetuar ao cânone acadêmico, legitimando autores africanos, mas não toleram autoras negras latinas em sua trajetória de orientação, reflexões e publicações (GONZÁLEZ, 2020).

A pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar as reflexões em torno da cultura afro-brasileira, bem como pelo seu ineditismo ao descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante, primeira e única até então, mestra de maracatu Nação e do Maracatu Baque Mulher, sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado, considerando as práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos dessa cultura que contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes.

O estudo abarca as discussões sobre o fortalecimento e visibilidade das mulheres, na disseminação da cultura afro-brasileira, de maneira especial, expondo contribuições pertinentes na reconstituição da memória e da identidade cultural do Recife. Tais discussões não podem ser compreendidas como momentâneas – estar na moda, o caso em tela, não se trata de modismo, mas, dar o justo lugar as mulheres que são protagonistas de si mesmas (RIBEIRO, 2017).

No âmbito legal, a pesquisa confirma o reconhecimento dos aspectos da lei nº 10.639/03 (2003), ou seja, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, o que significa compreender a dívida educacional, principalmente histórica para com a população negra, que também se reconheça nesse processo de reconstrução e que reivindica a construção de uma nação efetivamente democrática.

Para isso, apresenta uma análise das vivências e observações do espaço estudado e das sujeitas da pesquisa, já mencionadas, a partir do diálogo teórico estabelecido entre informação, cultura e memória, especialmente, as expressões e manifestações da cultura afro-brasileira. Esse diálogo é oportuno, conforme argumentam Roque Laraia (2002) e Clifford Geertz (1989), sobre a não existência de uma única cultura na humanidade, mas sim, de várias culturas.

Esta pesquisa origina-se do contato com as expressões e manifestações afro-brasileiras, a exemplo das músicas e danças, por estabelecerem relações relativas à constituição e resignificação da diversidade cultural. As discussões aqui apresentadas são provenientes das inquietações na condição de agente cultural que consome, produz, reproduz e resignifica as manifestações culturais afro-brasileiras.

Fui percussionista, dançarina e *backing* vocal dos grupos Nação Maracahyba (João Pessoa, Paraíba), Raízes Parahyba (João Pessoa), Tambores do Forte (Cabedelo, Paraíba), Companhia de Dança Elementos Culturais (Cabedelo), Lapinha Jesus de Nazaré (Cabedelo), Imburana (João Pessoa). Atualmente estou abarcando essas funções no AjaMulher (João Pessoa), *Ojú Òrun* (João Pessoa), Baque Mulher João Pessoa (João Pessoa), Baque Mulher Recife (Recife, Pernambuco) e Encanto do Pina (Recife). Esses grupos têm suas sedes localizadas na Paraíba e Pernambuco, Estados da Região Nordeste.

Em relação ao Nordeste, as relações de gênero na cultura negra, encontram-se em processo de resistência, com vistas a alargar a visibilidade das suas práticas. Identifica-se esse fenômeno nos grupos culturais dessa região, a exemplo dos grupos percussivos da cultura popular formados unicamente por mulheres negras e não negras, destacando-se entre eles: Baque Mulher Recife (Pernambuco), Baque Mulher Arcoverde (Pernambuco), Baque Mulher João Pessoa (Paraíba), Baque Mulher Salvador (Bahia), Baque Mulher Fortaleza (Ceará), Baque Mulher São Luís (Maranhão), Baque Mulher Porto de Galinha (Pernambuco), Baque Mulher Campina Grande (Paraíba), Vó Mera e suas Netinhas (Paraíba), AjaMulher (Paraíba), As Calungas (Paraíba), Coco da Oxum (Paraíba), Coco das Manas (Paraíba) Ganhadeiras de Itapuã (Salvador), Três Marias Sem Vergonha (Paraíba), Fulô Mimosa (Paraíba), Coco das Manas (Paraíba), Samba Se Ata (Paraíba) e Tambores de Safo (Ceará).

Além dos coletivos de mulheres, há registro dos encontros, conselhos e fóruns de mulheres, exemplo da Rede Nacional de Mulheres Negras no Combate à Violência, Fórum de Mulheres de Pernambuco/Rede de Mulheres de Recife (FMPE/RMR), Rede de Mulheres Negras do Nordeste, Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba (ABAYOMI), Encontro Nacional Feminista, Encontro Nacional de Mulheres Negras, Encontro Nacional Baque Mulher e Conselhos Estaduais de Mulheres.

Esses movimentos de mulheres evidenciam suas contribuições para ampliar espaços que possibilitem o fortalecimento e visibilidade das práticas culturais feministas na sociedade civil brasileira, conjecturando a problemática da desigualdade entre mulheres e homens, aspecto também assinalado por Angela Davis (2016).

Destaca-se, neste contexto, a participação ativa das mulheres nas expressões artísticas, manifestações culturais e nos espaços políticos, com vistas a ampliar e fortalecer o diálogo sobre cultura afro-brasileira, um fenômeno social que precisa ser compreendido no horizonte que aponta para a diversidade cultural, permitindo discussões de gênero (GOMES, 2018).

Compreende-se que os movimentos organizados de mulheres na América Latina, especialmente no Brasil, fazem parte de um processo que vem se constituindo há muito tempo. Segundo Djamila Ribeiro (2018), não há um único feminismo, uma história única do movimento de mulheres. É imprescindível e caro à sociedade brasileira considerar os aspectos de raça e classe determinantes dos contextos em que as negras estão inseridas.

Tais movimentos são apontados como práticas de informação preciosas na disseminação das práticas informacionais, para contribuir na efetivação do acesso à informação relacionadas às expressões e manifestações culturais negras, pautadas pelas relações sociais, econômicas e políticas vigentes na sociedade brasileira, objetivando garantir o direito à cidadania no que diz respeito à efetiva participação nas práticas informacionais (ARAÚJO, 2001), inclusive também, no que diz respeito à cultura afro-brasileira.

Os movimentos organizados de mulheres negras e não negras, a exemplo do Maracatu Baque Mulher, caracterizam-se como práticas de informação, produtores de conhecimento sobre expressões e manifestações culturais de matriz africana. Constata-se que mesmo intelectuais tenham criticado e refutado as teorias raciais e de gênero, pautadas na miscigenação da população brasileira, enaltecendo o tributo equitativo das três denominadas “raças”, na formação da sociedade brasileira, ressalta-se a desconsideração das tensões, conflitos e contradições das relações raciais no Brasil. Historicamente estabelecidas pelo processo de formação, pautado no regime da economia patriarcal, elas resultaram na desmobilização, e invisibilidade da raça negra, nomeadamente das mulheres negras (MOURA, 2022).

Apura-se a contribuição das mulheres feministas que tocam maracatu, habitualmente conhecido como um ritmo musical, dança e ritual de sincretismo religioso com origem em Pernambuco, para a construção das suas micropolíticas de resistência e de que maneira suas práticas, expressões e manifestações culturais

contribuem na luta feminista contra a desigualdade de gênero. Considera-se que essa expressão cultural compõe a cultura afro pernambucana.

O trabalho estrutura-se em oito seções. A primeira seção “Contextualiza o tema pesquisado”, expõe a problemática da tese, questão problema, objetivo geral e específicos e destaca, ainda, as relações sociais e as contribuições de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher para a visibilidade do protagonismo e empoderamento das mulheres na reconstrução da cultura afro-brasileira, especificamente no maracatu de baque virado a partir das atividades realizadas por esse movimento.

A segunda seção descreve os “Procedimentos metodológicos” a partir de um estudo de caso, considerando as informações relacionadas às atividades culturais de mestra Joana e do Movimento, relatadas pela Mestra e pelas 31 entrevistadas e integrantes desse coletivo, mulheres que vivenciam na prática as ações que envolvem a temática pesquisa.

A terceira seção tem como título “Expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira a partir da tríade: informação, cultura e memória”, apresenta a discussão de cunho teórico, em que os conceitos como informação, cultura e memória são refletidos em diálogo, com a finalidade de embasar teoricamente a tese.

A quarta seção, a “Trajetória dos Maracatus em Pernambuco” é apresentada, com ênfase no Encanto do Pina, ponderando o protagonismo feminista, principalmente a participação feminina na regência dessa Nação. Descreve o desfile oficial do Encanto do Pina, faz um mapeamento dos projetos, campanhas, ações, atividades e expõe as *lives* por essa Nação realizadas. Questiona como as mulheres estão inseridas nos maracatus Nação e se suas práticas culturais/artísticas são práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira e se contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes.

Na sequência, a quinta seção, intitulada “Joana D’arc da Silva Cavalcante: resistência, protagonismo feminista, representatividade das mulheres negras, pobres, periféricas e candomblecistas no maracatu de baque virado”, descreve a partir do estudo de caso a trajetória de mestra Joana, expõe as loas/toadas, canções, músicas ou hinos de louvação de autoria e coautoria da Mestra, apresenta as honrarias recebidas e os grupos culturais idealizados e coordenados pela mestra Joana.

A sexta seção, intitulada “Maracatu Baque Mulher: movimento feminista disseminando fatos memorialísticos e identitários da cultura afro-brasileira à luz das narrativas das mulheres”, apresenta o regimento desse coletivo de maracatu Nação. Esse documento de valor jurídico, consiste no registro das narrativas fundamentadas no *candomblé nagô*. Destaca os grupos¹¹ ativos e inativos desse maracatu, projetos sociais e encontros nacionais idealizados pela mestra Joana Cavalcante em colaboração com as batuqueira participantes do Maracatu Baque Mulher.

A sétima seção registra “Narrativas e saberes ancestrais das feministas do baque virado que tombam, mas não caem”, analisam-se os dados das entrevistas por meio dos relatos orais fornecidos pela Mestra, representando a Região Nordeste e 31 mulheres que integram os grupos do Maracatu Baque Mulher, localizados nas cinco regiões do Brasil. Essa análise parte da compreensão teórica de que as mulheres entrevistadas são disseminadoras da informação. Na última seção são apresentadas as “Considerações finais”.

Além das seções mencionadas, constam no trabalho apêndices e anexos. A tese apresenta o glossário das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira elaborado pela pesquisadora a partir das narrativas das 32 entrevistadas.

¹¹ Há 39 grupos do Maracatu Baque Mulher, sendo 38 atuando no Brasil e um em Portugal. O Baque Mulher Recife é a matriz desse movimento.

2 TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Vi o rio que rasga a terra e trilha caminho p'ra dentro do mar, salve Oxum, salve minha mãe lemanjá. *Ylé Axé Oxum Deym* é quem traz a ciência de cada orixá, salve Oxum, salve minha mãe lemanjá. Meu baque é virado de Nação nagô. Oi, me dê licença que eu quero passar, salve Oxum, salve minha mãe lemanjá. Saudações sou Encanto do Pina, que é Nação de mina e vim p'ra ficar, salve Oxum, salve minha mãe lemanjá¹².

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Início esses caminhos metodológicos com a entoação dessa loa, autoria de mestra Joana. Ao refletir sobre o meu lugar de fala como artista da cultura popular de matriz africana desde minha adolescência, busco compreender que o lugar das mulheres é, sim, onde elas quiserem e me reconhecer pesquisadora participante desse doutoramento, cuja tese versa sobre as expressões e manifestações culturais da minha ancestralidade.

Sendo assim, a escrita dessa metodologia, desprendida de formalidade, se inicia com a fala poética dessa Mestra da cultura negra, consagrada em 2008 como a primeira mestra de maracatu, especificamente do Encanto do Pina (ANSELMO, 2020), destacada na quarta seção, também iniciada com a loa autoral de mestra Joana, não por desconsiderar as loas ou músicas de outras mestras compositoras que também precisam ser apreciadas nas epígrafes de um texto, mas, tendo em vista que mestra Joana Cavalcante é “a única mulher, na história de maracatu Nação e nos dias atuais, a coordenar e apitar o batuque de Nação de baque virado, a Nação Encanto do Pina, desde 2008”, conforme Anselmo (2020, p. 69).

Em 1859, publica-se um dos primeiros romances abolicionistas e o primeiro escrito por mulher negra na literatura brasileira, intitulado *Úrsula*, autoria de Maria Firmina dos Reis, cujo enredo permeado de críticas e análises sociais, considerando os aspectos analisados do ponto de vista da cultura negra e, das práticas feministas.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que, assim como mestra Joana é pioneira no maracatu Nação, expressão cultural afro-pernambucana, a maranhense Maria Firmino é a escritora brasileira pioneira na área da literatura. A resistência das

¹² Loa “Vi o rio salve Oxum”, autoria de mestra Joana Cavalcante.

mulheres negras para ocupar seu lugar na sociedade vem de longe, corroborando com o pensamento das feministas negras. Maria Firmina dos Reis também fundou uma escola mista, algo inédito na época e sua educação superou a formação das mulheres de seu tempo, conforme relatos apontando para sua relevância na reconstituição histórica do papel da mulher na sociedade do século XIX no Brasil (DUARTE, 2004).

Quando, ainda na graduação em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Políticas para cultura popular: na Paraíba muito do mesmo, ou ações efetivas?”. O trabalho assinala as intensas alterações culturais ocorridas ao longo dos séculos e avivadas nas últimas décadas como modos de interferências nas ações culturais dos países e, conseqüentemente, na forma como estes elaboram e executam suas políticas culturais. Além disso, aponta como a imprevisibilidade, caracterizada pelas modificações culturais, impõe aos grupos, nomeadamente aos de cultura popular, uma postura empreendedora e competitiva (OLIVEIRA, 2015).

Na dissertação intitulada “Cultura de matriz afro-brasileira: um estudo à luz da história de vida de vó Mera¹³ mestra da cultura popular de João Pessoa, Paraíba”, apresentei a história de vida da mestra, compreendendo-a enquanto fonte de informação para a memória patrimonial das culturas negras nesse município. Trata-se de um estudo pertinente para manter e ampliar as discussões acerca das expressões e manifestações afrodescendentes, de maneira especial, nos Programas de Pós-graduação em CI das universidades brasileiras (OLIVEIRA, 2019).

Identifiquei-me tanto com essa temática da cultura popular, nomeadamente as de matriz africana, creio que devido a minha própria ancestralidade e ao contato, desde adolescente, com as culturas negras. Dito isso, decidi nesse doutoramento dar continuidade aos estudos dessas culturas.

¹³ Domerina Nicolau da Silva nasceu em 24 de dezembro de 1934 em Alagoinha, município localizado na Paraíba. Ela se autodeclara preta, pobre, periférica, semialfabetizada, mestra da cultura popular, cirandeira, compositora de ciranda, coco de roda e maracatu é, cantora, atriz, ministra da eucaristia e ex-candomblecista, laureada Patrimônio Artístico do bairro Rangel, localizado em João Pessoa. Em 2016, atuou como atriz na novela Velho Chico, da Rede Globo, interpretando uma parteira. Sonha em formar um grupo de crianças em situação de vulnerabilidade social e outro de mulheres idosas para terem oficinas de percussão, técnica vocal e dança, principalmente, ciranda e coco de roda, que serão ministradas por vó Mera e as integrantes do grupo cultural “Vó Mera e suas Netinhas”, fundado e coordenado por vó Mera. Em 2018, foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural, na classe “Comendador”. Em 24 de dezembro de 2022, completou 88 anos e assegura estar viva e sã, graças a Deus porque sabe amar e ser amada, declara vó Mera, ver Ana Lúcia de Oliveira (2019).

Quando tive as primeiras informações sobre mestra Joana, em 2017, ainda não tinha realizado a pesquisa de mestrado. Percebi, então, que a Mestra, a partir das suas atividades artísticas e religiosas, é uma artista pernambucana plausível para ser pesquisada neste estudo de doutorado. Como no mestrado, optei em pesquisar a história de vida de minha conterrânea, a paraibana vó Mera, mulher preta, pobre, periférica, semialfabetizada, mestra da cultura popular, compositora de maracatu, ciranda, coco de roda, que também muito me representa. Uma mulher resiliente, senhora de si, ela teve uma trajetória de muitas dificuldades financeiras, igual a minha, que também é semelhante à trajetória de mestra Joana Cavalcante.

Talvez o desejo de superar minhas crenças limitantes, impostas pelas falácias arraigadas nos discursos das moradoras e moradores de Salinas Ribamar comunidade periférica onde nasci e morei até meus 37 anos, posteriormente fui morar no Alto do Céu, Beira Molhada, comunidades também periféricas localizadas em Mandacaru, bairro periférico situado em João Pessoa, capital da Paraíba. Atualmente resido em Jaguaribe, considerado um dos bairros mais antigos e centrais dessa capital. Avalio que minha condição socioeconômica tenha sido o motivo para querer voar e galgar voos mais altos que da minha amável, insubstituível e inesquecível mãe Noêmia Francisca Tavares, que não teve a oportunidade de se alfabetizar.

Esses argumentos, apontam que na minha trajetória acadêmica tive que superar muitas barreiras, digo, quebrar o paradigma, no qual até então acreditava. Mas, com a maturidade, principalmente a resiliência, resistência e enfrentamento que adquiri, me tornei um ponto fora da curva porque furei a bolha, chutei a porta e acessei dois Programas de Pós-graduação de universidades públicas, sediadas no Nordeste, considerada uma das regiões mais pobres do Brasil. “As regiões Sul e Sudeste concentram 19 das 25 melhores universidades do país. São Paulo aparece à frente, com cinco instituições, seguido por Rio de Janeiro (quatro), Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul (três cada) e Santa Catarina (uma)”¹⁴.

No percurso dessa tese, me deparei com algumas dificuldades, por exemplo, produzir conhecimento sobre uma realidade da qual faço parte desde 2017, quando me tornei integrante do Maracatu Baque Mulher (Figura 1), especificamente o Baque Mulher João Pessoa (Figura 2), um dos grupos do Movimento.

¹⁴ Informação disponível em: <https://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/03/28/ult105u6354.jhtm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Figura 1 - Baque Mulher Recife



Fonte: rede social/WhatsApp do Baque Mulher Recife (2023)

Figura 2 - Baque Mulher João Pessoa



Fonte: rede social/Instagram do Baque Mulher João Pessoa (2022)

A Figura 1 é o registro das batuqueiras do Baque Mulher Recife, matriz do Movimento, grupo do qual participo desde o primeiro semestre de 2019. A imagem em tela apresenta as mulheres que participaram do ensaio dessa matriz, realizado em 2019, na Comunidade do Bode. Dentre elas identificam-se mulheres de várias faixas etárias, com biótipos distintos, predominando os traços da negritude.

Na Figura 2 consta o registro das batuqueiras do Baque Mulher João Pessoa, grupo do qual participo desde o segundo semestre de 2017. Elas também são de várias faixa etária, com biótipos distintos, predominando os traços da negritude. A imagem foi captada em 1 de agosto de 2022, após apresentação artística em celebração ao dia do maracatu realizada no Espaço Cultural José Lins do Rego¹⁵, localizado à Rua Abdias Gomes de Almeida, nº 800 no bairro de Tambauzinho em João Pessoa. É o Baque Mulher João Pessoa “tocando maracatu de baque virado! Axé a todas as Nações de maracatu! Vida longa à cultura afro! Um salve aos nossos orixás! Viva à mestra Joana Cavalcante”¹⁶.

Percebe-se na imagem analisada a presença de duas crianças, Helena Dantas filha da batuqueira Gabrielli Dantas/Gaby com oito anos, desde os quatro participantes do Baque Mulher João Pessoa e Anna Lívyta Tavares e Silva, com nove anos, sem o figurino do grupo, sobrinha da pesquisadora. Essa criança, que assim como a tia se autodeclara negra, teve despertado o seu desejo de participar do grupo em tela.

Posteriormente, em 2019, início da pesquisa de campo, passei a integrar o Baque Mulher Recife. Nesse mesmo ano, me tornei colaboradora, “madrinha”¹⁷ do Projeto Encantinho do Pina, abraçando um compromisso social, financeiro e de maneira especial afetivo com uma criança de 11 anos, integrante do Maracatu Mirim Encanto do Pina¹⁸, além disso, colaboro voluntariamente nas ações realizadas por

¹⁵ Fundado em 1982, com capacidade para 15 mil pessoas, possibilita a população pessoense, a classe artística de modo geral uma série de atrações artísticas e cursos. Há uma ampla e diversificada área interna, com um cinema e dois teatros. Há também a Escola de Música Anthenor Navarro (EMAN), Planetário, Lutheria, Museu José Lins do Rêgo e, a Galeria Archidy Picado, espaço físico onde o Baque Mulher João Pessoa realizou essa apresentação artística.

¹⁶ Informação disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgtO1VbgNc9/>. Essa postagem obteve 72 curtidas. Acesso em: 15 dez. 2022.

¹⁷ Comecei a “madrinhar”, proporcionar afeto, presente, material escolar, figurino do Movimento e do Maracatu Mirim Encanto do Pina, conforme minhas condições financeiras para essa criança que participa do Projeto Encantinho do Pina, promovido pela Nação do Maracatu Encanto do Pina.

¹⁸ A pesquisa quando se refere a esse maracatu mirim, uma extensão da Nação do Maracatu Encanto do Pina, utiliza a grafia “Maracatu Encantinho do Pina” para tornar a leitura fluída.

esse projeto. Em 2021, mestra Joana me convidou para integrar o coral oficial do Encanto do Pina e do Baque Mulher Recife.

Desde então, participo ativamente das oficinas, ensaios, *lives* e apresentações artísticas do Baque Mulher João Pessoa, Baque Mulher Recife e, dessa Nação. Além de prestigiar as atividades realizadas pela Mestra na comunidade onde ela reside atualmente, quando necessário contribuo com os ensaios, *lives* e apresentações do Mazuca da Quixaba. Também tenho participado das cerimônias religiosas idealizadas, organizadas e executadas pela mestra Joana no *Ylê Axé Oxum Deym*, destacadas na quarta seção.

Porém, tal contexto, conforme Ribeiro (2017), possibilita-me refletir sobre questões inerentes ao fazer artístico e religioso de mestra Joana, bem como do Maracatu Baque Mulher, questões que, de certo modo, são impossíveis de serem identificadas, encontradas no universo teoricamente disponível.

Para a compreensão da trajetória, considera-se o preconizado por Pierre Bourdieu (1996), que a define como uma cadeia das posições continuamente ocupadas por uma, um agente ou grupo de agentes em espaços sucessivos. Desse modo, é possível compreender as formas e transformações assumidas pelas mulheres pesquisadas dentro do espaço e do tempo.

Entende-se que os procedimentos metodológicos científicos sejam descritos partindo do planejamento e orientados para o cumprimento dos objetivos da pesquisa, portanto relaciona-se a cada objetivo os procedimentos pertinentes para alcançá-lo. A trajetória desse doutorado corresponde ao planejamento da pesquisa e demonstra como os procedimentos foram redimensionados pelas exigências metodológicas, compondo um ciclo para reunir dados disponíveis, acessíveis e pertinentes ao objeto investigado.

Para alcançar o objetivo geral: descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado, adverte a inserção das mulheres nesse ritmo de sincretismo religioso com origem no Estado de Pernambuco e o protagonismo feminista mais consolidado no que tange às atividades por esse movimento realizadas.

Para esta descrição, realiza-se a observação participante, considerando-se as anotações registradas no caderno/diário de campo, após participação nas cerimônias

religiosas do *Ylê Axé Oxum Deym*, IV Encontro Nacional Baque Mulher, rodas de diálogo, oficinas de maracatu de baque virado, ensaios e apresentações artísticas de modo presencial e *on-line*, sob a regência da Mestre.

Consideram-se como objetos de observação as redes sociais, grupos de WhatsApp, Telegram, plataformas digitais de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher, o regimento interno desse movimento, portfólio da Mestre e do Encanto do Pina. Utilizando como procedimentos metodológicos a análise de conteúdo e a história oral de vida, foca-se nas práticas de mestra Joana e, conseqüentemente, no Baque Mulher Recife, enquanto fontes informacionais.

Antes mesmo de iniciar esse doutoramento, já conhecia o legado de mestra Joana Cavalcante, quando em 2017, participei de roda de diálogo e oficina por ela mediada e ministrada, para as integrantes do Baque Mulher João Pessoa e para outras mulheres (Figura 3).

Figura 3 - Mestre Joana Cavalcante ministrando oficina no Baque Mulher João Pessoa



Fonte: rede social/facebook do Baque Mulher João Pessoa (2022)

Na Figura 3, mestra Joana está tocando tambor e cantando a loa de sua autoria intitulada “Sou mulher negra empoderada”, na oficina de percussão por ela ministrada em 23 de abril de 2017. Além disso, ela canta outras loas autorais, dança reverenciando as orixás Oxum e Iemanjá - orixás femininas que regem sua cabeça. A Mestre também ministrou oficina de canto, dança afro e percussão, ensinando as suas participantes a tocarem agbê/xequerê, alfaia/tambor, atabaque/timbal, caixa,

ganzá/mineiro e gonguê¹⁹ que é considerado um instrumento de origem africana (ROCHA, 2021).

Nessas oficinas, como também na roda de diálogo realizada em João Pessoa, mestra Joana transmitiu seus conhecimentos e saberes ancestrais sobre maracatu Nação e candomblé nagô, religião de matriz africana. Analisam-se as fontes informacionais, a exemplo dos materiais textuais, trabalhos de conclusão de curso, artigos, dissertações, teses e o livro “Sementes de Joana” da autora Mariana Queiroz (2021), pesquisas publicadas sobre o legado de mestra Joana Cavalcante, Maracatu Baque Mulher, Nação Encanto do Pina e o Encantinho, maracatu mirim dessa nação. Consulta-se também o acervo pessoal, fotos, vídeos, áudios, imagens, *lives*, redes sociais da Mestra e do Movimento. Analisadas, essas fontes possibilitaram compreender a trajetória artística e religiosa dela e desse movimento.

Entende-se que a dimensão prática desta pesquisa compreende os procedimentos de obtenção de dados e das transformações destes em informações pertinentes à problemática, para que se possa analisar e relacioná-los entre si, com aspectos determinantes para sua compreensão.

Relaciona-se a cada um dos objetivos os procedimentos específicos para possibilitar a leitora, o leitor a compreensão da dimensão prática da pesquisa. Assim procede-se, conforme a seguir exposto.

Ao objetivo de *descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado*, corresponderam os seguintes passos: foi realizada uma pesquisa inicial para identificar e relacionar as atividades realizadas pelas participantes desse estudo; a seguir foram feitos os convites para elas e obtidas as informações relacionadas às atividades por elas executadas. Gravaram-se e transcreveram-se 32 entrevistas, com a mestra Joana e 31 batuqueiras desse movimento, utilizando-se um aparelho celular.

Tais entrevistas focalizam-se no protagonismo e empoderamento feminista, sobretudo nas atividades realizadas pela Mestra na condição de mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*, idealizadora, fundadora e coordenadora geral do Movimento, Mazuca da Quixaba, Filhas da Oxum Opará,

¹⁹ Ver Apêndice A.

Maracatu Axé da Ilha e primeira mestra de maracatu Nação, responsável pela regência do Encanto do Pina e ex-coordenadora da ala de agbê da Nação do Maracatu Porto Rico²⁰.

Ao objetivo de *analisar as práticas informacionais das expressões e manifestações afro-brasileiras sob a ótica de gênero, raça e classe no maracatu de baque virado como marcadores sociais da diferença do protagonismo identitário e memorialístico das mulheres afrodescendentes*, corresponderam os seguintes passos: efetivou-se uma análise de conjuntura, em seus aspectos histórico, cultural, social, político, religioso, educacional, priorizando-se as questões relacionadas a gênero, raça e classe que perpassam esses espaços, considerando-se as categorias representativas do dinamismo conjuntural para a análise.

Para *mapear as práticas informacionais da cultura de matriz africana, na perspectiva das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, a partir das dimensões do protagonismo feminista, considerando as narrativas dessas batuqueiras*, consideraram-se as narrativas das entrevistadas e as anotações registradas no caderno/diário de campo, previamente organizadas para possibilitar um panorama dessas expressões e manifestações das entrevistadas, destacando-se as realizadas no Maracatu Baque Mulher, na Nação Encanto do Pina, no maracatu mirim dessa nação, no Projeto Encantinho do Pina, no Mazuca da Quixaba e no *Ylê Axé Oxum Deym*. Consideram-se as plataformas digitais desses coletivos de matriz afro, além disso, o regimento interno do movimento pesquisado, destacaram-se os acontecimentos históricos dos eventos, manifestações culturais e religiosas dos coletivos em tela, considerando-se as datas e informações relevantes desses feitos, atividades. Foram ponderados os avanços tecnológicos, bem como sua influência na sociedade e, como a tecnologia está inserida nas comunidades periféricas, de modo especial, para as mulheres negras de terreiro e da periferia.

Para *destacar os elementos memorialísticos do conjunto de práticas, a partir dos registros de fazer e pensar por meio da oralidade*, realizou-se uma análise de conteúdo das narrativas ratificadas pelas 32 entrevistadas, considera-se o lugar de fala das mulheres negras, pobres, periféricas e de terreiro.

²⁰ A pesquisa quando se refere a essa Nação de baque virado, utiliza a grafia “Porto Rico” para tornar a leitura fluída.

Para o alcance dos objetivos, foi determinante a elaboração de um glossário das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira, organizado pela pesquisadora a partir das narrativas de mestra Joana Cavalcante e das 31 integrantes do Movimento, recolhidas nas entrevistas e revistas na literatura, fundamentando-se e evidenciando-se os processos e as práticas culturais realizadas. Constituiu-se, assim, como um produto e resultado alcançado. Com essa intenção, realizou-se leitura analítica para a seleção e escolha dos termos com especial sentido, cujo significado foi concretizado a partir das análises e interpretações das categorias sistematizadas ao longo das transcrições das entrevistas, com base na organização e categorização sistemática das narrativas e, quando necessário, consultou-se a literatura científica.

O Movimento é apresentado, a partir de dados colhidos em investigação de campo, em aplicação de entrevistas, em plataformas digitais e no regimento interno do coletivo analisado. Destaca também como ocorreu a relação entre a pesquisadora e o universo pesquisado, uma vez que as questões prementes são parte da trajetória artística da pesquisadora. Por outro lado, por meio do contato direto com as entrevistadas, foi possível ouvir suas próprias histórias, para depois levantar as informações necessárias ao desenvolvimento do estudo em tela.

As implicações em obter dados sobre formas de agir e de pensar das entrevistadas, em geral relatadas por elas próprias, foram justamente pelo fato de estarem imbricadas, ou seja, em estreita relação com a forma de agir e pensar da pesquisadora. Entretanto, foi possível transformar a percepção das participantes do universo investigado a partir da resignificação do lugar de fala da investigadora e das investigadas, ou seja, considerar as convergências e divergências e um distanciamento do objeto investigado, para compreendê-lo na sua inteireza.

Trata-se de uma pesquisa que apresenta um conjunto de procedimentos metodológicos, entre eles o estudo de caso ao considerar as informações relatadas pela Mestra e pelas 31 integrantes do Movimento, idealizado e fundado em 12 de outubro de 2008 pela mestra Joana Cavalcante, conforme o regimento interno desse coletivo e descrito na sexta seção.

Segundo as narrativas identificadas nas 32 entrevistas realizadas com as participantes desta pesquisa, elas vivenciam na prática as ações que envolvem a temática pesquisada. Essas entrevistadas buscam visibilizar o protagonismo e o

empoderamento nas expressões e manifestações afrodescendentes, por compreendê-los relevantes na reconstituição da memória e identidade (CANDAU, 2019).

As informações analisadas são relacionadas às atividades realizadas pelo Movimento, destacando-se o protagonismo e o empoderamento de mestra Joana no maracatu Nação. Evidencia o papel da Mestra nesse processo, principalmente sua contribuição na expansão do coletivo pesquisado, sob a ótica das narrativas feministas. O Maracatu Baque Mulher se autodeclara um movimento de mulheres empoderadas e feministas, cujo universo percussivo, o maracatu Nação é expressão cultural afetada direta e indiretamente pelo processo de tentativa do silenciamento das práticas ancestrais de matriz africana.

Selecionaram-se a mestra Joana Cavalcante, 14 coordenadoras locais – responsáveis pelo grupo da cidade, estado e/ou região onde reside e atua na coordenação, 16 batuqueiras atuantes nas cinco regiões do Brasil e uma dançarina atuante no Baque Mulher Rio de Janeiro. Utilizou-se ainda o método de história de vida, com o propósito de descrever a trajetória da Mestra e do coletivo pesquisado, analisando como as participantes do Maracatu Baque Mulher estão inseridas nele e qual sua participação mais efetiva nas atividades realizadas por esse movimento.

Por sua natureza e por seu objeto de estudo, optou, nesta pesquisa, por um tratamento analítico dos dados obtidos, com ênfase nos conhecimentos, valores adquiridos pelas características e relações percebidas. Desse modo, observa-se e analisa-se, conservando a forma literal dos dados, de modo a perceber as relações entre agentes, instituições e movimentos sociais, na conjuntura apresentada. Assim, percebem-se as relações de sentido entre as unidades ou as categorias que as unem, penetra-se nas realidades concretas e pode-se até reconhecer os “elementos pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou refugos de nossa observação”, conforme argumento de Carlo Ginzburg (1990, p. 147).

A primeira fase da pesquisa corresponde a uma revisão bibliográfica para melhor apreensão dos conceitos de informação, cultura, memória, identidade, gênero, raça, protagonismo social e empoderamento feminista no maracatu de baque virado, expressão da cultura negra pelo viés das mulheres. Posteriormente, volta-se ao campo empírico, levantam-se e selecionam-se dados pertinentes à construção deste estudo. Apresenta-se uma análise acerca das informações, sempre relacionando-as

ao quadro teórico fundante para efetivar o processo interpretativo no sentido de desmistificar estigmas e estereótipos acerca das manifestações culturais de matriz africana.

Conforme Verena Alberti (2004) e José Carlos Meihy (2002), a história oral tem uma relação entre sujeitas, sujeitos sociais e, o ambiente no qual estão inseridas e inseridos. Entende-se que tal história pode constituir, construir a memória e identidade delas e deles. Nessa perspectiva, a história oral de vida, como procedimento metodológico, busca registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências, lembranças das sujeitas e sujeitos que se dispõem a compartilhar suas memórias com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido (ALBERTI, 2004).

Como revela Verena Alberti (1989), a história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunham acontecimentos, como forma de se aproximarem do objeto de estudo. Enquanto isso, a história oral, para Júlia Matos e Adriana Senna (2011),

[...] centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não (MATOS; SENNA, 2011, p. 96).

De acordo com Maria Zeneide Almeida (2010, p. 6), “[...] a história oral tem sido classificada em: história oral de vida; história oral temática e tradição oral”. Neste panorama infere-se que a história oral tem como premissa privilegiar as informações relacionadas às fontes testemunhais, além de produzir fontes oriundas dos depoimentos e narrativas, que são obtidas através da entrevista.

A cultura afro-brasileira caracteriza-se também pela sua multipluralidade, e, por esse motivo, podem ocorrer variações culturais de acordo com cada região do país. Nesse contexto, é pertinente compreender as expressões e manifestações dessa cultura em uma perspectiva antropológica, baseada no conceito de interpretação das culturas do autor Clifford Geertz (1989).

Neste estudo, também foi possível ampliar a discussão dos aspectos pertinentes à resistência da temática analisada, na perspectiva da disseminação dos elementos memorialísticos e identitários, a partir do protagonismo da Mestra batuqueira, maracatuzeira²¹, percussionista, aguerrida, antirracista e ativista das culturas de matriz africana.

Neste contexto, é provável que a partir do fortalecimento e visibilidade dos saberes de mestra Joana e das atividades promovidas pelo Movimento, identificam-se aspectos que tendem a promover o sentimento de reconhecimento e pertencimento cultural das comunidades afrodescendentes, de maneira especial das mulheres negras.

Para tratar das atividades e das ações realizadas pela Mestra e de suas relações com as atividades do movimento pesquisado, como fontes informacionais que propiciam a disseminação da memória e da identidade das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira, leva-se em consideração também, o *corpus* empírico, documentos eletrônicos e físicos, a exemplo do portfólio de mestra Joana Cavalcante, regimento interno do Maracatu Baque Mulher, composições das loas cantadas nas apresentações artísticas desse movimento, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, as zuelas do Mazuca da Quixaba, disponibilizadas nas plataformas digitais e redes sociais desses coletivos. E os pontos entoados nos rituais do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô.

Foram também consultados documentos, como estratégia para selecionar momentos específicos e significativos determinantes para o estudo. Muitas vezes, é preciso considerar documentos orais, não apenas os escritos, para melhor disseminar expressões e manifestações culturais dos antepassados, que são saberes ancestrais, habitualmente transmitidos pela oralidade (THOMPSON, 1992).

Segundo Benoît Habert, Adeline Nazarenko e André Salem (1997, p. 13), “os corpus orais transcritos ainda são raros: a transcrição propriamente dita, as escolhas e os custos que ela compreende freiam seu desenvolvimento, mesmo se ele parece mais acelerado nesses últimos anos”. Entende-se que há diferença nas etapas de descrição do documento oral em relação ao escrito, uma vez que, o primeiro confere

²¹ Ver Apêndice A.

fases descritivas e teorias distintas do segundo, ou seja, daqueles tradicionalmente utilizados na análise da documentação escrita.

Mirian Rose Brum de Paula e Gema Espinar (2000) versam sobre a necessidade de “se distinguir tanto o tipo de dados e os fenômenos analisados, como a maneira de os analisar, pois podemos utilizar dados orais sem respeitar uma abordagem pragmática da linguagem ou colocando de lado questões ditas tradicionais como as que concernem a morfossintaxe”.

Entende-se que a dimensão do documento oral abrange questões relacionadas ao valor histórico, no sentido de preservar a memória das pessoas, grupos e/ou sociedades, para evidenciar ou provar algum acontecimento. Observa-se que na CI esse tipo de documento é explorado ainda de forma tímida, embora seja relevante item documental nos acervos públicos e privados para preservar a memória de uma instituição jurídica ou pessoa física, a exemplo de mestras e mestres da cultura popular.

Nesse contexto, para compreender os conhecimentos artísticos e religiosos de mestra Joana Cavalcante e as atividades realizadas pelo Movimento como fontes informacionais para salvaguardar a memória e a identidade das expressões e manifestações de matriz afro-brasileira em Recife, recorre-se à história oral de vida, e à análise de conteúdo, à observação participante e às entrevistas realizadas, anteriormente destacadas.

Entende-se que toda a pesquisa é qualitativa, pois não é possível analisar, interpretar realidades, ou produzir teoria fragmentando a realidade. Não existe quantidade isolada ou qualidade isolada. Observa-se o objeto na sua integridade, tanto em seus aspectos qualitativos quanto quantitativos, pois é impossível separá-los (BUFREM, 2021).

As fontes informacionais consultadas foram analisadas para compreender as expressões e manifestações culturais do Maracatu Baque Mulher. Identificam-se informações referentes à memória das religiões de matriz africana, especificamente o candomblé nagô e a jurema sagrada²². Interpretam-se as relações de gênero e raça no maracatu, aspectos identitários das culturas negras, bem como seu processo histórico e social. Utiliza-se a análise de conteúdo para compreender os aspectos

²² Ver Apêndice A.

práticos dessas culturas. A pesquisa descreve e explica as expressões e manifestações afrodescendentes que envolvem o fenômeno estudado. Nesse contexto, o estudo se configura em pesquisa descritiva.

A coleta de dados consiste em observação participante, considerando as anotações realizadas no caderno, diário de campo. Utiliza-se a história oral de vida, método de pesquisa que incide em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea em alusão ao objeto de estudo.

Para Paul Thompson (1992), a historiografia da história oral tem quatro grandes momentos. O primeiro momento foi o do pós Segunda Guerra Mundial, quando a utilização dessa ferramenta renasce, com o aumento gradual de sua aceitação, e com a popularização de gravadores exercendo papel fundamental. O segundo momento, marcado pelo impulso dado à pesquisa teórica sobre história oral, dá-se em função das críticas que Thompson (1992) chama de aproximações “pós-positivistas”. Na década de 1980, surge a terceira grande mudança: a consciência da importância da interação entre entrevistadora/entrevistador e entrevistada/entrevistado para o resultado do projeto.

Evidencia-se atualmente o quarto momento, quando o avanço tecnológico, principalmente através da internet, possibilita que métodos de interpretação e gravação estejam em constante desenvolvimento. Afere-se que a história oral de vida pode constituir, construir a memória e a identidade das sujeitas, sujeitos sociais, pois as histórias pessoais são tão ou mais importantes do que a chamada grande história e, demonstra como a fonte oral pode ser utilizada, juntamente com os recursos investigativos (THOMPSON, 1992).

Como procedimento metodológico, registra e, portanto, perpetua impressões, vivências, lembranças das sujeitas investigadas que se dispuseram a compartilhar suas memórias com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido. Como revela Verena Alberti (1989), é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

A análise seguiu os procedimentos sugeridos por Laurence Bardin (2011). Segundo a autora, uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, pois ocupa-se de uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo

extraído das comunicações e sua respectiva interpretação. A análise de conteúdo consiste na aplicação de

[...] técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

É apropriado exemplificar que a análise de conteúdo compreende três fases alusivas ao processo de obtenção e análise das entrevistas aplicadas nesta pesquisa: a) pré-análise - associada à transcrição das entrevistas, noções preliminares do que se obteve; b) exploração do material - fase de análise intensa do material transcrito e estabelecimento de categorias e; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação - etapa em que ocorre a interpretação dos dados em consonância com o referencial teórico levantado, conforme aponta Bardin (2011).

O local geográfico desta pesquisa de doutoramento foi Recife-Pernambuco; João Pessoa-Paraíba; Florianópolis-Santa Catarina; Arcoverde-Pernambuco. O objeto analisado são os saberes, fundamentos ancestrais de mestra Joana e as atividades realizadas pelo Baque Mulher Recife, instituído e coordenado pela Mestra, reconhecida por ser pioneira no Brasil a liderar um grupo de feministas que tocam maracatu de baque virado.

Sendo assim, como explicitado antes, foram entrevistadas mestra Joana e 31 mulheres que compõem o Movimento. A perspectiva de análise na qual fundamentou-se permitiu observar a atuação das mulheres que tocam maracatu, expressão cultural de matriz africana enfatizada nessa pesquisa.

Isso porque, como Maria Aparecida Moura (2022) salienta, a partir do fortalecimento e visibilidade das feministas negras decoloniais, que marca fortemente o pensamento decolonial como mecanismo para combater o privilégio branco, centralidade dos poderes, conhecimentos, na perspectiva de libertar o campo do conhecimento, captou marcas de como mestra Joana e, o coletivo em tela que transmite o maracatu de baque virado, expressão cultural afrodescendente, revela aspectos que o designam como fonte de informação para disseminar a cultura negra no Brasil, de maneira especial em Recife.

A Mestra representa a Região Nordeste, especificamente Recife. Enquanto as 31 entrevistas, com 14 coordenadoras locais, 16 batuqueiras e uma dançarina, representam o Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Essa amostra levou em consideração as funções – coordenadora, batuqueira, dançarina dessas regiões do Brasil. Levou-se também em consideração que coordenadora e batuqueira integrem o mesmo grupo, ou seja, entrevistou-se a coordenadora e uma batuqueira do Baque Mulher Curitiba, capital do Estado do Paraná.

O critério de escolha dessas entrevistadas, considerou as integrantes do Baque Mulher Recife, Baque Mulher Arcoverde, Baque Mulher João Pessoa, sediados na Região Nordeste, uma vez que o Movimento foi fundado e tem sua matriz nessa região. E ainda das integrantes desse coletivo que participaram do IV Encontro Nacional Baque Mulher, realizado de 15 a 17 de novembro de 2019 na cidade do Recife, especificamente na Escola de Referência em Ensino Médio João Bezerra, situada à Rua Francisco Valpassos, s/n - Brasília Teimosa, Recife e as que vieram para participar do desfile oficial do Maracatu Baque Mulher, realizado no centro do Recife, pelo fato da pesquisadora residir na Região Nordeste e não ter condições financeira de viajar para as cinco regiões do Brasil.

Considerando esse critério, entrevistou-se apenas uma dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro e uma integrante da Região Norte, especificamente a coordenadora do Baque Mulher Manaus, com atuação no Estado do Amazonas, única filial atuante na Região Norte, uma vez que foram as únicas presentes nos eventos mencionados.

A presente pesquisa obedece aos seguintes critérios de inclusão e exclusão:

- a) critério de inclusão - integrantes do Maracatu Baque Mulher, foi entrevistada mestra Joana, representando a Grande Recife e 31 mulheres que são coordenadoras, batuqueiras e dançarina integrantes desse coletivo, conforme exposto no Apêndice F.
- b) critério de exclusão - foi considerado critério de exclusão a não participação frequente nas atividades do Movimento.

Por meio das respostas obtidas, foi possível apresentar o Maracatu Baque Mulher como fonte de informação na disseminação da memória e da identidade das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira à luz do fortalecimento

e visibilidade das narrativas e atividades das mulheres, possibilitando o alcance dos objetivos.

Para salvaguardar a identidade dessas mulheres, optou-se por substituir seus nomes próprios por nomes fictícios, os quais foram assim estruturados “Guerreira + um numeral + a região onde está localizado o grupo do Movimento que cada entrevistada integra”, como assim exemplificado: “Guerreira 21 do Norte”, único grupo atuante nessa região.

A escolha das integrantes foi intencional, priorizando as coordenadoras, batuqueiras e dançarinas de cada um dos grupos com efetiva atuação nas respectivas regiões do país. As coordenadoras locais coordenam e executam as ações deliberadas pela coordenação geral do Baque Mulher Recife, matriz do movimento pesquisado.

A forma utilizada para a obtenção das entrevistas junto às integrantes desse coletivo foi presencial nas residências das entrevistadas, no IV Encontro Nacional do Baque Mulher, realizado de 15 a 17 de novembro de 2019, em Recife. O contato também ocorreu pelo *Google Meetmeet* e por e-mail.

Utiliza-se a análise de conteúdo, e a técnica da observação participante, por promover a investigação social numa perspectiva de interação. Verifica-se a participação ativa das mulheres nas expressões e manifestações artísticas, ampliando e fortalecendo as discussões da cultura afro-brasileira em Recife.

Tal observação foi realizada desde abril de 2019 até a finalização deste doutoramento nas oficinas, ensaios, apresentações, *lives* do Movimento, especialmente no Baque Mulher Recife, Baque Mulher João Pessoa e, pela Nação do Maracatu Encanto do Pina, uma vez que a pesquisadora é participante dos grupos destacados e da nação citada, como maracatuzeira e coralista. E ainda das atividades realizadas pelo Maracatu Encantinho do Pina, Mazuca da Quixaba e, os rituais materializados pelo *Ylê Axé Oxum Deym*.

O registro dessa observação foi realizado em caderneta de campo e no celular pessoal da pesquisadora através das interações textuais nos grupos do WhatsApp: “Ação BM Recife²³”, “Agenda mestra Joana”, “Agregados do Oxum

²³ BM (Baque Mulher), grupo para divulgar as *lives* do projeto “Mulheres em Ação”, promovido pelo Baque Mulher Recife.

Deym²⁴”, “Ala da Dança”, “Aniversário do Coco Arcoverde²⁵”, “Apoio BM Recife”, “Baque Encanto”, “BM Carnaval 2021”, “BMJP-PB Apoiadoras²⁶”, “BMJP-PB Atuantes”, “BM Oficina Alfaia 23/03²⁷”, “BM Recife”, “BMPB Programa Metodologia²⁸”, “BMJP Informes”, “Carnaval 2021”, “Carnaval da Parceria”, “Carnaval Encantado Ano???”²⁹, “Carnaval Encanto 2023”, “Carnaval Resistência”, “Confra 2021³⁰”, “Coral BM Encanto”, “Família LGBTI³¹ Encantada”, “FIG 2022³²”, “Grupo do Grupo”, “Live 22/05 20h³³”, “Live BM 2022”, “Live Encanto 2021”, “Maracadrinh@s Encantad@s³⁴”, “Movimento FBV³⁵”, “MTK Encanto do Pina³⁶”, “Mulheres Batuqueiras”, “Nação Encanto do Pina”, “Niver mestra Joana³⁷”, “Organização Confra BM Recife³⁸”, “Organização FBV³⁹”, “Os filhxs da mãe Joana⁴⁰”, “Prestação de Contas”, “Produção

²⁴ Grupo criado com o objetivo de transmitir ensinamentos do candomblé nagô – religião de matriz africana e da jurema – religião de matriz indígena. Além disso, tem a finalidade de disseminar a programação das cerimônias religiosas realizadas pelo *Ylê Axé Oxum Deym* as filhas e filhos de santo desse terreiro e as/os simpatizantes das religiões supracitadas.

²⁵ Grupo criado para organizar a celebração de aniversário do grupo Samba de Coco Raízes de Arcoverde, sediado em Arcoverde, Pernambuco. Esse grupo é parceiro do Maracatu Baque Mulher.

²⁶ Baque Mulher João Pessoa, atuante no Estado da Paraíba. Grupo destinado as mulheres que apoiam esse movimento.

²⁷ Para disseminar informações da oficina de alfaia ministrada pela mestra Joana Cavalcante realizada em 23 de março de 2021 às 20h, no canal do *YouTube* da Mestra.

²⁸ Baque Mulher Paraíba, constituído pelo Baque Mulher João Pessoa e o Baque Mulher Campina Grande para organizar o I Encontro Estadual Baque Mulher, sediado na Paraíba.

²⁹ Grupo criado em 9 de março de 2021. As três interrogações foram inseridas pelo fato de mestra Joana Cavalcante não ter a certeza quando haveria o próximo carnaval, pois o Brasil e o mundo vivia no contexto da pandemia, consequência da Covid-19.

³⁰ Grupo criado para organizar a confraternização do final do ano de 2021 do Baque Mulher Recife.

³¹ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas trans e intersex, grupo criado para promover o diálogo de pautas referente a essas populações participantes da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

³² Festival de Inverno de Garanhuns 2022, grupo criado para disseminar informações referente a participação do Baque Mulher Recife nesse festival.

³³ Grupo criado para socializar informações das *lives* que ocorreram no mês de maio de 2021 às 20h, no canal do *YouTube* de mestra Joana Cavalcante.

³⁴ Madrinhas e padrinhos do Projeto Encantinho do Pina, promovido pela Nação do Maracatu Encanto do Pina. Tal projeto tem a colaboração do Maracatu Baque Mulher.

³⁵ Feministas do Baque Virado (FBV), grupo que constam todas as integrantes do Maracatu Baque Mulher. Mestra Joana precisou criar o Movimento FBV 2, porque o grupo 1 não comportou o expressivo número de mulheres participantes desse coletivo.

³⁶ Grupo criado para a equipe de Marketing elaborar artes de divulgação da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

³⁷ Grupo criado para organizar a celebração do aniversário natalício de mestra Joana Cavalcante.

³⁸ Grupo criado para organizar a confraternização do fim do ano de 2022 do Baque Mulher Recife.

³⁹ Grupo criado para planejar as atividades, ações e projetos do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher – Feministas do Baque Virado (FBV).

⁴⁰ Grupo criado para socializar informações entre as filhas e filhos de santo de mestra Joana Cavalcante, referente às atividades religiosas do *Ylê Axé Oxum Deym*.

e Arte EP-BM⁴¹”, “Projetos BM”, “Réveillon Família Deym⁴²”, “Réveillon Família Encantada⁴³”, “Revoada BM Recife”, “Salve a Corte Real”, “Nação Encanto do Pina Campeã⁴⁴”.

Além disso, foram pesquisados os grupos do Telegram intitulados: “Movimento Baque Mulher FBV” e “Encanto do Pina”. A partir dessa observação, foi possível obter outras fontes de informação, ampliando o recorte na delimitação do objeto pesquisado.

Como forma de atender aos objetivos, utiliza-se a entrevista como instrumento de obtenção dos dados, possibilitando interação entre a pesquisadora e as 32 entrevistadas, proporcionando uma relação de reciprocidade. Analisam-se os documentos, as atividades artísticas e religiosas efetivadas pela mestra Joana como também as realizadas pelo Movimento. Aplica-se entrevista com a Mestra e com 31 integrantes desse coletivo, por meio do contato direto com as entrevistadas, procurando ouvir suas próprias histórias.

As entrevistadas são designadas pelo adjetivo “Guerreira”, um número (1 ao 31) e a identificação da respectiva Região (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul, Sudeste) onde elas residem e atuam nas atividades realizadas pelo movimento pesquisado e, não tiveram os nomes revelados, exceto mestra Joana, que foi identificada, ver Apêndice F.

Foram então elaborados dois roteiros de entrevista contendo 15 questões cada roteiro, um direcionado à mestra Joana, demonstrado no Apêndice B, e outro às integrantes do Movimento, evidenciado no Apêndice C, os quais destacam idade, formação escolar, profissão, raça/etnia, religião, tempo de atuação, porque as integrantes continuam participando do Maracatu Baque Mulher e se esse coletivo contribui para o fortalecimento e visibilidade feminina nas expressões e manifestações de matriz afro-brasileira.

⁴¹ Encanto do Pina (EP), Baque Mulher (BM), codinomes da Nação do Maracatu Encanto do Pina e do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. Grupo criado para ser responsável em produzir e criar as artes das atividades, ações e projetos realizados por essa nação e esse coletivo.

⁴² Grupo criado para planejar a confraternização do fim do ano de 2021 das/os candomblecistas do *Ylê Axé Oxum Deym*.

⁴³ Grupo criado para organizar a confraternização do fim do ano de 2021 das batuqueiras, batuqueiros, colaboradoras e colaboradores da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

⁴⁴ Criado em 23 de fevereiro de 2023, quando a Nação Encanto do Pina foi agraciada com o título de “Campeã” no concurso da Nações de maracatu, promovido pela Prefeitura Municipal do Recife.

Além dessas 15 questões semiestruturadas nos roteiros de entrevistas, consta uma aberta/livre em relação as outras questões, possibilitando às entrevistadas acrescentarem aspectos que não contemplaram nos seus respectivos depoimentos e que consideraram pertinentes. O roteiro da Mestre teve questões específicas para ela na condição de mestra de maracatu Nação, idealizadora, fundadora e coordenadora geral do Movimento.

Quanto à fase de transcrição, envolveu procedimentos sob responsabilidade da própria entrevistadora. As passagens pouco audíveis foram colocadas entre colchetes, constando o termo “trecho inaudível”. Além disso, as dúvidas e os silêncios foram assinalados por reticências.

Destaca-se a entrevista (Apêndice B), voltada especificamente para os depoimentos orais e a história de vida da Mestre e seu protagonismo no coletivo pesquisado. Importante decisão, pautada na defesa de Paul Thompson (1992, p. 303) sobre a evidência oral, por assumir a forma de “histórias de vida”. Para esse autor a vida individual é um “veículo concreto de experiência histórica”, sem esquecer a evidência, em cada história de vida, cuja interpretação só é “plenamente compreendida como parte da vida como um todo”.

Tal entrevista atendeu à questão problema da pesquisa e, conseqüentemente, seus respectivos objetivos. Como apontam Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005), isso permite que a entrevistada fique à vontade e não se sinta obrigada a falar o que não deseja, mas falar livremente sobre suas atividades artísticas e religiosas, principalmente o papel desempenhado no Movimento.

A partir dos questionamentos das narrativas expostas nas entrevistas, evidencia-se a relevância do saber e conhecimento das integrantes nas ações promovidas pelo Maracatu Baque Mulher; como esse coletivo transmite as tradições afrodescendentes; quais os aspectos que designam as práticas do grupo analisado como fonte de informação para disseminar as expressões e manifestações culturais de matriz africana, especialmente, em Recife. E ainda apreender se às entrevistadas são compositoras das loas entoadas no repertório do coletivo em tela; quais delas considera mais representativa e por quê. Tais questionamentos constam tanto no roteiro de mestra Joana como no das participantes do Movimento.

No roteiro da Mestre foi enfatizado sua trajetória enquanto primeira e única mestra de maracatu Nação, quando foi fundado e como surgiu a ideia da criação do

Movimento, quantos grupos existem e como ocorre a expansão desse coletivo feminista. Todavia no roteiro das integrantes indaga-se ainda a influência de mestra Joana na trajetória artística das entrevistadas e por fim o que ela e o Maracatu Baque Mulher representam para às participantes desse movimento, principalmente para o cenário cultural do Recife.

Para tratar o Maracatu Baque Mulher e suas relações com os saberes artísticos e religiosos de mestra Joana Cavalcante, como práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira que contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes, recorre-se também aos documentos orais, conforme revelado anteriormente. A metodologia está estruturada em quatro etapas, expostas na Figura 4.

Figura 4 - Trajetória Metodológica

<ul style="list-style-type: none"> * Participação in loco nas atividades artísticas e religiosas de mestra Joana Cavalcante; * Participação in loco nas atividades do Baque Mulher Recife; * Participação in loco nas atividades do Baque Mulher João Pessoa; * Participação in loco no IV Encontro Nacional do Baque Mulher; * Participação nos desfiles oficiais do Maracatu Baque Mulher e da Nação do Maracatu Encanto do Pina; * Participação in loco nas atividades do Projeto Encantinho do Pina; * Participação in loco nas cerimônias religiosas do Ylê Axé Oxum Deym 	<ul style="list-style-type: none"> * Mapeamento das atividades artísticas de mestra Joana Cavalcante; * Entrevista com à mestra Joana Cavalcante; * Entrevista com as 31 integrantes do Maracatu Baque Mulher. <hr/> <ul style="list-style-type: none"> * Transcrição das entrevistas e depoimentos; * Análise das informações constantes nas redes sociais de mestra Joana Cavalcante; * Análise das informações constantes nas redes sociais do Maracatu Baque Mulher; <hr/> <ul style="list-style-type: none"> * Análise das entrevistas; * Análise dos depoimentos de mestra Joana Cavalcante; * Análise dos depoimentos das 31 integrantes do Maracatu Baque Mulher; * Análise dos dados.
---	--

Fonte: elaboração da autora (2021)

Essas etapas descrevem a participação da pesquisadora nas atividades, artísticas e religiosas de mestra Joana e nas ações realizadas pelo Movimento, especificamente, Baque Mulher Recife, matriz desse coletivo, como frisado anteriormente.

Tais atividades estão relacionadas com as que à mestra Joana, realiza no Maracatu Baque Mulher, na Nação Encanto do Pina, no maracatu mirim dessa nação,

Projeto Encantinho do Pina, no grupo cultural Mazuca da Quixaba e, no *Ylê Axé Oxum Deym*. À observação participante, possibilita a investigação social numa perspectiva de interação. Desse modo, foi possível partilhar e vivenciar, em certa medida, as atividades artísticas e religiosas desempenhadas pela Mestra e pelo Baque Mulher Recife.

Como nos alerta Herbert Souza (1984), o método da análise de conjuntura é um elemento basilar para o entendimento da realidade do acontecimento ou fato analisado. Utilizam-se a entrevista e a trajetória de mestra Joana, para entender a realidade das expressões e manifestações do Movimento, desenvolvidas a partir dos saberes ancestrais da Mestra, considerando a realidade e as peculiaridades dos fatos vivenciados, para melhor compreendê-los, analisando a conjuntura histórica, cultural, social, política, religiosa, educacional e de gênero que perpassam o cotidiano de mestra Joana, respeitando o método aplicado na respectiva análise.

Como já mencionado, a escolha do Baque Mulher Recife é consequência do fato da Mestra residir nessa cidade. A matriz do movimento analisado está sediada na Região Nordeste, que compõe o *corpus* dessa pesquisa, a partir das 32 entrevistas com as maracatuzeiras do Movimento. Nesse cenário, a escolha dos grupos foi em decorrência da acessibilidade as coordenadoras regionais e as batuqueiras dos respectivos estados, porém, considerando contemplar as cinco regiões do Brasil.

O Maracatu Baque Mulher é compreendido como disseminador da informação e do conhecimento referente às expressões e manifestações da cultura negra por meio das atividades artísticas e religiosas de mestra Joana e das integrantes do Movimento.

A análise das entrevistas destina-se a descrever o protagonismo e empoderamento feminista no maracatu de baque virado, por meio das narrativas feministas, na perspectiva da visibilidade e fortalecimento das mulheres, no que tange a produção e à disseminação dessa expressão cultural.

A realização dos áudios das entrevistas possibilitou uma frutífera interação com às entrevistadas, a interpretação dos dados considera o rigor científico. Os áudios que apresentam trechos com o volume de som reduzido, ruídos ou alguma interferência sonora foram escutados mais de duas vezes para conferir as informações registradas.

Através do contato direto com às entrevistadas e fazendo uso do gravador do celular pessoal da pesquisadora, foi possível ouvir suas próprias histórias, levantando

as informações indispensáveis para o desenvolvimento do estudo. Utilizam-se como procedimentos metodológicos as seguintes técnicas: análise de conteúdo e a história oral de vida, focadas, de modo especial, nas atividades artísticas e religiosas de mestra Joana e, conseqüentemente, na matriz do Movimento, Baque Mulher Recife, enquanto práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira que contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes.

Verifica-se nos depoimentos analisados que as atividades da Mestra são baseadas nos fundamentos do candomblé nagô, religião de matriz africana. Realiza-se um paralelo das concepções que convergiam sobre a atuação do Movimento em cada região do Brasil e a relação do protagonismo, empoderamento, fortalecimento e visibilidade das mulheres na disseminação das expressões e manifestações da cultura afrodescendente.

Nessa comparação, evidencia-se que mestra Joana fortalece e visibiliza as mulheres nas ações materializadas pelo Maracatu Baque Mulher por meio das suas vivências, na sua trajetória de vida na condição de mulher, educadora social, mestra de maracatu Nação, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*, coordenadora geral de projetos sociais, educacionais, artísticos, políticos e culturais, que realizam em parceria com esse coletivo e com a Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Impossível não descartar os prováveis limites das análises desses dados, embora não tenham sido medidos esforços para minimizá-los. Essas análises, em certa medida, são enviesadas por valores ideológicos decorrentes dos espaços em que se convive, ponderando as práticas culturais vivenciadas, conhecimentos empíricos adquiridos e classe social a qual pertence.

Esta pesquisa, considera a experiência pessoal, por compreendê-la uma forma singular e entender que um trabalho científico é também um ato político, e tende a ser respaldado nos conhecimentos empíricos e na essência humana de quem o escreve, portanto diz muito sobre a autora, seu posicionamento e como ela se vê no mundo, mas considerando o ímpeto investigativo, para legitimar a cientificidade da pesquisa em pauta.

Estima-se que as análises desta tese para ter coerência científica não podem referendar, exclusivamente, o desejo da pesquisadora, mas é preciso interpretar e compreender o que existe de fato nas entrelinhas dos dados analisados, possibilitando

decifrar a realidade dos acontecimentos com cautela, ética, rigor científico, responsabilidade social com a pesquisa, respeitando as narrativas, principalmente, as trajetórias de vida das entrevistadas.

É oportuno destacar que em pesquisa científica não é admissível generalizar acontecimentos, por exemplo, generalizar a percepção que se pode ter das expressões e manifestações culturais de matriz africana disseminadas no Nordeste, especificamente, em Recife, com as disseminadas na Região Sul do Brasil.

Não é cabível generalizar a percepção dos acontecimentos desta pesquisa, levando em consideração que cada região tem suas particularidades próprias, as generalizações tentem a induzir ao erro na análise dos dados da pesquisa, como afirmam Céli Regina Pinto e César Augusto Guazzelli (2008). Sabe-se que os fatos e os dados não falam por si mesmos. Partindo dessa premissa, a análise do material coletado, na medida do possível, é minuciosa, detalhista e criteriosa em relação ao tratamento e modos de representação dos dados analisados.

A realização da presente pesquisa corresponde aos preceitos éticos da Resolução 466/12 (2012) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), categorizados como: riscos; benefícios e local, forma e tempo mínimo de armazenamento dos dados obtidos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), ver Anexo A.

Esta pesquisa estabelece uma análise de como se efetivam o protagonismo, empoderamento, fortalecimento e a visibilidade das mulheres no que tange às expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, especificamente, em Recife. Identifica-se o protagonismo feminista na constituição dessa cultura no contexto nordestino e brasileiro. Posiciona-se, principalmente, em interface com os estudos da área da CI no que diz respeito à memória e à identidade, temas vinculados ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE).

O estudo reconhece que toda pesquisa envolvendo seres humanos pode conter riscos, como por exemplo, a possibilidade eventual de ocorrer algum constrangimento em relação ao não conhecimento da temática pela pessoa entrevistada. Nesse sentido, certifica-se que todas as perguntas das entrevistas dizem respeito ao

conhecimento e experiência vivenciada pelas entrevistadas em relação ao objeto pesquisado.

Nesta pesquisa não há benefícios diretos às entrevistadas, porém como benefícios indiretos o estudo apresenta as atividades artísticas e religiosas da Mestra e do Movimento, como práticas informacionais socializadoras na disseminação da memória e das identidades das populações afro-brasileiras à luz das narrativas feministas.

Os dados obtidos nas entrevistas gravadas, descritas no Apêndice F, ficarão armazenados em pastas de arquivo de computador pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Lúcia Tavares de Oliveira, pelo período mínimo de cinco anos.

Nesse sentido, a pesquisa foi traçada sob a ótica da valorização dos discursos e ideias das entrevistadas. Assim, considera-se o glossário elaborado a partir dessas narrativas um elemento necessário para enriquecer a análise e ampliar a discussão que mostra a relação de força estabelecida nas práticas analisadas e assinala o sentido da utilização de termos mais específicos, como o exemplo do "machista escroto", mencionado pelas entrevistadas.

Além disso, da utilização de um dicionário, quando necessário, ferramenta que contribuiu para a compreensão de termos universais bem como, para as considerações sobre a pertinência da utilização dos conceitos das entrevistadas, autoras e autores do quadro teórico desta tese.

A construção desse glossário disponibiliza informação sobre as expressões e manifestações culturais afrodescendentes da Mestra e do Movimento. Com apoio em Eliany Araújo (2001), compreende-se a informação como um recurso básico, fundamental e essencial, que precisa ser garantida pelo estado, sociedade civil organizada⁴⁵, OSCIP⁴⁶, ONG⁴⁷, associações, sindicatos, coletivos e movimentos.

Outro aspecto é sobre a disseminação dos relatos orais das 32 entrevistadas, no que tange às suas atividades e no conhecimento das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, que compõem parte da historiografia contemporânea. Sendo assim, foi necessário contextualizar as memórias e as identidades dessas entrevistadas (HALL, 2003).

⁴⁵ Conjunto de instituições voluntárias, que se unem objetivando o interesse de seus próprios membros, além disso, do bem da sociedade e o acesso a serviços, promovendo a sociedade as necessidades que não são supridas pelo Estado.

⁴⁶ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

⁴⁷ Organização Não Governamental.

Joël Candau (2019) compreendeu que memórias individuais e coletivas se confundem, assim como memória e identidade, pois não se pode desconsiderar que as sujeitas, sujeitos estão suscetíveis a sofrer influências, dos grupos a que pertencem e com os quais se identificam, bem como influenciá-los.

As narrativas das entrevistadas, constam no corpo dessa pesquisa para teorizá-las com as autoras e autores que compõe a fundamentação teórica desse estudo. Além disso, recorrer, caso necessário, a dicionário que está correlacionado com os objetos aqui já citados, elucidando determinadas terminologias enunciadas pelas entrevistadas.

A pesquisa em tela corrobora com a teoria do feminismo decolonial, vertente teórico-epistemológica que tem alargado as reflexões nos estudos latino-americanos, estimulando discussões relevantes para as diversas áreas do conhecimento que hoje ponderam os estudos feministas (HOLLANDA, 2020).

3 EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DA TRÍADE: INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA

Vem nesse baque de mulheres p'ra lutar, contra a desigualdade aqui e em qualquer lugar. De norte a sul os tambores ecoar na batida do coração baque rosa em ação. Vem nesse baque, baque rosa é união aqui ninguém solta ninguém na luta contra opressão⁴⁸.

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Os modos operantes da cultura patriarcal ao longo da existência humana interferiram nas manifestações culturais, conseqüentemente nas condições de vida das mulheres, na forma como a cultura negra é compreendida sob a ótica do colonialismo, racismo, machismo, patriarcalismo, multiculturalismo, intolerância religiosa, racismo religioso, apropriação cultural, tradições culturais africanas, na ressignificação, resistência da memória e identidade afro-brasileira (DAVIS, 2017), a exemplo do maracatu de baque virado (FIALHO, 2017).

Essas temáticas, relacionadas às estruturas das práticas culturais - religiões, crenças, costumes, tradições, músicas, danças e hábitos alimentares, são os múltiplos aspectos das formas de aquilombamento, ato de resistência à situação de escravização e das diversas formas de violência vivenciadas pelas comunidades originárias e tradicionais - indígenas, pescadores, ribeirinhos, extrativistas, quilombolas (BRASIL, 2016).

Temas relacionados aos direitos das populações afrodescendentes, de modo especial, mulheres negras e às práticas culturais dessas populações foram analisados pelas autoras Alcinéia Santos (2022), Katiusca Barbosa (2022), Maria Aparecida Moura (2022), Neiry Andrade (2022), Soraya Patrocínio (2022), Carla Maria de Almeida (2021), Harue Tanaka (2021), Kassandra Muniz (2021), Mariana Queiroz (2021), Viviane Moreira (2021), Franciéle Garcês da Silva (2020, 2019a, 2019b), Héveny Araújo (2020), Júlia Bernardes (2020), Lélia González (2020, 1982), Steffane Santos (2020), Flávia Diniz (2019), Grada Kilomba (2019), Joice Berth (2019), Joyce Lima (2019), Natércia Bambirra e Teresa Lisboa (2019), Sueli Carneiro (2019, 2005, 2003), bell hooks (2018, 2013, 2005, 1994), Camilla Gomes (2018), Djamilia Ribeiro

⁴⁸ Loa "Vem nesse baque de mulheres p'ra lutar", autoria de mestra Joana Cavalcante.

(2018, 2017), Luciana Ramos (2018), Maria Lúcia Prazeres (2018), Angela Davis (2017, 2016, 1998), Harue Tanaka, Katusca Barbosa e Luiza Oliveira (2017), Laís Fialho (2017), Nilma Gomes (2017; 2012b, 2012a, 2006), Patrícia Hill Collins (2016, 1991), Simone Beauvoir (2016), Ellen Koskoff (2014), Mirian Aquino (2013), Jurema Werneck, Nilza Iraci e Simone Cruz (2012), Lia Schuman (2012), Conceição Evaristo (2009), Judith Butler (2008, 2003), Solange Rocha (2007), Sonia Maria Giacomini (2006, 1988), Maria José Barbosa (2005), Heleieth Saffioti (2004), Elisa Nascimento (2003), Joselina da Silva (2003), Teresinha Bernardo (2003), Ruth Landes (2002), Carolina Maria de Jesus (2000), Helena Lopes (1996), Luiza Bairros (1995), Sandra Almada (1995), Beatriz Nascimento (1989), Rosalind Miles (1989), Juana Santos (1986), Neusa Sousa (1983), Olga Cacciatore (1977), entre outras intelectuais feministas e militantes do movimento negro, também citadas nessa tese.

A cultura do patriarcado, nomeadamente originária das desigualdades históricas entre mulheres e homens, estabelece uma estrutura que tende a potencializar uma epidemia de violência contra as mulheres. Essa epidemia atinge de forma mais impactante as negras, na sua maioria desprovidas de recurso financeiro, periféricas, semialfabetizadas, vivendo em situação de subemprego e, em condição de fragilidade material (MOURA, 2022).

Para além desse contexto cultural marcado pela violência de gênero e étnica, é válido destacar Margareth Menezes,⁴⁹ nordestina e negra, atual Ministra da Cultura do governo Lula⁵⁰, atual presidente do Brasil, em cerimônia transmitida ao vivo no dia 1 de janeiro de 2023. Esse vídeo teve 232.947 visualizações.

⁴⁹ Margareth Menezes da Purificação Costa nascida em Salvador é cantora, atriz, produtora, compositora e empresária brasileira. Em 1988, lançou seu álbum de estreia. Hoje, com sólida carreira como intérprete, vem ganhando prêmios dentro e fora do Brasil. Coleciona, na sua trajetória, vários momentos que marcaram definitivamente a história da música popular baiana e brasileira. Sua voz marcante percorreu todos os continentes, contabilizando 14 turnês internacionais e nove trabalhos lançados. Em 1980, Margareth descobriu os palcos através do teatro. Depois de turnê no interior da Bahia, a atriz passa a apresentar-se no Teatro Castro Alves, através do projeto Pixinguinha. Ela recebe, a partir daí, o convite para se apresentar no VIII Festival de Música do Caribe, realizado em Cartagena, na Colômbia, ao lado de Pepeu Gomes. De volta ao Brasil, recebe o convite de Djalma Oliveira, em 1987, para fazer uma participação em seu single, lançado como LP, onde interpretaram o primeiro samba-reggae gravado no Brasil, Faraó - Divindade do Egito, música de Luciano Gomes, vendeu mais de 100 mil cópias. Após o lançamento de seu primeiro single, Margareth assinou um contrato com a gravadora PolyGram do Brasil, que lança seu primeiro álbum autointitulado, em novembro de 1988. Em 2007 comemorou 20 anos de carreira e foi homenageada pelo então ministro da Cultura, Gilberto Gil, no trio Expresso 2222. Informação disponível em <http://www.carnaxe.com.br/history/////busca/margarethemenezes2.htm>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁵⁰ Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em 27 de outubro de 1945 na cidade de Garanhuns, interior de Pernambuco. Ele tem cinco filhos, é o sétimo dos oito filhos de Aristides Inácio da Silva e Eurídice

Silvio Almeida (2019) ilustra a história da discriminação racial na formação da sociedade brasileira, focando nas questões relacionadas ao racismo estrutural, compreendendo-o como um mecanismo complexo, que cria processo de vulnerabilidade e poder, além disso, provoca impactos irreparáveis no âmbito individual. O autor faz uma relação desse racismo com a economia e a educação. Ele também apresenta caras e pertinentes reflexões sobre o Estado racista na perspectiva da garantia do direito da comunidade negra, ao abarcar o debate sobre “consciência de classe” e “as configurações socioculturais” que conferem os privilégios de uma parcela da sociedade que se autodeclara branca. Em 22 de dezembro de 2022, foi anunciado como o Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do segundo governo Lula, iniciado em 2023, quando o presidente assumiu seu terceiro mandato.

Constata-se na literatura autoras e autores que corroboram e convergem com essa linha de pensamento, entre eles destacam-se Neiry Andrade (2022), Carla Maria de Almeida (2021), Héveny Araújo (2020), Júlia Bernardes (2020), Sidnei Nogueira (2020), Tatyana Anselmo (2020), Valdir Silva (2020, 2019, 2011), Natércia Bambirra;

Ferreira de Mello. Em 1952, a família de Lula migrou para o litoral paulista, viajando 13 dias num caminhão "pau de arara". Morou em Vicente de Carvalho, bairro pobre do Guarujá, foi alfabetizado no Grupo Escolar Marcílio Dias. Em 1956, a família mudou-se para São Paulo, passando a morar num único cômodo, nos fundos de um bar, no bairro de Ipiranga. Aos 12 anos de idade, conseguiu seu primeiro emprego numa tinturaria, também foi engraxate e office-boy. Com 14 anos, começou a trabalhar nos Armazéns Gerais Columbia, onde teve a carteira de trabalho assinada pela primeira vez. Transferiu-se depois para a Fábrica de Parafusos Marte e obteve uma vaga no curso de torneiro mecânico do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O curso durou três anos e Lula tornou-se metalúrgico. A crise após o golpe militar de 1964 levou ele a mudar de emprego, passando por várias fábricas, até ingressar nas Indústrias Villares, uma das principais metalúrgicas do país, localizada em São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Começou a ter contato com o movimento sindical, através de seu irmão José Ferreira da Silva, mais conhecido por Frei Chico. Em 1975, Lula foi eleito presidente do sindicato com 92 por cento dos votos, passando a representar 100 mil trabalhadores. Em 1978, foi reeleito presidente do sindicato e, após dez anos sem greves operárias, ocorreram no país as primeiras paralisações. Em março de 1979, 170 mil metalúrgicos pararam o ABC paulista. A repressão policial ao movimento grevista e a quase inexistência de políticos que representassem os interesses dos trabalhadores no Congresso Nacional fez com que Lula pensasse pela primeira vez em criar um partido político para representar os trabalhadores. Em 10 de fevereiro de 1980, fundou o PT, juntamente com outros sindicalistas, intelectuais, políticos e representantes de movimentos sociais, como lideranças rurais e religiosas. Em agosto de 1983, participou da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). No ano seguinte participou da campanha das "diretas-já" para a Presidência da República. Em 1986, foi eleito o deputado federal mais votado do país, para a Assembleia Constituinte. Em 1989, disputou a Presidência da República, perdeu a disputa, no segundo turno, por pequena diferença de votos. Em 27 de outubro de 2002, aos 57 anos de idade, com quase 53 milhões de votos, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito Presidente da República Federativa do Brasil. No dia 29 de outubro de 2006, foi reeleito presidente da República com mais de 58 milhões de votos, a maior votação da história do Brasil. Informação disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Teresa Lisboa (2019), Silvio Almeida (2019, 2016, 2006), Waschington Guedes (2018), Kabengele Munanga (2015, 2012, 2009, 2005, 2004, 2003, 2002, 1999, 1998, 1990), Achille Mbembe (2014), Vagner Silva (2013, 2007, 2005, 2002, 1994), Pierre Verger (2012), Teresinha Bernardo (2003), Erisvaldo dos Santos (2008), Antônio Guimarães (2008, 2004), Frantz Fanon (2008, 1968), José Siqueira (2006), Ivaldo Lima (2005), Abdias Nascimento (2004, 1978), Nei Lopes (2004, 1996, 1992, 1989), José Beniste (2002), Wilson Barbosa (1999), Heloisa Gomes (1988), Volney Berkenbrock (1997), Luiza Bairros (1995), Sandra Almada (1995), Sérgio Ferretti (1995), Alberto Mussa (1989), Roger Bastide (1989, 1973, 1961), Wilton de Souza (1987), Oracy Nogueira (1985), Clóvis Moura (1983), Edison Carneiro (1981, 1978), Vivaldo Lima (1976), Gilberto Freyre (1968, 1952), Florestan Fernandes (1965) e Stephen Bantu Biko (1990), conhecido como Steve Biko⁵¹, a partir dos seus panfletos intitulados “Escrevo O Que Eu Quero”. Tais panfletos foram transformados em um livro com esse mesmo título, após o assassinato desse herói do movimento de libertação do povo da África do Sul (BIKO, 1990).

É pertinente destacar que, o autor Oracy Nogueira, no livro “Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais” (1985), avalia o preconceito racial no que tange aos descendentes de africanos, Nogueira explicita como se estabeleceu o processo de racismo no Brasil e nos Estados Unidos. Na obra “Os condenados da terra”, Frantz Fanon (1968), revela a força do pensamento político revolucionário na crença de que o conhecimento só existe pela ação, ao afirmar que,

É a luta que, ao fazer explodir a antiga realidade colonial, revela facetas desconhecidas, faz surgirem significações novas e põe o dado nas contradições camufladas por essa realidade. O povo que luta, o povo que, graças à luta, dispõe dessa nova realidade e a conhece, avança, libertado do colonialismo, prevenindo antecipadamente contra todas as tentativas de mistificação, contra todos os hinos à nação [...]. Sem essa luta, sem esse conhecimento na práxis, só há carnaval e fanfarras (FANON, 1968, p. 171).

Considera-se tais intelectuais como autoras e autores seminais nas discussões teóricas sobre vários estudos subalternos e, nesta tese de doutoramento, expõe-se uma reflexão sobre as divergências e convergências de suas teorias. Aqui não há a

⁵¹ Foi brutalmente assassinado em 12 de setembro de 1977 pela polícia racista do apartheid. Os cinco policiais que o torturaram só confessaram o crime 20 anos após sua morte.

preocupação em discutir as concepções ou o conceito de cultura, mas da relação entre cultura, sociedade e CI, tendo como ponto de partida a apresentação de um referencial coerente com essas autoras e autores seminais.

Com esse propósito, a informação sobre a memória étnico-cultural se apresenta como uma ferramenta indispensável para compreender e constituir identidade cultural negra. Concebe-se a informação como um instrumento imprescindível para a disseminação do conhecimento, a exemplo do alargamento e salvaguarda das expressões e das manifestações afrodescendentes, nos aponta Henry Oliveira (2010), uma vez que a informação também influencia na constituição, reconstituição da memória individual e coletiva, assim como na ressignificação das identidades étnico-culturais (HALL, 2003).

Nessa perspectiva, afere-se que às expressões e manifestações de matriz africana são fontes de informação para disseminar as práticas ancestrais, buscando reconstituir a memória e identidade da população afrodescendente possibilitando, inclusive, transformar os papéis de gênero até então vigentes nas Nações de maracatu, considerada sob a ótica do protagonismo feminista, empoderamento e participação feminina nessa expressão cultural (BERNARDES, 2020).

Na perspectiva de gênero e raça, as mulheres afrodescendentes são e continua sendo importante para a construção do maracatu de baque virado, pondera Alcinéia Santos (2022). Além disso, em outras expressões culturais que compõem o arcabouço das manifestações de matriz africana, a exemplo das vestimentas, culinárias, danças e músicas da cultura afro-brasileira.

As autoras Harue Tanaka, Kátiusca Barbosa e Luiza Oliveira (2017) ressaltam a invisibilidade do gênero feminino no âmbito musical. As autoras sinalizam que historicamente o campo da música é tratado essencialmente como um campo de atuação masculino.

Houve uma transformação nesse campo, ou seja, o paulatino protagonismo feminista no universo musical e percussivo tem possibilitado às mulheres o protagonismo nas atividades por elas realizadas, inclusive nas múltiplas expressões culturais. Kátiusca Barbosa (2022), aponta que as mulheres sob a ótica do fortalecimento, visibilidade e sentimento de pertencimento nas questões identitárias na condição de mulheres afrodescendentes, disseminam desta forma, a cultura afro-brasileira, protagonizando as manifestações das culturas negras.

Tanaka, Barbosa e Oliveira (2017) argumentam que as mulheres têm o direito de compor, tocar instrumentos percussivos e melódicos, dançar, cantar e exercer as profissões que histórica e socialmente são restritas ao universo masculino, como por exemplo, se tornarem profissionais musicistas, tocando instrumentos de percussão, a exemplo da alfaia, comumente denominada de tambor, tocado no maracatu.

De acordo com Heleieth Saffioti (2004), mesmo diante de tanta desigualdade de gênero e classe, as mulheres vêm, aos poucos, de forma persistente, quase como em uma luta diária, conquistando espaços na sociedade.

Neuma Aguiar (2000), aponta o significado do conceito de patriarcado no pensamento social brasileiro, afirma que o sistema de dominação é arquitetado de forma ampla, agrupando dimensões referente a sexualidade, reprodução e relação entre mulheres e homens em uma perspectiva escravista.

Patriarcado é um dos conceitos que vem despertando grande produção na literatura intelectual feminista recente e que também tem ocupado um lugar central no pensamento social brasileiro. Os debates intelectuais sobre esse tema, em cada uma dessas tradições analíticas, pouco se cruzam, dada a marginalidade conferida ao pensamento feminista nas Ciências Sociais no Brasil e a negligência do pensamento feminista local em esmiuçar os pressupostos teóricos clássicos ou aplicados à situação local para o estudo das relações entre homens e mulheres (AGUIAR, 2000, p. 303).

Para essa autora, as sociedades tendem a sobrepor o público do privado, fato que perpetua as estruturas patriarcais nas relações de gênero. No que tange as sociedades patrimoniais, a familiaridade entre público e privado não locrou êxito no que se refere a participação política e/ou econômica das mulheres nesse campo, uma vez que é nítido a conjuntura de um patrimonialismo patriarcal. Já para Carole Pateman (1988), o patriarcado é um sistema de poder análogo ao escravismo.

Segundo Katiusca Barbosa (2022), as mulheres musicistas, percussionistas e compositoras estão se articulando cotidianamente em grupos de pesquisa, associações comunitárias, movimentos de mulheres, cooperativas, sindicatos, grupos culturais e de percussão. Na concepção dessa autora, é urgente e necessário que a sociedade considere e valorize o protagonismo das mestras da cultura popular brasileira, possibilitando que elas se fortaleçam e se inteirem cada vez mais dessa

expressão que caracteriza um conjunto de elementos culturais específicos do Brasil (BARBOSA, 2022).

Acredita-se que, a partir desse protagonismo das mulheres nos espaços de decisão acerca das políticas culturais de matriz afro-brasileira, possivelmente há uma variação nas práticas sociais, culturais e operantes relacionadas com as expressões e manifestações culturais populares, praticadas e disseminadas pelas populações negras. Esse contexto traz uma mudança de mentalidade dessas culturas frente à “cultura de massa”, ovacionada pela mídia, de modo um tanto equivocado (ADORNO; HORKHEIMER, 1982).

Compreende-se que às expressões e manifestações culturais negras, práticas compreendidas como remanescente a “cultura de massa”, que historicamente constata-se um estado de subserviência/subordinação - está à margem da sociedade, em detrimento das disseminadas pela mídia, que já no século passado era alvo da crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1982).

Para Maria Nazareth Fonseca (2001), a cultura da população negra é marcada pela ocultação das suas expressões e manifestações, a qual é pautada pelo discurso do eurocentrismo⁵² de expor a memória da negritude regulada nos valores culturais da Europa. Concordando com Terry Eagleton (2011, p. 28-29), quando o autor afirma “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”.

Ao considerar a complexidade do entendimento do termo cultura, Eagleton (2011) relaciona o conceito evocado por essa palavra, comparando-o ao que se passa no íntimo de cada sujeita, sujeito. Na obra “Dialética da Colonização”, o escritor Alfredo Bosi (1992) defende a tese de que a cultura perpassa o plano da subjetividade, surgindo a partir das relações e ações das mulheres e homens ao se comunicarem entre si, conseqüentemente, com o povoamento das terras. Logo, para que houvesse cultura, deveria haver primeiro a colonização da humanidade. Sendo assim, cultura tem um significado amplo, abrangendo desde o que se quer cultivar, até a transmissão de valores e conhecimentos para as gerações futuras (BOSI, 1992).

⁵² Referência ao livro de Samir Amin. Referência bibliográfica: AMIN, Samir. **Eurocentrismo: crítica de uma ideologia**. Lisboa: Dinossauro, 1994.

Carlos Brandão (2008, p. 35) vê a cultura sob uma perspectiva de vocação multicultural, compreendendo que “[...] as culturas humanas são diferentes, mas nunca desiguais. São qualidades diversas de uma mesma experiência humana, e qualquer hierarquia que as quantifique e estabeleça hierarquias é indevida”.

No campo dos direitos culturais, Alain Touraine (1998, p. 22) preconiza que a forma de reconhecimento das identidades, pode ser defendida democraticamente, haja vista que “a democracia é o Estado laico secularizado”. O autor ainda afirma que o direito às manifestações identitárias é um princípio para assegurar a igualdade no âmbito da diversidade, mas cada cultura em particular é universal, mesmo considerando as particularidades existentes em cada uma (TOURAINÉ, 1998).

Ao se falar em cultura, mais precisamente, nas expressões e manifestações culturais de matriz africana, constatam-se alguns conceitos ou categorias que evidenciam a forma como o tema em questão é representado na e, pela sociedade. Compreende-se essa representação na perspectiva do multiculturalismo democrático, pautado na tese de Touraine (1998). O autor atina para uma provável heterogeneidade, que tende a possibilitar a comunicação entre as diferenças sociais e culturais, substanciando o conceito do multiculturalismo, bem como assinala que a sociedade adapta o seu futuro através de mecanismos estruturais e das próprias lutas sociais estabelecidas socialmente.

A memória e as identidades afro-brasileira são construídas, reconstruídas socialmente e provenientes de conhecimento forjado na relação entre todas e todos. Considera-se pertinente refletir como os termos em tela são compreendidos no imaginário individual e coletivo das pessoas.

Percebe-se que a memória coletiva além de ser uma conquista social é também um instrumento de poder, estabelecido pela própria sociedade (CANDAUI, 2019). No que tange à construção da identidade, Manuel Castells (1999) pondera que há uma distribuição entre três formas e origens dessa fonte de significado e experiência, a saber:

- a) identidade legitimadora - imputada pela classe dominante/influente para alargar e nutrir sua preponderância em relação as sujeitas, sujeitos sociais que não têm essa ascendência;
- b) identidade de resistência - cunhada a partir de uma força opositora das sujeitas, sujeitos em situação de subordinação/obediência;

- c) identidade de projeto - incide quando sujeitas, sujeitos ponderam a comunicação, compreendo-a como o meio viável para construir uma nova identidade, de tal modo, que seja possível redefinir a situação da sujeita, sujeito na sociedade (CASTELLS, 1999).

Há uma aproximação entre memória e identidade, exemplificada por Jacques Le Goff (2013, p. 435) ao considerar a memória como “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Para esse autor memória e identidade tem uma intrínseca relação.

Nessa perspectiva às expressões e manifestações da cultura afro-brasileira não apenas nos levam a recordar o passado, mas demonstram sua relação intrínseca com a memória, sendo responsável pelo processo de reconstrução dos fatos e períodos passados, corroborando com o entendimento de Joël Candau (2019).

Entende-se por memória “aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”, assevera Carlos Azevedo Netto (2008, p. 12). Paul Thompson (1992, p. 17) nos diz que “a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.

Na obra “Memória e Identidade”, Candau (2019), explica as diversas formas de memória, a saber: individual, coletiva, familiar entre outras. O autor tenta fazer uma antropologia da relação entre memória e identidade. Explicita o conceito de memória em três níveis: protomemória, memória de evocação e metamemória.

Apreende-se que a protomemória tem, em certa medida, relação com o *habitus*, “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas”, assevera Pierre Bourdieu (2009, p. 87), uma vez que “o *habitus* depende da protomemória”, como afirma Candau (2019). Nessa perspectiva, o primeiro nível da memória defendido por esse autor tem uma intrínseca relação com a tese defendida sobre *habitus*, por Bourdieu (2009).

Já o segundo nível, memória de evocação, é o processo de localizar e acessar acontecimentos, fatos, lembranças a partir de conhecimentos prévio. O terceiro nível, metamemória, é a capacidade que todas e todos têm de representar suas próprias lembranças, baseadas no sentimento de pertence dos fatos e acontecimentos do

passado, de acordo com Candau (2019). Para esse autor, memória tem um papel fundamental na formação das identidades, uma vez que a memória das sujeitas, sujeitos é baseada no que a sociedade escolhe lembrar ou esquecer.

Fatos que a sociedade decide enfatizar como lembrança e, busca esquecer seu impacto histórico, vai legitimar ou deslegitimar comportamentos, discursos, atitudes, cerimônias, inclusive direcionamentos políticos e sociais das mulheres e homens pertencentes a essa sociedade, afiança Candau (2019).

Com esses pressupostos, entende-se a memória como indissociável da identidade, pois não existe busca identitária sem a memória e a busca guiada pela memória acaba trazendo um sentimento de identidade. A partir desse pressuposto, memória tanto é individual como coletiva, uma vez que, conforme Candau (2019), a memória também é um conjunto de representações coletivas.

Segundo Manuel Castells (1999, p. 22), identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo”. Dessa forma, podemos inferir que a identidade é construída a partir das relações sociais estabelecidas historicamente. Corroborando com Wanderly de Souza (2018), portanto, a identidade não é adquirida biologicamente, mas historicamente.

Candau (2019), por sua vez, explica as relações estabelecidas entre as distintas dimensões da memória na construção das identidades. Nessa perspectiva, as identidades, de certo modo, são desenvolvidas e modificadas ininterruptamente, em relação às configurações pelas quais as pessoas são representadas ou interpeladas nos sistemas culturais em que estão inseridas.

De acordo com Zacarias Gama (2017), para se efetivar o direito das sujeitas, sujeitos no âmbito da democracia pluralista, uma condição *sine qua non* é que lhes garantam meios para experimentar, eleger, consumir e se movimentar sem serem manipuladas, manipulados ou impedidas, impedidos de alcançar seus objetivos. Esse autor considera o atual modo de produção fluído e proveniente de um capitalismo tardio. Porém, como um contraponto, possibilita a todas e todos se capacitarem, para se fortalecerem e se tornarem capazes de atingir sua autorrealização.

Esse estudo assinala as questões relacionadas à exploração que estão presentes nas lutas identitárias, como por exemplo as relações de exploração, ações racistas, intolerância religiosa e violências vivenciadas pelas entrevistadas. Se averigua uma identidade de classe, há um confronto de classes que comprova a luta,

evidenciando as “relações de forças” e o “poder simbólico” que se identifica no campo analisado, ainda segundo Pierre Bourdieu (1997).

Constata-se que uma sociedade, pautada ainda pela estrutura social do machismo e patriarcado, conserva uma tendência de justificar toda e qualquer forma de preconceito e violência que as mulheres venham passar (DAVIS, 2016). Frente a isto, Heleieth Saffioti (2004) assevera que esse pensamento é equivocado e determinado pelo patriarcalismo estruturante e dominante. Nessa direção, podemos considerar pertinente garantir e efetivar os direitos das mulheres, em todos os aspectos, inclusive nas expressões e manifestações da cultura afro-brasileira.

Contudo, cumpre salientar a posição de prestígio alcançada por coletivos e movimentos feministas da cultura supracitada, especialmente no Nordeste com a criação do Maracatu Baque Mulher, em Recife, entre outros mencionados anteriormente. As mulheres se tornaram compositoras, cantoras, percussionistas, batuqueiras, maracatuzeiras, mestras da cultura popular e agentes sociais ativas na produção e disseminação das expressões e manifestações de matriz africana, se posicionando contra a ordem imposta pelo patriarcado, arguido por Joan Scott (1995), mas ainda predominante.

A cultura brasileira é compreendida como “popular” e “erudita”. A primeira abarca o conjunto de conhecimentos, saberes e fazeres que são constituídos a partir da interação entre as sujeitas, sujeitos, tomando como referência as lendas, mitos e tradições do país. Já a segunda é produzida e prestigiada por quem tem maior poder aquisitivo, fato que a diferencia da cultura popular.

Raymond Williams (1992) recusa o processo de distinções terminológicas entre “cultura popular” e “cultura erudita”. Essa recusa talvez se deva ao destaque da cultura no capitalismo, como reprodutora devido à hegemonia, enquanto a classe revolucionária, o proletariado, favorece o surgimento de ideias revolucionárias, incluindo o referencial teórico do marxismo. Desse modo, distinguem-se a classe intelectual e esferas sociais geradoras de um processo de separação na produção intelectual, realizada pelos especialistas, e a produção cultural do resto da população, gerando a distinção entre noosfera e as representações cotidianas, bem como entre a arte erudita e a arte popular, entre outros processos similares. O autor, coloca no centro do debate uma crítica da “cultura erudita”.

A cultura afro-brasileira ganha espaço no panorama cultural, uma vez que não é considerada, exclusivamente, como parte de um passado histórico, “mas expande horizontes nos estudos de memória e cultura no campo da Ciência da Informação”, assevera Carla Maria de Almeida (2021, p. 25).

Nesse prisma, cultura negra constitui o presente e constituirá o futuro da cultura das civilizações afrodescendentes disseminadas no Brasil, de modo especial, considerando os estudos pelo prisma da tríade: *informação, cultura e memória* no campo da CI, alargando o debate no que tange as expressões e manifestações culturais predominantes no país e originárias da cultura africana (SOUZA; MUNIZ, 2017).

Katiusca Barbosa (2022) compreende as expressões e manifestações afro-brasileira como múltiplas dimensões, entendendo inclusive que os grupos de cultura popular do Nordeste estão ligados a cultura e identidade quilombola. Observa-se que esses grupos tendem a reconhecer, compreender, estimular e incentivar as ações culturais desenvolvidas por mulheres que promove a disseminação das culturas negra.

4 TRAJETÓRIA DOS MARACATUS EM PERNAMBUCO

Mãe Helena, vó Quixaba é o axé desse *ilê*. Toca o bombo batuqueiro, roda a baiana que eu quero ver. Toca o bombo batuqueira, roda a baiana que eu quero ver. Dama do Paço segura o compasso, quebra baqueta, balance o agbê. Toca caixa responde o gonguê, Encanto do Pina é Nação p'ra valer. Toca caixa responde o gonguê, Encanto do Pina é o axé do dendê⁵³.

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Descrever a trajetória dos maracatus no Estado de Pernambuco, mesmo sucintamente, é rememorar a essencial manifestação do carnaval pernambucano e a ancestralidade da população negra (FRANÇA FILHO, 2016). Nesta direção, o ponto de vista da antropóloga Katarina Real (1990), ao afirmar que “com os maracatus adentramos na parte mais complexa do carnaval pernambucano, repleto de mistérios, segredos e magia”.

É pertinente lembrar que, em 10 de agosto de 2015, Jurema Machado, a então presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na qualidade de Presidenta do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, no uso de suas atribuições, e em decorrência da inscrição no livro de Registro das Formas de Expressão em 3 de dezembro de 2014, confere o título de Patrimônio Cultural do Brasil ao Maracatu Nação (Apêndice P).

Evidencia-se nos maracatus Nação os fundamentos do candomblé, ritual do sincretismo religioso e o mais antigo ritmo afro-brasileiro, que tem seus mistérios, segredos, magias e sua própria ciência (ALMEIDA, 2021). Tradicionalmente nos maracatus Nação há um forte componente religioso, de modo especial, com a religião do candomblé. Essa expressão cultural com origem em Pernambuco, na Região Nordeste do Brasil, abarca ritmo musical, dança e ritual de sincretismo religioso, expressão de matriz africana e propagada pelas afro-pernambucanas, pelos afro-pernambucanos (PRAZERES, 2018).

Além disso, os maracatus “têm uma longa e complexa história, da qual muitos negros e negras naturais de Pernambuco se orgulham. Hoje essas nações são

⁵³ Loa “Mãe Helena, vó Quixaba”, autoria de mestra Joana Cavalcante.

responsáveis pela afirmação de uma identidade negra”, destaca o INRC (2011). Tal inventário apresenta os seguintes maracatus: maracatu Nação, conhecido como maracatu de baque virado e o maracatu de baque solto ou maracatu rural classificado por César Guerra-Peixe (1980) como maracatu de orquestra.

O INRC (2011) assevera que “os maracatus Nação também têm sido fundamentais na afirmação de uma identidade negra, contribuindo para a valorização da cultura feita pelos afrodescendentes em Pernambuco e em todo o Brasil”. É curioso evidenciar que, no Dicionário do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) publicado em 2016, não consta a definição da palavra maracatu, no site do Iphan, unidades especiais, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e, então, encontra-se no Tesouro de Folclore e Cultura Popular, cinco entradas para maracatu:

- a) 1 - Maracatu onde encontramos: folguedo inspirado na tradição africana, com seus préstitos que saem em cortejo nos dias de carnaval. O rei e a rainha desfilam sob um pálido e com uma boneca que é levada por "Dama da Corte", cantando e dançando, ao som de instrumentos, geralmente, de percussão. Sobre os termos identificamos três categorias: I) termo genérico - folguedo; II) termos específicos - maracatu de baque solto e maracatu de baque virado; III) termos associados - afoxé, ala das baianas, calunga, cambinda, carnaval e desfile carnavalesco. Em relação aos objetos digitais destaca-se o vídeo “Maracatu Leão Coroado”, autoria de Wagner Simões, produzido em 1987, pertencente ao acervo do CNFCP.
- b) 2 - Maracatu de baque solto onde encontramos: maracatu dos engenhos pernambucanos, que se apresenta, geralmente, com caboclos de lança, caboclos de pena, estandarte, damas de frente e cordão feminino liderado por uma dama conduzindo uma calunga. Entoa as músicas com acompanhamento de orquestra de percussão e sopro - baque-solto, comumente chamado de maracatu rural. Nesse baque, maracatu é um termo genérico e calunga é um termo associado.
- c) 3 - Maracatu de baque virado onde encontramos: maracatu representando nação africana. Apresenta-se com rei, rainha e figuras da corte, em trajes luxuosos inspirados no que seria uma corte real

portuguesa. É liderado por porta-estandarte e Dama do Paço, conduzindo uma calunga. A ala do batuque vai atrás do cortejo, com instrumentos de percussão - alfaia, mineiro, agogô e caixa. A apresentação da calunga e a bênção da espada feita pela rainha são os pontos culminantes desse folguedo. Usualmente chamado de maracatu Nação, assim como o maracatu rural/baque solto, averigua-se que maracatu é um termo genérico e, calunga um termo associado.

- d) 4 - Maracatu Nação: que nos remete ao maracatu de baque virado;
- e) 5 - Maracatu rural: que nos remete ao maracatu de baque solto.

Segundo Francisco Costa (1908), em Pernambuco o maracatu Nação surgiu como manifestação cultural e religiosa nos tempos do tráfico e escravidão. Trata-se de um feito de reconstituir as festas em alusão a coroação de rainhas negras e reis negros, pertencentes ao Rei do Congo. Alexandre L'Omi L'Odò, que produziu o evento “Coroação da rainha e do rei do Maracatu Raízes de Pai Adão”, postou em seu blog informações sobre como seria o dia dessa coroação, e a equipe do Inventário Cultural dos Maracatus Nação separou alguns trechos no blog desse inventário dos quais se destacam:

No dia 6 de dezembro de 2011 a enfermeira particular e cuidadora de idosos, Lígia Rosalina da Silva irá trocar as roupas brancas pela bela vestimenta e coroa de Rainha do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. A linhagem de Sabino Felipe da Costa mantém há mais de um século a tradição Nagô em Recife, tendo suas raízes presentes em praticamente todo o Nordeste. A Família irá realizar a festa de coroação junto com toda a corte em frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos, no bairro de Santo Antônio, centro do Recife às 19 horas⁵⁴.

Como afirma César Guerra-Peixe (1980, p.13),

A notícia mais remota até há pouco conhecida sobre a instituição dos Reis do Congo em Pernambuco, data de 1711, em Olinda [...] todavia, os documentos encontrados há pouco na Igreja do Rosário em Recife revelam que a eleição e a coroação já haviam ocorrido neste lugar antes de 1711. Se as eleições de soberanos eram processadas em virtude da funcionalidade da instituição dos Reis do Congo, não parece arrojado presumir o seu estabelecimento desde pelo menos, 1674.

⁵⁴ Informação disponível em: [Inventário Cultural dos Maracatus Nação: dezembro 2011 \(inventariomaracatusnacao.blogspot.com\)](http://inventariomaracatusnacao.blogspot.com). Acesso em: 19 dez. 2022.

Diante dessas citações, aferimos que o maracatu é uma manifestação ancestral surgida no estado pernambucano. Há que se ressaltar que maracatu Nação conhecido também como maracatu de baque virado - manifestação cultural composta por grupos percussivos que desfilam nas ruas evocando as antigas coroações de reis e rainhas do Congo africano, à frente do cortejo vem o porta-estandarte e atrás a Dama do Paço, que conduz a calunga, protetora ligada ao candomblé⁵⁵. Já o maracatu rural conhecido também como maracatu de baque solto - uma das expressões tradicionais da cultura tradicional pernambucana, resultante da mescla de tradições afroameríndias e ibéricas⁵⁶. Para Hélio Pajeú (2015), esses maracatus, juntamente com outras expressões artísticas, integram a programação cultural do carnaval de Pernambuco.

Assim como Costa (1908), percebe-se que o maracatu de baque solto é um batuque mais livre, faz lembrar uma cavalaria, seus personagens são diferentes do maracatu de baque virado, um batuque que veio da corte e faz lembrar uma Nação. Quanto à questão de reconhecimento da história de resistência das populações afrodescendentes, o maracatu constitui um território de afirmação e resistência das manifestações culturais de matriz africana. O maracatu iniciou nos engenhos como uma brincadeira entre a população negra escravizada, almejando, com essa brincadeira, se afirmar culturalmente, conforme relata Guerra-Peixe (1980).

Em 2013 o mestre Afonso Gomes de Aguiar Filho⁵⁷, em entrevista concedida à TV Nova Raiz, afirma que “hoje o maracatu é tido como uma brincadeira, mas que já está invadindo o mundo, até no Japão tem o maracatu japonês e na igreja já tem o maracatu gospel, maracatu para Cristo”. É pertinente ressaltar que a igreja católica, a partir do século XVI, exerceu um sistema de escravidão negra do Brasil (PEREIRA, 2018).

⁵⁵ Informação disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/noticias_para_voce/conheca-o-maracatu-tradicao-afro-brasileira. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁵⁶ Informação disponível em: <https://www.festasbrasileiras.com.br/post/15-curiosidades-sobre-o-maracatu-de-baque-solto>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁵⁷ Presidente da Nação Maracatu Leão Coroado, que em 2013 completou 150 anos de fundação. Afonso Filho não se considera um mestre, mas um conservador, que conserva o que lhe foi solicitado pelo mestre Luiz de França, que comandou a Nação Maracatu Leão Coroado, fundada pelo seu pai, por cinquenta anos, até seu falecimento em 3 de maio de 1997. Informação disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J5rdyq4d_OQ. Acesso em: 30 mar. 2022.

Aguiar Filho (2013), em outra entrevista concedida a TV Nova Raiz, assevera que quando Chico Science⁵⁸ levou o maracatu para o mundo, “o pessoal dos ministérios e das outras coisas foram abrindo mais a guarda, se houve fortalecimento foi por conta disso”. O mestre está se referindo ao Ministério da Cultura, Ministério do Turismo e Ministério da Educação, e outras instituições ligadas à preservação das identidades culturais afro-brasileiras (AGUIAR FILHO, 2013).

Isso demonstra o quão foi popularizado o maracatu, mas que não é Nação de maracatu e sim uma brincadeira que ganhou projeção mundial, fato que Nilma Gomes (2012) aponta para a discussão de questões sociais, antirracistas e demonstram a necessidade de discutir as memórias que as populações afro-brasileiras carregam consigo, pautadas pelos movimentos negros.

Constata-se uma expressiva mobilização do Estado de Pernambuco e de determinadas empresas no que diz respeito aos investimentos nos festejos carnavalescos pernambucanos. Há palcos para as apresentações culturais, polos com apresentações artísticas em vários locais da Grande Recife e arquibancadas para a população pernambucana e turistas prestigiarem os desfiles dos maracatus Nações e rurais. Há as escolas de samba, tribos indígenas e, o frevo, “ritmo que dita o caminhar da festa, foi transformado em signo ideológico de instituição da identidade da festa e do povo pernambucano em interação dialética com as outras manifestações que estão circunscritas pelo ciclo carnavalesco” (PAJEÚ, 2015, p. 18-19).

Vêm pessoas do mundo inteiro para prestigiarem o carnaval do Brasil, especialmente as tradições dos maracatus Nação e os grupos percussivos no fervor cultural do Estado de Pernambuco (FRANÇA FILHO, 2016). Um outro aspecto significativo é a Noite dos Tambores Silenciosos apontado como,

[...] parte de uma conquista das culturas afro-brasileiras e afro-pernambucanas, sobretudo do maracatu Nação, pois essa cerimônia é um resultado de uma campanha de valorização dos ritos africanos, que durante o estado ditatorial entrou em decadência, tendo o número de participantes bem reduzido devido as perseguições policiais (DINIZ, 2019, p. 33).

⁵⁸ Chico Science foi um cantor e compositor brasileiro, um dos principais representantes do “Movimento Manguebeat” [...], nasceu na cidade de Olinda, Pernambuco, em 13 de março de 1976. Informação disponível em: https://www.ebiografia.com/chico_science/. Acesso em: 12 set. 2022.

Luiz Silva Júnior e Zuleica Campos (2012) afirmam que

A Noite dos Tambores Silenciosos é uma manifestação religiosa reelaborada pelos afrodescendentes do Recife e que vem se transformando, a cada ano, em um dos principais pontos da programação do carnaval recifense. Uma cerimônia ritualística que vem conquistando, cada vez mais, espaço na mídia e que, atualmente, acontece na frente da Igreja de Nossa Senhora do Terço – Bairro de São José – e, segundo seus praticantes, com a permissão de Oiá⁵⁹, busca-se fazer memória dos africanos mortos em solo brasileiro e membros importantes dos terreiros pernambucanos. Para esses, um momento sagrado, transcendente, em meio ao profano, no qual os fiéis participam com devoção de tal cerimônia religiosa (SILVA JÚNIOR; CAMPOS, 2012, p. 5).

A entrevistada Guerreira 24 do Sul alega ser uma cerimônia religiosa de origem africana, reverencia as populações afrodescendentes que foram escravizadas e violentadas durante o período da escravização no Brasil Colonial. A Noite dos Tambores Silenciosos para essa entrevistada “reúne Nações de maracatu, procedentes do Estado de Pernambuco, com a finalidade de louvar a Virgem do Rosário, padroeira das negras e negros” (GUERREIRA 24 DO SUL, 2020).

Trata-se de um evento religioso que agrega as Nações de maracatu de Pernambuco com centenas de batuqueiras, batuqueiros entoando loas de maracatu, batucando seus respectivos tambores e demais instrumentos que compõem a percussão dessa manifestação cultural.

Conforme o Dossiê do Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu (2015), anterior aos anos 2000 os afoxés também participavam dessa cerimônia religiosa ocorrida “toda segunda-feira de carnaval, no Pátio do Terço, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço”, mas no início dos anos 2000, decidiu-se que “só participam dessa celebração os maracatus Nação”. Aos afoxés reservou-se um momento do carnaval, especificamente o domingo, para se apresentarem no Pátio do Terço, denominado de Polo Afro, espaço que reuni música, dança, ritmos, religiosidade e resistência dos costumes ancestrais, considerando a diversidade cultural das comunidades originárias.

⁵⁹ Oiá ou Iansã é uma orixá feminina que representa a força da tempestade, dos raios e também Ihe é atribuído o controle dos mortos ou dos eguns. Ver Apêndice A.

O Estado de Pernambuco tem um expressivo carnaval, adota na celebração dos seus festejos carnavalescos, práticas ancestrais, a exemplo dos desfiles dos maracatus, afoxés, tribos indígenas, caboclinhos, caboclos de lança, galo da madrugada entre outras manifestações culturais de Pernambuco, envolvendo dança, canto, batucada com instrumentos percussivos do maracatu nas principais ruas, avenidas e praças da Grande Recife, conforme Hélio Pajeú (2015). Uma outra manifestação significativa na programação carnavalesca de Pernambuco, apontada pelo autor, é o frevo, organizado em três modalidades:

[...] o frevo de bloco, o frevo canção e o frevo de rua. O frevo de bloco tem seu fluxo mais pausado por ser executado por orquestras de pau e cordas e é acompanhado sempre por um coral feminino. O frevo canção é muito parecido com o frevo de rua, sua introdução se dá pelo conjunto instrumental, porém sua melodia é cantada, na maioria das vezes por uma voz solo. O frevo de rua, como o próprio nome diz é aquele de rua, do povo, executado unicamente pela orquestra nos cortejos da folia e por isso se trata de uma música instrumental, sem cantores (PAJEÚ, 2015, p. 215).

Nesse contexto, mestras, mestres, brincantes das manifestações culturais de matriz africana e indígena abrilhantam o carnaval pernambucano, especialmente, as cortes reais dos maracatus Nações, os coloridos cocais e indumentárias das tribos indígenas carnavalescas, chamam a atenção de quem prestigia esse carnaval.

Mestras e mestres da cultura popular são detentoras e detentores de saberes dessa cultura, têm notório conhecimento, uma longa trajetória nas atividades exercidas que sejam reconhecidas pela própria comunidade, como referências na transmissão de saberes e das formas de expressões da tradição popular. Mestre Joana é uma referência na transmissão do maracatu Nação, sendo assim, ela também é mestra da cultura popular. Mestre, mestre de Nação de maracatu de baque virado é a pessoa responsável pela regência de uma Nação.

Mestra Joana é considerada a primeira mulher a receber esse título, após determinação das orixás, Oxum e Iemanjá - entidades espirituais que conduzem os fundamentos religiosos do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô onde a Mestre foi consagrada *yakekeré*, mãe pequena para coordenar e fazer a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina (Figura 5).

Figura 5 - Mestra Joana Cavalcante realizando a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: rede social/WhatsApp da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

A Figura 5, registra mestra Joana cantando e realizando a regência da nação supracitada em uma das apresentações no evento cultural, Terça Negra⁶⁰.

No lado direito da Mestra observa-se, Nefertiti Coutinho⁶¹ educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, usando vestimenta na cor amarela, representando Oxum, orixá feminina que cuida do ori de mestra Joana Cavalcante. No lado esquerdo, Aline Valentim⁶² dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro e coordenadora de dança da ala dos escravos da Nação do Maracatu Encanto do Pina, usando um lindo vestido na cor azul, representando Iemanjá, entidade espiritual que conduz os trabalhos realizados nesse maracatu Nação. Iemanjá e Oxum em 2008 autorizaram que a Mestra assumisse a regência da nação supracitada. E por traz de mestra Joana identifica-se Maria Eduarda Lopes Martins/Duda Lopes tocando agbê,

⁶⁰ Ver o livro “Terça Negra no Recife: narrativas sobre dança, música, espiritualidade e sagrado”, lançado em 17 de dezembro de 2019 fruto do mestrado da educadora Maria Lúcia Gomes dos Prazeres, pesquisadora em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). A obra reúne histórias sobre o fortalecimento da identidade, cultura e espiritualidade de afro-pernambucanas, pernambucanos, vividas a partir da Terça Negra, encontro de cultura negra realizado no Pátio de São Pedro, no bairro de Santo Antônio, na capital de Pernambuco. Em 2019 esse encontro completou duas décadas de existência e resistência, de modo especial, representa os valores e a cultura da África preservados no Recife.

⁶¹ Ver Apêndice D.

⁶² Ver Apêndice D.

José Dayvison Flor da Silva/ogã Dayvison e Jaimison Pedro/ogã Jaimi tocando alfaia. E outras batuqueiras, batuqueiros que participou dessa apresentação artística.

Retomando as atividades realizadas pela Mestreira, há documentos representativos para a memória dela, entre eles destaca-se a entrevista “O nome dela é Mestreira Joana Cavalcante”, disponível na plataforma do *YouTube*. Nessa entrevista ela declara como foi o processo para se tornar mestreira de maracatu, ao descrever sua identidade e trajetória de vida,

[...] mestreira Joana é uma mulher preta, periférica nascida e criada na Comunidade do Bode no Pina. Aprendi o que é ser mulher negra, ser militância da minha religião de matriz africana dentro do maracatu. Meu pai era diretor de apito de maracatu, minha mãe é Baiana de Branco, minha vó era Dama do Paço. Todos foram criados dentro do Maracatu Porto Rico com seu Eudes Chagas. Sou nascida e criada dentro do maracatu [...] não poder tocar maracatu para mim era naturalizado, porque a gente foi criada dessa forma, mulher não pode tocar maracatu. Era argumentado que mulher nasceu para rodar saia, que não pode tocar tambor por conta da menstruação [...] sempre tive muitas perguntas sem repostas [...]. Quando seu Eudes faleceu, dona Maria de Sônia sua filha de santo e, mãe de santo da minha vó, para dar continuidade ao maracatu na família funda a Nação do Maracatu Encanto do Pina [...] minha vó, minha mãe, meu pai sempre presentes desde a fundação da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Eu fui criada transitando com todas as crianças da comunidade no dançar, com aquela postura que toda mulher dança, quando a gente cresce as mulheres de repente começaram a tocar nas Nações de maracatu [...] quando dona Maria de Sônia faleceu meu pai ficou assumindo o Encanto do Pina. Por alguns motivos de problemas pessoais e religiosos, ele não teve como dar continuidade e estar à frente da Nação [...] meu pai teve que se ausentar e não tinha quem assumisse o baque do maracatu. Eu não entendia o motivo, o porque eu não podia fazer aquilo, há eu vou [...], mas minha mãe de santo, junto com a minha vó disse – não, a gente vai ter que botar os búzios para saber se pode [...] fiquei com aquela pergunta - porque tem que jogar os búzios para saber se pode, uma coisa que já faço naturalmente, para mim era normal, nascida e criada no maracatu, sei tocar tudo, sei fazer tudo, porque eu não posso estar regendo [...] foi jogado os búzios, a lemanjá e Oxum Deym, que é a Oxum da casa de terreiro da minha vó, autorizaram que eu assumisse a Nação em 2008. Após alguns anos que assumi a Nação, foi que entendi o motivo das preocupações das mais velhas, comecei a identificar o que era machismo, o que era racismo. No primeiro momento que assumi o maracatu os batuqueiros mais velhos, mais antigos saíram [...] na minha cabeça era porque eles não gostavam de mim. Não entendia, mas mesmo assim eu continuei e assumi. Todos os homens da comunidade batuqueiros saíram e algumas mulheres também, porque achavam um absurdo uma mulher à frente do baque. Eu não entendia, não imaginava que seria a primeira mestreira. Para mim, eu estava ali na frente regendo um baque, coisa que ninguém queria fazer. Assumo a Nação do Maracatu

Encanto do Pina em 2008 [...] missão bem árdua, bem dolorosa, mas também muito prazerosa e gratificante (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2021).

O processo para se tornar mestra e mestre de maracatu Nação é uma prática cultural ancestral e informacional, observando-se cultura e informação como categorias não opostas. Eliany Araújo (2001, p. 50) afirma que a prática informacional de transferência, se distingue da disseminação de informação, pelo fato dessa se “caracterizar como a simples emissão de informação, de forma quase mecânica [...] a transferência de informação se caracteriza como prática de socialização a partir de um contexto participativo-comunicacional”.

Não há pretensão de esgotar a complexidade da prática informacional, mas refletir como essa prática perpassa as atividades realizadas pela Mestra e pelo Movimento, considerando-as como prática de socialização a partir de um contexto “participativo-comunicacional” defendido por Araújo (2001), relativa à socialização da informação entre protagonista, coadjuvante e telespectadora - pessoa que prestigia as atividades analisadas, ou seja, à socialização da informação entre as mulheres que integram esse coletivo, sujeitas, sujeitos que têm acesso as atividades por elas realizadas.

De acordo com Tatyana Anselmo (2020) mestra Joana, *Ylê Axé Oxum Deym*, Maracatu Baque Mulher, Nação do Maracatu Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Mazuca da Quixaba, preserva a história da população afrodescendente, bem como sua resistência e tradição, na travada e permanente luta contra racismo, discriminação e preconceito religioso. Como ratifica a autora, ocorre um processo de valorização dessa população que revela em sua estrutura a origem derivada de matriz africana, considerada afro-brasileira.

Em Pernambuco, existem várias Nações de maracatu, incluindo as de “baque virado” e “baque solto”, explica César Guerra-Peixe (1980). Antes de irem para a avenida, desfilarem com suas respectivas Nações batuqueiras, batuqueiros e desfilantes recebem as devidas proteções das divindades espirituais das suas Nações de origem. As mães e pais de santo dos terreiros que regem cada maracatu Nação, utilizam suas sabedorias ancestrais e fundamentos religiosos no momento da obrigação destinada ao carnaval, de acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação (2011). Trata-se de um rito religioso para pedir aos

orixás, pretas velhas, pretos velhos, entidades espirituais à proteção nos festejos carnavalescos, compreendido pelas e pelos candomblecistas como uma obrigação do carnaval.

Sobre essa obrigação, a entrevistada Guerreira 3 do Sudeste, explica que integrantes da Nação Encanto do Pina participam da obrigação realizada no *Ylê Axé Oxum Deym*, para serem protegidas e protegidos pelas entidades espirituais desse terreiro e brincarem o carnaval na paz, sem que nenhum mal, ou situação sinistra lhes aconteça. Essa entrevistada afirma que,

[...] obrigação é uma cerimônia interna do candomblé, religião de matriz africana que quando a pessoa torna-se candomblecista tem de realizá-la para seu orixá de tempo em tempo. Há obrigação de um, três, sete, 14, 21 anos e por aí em diante. Trata-se de um conjunto de coisas a serem feitas e oferendadas ao orixá de cada filha e filho de santo. Essa cerimônia acontece de várias formas para distintas finalidades, normalmente é uma obrigação de limpeza, para limpar o corpo, retirar energias negativas, baixas vibrações, carregos que a pessoa foi acometida e, deixá-la de corpo fechado, ou seja, o corpo fica brindado para toda e qualquer mandinga (GUERREIRA 3 DO SUDESTE, 2020).

A entrevistada Guerreira 24 do Sul, destaca a obrigação da alfaia e diz,

[...] obrigação da alfaia é um ritual religioso do candomblé, que utiliza o sangue de animais, galinha, galo, bode, cabra, carneiro, pato, pombo. O sangue desses animais sacrificados é colocado no coro da alfaia que vai tocar maracatu no período do carnaval, para purificá-lo. Esse ritual precisa ser realizado para proteger também as batuqueiras e batuqueiros que vão tocar nas celebrações carnavalescas (GUERREIRA 24 DO SUL, 2020).

O maracatu é uma tradição secular transmitida oralmente de geração para geração, considerando práticas, costumes e tradições das populações afrodescendentes. Guerra-Peixe (1980) aponta ter sido no período escravocrata, possivelmente, entre o século XVII e XVIII que ocorreram as primeiras práticas culturais do maracatu Nação no Estado de Pernambuco, especificamente em Recife, Olinda e Igarassu. De acordo com o Dossiê do Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação (2015), o maracatu, assim como muitas expressões e

manifestações populares do Brasil, é uma fusão das culturas africanas, europeias e ameríndias.

Na tese de doutoramento intitulada “A estética da cultura popular na folia de momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão” de Pajeú (2015) consta um documento que marca a primeira aparição em jornais do maracatu em Recife, publicado por Wilton de Souza (1987) na revista “Suplemento Cultural”. Esse autor descreveu que o maracatu é,

[...] por excelência, o folguedo carnavalesco de maior ascendência no Carnaval de Pernambuco, particularmente no do Recife e Olinda. Por determinação oficial, deveria exibir-se apenas na segunda-feira, mas tão carnavalesco quanto os próprios pernambucanos, saí às ruas todos os dias de Carnaval [...] representa uma solenidade em que o cortejo, constituído pelo rei, pela rainha e por seu séquito⁶³, relembra as velhas Nações africanas. Por isso o Maracatu [...] não é clube, é Nação. Rei e Rainha dançam para abençoar, com seus espadins⁶⁴ e cetros⁶⁵, os súditos⁶⁶ e o povo que o aclamam. O que pretendem repetir são as primitivas reuniões da escravaria africana que, às portas das igrejas do Rosário dos Pretos, do Terço das outras, coroavam seus soberanos, violentamente arrancados, não sem resistência, de seus reinos e que chegavam ao Brasil acorrentados nos navios negreiros. De saída, a Rainha tira uma “loa” e inicia a exibição. O tirador de loas, então, canta para todo o grupo o lamento das terras do “lado de lá”, acompanhado e marcado pelo “baque virado” de toda a percussão. Nesses Maracatus de Baque Virado não há lugar para instrumento de sopro. Há quem sinta medo, mas o baque é mesmo um convite para se entrar no cordão e começar dançar, com os mesmos passos e movimentos de braços que o sentimento negro vai nos ensinando. Foi na Rua Velha do Recife, menino ainda, que comecei a aprender, dançando em muitos maracatus. Elefante, de nossa querida madrinha Dona Santa; Cambina, Cruzeiro do Norte; Leão Coroado. Ainda me lembro quando em Casa Forte o “tirador de loas” começava a cantar: “Meu Maracatu é da Coroa Imperial. Ele é de Pernambuco, ele é da Casa Real...” Minha emoção maior, quando a Rainha Dona Santa, me abençoou com o espadim. Desde então tornei-me seu súdito e pintor (SOUZA, 1987, p. 11, grifo do autor).

⁶³ Ação ou efeito de seguir; seguimento; comitiva; conjunto das pessoas que acompanham outras; cortejo que acompanha uma pessoa, para servi-la ou honrá-la.

⁶⁴ Espadim ou faim é uma espada em escala reduzida de uma maior, com todas as suas características. Nas academias militares de diversos países é comum a sua utilização pelos aspirantes a oficial. Foi amplamente utilizada como arma de autodefesa, uma vez que era, uma arma perfurante, raramente se usava para cortar, no entanto, a lâmina possuía um gume, para desencorajar os adversários.

⁶⁵ Cetro ou ceptro é um bastão usado por autoridades reais, geralmente empunhado pelo monarca na mão direita é uma das insígnias do poder soberano. Simbolicamente, é considerado o portador das forças divinas e um atributo dos deuses.

⁶⁶ São pessoas que dependem da vontade da rainha e rei, que não tem direito de voz e que são obrigadas a aceitar o que a rainha e rei impõe.

Para Souza (1987), a preocupação inicial com a disseminação do maracatu, foi em relação a materialização dessa manifestação. Posteriormente, estudiosas, estudiosos no assunto começaram a investigar outros aspectos do maracatu, como loas, instrumentos, personagens, narrativas mitológicas, religiosas e rítmicas.

A disseminação do maracatu, uma das culturas populares brasileiras, evidenciou-se após os registros das intelectuais no assunto, entre elas destacam-se Carmem Lélis (2011), Paola Santana (2008, 2006) e Rita de Cássia Araújo (1996). Essas autoras mostram a importância do maracatu como manifestação da cultura afro e denunciam, em certa medida, como ele é apagado nas festas brasileira, alusivas as manifestações de matriz africana.

Por isso é importante tratar da cultura popular, não numa perspectiva de rebaixamento, mas de equipolência que tenha igual valor e/ou relação de identidade, ou seja, que tenha o mesmo efeito e/ou a mesma significação em relação as outras culturas, a exemplo da cultura afro-brasileira e a cultura erudita. Hélio Pajeú (2015, p. 19) aponta que a cultura popular “se fundamenta na transgressão das relações humanas, na constituição de atos de amor que me fazem abarcá-la mediada pela palavra enquanto signo ideológico”.

Teorizar sobre a cultura erudita não é o foco deste estudo, mas sim refletir sobre as manifestações culturais de matriz africana, especificamente a cultura afro-brasileira. Identificam-se instrumentos que objetivam evidenciar a memória das populações afrodescendentes, como por exemplo, a lei nº 10.639/03 (2003), que altera a lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade no ensino básico da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, instituindo a data 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra.

Trata-se de uma data em alusão à celebração e conscientização relacionada à força, resistência, sofrimento, violência e situação desumana que as populações negras viveram no país desde a colonização. Solange Rocha (2007) afere que milhões de populações negras e indígenas, foram escravizadas de modo cruel por mais de 300 anos no Brasil.

É preciso desconstruir a lógica, principalmente nos livros de História utilizados no Ensino Básico, bem como nas pesquisas sobre questões étnico raciais no Brasil, de compreender as populações negras como uma etnia, raça de pessoas marginais,

derivadas das diferentes inserções sociais e culturais das populações afrodescendentes, corroborando com Maria Aparecida Moura (2022). A autora sugere compreender com mais apreço as particularidades da construção da identidade e preservação da memória desta população, sua contribuição para a cultura e o desenvolvimento do país.

Percebe-se que a propagação desse conhecimento se alargou com mais afinco, a partir das plataformas digitais e mídias sociais, a exemplo do *YouTube*, *Spotify*, *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp* e *Telegram*, plataformas e mídias que disseminam informações referentes as expressões e manifestação culturais de matriz africana, entre elas destaca-se o maracatu de forma mediática, sendo difundido no mundo inteiro, que é digital e estar conectado com os avanços tecnológicos.

O filme “Mães do Pina”⁶⁷, disponível gratuitamente durante o mês de setembro de 2022 na plataforma digital do Serviço Social do Comércio (Sesc). Na perspectiva da disseminação dos fundamentos do candomblé nagô, especificamente a trajetória religiosa das mães de santos do Pina, *yalorixás* dos terreiros entre eles o *Ylê Axé Oxum Deym*, *ilê* que determina os fundamentos nagô da Nação Encanto do Pina. A mídia digital, eletrônica e a impressa tende atender os interesses da indústria cultural, em certa medida, às expressões e manifestações culturais de matriz africana, a exemplo do maracatu de baque virado, tende a ser folclorizado pelo mercado da indústria cultural (RAMOS, 2018).

4.1 NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA: PROTAGONIZANDO A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA REGÊNCIA DE UMA NAÇÃO DE MARACATU DE BAQUE VIRADO

Essa Nação foi fundada em 5 de março de 1980 (Figura 6), sediada em Recife, Pernambuco e, até os tempos atuais Iemanjá e Oxum são as *yabás/orixás* femininas protetoras desse maracatu Nação, elas foram regentes de ori/cabeça de sua fundadora, Dona Maria de Sônia. Um dos símbolos desta nação é a serei Janaína que representa a *yabá* Iemanjá, consagrada a mãe rainha das águas, assim como Oxum. Essas *yabás* também são

⁶⁷ Apresenta o impacto das atividades sociais, eventos musicais e manifestações religiosas realizadas por diversas mulheres que mantêm com seus trabalhos a cultura viva da Comunidade do Bode, localizada no Pina, Recife. Este filme pernambucano dar visibilidade às mães de santo, personalidades do candomblé, consideradas guerreiras, sobrevivendo às dificuldades financeiras e construindo um importante legado cultural à Comunidade do Bode.

representadas na identidade da Nação do Maracatu Encanto do Pina nas cores azul e amarelo utilizadas em seu estandarte, símbolos, logomarca, na padronização dos seus instrumentos e, nos figurinos das suas batuqueiras e batuqueiros (ROCHA, 2021).

Figura 6 - Sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina em reforma



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2022)

A Figura 6, ilustra um dos andares do prédio que é a sede oficial do *Yê Axé Oxum Deym* como ilustra a Figura 7, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Projeto Encantinho do Pina, Maracatu Baque Mulher e do Mazuca da Quixaba, grupo cultural apresentado na quinta seção deste texto.

Figura 7 - Sede do *Yê Axé Oxum Deym* em reforma



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2022)

Na Figura 7, percebe-se a fachada de frente do prédio que tanto é a sede oficial desse terreiro de candomblé, do Mazuca da Quixaba, da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação, e o espaço físico onde são realizadas as atividades do Projeto Encantinho do Pina. A reforma desse prédio foi iniciada no primeiro semestre

de 2019, mas em razão da pandemia causada pela Covid-19, especificamente o isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros órgãos ligados ao controle de saúde da população brasileira, com a finalidade de atenuar os impactos causados por esse vírus no primeiro semestre de 2020. Diante desse isolamento a reforma foi paralisada nesse ano e, de forma paulatina retomada em 2021.

Até o presente momento, foram edificadas três andares⁶⁸ que serão destinados às atividades religiosas do terreiro *Ylê Axé Oxum Deym*, projetos, campanhas, atividades, ações sociopedagógicas com a missão de possibilitar o alargamento das manifestações culturais afro-brasileiras, com foco na educação informal que possibilite uma formação cidadã que aponte para a redução da intolerância religiosa, práticas racistas, machistas, homofóbicas e todas as formas de violência. Trata-se de ações idealizadas e realizadas pela mestra Joana Cavalcante em parceria com esse terreiro, Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e Mazuca da Quixaba, a exemplo do Projeto Encantinho do Pina (Figura 8).

⁶⁸ Mestra Joana Cavalcante objetiva construir/edificar mais três andares.

Figura 8 - Projeto Encantinho do Pina idealizado e realizado pela mestra Joana Cavalcante em parceria com o *Ylê Axé Oxum Deym*, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e Mazuca da Quixaba



Fonte: Facebook de mestra Joana Cavalcante (2022)

Nas nove imagens da Figura 8, notam-se alguns dos projetos, campanhas, atividades, ações sociopedagógicas realizadas pela Mestra, em parceria com o *Ylê Axé Oxum Deym*, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e com Mazuca da Quixaba. Na imagem:

- a) há o registro fotográfico das crianças, jovens e adolescentes que participam do Projeto Encantinho do Pina, na sua maioria sorrindo e com a blusa da nação em tela, nas cores azul, amarela e branca. Abaixo dessa fotografia, identifica-se mestra Joana coordenadora geral e Mariana Bianchi, tia Mari⁶⁹, coordenadora pedagógica desse projeto, com seus telefones, WhatsApp e e-mails. Embaixo do contato da Mestra, consta “Obeji, ibejinho”, título de uma das

⁶⁹ Ver Apêndice D.

loas autorais de *yabá* Tenily Guian⁷⁰. É uma loa em saudação ao orixá Ibeji⁷¹, uma divindade que em algumas nações pode ser iniciado, significa o feminino e o masculino, são gêmeos/Obeji, ibejinho. Debaixo do contato de tia Mari, observam-se as logomarcas da Nação do Encanto do Pina, *Ylê Axé Oxum Deym* e do Projeto Encantinho do Pina.

- b) na parte superior do cartaz consta a frase “O Encanto do Pina precisa da sua ajuda saiba mais em catarse.me/encanto”, campanha solidária disponível nessa plataforma. Ao lado direito dessa frase percebe-se a logomarca da nação destacada, na sequência a imagem de crianças que participam do Projeto Encantinho do Pina sentadas em dois bancos grandes de madeira e uma cadeira branca de plástico ao redor de uma mesa retangular. Observa-se uma educadora social voluntária, realizando uma prática pedagógica nesse projeto.
- c) identifica-se o cartaz de divulgação de outra ação solidária com arrecadação através do pix da Mestra, intitulada “Campanha de Arrecadação”, objetivando atenuar os efeitos da fome na comunidade (Figura 9), que tomou uma proporção preocupante pela escassez de alimentos, após os efeitos da pandemia causada pela Covid-19. De acordo com esse cartaz, houve a finalização de alguns projetos coordenados pela mestra Joana, que contribuíam na obtenção das cestas básicas destinadas às famílias em situação de vulnerabilidade. A fome é um dos maiores obstáculos dessa comunidade periférica. Na parte inferior do cartaz analisado, é possível verificar a logomarca do *Ylê Axé Oxum Deym*, Encanto do Pina, Mazuca da Quixaba, Movimento e do Projeto Encantinho do Pina.
- d) a imagem superior ilustra mestra Joana em pé, usando saia branca, realizando uma atividade recreativa na sede do Encanto do Pina, sediada no prédio do *Ylê Axé Oxum Deym* com as crianças, adolescentes e jovens que integram o projeto supracitado, todas e todos com expressão de concentração, usam camisa dessa nação. Em seguida há a frase “Plantando o amor”, que descreve o comprometimento social, político, ideológico, educativo e cultural que Mestra,

⁷⁰ Ver Apêndice D.

⁷¹ O orixá dos gêmeos divinos, embora existam dois indivíduos quando os gêmeos nascem. Os gêmeos são considerados sagrados por nascimento. Os Ibeji são considerados uma alma contida em dois corpos; ligado na vida através do destino. É ainda o orixá da alegria, maldade, abundância e alegria infantil. Eles são os filhos de Xangô e Oxum e são considerados os primeiros gêmeos nascidos na Terra. Informação disponível em: <https://www.wemystic.com.br/orixa-ibeji/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

educadoras, educadores têm pelas atividades realizadas. Abaixo nota-se o registro da educadora social voluntária usando camisa amarela, realizando atividade pedagógica para cinco crianças que escutam atentamente a transmissão de informações e conhecimentos sobre às expressões e manifestações de matriz africana. Na continuação, verifica-se uma garota e um garoto observando um escrito, supostamente um jornal ou uma revista e, João Jhadyel filho da Mestra, com o rosto colado no braço direito de tia Mari, que é responsável pela coordenação pedagógica e ministra de forma voluntária diversas atividades recreativas nesse projeto a exemplo de roda de diálogo, para discutir temáticas referentes a gravidez precoce, preservação do meio ambiente, uso abusivo de drogas ilícitas, racismo, machismo, intolerância religiosa, preconceito religioso, enfatizando no combate a todas as formas de violência, discriminação e preconceito.

- e) elucida quem são as pessoas que colaboram com as atividades do Projeto Encantinho do Pina. São evidentes na imagem superior várias refeições cobertas, para serem servidas às crianças desse projeto, pois os pratos de plástico nas cores verde e vermelha, estão um cobrindo o outro, fato que confirma essa suposição, constatada na imagem seguinte, na qual é possível observar elas se alimentando. Embaixo dessa imagem estão sentadas e concentradas em algo, afere-se que seja mais uma atividade conduzida pela Mestra, tia Mari ou por alguma educadora, educador social do projeto supracitado. Ao lado direito dessa imagem é possível ver o semblante de felicidade estampada no rosto das crianças que receberam o ovo de chocolate em celebração a Páscoa⁷².
- f) destaca uma das atividades do projeto analisado “Educar e cuidar”, na imagem superior podemos aferir que as crianças desse projeto estão lendo, escrevendo, desenhando ou pintando, todas concentradas exceto uma garota com a camisa nas cores azul, amarela e branca que representa a nação analisada. Ela aparenta estar pensativa, apresenta um olhar distante do contexto observado, como se não estivesse atenta a atividade que está sendo

⁷² No cristianismo, a Páscoa ou Domingo da Ressurreição é uma festividade religiosa e um feriado que celebra a ressurreição de Jesus ocorrida no terceiro dia após sua crucificação no Calvário, conforme o relato do Novo Testamento. É a principal celebração do ano litúrgico cristão e também a mais antiga e importante festa cristã, como consta na literatura.

realizada no momento. Averigua-se o garoto de camisa na cor laranja que encontra-se de joelho observando o que a colega está executando, mas na imagem debaixo esse mesmo garoto está completamente concentrado em sua atividade. Na imagem à direita, podemos ver uma criança exibindo com orgulho a camisa que expressou sua arte em uma camisa branca, onde pintou o nome “Encantinho”⁷³ em alusão ao projeto que participa e aqui já evidenciado.

- g) apresenta uma breve trajetória do Projeto Encantinho do Pina, destacando suas principais ações e atividades entre elas destaca-se o Maracatu Encantinho do Pina. Na imagem superior, é possível perceber garotas usando o figurino desse maracatu e tocando agbê, na imagem à direita apresenta-se uma criança fantasiada com uma das vestimentas desse maracatu mirim e usando um batom na cor azul, uma das cores que representa tanto esse maracatu como a Nação Encanto do Pina. À esquerda, nota-se uma garota sorrindo, com um adereço na mão direita, usando luvas brancas e um lindo vestido na cor amarela, também uma das cores das vestimentas desse maracatu mirim.
- h) expõe a divulgação de outras atividades coordenadas pela Mestre, em parceria com o *Ylê Axé Oxum Deym*, Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e com Mazuca da Quixaba. À direita identificam-se garotas participando da oficina de agbê, à esquerda garotos participando da oficina de atabaque (timbal) e, na parte inferior dessa imagem garotas e garotos do Projeto Encantinho do Pina, na sua maioria, usando a camisa da nação destacada, participando da atividade pedagógica realizada por uma educadora social voluntária que usa saia estampada com o babado amarelo, uma das cores que representa a nação em tela.
- i) imagem captada no terceiro andar da sede do *Ylê Axé Oxum Deym*, prédio onde a Nação Encanto de Pina está sediada. É pertinente frisar que mestra Joana está sentada de costas, usando a camisa dessa nação, short branco, sandália havaiana e um penteado africano, com tranças nagôs. Ela em parceria com a rede pública de ensino da cidade do Recife promoveu uma roda de diálogo sobre maracatu Nação, sua trajetória de mestra na coordenação geral do Encanto do Pina e as atividades que essa nação desenvolve.

⁷³ Ver Apêndice A.

Retomando a discussão sobre a continuidade da reforma do *Ylê Axé Oxum Deym*, por demanda orçamentária, em 2022, a reforma outra vez foi paralisada. Diante desse contexto, mestra Joana em parceria com as batuqueiras, batuqueiros da nação supracitada e, os grupos do Movimento realizaram campanhas, eventos e *lives* shows com o Baque Mulher Recife, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação e Mazuca da Quixaba, com intuito de angariar dinheiro para retomar e, concluir a reforma desse prédio, localizado no Pina, bairro periférico do Recife, situado na Região Nordeste do Brasil, considerada uma das regiões que vive em situação de pobreza, ratificada na Figura 9.

Figura 9 - Comunidade do Bode – localizada no Pina, Recife, Pernambuco



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2022)

Essa imagem da Figura 9, foi fotografada pela pesquisadora na janela do terceiro andar do prédio onde está situada a sede oficial do *Ylê Axé Oxum Deym*. A proteção dessa janela é uma grade fina de ferro e uma lona preta para amenizar o impacto das fortes chuvas no período do inverno recifense. Observa-se uma parte dessa lona na altura acima das palafitas a margem do mangue/manguezal⁷⁴, na parte esquerda da figura analisada. Constata-se ainda que as condições de moradia são

⁷⁴ A sede do *Ylê Axé Oxum Deym*, Nação do Maracatu Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Maracatu Baque Mulher e do Mazuca da Quixaba estão situadas nesse espaço geográfico.

precárias para as famílias que residem nessas palafitas, localizadas próximo ao *ilê* supracitado, circunscrito no bairro do Pina em Recife e fundado pela avó paterna de mestra Joana Cavalcante, à *yalorixá*⁷⁵ Maria de Quixaba, vó Quixaba (Figura 37).

A mentora e idealizadora da Nação do Maracatu Encanto do Pina foi a bisavó paterna da Mestra, à *yalorixá* dona Maria de Sônia filha de santo do *babalorixá* Eudes Chagas, consagrado o rei do maracatu, conforme Katarina Real (2001). Essa *yalorixá* adotou muitas crianças, teve muitas filhas de santo, filhos de santo e acolheu muitas pessoas no seu *ylê*, que era localizado no Pina, Recife. A avó paterna e o pai biológico de mestra Joana foi educada e educado pela *yalorixá* dona Maria de Sônia, conhecida como a mãe de santo dona Maria de Sônia (Figura 10).

Figura 10 - *Yalorixá* dona Maria de Sônia



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 10, há uma criança não identificada de aproximadamente seis anos, usando vestimentas e indumentárias habitualmente utilizadas nos terreiros de candomblé e com a mão direita sob o ombro da mãe de santo dona Maria de Sônia,

⁷⁵ É a mãe de santo, sacerdotisa de um terreiro, seja ele de candomblé, jurema, umbanda ou quimbanda. Outras grafias possíveis incluem *iyalorixá*, *iyá* e *ialaorixá*. Recebe ainda o nome de mãe de terreiro, mulher de terreiro, ver Apêndice A.

usando também vestimentas e indumentárias semelhantes às utilizadas pela criança, contexto que propaga a memória das mulheres de terreiro e das *yabás*, orixás femininas cultuadas nos terreiros das religiões de matriz africana pelas populações afrodescendentes, consideradas comunidades tradicionais. Andréa Oliveira (2010) preconiza o direito à memória dessas comunidades, além disso, ela sugere a organização de acervo nesses terreiros.

Dona Maria de Sônia era uma *yalorixá* reverenciada pelas filhas, filhos de santo, candomblecistas de outros terreiros, inclusive pelas pessoas não praticantes das religiões de matriz africana. Ela era respeitada tanto nas comunidades onde fixou residência como nos espaços e instituições onde atuou, pelos seus saberes ancestrais, fundamentos e ciência que adquiriu ao longo da sua trajetória de filha de santo, *yalorixá*, idealizadora da Nação Encanto do Pina, e detentora de um inquestionável dom de parteira. Dona Maria de Sônia fez o parto de muitas crianças das comunidades periféricas da Grande Recife.

Voltando a trajetória dessa nação, consta-se que, em 2019, ano que foi contemplada com o título de campeã no concurso das agremiações carnavalescas do carnaval de Recife (Apêndice O, imagem a), a Nação Encanto do Pina completou 39 anos de existência e resistência no cenário cultural recifense. Também nesse mesmo ano, mestra Joana comemorou 11 anos de efetiva atuação na coordenação geral e regência dessa nação.

A Mestra é a principal responsável pelas confecções de roupas, adereços e a parte administrativa do Encanto do Pina. É consagrada uma das mais importantes Nações de maracatu de Pernambuco e, “considerada Nação de baque virado pelo fato de seguir fielmente os fundamentos do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô”, afirma mestra Joana Cavalcante (2020).

A afirmação da Mestra consagrada *yakekerê*, mãe pequena desse templo religioso e o lugar social que ela ocupa nesse terreiro, corrobora com a tese de Almeida (2021, p. 143), quando a autora afirma que o candomblé é uma religião afro-brasileira e ressalta que “o papel da mulher cis em posto de líder de terreiros seja Jurema, Umbanda, Tambor de Mina ou Candomblé é percebido não apenas na Paraíba, mas em estados como Pernambuco, Bahia e Maranhão”.

Trata-se de uma nação consciente de suas responsabilidades religiosas, socioculturais e educativas, tem sua sede atual junto do *Ylê Axé Oxum Deym*, que

tem como sacerdotisa, a *yalorixá* Maria de Quixaba, vó Quixaba⁷⁶, como exemplificado acima. Ela é autoridade espiritual da nação em pauta, uma das mais antigas *yalorixás* do Pina e avó paterna da Mestra, *yakekerê*, mãe pequena e consagrada a segunda pessoa na hierarquia espiritual desse terreiro. Mestra Joana é herdeira direta do Encanto do Pina e do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro com fundamento religioso o qual essa nação pertence.

Após o falecimento - a passagem do *ayé*/terra para o *orun*/céu ou mundo, da *yalorixá* dona Maria de Sônia, a nação mencionada, entre 2000 e 2007 foi dirigida por Manuel Cândido Cavalcante, identificado na Figura 11, conhecido por pai Marcelo, filho da *yalorixá* vó Quixaba, *babalorixá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, presidente da Nação do Maracatu Encanto do Pina e pai biológico de mestra Joana.

Figura 11 - *Babalorixá* pai Marcelo – Manuel Cândido Cavalcante - pai biológico de mestra Joana Cavalcante



Fonte: Julybfoto (2022); rede social/WhatsApp do Encanto do Pina (2022)

Na figura 11, imagem a) o *babalorixá* pai Marcelo está ornamentando o carro de lemanjá para entrar na passarela no desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina no carnaval de 2019, promovido pela Prefeitura Municipal de Recife. Na imagem b) exibe *flyer* divulgando 41 anos de fundação da nação supracitada, apresentando pai Marcelo como *babalorixá* do *Ylê Axé Oxum Deym* e, presidente da Nação Encanto do Pina.

Esse *babalorixá*, conhecido como *babá* pai Marcelo, tem uma história de superação. Ele é sobrevivente da sociedade brasileira que invisibiliza populações

⁷⁶ A *yalorixá* Maria de Quixaba é habitualmente conhecida também como vó Quixaba.

negras, nomeadamente as pessoas com a pele retinta como desse *babalorixá*, que precisou ser obstinado, firme e resiliente para não viver em situação de adoecimento, situação que a sociedade impõe a essas populações.

Babá pai Marcelo, como uma expressiva parte das brasileiras e brasileiros, aprendeu a conviver com a dor da exclusão, pois não tendo oportunidade de acessar as políticas públicas, a vida não lhe possibilitou escolhas. Ao longo da sua trajetória, entendendo e refletindo o seu lugar social de homem preto, pobre, periférico, candomblecista e *babalorixá*, adquiriu e apreendeu saberes, fundamentos da ciência do candomblé nagô e da jurema que conduz as cerimônias, toques, giras, rituais religiosos do *Ylê Axé Oxum Deym*.

É um *babalorixá* que carrega dores e marcas no corpo e na alma, mas também traz consigo muitos conhecimentos e axé do maracatu de baque virado. *Babá* pai Marcelo foi diretor de batuque da Nação do Maracatu Porto Rico, fundada em 1916 de acordo com a logomarca ilustrada (Figura 12).

Figura 12 - Logomarca da Nação do Maracatu Porto Rico



Fonte: rede social/site da Nação do Maracatu Porto Rico (2022)

Conforme a Figura 12 e o site oficial da Nação do Maracatu Porto Rico, em 7 de setembro de 2022 a nação completou 106 anos de existência. Fundada em 7 de setembro de 1916, no sítio de Palmeirinha, na cidade de Palmares sob a liderança de João Francisco de Itá, seu símbolo é a Caravela de Santa Maria. Expõe como rainha, dona Elda Viana, *yalorixá* Elda de Oxóssi (Figura 13), ex-sogra de mestra Joana Cavalcante. O mestre dessa nação é o *babalorixá* Jailson Chacon Viana, Chacon Viana (Figura 14), ex-cônjuge/companheiro de mestra Joana.

Figura 13 - Rainha da Nação do Maracatu Porto Rico – *yalorixá* Elda de Oxóssi/Elda Ivo Viana



Fonte: rede social/site da Nação do Maracatu Porto Rico (2022)

Como observado na Figura 13, a *yalorixá* Elda de Oxóssi é a rainha do Porto Rico, sediada no Pina, bairro periférico do Recife. Essa nação é regida por Jailson Chacon Viana, mestre Chacon (Figura 14), *babalorixá* do terreiro de candomblé “Ilê

Axé Oxossi Guangoubira” e filho biológico da *yalorixá* Elda Viana, rainha do Porto Rico, aqui já registrado.

Figura 14 - Mestre Chacon/Jailson Chacon Viana regendo o baque da Nação do Maracatu Porto Rico



Fonte: Fábio Monte (2014)

No lugar de fala de mestre de maracatu Nação e *babalorixá* do terreiro supracitado, mestre Chacon Viana explica que Nação é “o que chamamos de sagrado, que está ligado ao candomblé, mais conhecido em Pernambuco como Xangô⁷⁷, onde estão resguardados todos os segredos, práticas e rituais que envolvem a tradição e culto aos orixás”. Importa elucidar que maracatu de baque virado é

um candomblé na rua, festa onde todos podem participar, ligada diretamente ou não a religião, sendo assim uma manifestação tradicional brasileira, que hoje é aberta a quem tiver interesse de participar. Maracatu Nação é um ente cultural único no Brasil e no Mundo, que surgiu em Pernambuco graças ao encontro entre diferentes Nações africanas que aqui se “entrelaçaram” (MESTRE CHACON VIANA, [20--]).

Nesse contexto, podemos aferir que o principal desafio das mestras, mestres, maracatuzeiras, maracatuzeiros, simpatizantes e admiradores dessa expressão cultural são compreender e, manter o respeito aos fundamentos religiosos dessa

⁷⁷ Ver Apêndice A.

cultura, que fomenta a religiosidade afro-brasileira, e a negritude brasileira (OLIVEIRA, 1998).

Observa-se que mulheres mestras das expressões e manifestações de matriz africana fortalecem a negritude no Brasil e no mundo, pelo viés das narrativas feministas das mulheres negras e não negras. Considera-se o maracatu como uma cultura única e perceber a conveniência do uso dessa expressão cultural de estratégia para impetrar outros fins (SANTANA, 2006).

Entende-se feminismo como movimento social de "quebra" da hierarquização dos sexos, do sexismo e do machismo. Tal movimento é protagonizado por mulheres que reivindicam direitos civis, igualdade política, jurídica e social, ou seja, igualdade de direitos entre homens e mulheres em todos os setores da sociedade. O feminismo é o sinônimo do machismo, mas, não é sexista, que busca impor a superioridade feminina, porém, reivindica igualdade entre os sexos, questionando as relações entre a sexualidade na perspectiva de gênero, além do poder social, econômico e político (BUTLER, 2008).

Tornando à trajetória de mestra Joana Cavalcante, em 2008, por determinação dos orixás, especificamente Iemanjá e Oxum, entidades espirituais femininas que conduzem os fundamentos do *Ylê Axé Oxum Deym*, Joana D'arc da Silva Cavalcante, foi autorizada a assumir a coordenação e a regência do Encanto do Pina, tornou-se a primeira mestra de maracatu Nação, expressão cultural de matriz africana, com uma forte ligação com os princípios do candomblé, é compreendido como um "folgado carnavalesco de maior ascendência no Carnaval de Pernambuco" (SOUZA, 1987).

Mestra Joana enfrentou inúmeras dificuldades, entre elas destacam-se a existência de apenas seis alfaias, um (e único) estandarte totalmente danificado. Essa nação não tinha sede própria, havia dificuldades em todos os aspectos, físico, estrutural, financeiro e de recursos humanos. A Mestra teve que construir tudo do zero, suportar e superar a rejeição de alguns batuqueiros, inclusive batuqueiras da época, que não legitimavam sua autoridade de mestra dessa nação, mesmo sabendo ter sido ela escolhida pelas entidades espirituais, divindades do terreiro de candomblé nagô, *ilê* onde é a *yakekerê*.

De acordo com mestra Joana, nesse momento, foram inúmeros obstáculos, várias aprovações, muitas lágrimas derramadas e dias de trabalhos intensos, evidenciados pelo suor escorrendo no rosto e todo o corpo. Para amenizar a

problemática da ausência de uma sede própria, foi adquirido um barraco de madeira - uma palafita, casa sobre estacas de madeira localizada em regiões alagadiças, construído exatamente em cima da maré/mangue. Esse barraco de madeira foi a primeira sede própria da Nação Encanto do Pina, local destinado a salvaguardar os instrumentos, adornos, adereços e indumentárias dessa nação.

Mestra Joana alega que, diante dessa circunstância, a nação citada, passou a ser depreciada como “Maracatu da Beira do Mar”, “Maracatu do Chiqueiro”, “Maracatu da Favela”, “Maracatu Favelado”, “Maracatu da Periferia”, “Maracatu Periférico”, “Maracatu dos Caranguejos”, “Maracatu da Lama”, “Maracatuzinho do Mangue”, “Maracatuzinho da Reciclagem”, “Maracatuzinho do Lixo”, entre outras denominações de cunho pejorativo, discriminatório e humilhante. Essas designações são atribuídas ao Encanto do Pina pelo fato desse maracatu estar localizado em uma comunidade periférica vitimizada pelas problemáticas existentes nos bairros periféricos das grandes metrópoles (SANTANA, 2006).

Nesse percurso foi erguido o *Ylê Axé Oxum Deym*, que tampouco contava com sede própria para esse terreiro. Suas cerimônias religiosas eram realizadas na sala da residência da *yalorixá* vó Quixaba. Todos os rituais desse *ilê* ocorriam sempre no apertado - infraestrutura com espaço limitado, não havia lugares suficientes para acomodação adequada das filhas e filhos de santo do terreiro aqui destacado, muitas pessoas ficavam prestigiando as cerimônias em pé.

Esse *ilê* vivia e continua vivendo de forma simples e acolhedora, embora esteja em condições físicas mais bem estruturada. Entretanto, não perdeu sua simplicidade e acolhimento, por considerá-las essenciais nas suas práticas culturais, religiosas, como fundamentos no candomblé nagô, aplicadas como um dos preceitos de maracatu Nação (SOUZA, 1987).

Tanto o *Ylê Axé Oxum Deym*, como o Encanto do Pina, pautados nos fundamentos do candomblé nagô, têm muito axé, força, fundamento, saber, conhecimento, ciência e reverência à ancestralidade dessa comunidade afro-brasileira (SANTANA, 2006). A sede desse *ilê* é também o local onde eram e continuam sendo realizadas todas as atividades desse macaratu Nação, Maracatu Encantinho do Pina, Projeto Encantinho do Pina, Maracatu Baque Mulher e Mazuca da Quixaba.

Ponderou-se a necessidade de um espaço adequado, mais arejado para guardar as roupas e adereços da nação em pauta. Nesse contexto, ampliou-se a palafita, ambiente chamado de galpão, o qual guardava todos os adereços e artefatos do Encanto do Pina.

Posteriormente, especificamente em 2018, com o apoio financeiro do Baile Municipal⁷⁸ através da Prefeitura do Recife, a partir das colaborações financeiras das colaboradoras, colaboradores das ações efetivadas pela nação supracitada, foi iniciada uma grande reforma no *Ylê Axé Oxum Deym*, fundamental para a realização dos trabalhos espirituais e sociais desse terreiro, bem como os projetos sociais e pedagógicos idealizados e executados pela Nação Encanto do Pina, sob a coordenação geral da Mestra.

Na continuação foi iniciada uma campanha *on-line*, objetivando arrecadar o valor para complementar o orçamento da reforma de ampliação do *Ylê Axé Oxum Deym*. Com respeito à conquista das benfeitorias para a nação supracitada declara que,

[...] tudo vem com muita dificuldade, com muitas aprovações [desafios, superações], mas estou sempre lutando de cabeça erguida, sem desrespeitar, sem desmerecer ninguém, mesmo sendo desrespeitada. Eu caminho seguindo os ensinamentos das minhas mães [mãe Carminha, mãe Helena, mãe Laura, mãe Enésia] e da minha vó [sua avó paterna à *yalorixá* Maria de Quixaba], que têm como base o respeito, elas são minha referência de mulher. Tudo que eu sou, toda a minha sabedoria ancestral aprendi com elas. A mulher que sou, principalmente a *yakekerê* que me tornei eu devo a essas guerreiras, mulheres de fé, coragem e axé (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

Com esse entendimento de resistência, determinação, perseverança, simplicidade, humildade e respeito, o *Ylê Axé Oxum Deym* é considerado uma família de muito axé. Acredita-se na probabilidade de as relações sociais nesse terreiro serem confrontadas, fato um tanto comum nas relações humanas seja nos templos religiosos, seja no âmbito familiar, profissional e acadêmico. Segundo Oyèronké

⁷⁸ Trata-se de um evento cultural, antigo na cidade e um dos mais disputados pelo público, tradicionalmente a prévia carnavalesca do Baile Municipal apresenta uma excelente estrutura, decoração, artistas homenageados e muita música com diversos shows de grandes atrações. O Baile também é considerado uma excelente opção para quem quer começar a curtir a folia mais cedo e com segurança, disponível em: [Programação Baile Municipal 2021 Recife - Atrações e Ingressos | Carnaval Recife e Olinda \(programacaocarnavalrecife.com.br\)](http://programacaocarnavalrecife.com.br). Acesso em: 4 jun. 2022.

Oyèwúmi (2000), uma família tende a ter um sentimento de união, o terreiro aqui analisado fundamenta as práticas da Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Projeto Encantinho do Pina, Maracatu Baque Mulher e Mazuca da Quixaba.

Essa nação a partir do sentimento de união, irmandade, fraternidade, dedicação, muito compromisso e sob a regência de mestra Joana Cavalcante foi a vice-campeã do carnaval 2019, concorrendo no grupo especial no concurso das agremiações carnavalescas e das Nações de maracatu no carnaval promovido pela Secretaria de Cultura da Grande Recife.

Quem acompanha a trajetória dessa nação compreende o significado dessa premiação, reconhece o empenho de todas as pessoas já participantes dessa nação e aquelas que atualmente continuam dedicando seu tempo à nação em tela.

Sobre essa premiação, a Mestra garante “tem gosto de vitória não pelo título, mas pela trajetória, tenho orgulho em dizer que a Nação Encanto do Pina é favela, sediada na beira da maré, no mangue, que já foi de palafita, mas somos uma família unida”, revela mestra Joana Cavalcante (2020).

Numa breve descrição, pode-se destacar que o mais gratificante para a Mestra, batuqueiras, batuqueiros e todas as pessoas que desfilaram pela nação mencionada é perceber a alegria de toda comunidade, nas ruas, becos e vielas, quando a população residente nessa comunidade periférica “fala para as pessoas que integram a nação - parabéns, vocês estavam perfeitas, perfeitos, vocês mereceram o título de campeã”, declara mestra Joana Cavalcante (2020).

Um expressivo número de pessoas, residentes na comunidade, prestigia o desfile oficial da Nação Encanto do Pina, para vibrar pela nação, bem como acompanhar a apuração dos votos dos maracatus Nações e das agremiações carnavalescas que participam do concurso oficial do carnaval em Recife, no domingo de carnaval, na Avenida Nossa Senhora do Carmo, bairro de São José, área central recifense.

O concurso em tela é promovido pela Prefeitura recifense, que classifica o primeiro, segundo e terceiro melhor maracatu Nação de Pernambuco. Na segunda-feira de manhã, prontamente, as pessoas residentes na comunidade vão parabenizar à mestra Joana pelo desfile. Sobre esse reconhecimento, ela afirma, “isso não tem preço, é inexplicável essa sensação, principalmente, ver a felicidade das crianças do

Maracatu Encantinho do Pina, perceber o brilho no olhar, sorriso espontâneo, alegria e choro de emoção delas”, alega mestra Joana Cavalcante (2020).

O foco da Nação Encanto do Pina é pautado na transformação de vidas, através dos projetos sociais e pedagógicos, com a coordenação pedagógica de Mariana Bianchi, sob a coordenação geral da Mestra. Neste sentido, percebemos que o ato de educar, considerando a educação como uma prática libertadora, seja em ambiente formal ou informal, possibilita a todas, todos uma perspectiva de vida alinhada à liberdade de expressão e a promoção da plena cidadania (FREIRE, 2008).

No âmbito religioso, a nação aqui citada, alinhada aos fundamentos e ensinamentos do *Ylê Axé Oxum Deym*, dissemina a cultura do axé, objetivando formar cidadã, cidadão do bem. Transformar vidas é a premissa dessa nação, especificamente do Projeto Encantinho do Pina, uma das ações pedagógica desse maracatu, que recebe orientações espirituais do terreiro supracitado, fundamentado nos preceitos do candomblé nagô, na sabedoria ancestral. Nesse sentido, a nação mencionada acima pertencente ao *Ylê Axé Oxum Deym*, da *yalorixá* vó Quixaba, já destacado nesse texto.

As pessoas que integram a Nação Encanto do Pina, na sua maioria, residem na comunidade, a exemplo das costureiras da nação e do Maracatu Baque Mulher, Maria da Penha Silva/mãe Penha e Maria José da Silva/Lila⁷⁹. Porém há pessoas da Brasília Teimosa, Ilha de Deus, Ibiribeira, como é o caso de Andreza Andreia Maria Bezerra de Andrade da Silva/tia Andreia, Maria Tânia de Souza/mãe Tânia, Elaine Cristina Ferreira do Nascimento de Paula/*yabá* Elaine⁸⁰, filhas de santo da *yakekerê* mestra Joana Cavalcante.

Há integrantes também residentes em outros bairros periféricos e centrais da Grande Recife e regiões do Brasil. No período do carnaval também veem pessoas de outros países, participar e/ou prestigiar as apresentações culturais dessa nação. Percebe-se, alargamento das expressões culturais de matriz afro-brasileira não apenas no Encanto do Pina, mas em outros maracatus espalhados em diversas cidades do Brasil, e a expansão dessa manifestação cultural em outros países, a exemplo do Japão (AGUIAR FILHO, 2013).

⁷⁹ Ver a identificação dessas duas mulheres no Apêndice D.

⁸⁰ Ver a identificação três mulheres no Apêndice D.

O maracatu vem ganhando força e visibilidade, principalmente a partir do movimento cultural Manguebeat cujo idealizador, o cantor e compositor pernambucano Chico Science, na década de 1990, criou na cidade do Recife a banda brasileira “Chico Science & Nação Zumbi”. Essa banda surgiu da união do Loustal (banda de pós-punk), Lamento Negro (bloco de samba-reggae), liderada pelo então vocalista Chico Science, em parceria com a banda “Mundo Livre S/A”.

Ressignificando o maracatu nos tempos difíceis que as Nações vivenciavam e, salvo as devidas proporções, ainda continuam vivenciando, as de baque virado que utilizam os fundamentos do candomblé, segundo Tatyana Anselmo (2020) na sua dissertação intitulada “O Baque Mulher: batucando o empoderamento feminista com a tradição sociocultural do maracatu de Recife, Pernambuco a Ribeirão Preto, São Paulo”.

Nesse contexto, a Nação Encanto do Pina torna-se um estímulo do desenvolvimento para a cidadania e na disseminação da informação pautada na sabedoria ancestral, uma vez que maracatu é uma manifestação cultural e religiosa desde os tempos do tráfico e escravidão (COSTA, 1908). Essa nação carrega a tradição vinda diretamente do *babalorixá* José Eudes Chagas (Figura 15).

Figura 15 - Babalorixá Eudes Chagas/José Eudes Chagas



Fonte: Fernando Machado (2021)

Na figura 15, o *babalorixá* Eudes Chagas, pai espiritual da Nação Encanto do Pina está usando uma coroa. Ele foi imortalizado no livro da autora Katarina Real (2001), intitulado “Eudes: o rei do maracatu”.

O fundamento religioso herdado desse *babalorixá* é muito valorizado nessa nação, tendo como particularidade formar pessoas que se tornem multiplicadoras dos fundamentos do maracatu Nação, desenvolvendo a criatividade e exercitando às expressões e manifestações afro-brasileiras a favor da arte, da vida e da não violência.

Atualmente, a nação referendada é considerada uma das mais importantes Nações de maracatu de baque virado, típica manifestação cultural do Estado de Pernambuco, mais precisamente da cidade do Recife, que tem suas origens afro-brasileiras remanescentes às coroações do Rei do Congo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (REAL, 1990).

A Nação Encanto do Pina, através do Projeto Encantinho do Pina, realiza suas cerimônias religiosas e desenvolve ações sociais e pedagógicas na Comunidade do Bode e adjacentes, promovendo oficinas de percussão, dança, capoeira, teatro, reaproveitamento de material reciclável, atividades pedagógicas, confecção de instrumentos musicais, figurinos e adereços.

Essas atividades e ações objetivam formar novas batuqueiras, batuqueiros de maracatu de baque virado, desenvolvendo a capacidade criadora, possibilitando-lhes exercitar e vivenciar as práticas da cultura afro-brasileira, almejando fomentar a arte, valorizar a vida e combater a violência em todos os aspectos, inclusive o poder simbólico já evidenciado por Pierre Bourdieu (1997).

A nação citada promove um método que possibilita uma compreensão ampla sobre o processo de civilização das populações negras, objetivando preservar a história de resistência das famílias residentes na comunidade, buscando fortalecer a luta contra racismo, machismo, intolerância religiosa e, ainda o preconceito religioso. Essa nação notadamente almeja a valorização das populações afrodescendentes, especialmente das mulheres negras que compõem a estrutura e origem das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras (DAVIS, 2016).

Conforme Jessé da Cruz (2019, p. 64), para ser uma pessoa negra, “não basta nascer com a cor da pele preta ou parda, é preciso assumir todo esse fardo histórico e se reconhecer pertencente a esse grupo, valorizando a si e aos demais”. Mestra Joana em 31 de janeiro de 2021, posta nas redes sociais o seguinte texto:

[...] não é fácil, nunca foi fácil e está muito longe de ser, o machismo é presente cotidianamente, não é sutil, muito pelo contrário tem sido cada vez mais veloz e agressivo. Porém sou filha dos orixás, a missão foi dada e por eles sou guiada. Eu não ando sozinha e com essa certeza busco forças para enfrentar os obstáculos que tem sido cada vez mais desafiador e cada momento desse, cada passarela, cada passo dado é uma conquista para todas nós mulheres, que todos os tabus quebrados hoje, todas as lutas, suor e lágrimas se transforme em vitórias para todas as que vem depois [...] que o maracatu seja de fato um espaço de acolhimento e cura para todas e todos independente de gênero, assim como nosso candomblé e a Nação do Maracatu Encanto do Pina são resistências. Eu sou mulher negra, periférica e sim, sou a primeira mestra de uma Nação de maracatu de baque virado, a minha Nação Encanto do Pina (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2021⁸¹).

⁸¹ Texto disponível em: https://www.instagram.com/tv/CKshykXFim_/?igshid=3680tqj0s3u1. Acesso em: 3 mar. 2021.

A partir dessa postagem da Mestra, é possível aferir que as ações executadas pela Nação Encanto do Pina contemplam pessoas de diversas faixas etárias, independente de gênero, classe social, religião, raça e etnia, estimulando o desenvolvimento da cidadania de quem a agregam ou tem interesse em unir-se a essa nação.

Para Aurélio Ferreira (1986), gênero é “categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro”.

Etimologicamente falando, o conceito de raça significa sorte, categoria, espécie. Tal conceito foi empregado inicialmente na Zoologia e na Botânica com a finalidade de classificar as espécies animais e vegetais. Por décadas Carl Von Linné conhecido como Lineu, usou o conceito em tela para classificar as plantas em 24 raças ou classes, mas hoje essa classificação não é mais considerada (MUNANGA, 2003).

Estima-se que os baques, oficinas de música, aprimoramento das danças e dos rituais religiosos, confecção dos instrumentos e das roupas, principalmente, o cuidado com as apresentações musicais, possibilitam condições para que pessoas afrodescendentes, a maioria integrante da referida nação, sintam orgulho de sua cultura, seus cantos, tambores, roupas, cabelos, tradições, hábitos, costumes, rituais, corpo, raça, etnia e religiosidade (CRUZ, 2019).

Desde a fundação, essa nação tem se apresentado no desfile oficial do carnaval de Recife, descrito mais adiante. Atualmente concorre com o grupo especial que constitui as agremiações dos maracatus, Nações referências em Pernambuco, realizando cortejos em ruas, praças e promovendo espetáculos de palco, apresentando-se nos teatros, ginásios, congressos, seminários, encontros, caminhadas religiosas e nas instituições de ensino públicas e privadas da Grande Recife e em outras cidades do Brasil.

As cores predominantes dessa nação são o azul e o amarelo, em alusão a Iemanjá e Oxum, respectivamente, são as duas orixás da *yalorixá* dona Maria de Sônia, mentora e fundadora da Nação Encanto do Pina, como já citado neste escrito. Oxum e Iemanjá, respectivamente são as duas orixás da Mestra, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*. A nação mencionada foi idealizada, fundada e dirigida pela *yalorixá* dona

Maria de Sônia bisavó paterna de mestra Joana e mentora espiritual dessa nação, que desde 2008 é dirigida e orquestrada pela Mestra.

Essa nação tem como uma das principais ações o Encantinho do Pina, idealizado e coordenado pela mestra Joana desde 2013, sob a coordenação pedagógica da pedagoga Mariana Bianchi. Esse projeto social é formado exclusivamente pelas crianças, adolescentes e jovens de dois a 17 anos e 11 meses, vivendo em situação de vulnerabilidade, residentes nas comunidades periféricas, localizadas em Recife.

Trata-se de uma iniciativa da Mestra em parceria com as batuqueiras, batuqueiros da Nação Encanto do Pina, batuqueiras do Maracatu Baque Mulher bem como pessoas colaboradoras e apoiadoras das ações promovidas pela nação, a exemplo do Maracatu Encantinho do Pina.

O Projeto Encantinho do Pina dispõe de apoio pedagógico, psicológico, oferta de oficinas produtivas de *luteria* - confecção de instrumentos musicais, principalmente agbê e alfaia; *percussão e dança* - maracatu de baque virado, ijexá, afoxé, coco de roda entre outros ritmos; *capoeira* e *teatro*. Além dessas oficinas produtivas, promove ações voltadas às necessidades básicas das crianças, adolescentes e jovens residentes nas comunidades contempladas mencionadas. Observa-se que tais atividades são realizadas com a colaboração de pessoas voluntárias com as atividades sociais e educativas promovidas pelo projeto, colaboradoras e parceiras da Nação Encanto do Pina.

No período pandêmico, essa nação sofreu profundos impactos com a redução das colaborações financeiras e recursos humanos para realizarem trabalhos voluntários nas atividades desenvolvidas nesse maracatu Nação.

Antes da pandemia a nação supracitada tinha um fluxo expressivo de doações financeiras, gêneros alimentícios, produtos de higiene pessoal e produtos de limpeza. Ao término das atividades promovidas pelo Encantinho do Pina, são ofertadas refeições para quem participa das atividades desse projeto social.

Identifica-se que muitas famílias das comunidades periféricas do Recife vivem em situação de extrema vulnerabilidade social, fato que sensibilizou mestra Joana Cavalcante a realizar uma campanha solidária, objetivando arrecadar gêneros alimentícios, produtos de higiene pessoal e produtos de limpeza, para distribuir mensal e, quando possível, semanalmente, cestas básicas para essas famílias.

A nação analisada está ampliando seu espaço físico, com a finalidade de alargar suas ações, mas como já citado, no ano de 2020 a obra foi interrompida e precisou com urgência de determinadas infraestruturas para tornar possível a continuidade aos projetos sociais e pedagógicos, a exemplo de um corrimão para alocá-lo na escada de entrada principal desse prédio.

Trata-se de uma estrutura de três andares e a principal escada que tem um fluxo contínuo de crianças e pessoas idosas não há essa medida de proteção, considerada indispensável para segurança e proteção à vida dessas pessoas que são assistidas e acolhidas pela Nação Encanto do Pina.

Diante do exposto, a nação solicitou de modo virtual, contribuições financeiras para adquirir esse corrimão, bem como outros materiais e equipamentos necessários para o pleno funcionamento das suas atividades. Antes da qualificação desse doutoramento, aos vinte e sete do mês de maio de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas e trinta minutos, em sessão privada realizada de forma remota, o corrimão já tinha sido providenciado.

Nessa circunstância, a referida nação pode ser considerada uma organização promotora de estratégias de resistência e indignação contra a reprodução de práticas racistas e dos privilégios das pessoas brancas, proporcionando suporte emocional e conhecimento ancestral a muitas pessoas. É sabido que, salvas as exceções, comumente maracatuzeiras e maracatuzeiros não tocam nas grandes mídias de TV e rádio. Dito isso, brincantes dessa manifestação cultural já perdem muito, porque não têm um meio de comunicação de massa para disseminar seus fundamentos, conhecimentos e saberes ancestrais (SANTANA, 2006).

Mesmo assim, avalia-se que o maracatu continua sendo uma ferramenta de valor incalculável, algo capaz de transbordar, acolher, reunir, agregar e organizar a vida das pessoas praticantes dessa manifestação da cultura negra. Entende-se que sem as pessoas não há maracatu, a comunidade compõe o maracatu e ele fortalece a memória e identidade cultural da comunidade onde atua. Segundo Joël Candau (2019), a memória se integra nas estratégias das identidades, sendo assim, compondo narrativas decisivas para a valorização das expressões e manifestações culturais de uma sociedade.

Como frisado anteriormente, a Nação Encanto do Pina tem suas raízes fundamentadas no candomblé nagô. Avalia-se que brincantes, pessoas que apoiam,

colaboram e desfilam nessa nação, tendem a se identificar com a proposta, somando forças ao baque/batuque desse maracatu que atualmente conta com aproximadamente 500 integrantes entre diretoria, batuqueiras, batuqueiros, desfilantes, pessoas que desfilam na passarela com essa nação.

É sabido que o maracatu é compreendido como uma brincadeira séria e com fundamentação religiosa do candomblé. Os elementos das Nações de maracatu evidenciam uma conexão entre cultura e religiosidade. Compreende-se as religiões afro-brasileiras como um agrupamento de simbologias concretizadas nos rituais e vivências das comunidades afrodescendentes (PRAZERES, 2018).

Mestra Joana ainda precisa enfrentar ações de machismo e perseguição pelo simples fato de ser mulher e estar à frente dessa nação. Sendo assim, a Mestra é instigada a entrar em uma luta contínua e árdua, precisa utilizar estratégia de resistência, que seja possível, transformar e/ou refletir sobre as estruturas do patriarcado (SAFFIOTI, 2004).

Em relação à composição do coral oficial dessa nação, ele é formado por Ana Lúcia Tavares de Oliveira/Ana Tavares, Damares Berreza Montenegro/Damares Calixto, Ilma Maria Bezerra Montenegro/ Pecon Calixto, Isabelle Caroline Caldas da Paz/Belinha Caldas e Vanessa Figueiredo Reis Nogueira/Vanessa Reis⁸² coralistas identificadas na Figura 16, mas quando uma delas não consegue participar das apresentações, elas são substituídas por batuqueiras dessa nação, a exemplo de Eduarda Lopes/Duda Lopes, Erivannia Maria/*ekedi*⁸³ Erivannia, Maria das Dores Andrade da Silva/Maya Silva e Tenily Sales/*yabá* Tenily Guian.

⁸² Ver a identificação dessas cinco mulheres no Apêndice D.

⁸³ Ver Apêndice A.

Figura 16 - Coral oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: acervo pessoal de Vanessa Reis (2022); acervo pessoal da pesquisadora (2022)

Na imagem a) demonstrada na Figura 16, da direita para esquerda encontra-se Pecon Calixto, Vanessa Reis, Damares Calixto, Isabelle Caldas e, mestra Joana Cavalcante, fotografia registrada após o desfile oficial do concurso de agremiações no carnaval de Recife 2020, promovido pelo governo de Pernambuco. Na imagem b), verifica-se Damares Calixto, Ana Tavares, Pecon Calixto e Isabelle Caldas, imagem captada na sede da Nação Encanto do Pina, antes da apresentação ao vivo da *live show* promovida por esse maracatu. Ana Tavares passa a integrar o coral oficial da nação supracitada em 2022.

As coralistas estão maquiadas, usando vestimentas, adereços de cabeça e brincos que compõem os figurinos desse coral, definidos nas cores azul, amarelo e branco, cores representativas dessa nação.

As saias, adereços da cabeça e brincos compuseram o figurino desse coral e foram usados no desfile oficial do concurso de agremiações no carnaval de Recife 2020. Já as blusas foram confeccionadas para serem usadas na *live* transmitida em 5 de março de 2022, dia que essa nação completou 42 anos de resistência. As minúcias desse desfile e dessa *live* serão retomadas mais adiante.

Ana Tavares e Isabelle Caldas também integram o coral do Baque Mulher Recife, juntamente com Maria Helena da Silva/Heleninha⁸⁴, Damares Calixto e Pecon Calixto são irmãs e cantoras do Samba de Coco Raízes do Arcoverde, grupo que

⁸⁴ Ver apêndice D.

mistura influências da poesia do sertão e do regionalismo nordestino, com influência das culturas indígena e negra. Vanessa Reis foi coralista da Nação do Maracatu Porto Rico e ex-batuqueira do Baque Mulher Recife.

A construção das identidades, ressignificação da memória, preservação, salvaguarda e disseminação dos elementos do maracatu Nação, fortalece e valoriza a cultura, na perspectiva de um padrão de significados transmitidos historicamente, especialmente pelas comunidades afrodescendentes que é elucidado por Clifford Geertz (1989, p. 103), como [...] “um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

Na perspectiva da cultura de massa, as grandes mídias abertas trazem inúmeras vantagens, tornando-se canais de expansão das ideias. Contudo, existem jogos de interesse e disputa de poderes das grandes concessões de TV e rádio. Elas não têm interesse na concessão de mídias para a população em geral, de modo especial a população negra, indígena e periférica, pois as grandes concessões do Brasil pretendem uma população subalternizada, sempre à mercê de uma edição, roteiro e transmissão do produtor, contemplando os interesses das empresas de mídias.

4.2 DESFILE OFICIAL DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA

O desfile oficial da Nação Encanto do Pina (Figura 17), regido pela mestra Joana Cavalcante, compõe a programação cultural do carnaval tradição do Recife, especificamente do concurso das agremiações carnavalescas, que ocorre no domingo na Avenida Nossa Senhora do Carmo, bairro de São José, área central da capital pernambucana, destacado nesse texto.

Figura 17 - Desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina – 2018



Fonte: site oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

A imagem da Figura 17 corresponde ao desfile oficial de 2018 da Nação Encanto do Pina, à mestra Joana abarcando a regência dessa nação, batuqueiras e batuqueiros tocando alfaia ecoando um som ancestral, que conduz os passos das damas do paço, rainha, rei, princesas, príncipes, calunga e toda a corte do maracatu Nação, prestigiada por muitas pessoas compondo a arquibancada desse desfile.

Célia Benta da Silva/dona Célia de Iansã⁸⁵ e Thiago Roberto Santos da Silva/rei Thiago são a rainha e o rei da Nação Encanto do Pina (Figura 18).

Figura 18 - Célia Benta da Silva/dona Célia de Iansã/rainha Célia e Thiago Roberto Santos da Silva/rei Thiago são a rainha e o rei da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: acervo pessoal do rei Thiago (2022)

⁸⁵ Como dona Célia Benta é reverenciada no candomblé nagô, religião que é praticante. Ela frequenta as cerimônias, toques e rituais dessa religião desde jovem. É filha de Iansã/Oyá, ver Apêndice A.

Vê-se, na Figura 18, o sorriso evidente no semblante da rainha e do rei da nação citada, simbolizando o sentimento de felicidade pelos títulos que lhes foram postos. Tanto a função cultural, como religiosa, social, política e ideológica dessa rainha e desse rei nas atividades realizadas pela Nação Encanto do Pina são fundamentais, principalmente de muitas responsabilidades, reverência e respeito aos fundamentos do *candomblé nagô*, a base religiosa desse maracatu.

Em 2019, a Nação Encanto do Pina foi contemplada com o título de 2º lugar na categoria de grupo especial entre as três campeãs no concurso de agremiações dos maracatus de baque virado no carnaval de Recife, algo formidável, como se fosse o dia mais importante da vida das pessoas integrantes da Nação. Percebe-se que o carnaval recifense para turistas, brincantes, foliões, foliões, para as maracatuzeiras, maracatuzeiros é algo extraordinário.

Esse desfile das agremiações dos maracatus Nação, promovido pelo governo municipal e estadual de Pernambuco é constituído por personagens que anunciam a chegada do casal real, com todas as pessoas trajando fantasias, com o acompanhamento do baque percussivo. O batuque da Nação Encanto do Pina é regido pela mestra Joana Cavalcante, cantando loas, toadas de sua autoria, de autoria das maracatuzeiras *yabá* Tenily Guian, Belinha Caldas, Laís Fialho entre outras compositoras, compositores. Essas loas saúdam e reverenciam a ancestralidade africana.

Quando falamos de carnaval, está intrínseca a ideia de que tudo é festa, alegria e curtição. Essa ideia nem sempre é válida quando nos referimos ao desfile de carnaval das Nações de maracatu da Grande Recife, especificamente, a Nação Encanto do Pina que, para colocar sua corte real na avenida, precisa de muito investimento financeiro, dias e noites de trabalhos exaustivos, muitas queimaduras de cola bastão quente, noites mal dormidas, alimentação insuficiente e muito suor, oriundo do esforço físico empreendido.

Há questões que tendem a ser comumente enfrentadas por muitas agremiações carnavalesca, essa nação vive um processo de resistência no combate a intolerância religiosa, racismo religioso, racismo institucional e machismo, inclusive na própria comunidade onde está sediada.

Em relação ao desfile desse ano, mestra Joana no dia 16 de janeiro de 2023 postou no Instagram dela o *flyer* de divulgação do desfile oficial 2023 do Encanto do Pina (Figura 19) e o seguinte texto:

A Nação do Maracatu Encanto do Pina, com muita alegria, convida toda a comunidade que nos acompanha para o desfile oficial do carnaval de 2023. Após dois anos, estamos de volta à passarela, celebrando 43 anos da Nação Encantada. Em 2023, o desfile é em homenagem ao orixá Oyá, senhora das tempestades, *Yabá* da justiça e mãe que nos protege com toda a sua força. Epahey, Oyá. Venham assistir, cantar e dançar junto com o baque encantado da nação. Dia 19 de fevereiro às 22h25. Local a ser divulgado em breve pela organização do concurso de agremiações. Epahey, Oyá! Encanto do Pina, 43 anos de tradição Nagô (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2023).

Figura 19 - *Flyer* de divulgação do desfile oficial 2023 da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: rede social/Instagram - @mestrajoanacavalcante de mestra Joana Cavalcante (2022)

Os símbolos utilizados na Figura 19, a exemplo de quatro borboletas, dois raios de trovão - símbolos da orixá Oyá, “senhora das tempestades, justiça e mãe que nos protege com toda a sua força”, como afirma mestra Joana na postagem analisada. A figura aqui apresentada também expõe as locomargas da Nação Encanto do Pina - maracatu de fundamento Nagô, do *Ylê Axé Oxum Deym* - terreiro de candomblé de

raiz Nagô, do Maracatu Baque Mulher - maracatu de feministas do baque virado que tem as orixás Oyá e Obá como guias espirituais desse coletivo, e do Maracatu Encantinho do Pina - uma extensão da Nação Encanto Pina.

No dia 5 de março de 2023, essa nação completou 43 anos de muito encantamento, entoando loas e dançando para as deusas e deuses do campo espiritual, emanando alegria, celebrando a vida, rogando por justiça, proteção, força e almeja abarcar o sentimento de irmandade, união e força para continuar disseminando os fundamentos Nagô através dos ensinamentos da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Axé, axé e axé para a tradição dos maracatus Nação.

4.3 PROJETOS, CAMPANHAS, AÇÕES E ATIVIDADES DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA

São direcionadas, de modo especial, para a Comunidade do Bode, “uma favela marginalizada, excluída e abandonada”, como declara mestra Joana Cavalcante (2020). Ela em parceria com a nação aqui mencionada e colaboração das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, fundou em 2013, o Projeto Encantinho do Pina, uma ramificação da Nação do Maracatu Encanto do Pina, que tem como uma das principais atividade cultural o maracatu mirim dessa nação (Figura 20).

Figura 20 - Maracatu Mirim da Nação do Maracatu Encanto do Pina – Encantinho



Fonte: site oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

Esse maracatu mirim foi idealizado e fundado pela mestra Joana Cavalcante, em 2008, mesmo ano que ela assumiu o comando da Nação Encanto do Pina. Em 2013, a Mestra criou o Projeto Encantinho do Pina, coordenado pela pedagoga Mariana Bianchi, sob a coordenação geral de mestra Joana. Tal projeto realiza várias atividades, entre elas o Maracatu Encantinho do Pina, cujo objetivo é transmitir conhecimentos, saberes e práticas referentes às expressões e manifestações culturais ancestrais às crianças, adolescente e jovens residentes nas periferias do Recife, através do maracatu de baque virado, principal atividade do projeto em tela, promovido pela nação supracitada.

Percebe-se, na Figura 20, garotas e garotos entre seis e 13 anos tocando maracatu de baque virado, destaca-se a participação de João Jhadyel⁸⁶, filho da Mestra, aos sete anos tocando caixa, usando uma guia⁸⁷ branca do seu orixá Oxalá no pescoço e um penteado de cabelo, trança nagô habitualmente utilizada pelas populações escravizadas (CRUZ, 2019).

Desde a primeira infância ele aprendeu a tocar maracatu e os toques praticados no candomblé nagô e na jurema, habitualmente chamado de macumba, pode-se constatar no vídeo “Toca Macumba João”, um ano e oito meses. Esse vídeo obteve 504 mil visualizações, João Jhadyel tornou-se uma criança conhecida internacionalmente. Verifica-se vídeo referente ao toque de maracatu titulado “Jhadyel Tocando”, que alcançou 2,6 mil visualizações e, do vídeo gravado no seu próprio canal do *YouTube* em 10 de agosto de 2020 com seu amigo Kauã, que desde os três anos é maracatuzeiro no Maracatu Encantinho do Pina, sob a regência de mestra Joana e no Maracatu Mirim Porto Rico, sob a regência do mestre Chacon. Esse vídeo João Jhadyel colocou o título “Homenagem a Nação Encanto do Pina série de ilu”, que teve 315 visualizações.

⁸⁶ Nasceu em 28 de novembro de 2009, em Recife, Pernambuco. É o segundo filho de mestra Joana Cavalcante, com Chacon Viana, *babalorixá* e mestre da Nação do Maracatu Porto Rico. Atualmente João Jhadyel tem 13 anos é ogã/ogan filho do orixá Orixalá, conhecido como Obatalá do *Ylê Axé Oxum Deym* e do *Ilê Axé Oxossi Guangoubira*. É pertinente registrar que os termos Oxalufã, Oxaguiã e Obatalá são procedentes da língua ioruba, utilizados para denominar Orixalá, conforme consta na literatura. João é multi-instrumentista, maracatuzeiro, toca todos os instrumentos que são utilizados no maracatu de baque virado, principalmente os tocados nas Nações de maracatu Encanto do Pina e Porto Rico, no Maracatu Encantinho do Pina e no Mazuca da Quixaba, grupo cultural que fomenta a jurema, religião de matriz afro-brasileira.

⁸⁷ Ver Apêndice A.

O Encantinho do Pina, extensão da Nação do Encanto do Pina é um maracatu mirim idealizado e fundado pela mestra Joana Cavalcante, no mesmo período que ela assumiu a coordenação e regência da Nação Encanto do Pina. Esse maracatu mirim é uma das ações realizadas por esta nação e, atualmente é uma das principais atividades promovidas pelo Projeto Encantinho do Pina, como já destacado nesse trabalho.

Esse maracatu mirim era regido pela filha primogênita de mestra Joana, Jhayana Cavalcante⁸⁸, Jhay de Oyá⁸⁹ *in memoriam* (Figura 21).

Figura 21 - Jhayana Cavalcante/Jhay de Oyá (*in memoriam*)



Fonte: Maurício Carvalho (2014); acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

⁸⁸ Em 2015, de forma súbita e precoce, aos 17 anos Jhayana Cavalcante fez a espiritual passagem do *ayé/terra* para o *orun/mundo*. Esta passagem é assinalada por ritos complexos que correspondem aos funerais referentes à manipulação dos elementos, símbolos ou espirituais.

⁸⁹ Jhay era o codinome como Jhayana Cavalcante era conhecida no Bode, comunidade periférica do bairro do Pina e Jhay de Oyá como era reverenciada no candomblé nagô, religião que foi praticante. Ela frequentava as cerimônias, toques e rituais dessa religião desde o ventre da sua mãe, mestra Joana Cavalcante. Jhay era filha de Oyá/Iansã, ver Apêndice A.

A imagem a), da Figura 21, expõe a foto de Jhay de Oyá sentada de cabeça baixa com as mãos no pescoço, usando o figurino da Nação Encanto do Pina, com o agbê no colo e olhos fechados realizando sua habitual oração, evocando a proteção de Oyá, orixá feminina que regia, cuidava da sua cabeça/ori, comumente evocada como lansã. E na imagem b), Jhay está com o figurino da Nação Porto Rico, abraçada com sua mãe, mestra Joana Cavalcante que usa o mesmo figurino da filha. Elas estão sorrindo, nota-se que o sorriso de Jhay demonstra um sentimento de muita alegria. De acordo com a imagem c), podemos aferir que Jhayana Cavalcante ministrou oficinas de maracatu para as crianças, adolescentes e jovens do Maracatu Encantinho do Pina, na sede desse maracatu mirim localizado no mesmo endereço da Nação Encanto do Pina. Ela também ministrou essas oficinas em escolas, OGNs, associações, entre outros espaços, localizados em diversas cidades do Brasil, a exemplo da Associação Cultural Quiloa, sediada em Santos, interior de São Paulo. Mestra Joana postou a foto da imagem d), no dia 12 de dezembro de 2022, data que sua filha, Jhay de Oyá completaria 24 anos, nessa postagem a Mestra escreveu:

Hoje 12 de dezembro de 2023 é seu aniversário de 24 anos. O amor é infinito, assim como a saudade, a dor, o vazio, sua ausência é dilaceradora minha filha. Sei que um dia iremos nos encontrar e, enfim, essa dor vai ser curada. Até lá sigo na missão aqui, buscando forças para continuar por muitas outras de nós (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2022).

Diante dessa declaração, podemos aferir que a Mestra não conseguiu superar o luto da sua primogênita é, evidente também o quanto ela ama essa filha. O segundo filho de mestra Joana, João Jhadyel Cavalcante (Figura 22), e sua filha caçula Jhadyane D'arc Cavalcante⁹⁰, Jhady de Oyá⁹¹ (Figura 23), participam do Maracatu Encantinho do Pina.

⁹⁰ Tem 4 anos, toca agbê no Baque Mulher Recife e na Nação do Maracatu Encanto do Pina. Ela também toca alfaia nessa nação e agogô na Nação Porto Rico, desfila nessas nações e no Maracatu Encantinho do Pina. Jhadyane D'arc também dança no grupo Mazuca da Quixaba.

⁹¹Jhady é o codinome como Jhadyane D'arc Cavalcante é conhecida no Pina e Jhady de Oyá como é reverenciada no candomblé nagô. Ela frequenta as cerimônias, toques e rituais dessa religião, desde o ventre da sua mãe, mestra Joana Cavalcante. Jhady, assim como sua irmã Jhayana Cavalcante, é também filha de Oyá/lansã, ver Apêndice A.

Figura 22 - João Jhadyel Cavalcante/ogã João de Orixalá



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022); Julybfoto (2022)

Na imagem a), da Figura 22, ogã João de Orixalá na primeira infância está na sede da Nação Porto Rico, com os braços debruçados em uma das alfaias dessa nação, segurando a baqueta⁹² com a mão direita. É interessante destacar que ele está olhando na direção horizontal, nota-se que é um olhar de contemplação, podemos aferir que ogã João esteja admirando algo ou alguém que se identifica. Na imagem b), ele toca bongô⁹³ sentado e sua mãe, mestra Joana Cavalcante ler partitura de uma loa, em uma oficina por ela ministrada sobre maracatu. Na imagem c), a Mestra demonstra a forma adequada de tocar alfaia ao participante dessa oficina, seu filho ogã João de Orixalá com a baqueta na mão direita, próximo a outro instrumento musical, caixa, está olhando a sua direita de forma concentrado e sério. Esse instrumento é tocado com duas baquetas, mas fica-se na dúvida se esse ogã estava

⁹² Ver Apêndice A.

⁹³ Ver Apêndice A.

tocando apenas com uma e, determinado acontecimento ou pessoa lhe fez parar de tocar a caixa. Não temos a resposta exata, mas supomos ser possível que ogã João de Orixalá estivesse tocando, ao seu modo, o instrumento supracitado, ao analisar a imagem d), onde esse ogã está com as duas baquetas, uma tocando o mesmo caixa e a outra o gonguê, que um homem jovem segura e uma adolescente olha admirada.

Figura 23 - Jhadyane D'arc Cavalcante/Jhady de Oyá



Fonte: Beth Romano (2019); acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 23, imagem a), Jhady de Oyá, está em um estúdio fotográfico fazendo seu book para registrar a memória da sua primeira infância. Ela está sentada,

sorrindo, usando um torço de cabeça⁹⁴ e vestido branco, com as mãos segurando as guias que estão no pescoço. Já na imagem b), Jhady está séria, com a mão direita fechada, a esquerda segurando uma pulseira de pérola, usa as mesmas indumentárias exceto as guias, substituídas por um colar colorido. Observa-se que no fundo dessa fotografia as imagens posicionadas a direita de Jhady de Oyá são sua bisavó materna/*yalorixá* Maria de Quixaba e, avó materna/mãe Carminha, a esquerda são sua avó paterna/*yalorixá* mãe Elda de Oxóssi e sua mãe/mestra Joana Cavalcante. A imagem c), é o *flyer* de felicitações em celebração ao primeiro aniversário de Jhady, produzido pela equipe de marketing da Nação Encanto do Pina. Ela usa um torço colorido e a camisa da nação supracitada, na parte inferior desse *flyer* observa-se a logomarca do Projeto Encantinho do Pina. Na imagem d), identifica-se o *flyer* de felicitações em celebração a data natalícia de Jhady de Oyá, produzido pela equipe de marketing do Maracatu Baque Mulher. Ela também usa um torço rosa com detalhes nas cores verde, azul e amarelo, na parte inferior desse *flyer* observa-se a logomarca desse maracatu de feministas. Já a imagem e), exibe o *flyer* de felicitações natalícia de Jhady de Oyá, produzido pela equipe de marketing do *Ylê Axé Oxum Deym*. Ela usa torço branco e vestido nessa cor, na parte inferior do *flyer* em tela observa-se a logomarca desse *ilê* e, a imagem da bisavó materna de Jhady, vó Quixaba idealizadora, fundadora e *yalorixá* do terreiro de candomblé nagô em tela. Na imagem f), Jhady de Oyá está no prédio da sede do *Ylê Axé Oxum Deym*, especificamente no terceiro andar, com o figurino do Maracatu Encantinho do Pina, duas baquetas, uma em cada mão, participando da *live* intitulada “Ibeji, Ibejinho, vem p’ro Encantinho”, transmitida ao vivo em 27 de setembro de 2020. Tanto Jhady como Raryeu Bruno Passos Prado, ela e esse garoto com apenas dois anos participaram desta *live* que obteve 2.312 visualizações. Na imagem g), mostra o *flyer* de divulgação do aniversário de três anos de Jhady de Oyá. É pertinente frisar que a imagem analisada faz alusão ao dia de São Cosme e São Damião⁹⁵, celebrado em 27 de setembro, mesmo mês que Jhady festeja seu aniversário natalício, comprovado nas imagens c), d), e) supraditas. Na imagem h), observa-se as felicitações referente ao aniversário de três anos de Jhady de Oyá. O *flyer* analisado foi produzido pela equipe de marketing do Maracatu Encantinho do Pina. Ela está esboçando um sorriso de

⁹⁴ Ver Apêndice A.

⁹⁵ Ver Apêndice A.

felicidade, usando saia amarelo dourado e blusa desse maracatu mirim, na parte inferior do *flyer* acima mencionado consta as logomarcas do Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e *Ylê Axé Oxum Deym*, nação, coletivo e terreiro, respectivamente, que apoiam, colaboram com o Maracatu Encantinho do Pina. E na imagem i), Jhady de Oyá está com o torço estampado e a camisa que mestra Joana idealizou e solicitou a confecção em alusão aos 18 anos do grupo cultural, Mazuca da Quixaba, por ela coordenado. Esse grupo está explicitado na quinta seção.

De acordo com as Figuras 21, 22 e 23, Jhayana Cavalcante, João Jhadyel Cavalcante e, Jhadyane D'arc Cavalcante desde a primeira infância começaram a realizar atividades idealizadas e executadas pela mãe, mestra Joana Cavalcante, ao mesmo tempo em que receberam influência das ações promovidas pelo pai, mestre Chacon Viana.

Retomando as atividades do Maracatu Encantinho do Pina, descrito anteriormente, é pertinente destacar que esse grupo infanto-juvenil, é uma das principais ações do Projeto Encantinho do Pina (Figura 24).

Figura 24 - Projeto Encantinho do Pina



Fonte: site oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

Na figura 24, constam crianças, adolescentes e jovens que participam do projeto analisado e realizado na sede da Nação Encanto do Pina, que fica no *Ylê Axé Oxum Deym*, na solenidade em alusão a celebração da Páscoa, todas estão com ovo de chocolate nas mãos, na sua maioria, usando camisa nas cores azul, amarela e com detalhes brancos que representa o maracatu nação supracitado, exceto dois garotos, um está com a camisa branca e o outro na cor azul.

O Projeto Encantinho do Pina conta com a colaboração da Nação Encanto do Pina e, com o Maracatu Baque Mulher desde 2008, ano que mestra Joana assume a coordenação e regência dessa nação. Desde então a Mestra vem desenvolvendo ações e projetos, entre eles destaca-se o projeto em tela. Mariana Bianchi é a coordenadora pedagógica do Projeto Encantinho do Pina que promove oficinas de percussão, dança afro, confecção de instrumentos percussivo, confecção de adereços, teatro, capoeira e suporte pedagógico, reforço escolar. Tais oficinas estão direcionadas para crianças de dois a 17 anos e 11 meses, vivendo em situação de vulnerabilidade, residentes nas comunidades periféricas, localizadas em Recife, como pontuado anteriormente.

As atividades do Projeto Encantinho do Pina têm como fundamento os ensinamentos do candomblé nagô, especialmente as atividades culturais de mestra Joana.

Avalia-se que as crianças, adolescentes e jovens participantes desse projeto social, com destaque as batuqueiras e batuqueiros do Maracatu Encantinho do Pina descobrem, aprendem, ensinam e compreendem, seu papel na sociedade, reconhecendo-se e sentindo-se pertencentes a esse coletivo infanto-juvenil, configurado como espaço cultural de convívio social, afetivo, lúdico, pedagógico, criativo, colaborativo, cooperativo e solidário.

Tal projeto aponta possibilidades para ampliar o desenvolvimento da criatividade, enfatizando e priorizando os valores éticos, sobre a formação para o exercício da cidadania, das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, de forma participativa e democrática.

É pertinente ressaltar que tanto a Mestra, batuqueiras do Movimento, batuqueiras e batuqueiros da Nação Encanto do Pina como pessoas voluntárias, ministram as oficinas acima mencionadas (Figura 25).

Figura 25 - Oficinas ministradas pela mestra Joana Cavalcante, batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, batuqueiras e batuqueiros da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Imagem: a)

Imagem: b)

Imagem: c)

Imagem: d)

Imagem: e)

Imagem: f)

Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 25, imagem a), mestra Joana em parceria com o Baque Mulher Floripa⁹⁶ realizou de modo virtual oficinas de maracatu de baque virado, ritmos, dança e as letras das loas pertinentes ao Movimento e, também à Nação Encanto do Pina. Na imagem b), da figura analisada aferimos que a Mestra com a colaboração do Baque Mulher Tocantins⁹⁷ contando com a participação especial de Sara Ramos, coordenadora de um dos grupos do Movimento ministra virtualmente oficina de maracatu de baque virado. Na imagem c), mestra Joana, Nação Encanto do Pina, Movimento, *Ylê Axé Oxum Deym* juntamente com a participação de Duda Lopes, realiza o 6º intensivão de agbês em São Paulo. Na imagem d), Erivannia Silva,

⁹⁶ Grupo fundado em 6 de junho de 2016, um dos grupos do movimento feminista, Maracatu Baque Mulher com atuação em Florianópolis, capital do Estado brasileiro de Santa Catarina, na Região Sul do país, ver Apêndice G.

⁹⁷ Grupo fundado em 22 de julho de 2018, com atuação no Estado do Tocantins, situado na Região Norte do Brasil. É o mais novo dos 26 Estados do país, ver Apêndice G.

ministra oficina de agbê, toque e dança da Nação Encanto do Pina. De acordo com o *flyer* essas oficinas foram realizadas na sede dessa nação.

Conforme a pesquisa de campo deste estudo e observando a imagem e), conferimos que, 21 a 23 de maio de 2021, em parceria com o terreiro, o maracatu Nação e o Movimento aqui destacados, o ogã Junio Nery, batuqueiro dessa nação e do Mazuca da Quixaba, ministrou oficina de atabaque/timbal. E a imagem f), confirma que através da parceria com o Baque Mulher Curitiba⁹⁸, ogan Dayvison Guiã ministrou oficina de baque virado a partir dos conhecimentos adquiridos na Nação Encanto do Pina.

Voltando à discussão sobre as atividades realizadas pelo Projeto Encantinho do Pina, esse projeto promove inúmeras ações sociais, educativas e políticas, entre elas destacam-se a) rodas de diálogo, b) oficinas, c) *lives* show, d) projeto troca de saberes.

- a) rodas de diálogos: para abordar temáticas relacionadas ao machismo, intolerância religiosa, racismo, violência doméstica, gravidez não planejada, educação sexual e reprodutiva, preservação do meio ambiente, objetivando a proteção e promoção dos direitos fundamentais das crianças, adolescentes e jovens que participam do projeto analisado.
- b) oficinas: são ministradas pelas pessoas que se prontificam como voluntárias, atuando como educadoras, educadores sociais nas suas respectivas habilidades. O projeto citado proporciona à crianças, adolescentes e jovens oficinas de percussão - com foco no maracatu de baque virado, ritmo tocado no Movimento e, em outros ritmos afro-brasileiros abarcando a sonoridade musical do agbê/xequerê, alfaia/tambor, atabaque/timbal, caixa, ganzá/mineiro e gonguê; dança - maracatu, ijexá entre outras expressões e manifestações da cultura afro-brasileira; canto - loas do maracatu de baque virado; confecção e manutenção de instrumentos percussivo - tambor e agbê, principalmente; confecção de adereços/indumentárias/artefatos,

⁹⁸ Grupo fundado em 1 de janeiro de 2018, um dos grupos do Maracatu Baque Mulher com atuação na capital do Estado do Paraná, sendo a mais populosa da Região Sul e a oitava do Brasil. A cidade é conhecida também como Cidade Modelo, Cidade Sorriso e Cidade Ecológica do Brasil, ver Apêndice G.

cenários e adornos carnavalescos; oficinas de teatro, capoeira e assessoria pedagógica, reforço escolar.

- c) *lives show*: planejadas e executadas no período da pandemia, entre elas destaca-se a *live* intitulada “Ibeji, Ibejinho, vem p’ro Encantinho”, transmitida ao vivo em 27 de setembro de 2020, fortalecendo a cultura afrodescendente, principalmente o pertencimento das expressões e manifestações da negritude na fase infanto-juvenil, destacada anteriormente. A criança que apresentou essa *live* foi a sobrinha de mestra Joana, Nathasha Ewelly do Nascimento de Paula (Figura 26).

Figura 26 - Nathasha Ewelly do Nascimento de Paula regendo a *live* do Maracatu Mirim da Nação Encanto do Pina – Encantinho



Fonte: acervo pessoal de Elaine Cristina (2022)

No ano que a *live show* foi transmitida, imagens a), b) e c) ilustradas na Figura 26, Nathasha Ewelly tinha 12 anos. Designada por sua tia, mestra Joana Cavalcante para reger o batuque do Maracatu Encantinho do Pina foi quem fez a regência nessa *live*. Nathasha conduziu esse baque e cantou todas as loas. Ela é a primogênita de Elaine Cristina Ferreira do Nascimento de Paula/*ekedi* Elaine e Alexandre Rogério Silva de Paula/*ogã* Alexandre, irmão da Mestra.

d) *projeto troca de saberes*: realizado no período da pandemia, especificamente em 2020, no formato de *live*, foi mediado por Tenily Guian/*yabá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro e batuqueira da Nação Encanto do Pina. Nesse projeto *yabá* Tenily convidou crianças, adolescentes e jovens do Projeto Encantinho do Pina para relatarem suas vivências com o maracatu de baque virado, proporcionando-lhes uma oportunidade de terem acesso às mídias sociais, principalmente se posicionarem como protagonistas e multiplicadoras das suas práticas e dos conhecimentos adquiridos sobre maracatu Nação (Figura 27).

Figura 27 - Flyer de divulgação do projeto “Troca de saberes” realizado virtualmente



Fonte: site oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

O projeto abarcado virtualmente, em forma de *live*, exposto na Figura 27, teve sua primeira edição, estreia nas plataformas sociais da Nação Encanto do Pina, do Maracatu Baque Mulher e das redes sociais de mestra Joana, em 23 de junho de 2020 às 14h. A criança convidada para ser entrevistada na *live* foi George de Omolu⁹⁹ aos 11 anos, participante do Projeto Encantinho do Pina, maracatuzeiro do Maracatu

⁹⁹ É o caçula e o terceiro filho de Ana Paula Silva, *ekedi* Paula. Ele nasceu em Recife, Pernambuco, toca todos os instrumentos é filho do orixá Omolu, ver Apêndice A.

Encantinho do Pina, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Tenily Guian mediou essa *live* que teve como tema gerador “Meu gonguê carrega axé”, para estimular o diálogo inicial com George que, naquela ocasião, tocava esse instrumento tanto no maracatu mirim quanto na Nação Encanto do Pina, atualmente ele toca caixa e alfaia.

Este projeto social é uma das ações apoiada pela nação acima citada, que tem como missão formar educadoras, educadores sociais, acolher crianças, adolescentes e jovens com muito amor, alegria e possibilitar-lhes perspectivas de superação da situação de vulnerabilidade que vivem nas favelas do Recife.

O Encantinho do Pina, mais do que um maracatu infanto-juvenil, é um projeto social que oferta apoio pedagógico, aulas de percussão, capoeira, dança e reforço escolar. Todo trabalho é feito em parceria e com a colaboração das pessoas voluntárias, sob a supervisão da pedagoga Mariana Bianchi.

O projeto propõe novas formas de aprendizado, envolvendo rodas de leituras, brincadeiras, atividades lúdicas e o próprio maracatu, que encanta as crianças da comunidade e as coloca num caminho de possibilidades inúmeras. Acredita-se que viver e praticar a cultura afro-brasileira, de forma lúdica, contextualizada e considerando a diversidade cultural das crianças, adolescentes e jovens, é contribuir efetivamente com as ações e atividades de transformação social para o fortalecimento desse segmento como agentes multiplicadores dessa cultura.

A *live show* ilustrada na Figura 27, foi uma ação que teve o objetivo de festejar e celebrar com as crianças o mês delas, exalta a cultura afro-brasileira, que precisa ser abarcada, acolhida e compreendida pelas futuras gerações. Devido a pandemia e a inviabilidade de realizar as atividades como tradicionalmente são executadas, as mídias digitais foram o modo encontrado para unir forças e tornar possível a continuidade de algumas ações do Projeto Encantinho do Pina, a exemplo das campanhas solidárias.

Durante as atividades *on-line* todos os cuidados para proteção contra a Covid-19 foram tomados. Para garantir o custeio dessa ação, o projeto contou com as contribuições espontâneas, através das doações financeira, cestas-básica, produtos de limpeza e higiene pessoal.

Através dessas doações foi possível garantir a realização de alguns eventos, a exemplo da *live show* “Ibeji, Ibejinho, vem p’ro Encantinho” regida por Nathasha Ewelly, participaram dessa *live* aproximadamente 30 crianças, entre elas destaca-se

a participação de João Jhadyel Cavalcante, Jhadyane D'arc Cavalcante, filho e filha de mestra Joana. Verifica-se o projeto *live* “Troca de saberes”, com o tema – meu gonguê carrega axé, que estreou com Tenily Guian entrevistando a criança George de Omolu, destacados nesse escrito. Tais projetos e o Maracatu Encantinho do Pina são ações desenvolvidas pelo Projeto Encantinho do Pina.

Compreende-se que esse projeto social permite a quem dele participa, incluindo educadoras e educadores sociais outra perspectiva de vida, ao desenvolver atividades, no contra turno da escola, que possibilitam às crianças, adolescentes e jovens, perceber melhor as relações sociais, comunitárias e políticas, principalmente ao contribuir para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo infanto-juvenil, atuando no contexto social em que vive, possibilitando a esse seguimento participar e contribuir na disseminação das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras através das atividades do Projeto Encantinho do Pina, entre elas destaca-se o Maracatu Encantinho do Pina. Esse maracatu mirim tem como rainha mirim Maria Clara Lopes da Silva, Clarinha e, João Guilherme Augusto Martins, Guilherme (Figura 28).

Figura 28 - Maria Clara Lopes da Silva/Clarinha e João Guilherme Augusto Martins/Guilherme rainha e rei do Maracatu Encantinho do Pina



Fonte: Ismaela C. (2020)

Na imagem a), da Figura 28, identifica-se Maria Clara Lopes da Silva/Clarinha, João Guilherme Augusto Martins/Guilherme, com vestimentas de rainha e rei da corte real do Maracatu Encantinho do Pina, um desdobramento/extensão da Nação Encanto do Pina. A corte, batuqueiras e batuqueiros desse maracatu mirim estão se

preparando para se apresentarem nos “Tambores Silenciosos Mirim”, uma cerimônia religiosa, uma resistência cultural e, também um ato político (SILVA JÚNIOR; CAMPOS, 2012). Trata-se de uma expressão da cultura afrodescendente que há décadas integra a programação cultural do carnaval de Recife.

Observam-se no fundo da imagem analisada, crianças com vestes na cor azul, amarela e branca, uma garota com agbê na mão direita e outras colocando adereços de cabeça que juntamente com as vestimentas aqui apresentadas compõe o figurino desse batuque. Constata-se ainda, que a rainha mirim está segurando com a mão direita o cetro/bastão e usando um lindo vestido azul, apresenta detalhes na parte superior na cor amarelo, que chega a reluzir, essas cores representam o Maracatu Encantinho do Pina. Clarinha nasceu em Recife, Pernambuco, tem oito anos. É a primogênita de Maria Eduarda Lopes Martins/Duda Lopes e, José Dayvison Flor da Silva/ogã Dayvison¹⁰⁰.

Analisando a imagem b), dessa figura pode-se aferir que Clarinha está segurando com as duas mãos o cetro/bastão e usando a mesma vestimenta da imagem a). Observam-se ainda, no fundo da imagem analisada, adultos e crianças com vestes na cor amarela e vermelho. Provavelmente também seja um grupo de maracatu ou então alguma outra expressão da cultura popular. Constata-se ainda a presença do irmão de Clarinha aos quatro anos, sentado olhando para irmã e, com a camisa que representa a nação assinalada. Essa criança é, José Davi Lopes Flor da Silva (Figura 29).

¹⁰⁰ Ele é filho de santo de mestra Joana, ogã e/ou ogan responsável pelo toque e canto nos dias de gira e, por todas as funções religiosas do *Ylê Axé Oxum Deym*.

Figura 29 - José Davi Lopes Flor da Silva/Davi batuqueiro do Maracatu Encantinho do Pina



Fonte: acervo pessoal de Duda Lopes (2022)

No ano em que a imagem da Figura 29 foi registrada, Davi tinha exatamente três anos e sete meses, mas desde os três anos ele é multi-instrumentista, maracatuzeiro, toca vários instrumentos que são utilizados no maracatu de baque virado, principalmente os tocados na Nação Encanto do Pina e, no maracatu mirim dessa nação.

Esse maracatuzeiro mirim nasceu em Recife, Pernambuco. É o caçula e, segundo filho de Maria Eduarda Lopes Martins e José Dayvison Flor da Silva. Atualmente Davi tem seis anos, mas desde os três anos que ele toca instrumentos de percussão que são tocados no maracatu. Na imagem observada ele está tocando ilu em umas das cerimônias religiosa, realizada no *Ylê Axé Oxum Deym*.

Não é exagero dizer que Duda Lopes, mãe de Clarinha e Davi, é batuqueira do Baque Mulher Recife, Nação Encanto do Pina, Mazuca da Quixaba e ex-batuqueira da Nação Porto Rico e do Grupo Percussivo Nação da Ilha. Ela é educadora social

voluntária do Projeto Encantinho do Pina e do Maracatu Encantinho do Pina, ministra oficina de todos os instrumentos que são tocados nos grupos supracitados.

Ogã Dayvison, pai de Clarinha e Davi é contramestre da Nação Encanto do Pina, colaborador do Maracatu Baque Mulher, batuqueiro do Mazuca da Quixaba, ex-batuqueiro da Nação Porto Rico, ex-instrutor de percussão e ex-coordenador geral do grupo percussivo Nação da Ilha. Ele é educador social voluntário do Projeto Encantinho do Pina e do Maracatu Encantinho do Pina. Esse ogã ministra oficina de maracatu, a partir dos conhecimentos adquiridos nesses grupos culturais, tornou-se Microempreendedor Individual (MEI), confecciona alfaia no seu próprio ateliê, com sede na sua residência, localizada na Imbiribeira, bairro periférico do Recife, onde mora com sua companheira Duda Lopes, sua filha Clarinha e seu filho Davi.

Tanto mestra Joana quanto batuqueiras, batuqueiros da Nação Encanto do Pina ministram oficinas de percussão, dança e confecção de instrumentos para as crianças, adolescentes e jovens que integram o Maracatu Encantinho do Pina, a exemplo de Elba Mariana Andrade da Silva, Erivannia Maria da Silva, Isabelle Caroline Caldas da Paz, Jamile Andreia Passos, Leorranny Beatriz Lira de Araújo, Maria das Dores Silva, Maria Eduarda Lopes Martins, Nathasha Ewelly do Nascimento de Paula, Patrícia Aliprandini Soares, Shirlene Benta do Nascimento, Maxsuelly Luanny da Silva dos Santos, Tenily Sales, Djúlio Alberto Oliveira de Araújo, Jaimison Pedro, José Dayvison Flor da Silva e Junio Nery.

4.4 LIVES DA NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA

Nos últimos anos, mais especificamente, desde 2 de abril de 2021, a nação aqui citada vem defendendo veementemente os direitos da população LGBTQIAPN+ ¹⁰¹. Nessa data mestra Joana, *yabá* Tenily Guian e pessoas LGBTQIAPN+ participantes da Nação Encanto do Pina perceberam a importância de ampliar as pautas dessa população dentro das periferias.

Para isso criou-se um grupo no WhatsApp intitulado “Família LGBTI ¹⁰² Encantada”, que tem como objetivo proporcionar à comunidade LGBTI um espaço

¹⁰¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Interssexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binário e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidades de gênero que existam.

¹⁰² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Intersexo.

familiar, acolhedor e de amor, dizendo não à violência que faz do Brasil o país que mais extermina a população LGBTI no mundo.

Jamile Andreia Passos, batuqueira do Baque Mulher Recife e da Nação Encanto do Pina e, César/batuqueiro dessa nação, integram a coordenação LGBTI da Nação Encanto do Pina, que tem como missão elaborar e executar ações de combate à homofobia e a todas as formas de violência e violação dos direitos da população LGBTQIAPN+, através do projeto séries de *lives* intitulado “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina” (Figura 30).

Figura 30 - Flyer de divulgação da série de *lives* “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina”



Fonte: rede social/Instagram da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2021); acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Até o final do primeiro semestre de 2021, essas séries ilustradas na Figura 30, foram transmitidas ao vivo todos os sábados às 19h pelo *YouTube*, no canal de mestra Joana Cavalcante. Na imagem a), constata-se o *flyer* de divulgação da primeira *live* da série desse projeto, transmitida em 10 de abril de 2021 e mediada pela *yabá* Tenily que dialogou com Jo Assumpção¹⁰³ mulher transgênera, bailarina, pedagoga, dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro sobre maracatu, diversidade sexual e de gênero na cultura popular em geral, especificamente, nas expressões culturais de matriz africana e o acolhimento das pessoas LGBTQIAPN+ nas Nações de maracatu, de modo especial, a condição social das mulheres transgêneras do Maracatu Baque Mulher.

Nessa *live*, *yabá* Tenily afirmou que “a Nação Encanto do Pina é uma casa acolhedora, um maracatu que abraça com muito carinho todas as pessoas e famílias”

¹⁰³ Ver apêndice D.

e frisa que “o Baque Mulher Rio de Janeiro foi o primeiro maracatu desse estado a participar da parada LGBTQIAPN+ e a defender várias outras pautas nesse estado”. Ela também destacou que Marielle Franco¹⁰⁴ convidava frequentemente o Baque Mulher Rio de Janeiro para se apresentar em vários lugares, inclusive na Câmara dos Vereadores [Vereadoras] da cidade aqui destacada, grifo nosso, porque é legítimo incluir as vereadoras, sabe-se que essa câmara é constituída por vereador, vereadora, todas e todos, independente da classe, raça, etnia, identidade de gênero e orientação sexual.

Na imagem b), averigua-se o *flyer* de divulgação da *live* transmitida em 12 de junho de 2021, Tenily Guian, *yabá* do *Ylê Axé Oxum Deyam* e Aline Valentim mediarão essa *live* com a musa Ary Poscalli dançarino, costureiro, artesão, baiana da Nação do Maracatu Estrela Brilhante do Recife e, exemplo de liderança LGBTQIAPN+ no maracatu Nação.

A imagem c), destaca informação da *live* transmitida em 17 de abril de 2021, *yabá* Tenily também mediou a *live* Família LGBTQIAPN+ Encantada, que teve como convidada Mari Bomba¹⁰⁵ coordenadora do Baque Mulher Curitiba, desde 2015. A *yabá* iniciou essa *live* pedindo licença a Nação Encanto do Pina, as mães de santo do Pina e, deu um *salve* à Ane Guinlins, uma das primeiras mulheres trans, guerreira atuante nas atividades artísticas e culturais de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Guinlins fez a passagem, faleceu em abril de 2021.

Tenily também saudou toda ancestralidade das negras, que estavam prestigiando a transmissão dessa *live* e destacou que o projeto das *lives* “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina”, promovido pelo maracatu Nação Encanto do Pina, tem como objetivo ampliar o debate sobre a luta pelos direitos da comunidade LGBT, que atualmente são compreendidas como pessoas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, essa nação resolveu tirar suas fantasias, a vida de *glamour* do carnaval nas avenidas e trazer para a vida virtual várias discussões pertinentes em relação ao preconceito, vivenciado até o presente momento, por essa comunidade.

É relevante destacar que já registada anteriormente, a Nação Encanto do Pina não cansa de lutar contra a homofobia, preconceito contra homossexuais, bissexuais, lesbofobia, intersecção entre a homofobia e o sexismo contra mulheres lésbicas, ou

¹⁰⁴ Ver apêndice D.

¹⁰⁵ Ver apêndice D.

seja, mulheres que vivem sua sexualidade distante da tendência heterossexual. E, o combate a transfobia, que diz respeito à rejeição às pessoas transexuais, que seu gênero não corresponde a sua identidade sexual, bem como contra o racismo e qualquer tipo de preconceito.

Tenily Guian destacou que:

[...] no Estado de São Paulo está tramitando o Projeto de lei nº 504/2020 que proíbe a publicidade, através de qualquer veículo de comunicação e mídia de material que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual relacionados a crianças no Estado (YABÁ TENILY GUIAN, 2021).

Trata-se de um projeto que tende invisibilizar a população LGBTQIAPN+, por conseguinte desconsidera suas especificidades, seus direitos básicos, como por exemplo, o direito de ir e vir. A Deputada Erica Malunguinho¹⁰⁶ está mais uma vez na linha de frente para combater e impedir que projetos como o Projeto de lei nº 504/2020¹⁰⁷ sejam aprovados.

Essa deputada pernambucana negra, representa a bancada política do Estado de São Paulo, tem como área de atuação a luta antirracista, educação, saúde, cultura, povos tradicionais, comunidades de terreiro, mulheres, população LGBTQIAPN+ e população carcerária.

Essas *lives* mediadas pela *yabá* Tenily, especialmente com a entrevistada Mari Bomba, representaram a população LGBTQIAPN+ da Nação Encanto do Pina, dialogando sobre o amor. Tenily registra que no dia da realização da *live* com Mari Bomba, em 17 de abril de 2021, ela e sua companheira/esposa Aline Valentim, completaram dois anos de relacionamento estável, regado de muito amor.

Mari Bomba inicia sua fala dizendo que está muito honrada de estar participando dessa *live*, afirma ser muito gratificante ter a oportunidade de fazer parte de um espaço tão importante como esse, falar dos direitos da população LGBTQIAPN+, “tema pertinente e urgente de ser discutido em todos os espaços, inclusive nas redes

¹⁰⁶ Ver Apêndice D.

¹⁰⁷ Dispõe sobre a proibição da publicidade, através de qualquer veículo de comunicação e mídia de material que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual relacionados a crianças no Estado de São Paulo.

sociais, principalmente nesse contexto, político e histórico que o Brasil está vivendo”, afirmou Mari Bomba (2021).

No decorrer da *live* foi observado que a entrevistada convidada, Mari Bomba usa um dialeto próprio, inicia com a fala “*com respeito peço licença às mais velhas, às mais novas e toda à família do Encanto*”, referindo-se as pessoas que constituem a Nação do Maracatu Encanto do Pina.

A licença solicitada era justamente por,

[...] estar aqui nessa *live* botando a boca no trombone para falar o que tem que ser falado, botando a cara nesse mundo *on-line* para trocar uma ideia sobre esse papo de progresso, falar sobre as especificidades e os direitos da população LGBTQIAPN+ é uma parada muito difícil, mas gosto de tacar fogo na pista, embalar as pessoas, fazer a vibração do lugar ficar quente mesmo (MARI BOMBA, 2021).

A debatedora acredita que veio, para deixar no mundo a continuidade da sua ancestralidade, entende que às vezes as pessoas precisam do saber ancestral para afirmarem aspectos dos afrodescendentes, inclusive sua orientação sexual e questiona,

[...] se uma mulher vai namorar um cara, ela vai estar enquadrada no rótulo da heteronormatividade. A mulher não precisa dizer para a família, eu sou uma mulher heterossexual. Mas se ela se apaixona por outra mulher, ela tem que dizer ou não, mas é um momento que essa mulher tem que dizer ou até mesmo assumir sua orientação sexual (MARI BOMBA, 2021).

A intermediadora Tenily Ihe indaga – “como foi para você, para sua família e para o mundo, você ter se assumido e dizer eu sou sapatão, eu namoro uma mulher, é isso que eu quero para mim”. Prontamente a interlocutora Ihe revela,

[...] eu não tive oportunidade de sair do armário, fui arrancada dele, costumo dizer, que sou subordinada do sétimo dia, venho de uma conduta cristã onde dos oito aos 14 anos, eu era colocada para ter esse aspecto de mundo, dentro das normas do cristianismo, dentro de uma Igreja Evangélica, que se aproximava da Igreja Universal, não é qualquer Igreja Evangélica, é uma dominante e que domina as massas mesmo. Há um número absurdo de pessoas que compõem, que acreditam no que é colocado pela Igreja Evangélica. Essa igreja como

crença e exercício de fé, me arrancou do armário (MARI BOMBA, 2021).

Mari Bomba acrescenta,

[...] minha mãe flagrou uma carta minha para uma mina [garota] que eu namorava, era uma carta de declaração de amor, tipo, eu revelei o verbo mesmo para a mina. Eu escrevia várias coisas, poemas, cartas, que considerava meus segredos, porque acreditava, que eu não podia me colocar no mundo, mas agora luto e peço abertura para isso. Falei para mim mesma - eu preciso sair do armário, eu nunca pude sair do armário, o armário sempre foi lacrado a sete chaves para mim (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

De acordo com o relato nessa *live*, no momento que a mãe de Mari Bomba se deparou com a carta que ela escreveu para sua namorada, ao chegar em sua residência, a carta estava aberta na cama, sua mãe sentada do lado dela, esperando a filha para conversar. A primeira reação da mãe de Mari Bomba foi de muita decepção, era como sua filha fosse uma frustração de tudo que ela projetou para ela, que foi educada para ser uma mulher virtuosa e “uma Obreira de Daisy” [Deus] (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

A entrevistada declara,

[...] nesse momento minha casa caiu, foi isso que aconteceu, eu não contava com essa audácia da minha mãe, mexer nas minhas coisas achar uma carta e imediatamente me chamar para conversar, me levar para igreja acreditando que os demônios seriam arrancados de mim (MARI BOMBA, 2021).

Após esse episódio Mari Bomba passou mais seis meses na Igreja Evangélica, tinha 14 anos,

[...] foi um processo bem violento de tentativa de exorcização que não acontecia, a Igreja Cristã é numerosa, gere [regula] muitas pessoas, associa a figura de Exu¹⁰⁸ ao Diabo, o trata como tal. Naquele enredo, acho que estava com Exu no meu corpo, mas já naquela época eu não conseguia aceitar a figura dele associada ao Diabo, isso é

¹⁰⁸ Referência bibliográfica: KATRIB, Cairo. Nas encruzilhadas do humano: a figura de Exu na umbanda. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano X, n. 28, p. 97-111, 2017.

inadmissível, não cabia dentro de mim (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

As pessoas da igreja diziam para Mari Bomba, que não é legal uma mulher se relacionar afetiva e sexualmente com outra, que isso é pecado, muito feio e ruim. Ela corajosamente diz,

[...] como pode ser pecado, feio e ruim? Está me relacionando com as mulheres é maravilhoso, isso está sendo ótimo para mim, não tem como ser ruim nem tão pouco pecado. Vocês estão equivocadas, ruim é estar aqui dentro fazendo a bonita, que eu não sou (MARI BOMBA, 2021).

O passo seguinte, após sua expulsão da Igreja Evangélica, Mari Bomba vai viver sua vida. Ela já trabalhava desde os 14 anos, ainda na fase da adolescência já tinha autonomia financeira. Argumenta-se que o fator financeiro na vida das mulheres lésbicas é um dos marcadores determinantes para sua autoafirmação (BRASIL, 2013).

Ao conhecer a realidade da Comunidade do Bode, houve um sentimento de pertencimento de Mari Bomba em relação ao cotidiano dessa comunidade periférica, ao se deparar com situações que já vivenciou e continua vivendo em Curitiba, capital do Paraná (RIBEIRO, 2017).

Mari Bomba afirma que não teve a possibilidade de sair do armário, porque esse espaço e abertura nunca foi uma opção na sua vida, sua família por parte de mãe 80% por cento era de cristãs. Sendo assim, o diálogo sobre sua condição de mulher lésbica não existiu.

Yabá Tenily expõe que é importante a família dialogar sobre orientação sexual, compreende que às vezes as mães e responsáveis pela educação de uma criança, adolescente e jovem se decepcionam quando descobrem a homossexualidade de quem está sob sua responsabilidade. Ela atribui esse feito ao preconceito, à ignorância, ausência de informação e conhecimento, principalmente ao choque de geração.

Entretanto, acredita que se na atual circunstância, Mari Bomba “trocasse uma ideia”, conversasse sobre seu casamento com outra mulher, com a sua mãe, com

certeza ela não teria o mesmo impacto que teve quando descobriu seu primeiro namoro na adolescência com uma garota.

Para Tenily mães e responsáveis pelas crianças, adolescentes e jovens muitas vezes, têm uma postura, em certa medida, equivocada, porque há muitas cobranças da sociedade, há uma padronização de comportamentos baseados na heteronormatividade, a família parte do princípio de que todas as pessoas são heteronormativas, aceitando isso como uma norma, desconsiderando o conjunto de fatores que permeiam a orientação sexual de cada pessoa (BUTLER, 2008).

A sociedade prepara as mulheres para se casarem com homens, quando elas se tornam adultas e constata que o seu coração vibra por outra, ou seja, se apaixonou por outra mulher, elas têm dificuldade de aceitar esse sentimento e as mães dessas mulheres lésbicas ou bissexuais, normalmente tendem a não aceitarem a orientação sexual das filhas.

A *yabá* declara que sua mãe é supertranquila, por isso ela teve a oportunidade de se assumir como lésbica ainda na juventude, atribui essa oportunidade pela educação que sua mãe teve e conseqüentemente como ela lhe educou.

Na sequência Tenily pergunta a Mari Bomba se ela teve alguma referência de mulher lésbica na sua adolescência ou juventude, observando que a população LGBTQIAPN+ precisa ter referência dessa população em todas as áreas de atuação na sociedade, a exemplo na arte, música, dança, saúde, educação, inclusive, no maracatu de baque virado.

Conforme Mari Bomba,

[...] a subjetividade e identidade da mulher lésbica tem uma essência, a partir dessa essência ela vai encontrando coisas que forjam a sua identidade, dentro da essência particular de cada uma. A mulher lésbica vai como um radar, capitando tudo aquilo que ela está vibrando, ou seja, está aberta. Eu me rebelei mesmo estando dentro da Igreja Evangélica, que considerou uma rebeldia extrema. Eu cheguei a consumir drogas ilícitas, a beber até cair dentro da igreja, como um ato de rebeldia (MARI BOMBA, 2021).

Também declara que,

[...] quando eu sou excomungada desse espaço é porque eu fiz de tudo, também já não aguentava mais e precisava fugir daquela lógica.

A partir do momento que sou convidada a me retirar é porque, fiz tudo que era possível ser feito. Todas as possibilidades de exorcismo foram aplicadas, tudo, oração na cabeça e coisarada [banho] de sal, nada acontecia. A partir do momento que eu me rebelo, vou procurar formas e espaço onde eu pudesse apenas ser aquilo que eu era, viver a raiz e a essência que sou (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Mesmo frequentando a Igreja Evangélica, Mari Bomba teve seu primeiro contato com o *rap*, ela expõe,

[..] eu sempre fui muito rueira [viver na rua], passava dias e dias, madrugadas e madrugadas adentro na rua, dormia e acordava na rua, sempre tive ela [rua] como uma casa mesmo. Porque dentro da minha casa não podia ser quem eu era, dentro do espaço que eu socializava, que era a igreja muito menos, o que me restava era buscar outros subterfúgios em outros espaços (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Pode-se aferir que diante dos argumentos apresentados, a Igreja Evangélica não imobilizou Mari Bomba. Tal instituição foi um espaço que lhe suscitou uma ação revolucionária e de resistência, podendo ser considerada rebeldia e desobediência na concepção dessa instituição religiosa.

Para Mari Bomba a desobediência é algo muito louvável em vários momentos, porque, se não fosse sua desobediência em relação aos padrões impostos pela igreja que frequentava na adolescência, possivelmente ela não seria a mulher que é hoje, provavelmente não seria candomblecista, batuqueira da Nação Encanto do Pina, nem seria a coordenadora do Baque Mulher Curitiba, que constitui o Movimento com foco no maracatu de baque virado e fundamentado no candomblé.

Sendo assim, recomenda-se ponderar as desobediências em dadas circunstâncias, especialmente nos espaços homofóbicos, machistas, misóginos, patriarcal. Logo é preciso desobedecer a algo que não consegue respeitar as relações de orientação sexual, gênero, raça, classe e o “lugar de fala”, considerando os marcadores sociais da diferença de cada protagonista (RIBEIRO, 2017).

Afere-se que a sociedade não pode admitir práticas de pessoas homofóbicas, preconceituosas, principalmente, as que tiram a vida da população LGBTQIAPN+. Há um abismo entre a concepção de vida dessa população e a concepção de vida das pessoas homofóbicas, que causa danos irreparáveis à humanidade. Pondera-se que a vida é feita de contradição, independente da linha ideológica, vertente religiosa das

peças que “são formadas a partir de contradições e doutrinas” (MARI BOMBA, 2021).

Constata-se, dessa forma, que a partir do momento que a pessoa se impõe a determinada doutrina, a sociedade tende a pressupor que essa pessoa está desobedecendo o que está estabelecido socialmente, logo precisa ser punida. Portanto, é fundamental que esse fato não seja naturalizado nem tão pouco institucionalizado.

[...] eu acredito muito que a galera homofóbica tem a abertura de aplicar para o Universo, o que as pessoas hétero querem para si. Elas se consideram suficientes, por serem hétero, querem que todo mundo seja. Eu não consigo entender a vastidão de possibilidades que existem dentro das relações humanas. Percebo que é muito vasta a nossa possibilidade de relação, eu acho que por mais que a população LGBTQIAPN+ esteja saindo das caixas, tem muita coisa a ser conquistada, que com o passar do tempo vai vir à tona, que são sonhos nossos, que vão ser colhidos lá na frente, eu tenho certeza (MARI BOMBA, 2021).

Além disso, Mari Bomba, destaca,

[...] dos anos 1990 aos 2000 muitas pessoas LGBTQIAPN+ sonharão em poder falar livremente sobre o que estamos falando nessa *live*. Acredito que essas pessoas têm influenciado nossa existência e resistência. Não podemos ser projetadas, projetados por um livro [bíblia], que se tem como sagrado, não podemos ficar reféns do que a igreja projeta sobre nossas vidas, eu particularmente nem paro para pensar no que ela [igreja] pensa ou deixa de pensar sobre o meu corpo, pois o meu corpo minhas regras e a minha sexualidade diz despeito, exclusivamente a mim (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Contudo, “muitas pessoas não vão mudar suas concepções sobre a diversidade humana, porque já estão endurecidas”, declara Mari Bomba (2021). É pertinente destacar que ela foi a primeira mulher a sair na corte real no desfile oficial da Nação Encanto do Pina com a fantasia do soldado romano, personagem masculino que abarca o desfile nessa nação. Mari Bomba emocionou-se quando desfilou na passarela ao lado de dona Célia e Thiago, rainha e rei do Encanto do Pina. Conforme seu relato ela teve a sensação de que o desfile durou segundos, viveu um momento de muita adrenalina, ano seguinte solicitou à mestra Joana Cavalcante, o mesmo traje,

a Mestra prontamente atendeu esta solicitação e a autorizou desfilarem pela segunda vez como soldado romano.

Destaca como os próprios elementos do maracatu nasceram dentro de uma cultura machista, a exemplo do transvestismo, travestismo, ato de uma pessoa vestir-se com roupas e usar acessórios de uma pessoa do sexo oposto, a exemplo do *babalorixá* Sérgio e Jocien Bruno Martins do Prado desfilantes da Nação Encanto do Pina que se transvestem de mestra Paulina¹⁰⁹ (Figura 31) e *yabá* (Figura 32), respectivamente.

Figura 31 - Babalorixá Sérgio desfilante da Nação do Maracatu Encanto do Pina trajando vestimenta feminina da corte real dessa nação homenageando a mestra Paulina



Fonte: rede social/facebook de mestra Joana Cavalcante (2021)

Nessa Figura 31, o *babalorixá* Sérgio está usando um vestido azul bordado com muitas lantejoulas e um arranjo de cabeça enfeitado com penas de pavão, indumentárias que compõem a alegoria por ele confeccionada e bordada para ele usá-la no desfile oficial já citado. Tais indumentárias homenageia mestra Paulina, juremeira consagrada como uma entidade espiritual da jurema que pai Sérgio incorpora nos rituais, toques e, giras da jurema, religião que esse *babalorixá* é praticante. A figura apresentada também divulga a participação de pai Sérgio como

¹⁰⁹ Ver Apêndice A.

convidado no minicurso “Salve a Corte Real – a dança de maracatu de baque virado e seus personagens”, realizado em 14 de julho de 2022, ministrado pela dançarina Aline Valentim, coordenadora da ala de dança da Nação Encanto do Pina. Esse minicurso é uma parceria com a Companhia de Dança Babalakina e uma realização da nação mencionada, Maracatu Baque Mulher, Mazuca da Quixaba e do *Ylê Axé Oxum Deym*, como pode-se observar as suas respectivas logomarcas impressas na parte inferior do *flyer* de divulgação do minicurso citado.

Figura 32 - Jocien Bruno Martins do Prado desfilante da Nação do Maracatu Encanto do Pina trajando vestimenta feminina da corte real dessa nação homenageando as *yabás*



Fonte: acervo pessoal do Jocien Bruno (2022)

Jocien Bruno na Figura 32, usa vestido branco com armação - estrutura de arame ou cano colocada embaixo da vestimenta. Ele homenageou as *yabás* com essa vestimenta bordada com símbolos nas cores variadas que fazem referência aos orixás a exemplo dos símbolos verde com azul - alusão a Oxossi; preto com vermelho - menção a Oxú; amarelo com branco - referência a Oxum; azul com branco - alusão a

lemanjá. Observa-se ainda um par de adjá¹¹⁰ no chão, próximo ao traje usado por esse brincante, candomblecista e filho de santo do *Ylê Axé Oxum Deym*.

Assim como Mari Bomba usou vestimenta masculina no desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina, pai Sérgio e Jocien Bruno usaram vestimenta feminina nesse desfile. É pertinente destacar que essa nação permite seus batuqueiros tocarem agbê, inclusive no desfile das agremiações de maracatu do Recife, promovido pela prefeitura dessa cidade.

A nação supracitada, “foi a primeira Nação de maracatu de baque virado a permitir que homens também tocassem agbê, instrumento percussivo que até então era tocado exclusivamente por mulheres”, afirma mestra Joana Cavalcante (2022).

Adverte-se como esses elementos, indumentárias e abrangência do entendimento do maracatu estão sendo ressignificados atualmente com a presença da população LGBTQIAPN+, da população trans, isso tem ocorrido em várias manifestações culturais populares, a exemplo das quadrilhas juninas, nos cortejos das Nações de maracatu. Fato constatado desde 2011, no levantamento de dados do doutorado do pesquisador, Pajeú (2015).

Para Mari Bomba, mulher preta que se autodeclara bissexual, foi uma honra entender a figura de todos os elementos da corte real mais a fundo, o que representa cada personagem que compõem essa corte, entender que cada personagem tem o seu papel simbólico e material do maracatu, ter compreendido que o soldado romano, bem como cada personagem dessa corte não é apenas um número na passarela, não vem apenas para ocupar um espaço, fazer volume, encher a passarela, mas elementos fundamentais para compor a corte de um maracatu Nação. Em suma, há um porque em cada detalhe, tudo tem um significado, passa a ter outra perspectiva.

Desfilantes/brincantes das Nações de maracatu, a exemplo da Nação do Maracatu Encanto do Pina, ao desfilar oficialmente nessa nação, tende a fazer uma outra análise do imaginário simbólico sobre o maracatu, sugere-se outras expressões e manifestações culturais de matriz africana. Brincantes tendem ter uma concepção mais maravilhada e encantada com os aspectos da espiritualidade das populações afrodescendentes, conseguem em dada medida, perceber a simbologia e materialidade evidenciadas do desfile dessa nação.

¹¹⁰ Ver Apêndice A.

Voltando à apreciação da narrativa de Mari Bomba sobre a situação de violência sofrida no âmbito da homofobia, essa maracatuzeira da Nação Encanto do Pina declara:

[...] sim, em Manaus faz um longo tempo, é uma história muito longa, mas vou resumi-la. Fui parar na delegacia já algumas vezes. São cenários [espaços] de muitos conflitos e agressões físicas, muitas vezes, foram reações de violências. Infelizmente, apenas quando a gente sofre algum tipo de violência, normalmente vem a figura do homem, que envolve uma questão de gênero, ou seja, salve as exceções, é sempre homem hétero, mas, também pode ser um homem homossexual, bissexual ou pan sexual, porque tende a pressupor que a figura dele masculinizada ou não, vai amedrontar a mulher, mas quando ele ver que não vai conseguir, que é a mulher quem vai botar para torar [atitude firme] literalmente, ele fica exaltado (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Esses e outros contextos violentos, foram contundentes para em 2017 ela presta um boletim de ocorrência pela violência sofrida,

[...] foi um ano de muita efervescência no cenário [contexto] político, foi um ano muito marcante na minha vida. Na real os anos de 2017 e 2018 foram de muita efervescência mesmo, em relação ao então presidente Jair Bolsonaro, se ele ia ou não permanecer na presidência. Nesse período muitos dos seus seguidores saíram da caverna, revelando sua verdadeira personalidade, o negócio começou a pipocar [houve conflito] no Brasil, principalmente para a população LGBTQIAPN+, indígena, negra, pobre, periférica, especialmente para as mulheres que também compõem esses marcadores sociais. Eu moro em Curitiba [Paraná], cidade que na sua maioria corrobora com as ideologias do presidente Bolsonaro. E nesse momento eu me coloquei enquanto uma mulher anarquista, lésbica, enfim que está subvertendo o sistema, desbocada, que peita [vai para o embate] na hora do soco, sou debochada que aguento sair no soco (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Nesse mesmo período, ela foi parar na delegacia seis vezes, por chegar às vias de fato da violência, já passou por uma série de situações conflituosas, mas não foi agredida fisicamente, pois na conjuntura que o Brasil estava vivendo havia a possibilidade de ela sofrer inúmeras agressões. Entretanto, para se proteger e não sofrer ato de violência, ela precisou ser agressiva e violenta em determinadas situações.

É pertinente destacar esse depoimento de Mari Bomba,

[...] vi uma menina apanhando [sendo agredida] de um cara [homem], por uma babaquice [bobagem] qualquer, fui para cima dele, não quis nem saber. Eu tive a sorte de ter sido preparada no muay thai, arte marcial tailandesa e também integrei uma organização de mulheres, que treinávamos juntas essa arte marcial. A gente corre atrás mesmo das organizações nazi, inclusive em alguns momentos eu já tive que correr deles também, mas é isso tem dia que a gente corre e tem dia que a gente bota [coloca] para correr (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Sobre as formas de violência ela diz que sempre reagiu, e declara,

[...] de uma forma muito impulsiva, eu nunca baixei minha cabeça para violência, tanto quando é diretamente comigo ou quando eu vejo a violência acontecer ao meu redor, sempre reajo, mas teve episódios pontuais na minha vida onde eu fiquei imobilizada (MARI BOMBA, 2021).

Acredita-se que há situações que tende a deixar a pessoa que sofreu a violência sem condição de reagir, fica de alguma forma, estática e pensando no que está acontecendo. A violência tem suas várias facetas e possibilidades, a pessoa reage de uma forma não esperada e a quem está agredindo, tudo pode acontecer.

Retornando à adolescência de Mari Bomba, desde seus 15 anos realiza discotecagem em festas privadas para amigos íntimos, no social. Mas entre os anos de 2016 e 2017 começou a discotecar em festas de maiores projeções artística.

Em 2018 consagra-se como uma profissional nessa área de uma forma oficial. Nesse mesmo ano passa a integrar um bloco carnavalesco chamado *Saí do armário me dei bem*, inclusive César batuqueiro da Nação Encanto do Pina é um dos fundadores desse bloco. A partir da parceria firmada com esse bloco carnavalesco, firma-se no *funk*, momento que começa a se colocar a partir do seu lugar social, através das suas composições autorais. Mari Bomba é a pessoa que puxa os *funks* no bloco *Saí do armário me dei bem*, não os que já são tocados na mídia de massa, mas canta os *funks* com foco na visibilidade da população preta e periférica. Trata-se de “*funks* do submundo, degenerado”, afiança Mari Bomba (2021).

Regressando ao ano de 2018, ocasião que Mari Bomba é reconhecida como cantora, compositora, MC e consegue se colocar como DJ. Desde então suas duas profissões caminham juntas. Em vários momentos ela realiza eventos discotecando,

muitas vezes é solicitada a parar de discotecar, porque fãs, apreciadoras, apreciadores da sua arte solicitam que ela cante *funks* de sua autoria que já havia apresentado em outros eventos culturais. Percebe-se que a sua habilidade como MC caminha lado a lado da sua habilidade na discotecagem, tornando-se assim, a ilustre figura Mari Bomba.

Em relação aos ensinamentos das mães, Tenily Guian alega que sua mãe sempre lhe orientou a andar de mãos dadas. Ela é capoeirista, e relata que toda hora as mulheres, especialmente as LGBTQIAPN+ têm que estar na defensiva, pois a sociedade tende a agredi-las ou dizer que elas estão erradas ao fazer um gesto de amor ou carinho nas suas namoradas, companheiras ou esposas. Mari Bomba corrobora com Tenily ao expressar que “é inadmissível as lésbicas sofrerem qualquer ato de violência por estarem praticando um ato de amor. Sempre é um homem que vem com essa coisa da violência de querer bater”, afirma Mari Bomba (2021).

Tenily Guian indagou a Mari Bomba se, já teve uma família ou alguém que deixou de consumir sua arte como trabalhadora diarista, DJ, produtora de eventos, empreendedora, fotógrafa, desenhista, multiartista e cantora, quando tomou conhecimento que ela é casada com uma mulher. A DJ respondeu:

[...] não, porque eu ganho a pessoa no papo [diálogo], sou muito cheia do mel na boca [agradável, fala com ternura], eu entro na mente das pessoas. Isso faz com que elas esqueçam, muitas vezes, que existem abismos entre nós, há muitos momentos que, as coisas fluem de uma maneira muito orgânica. Aqui em Curitiba a gente tem uma mania de chamar as pessoas de gay, às vezes é uma pessoa super travada, baseada na heteronormatividade. Eu acho que são nessas horas que a gente não pode dar margem para lesbofobia, transfobia e homofobia se alastrarem (MARI BOMBA, 2021, grifo nosso).

Nessa perspectiva ao mesmo tempo que Mari Bomba vai para o embate, ela consegue manter um diálogo profícuo, refletindo sobre sua vida e sua práxis, Mari Bomba consegue adentrar com seu discurso dialógico, extrovertido e descontraído no subconsciente das pessoas (FREIRE, 2003). A partir da sua trajetória de vida, tende a jogar, um jogo estratégico que a vida lhe ensinou, para paulatinamente ser aceita de forma respeitosa e humanizada nessa sociedade lesbofóbica, misógina, machista, patriarcal e capitalista.

O fato de Mari Bomba ser compositora e cantora, instigou Tenily Ihe solicitar que cantasse uma das suas composições autorais. Prontamente ela cantou uma composição autoral, que escreveu em protesto ao plágio que um homem fez da logomarca da Nação Encanto do Pina. Esse acontecimento Ihe inspirou a compor um *funk* como forma de propagar sua indignação.

[...] pode até tentar / mas nós é patenteado / reino e rainha original encantado / mestra Joana deu o papo / nós o esculacho / e se bater de frente pode crê que é atraso / vacilou na pista me deixando o rastro / pode até se esconder / mas já tá monitorado / pode até se esconder / mas já tá monitorado / garanto o esculacho / e se bater de frente pode crê que é atraso / mestra Joana deu o papo / nós garante que aqui no Bode tem drone / tem câmera 24 horas / não adianta pode dar mil na pista / pode azedar a marmitta mesmo / que vai cair a casa uma hora, entendeu (MARI BOMBA, 2021).

No decorrer da *live* Mari Bomba revela que às vezes vai ao pagode com várias mulheres, sendo 90% lésbicas, ao chegarem nesse evento cultural os homens, na sua maioria, ficam impressionados, ao ver muitas mulheres lésbicas dentro do pagode e, por vezes chegam a se questionarem, o que aquelas lésbicas estão fazendo nesse evento predominantemente, frequentado por mulheres e homens cis, que se autodeclara pessoas que se identificam com o sexo biológico que Ihe foi atribuído ao nascer.

São exatamente episódios como esse que nos levam a refletir sobre o lugar social das mulheres lésbicas, bem como da população LGBTQIAPN+. Percebe-se que elas não são benquistas, bem-vistas, queridas e aceitas pela sociedade. Essas pessoas entendem que jamais poderão esquecer o lugar social por elas ocupado, mantendo a consciência de que constantemente precisam reivindicar seus direitos.

Diante disso, a Nação Encanto do Pina se torna uma prática informacional para a população LGBTQIAPN+ mostrar para a sociedade suas múltiplas habilidades, ideias, garra e determinação na prática, a partir da sua práxis, da apropriação de informação sobre essa população e a mudança da prática dita como normativa em relação a essa. Diante do exposto, o maracatu de baque virado, bem como outras expressões e manifestações da cultura popular de matriz africana possibilitam a essa população sonhar com algo possível de execução. Mari Bomba finaliza sua fala nessa *live* ratificando,

[...] eu tenho o meu berço, minha raiz de mulher periférica, não fui criada dentro da favela em Curitiba, mas passei boa parte da minha vida em Maringá, minha vida foi dentro da favela, vivia em situação de extrema vulnerabilidade, venho de uma família pobre, cresci nos conjuntos habitacionais em Maringá (MARI BOMBA, 2021).

As *lives* constituintes das séries “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina”, partem do princípio de que o Maracatu Encanto do Pina é uma nação acolhedora e afetuosa com todas e todos que chegam para se integrarem a essa família plural, diversa e que abraça cada pessoa em sua singularidade e heterogeneidade.

Nessa nação não é permitido nenhum tipo de opressão contra as pessoas que amam de forma diferente. Nessa perspectiva, a família azul e amarela, cores que identificam esse maracatu, como sinalado anteriormente, precisa estar fortalecida para resistir e sobreviver em comunidade.

As pessoas LGBTQIAPN+ que participam da nação citada têm o direito de viverem, de forma protegidas e seguras para serem quem são, sem medo, vergonha ou preconceito. Para isso, todas essas pessoas da Nação Encanto do Pina precisam estar juntas, para se fortalecerem, trocarem experiências e aprenderem umas com as outras, o verdadeiro significado do respeito a diversidade humana, na plenitude da palavra. Na nação acima mencionada “não há discriminação, essa nação luta contra todas as formas de opressão” (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Em 14 de fevereiro de 2021, mestra Joana promove o Carnaval da Resistência, com foco em arrecadar fundos para finalizar a obra da sede da Nação Encanto do Pina. E em 5 de março de 2022, realiza a *live* que apresenta o slogan “*Live Encantada - meu axé, minha força, minha fé, minha religião, salve o Encanto do Pina, 42 anos da minha nação*”, em alusão aos 42 anos de fundação dessa nação.

Pode-se assinalar que as loas cantadas nas apresentações artísticas do Encanto do Pina e no maracatu mirim dessa nação também fazem parte das suas práticas culturais. Essas loas são de autoria da Mestra, batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, batuqueiras e batuqueiros da Nação Encanto do Pina, bem como pessoas que apoiam e colaboram com a nação em tela.

Em relação às compositoras dessas loas, destacam-se mestra Joana Cavalcante autora das loas “A batida do coração”, “Meu baque chegou”, “O brilho do sol” entre outras, a exemplo de Isabelle Caroline Caldas da Paz, autora da loa

intitulada “Traz no baque a força dos orixás”, Tenily Sales, autora das loas “As mulheres da minha nação”, “O axé da minha nação”. Destaca-se também os compositores Manoel Cândido Cavalcante, autor da loa “Cheguei na beira do mar vi o encanto tão bonito”, Jailson Chacon Viana, autor da loa “Janaína” e Edney de Omulu autor da loa “Ouvi os tambores zuado” entre outras compositoras, compositores de loas de maracatu (Apêndices J, K, L).

Essas loas entre outras que compõe o repertório da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação, e do Maracatu Baque Mulher quando entoadas, tocadas e dançadas no desfile oficial da nação em tela tende ativar a memória afetiva das batuqueiras, batuqueiros e das pessoas que estão prestigiando esse desfile. Concebe-se o maracatu de baque virado como uma expressão da cultura negra, ou seja, uma cultura de resistência pelos direitos da diversidade cultural.

5 JOANA D'ARC DA SILVA CAVALCANTE: RESISTÊNCIA, PROTAGONISMO FEMINISTA, REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS, POBRES, PERIFÉRICAS E CANDOMBLECISTAS NO MARACATU DE BAQUE VIRADO

Sou mulher negra empoderada, trago o axé da Nação nagô, feministas do baque virado, mulheres guerreiras tocando tambor. Não há violência ou machismo qualquer que cale meu tambor eu sou Baque Mulher, tocando tambor, trazendo o axé do baque virado, guerreira mulher¹¹¹.

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Figura 33 - Joana Cavalcante primeira mestra de maracatu de baque virado – mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022, 2023)

Em 2008, como anteriormente destacado e confirmado na Figura 33, imagem a), Joana D'arc da Silva Cavalcante assumiu a função de mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina, doravante Encanto do Pina e tornou-se a primeira mulher mestra de uma Nação de maracatu. A foto da imagem b), foi captada na cerimônia *Noite dos Tambores Silenciosos*, mestra Joana usa o mesmo figurino que usou no concurso das Nações de maracatu no carnaval de 2023, promovido pela prefeitura da

¹¹¹ Loa "Sou mulher negra empoderada", autoria de mestra Joana Cavalcante.

cidade do Recife. O Encanto do Pina, nação regida pela Mestra foi campeã nesse concurso (Apêndice O, imagem I). Ela é filha da *iabassê*¹¹² Maria do Carmo da Silva, conhecida na Comunidade do Bode, onde reside como mãe Carminha/vó Carminha (Figura 34) e, do *babalorixá* Manoel Cândido Cavalcante, conhecido nessa comunidade como babá Marcelo/pai Marcelo (Figura 35).

Figura 34 - Maria do Carmo da Silva/*iabassê* mãe Carminha da Oxum – mãe biológica de mestra Joana Cavalcante



Fonte: acervo pessoal de *yabá* Elaine (2022)

Na Figura 34, mãe Carminha usa indumentária de *yalorixá* de um terreiro de candomblé, contas nas cores amarela e vermelha que fazem referência a *lansã/Oyá*, orixá que cuida do *ory/cabeça* dessa *iabassê*, que tem a coragem de *Oyá* e o brilho de *Oxum*, entidades espirituais que lhe protege nesse plano, nessa vida repleta de adversidades e desigualdades sociais e, inúmeras formas de preconceitos entre eles o preconceito religioso e racismo.

Ela é *iabassê* e *yabá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô que, sua filha mestra Joana é a *yakekerê*. Mãe Carminha, assim como sua filha é praticante dessa religião de matriz africana desde o ventre da mãe. É uma mulher branca, mas com traços negroides¹¹³ a exemplo do seu cabelo crespo e sua religiosidade.

Ao longo da sua trajetória, a partir da sua força, resistência, ciência e sabedoria por ela adquiridas, cuida da comunidade de terreiro e, vem contribuindo com a preservação dos saberes e fazeres relacionados a cozinha de santo no Estado de

¹¹² Ver Apêndice A.

¹¹³ Ver Apêndice A.

Pernambuco, de modo especial na cidade do Recife, alargando a transmissão dos saberes tradicionais do *candomblé nagô* para a nova geração no que tange a cultura afro-diaspórica que vivencia na prática desde sua primeira infância.

No desfile oficial das Nações de maracatu do carnaval desse estado, é desfilante do Encanto do Pina, representando a ala das baianas de branco, reverenciada/respeitada como uma das baianas principais dessa nação e, ex-baiana de branco na Nação do Maracatu Porto Rico, que é regira pelo seu ex-genro, mestre Chacon Viana.

Ela é uma das responsáveis pela confecção de alegorias da nação Encanto do Pina. É a referência mais antiga na ala de dança do Maracatu Baque Mulher, coletivo fundado e coordenada pela sua filha mestra Joana Cavalcante.

Em 2016, *iabassê* mãe Carminha ministra oficina de dança e dos fundamentos dos maracatus Nação, de modo especial, do Encanto do Pina, nação regida pela mestra Joana, para as participantes do Baque Mulher Rio de Janeiro, juntamente com Karol Araújo¹¹⁴, ex-batuqueira desse movimento e da nação em tela. Nesse mesmo ano conduz uma roda de diálogo sobre as práticas das mulheres de terreiro, no evento artístico realizado pelo grupo cultural Tambores de Olokun, sediado no Estado do Rio de Janeiro. Em 16 de julho do ano subsequente, foi homenageada no encerramento das oficinas realizadas pelo Baque Mulher Joinville.

Em 6 de junho de 2020, teve participação especial na *live* promovida pelo VI É de Bambuá, esse evento vendeu virtualmente feijoada e todo o dinheiro angariado na venda desse alimento foi destinado para a reforma do *Ylê Axê Oxum Deym*. No ano seguinte, mãe Carminha da Oxum participa do espetáculo Obá Kosô na *live* de aniversário da cidade de Maringá, município brasileiro do Estado do Paraná a convite do Maracatu Roda do Encanto de Maringá. Este vídeo disponível na plataforma *YouTube* foi transmitido ao vivo em 9 de maio de 2021, teve 1.078 visualizações e 73 curtidas. Nesse mesmo ano ela participa da gravação de Atotô, Juberu produzido pelo Maracatu Ouro do Congo¹¹⁵ com incentivo da Lei Aldir Blanc, também disponível no

¹¹⁴ Ver Apêndice D.

¹¹⁵ Em 25 de julho de 2021, o Maracatu Ouro do Congo completou 11 anos de existência. Em meio a pandemia da Covid-19, este é o segundo ano que, em agosto, mês que aqui celebramos Exu e Obaluayê, não podemos realizar o nosso Xaxará - Congo em Festa, e comemorarmos junto com todas as pessoas que acompanham essa história. Em homenagem à trajetória do grupo e saudando aqueles que nos cuidam, compartilhamos um vídeo especial, com participação de mãe Carminha da Oxum - *iabassê* do *Ylê Axê Oxum Deym*, casa da Nação do Maracatu Encanto do Pina, e imagens de uma

YouTube. Este vídeo foi realizado com apoio da Lei Aldir Blanc do município de São Paulo, teve 344 visualizações e 23 curtidas.

Em 8 de junho do mesmo ano, foi uma das convidadas na *live* Mestra Joana Convida, projeto idealizado e executado pela Mestra, filha da *iabassê* mãe Carminha. Nesta *live*, foram abordados temas relacionados a mulheres de terreiro, o protagonismo feminista nas Nações de maracatu, impactos da pandemia na vida das mulheres idosas e periféricas.

Em 1 de setembro de 2021 é uma das convidadas no minicurso Salve a Corte Real – a dança de maracatu de baque virado e seus personagens. Todo o valor arrecado nesse minicurso *on-line* foi revertido para a construção da Nação Encanto do Pina e rateado entre convidadas, convidados desse minicurso ministrado de forma *on-line* por Aline Valentim, participante do Encanto do Pina e do Baque Mulher Rio de Janeiro.

Figura 35 - Manoel Cândido Cavalcante/*babálorixá* Marcelo – pai biológico de mestra Joana Cavalcante



Fonte: Julybfoto (2022)

O pai da Mestra na Figura 35, está tocando gonguê no ritual religioso no *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé da Nação nagô fundado pela sua mãe biológica *yalorixá* vó Quixaba, em celebração aos 18 anos de fundação do grupo

experimentação cênica realizada em novembro de 2020, a partir da loa "Atotô, Juberu", composta pela *yabá* Tenily Guian. Que nosso pai Obaluayê nos cubra com suas palhas, nos ampare e nos proteja durante todo esse período difícil. E que, em breve, possamos dançar, cantar e tocar, recebendo nossa família, comunidade e amigos no Espaço Cultural CITA, nossa casa. Atotô, Juberu! Deburu, Força p'ro maracatu! Axé! Adupé!. Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72gGQqJ2UTY>. Acesso em: 1 abr. 2023.

cultural Mazuca da Quixaba. Esse festejo foi também uma saudação ao mestre Manoel Coréa, patrono espiritual desse grupo e um dos mestres da jurema sagrada que a *yalorixá* vó Quixaba incorpora.

Continuando a trajetória de mestra Joana Cavalcante, ela é brasileira, se autodeclara uma mulher preta, pobre, periférica, nordestina, pernambucana, recifense, candomblecista, *yakekerê*/mãe pequena do *Ylê Axé Oxum Deym*, feminista, antirracista, empoderada, mãe, compositora, cantora, dançarina, educadora social e artista popular. Reconhecida na esfera cultural em Pernambuco, pela sua projeção na cultura brasileira, conhecida nacional e internacionalmente.

Tem orgulho da sua religião e etnia, principalmente da forma como foi educada, pelos princípios de uma educação pautada nos fundamentos e preceitos do candomblé nagô. É reverenciada como mãe pequena, uma das principais sacerdotisas, autoridade espiritual da cúpula sagrada religiosa do *ilê*/terreiro em tela.

Mestra Joana é herdeira do *Ylê Axé Oxum Deym*, o qual frequenta desde o ventre da matriarca a *yalorixá* Carminha. Reside na Comunidade do Bode sediada no Pina, Recife desde seu primeiro dia de vida. A Mestra sempre teve uma vida de muita dificuldade financeira, na infância, adolescência e juventude morou em residências simples sem muito conforto. Na primeira infância residiu com sua avó a *yalorixá* Maria de Quixaba, e seu avó, o *babalorixá* Adalberto Cavalcante, conhecido na Comunidade do Bode como pai A.D (Figura 36).

Figura 36 - *Babalorixá* Adalberto de Lima Cavalcante e a bisneta Jhayana Cavalcante (*in memoriam*)



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

A criança dessa imagem é a filha primogênita de mestra Joana, Jhayana Cavalcante aos dois anos, na residência do bisavô paterno que a observa. A Mestra morou nessa residência, situada às margens do mangue/maré no Pina, bairro periférico do Recife.

Nascida em 11 de novembro de 1978, de parto natural, em casa, mais especificamente na residência da família, pelas mãos de sua avó paterna, *yalorixá* Maria Cândida da Silva (Figura 37).

Figura 37 - *Yalorixá* Maria Cândida da Silva/vó Quixaba – avó paterna de mestra Joana Cavalcante



Fonte: site oficial do Encanto do Pina (2022)

Maria Cândida da Silva, *yalorixá* Maria de Quixaba/vó Quixaba¹¹⁶, sacerdotisa e fundadora do *Ylé Axé Oxum Deym*, situado na Rua Oswaldo Machado, 504, Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina, Recife. Nasceu em 10 de maio de 1937, de parto natural, em casa, no município de Barreiros, interior de Pernambuco, reverenciada como uma mulher de tradição, senhora idosa de uma força ancestral que lhe é peculiar. O cartão de felicitações natalícia para homenagear vó Quixaba (Figura 37) foi divulgado nas mídias sociais da Mestra, do *Ylé Axé Oxum Deym*, da Nação do Maracatu Encanto do Pina, do Maracatu Baque Mulher e do Mazuca da Quixaba.

Preta, pobre, periférica, aposentada, candomblecista, consagrou-se a sacerdotisa matriarca, patente máxima da cúpula sagrada religiosa do *Ylé Axé Oxum*

¹¹⁶ Quixaba é uma árvore muito usada nos terreiros de candomblé e sua casca pode ter fins medicinais para fazer remédio caseiro que ajuda no tratamento de doenças dos rins e diabetes.

Deym. É inspiradora e liderança do Mazuca da Quixaba, que em 2022, completou 18 anos de existência e resistência, conforme *flyer* de divulgação do convite e fotos dessa celebração (Figura 46).

Essa *yalorixá* ficou órfã de mãe e pai, ainda na adolescência, após esse acontecimento foi morar com a tia em Recife, onde fixou residência. Quando a tia faleceu, ela foi morar no Pina com a célebre e reconhecida mãe de santo, a *yalorixá* dona Maria de Sônia¹¹⁷, que a acolheu, criou e educou nos fundamentos do candomblé nagô e da jurema sagrada. Dona Maria de Sônia, mãe adotiva de vó Quixaba, é filha de santo do reconhecido *babalorixá* Eudes Chagas (Figura 15). Ele atuou, de 1967 até 1978, como rei, *babalorixá* e diretor da Nação do Maracatu Porto Rico do Oriente, atual Nação do Maracatu Porto Rico.

A *yalorixá* Maria de Quixaba, assim como sua neta, casou na juventude, teve 3 filhos¹¹⁸ e foi morar no Ibura, bairro periférico do Recife. Na sequência fixou residência na Ilha de Deus, comunidade periférica localizada na Imbiribeira, bairro da capital pernambucana, onde fundou o *Ylê Axé Oxum Deym* e continuou suas atividades religiosas.

Anos depois voltou a morar na Comunidade do Bode, reabriu seu terreiro onde hoje é a sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação, do Projeto Encantinho do Pina, do Maracatu Baque Mulher e do Mazuca da Quixaba. Desde então, fomenta ações socioculturais, socioeducacionais de organização, resistência, continuidade e manutenção das tradições de matriz africana.

Vó Quixaba é liderança espiritual na Comunidade do Bode, tem muitas filhas e filhos de santo nessa comunidade, nas periferias do Recife e em outras cidades do Brasil. É uma *yalorixá* reverenciada pelas pessoas candomblecistas, juremeiras e também por aquelas que não são dessas religiões, mas reconhecem e legitimam a ancestralidade, trajetória de vida, garra, coragem, fundamento, ciência, por ela transmitido no candomblé e na jurema.

Regressando a trajetória cultural e religiosa de mestra Joana, para ela ser consagrada *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*, foi preparada pela avó paterna, mãe

¹¹⁷ Retomando a trajetória cultural e religiosa dessa *yalorixá*, em 5 de março de 1980, fundou a Nação do Maracatu Encanto do Pina. Essa nação tem fundamento religioso do candomblé nagô, religião de matriz africana. A *yalorixá* dona Maria de Sônia, bisavó paterna de mestra Joana, juntamente com o *babalorixá* Eudes Chagas iniciou a *yalorixá* vó Quixaba, avó paterna da Mestra no candomblé e na jurema, religiões de matriz africana.

¹¹⁸ Manoel Cândido Cavalcante – pai de mestra Joana Cavalcante, Adalberto Cândido Cavalcante – *babakekerê*/pai pequeno do *Ylê Axé Oxum Deym* e Carlos Cândido Cavalcante (*in memoriam*).

biológica, pai biológico – *yalorixás* e *babalorixá* desse terreiro e pelas mães/*yalorixás* do Pina, mãe Helena – mãe de santo da Mestra, mãe Laura e mãe Enésia. Recebeu também orientações espirituais de Oxum e Iemanjá, orixás femininas que regem o ory de mestra Joana. Participou de muitos ritos religiosos, muitas cerimônias e celebrações religiosas, aprendeu a cantar pontos para chamar orixás, zuelas para chamar pretas velhas e pretos velhos, divindades espirituais. A Mestra incorpora várias entidades, entre elas, destacam-se Oxum, Iansã, Maria Padilha e Maria Luziara.

Para além das atribuições de *yakekerê*, constrói e ressignifica sua trajetória de mestra de maracatu Nação ano a ano, compreendendo-a como um processo paulatino de construção e reconstrução. Realiza um trabalho de formação com pessoas, em especial com mulheres, crianças, adolescentes e jovens para aprenderem tocar maracatu do baque virado, para disseminarem essa manifestação cultural pertencente a ancestralidade negra.

Em parceria com o *Ylê Axé Oxum Deym*, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Maracatu Baque Mulher e o Mazuca da Quixaba, mestra Joana desenvolve a partir dos seus conhecimentos que acumulam ao longo da vida e transmitidos de geração em geração oficinas de percussão, dança, canto e confecção de instrumentos musicais.

Essas oficinas almejam a formação de pessoas multiplicadoras dos saberes empíricos que não se baseiam em métodos ou conclusões científicas, mas na crença e, principalmente, na maneira comum e espontânea de apreender informações e conhecimentos úteis, que transformem o cotidiano de comunidades periféricas.

Mestra Joana transmite os elementos rítmico-musicais, danças, entre outras expressões da cultura afro-brasileira, com o objetivo de desenvolver nas crianças, adolescentes e jovens a criatividade artística, a reflexão sobre a vida cotidiana e da não-violência. Ela desenvolve vários projetos sociais, entre eles “Encantinho do Pina” e o projeto “Mestra Joana Convida” (Figura 53).

Figura 38 - Legado de Joana D'arc da Silva Cavalcante – primeira mestra de maracatu Nação

<p>NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA: Fundada em 1980 pela <i>yalorixá</i> dona Maria de Sônia de lemanjá, bisavó paterna de mestra Joana. Em 2008, aos 29 anos, após o jogo de dologuns, ela foi escolhida pelas orixás Oxum Deym e lemanjá para assumir a coordenação geral e a regência dessa nação, tornando-se a primeira mestra de maracatu Nação do mundo. Mestra Joana Cavalcante em parceria com o <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>, Nação do Maracatu Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Maracatu Baque Mulher e o Mazuca da Quixaba, fundou o Projeto Encantinho do Pina.</p>	<p>MAZUCA DA QUIXABA: Desde 2004, mestra Joana Cavalcante está à frente desse grupo cultural que faz um paralelo singular que une o religioso e o profano, trazendo no seu repertório toadas da jurema, coco de roda e samba de Angola. Mostra cantos, toques e danças, tudo o que acontece dentro de uma cerimônia religiosa da jurema pouco vista. Objetiva apresentar e disseminar as práticas culturais das juremeiras, juremeiros, valorizar a memória e identidade das pessoas praticantes das religiões de matriz africana.</p>
<p>YLÊ AXÉ OXUM DEYM: Desde o ventre da sua mãe biológica, <i>yalorixá</i> mãe Carminha, mestra Joana frequenta esse terreiro de candomblé nagô, fundado pela <i>yalorixá</i> Maria de Quixaba, sua avó paterna. A mãe biológica da Mestra é <i>iabassê</i>, o pai é <i>babalorixá</i> e ela é <i>yakekerê</i> desse terreiro.</p>	
<p>PROJETO ENCANTINHO DO PINA: Idealizado e coordenado pela mestra Joana Cavalcante desde 2013, sob a coordenação pedagógica da pedagoga Mariana Bianchi. Uma iniciativa da Nação Encanto do Pina, que tem como carro chefe o Maracatu Mirim Encantinho do Pina, formado exclusivamente pelas crianças, adolescentes e jovens de dois a 17 anos e 11 meses vivendo em situação de vulnerabilidade, residentes na Comunidade do Bode e adjacências, situadas em Recife. Esse projeto oferta apoio pedagógico, aulas de percussão, capoeira, dança, teatro e reforço escolar. Todo trabalho é realizado com a colaboração de pessoas voluntárias.</p>	<p>PROJETO MESTRA JOANA CONVIDA: Séries de lives iniciadas no início de 2020 e finalizadas em 8 de abril de 2021, em razão do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Nesse projeto mestra Joana Cavalcante convidou coordenadoras, participantes da matriz e dos grupos do Maracatu Baque Mulher, <i>yalorixás</i>, <i>babalorixás</i>, <i>yakekerês</i>, <i>iabassê</i>, <i>yabás</i>, <i>ekedi</i>, <i>ogãns</i>, artistas e integrantes dos grupos culturais afro-brasileiros do Recife e outras regiões do Brasil, para dialogarem sobre suas práticas, expressões e manifestações dos afrodescendentes, com o objetivo de fortalecer e disseminar a cultura negra.</p>

Fonte: elaboração da autora (2022)

Além desses projetos a Mestra encontra tempo, energia e disposição para idealizar e coordenar em parceria com as batuqueiras do Movimento, ações sociais, acontecimentos que consolidam o legado da primeira mestra de maracatu de baque virado, Joana D'arc da Silva Cavalcante.

Desde o ventre da mãe vivenciava e sentia o axé das práticas e rituais do candomblé nagô. Suas vivências lhe proporcionaram identificar, saldar e reverenciar a força das divindades espirituais dessa religião, até então, preservada e disseminada pela persistência e resistência das manifestações culturais da ancestralidade negra.

Mestra Joana concluiu o Ensino Médio (Figura 39) na idade adulta, através do Supletivo¹¹⁹, porque na infância, adolescência e juventude, vivenciou atos de racismo

¹¹⁹ Uma das modalidades do sistema educacional brasileiro criado com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas que, por diferentes motivos, não concluíram o ensino fundamental e médio na idade adequada.

estrutural, racismo institucional, preconceito religioso, intolerância religiosa, violência de gênero e diferentes formas de violência, já vivenciadas até então. Tais atos fizeram com que a Mestra desistisse de frequentar o sistema regular de ensino e não concluísse o ensino básico na idade adequada, preconizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Figura 39 - Certificado de 2º Grau/Ensino Médio de mestra Joana Cavalcante

Endereço: Rua Francisco de Paula nº 100, Cidade: São Paulo, Estado: São Paulo

Inscrição de Cadastro nº: E.050-052

CURSO DE 2º GRAU Habilitação: Técnica de Secretariado

CERTIFICADO

Pelo presente Histórico Escolar certifico que Joana Cavalcante filha de C. M. Cavalcante e de C. M. Cavalcante nascida em 1978 de São Paulo Nacionalidade Brasileira Estado de São Paulo Identidade nº 25.545.584 Tempo de escolaridade nº 7 anos Centro de inscrição nº 515 Conclusão 5/1/78 Do 2º Grau nos termos da lei 5692/71

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1 - O mínimo exigido para promoção é Boa conduta

2 - Em caso de DEPENDÊNCIA, informamos que o aluno na série 1ª Obteve o resultado "Dependente" na (s) disciplina (s) em acordo com o Regulamento desta escola, que admite o regime de dependência, constatando em anexo o (s) programa (s) dessa (s) disciplina (s)

3 - Em caso de DISPENSA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, informamos que ela ocorreu de acordo com: Decreto Federal 69460 de 01.11.71 - art. 6º - alínea Lei Federal 6603 de 13/12/77 - art. 1º - alínea

Observações (art. 25 - Res. 39/77 - CEE): A referida aluna é portadora de boa conduta

3 Digitalizado com CamScanner

Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Conforme as informações da Figura 39, mestra Joana obteve a certificação da conclusão do Ensino Médio e recebeu a habilitação como Técnica de Secretariado. É pertinente destacar que no item “observações (art. 25 – Res. 39/77 – CEE¹²⁰)”, consta a seguinte informação “A referida aluna é portadora de boa conduta”, que “boa conduta” seria essa a qual o Conselho Estadual de Educação está se referindo?

A admissão na primeira série – conforme regulamentação nacional e estadual (Decreto-Lei nº 8.530/1946 e Lei nº 850/1952, respectivamente) exigia o cumprimento, dos seguintes requisitos: a) nacionalidade brasileira; b) sanidade física e mental; c) ausência de

¹²⁰ Conselho Estadual de Educação.

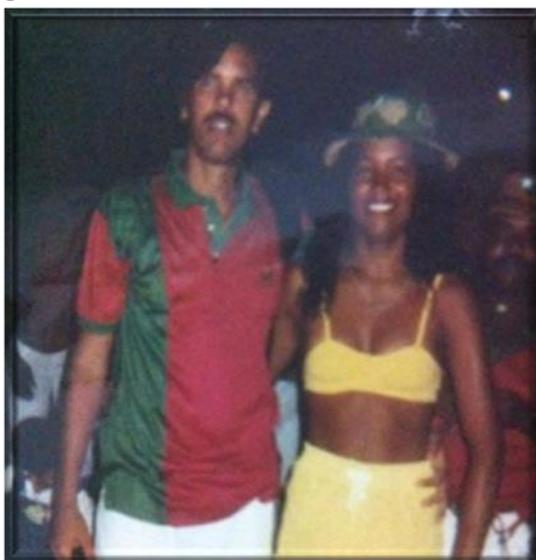
defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente; d) bom comportamento social; e) habilitação nos exames de admissão.

Em cumprimento às exigências estabelecidas das letras “a” até “d”, da documentação da estudante, por nós consultada, constavam: • certidão de nascimento, acrescida, quando pertinente da certidão de casamento; • atestado de boa conduta ou de bons antecedentes ou de idoneidade moral, emitido pela direção da escola frequentada anteriormente pela estudante, ou por autoridade municipal, ou ainda, pela delegacia de polícia; • atestado de imunização e atestado médico de saúde física e mental; • ficha de educação física, contendo dados de exame biométrico¹²¹.

Recomenda-se que esse item seja reelaborado, para que termos como esses não sejam disseminados e naturalizados na área da educação, especificamente pelas instituições de ensino do Estado de Pernambuco.

Aos 17 anos (Figura 40), no auge da sua mocidade se casou com Jailson Chacon Viana, mestre Chacon Viana, com quem tem 2 filhas e 1 filho. Teve a sua primeira gestação aos 20 anos, tornou-se mãe biológica de Jhayana Cavalcante, aos 31 de João Jhadyel Cavalcante e aos 40 anos de Jhadyane D’arc Cavalcante (Figura 41).

Figura 40 - Mestra Joana Cavalcante aos 17 anos



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

¹²¹ Ver em Rodrigues, Lima e Silva, em "Instituições públicas de formação da juventude campinense (1950-1960): democratização ou elitização?".

A imagem da Figura 40, registra a memória da juventude de mestra Joana e do ex-companheiro mestre Chacon, em 1995, ano que o ex-casal teve o casamento consolidado, participando de festividade na Comunidade do Bode, onde residem há mais de quatro décadas.

Figura 41 - Mestra Joana Cavalcante, o ex-esposo mestre Chacon Viana, Jhayana Cavalcante (*in memoriam*), João Jhadyel Cavalcante e Jhadyane D'arc Cavalcante



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na imagem a), da Figura 41, mestra Joana está com o filho recém-nascido nos braços, João Jhadyel. Mestre Chacon Viana, no centro da fotografia abraçando a ex-companheira, mestra Joana e a filha do ex-casal, Jhayana Cavalcante (*in memoriam*) que, com a mão esquerda segura o agbê do Encanto do Pina. Toda a família está com figurino completo dessa nação e esboçando sentimento de felicidade no sorriso, exceto o recém-nascido que encontra-se dormindo. É pertinente destacar que Jhayana está, na maioria das suas fotos, sorrindo de forma espontânea e feliz. Ao analisar suas fotografias, podemos aferir que ela era uma garota de um olhar expressivo, sorridente e que transmitia sentimento de felicidade.

A imagem b), da Figura 41, registra a celebração do aniversário de um ano de Jhadyane D'arc. Ela está no colo do irmão João Jhadyel, por trás estão a mãe, mestra Joana e o pai, mestre Chacon. A Mestra está sorrindo, maquiada, de cabelos presos e usando vestido longo, o mestre também está sorrindo, usando óculos de grau e “tiara” na cabeça, confeccionada por Andreia Bessen (*in memoriam*). Ela foi costureira da Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Maracatu Baque Mulher,

Mazuca da Quixaba e, a pessoa responsável para criar e produzir todos os figurinos de mestra Joana, inclusive as roupas que ela usa nas solenidades religiosas e familiares, a exemplo das roupas confeccionadas para a família usar na festa de aniversário de Jhadyane, filha caçula da Mestra. O tecido usado nessa confecção é na cor rosa de tom claro, para saudar Iansã, orixá que cuida do ori da aniversariante. Observa-se ainda, que o tema do aniversário foi uma homenagem aos orixás, inclusive o bolo, os docinhos, as lembrancinhas eram as caricaturas em miniaturas das imagens dos orixás, cultuados no candomblé, religião que Jhadyane e sua família são praticantes.

No final de 1999, à mestra Joana teve seu primeiro emprego de carteira assinada, aos 21 anos de idade como patinadora oficial de limpeza no Shopping Center Recife, localizado em Boa Viagem, Recife. Nesse mesmo ano, idealizou, fundou e coordenou o grupo cultural de matriz africana “Filhas da Oxum Opará”, cuja finalidade era ministrar oficinas de dança e canto para meninas em situação de vulnerabilidade, entre sete e 18 anos de idade, residentes no Pina e bairros circunvizinhos, considerados comunidades periféricas do Recife. Atuou por mais de 15 anos como coordenadora da ala dos agbês da Nação do Maracatu Porto Rico, revolucionando o baque desse maracatu com essa ala formada exclusivamente por mulheres, que tocam e executam coreografias saudando os orixás de forma sintonizadas, simultaneamente com os toques de maracatu de baque virado.

Em 2001, aos 22 anos de idade quando atuou no programa Agente Jovem na Prefeitura do Recife, especificamente no quilombo urbano Ilha de Deus, localizado na Imbiribeira região periférica da Grande Recife, fundou o grupo cultural “Maracatu Axé da Ilha”, com a intenção de promover um momento de entretenimento e ao mesmo tempo possibilitar acesso às expressões e manifestações afro-brasileira para as crianças, adolescentes e jovens desse quilombo que viviam em situação de vulnerabilidade.

Em 2004, aos 25 anos de idade mestra Joana fundou o Mazuca da Quixaba, sediado na Comunidade do Bode, à frente do qual ainda permanece. Esse grupo cultural nasceu de uma necessidade ligada ao paralelo singular que une o religioso e o profano, ao mostrar cantos, toques e danças, tudo o que acontece dentro de uma cerimônia religiosa da jurema sagrada pouco vista, com o objetivo de valorizar e apresentar ao público geral as práticas culturais das juremeiras e juremeiros.

O grupo desenvolve trabalhos musicais que atraem muitas admiradoras, admiradores, traz no seu repertório toadas da jurema sagrada, coco de roda e samba, especificamente o samba tradicional de Angola, suas batidas não deixam ninguém parado é conhecido no contexto cultural pernambucano como um grupo de coco de terreiro, exposto em seguida nessa seção.

Em 2008, Joana D'arc da Silva Cavalcante aos 29 anos de idade, consagrou-se como mestra Joana Cavalcante, após o jogo de búzios Oxum Deym e Iemanjá entidades espirituais do *Ylê Axé Oxum Deym* e deusas da mitologia *yorubá*, indicou-lhe para assumir a coordenação geral e regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Antes de assumir a regência dessa nação, a Mestra não identificava os atos de machismos existentes nas Nações Encanto do Pina e Porto Rico que participava como maracatuzeira. Em virtude desse título recebido, é consagrada a primeira e única mestra na história a reger um maracatu Nação, e que permanece sendo a única até o presente momento, conforme (SANTOS, 2022).

Em 12 de outubro de 2008, mestra Joana fundou o Maracatu Baque Mulher, movimento de mulheres empoderadas por ser reconhecido como um coletivo de feministas do baque virado, ela é coordenadora geral desse maracatu de feministas e ainda em 2008 idealizou o Maracatu Encantinho do Pina. Quando em 2013, a Mestra instituiu o Projeto Encantinho do Pina, esse maracatu mirim tornou-se a principal atividade realiza pelo projeto em tela, cuja missão é promover oficinas de percussão, dança afro, teatro, capoeira, confecção de instrumentos percussivo, confecção de adereços, reforço escolar e todo suporte pedagógico necessário para atenuar as dificuldades pedagógicas das crianças, adolescentes e jovens participantes do projeto, elucidado na quarta seção.

Na regência do Encanto do Pina, mestra Joana derruba barreiras, ultrapassa fronteiras, vence tabus, enfrenta as várias formas de violência e discriminação, até hoje presentes nas Nações, a exemplo de mulher não ter o direito de tocar em determinados maracatus. Antes de ser consagrada mestra da nação supracitada, Joana D'arc da Silva Cavalcante, passou por muitas dificuldades financeira, começou a trabalhar aos 10 anos de idade, como babá, em seguida desempenhou funções como diarista/faxineira¹²², trabalhadora em casa de família/empregada doméstica e

¹²² Mulher que realiza trabalhos como a faxina, que é a limpeza e inclui varrer, tirar o pó, lavar, retirar o lixo e outras atribuições. Considera-se essa profissão como trabalho braçal.

flanelinha¹²³ - solicitava remuneração pelos serviços prestados nos estacionamentos dos supermercados do Recife, referente a limpeza e proteção dos veículos automóveis.

Mestra Joana vivencia desde a infância os fundamentos do *Ylê Axé Oxum Deym*, os quais possibilitaram a Mestra embasamentos para idealizar, fundar, coordenar e reger a Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Projeto Encantinho do Pina, o Maracatu Baque Mulher, Mazuca da Quixaba, Maracatu Axé da Ilha, Filhas da Oxum Opará, principalmente a conduzir a titularidade de mestra os trabalhos da nação em tela. Ela torna-se coordenadora da ala dos agbês e do Ponto de Cultura do Porto Rico, Nação de maracatu já destacada nesse texto.

É pertinente registrar que mestra Joana têm os fundamentos e conhecimentos religiosos. Ela teve a ideia de incluir as coreografias da religião de matriz africana - passos das danças dos orixás, unidos ao toque do agbê no baque do maracatu Nação de baque virado, primeiro na Nação Porto Rico, depois na Nação Encanto do Pina, no maracatu mirim dessa nação, no Maracatu Baque Mulher e no Mazuca da Quixaba.

Em 9 de maio de 2012, aos 33 anos de idade, representando o Encanto do Pina, na condição de mestra dessa nação, foi entrevistada pelo pesquisador Fernando Souza, do INRC.

Em 2016 teve uma participação especial como professora de dança e de agbê no *Rencontre Internationale de Maracatu*, em Paris, França. Trata-se de um evento cultural, especificamente sobre maracatu de baque virado de projeção internacional e, tem como objetivo reunir em Paris maracatuzeiras, maracatuzeiros e pessoas simpatizantes, ou que tenham interesse em conhecer essa expressão cultural. Avalia-se que as mestras e mestres do Estado de Pernambuco são expoentes dessa tradição afro pernambucana.

No dia 2 de outubro de 2016, aos 37 anos foi subitamente surpreendida com a maior tragédia e fatalidade vivida até então, a morte súbita e precoce de sua filha primogênita Jhayna Cavalcante, aos 17 anos, que fez a espiritual passagem do *ayé/terra* para o *orun/mundo*. Esta passagem é assinalada por ritos complexos que correspondem aos funerais referentes aos elementos espirituais. Em 2018, aos 40 anos pariu/deu à luz a Jhadyane D'arc Cavalcante, sua filha caçula.

¹²³ Termo usado pelo uso em decadência de uma flanela para limpar os vidros dos veículos automóveis.

Na condição de coordenadora da ala dos agbês na Nação Porto Rico, até o nascimento da sua filha caçula, criou uma forma de ensinar e transmitir o toque do maracatu de baque virado no abgê, incluindo a dança de matriz africana em alusão aos orixás, tornou essa nação referência não apenas em Recife, mas no Brasil inteiro. Mestre Joana tem habilidade para tocar todos os instrumentos percussivos tocados no maracatu, mas o agbê é seu instrumento predileto, pois considera-o muito significativo, representativo e um instrumento percussivo de empoderamento das mulheres.

Tal instrumento possibilitou a permanência e participação consolidada das mulheres no batuque das Nações de maracatu, espaço que anteriormente era hegemonicamente ocupado pelos homens. Sendo assim, a inclusão da ala de agbê nessas nações além disso, de uma ação simbólica, tornou-se um ato político de resistência e permanência feminina no maracatu de baque virado.

Em 8 de março de 2018, aos 39 anos de idade foi homenageada em sessão solene no plenário da Câmara dos Deputados em Brasília com a medalha Mietta Santiago (Apêndice N, imagem c), por ser considerada uma mulher que se destaca em sua área de atuação, na arte, especificamente porque idealizou e coordena o Movimento, composto apenas por mulheres.

Em 2019, Flávia Costa Diniz¹²⁴/Flavinha, na época coordenadora do Baque Mulher João Pessoa homenageou a Mestre com a loa titulada “Meu maracatu nascido no manguezal”. Nesse mesmo ano, Flavinha defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O maracatu e o combate à violência contra a mulher: uma história de lutas e poderes”.

Esse TCC enfatiza a origem do maracatu Nação em Pernambuco, seus percursos, desafios e conquistas ao longo do tempo, elucidando a dualidade existente na sua divisão tradicional dos poderes, espaços e funções exercida por mulheres e homens, com o objetivo de analisar a conquista das mulheres nestes espaços antes exclusivos dos homens, contemplando a trajetória de mestre Joana Cavalcante, apresentado na Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No ano seguinte, Isabelle Caroline Caldas da Paz/Belinha batuqueira do Baque Mulher Recife e integrante do coral oficial do Encanto do Pina, homenageou a Mestre com a loa intitulada “Mestra, ô mestra”.

¹²⁴ Ver Apêndice D.

Entre o primeiro semestre de 2020 e dezembro de 2021, período da pandemia, a Mestra realizou muitos quadros de *lives*, a exemplo do quadro “Mestra Joana Convida”. Nesse quadro ela convidou coordenadoras e integrantes do Movimento, *yalorixás*, *babalorixás*, *iabassê*, *yakekerês*, *yabás*, *ekedi*, ogãs, artistas e integrantes dos grupos de matriz africana do Recife e outras regiões do Brasil, para dialogarem sobre as suas práticas, expressões e manifestações dos afrodescendentes, objetivando fortalecer e disseminar a cultura negra.

Entre às entrevistadas nas *lives* transmitidas ao vivo no Canal do *YouTube*¹²⁵ de mestra Joana, nas redes sociais do Movimento e do Encanto do Pina, destacam-se Daniele Osuniwe, Doralyce, Graça Silva, Juliana Sotero, Karina Buhr, Maria do Carmo da Silva/mãe biológica da Mestra, Naya Lopes¹²⁶, Pablo Souza e Rodolfo Fordiani.

Na maioria das vezes, mestra Joana nessas *lives* solicitava de acordo com as aptidões artísticas das convidadas e convidados o seguinte roteiro: a) cantasse, tocasse, descrevesse suas habilidades artísticas; b) qual a relação com o Encanto do Pina e com o Movimento; c) como estava sendo viver a quarentena causada pela Covid-19; d) expressasse sua auto definição; e) exibisse qual relação com a arte que exercita; f) definisse seu estilo artístico; g) quais as mulheres ou as pessoas que vieram antes que as influenciaram; h) como é ser mulher, homem ou população LGBTQIAPN+ na cena musical, artística. As *lives* mediadas pela mestra Joana Cavalcante, no “Mestra Joana convida”, projeto cultural realizado virtualmente no período do isolamento social ocasionado pela Covid-19, possibilitaram as/os fãs das/dos artistas participantes dessas *lives* a oportunidade de conhecer a trajetória e o fazer artístico delas e deles.

No período pandêmico, mestra Joana teve a ideia de realizar *lives* para ministrar oficinas de percussão, dança, palestras *on-line* sobre os fundamentos do candomblé e, das Nações de maracatu, pautados nos ensinamentos das *yalorixás*, mães de santo mais velhas da família da Mestra, a exemplo da *yalorixá* vó Quixaba, sacerdotisa espiritual do *Ylê Axé Oxum Deym*, *yalorixá* mãe Carminha, *yalorixá* Helena, *yalorixá* mãe Laura, *yalorixá* mãe Enésia.

¹²⁵ É uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia.

¹²⁶ Ver a identificação dessas sete mulheres no Apêndice D.

Essas mulheres são sacerdotisas de templos religiosos de matriz africana e reverenciadas como as mães do Pina. Nas entrevistas, palestras, cursos, seminários, rodas de diálogo que a Mestra é entrevistada, ministrante, mediadora, ela menciona os nomes dessas *yalorixás*/mães de santo com reverência, respeito e ressalta que todo seu conhecimento, aprendizados e ciências são provenientes dos ensinamentos dessas mães.

Mestra Joana também propõe ampliar as discussões sobre os fundamentos da jurema sagrada, através da sua vivência e experiência enquanto coordenadora do Mazuca da Quixaba, especialmente no lugar social que ocupa na condição de *yakekerê* de *candomblé nagô* e mulher negra.

Em 31 de janeiro de 2021, mestra Joana participou de forma remota do evento “Brinquedo Sagrado: diálogos entre maracatu de baque virado, religiosidade e diversidade”, promovido pelo Maracatu Capivara, sediado em Blumenau, Santa Catarina. Nesta integrou a roda de conversa intitulada “Tradição Matriarcal: a mulher no maracatu de baque virado - discussão sobre feminismos que vem de longe”, mediada por Keila Mariah batuqueira do Baque Mulher Blumenau.

A cantora, compositora e intérprete Karynna Spinelli¹²⁷ em 8 de março de 2020 presenteou-lhe com a música intitulada “Menina quem foi tua mestra”.

Em 24 de setembro de 2021, aos 42 anos de idade foi uma das 16 contempladas com o “Prêmio Inspirar 2021” (Figura 42), uma iniciativa do Instituto Neoenergia, representando o Maracatu Baque Mulher.

Em 19 de fevereiro de 2023, aos 44 anos de idade fez a regência do desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina, no concurso das agremiações de maracatu, promovido pela prefeitura do Recife e, no dia 22 desse mês, a nação supracitada ganhou o título de primeiro lugar na categoria especial das Nações de maracatu. Foi a primeira vez que a nação recebeu o troféu de primeira colocada/vencedora nesse concurso (Apêndice O, imagem I).

¹²⁷ Ver Apêndice D.

5.1 MESTRA JOANA CAVALCANTE: COMBATENDO TODAS AS FORMAS DE PRECONCEITO NA HARMONIA MUSICAL DAS LOAS E NO BATUQUE DOS TAMBORES

Em 2008, mestra Joana Cavalcante funda o Maracatu Baque Mulher que atualmente conta com 39 grupos, sendo 38 atuantes no Brasil e um em Lisboa, Portugal (Apêndice G). Nesse mesmo ano, mestra Joana assume a coordenação e regência da Nação Encanto do Pina e funda o maracatu mirim dessa nação. Em 2013, idealiza e cria o Projeto Encantinho do Pina.

Este projeto social promove oficinas de percussão, dança afro, teatro, capoeira, confecção de instrumentos percussivos, confecção de adereços, e suporte pedagógico, sob a coordenação pedagógica da pedagoga Mariana Bianchi. Trata-se de uma iniciativa do Encanto do Pina e sua principal atividade é o maracatu mirim em tela, formado exclusivamente pelas crianças, adolescentes e jovens de 2 a 17 anos e 11 meses de idade, em situação de vulnerabilidade, descrita na quarta seção.

É pertinente registrar que, a partir das contribuições financeiras das batuqueiras do Movimento, batuqueiras, batuqueiros do Encanto do Pina, bem como das pessoas colaboradoras das atividades culturais, educacionais e pedagógicas promovidas pela Mestra, é possível alargar essas ações para além da Comunidade do Bode, a exemplo da rede de apoio as outras comunidades periféricas da Grande Recife.

A partir dessas contribuições, também foi possível a Mestra construir, posteriormente ampliar a estrutura física do *Ylê Axé Oxum Deym* e instalar internet nesse terreiro de candomblé, também sede do Encanto do Pina, maracatu mirim desse Nação, Maracatu Baque Mulher, Mazuca da Quixaba e o espaço que acolhe as atividades do Projeto Encantinho do Pina.

A instalação da internet no prédio desse *ilê*, espaço projetado também para ser a sede dos grupos e projetos coordenados pela mestra Joana Cavalcante, possibilitou a Mestra realizar shows, oficinas de percussão, dança e outras atividades pedagógicas, destaca-se as *lives*, no período da pandemia.

Nessas *lives*, à mestra Joana abordou temáticas relacionadas às Nações de maracatu, de modo especial a Nação Encanto do Pina, com o objetivo de ampliar as discussões sobre os fundamentos do candomblé e da jurema, através da sua vivência,

experiência enquanto *yakekerê*, coordenadora do Movimento e do Mazuca da Quixaba.

Compreende-se o *candomblé* e a *jurema* como religiosidades historicamente excluídas e subalternizadas no imaginário cultural, são religiões que evocam as memórias da tradição religiosa da população negra e indígena, respectivamente. Abarca as resistências e construções sociais mantidas por essas populações subalternizadas que resistiram e resistem até os dias atuais (ALMEIDA, 2021).

Nesse contexto, precisa-se compreender a assimilação de decolonialidade e o conhecimento empírico transformador das expressões e manifestações culturais das comunidades afrodescendentes e indígenas para a cultura popular brasileira, a exemplo do *maracatu*, considerando as narrativas feministas e os fundamentos ancestrais da população negra (FONSECA, 2001).

Para isso, é necessário, segundo Jessé da Cruz (2019, p. 104), “decolonizar os diversos olhares, tanto do colonizador como do colonizado”. É preciso fazer uso de práticas que possibilite refletir acerca das informações estereotipadas produzidas, disseminadas e por vezes legitimadas, institucionalizadas sobre às expressões e manifestações culturais negras.

5.2 LOAS AUTORAIS E COAUTORAIS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE

Durante a pesquisa, participei e presenciei a realização de muitas apresentações artísticas tanto de modo presencial, contato direto com as participantes da pesquisa como de modo virtual, através das *lives shows* promovidas pela mestra Joana. Em razão do isolamento social devido ao novo Coronavírus (Covid-19), a Mestra realizava com frequência essas *lives*, cantando e dançando em transmissão virtual ao vivo loas de sua autoria, das *batuqueiras* integrantes do Movimento, de outras compositoras e compositores, na perspectiva epistemológica da “etnomusicologia feminista” (KOSKOFF, 2014).

As *lives shows* fundamentam os estudos sobre a musicalidade do universo das mulheres, enfatizando questões relacionadas ao patriarcado, machismo, classe, gênero, raça, etnia, e analisa o conteúdo informacional, discurso disseminado pelas mulheres compositoras dessas loas.

Dentre as mais de 100 loas autorais de mestra Joana, destacam-se: 1) A batida do coração; 2) Baque da minha Nação; 3) Bate o bombo ó negra; 4) Canto sublime e danço; 5) Disque 180; 6) Eh, eh, eh, ô baque rosa está na rua; 7) Eu toco tambor; 8) Gira roda a saia; 9) Hoje tem alegria; 10) Mãe Helena, vó Quixaba; 11) Maria da Penha é forte; 12) Meu pai Ogum; 13) Mulher guerreira; 14) Nossa bandeira; 15) Ô brilha o sol; 16) O encanto que vem de Luanda; 17) Odilá; 18) Periferia; 19) Rosa e laranja; 20) Saia de chita; 21) Sou mulher negra empoderada; 22) Sustenta a pisada; 23) Vem nesse baque de mulheres para lutar e; 24) Xangô Ayrá. As letras dessas 24 loas constam (Apêndice J), ver também títulos das composições/loas coautorais de mestra Joana Cavalcante (Apêndice K).

Há também as composições das participantes do Movimento, bem como das batuqueiras, batuqueiros do Encanto do Pina, das compositoras, compositores que apoiam, colaboram e homenageia a Mestra.

Mestra Joana é coautora em inúmeras loas, a saber: 1) Cheguei na beira do mar - parceria com o *babalorixá* Marcelo Cavalcante - pai biológico da Mestra; 2) Foi agora que eu cheguei - parceria com a *yabá* Tenily Guian, 3) Guerreira de fogo - parceria com o ex-companheiro/esposo, mestre Chacon Viana e a batuqueira Andressa¹²⁸; 4) Menina segura o baque e a loa 5) Meu baque é forte - ambas em parceria com o ex-companheiro/esposo, mestre Chacon. As letras dessas 5 loas constam (Apêndice K), ver também títulos de outras loas que mestra Joana é autora e coautora (Apêndices J, L e M).

Observa-se que as mensagens apresentadas nas primeiras loas autorais da Mestra, têm um foco antirracista e objetivam combater a violência doméstica, machismo, feminicídio e as várias formas de violência contra mulheres pertencentes a todos os setores da sociedade e suscitam reflexões condescendentes, sobre a relação de gênero.

Nessa perspectiva as loas autorais de mestra Joana tornam-se um instrumento de expressão que considera as narrativas feministas, o processo de luta e resistência pelos direitos das mulheres. Assim como as loas, que a mestra é coautora, também transmite mensagens antirracistas, com foco em combater a violência doméstica,

¹²⁸ Ver Apêndice C.

machismo, feminicídio e as várias formas de violência contra mulheres de todas as faixas etárias, pertencentes a todos os estratos sociais da sociedade.

Essas reflexões são tentativas de promover o diálogo sobre protagonismo feminista, com foco nas batuqueiras que integram o Movimento, constituído exclusivamente por mulheres. Trata-se de uma manifestação cultural intrinsecamente ligada ao candomblé, religião que Mestra vivencia desde a infância e orgulha-se ao declara-se candomblecista, principalmente *yakekerê*, herdeira direta do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro que tem na hierarquia da cúpula sagrada, a sacerdotisa espiritual sua avó paterna, *yalorixá vó Quixaba*. O Maracatu Baque Mulher, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação e o Mazuca da Quixaba são afilhados do *Ylê Axé Oxum Deym*, ou seja, consideram esse terreiro de candomblé nagô, com fundamento religioso de matriz africana, seu patrono espiritual.

As mulheres batuqueiras do Movimento se reúnem para estudar, cantar, tocar e dançar as loas autorais da Mestra e das outras compositoras e compositores que compõe para esse coletivo feminista, o qual tem um extenso repertório composto por loas que reverenciam as entidades espirituais do candomblé e da jurema, principalmente *Iansã* e, *Obá* - guias espirituais do Maracatu Baque Mulher; *Iemanjá* e *Oxum* - guias espirituais do Encanto do Pina; *Maria Padilha* e *Manoel Coréa* - guias espirituais do Mazuca da Quixaba (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2022).

As loas e pontos que reverenciam essas entidades são entoadas nas apresentações artísticas do Movimento realizadas nas praças, organizações governamentais e não governamentais, a exemplo das instituições de ensino, especializadas em pessoas idosas - instituições de longa permanência; em crianças e adolescentes vulneráveis - orfanatos, casas de acolhimento; e especialmente, no desfile oficial do Maracatu Baque Mulher que acontece toda sexta-feira após a abertura do carnaval de Recife.

Percebe-se que mestra Joana, graças a sua habilidade como compositora, tende a incentivar as mulheres integrantes do Movimento a se tornarem protagonistas das suas histórias, inclusive deliberar, coordenar, tocar, dançar, cantar e compor loas, entoadas do maracatu de baque virado, considerado o mais antigo ritmo afro-brasileiro. Conforme César Guerra-Peixe (1980), o ritmo musical, a dança e o ritual de sincretismo religioso dessa manifestação de matriz africana têm origem no Estado de Pernambuco, especialmente nas cidades do Recife, Olinda e Igarassu.

O Movimento desenvolve uma militância a favor da luta feminista, inclusive, na prevenção à violência contra as mulheres, tem como símbolo desta atuação a loa “Maria da Penha é forte”, que representa a missão desse maracatu, compreendido como um coletivo feminista de empoderamento e, é uma das primeiras composições autorais de mestra Joana Cavalcante.

5.3 HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE: PRIMEIRA MESTRA DE MARACATU DE BAQUE VIRADO

Mestra Joana já foi agraciada com muitas honrarias, a saber “Medalha Mietta”, “Prêmio Inspirar 2021”, “Garota Propaganda da Hering”, “Votos de Aplausos a Organizações Feministas”, entre outras ilustradas nesse inscrito (Apêndices N e O).

O Movimento, como já ratificado é um coletivo de mulheres feministas e empoderadas, salvo as medidas proporções, esse coletivo tornou-se uma referência para a cultura afro do Estado de Pernambucano, com projeção nacional e internacional consagrando-se como o maracatu das feministas do baque virado. Evidencia-se que o termo “empoderada” foi expresso na loa de autoria da Mestra intitulada “Sou mulher negra empoderada”, destacada nesse escrito.

Em 22 de fevereiro de 2004, a IV edição do Polo de Animação Carnavalesca do Pina no Ritmo da Cultura Popular, homenageou o “Bloco Banhista do Pina”, “Clube Tubarão do Pina” e entregou à mestra Joana, representante do “Filhas da Oxum Opará” o certificado de honra ao mérito pela participação desse grupo cultural nessa e nas edições anteriores desse evento (Apêndice O, imagem i).

Em dezembro de 2007, o Ministério da Cultura (MinC), a Petrobrás e o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ação Comunitária (Cenpec) certificam que a iniciativa do Mazuca da Quixaba desenvolvida pelo grupo sediado em Recife e representado por Joana D’arc da Silva Cavalcante, mestra Joana, foi classificada como semifinalista da Categoria Grupo Informal da segunda edição do Prêmio Cultura Viva, destinada a estimular e dar visibilidade às práticas culturais e educativas para e com a participação da comunidade (Apêndice O, imagem j).

Recebeu troféu pela participação no carnaval 2014 de Nazaré da Mata, Pernambuco, com o enredo “Folia de todos os ritmos na terra do maracatu”, representando a Nação Encanto do Pina (Apêndice O, imagem f).

Em 2015 foi uma das protagonistas do filme “As mães do Pina” que participou do CINE-PE Festival do Audiovisual e recebeu o Prêmio Especial do Público, na Mostra Competitiva de Longa-Metragem no festival mencionado (Apêndice O, imagem g).

Em 27 de agosto de 2017, Karynna Spinelli presidenta do “O Clube do Samba do Recife”, no aniversário de oito anos desse clube, homenageia à mestra Joana Cavalcante, por ser inspiração na música, na religião de matriz africana, na luta pelo empoderamento das mulheres e representante do Maracatu Baque Mulher (Apêndice N, imagem b).

Foi homenageada em 2018, na 12ª Caminhada dos Terreiros de Pernambuco, pelos relevantes projetos que vem desenvolvendo, tendo como foco a mulher, à cultura e a juventude Pernambucana (Apêndice O, imagem d). Nesse ano, a Mestra recebeu o troféu de participação do Carnaval 2018, promovido pela prefeitura de Glória do Goitá, Pernambuco. Apresentou-se com a Nação Encanto do Pina e o maracatu mirim dessa nação, no polo cultural desse carnaval que homenageou três homens e uma mulher, dona Ceça (Apêndice O, imagem c), pondera-se que essa senhora seja uma artista da cultura popular desse município. Observa-se o quão é comum os eventos culturais homenagearem artistas locais, porém tendem invisibilizar as práticas artísticas e culturais das mulheres com notório saber artístico e visibilizar as dos homens.

Em 8 de março desse ano, mestra Joana foi homenageada em sessão solene no Plenário da Câmara dos Deputados em Brasília com a “Medalha Mietta Santiago” (Apêndice N, imagem c). Mestra Joana foi agraciada com essa medalha por ser considerada uma mulher que se destaca em sua área de atuação, na arte, especificamente porque idealizou e coordena o Maracatu Baque Mulher.

Em 2 de junho de 2018, o Festival Cultural Balaio de Oxum, através do Instituto Ganga Zumba, sediado em Manaus, capital do Estado do Amazonas certifica publicamente à mestra Joana Cavalcante *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*, sacerdotisa de matriz africana do Recife, pelo seu trabalho sociocultural e religioso como personalidade negra brasileira. No final dessa certificação consta a seguinte reflexão: “Se o muro que me impede de avançar é o racismo, vou derrubar com minha consciência negra” de autoria de Eli Odara.

Há também as homenagens através das loas criadas por batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, batuqueiras, batuqueiros do Encanto do Pina e, ainda por pessoas amigas e apreciadoras dos trabalhos desenvolvidos pela Mestra e pelo Movimento, dentre elas destaca-se a loa “Foi no Pina que aconteceu”, construída coletivamente no concurso das loas de 2018, realizado como uma das atividades no III Encontro Nacional Baque Mulher, contendo as rimas - foi no Pina que aconteceu / filha de Oxum nossa Mestra nasceu / hoje no dia do axé ensina o respeito para com a mulher / e quem briga sim se mete a colher / a bênção mãe Joana sozinha a senha não anda / e quem briga sim se mete a colher / a bênção mãe Joana o Baque Mulher com a senha anda.

Flávia Diniz na época coordenadora do Baque Mulher João Pessoa em 2019 compôs a loa intitulada “Meu maracatu nascido no manguezal”, contendo as estrofes - meu maracatu nascido no manguezal / amor como esse, na vida nunca vi igual / mestra Joana quem fundou com muito axé / mostrando p’ro mundo a força de uma mulher / meu baque é virado, feminista e de fé / mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser/ eu sou / eu sou Baque Mulher / rosa e laranja mudou o meu destino / com a força nagô tocando o meu tambor / é o poder feminino.

Frequentemente a Mestra é homenageada através de loas que compositoras, compositores escrevem, gravam e cantam para ela, para o Movimento e para a Nação Encanto do Pina. A exemplo da cantora, compositora e interprete Karynna Spinelli que em 8 de março de 2020 presenteou-lhe com a música “Menina quem foi tua mestra”, contendo os seguintes versos - menina quem foi tua mestra, foi a dona do tambor / colocou teu samba na veia / o balanço de Yaô / cantou p’ra ver a noite inteira clarear / chamou curandeira p’ra rezar / sem ver o mar ela espalhou seu bem querer / saudando turubamba p’ra você / chora pai / chora mãe / chora a dona do tambor / a menina que virou mestra / no balanço de Yaô.

Em 2021, Isabelle Caldas batuqueira do Baque Mulher Recife e do Encanto do Pina, homenageou à mestra Joana com a loa intitulada “Mestra, ô Mestra”, contendo as estrofes - Mestra, ô Mestra que me protege / fortalece o meu caminhar / dançando com brilho de Oxum e as forças do vento de Oyá / trazendo o baque que encanta saudando Janaína, Inaê, Iemanjá / mulher guerreira traz o brilho do seu orixá / ora iê iê mamãe Oxum / eparreia soberana Oyá.

Analisa-se as condições das compositoras enquanto mulheres em seus contextos sociais, ponderando seus lugares de fala a partir dos “marcadores sociais da diferença” de classe, raça, etnia e religião que pertencem (ZAMBONI, 2014).

Desta forma, tornam-se abordagens bases e fundamentais para possibilitar a discussão sobre de que forma ou de quais formas as loas, entoadas no repertório do Movimento durante as apresentações artísticas desse maracatu de baque virado, seja presencial ou virtualmente em forma de *lives*, podem atuar como instrumento disseminador da informação e, das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira.

Aos 24 de setembro de 2021, a Mestra foi uma das 16 mulheres contempladas com o Prêmio Inspirar 2021 (Figura 42).

Figura 42 - Mestra Joana Cavalcante vencedora do prêmio “Inspirar 2021” na categoria “grupos e coletivos”



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2021)

Na imagem a), da Figura 42, nota-se a divulgação da premiação divulgada pela organização do Prêmio Inspirar 2021, e imagem b), uma postagem de mestra Joana na rede social do Movimento publica “muito obrigada a todes”, utilizando uma linguagem neutra para agradecer as pessoas que votaram nela. Ver também o troféu dessa premiação (Apêndice N, imagem a).

No ano seguinte à avó da Mestra foi uma das vencedoras desse prêmio (Figura 43).

Figura 43 - Yalorixá Maria Cândida da Silva/vó Quixaba vencedora do prêmio “Inspirar 2022” na categoria “pessoa física (MEI)”



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2021)

Trata-se de uma iniciativa do Instituto Neoenergia, o prêmio estreia em sua primeira edição, com foco no fortalecimento do ODS-5¹²⁹ - Igualdade de Gênero. É o prêmio destinado as mulheres que, diariamente, proporcionam transformação social em comunidades, promovendo arte e cultura, uma realização do Instituto Neoenergia, com a colaboração da Neoenergia Pernambuco (Apêndice N, imagem a). A Mestra foi agraciada com esse prêmio representando o Maracatu Baque Mulher.

Concorreram a esse prêmio projetos liderados por mulheres, realizados na cidade do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense e, em municípios do Estado de Pernambuco, com o objetivo de conhecer, celebrar e ampliar histórias de transformações sociais em territórios periféricos por meio de ações de arte e cultura, despertando inspiração e efeito multiplicador. O prêmio tem como objetivo “fortalecer práticas que impulsionem a ‘Década da Ação’ rumo à Agenda 2030”¹³⁰.

Para as Nações Unidas a 1ª meta da Igualdade de Gênero é acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em todos os aspectos. Enquanto isso, para o Brasil é eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial

¹²⁹ Objetivo do Desenvolvimento Sustentável.

¹³⁰ Informação disponível em: <https://www.institutoneoenergia.org.br/pt/como-atuamos/arte-e-cultura/premio-inspirar/Paginas/default.aspx?ut>. Acesso em: 15 maio 2022.

para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas¹³¹.

As iniciativas inscritas foram avaliadas por um comitê externo composto por mulheres com comprovada atuação no segmento de arte e cultura, de acordo com os critérios de avaliação apresentados na chamada do Prêmio. Foram selecionadas 26 finalistas participantes da votação popular. A decisão e escolha das 16 vencedoras do Prêmio Inspirar saiu dos mais de 150 mil votos recebidos.

Os critérios para seleção das ganhadoras foram projetos com melhor avaliação nos quesitos: a) inspiração; b) transformação; c) articulação; d) criatividade. Quanto às categorias, foram: a) pessoa física; b) grupos e coletivos; c) microempreendedora individual e; d) produtoras culturais e instituições do 3º setor.

Foram as vencedoras na categoria a) pessoa física: Andréa Verusca, Katarina Barbosa, Luana Costa, Odília Nunes, Andorina Barros, Pâmela Carvalho, Flávia Souza e Vanessa Regina. Na categoria b) grupos e coletivos: Boi Mandingueiro, Maracatu Baque Mulher ¹³², Mó Coletivo e Atelierê. Na categoria c) microempreendedora individual: Joaneide Alencar e Isabela Souza. Enquanto na categoria d) produtoras culturais e instituições do 3º setor: Amunam e Instituto entre o Céu e a Favela.

Dentro dessa perspectiva, as ações realizadas pela mestra Joana no Movimento, no Encanto do Pina, no maracatu mirim dessa nação, no Projeto Encantinho do Pina, no Mazuca da Quixaba e no *Ylê Axé Oxum Deym* corroboram para a manutenção e permanência das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras. Além de serem estimadas como práticas informacionais de socialização das expressões e manifestações de matriz africana, protagonizando a musicalidade, arte e cultura na diáspora negra, ponderando os aspectos da ancestralidade (ROCHA, 2021).

Em 7 de janeiro de 2022, a Mestra foi a Garota Propaganda da Hering + Aline Bispo - Belezas Brasileiras por Mestra Joana Cavalcante, consagrando-se como uma das belezas brasileiras, representando a Nação do Maracatu Encanto do Pina.

¹³¹ Informação disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

¹³² Movimento de Empoderamento Feminino – coletivo que mestra Joana representou e foi uma das 16 mulheres contempladas com o Prêmio Inspirar 2021, foi agraciada com esse prêmio representando esse movimento de maracatu de baque virado. Essa premiação objetiva alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Mestra Joana junto com outras potências feministas do Recife receberam no dia 8 de março de 2022, o Diploma de Honra e Mérito a “Comenda Ser Mulher” do Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO) (Apêndice N, imagem h). Avalia-se como uma conquista de todas as feministas que somam força, garra e resistência para garantir a preservação da cultura preta, que aponte para transformação social. Essa comenda foi concedida a mulheres de extrema importância que, destacam-se nas suas atuações no campo educacional ou proporcionam relevantes serviços em prol da humanidade nas diversas áreas das ciências e da tecnologia, do desenvolvimento econômico e social, do esporte, do ensino ou da cultura brasileira.

Em 6 de maio de 2022 das mãos da Vereadora Dani Portela¹³³, em sessão Solene na Câmara Municipal dos Vereadores e das Vereadoras do Recife, realiza moção de aplausos a organizações feministas (Apêndice M, imagem e). No dia 16 desse mês, o Baque Mulher Maringá homenageia mestra Joana Cavalcante na 4ª edição do Festival Obá Xirê, promovido por esse grupo e realizado em Maringá, Paraná. A mestra participou das edições anteriores desse festival (Apêndice N, imagem g).

Esse reconhecimento em sessão solene na câmara supracitada, de modo especial da Vereadora Dani Portela, ao Maracatu Baque Mulher pela luta feminista e antirracista, que vem abarcando como uma das organizações feministas do Estado de Pernambuco com larga projeção nacional e internacional. Mestra Joana Cavalcante foi a pessoa indicada para receber a honraria ilustrada no (Anexo N, imagem e), pelo reconhecimento ao protagonismo da Mestra na condição de idealizadora, fundadora e coordenadora geral do Movimento, um coletivo social, político e cultural com atuação no Brasil e, em Portugal.

Afere-se que mestra Joana e, as guerreiras do Movimento ficaram felizes e bastante lisonjeadas, orgulhosas pelo reconhecimento em tela. Sabe-se que o combate as ações de cunho feminista, antirracista, da intolerância religiosa e preconceito religioso nesse coletivo de mulheres empoderadas é uma luta que é possível ser efetivada em conjunto, com a parceria e colaboração dos grupos do Movimento, ponderando a herança da cultura negra e, os ensinamentos ancestrais dessa etnia, grupo social que compartilha essa cultura (ROCHA, 2021).

¹³³ Ver apêndice D.

De acordo com mestra Joana (2020), “é dentro da própria comunidade que a mulher não se identifica enquanto negra, e que está enraizado que ela nasceu para ser submissa ao homem”. Percebe-se que o Movimento realmente é um coletivo que traz consigo uma potência de fortalecimento e empoderamento para mulheres e garotas de várias idade, etnia, religião, identidade de gênero, classe social, formação acadêmica e profissional, a exemplo das mulheres negras, pobres, periféricas, candomblecistas, semialfabetizadas e vivendo em situação de vulnerabilidade social, se identificam enquanto mulheres negras, assumem os seus cabelos, e entendem que não são obrigadas a nada, principalmente que não merecem e não aceitam serem agredidas por homem nenhum.

O Baque Mulher Floripa, sediado em Florianópolis, Santa Catarina em 21 de julho de 2022, através do projeto “A Semente de Ébano”, homenageia mestra Joana, pela idealização e fundação do Movimento. O Maracatu Arrasta Ilha, com sede nessa cidade, também homenageou mestra Joana pela função de coordenadora geral e regente da Nação do Maracatu Encanto do Pina, como forma de reconhecimento pela relevante função exercida, a Mestre recebeu de presente desse grupo um estandarte dessa nação (Apêndice O, imagem K). A data de fundação do Encanto do Pina não é 3 de março de 1980, como consta no estandarte ilustrado (Apêndice O, imagem K), mas 5 de março de 1980, conforme o portfólio e o site oficial dessa nação.

Em outubro de 2022, a Mestre foi uma das homenageadas representando o Mazuca da Quixaba, no Festival de Resistência 2022, realizado pelo governo de Pernambuco. Em 1 de novembro do mesmo ano, a Rede de Articulação da Caminhada de Terreiros de Pernambuco (Rede ACTP), homenageia o Maracatu Baque Mulher idealizado, fundado e coordenado pela mestra Joana Cavalcante, em razão dos relevantes serviços prestados por esse coletivo de feministas do baque virado para valorização e preservação da cultura e religiosidade do Estado de Pernambuco.

Diante do exposto, esse coletivo de feministas do baque virado através do maracatu, principalmente das suas loas, batuques e rodas de acolhimento encoraja as mulheres a exercerem com afinco o empoderamento feminista.

5.4 GRUPOS CULTURAIS IDEALIZADOS E COORDENADOS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE

No primeiro semestre do ano de 1999, aos 20 anos de idade, mestra Joana funda e coordena na Comunidade do Bode, o grupo cultural constituído tão somente por garotas periféricas, vivendo em situação de vulnerabilidade social “Filhas da Oxum Opará”, formado por adolescentes e jovens, posteriormente o grupo instituído por garotas e garotos “Maracatu Axé da Ilha” no quilombo urbano Ilha de Deus, localizado na Imbiribeira região periférica da Grande Recife e, o Mazuca da Quixaba, sediado no bairro do Pina, especificamente na Comunidade do Bode.

A Mestra, quando assume a coordenação geral e regência da Nação Encanto do Pina, em 2008, constitui o maracatu mirim dessa nação, formado por crianças, adolescentes e jovens, na sua maioria, residentes na Comunidade do Bode. Ela também coordenou e coreografou, por quase 15 anos, a ala do agbê da Nação do Maracatu Porto Rico e, foi coordenadora pedagógica do Ponto de Cultura dessa nação, como já citado.

5.4.1 Filhas da Oxum Opará

Grupo cultural de matriz afro-brasileira fundado no Pina, bairro periférico do Recife no início do ano 1999 pela mestra Joana Cavalcante, aos 20 anos de idade. De acordo com a Mestra o “Filhas da Oxum Opará” foi criado para ela expressar e ensinar os fundamentos do candomblé, maracatu, ijexá, afoxé, entre outras expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, que havia apreendidos, até então, através dos ensinamentos transmitidos pela sua avó paterna, *yalorixá* vó Quixaba. Não foi possível identificar expressivos registros físicos e digitais que registrasse a trajetória desse grupo, exceto o certificado de honra ao mérito emitido pelo Polo de Animação Carnavalesca do Pina no Ritmo da Cultura Popular, pela participação desse grupo cultural na I, II, III e IV edição desse evento, (Apêndice O, imagem i), concisos destaques nas dissertações de mestrado das autoras Alcinéia Santos (2022), Tatyana Anselmo (2020), no trabalho de conclusão da autora Flávia Diniz (2019), e o sucinto texto,

Como forma de se expressar e ensinar parte de sua cultura, em sua comunidade, no ano de 1999, Joana Cavalcante criou o grupo Filhas da Oxum Opará, no qual deu aulas de dança e canto para meninas de 7 a 18 anos da Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina em Recife, Pernambuco¹³⁴.

Nesse grupo, a Mestra ministrou aulas de dança e canto para meninas vivendo em situação de vulnerabilidade, residentes tanto na Comunidade do Bode como nas circunvizinhas, consideradas periféricas, “visando suprir a carência de opções culturais e de lazer das crianças e adolescentes do bairro do Pina”, afirma Alcinéia Santos (2022, p. 44). Desde a juventude mestra Joana desenvolve atividades sociopedagógicas para estimular autoestima e o sentimento de pertencimento social com crianças, adolescentes e jovens, principalmente com as garotas negras, incluindo-as em um contexto social, comunitário, principalmente cultural a partir das singularidades delas (RIBEIRO, 2017).

Segundo a teoria de Paulo Freire (2008), é possível dizer que o Filhas da Oxum Opará ocupou um espaço de tempo bastante significativo para mestra Joana e para as integrantes desse grupo cultural. Avalia-se que a Mestra ao transmitir seus conhecimentos também aprendia com elas, a relevância desse grupo recai sob a disseminação e preservação das práticas culturais por ele realizadas.

Entende-se que o Filhas da Oxum Opará possibilitou a elevação da autoestima das crianças, adolescentes e jovens, especialmente através da oralidade, assinalada pela autora Manuela Rocha (2021, p. 130), como “uma ferramenta deixada de herança por diversos grupos étnicos africanos no Brasil, que foi reelaborada por seus descendentes e é colocada em prática até os tempos atuais”.

Em vista disso é possível apontar que, o Filhas da Oxum Opará durante sua atuação ampliou a autonomia e perspectiva de sobrevivência futura, especialmente o acesso e uso da cultura das garotas que constituíram esse coletivo artístico e, que se tornaram dançarinas e agbezeiras de Nações de maracatu.

5.4.2 Maracatu Axé da Ilha

¹³⁴ Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_D%27Arc_da_Silva_Cavalcante. Acesso em: 31 dez. 2022.

No primeiro semestre do ano 2001, aos 22 anos de idade quando atuou como Agente Jovem em um programa social na Prefeitura do Recife, especificamente no quilombo urbano Ilha de Deus, localizado na Imbiribeira região periférica da Grande Recife, fundou o grupo cultural Maracatu Axé da Ilha.

Adverte-se que, assim como o grupo “Filhas da Oxum Opará” também não foi possível identificar expressivos registros físicos e digitais que registrasse a memória do “Maracatu Axé da Ilha”, salvo o conciso escrito da trajetória de mestra Joana, sobre seu percurso profissional,

Trabalhou como agente jovem da Prefeitura do Recife junto ao quilombo urbano Ilha de Deus, no bairro do Imbiribeira, onde desenvolveu um trabalho de autoestima e pertencimento social com jovens e crianças, e criou o Maracatu Axé da Ilha. Foi voluntária do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) onde trabalhou aulas de percussão com os pacientes¹³⁵.

Esse maracatu teve como objetivo disseminar a cultura da sua ancestralidade nesse quilombo, com a intenção de promover um momento de entretenimento e ao mesmo tempo de possibilitar acesso às culturas de matriz africana as crianças, adolescentes e jovens que viviam em situação de vulnerabilidade nesse quilombo urbano. Pode-se comparar as práticas realizadas pela mestra Joana no Maracatu Axé da Ilha, com aquelas que a Mestra realizou no Filhas da Oxum Opará, pois, esses grupos culturais se ressignificaram nas periferias do Recife, a partir dos aspectos preservados e compartilhados através da oralidade (ROCHA, 2021).

Através do Maracatu Axé da Ilha, grupo de percussão e dança afro-brasileira, mestra Joana começou a desenvolver a autoestima e o sentimento de pertencimento social das garotas, garotos que integravam esse maracatu, cuja missão era disseminar a cultura de matriz africana, saldar e reverenciar a ancestralidade, preservando, conservando, disseminando às expressões e manifestações culturais das famílias do quilombo urbano, Ilha de Deus, até então desassistido pelas políticas públicas, inclusive políticas culturais que considera a diversidade cultural desse quilombo.

¹³⁵ Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_D%27Arc_da_Silva_Cavalcante. Acesso em: 31 dez. 2022.

5.4.3 Mazuca da Quixaba

No primeiro semestre dos anos 2004, aos 25 anos de idade mestra Joana, funda e até então, permanece à frente do Mazuca da Quixaba (Figura 44).

Figura 44 - Primeira formação do Mazuca da Quixaba



Fonte: blogger do Grupo Mazuca da Quixaba; acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Ao longo dos 19 anos de existência e resistência, o Mazuca da Quixaba, grupo cultural ilustrado na Figura 44, apresenta ritmo da jurema sagrada, religião de matriz indígena presente na Região Nordeste do Brasil (ALMEIDA, 2021). A sede do grupo, desde a sua fundação é no prédio do *Ylê Axé Oxum Deym*, localizado no Pina, bairro periférico do Recife.

A figura analisada, registra imagens de mazuqueiras, mazuqueiros que constituíram a primeira formação do Mazuca da Quixaba, destacam-se Joana D`arc Cavalcante/mestra Joana Cavalcante, mestre Chacon Viana/ex-companheiro da Mestra, Jhayanna Cavalcante (*in memoriam*), filha de mestra Joana, Jaysse e Jéssica Roberta, primeiras mazuqueiras do grupo. Há registro que Marcos Vinicius Silva/Marcos Tutano, irmão da Mestra, Aldoberto, Edinei, Felipe/Cabê, Felipe Cavalcante, Ivan Silva/Ivanzinho e Ryan também fizeram parte do Mazuca da Quixaba.

Figura 45 - Formação atual do Mazuca da Quixaba



Fonte: acervo de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 45, identifica-se mestra Joana, vó Quixaba, incorporada com seu Manoel Coréa, entidade espiritual da jurema e patrono do Mazuca da Quixaba. Além das filhas e filhos de santo do *Ylê Axé Oxum Deym*, integrantes da formação atual do grupo, destacam-se João Jhadyel Cavalcante filho biológico da Mestra, Erivannia Maria/*ekedi* Erivannia, Flavinho/Lilo, Jaimison Pedro/ogã Jaimi, Jocien Bruno/baiana rica da Nação Encanto do Pina, José Dayvison/ogã Dayvison e Júnior Nery/Juninho. Observa-se também Jhadyane D'arc Cavalcante filha biológica da Mestra, Nathasha Ewelly sobrinha da Mestra, Isabelle Caldas/Belinha e Maria Eduarda/Duda Lopes nessa formação. Essas mazuqueiras, mazuqueiros levam ao palco a mistura de tradição religiosa e musical, transmitindo esse conhecimento ancestral de geração a geração, também são batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, batuqueiras e batuqueiros do Encanto do Pina.

O grupo nasceu com o intuito de apresentar a história oral contada pelas velhas mestras e velhos mestres da jurema, criando um som próprio para misturá-lo a pisada do coco de terreiro. O nome do grupo nos remete a tradicional dança folclórica, “mazuca”, um ritmo dançado com rimas envolventes e batidas rítmicas precisas dos pés que acompanham o compasso da percussão. Essa dança também é considerada uma manifestação cultural semelhante à praticada pelas pretas e pretos do gongo.

O complemento “da Quixaba” acrescentado ao nome do grupo é uma homenagem a líder espiritual do Mazuca da Quixaba, à avó da Mestra, à *yalorixá* Maria Cândida da Silva, vó Quixaba herdeira das tradições e da memória das mestras

e mestres da jurema. Fundou o templo religioso *Ylê Axé Oxum Deym*, consagrando-se como uma das mais antigas e respeitadas *yalorixás* no Pina.

A idealização do Mazuca da Quixaba surgiu da ausência de algo singular, unir o religioso e o profano, mas reverenciando a ciência da jurema, ao mostrar cantos, toques e danças práticas que acontecem dentro de uma cerimônia religiosa da jurema sagrada, tradicional religião pouco vista. Além disso, de fazer menção aos fundamentos da gira, rito, culto, cerimônia religiosa da jurema.

Como parte dessa iniciativa, são montados shows de palco para o público geral ter acesso, conhecer as práticas culturais dessa religião, culto tradicional que abarca elemento cristãos, indígenas, espíritas e afro-brasileiros. Esses shows almejam valorizar tais características que envolvem o cotidiano das juremeiras e juremeiros.

Afere-se que jurema é uma tradição religiosa e o Mazuca da Quixaba, além de abarcar aspectos de uma tradição religiosa, é também uma tradição familiar de vó Quixaba que está sendo mantida nas interpretações da neta, mestra Joana Cavalcante, o bisneto adolescente João Jhadyel, filho biológico de mestra Joana, a bisneta criança Jhadyane D'arc filha biológica da Mestra, além das filhas e filhos de santo dessa *yalorixá*, sacerdotisa do *Ylê Axé Oxum Deym*.

Após as cerimônias religiosas as/os candomblecistas desse terreiro tocam, cantam e dançam mazuca, manifestação cultural que reverencia mestras, mestres mazuqueiras, mazuqueiros. Esses fragmentos da história oral, ratificados nas toadas e batidas é um dos desafios de mestra Joana, que além de mentora, idealizadora e coordenadora é, vocalista desde a primeira formação do Mazuca da Quixaba.

Uma das maiores preocupação da Mestra é como utilizar as células rítmicas nos arranjos musicais do grupo sem romantizar, ferir, ou até mesmo folclorizar, dar cunho folclórico a religiosidade das negras e negros, conforme Heloisa Gomes (1988), mas cantar e tocar o que apreciadoras e apreciadores da cultura popular brasileira querem ver, ouvir, cantar e dançar sem necessariamente adentrar no campo religioso.

O grupo tem como patrono, protetor religioso, seu Manoel Coréa, entidade espiritual da jurema sagrada, que a *yalorixá* vó Quixaba incorpora. Essa *yalorixá* é a inspiradora e liderança desse grupo que desenvolve trabalhos musical que atrai muitas admiradoras e admiradores.

Sendo assim, pode-se afirmar que a tradição religiosa e familiar da *yalorixá* vó Quixaba, está sendo conservada e disseminada nas interpretações de seus

descendentes integrantes desse grupo cultural. Além disso, fomenta a religião de matriz africana, trazendo no seu repertório toadas da jurema sagrada, coco de roda e samba, especificamente o samba tradicional de Angola, suas batidas não deixam ninguém inerte é conhecido no contexto cultural pernambucano como um grupo de coco de terreiro.

O Mazuca da Quixaba tem se apresentado com frequência nos mais distintos eventos culturais tanto em Recife, como em outras cidades do Brasil, saravando aos encantos da jurema sagrada, corroborando para a manutenção e permanência das manifestações e práticas culturais afro-brasileiras (ROCHA, 2021). O Quadro 1, ilustra alguns eventos artísticos que o Mazuca da Quixaba participou entre 2021-2022.

Quadro 1 - Apresentações artísticas do Mazuca da Quixaba 2021 - 2022

DATAS	EVENTOS CULTURAIS
26/06/2021	Realização da <i>live</i> “A pisada é essa”, transmitida ao vivo no canal do <i>YouTube</i> da Mestra, disponível em: LIVE A PISADA É ESSA! Mazuca da Quixaba - YouTube . Acesso em: 7 nov. 2022.
21/05/2022	Integrou a programação artística no Encontro de Coco Mané João do Pina, realizado no Pina, Recife.
04/06/2022	Realização da celebração em alusão a comemoração dos 18 anos de fundação desse de coco de terreiro e da cerimônia religiosa em alusão ao mestre seu Manoel Coréa, patrono religioso do Mazuca da Quixaba.
21/06/2022	Realização de atividade cultural na Comunidade do Bode, Recife.
08/07/2022	Integrou a programação artística do São João de Pernambuco, se apresentando no Polo do São João do Recife, sediado em Campina do Barreto, Recife.
14/08/2022	Integrou a programação artística do 13º Festival Lula Calixto, realizado em Arcoverde, Pernambuco.
07/09/2022	Integrou a programação artística do Sesc Campo Limpo, sediado no Estado de São Paulo.
13/09/2022	Integrou a programação artística do (RE) Resistência do Povo Negro, realizado no Sesc São Paulo.
01/10/2022	Integrou a programação artística da ação cultural promovida pela escola de samba Gigante do Samba, sediada no bairro Bomba do Hemetério, Recife.
16/10/2022	Integrou a programação artística do Coco do Mestre Zé do Beco, coordenado pela artista e produtora cultural Paula do Cabloquinho, realizado em Água Fria, bairro localizado em Olinda, Pernambuco.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Como ilustrado no Quadro 1, na *live* “A pisada é essa”, teve 1.503 visualizações e 200 curtidas e, nenhuma marcação “não gostei”. O Encontro de Coco Mané João do Pina, foi realizado no bairro do Pina, Recife. Nesse encontro mestra Joana designou Isabelle Caldas/Belinha para representá-la, porém assistiu de forma *on-line* essa apresentação.

Na data da cerimônia religiosa em alusão ao mestre seu Manoel Coréa, patrono espiritual do Mazuca da Quixaba, o grupo completou 18 anos de existência e resistência (Figura 48).

Figura 46 - Flyer de divulgação do convite para a celebração dos 18 anos de fundação do Mazuca da Quixaba e registro das/dos participantes dessa celebração



Fonte: rede social/site da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

Na figura 46, imagem a), apresenta o convite da festa em celebração aos 18 anos de fundação do Mazuca da Quixaba e na imagem b), é possível identificar mestra Joana, vó Quixaba, mãe Laura, mãe Penha, mãe Tânia, pai Marcelo, pai Cleiton, Elba Mariana com o filho Benício Gabriel Andrade da Silva de um ano nos braços que participaram dessa solenidade religiosa juntamente com as filhas e filhos de santo do *Ylê Axé Oxum Deym*, mas, pessoas não praticante do candomblé também prestigiaram essa solenidade, entre elas à pesquisadora dessa tese que não é candomblecista. O convite para essa celebração foi realizado em formato virtual e veiculado nos grupos de WhatsApp, nas redes sociais de mestra Joana Cavalcante, do Encanto do Pina e do Maracatu Baque Mulher o seguinte texto:

É ele, Manoel Coréa! É ele, o rei coroado! Venha celebrar com a nossa família, a saúde, alegria e paz que seu Manoel Coréa tem trazido para nossa casa! Festa do mestre Manoel Coréa em celebração aos 18 anos do Mazuca da Quixaba! Uma oportunidade de renovar nossa aliança com o sagrado, em nossa comunidade, nosso quilombo, nossa família! Saravá a resistência negra! Salve a ciência da jurema sagrada! Salve a ciência de vó Maria da Quixaba! Data: 28/05/2022 - 19h. Local *Ylê Axé Oxum Deym* - Rua Oswaldo Machado, 504, Pina¹³⁶.

¹³⁶ Texto elaborado pela equipe de comunicação do Encanto do Pina, Maracatu Baque Mulher e, disponibilizado nas redes sociais dessa nação e desse maracatu de feministas do baque virado.

Essa celebração estava agendada para o dia 28 de maio de 2022, mas foi adiada para o dia 4 de junho de 2022, em razão da catástrofe natural ocorrida na madrugada do dia 28 de maio de 2022, após fortes chuvas na Grande Recife, fato que ocasionou 29 mortes em deslizamentos de terra nos bairros periféricos dessa localidade. Além disso, deixou 1.026 pessoas desabrigadas e 335 desalojadas, segundo o governo de Pernambuco¹³⁷.

Mazuca da Quixaba também integrou a programação artística do São João de Pernambuco, se apresentando no Polo do São João do Recife, sediado em Campina do Barreto, bairro localizado em Recife e, quando há eventos culturais na Comunidade do Bode o grupo sempre é convidado para abrilhantar esses eventos.

O 13º Festival Lula Calixto ocorreu de 12 a 14 de agosto de 2022 em Arcoverde, Sertão pernambucano, é realizado pela família Calixto, que anualmente com ou sem a parceria do governo de Arcoverde promove o Festival Lula Calixto. Nessa edição contou com 43 atrações entre Nações de maracatu, grupos de cultura popular, trio de forró e artistas com carreira solo, a exemplo da Nação do Maracatu Encanto do Pina, Baque Mulher Recife, Baque Mulher Arcoverde, Mazuca da Quixaba, a cantora e compositora Lia Moraes. Foi realizada oficina de dança e recreação para crianças, jovens e adolescentes.

Essas atrações se apresentaram em um dos pontos turísticos de Arcoverde, Alto do Cruzeiro, onde está situada a sede do Coco Raízes. Uma das preocupações da comissão organizadora desse festival foi garantir que diversas manifestações culturais e expressões artísticas de diferentes regiões do Estado de Pernambuco tivessem a oportunidade de apresentar, representar seu segmento artístico, seja na música, percussão ou dança.

Pode-se destacar a Dj Alienise (Arcoverde, Pernambuco), Samba de Coco Toype de Ororubá (Pesqueira, Pernambuco), Coco de Mulheres com participação especial de mãe Beth de Oxum (Recife, Pernambuco) e Capim Santo (Olinda, Pernambuco). Observa-se que as apresentações das 43 atrações artísticas no 13º Festival Lula Calixto promoveu um encontro multicultural no Sertão do Estado de Pernambuco. Nesse festival a pesquisadora participou se apresentando com o Baque Mulher Recife e com a Nação do Maracatu Encanto do Pina.

¹³⁷ Informação disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/05/29/apos-fortes-chuvas-recife-tem-mais-29-mortos-em-deslizamentos.htm>. Acesso em: 4 out. 2022.

Como evidenciado no Quadro 1, o Mazuca da Quixaba também integrou a programação artística do Sesc Campo Limpo, sediado na Rua Nossa Senhora do Bom Conselho, 120 no Estado de São Paulo (Figura 47).

Figura 47 - Flyer de divulgação do Mazuca da Quixaba no evento “(Re) Existência” promovido pelo Sesc Campo Limpo, São Paulo



Fonte: rede social/facebook do Sesc Campo Limpo (2022)

O grupo integrou ainda a programação artística da ação cultural promovida pela escola de samba Gigante do Samba, sediada no bairro Bomba do Hemetério em Recife e, da programação artística do Coco do mestre Zé do Beco, coordenado pela artista e produtora cultural Paula do Cabloquinho¹³⁸, realizado em Água Fria, bairro localizado em Olinda, Pernambuco. À pesquisadora também participou desse evento se apresentando com o Baque Mulher Recife. De acordo com a Figura 47, o Mazuca da Quixaba vem escalando uma projeção nacional nos palcos direcionados a grupos de cultura popular, a exemplo do evento “(Re) existência” promovido pelo Sesc Campo Limpo, São Paulo.

No final de 2020 e início de 2021, quando o Brasil ainda vivia um marcante momento histórico de pandemia, mas já não aderiu ao total isolamento social em razão do controle do coronavírus, mestra Joana seguindo todos os protocolos de segurança conforme as determinações da OMS e dos órgãos regulamentadores de saúde, realizou na sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina shows *on-line* com transmissão ao vivo do Mazuca da Quixaba (Figura 48).

¹³⁸ Ver Apêndice D.

Figura 48 - Mazuca da Quixaba no show *on-line*, realizado na sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina



Fonte: rede social/instagram - @mestrajoanacavalcante de mestra Joana Cavalcante (2022)

Essa *live* ilustrada na Figura 48 contou com a participação especial de Damares Calixto, vocalista dos grupos Samba de Coco Raízes de Arcoverde, Baque Mulher Arcoverde, Encanto do Pina e do Maracatu Raízes do Sertão.

Na imagem também se observa: mestra Joana, dançando; Erivannia Maria, tocando (agbê); Isabelle Calcas (maraca)¹³⁹; Flavinho (atabaque); Jaimison Pedro (caixa); José Dayvison (ilu) e Júnior Nery (alfaia).

¹³⁹ Ver Apêndice A.

6 MARACATU BAQUE MULHER: MOVIMENTO FEMINISTA DISSEMINANDO FATOS MEMORIALÍSTICOS E IDENTITÁRIOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA À LUZ DAS NARRATIVAS DAS MULHERES

Bate o tambor ó negra, eu quero ver a poeira subir, é nesse baque que eu vou, é nesse baque meu amor, mulher guerreira tocando tambor, rosa e laranja eu sou eu sou, Baque Mulher com muito amor, mulher guerreira a raiz nagô¹⁴⁰.

MESTRA JOANA CAVALCANTE

Essa seção contextualiza a forma de participação das mulheres, especialmente, mulheres de terreiro, negras, pobres e periféricas no Baque Mulher Recife (Figura 49).

Figura 49 - Apresentação do Baque Mulher Recife no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG)



Fonte: rede social/instagram - @baquemulherrecifematriz do Maracatu Baque Mulher (2022)

Na Figura 49, temos a imagem de uma das apresentações do Baque Mulher Recife, matriz do Movimento, que abarca suas ações no Brasil e, em Lisboa, Portugal. Sediado nas instalações do *Ylê Axé Oxum Deym*, localizado na Rua Oswaldo Machado, 54, na Comunidade do Bode, Pina, considerada comunidade periférica do Recife, capital de Pernambuco, esse maracatu de feministas é conceituado um coletivo social, político e cultural, como aqui já destacado.

¹⁴⁰ Loa "Bate o tambor ó negra", autoria de mestra Joana Cavalcante.

Essa apresentação em forma de cortejo, integrou a programação cultural do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), uma realização desse município, situado no agreste do Estado de Pernambuco. Na figura analisada, a dançarina Thalita Alana¹⁴¹ segura o estandarte, bandeira do Baque Mulher Recife, canta e dança com aproximadamente 40 batuqueiras desse maracatu de feministas, entre elas destaca-se uma criança de três anos, Jhadyane D'arc Cavalcante, filha da Mestra, ao lado da mãe e das outras batuqueiras, que cantam, tocam e dançam maracatu.

Em 12 de outubro de 2008, mestra Joana Cavalcante funda o Maracatu Baque Mulher, um coletivo feminista de maracatu de baque virado sediado na cidade do Recife, Pernambuco, especificamente na Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina, formado por mulheres, idealizado e coordenado pela Mestra, como expusemos antes.

O Baque Mulher Recife, matriz do movimento supracitado é constituído por aproximadamente 70 mulheres que residem nessa cidade, em Olinda município de Pernambuco e, na capital da Paraíba, João Pessoa. Há uma mulher batuqueira não-binária e um homem não-binário bissexual que dança nessa matriz, ele não integra o baque/batuque, uma vez que não é permitida a inserção de homens como batuqueiros nesse coletivo. Registra-se, também, a participação de uma mulher transgênero, que dança no Baque Mulher Rio de Janeiro.

Em relação à inclusão das mulheres transgênero como batuqueiras o Baque Mulher está avaliando, sobretudo se preparando para acolhê-las da melhor forma, uma vez que essa pauta ainda gera muitos questionamentos por parte de algumas mulheres que integram o coletivo feminista em tela.

Foi na busca de abarcar esse acolhimento e compreender o universo dessas mulheres, que mestra Joana, batuqueiras do Movimento, batuqueiras e batuqueiros da Nação Encanto do Pina, realizaram, no período da pandemia, a série de *lives* “Todas as famílias cabem no Encanto do Pina”, destacadas na quarta seção.

Entre as convidadas, debatedoras dessas *lives*, destaca-se Jo Assumpção, mulher transgênero, para elucidar aspectos referentes a diversidade sexual e de gênero na cultura popular em geral, especificamente a condição social das mulheres transgênero no Movimento, ressaltados também na quarta seção.

¹⁴¹ Ver Apêndice D.

Ainda sobre a compreensão do universo dessas mulheres, na mesa de abertura do V Encontro Nacional do Baque Mulher, realizado em Sorocaba, São Paulo, a Deputada Erica Malunguinho, uma das homenageadas nesse encontro, proferiu um discurso com embasamento teórico sobre a condição social das mulheres transgênero em todos os espaços da sociedade, conforme relatado mais adiante.

O Maracatu Baque Mulher consagrou-se como movimento de empoderamento feminista de abrangência nacional e internacional, tendo como principal proposta formar uma percussão apenas de mulheres, uma vez que a presença e a participação feminina dentro do maracatu, por muito tempo, estiveram restritas à dança. A elas era negado o direito de tocar tambor/alfaia, ou qualquer outro instrumento percussivo ou musical.

A atuação desse movimento abarca as seguintes regiões e estados do Brasil:

- a) Região Norte – Belém/Pará, Manaus/Amazonas e Palmas/Tocantins;
- b) Região Nordeste – Aracaju/Sergipe, Arcoverde/Pernambuco, Campina Grande/Paraíba, Ipojuca/Pernambuco, João Pessoa/Paraíba, Recife/Pernambuco, Salvador/Bahia e São Luís/Maranhão;
- c) Região Centro-Oeste – Alto Paraíso/Goiás e Brasília/Distrito Federal;
- d) Região Sudeste – Belo Horizonte/Minas Gerais, Campinas/São Paulo, Ipatinga/Minas Gerais, Niterói/Rio de Janeiro, Pipapora/Minas Gerais, Piedade/São Paulo, Ribeirão Preto/São Paulo, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, São Paulo/São Paulo, Sorocaba/São Paulo, Taubaté/São Paulo, Valinhos/São Paulo e Vinhedo/São Paulo;
- e) Região Sul – Alvorada/Rio Grande, Balneário Camboriú/Santa Catarina, Blumenau/Santa Catarina, Camboriú/Santa Catarina, Curitiba/Paraná, Florianópolis/Santa Catarina, Foz do Iguaçu/Paraná, Joinville/Santa Catarina, Londrina/Paraná, Maringá/Paraná, Matinhos/Paraná e Porto Alegre/Rio Grande do Sul.

Atualmente 39 grupos constituem o Movimento, 38 atuando nas cinco regiões do Brasil e um em Lisboa, Portugal. Além desses 39 grupos ativos, há 10 temporariamente inativos Baque Mulher Americana; Baque Mulher Cuiabá; Baque Mulher Fortaleza; Baque Mulher Itapevi; Baque Mulher Pinheira; Baque Mulher Piracicaba; Baque Mulher Sana e Baque Mulher Serra do Mar (São Sebastião-SP) - que atuaram no Brasil; Baque Mulher Bruxelas - que atuou na Bélgica e Baque Mulher

Londres - que atuou na Inglaterra. Tais grupos estão temporariamente desativados, mas com perspectivas de retomarem suas atividades no momento oportuno (Apêndice G).

Os 39 grupos que compõe o Movimento, são constituídos por mulheres negras, brancas, alfabetizadas, não alfabetizadas, com a titulação de doutora, em plena atividade profissional, desempregada, provida de recurso financeiro e material, em situação de vulnerabilidade, de pobreza e extrema pobreza, solteiras, casadas, divorciadas, viúvas, mães que convivem com o genitor, mães solo, ricas e pertencentes a distintas classes sociais, mulheres cis, bissexuais, lésbicas, não binárias e mulheres pan, transgênero. Entende-se essa diversidade de identidades de gênero como característica de uma sociedade plural, ponderando aspectos inerentes as narrativas do feminismo e da subversão da identidade (BUTLER, 2008).

Tais grupos são organizados em prol de uma causa política, empoderamento feminista e combate a todas as formas de violência e opressão. Avalia-se que a representação cultural desses grupos, que constituem o Movimento, é uma forma de ação coletiva, realizam atividades ponderando aspectos da coletividade relacionados às expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, compreendidas como práticas informacionais de socialização dessa cultura.

A partir de março de 2016, o Baque Mulher passar a ter mais visibilidade, período em que mestra Joana Cavalcante em parceria e com colaboração de outras batuqueiras desse maracatu, articularam e possibilitaram a ampliação dos grupos desse movimento feminista permitindo o protagonismo das mulheres, que se autodeclaram feministas empoderadas do baque virado. Nesse mesmo ano, foram constituídos 10 grupos do Maracatu Baque Mulher.

É preciso também registrar que parte expressiva das integrantes desse maracatu não mora em Recife. Afere-se que quando essas batuqueiras vêm para a Comunidade do Bode, têm a possibilidade de estabelecer vínculo de forma respeitosa, sem concepções preconceituosas, mas permitindo uma relação de afeto com essa comunidade, principalmente com as mulheres que participam do Baque Mulher Recife.

Desde 2017 à pesquisadora integra o Baque Mulher João Pessoa, (um dos grupos do Movimento), participando, inicialmente das rodas de diálogos,

posteriormente das oficinas, ensaios e apresentações culturais do grupo, com atuação em João Pessoa, Paraíba, cidade natal da pesquisadora.

Em 3 de março de 2019, a pesquisadora passa a integrar também o Baque Mulher Recife, matriz do Maracatu Baque Mulher, com atuação em Recife, cidade natal de mestra Joana Cavalcante.

Nessa mesma data participou da primeira oficina promovida pelo Baque Mulher Recife, realizada no SinsPire¹⁴², sediado na Rua da Guia, 237, Praça do Arsenal, Recife. A pesquisadora foi recepcionada de forma acolhedora pelas mulheres presentes na oficina, de modo especial, por Mariana Bianchi, Shirlene Benta do Nascimento e Patrícia Aliprandini Soares¹⁴³, carinhosamente Paty, como é conhecida no Movimento.

Em 9 de outubro de 2022, o Baque Mulher Recife foi convidado para participar do ensaio aberto com a Nação Estrela Brilhante do Recife, mas não foi possível, porque a coordenadora dessa nação não conseguiu o transporte para viabilizar o traslado dos instrumentos e das batuqueiras participantes desse coletivo, para ensaiarem com essa nação.

Diante do exposto, podemos aferir que o Movimento vem no constante enfrentamento ao machismo, intolerância religiosa, racismo estrutural, sobretudo a carência de políticas públicas destinadas a cultura de forma eficaz, fato que, salvo as devidas proporções, impossibilita esse coletivo de apresentar suas atividades culturais, em dada circunstância, por ausência de recurso financeiro.

Em 21 de fevereiro de 2020, o Movimento realiza seu desfile oficial, com aproximadamente 300 mulheres tocando – agbê/xequerê, alfaia/tambor, atabaque/timbal, caixa, ganzá/mineiro e gonguê. Nos anos subsequentes, 2021 e 2022, em razão do isolamento social causado pela pandemia do Covid-19, que o mundo vivia até então, não foi possível ocorrer esse desfile. Desta forma, o subsequente é realizado em 17 de fevereiro de 2023, com aproximadamente 170 mulheres participantes desse maracatu de feministas do baque virado.

Percebe-se uma redução dessas batuqueiras em relação ao último desfile presenciais realizado em 2020. Após pandemia muitas mulheres passaram a viver em

¹⁴² Ecossistema Cocriativo de Conexões e Inteligências em Comunicação, Sustentabilidade, Cultura, Empreendedorismo e Inovação (SinsPire). Espaço que a proprietária disponibilizou para as oficinas, ensaios, reuniões e encontros do Baque Mulher Recife.

¹⁴³ Ver a identificação dessas duas mulheres no Apêndice D.

situação de subemprego e desempregada, contexto que impossibilitou algumas delas participarem desse desfile. As mulheres participantes no desfile oficial do carnaval 2023, tocaram, dançaram e cantaram as loas autorais de mestra Joana e de outras compositoras desse coletivo, que pela primeira vez na trajetória do grupo, recebeu um cachê/subsídio financeiro da prefeitura do Recife, mas foi um valor insuficiente para suprir nas necessidades básicas do Movimento, a exemplo de transporte e alimentação para as batuqueiras participantes.

Tais loas apresentam estrofes com frases potentes e reflexivas para fazermos pensar em padrões estruturantes da sociedade brasileira, entre elas destacam-se: “não há violência ou machismo qualquer que cale meu tambor”; “sou mulher negra empoderada”; “quebrando barreiras, unindo fronteiras, vencendo tabus”; “mulheres do mundo inteiro com garra para vencer, vamos unir as nossas forças e fazer acontecer”; “temos direito à liberdade, temos de vencer, temos direito de viver”; “com a lei Maria da Penha, machista não tem vez não”; “disque 180 denuncie o agressor”; “mulher guerreira, mulher de fé, mulher de coragem, mulher com axé/força”; “sou mulher preta, o racismo é opressor, sinto a cor da minha pele incomodar por onde eu vou”, “periferia, sou periferia, Baque Mulher é periferia”.

Mesmo diante das entoadas que clamam por justiça social, igualdade da raça e de gênero, mais uma vez o Movimento foi hostilizado por um homem de pele não negra, responsável pela organização do evento cultural que integrava a programação oficial do carnaval 2023 do Recife, o qual o coletivo teria o “direito” de realizar uma apresentação no palco principal desse evento, mas foi impedido por uma decisão arbitrária/equivocada desse homem responsável pelo evento em tela. Situações como essa ocorrem de forma constante na trajetória artística de mestra Joana, Maracatu Baque Mulher, Nação Encanto do Pina e Mazuca da Quixaba, coletivos que têm na regência e coordenação uma mulher preta, periférica e candomblecista, Joana D’arc da Silva Cavalcante, mestra Joana Cavalcante.

O fato do Movimento não ter tido a oportunidade, como outros grupos tiveram de se apresentar no palco principal do carnaval 2023 do Recife, foi um ato misógino, machista e racista, legitimado pelo próprio Estado de Pernambuco, mas a Mestra e mulheres participantes desse maracatu não se deram por vencidas e fizeram suas vozes ecoarem com o axé/força do maracatu de baque virado, seguiram tocando o

baque/batuque em direção às ruas onde não estava acontecendo programação cultural, atraindo atenção de pessoas que se identificam com a cultura negra.

Em um dado momento o coletivo parou e fez uma apresentação completa para a plateia presente, a Mestra cantou várias loas de sua autoria e autoria de outras compositoras, entre elas as loas *“Periferia”* - eu sou do gueto mulher preta sim senhor / periferia sou favela / Pina Bode com amor / sou mulher negra o racismo é opressor / sinto a cor da minha pele incomodar por onde vou / periferia sou periferia / Baque Mulher é periferia / meu baque é forte de guerreira, sim senhor / luta contra a violência, o preconceito e o opressor; *“Vem nesse baque de mulheres p’ra lutar”* - vem nesse baque de mulheres p’ra lutar / contra a desigualdade aqui e em qualquer lugar / de norte a sul os tambores ecoar / na batida do coração baque rosa em ação / Vem nesse baque / baque rosa é união aqui ninguém solta ninguém na luta contra opressão; *“Guerreira de fogo”* - mulheres que lutaram pela liberdade / mulheres guerreiras guerrearam com todo esplendor / duvidam da capacidade e da força de uma mulher / juntas nós somos mais fortes / aqui quem fala é o Baque Mulher / guerreira do fogo orixá da justiça / senhora do vento com todo esplendor.

Ao finalizar essa apresentação mestra Joana lamentou a ausência de batuqueiras do Movimento que residem em outros estados, por questão financeira, efeitos dos malefícios causados pela pandemia. Em relação a situação ocorrida na noite do desfile oficial do Movimento em 2023, a Mestra fez uma fala emocionada, foi um momento bastante comovente todas as mulheres presentes choraram inclusive mestra Joana e a pesquisadora. Mas, a Mestra não deixou de registrar sua indignação pelo fato ocorrido e concluiu seu discurso dizendo - “mulheres, vamos continuar na luta contra o racismo, machismo, intolerância religiosa, homofobia, sexismo, lesbofobia, heteronormatividade e todas as formas de violência, vamos continuar ecoando nossos tambores no mundo todo”.

Belinha Caldas batuqueira do Baque Mulher Recife, cantou as loas “Mestra, ô Mestra”, “Meu maracatu nascido no manguezal” e “Foi no Pina que aconteceu”, ratificadas na quinta seção. Ao término foi um momento emocionante, todas as batuqueiras do Movimento abraçaram à mestra Joana Cavalcante e choraram juntas.

6.1 REGIMENTO INTERNO DO MARACATU BAQUE MULHER FUNDAMENTADO NOS ENSINAMENTOS E NA CIÊNCIA DO CANDOMBLÉ NAGÔ

Apresenta-se o regimento interno do Maracatu Baque Mulher, atualizado em 24 de abril de 2020, fundamentado nos preceitos religiosos, culturais e educacionais do candomblé nagô, religião de matriz africana e vinculado ao *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro onde a mestra Joana Cavalcante tem a patente religiosa de *yakekerê*, mãe pequena, já destacado no texto.

É pertinente ressaltar que os 39 grupos ativos do Movimento, sob a coordenação geral da Mestra, têm suas atividades baseadas nesse regimento. A análise desse documento possibilitou o alargamento dessas atividades executadas pelo coletivo analisado, com foco nas mulheres, à mestra Joana em 2013, convida, estimula e apoia integrantes desse coletivo, que residem em outras cidades do Brasil a fundarem grupos desse maracatu de baque virado nas suas respectivas cidades.

No ano seguinte, especificamente em 29 de março de 2014, foi fundado o Baque Mulher Campinas, em 2015 o Baque Mulher Joinville e, em 2016 as batuqueiras fundaram 11 grupos, daí então elas passaram a fortalecer esse maracatu de feministas. Posteriormente denominadas coordenadoras locais, batuqueiras que aceitaram esse nobre desafio, prontamente iniciaram rodas de diálogos para apresentar a trajetória do Movimento e sua missão enquanto grupo de feministas do maracatu de baque virado e os fundamentos dessa expressão cultural herdada da população negra vinda da África, para ser escravizada no Brasil (ROCHA, 2021).

O maracatu de baque virado traz consigo os fundamentos do candomblé, religião de matriz africana. Dito isso, podemos aferir que esse maracatu é uma expressão cultural de matriz africana, singular no mundo, tendo o estado pernambucano como seu precursor. Essa expressão é inseparável do candomblé, afirma Héveny Araújo (2020). Porém, nem todas as mulheres que participam do coletivo, são compelidas a serem candomblecistas.

Em seguida, essas coordenadoras locais deram início aos ensaios nas cidades que residem, possibilitando e promovendo a formação dos grupos atuantes nas cinco regiões do Brasil, os quais, prontamente, foram chamados de grupos atuantes, designando o movimento de maracatu das Feministas do Baque Virado (FBV) e, naturalmente possibilitando as participantes desse maracatu o protagonismo,

empoderamento e resistência feminista nas práticas informacionais de socialização da informação, conforme Henriette Gomes (2019). Assim, podemos aferir que essas práticas possibilita o alargamento das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira.

Esta garra, força motriz dessas mulheres batuqueiras e guerreiras, suscitou o entusiasmo de uma padronização na missão, foco e objetivo das atividades culturais e artísticas desenvolvidas pelo Movimento, as quais passaram a ser pautadas pelo regimento interno desse maracatu de feministas, almejando garantir a coerência, integridade e objetividade nas práticas promovidas pelo coletivo.

Em relação à Natureza e Finalidade do Maracatu Baque Mulher, o regimento desse maracatu declara,

[...] o objetivo do Baque Mulher dentro das Nações de baque virado é fortalecer a figura da mulher como protagonista, primeiramente como liderança religiosa dentro de suas comunidades; além da atuação em funções tradicionais dentro do maracatu, como dançar e costurar, propiciando a sua liderança também como referência na percussão e em outras áreas. Nesse sentido, recebe de braços abertos integrantes de outras Nações de maracatu que aceitem participar desta proposta (ARTIGO 1º DO REGIMENTO INTERNO DO BAQUE MULHER).

Embora, no seu parágrafo único, o regimento determine que o Movimento é exclusivamente constituído, pensado e organizado por mulheres, esse coletivo feminista, não se configura anti-homens¹⁴⁴, pois vem realizando trabalhos sociais no Pina, Recife, especificamente, na Comunidade do Bode, em outras comunidades periféricas do Brasil, inclusive em Lisboa, Portugal destinados a todas as pessoas, sem distinção de etnia, cor, classe social e orientação sexual.

No artigo 2º expõe sua finalidade, que se refere ao desenvolvimento, manutenção e disseminação da cultura do maracatu entre mulheres, promovendo encontro entre elas por meio dessa expressão cultural que ultrapassa a percussão do ritmo do maracatu de baque virado, visa à troca de experiências relacionadas ao universo das mulheres, bem como a realização de rodas de diálogo quinzenalmente, contemplando temas como machismo, racismo, intolerância religiosa, preconceito

¹⁴⁴ Às entrevistadas utiliza esse termo para exemplificar que o Maracatu Baque Mulher não discrimina os homens, apenas eles não podem tocar nesse maracatu de feministas, mas são bem-vindos ao Movimento como colaboradores desde que respeitem as mulheres, não sejam machistas nem sexistas.

religioso, empoderamento feminista, violência contra a mulher, principalmente a violência doméstica e feminicídio entre outros assuntos relacionados aos direitos das mulheres, considerados relevantes para as pautas de raça, classe e gênero, contemplando com obstinação a luta feminista e antirracista (DAVIS, 2016).

Essas rodas de diálogo consideram as diversas realidades nas quais as mulheres estão inseridas, almejando o fortalecimento feminista, potencializando o companheirismo e a união em torno dos objetivos do coletivo em tela. Além disso, suscita reflexões condescendentes, sobre a relação de gênero e, estimula o alargamento das ações, atos antirracistas, com foco ao combate à violência doméstica, feminicídio e as várias formas de violência contra crianças, adolescentes, jovens, adultas e idosas, mulheres de todas as faixas etárias, pertencentes a todos os estratos sociais da sociedade.

Posteriormente às rodas de diálogo, acontecem às oficinas, ensaios e apresentações artísticas em múltiplos espaços da sociedade, almejando visibilizar o protagonismo das mulheres, principalmente pretas, pobres, periféricas, candomblecistas e, praticantes de outras religiões de matriz africana que estão vivendo em situação de vulnerabilidade, considerando as diversas realidades nas quais elas estão inseridas. Essas ações têm a missão de fortalecê-las, potencializando o companheirismo e a união entre as participantes desse coletivo, estimulando o desenvolvimento da cidadania das batuqueiras desse maracatu de feministas do baque virado, constituído excepcionalmente por mulheres.

O artigo 3º apresenta a estrutura organizacional do Movimento que compreende o Baque Mulher Matriz, sediado em Recife e coordenado pela mestra Joana Cavalcante, responsável pela coordenação geral do Movimento e seus respectivos grupos, sediados em outras cidades do Brasil, localizados nas cinco regiões do país e, em Lisboa, Portugal. Registra-se também a fundação do grupo Baque Mulher Bruxelas, sediado na Bélgica e do Baque Mulher London, sede na Inglaterra, ambas temporariamente inativas, mas com a previsão de, em médio prazo, retomarem suas atividades. As coordenadoras locais, são responsáveis pelas coordenações e apito do baque, comanda o batuque nos grupos do Movimento, sob a regência geral de mestra Joana (Apêndice G).

Enquanto o artigo 4º assevera que a coordenação geral do Baque Mulher Matriz é composta por mulheres da cidade do Recife e região, que vem promovendo ações

e atividades culturais, no decorrer desses 14 anos¹⁴⁵ de fundação do Movimento. A matriz desse coletivo é legalmente responsável pelas ações e atividades, bem como coordena todos os projetos promovidos pelo Movimento, organizado por mulheres que se autodeclaram feministas do baque virado.

Há que se ressaltar que cada grupo desse movimento, de acordo com suas especificidades e possibilidades, pode ser oficializado nas suas respectivas cidades. Porém, conforme esse regimento as ações e atividades promovidas por esses grupos, não podem contradizer as prerrogativas e orientações do regimento elaborado e aprovado pelo Movimento, bem como, terá que passar pelo crivo de aprovação do Baque Mulher Matriz, coordenado pela mestra Joana.

O artigo 5º assinala que esse maracatu de baque virado foi idealizado e instituído pela Mestra, é legalmente representado, dirigido, coordenado, supervisionado por ela, até então, primeira e única coordenadora geral. Segundo o regimento, são atribuições, responsabilidades da coordenadora geral: a) dirigir, supervisionar, acompanhar e dar suporte aos grupos do Movimento; b) estabelecer o repertório que será realizado por todos os grupos, que terá como base as loas entoadas pelo Baque Mulher Matriz no período do carnaval, podendo ser alterado e repassado aos demais grupos; c) escolher o figurino padrão para todos os grupos, o qual será utilizado no carnaval, devendo ser encomendado com antecedência à matriz; d) estabelecer os padrões para confecção do estandarte nas cores rosa e laranja, bem como a logomarca do Movimento; e) determinar os temas que serão debatidos nas rodas de conversa de todos os grupos durante o ano, nos encontros nacionais e internacionais; f) propor o calendário anual de atividades fixas de resistência, como carnaval e Encontro Nacional Baque Mulher, bem como datas para atividades extras; g) admitir e desligar grupos, bem como as coordenadoras locais.

A linguagem utilizada pelo Movimento é alinhada da Nação do Maracatu Encanto do Pina. O Baque Mulher Matriz e seus grupos, desde sua origem é ligado a essa nação, sediada no Pina, Recife.

¹⁴⁵ Informação coletada em 31 de dezembro de 2022, mas em 12 de outubro de 2023, ano que esse doutoramento foi defendido, o Baque Mulher completa 15 anos de existência, representando a luta histórica de resistência das mulheres dentro das Nações de maracatu de baque virado que até um passado recente eram impedidas de tocarem maracatu. Trata-se de um movimento que promove, possibilita o alargamento da visibilidade e empoderamento das mulheres na cultura afro-brasileira, que resiste ao tempo de uma sociedade que naturaliza a lógica machista e patriarcal.

O regimento do Movimento destaca também que o uso da saia nas apresentações oficiais é considerado fundamental, por representar a luta histórica de resistência das mulheres dentro das Nações de maracatu de baque virado que, até um passado recente, eram impedidas de tocar maracatu e quando foram autorizadas a tocar essa expressão cultural que tem uma forte presença dos fundamentos do candomblé, as mulheres eram impedidas de usar saia, tendo que necessariamente usar calças compridas, para serem camufladas, invisibilizadas, entre os homens.

Conforme o artigo 6º, serão considerados grupos que constitui o Movimento aqueles que aceitarem e respeitarem este regimento, além disso, receberem a supervisão da coordenadora geral. O parágrafo único assegura que os grupos só serão legitimados após a aspirante a coordenadora local ter: a) participado das atividades do Baque Mulher Matriz em pelo menos um carnaval em Recife; b) participado pelo menos de um Encontro Nacional do Baque Mulher e c) aprovação da coordenadora geral.

O artigo 7º especifica que compete à coordenadora local: a) participar das atividades do Baque Mulher Matriz no carnaval e do Encontro Nacional do Baque Mulher; b) supervisionar e acompanhar as atividades de seu grupo, conforme as orientações da coordenadora geral; c) apitar e dirigir as apresentações locais; d) coordenar os debates das rodas de conversa, conforme o estabelecido no artigo 2º, de acordo com os temas determinados pela coordenação geral; e) organizar o determinado pela coordenação geral em termos de repertório, figurino, adereços, estandarte e calendário; f) receber, administrar e prestar contas das contribuições mensais utilizadas para manutenção das atividades locais e nacionais, não perdendo de vista a sororidade, que é uma das marcas do Movimento; g) encaminhar à matriz as demandas, sugestões e necessidades do grupo local sob sua coordenação; h) estabelecer as normas locais, desde que não entrem em conflito com este regimento e encaminhá-las à coordenadora geral; i) propor o calendário de atividades local expedi-lo à coordenadora geral; j) admitir e desligar integrantes do grupo local sob sua coordenação.

E o artigo 8º descreve o critério para mulheres tornarem-se integrantes do Movimento e suas competências. O critério é participar regularmente das atividades, respeitando as raízes e as linguagens da Nação do Maracatu Encanto do Pina, considerada referência para o movimento em tela.

Quanto às competências das integrantes do Movimento, compete-lhes: a) colaborar, dentro de suas possibilidades, para o bom andamento do grupo local que participa nos aspectos organizacional, financeiro e de solidariedade entre as integrantes; b) acatar as determinações das coordenações geral e local, observando as respectivas agendas; c) solicitar e cuidar de seu figurino e adereços bem como zelar pelos instrumentos utilizados pelo grupo; d) conhecer os toques e o repertório utilizados pelo grupo; e) encaminhar à coordenadora as demandas, sugestões e necessidades do grupo, percebidas durante as atividades; f) solicitar seu desligamento, caso não possa continuar participando das atividades do grupo.

De forma geral, o Movimento além de propagar o maracatu de baque virado, enquanto manifestação cultural, com raízes pautadas no candomblé, religião afro-brasileira, vem se resignificando, como expressão artística herdada da população negra que resiste ao tempo, saindo dos terreiros e das periferias para ocupar lugares públicos, tornando-se visível aos olhos da sociedade, mesmo diante das intempéries (ARAÚJO, 2020).

Nesse contexto, notam-se significativas conquistas das mulheres integrantes desse movimento feminista, tanto no aspecto individual como no coletivo, lhes proporcionando reflexões sobre as renovações dos processos da cultura tradicional e os espaços legítimos às mulheres de terreiro, negras, pobres e periféricas. No Movimento é possível evidenciar a atuação dessas mulheres tocando com maestria o maracatu de baque virado (SACRAMENTO, 2016).

Esse coletivo também tem a missão de transmitir, através da oralidade, o conhecimento empírico, almejando resignificar às expressões e manifestações culturais afro-brasileiras, libertando-as da produção de conhecimento da episteme eurocêntrica, ou seja, da prática de decolonialidade (MOURA, 2022).

Identifica-se, que o Movimento vem, ao longo desses anos¹⁴⁶, contribuindo com o empoderamento das integrantes do Baque Mulher Recife, lugar de origem, e das que integram os grupos desse maracatu de feministas. Nota-se ainda que há transformações psicossociais na vida dessas mulheres, ocorridas a partir da participação ativa nesse maracatu (TANAKA, 2021).

Conforme já destacado, as atividades culturais e religiosas de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher, são disseminadoras da informação,

¹⁴⁶ Em 12 de outubro de 2023 completa 15 anos de atuação.

contexto de alargamento dos fatos memorialísticos e identitários da cultura afro-brasileira à luz do fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas (ANSELMO, 2020).

Nesse contexto, nota-se que as narrativas historiográficas tendem a investigar as relações históricas entre as atividades culturais e religiosas da Mestra, desse movimento e das mulheres que o compõe, com as práticas do candomblé e da jurema. Em consonância com esse contexto, é possível verificar o processo histórico em que se evidencia, cada vez mais, práticas culturais afro-brasileiras no movimento analisado (ROCHA, 2021).

Como já foi dito aqui neste escrito, o alargamento desse movimento inicia em 2014 com a fundação do Baque Mulher Campinas, 2015 com o Baque Mulher Joinville e, em 2016 quando as integrantes residentes em outras localidades passaram a fortalecer esse coletivo fundando 11 grupos. As participantes do Movimento iniciaram ensaios nas localidades onde residem, promovendo a formação dos que seriam chamados, grupos ligados ao Movimento, entretanto, conservando uma padronização de objetivos e práticas culturais do Baque Mulher Matriz, sediado em Recife.

O alargamento torna-se mais evidente a partir de 2016, quando foram constituídos 11 grupos veiculados ao Movimento. Com esse fenômeno cultural, período que mestra Joana, em parceria e colaboração com outras batuqueiras que se autodeclara feministas do baque virado, articula e possibilita a fundação desses grupos. Diante do exposto, o movimento analisado passa a ter mais visibilidade e promove o protagonismo das mulheres que integram esse maracatu.

Os 39 grupos com atuação no Brasil e um com atuação em Portugal, têm contas de *e-mail*, *facebook* e *instagram*. Essas duas últimas redes sociais são as mais utilizadas para compartilhar fotos e vídeos das ações e atividades realizadas pela matriz e pelos grupos que constituem o Movimento. Entende-se essas redes como disseminadoras da informação relacionadas as atividades por esse movimento realizadas.

À mestra Joana e as mulheres que integram o Movimento têm viajado o mundo divulgando seus conhecimentos e formando novas batuqueiras e coordenadoras locais, para apitar e dirigir os grupos que são fundados nas respectivas localidades.

As mulheres se reúnem para estudar o repertório e tocar nas apresentações carnavalescas, especialmente, no desfile oficial, que acontece toda sexta-feira, após

a abertura do carnaval de Recife. No carnaval de 2020 colocou aproximadamente 300 mulheres cantando, tocando e dançando maracatu de baque virado no centro da capital pernambucana.

Nos anos 2021 e 2022 não houve esse desfile, em razão do isolamento social ocasionado pela Covid-19. Mas, em 17 de fevereiro de 2023 aconteceu a 14ª edição¹⁴⁷ do desfile oficial do Movimento, com a participação de aproximadamente 170 batuqueiras, percebe-se uma redução delas nessa edição por uma questão financeira. Constata-se que após pandemia muitas mulheres passaram a viver em situação de subemprego e desempregada, contexto que impossibilitou as que integram esse coletivo e residem nas regiões centro-oeste, sul, sudeste e norte do Brasil, comparecerem no desfile em tela.

Mestra Joana nos anos 2021 e 2022, realizou *lives* em alusão ao desfile oficial do Movimento, sendo assim podemos considerar que esse ano aconteceu a 14ª edição de mulheres cantando, dançando e tocando maracatu de baque virado no centro da capital por 12 anos e dois anos em formato virtual.

Esse movimento de feministas desenvolve uma militância a favor da luta das mulheres, inclusive, na prevenção à todas as formas de violência contra crianças, garotas, adolescentes, jovens, mulheres adultas e idosas, tem como símbolo desta atuação a loa “Maria da Penha é forte”, uma das primeiras composições autorais de mestra Joana Cavalcante, para “representar a missão do Movimento”, declara a Mestra.

Esta estratégia, seria uma forma de sair do sistema, uma luta que não se identifica com a teoria do poder fragmentado de Michel Foucault (2015) ou do desconstrucionismo de Jacques Derrida (1972), ambos corroboram com os fundamentos da tendência pós-moderna dos discursos identitários como o de gênero, de minorias, de raça etc. Sob essa visão, aproxima-se de um método antidialético. Todas as lutas identitárias importam, mas devem ser vistas em relação às formas e relações de exploração capitalista.

Nesse maracatu de feministas, com projeção mundial as mulheres tocam, compõem loas/entoadas/músicas, cantam e brincam juntas, para acenderem questões que envolvem o universo delas, se fortalecendo cada vez mais,

¹⁴⁷ Uma vez que, segundo mestra Joana a 12ª e 13ª edição ocorreram de forma virtual, com *lives* transmitidas ao vivo, na sexta-feira de carnaval, data fixa que ocorrem os desfiles oficiais do Movimento, presencial ou quando necessário for de modo remoto/virtual.

compreendendo que não são meras coadjuvantes, mas protagonistas no contexto social, das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras (ANSELMO, 2020).

Com essa intenção organizadora, tais ações, atividades, objetivos e projetos, desenvolvidas/os pelo Maracatu Baque Mulher passaram a ser orientadas/os pelo regimento interno desse maracatu de feministas do baque virado, visando garantir coerência, integridade e objetividade entre as práticas culturais e religiosas promovidas pelas mulheres que integram esse movimento.

O objetivo desse coletivo de feministas empoderadas dentro das Nações de maracatu, é fortalecer as mulheres como protagonistas, primeiramente como liderança religiosa em suas comunidades, além de atuantes/autoras em funções tradicionais dentro do maracatu, como dançar e costurar, propiciando o protagonismo feminista na percussão e em outras práticas culturais, antes negadas as mulheres, possibilitando que elas também se tornem referências no maracatu de baque virado.

O Movimento avalia que a participação dos homens, no cotidiano desse coletivo de feministas, possibilita sua conscientização sobre questões internas, culturais e o enfrentamento do machismo presente em si mesmo.

O Baque Mulher Recife, aqui considerado Baque Mulher Matriz, em parceria com os grupos que compõem o Movimento, compreende que os homens são bem-vindos, tendo funções importantes como apoiadores e colaboradores nas atividades realizadas nesse coletivo.

Esse contexto não traz prejuízos nem perda de independência às mulheres, pois todas as decisões são tomadas por elas. Entende-se que, essa compreensão pretende estimular o companheirismo e a união em torno dos objetivos desse movimento. O fortalecimento do Movimento tem estimulado o acesso de mulheres, de todas as idades, às rodas de diálogo, às oficinas, ensaios e, posteriormente, às apresentações, priorizando jovens em situação de vulnerabilidade.

Os fundamentos e ensinamentos que direcionam as atividades do Movimento são os mesmos utilizados desde sua fundação, os quais já eram usuais pela Nação do Maracatu Encanto do Pina, fundamentada pelos preceitos religiosos do candomblé nagô, devido à relação intrínseca com essa nação, que disponibiliza seus instrumentos de percussão, bem como tornou-se a principal parceira do Movimento.

As cores deliberadas para definir a identidade do Maracatu Baque Mulher, incluindo figurino, adereços, estandarte e logomarca, foram o rosa e o laranja, em

homenagem às orixás Iansã e Obá. Essas orixás são as divindades que cuidam, zelam e protegem esse movimento.

O regimento interno em tela é fundamentado nos ensinamentos do candomblé nagô, priorizando o respeito à hierarquia, considera a base fundamental dessa religião de matriz africana, considerando que pessoas mais velhas ensinam as mais novas. Tal ensinamento faz parte da educação dessa religião afro-brasileira, posta em prática pelo Movimento, pela sua mentora e coordenadora geral, mestra Joana Cavalcante.

As atividades idealizadas pela Mestra no movimento, são promovidas em parceria com as batuqueiras desse maracatu, com as batuqueiras, batuqueiros da Nação Encanto do Pina, as/os brincantes do Mazuca da Quixaba, voluntárias, voluntários, colaboradoras e colaboradores do Projeto Encantinho do Pina e, com as filhas, filhos de santo do *Ylê Axé Oxum Deym*.

Avalia-se que tanto o Movimento quanto à mestra Joana Cavalcante são fontes informacionais para disseminar informação, cultura, memória, conhecimentos e aspectos relacionados à identidade cultural afro-brasileira, através do fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas das mulheres integrantes desse movimento, de maneira especial de mestra Joana Cavalcante, mestra de maracatu, avaliado pela autora Alexandra Alencar (2015), como um patrimônio imaterial nacional.

6.2 GRUPOS ATIVOS E INATIVOS DO MARACATU BAQUE MULHER

Como já destacado nesse escrito, o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher – Feministas do Baque Virado (FBV), denominado tão somente Maracatu Baque Mulher, foi fundado pela mestra Joana Cavalcante em 12 de outubro de 2008, sediado na Comunidade do Bode, Pina, Pernambuco. Esse movimento feminista é composto exclusivamente por mulheres, com foco nas mulheres negras, pobres, periférica e praticantes das religiões de matriz africana.

Nesses aproximadamente 15 anos de existência e resistência, o movimento abarcou as cinco regiões do Brasil, Portugal, Bélgica e Inglaterra, entretanto os grupos Baque Mulher Bruxelas e Baque Mulher London estão temporariamente inativos, além deles, Baque Mulher Americana; Baque Mulher Cuiabá; Baque Mulher Fortaleza; Baque Mulher Itapevi; Baque Mulher Pinheira; Baque Mulher Piracicaba; Baque Mulher Sana e Baque Mulher Serra do Mar (São Sebastião-SP), com atuação nos

respectivos Estados brasileiros São Paulo, Mato Grosso, Ceará, Santa Catarina e Rio de Janeiro. Esses 10 grupos que estão temporariamente inativos têm perspectivas de retomarem suas atividades.

Como já citado neste escrito, há 39 grupos, 38 atuando no Brasil e um em Portugal, especificamente, em Lisboa. Caso os 10 grupos citados não tivessem encerrado temporariamente suas atividades, o Movimento, hoje seria constituído exatamente por 49 grupos, incluindo a matriz, Baque Mulher Recife, mas em razão do ocorrido há 39 grupos exercendo suas atividades nesse movimento (Apêndice G).

Esses grupos, sob a coordenação geral de mestra Joana, têm suas ações e atividades baseadas no regimento interno desse coletivo, fundamentado nos preceitos religiosos, culturais e educacionais do candomblé nagô e, do maracatu de baque virado, tradições socioculturais das quais mestra Joana é praticante (ANSELMO, 2020). A matriz do Movimento, tem sua sede nas instalações do *Ylê Axé Oxum Deym*, situado na Comunidade do Bode, comunidade periférica, onde residem famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, localizada no Pina, Recife. Mestra Joana adverte que:

[...] vivemos um abismo entre riqueza e pobreza, porque, a Comunidade do Bode fica dentro do Pina, bairro situado no meio do Recife, é praticamente o coração da cidade, fica próximo ao bairro Boa Viagem, um dos mais ricos da capital pernambucana. Além de estar próximo ao Shopping Boa Viagem. A Comunidade do Bode é rodeada de muitas riquezas, mas aqui na nossa comunidade a realidade é outra, as famílias vivem na extrema pobreza, muitas vezes, vão dormir com fome e o pior, não têm comida para se alimentarem no dia seguinte (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Segundo a Mestra, para participar do Maracatu Baque Mulher é essencial entender a proposta e os fundamentos que compõem esse movimento de empoderamento feminista. Um expressivo número de participantes do Baque Mulher Recife e dos grupos que constituem o Movimento tocam ou já tocaram nas Nações Encanto do Pina e Porto Rico.

Mestra Joana Cavalcante considera o uso da saia um aspecto importante, ao qual não renuncia, além disso, sugere que as mulheres se apresentem maquiadas e com os cabelos soltos, como forma de resistência e empoderamento feminista, por representar a luta histórica de resistência das mulheres dentro das Nações de

maracatu de baque virado, conforme Tatyana Anselmo (2020). O Movimento traz em sua essência a força de Iansã e Obá, orixás femininas, consagradas mulheres guerreiras e protetoras, guardiãs espirituais desse coletivo de mulheres autodeclaradas empoderadas, candomblecistas, umbandistas espíritas, ateístas, católicas, neopagã/wiccaniana e sem religião, declarada às entrevistadas deste estudo (Apêndice S).

As cores basilares do movimento supracitado são rosa e laranja, as quais estão evidentes no estandarte, bandeira e logomarca do Movimento (Apêndice R). E, nos figurinos e adereços usados pelas batuqueiras nas apresentações artísticas, a cor rosa representa a orixá Iansã e a laranja representa a orixá Obá, representadas e reverenciadas nas loas entoadas nessas apresentações. Tais loas fazem referências a essas e outros orixás, a exemplo de Oxum, Iemanjá e Xangô, avalia-se que as loas entoadas no Movimento suscitam uma reflexão sobre a importância de as mulheres estarem e lutarem juntas para terem força e poder, contribuindo no fortalecimento e empoderamento das participantes desse movimento, como também inspirarem outras mulheres (ANSELMO, 2020).

Há que se ressaltar que, durante o ano de 2019, o Baque Mulher Recife (Figura 50) e o Baque Mulher João Pessoa (Figura 51) promoveram semanalmente oficinas e ensaios e, quinzenalmente, rodas de diálogo.

Figura 50 - Flyer de divulgação de oficina e ensaio do Baque Mulher Recife



Fonte: rede social/instagram - @baquemulherrecifematriz do Maracatu Baque Mulher e rede social/instagram - @encantodopina da Nação do Maracatu Encanto do Pina (2022)

A imagem a), da Figura 50, expõe informações referentes ao ensaio e à oficina do Baque Mulher Recife, realizados na Comunidade do Bode. Tanto mestra Joana quanto Elba Mariana, Erivannia Maria, Isabelle Caldas/Belinha, Jamile Passos, Leorranny Beatriz/Leo, Maria das Dores/Maya Silva, Maria Eduarda/Duda Lopes, Mariana Bianchi/tia Mari, Mariana Lopes Passos/Mary Passos, Nefertiti Coutinho/Nefe, Sandra Dariana/Sandrinha, Shirlene Benta do Nascimento, Maxsuelly Luanny/Suely Luanny entre outras batuqueiras, tocam maracatu de baque virado com muita maestria e estão há anos nessa matriz.

Aos domingos, essas batuqueiras ministram oficinas e conduzem os ensaios do Baque Mulher Recife. Trata-se de uma preparação técnica e percussiva, inclusive trabalhando as letras e melodias das loas que serão entoadas no desfile oficial do carnaval e nas apresentações artísticas em praças, escolas, associações comunitárias, instituições de longa permanência¹⁴⁸, instituições prisionais que acolhem pessoas privadas de liberdade¹⁴⁹, bem como nos órgãos públicos e privados da Grande Recife.

A imagem b), da figura em tela, ilustra uma parceria entre Baque Mulher Recife e Nação do Maracatu Encanto do Pina, com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Observa-se que, à direita de mestra Joana, consta a logomarca do Movimento, a esquerda da nação supracitada e por trás maracatuzeira, maracatuzeiro tocando maracatu em uma apresentação da nação mencionada, realizada em Recife.

Essa parceria refere-se às oficinas gratuitas de maracatu de baque virado, ritmo musical tocado no grupo e na Nação Encanto do Pina, realizadas todas as sextas-feiras no museu da Unicap e ministrada pela mestra Joana Cavalcante, que solicitou, às pessoas participantes da oficina, a doação de um quilo de alimento não perecível para ser distribuído às famílias da Comunidade do Bode, vivendo em situação de vulnerabilidade.

¹⁴⁸ Instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (ANVISA, 2005).

¹⁴⁹ As pessoas privadas de liberdade estão inseridas num contexto em que são expostas a situações extremamente degradantes e desumanas, as quais revelam a transgressão de direitos fundamentais garantidos na Constituição Federal, tal como a dignidade da pessoa humana (LASSE, 2018).

Figura 51- Flyer de divulgação de ensaio e oficina do Baque Mulher João Pessoa



Fonte: rede social/instagram - @baquemulherjp do Baque Mulher João Pessoa (2022)

Na figura 51, a imagem a), apresenta informações referentes ao ensaio do Baque Mulher João Pessoa, realizado na Praça da Independência, localizada no bairro de Tambiá, João Pessoa, dia 31 de janeiro de 2021. Identificam-se batuqueiras desse grupo, entre elas destaca-se Helena Dantas/Heleninha, aos cinco anos, filha da batuqueira Gabrielli Dantas. Na imagem b), expõem-se dados da oficina de maracatu, ministrada pelas batuqueiras desse grupo, dia 20 de fevereiro de 2021 na Associação de Moradores do Muçumagro, sediada na capital da Paraíba.

Esses grupos realizam, quinzenalmente, rodas de diálogo sobre diversas temáticas, entre elas, destaca-se os fundamentos do maracatu Nação, focando na trajetória do Movimento, um maracatu de feministas do baque virado que tem como referência a ciência e os fundamentos praticados e difundidos pelo *Ylê Axé Oxum Deym* e, pela Nação do Maracatu Encanto do Pina.

É pertinente registrar que durante o ano de 2022 o Baque Mulher João Pessoa realizou rodas de diálogo, palestras, oficinas, ensaios e apresentações na Associação de Moradores de Muçumagro e na Comunidade Quilombola de Paratibe, localizadas em Valentina, bairro periférico da capital paraibana.

No dia 25 de novembro de 2022, o grupo também abarcou apresentações em mais três Comunidades Quilombolas “Os Barbosas” e “Daniel” localizadas na área urbana e “Os Rufinos” na área rural, Sítio São João. Tais comunidades estão situadas na Região Nordeste, especificamente em Pombal, sertão da Paraíba e a quarta cidade mais antiga desse estado. Desde janeiro de 2023 o Baque Mulher João Pessoa realiza

essas ações na ArtYoga, uma organização não governamental localizada no centro de João Pessoa.

Em relação ao Baque Mulher Recife, em 2019 as rodas de diálogo e oficinas ocorriam tanto no SinsPire, sediado na Rua da Guia, 237, Praça do Arsenal, Recife, quanto na sede desse grupo, localizada na Comunidade do Bode.

Entre março de 2020 a setembro de 2021, as rodas de diálogo, oficinas, ensaios e apresentações artísticas presenciais do Baque Mulher Recife, bem como dos outros grupos que constituem o Movimento, em decorrência da pandemia provocada pela Covid-19, de maneira especial pelo cumprimento ao distanciamento social determinado pelo Ministério da Saúde (MS) e, seguindo o protocolo de segurança sugerido pela mestra Joana Cavalcante, foram suspensas (Figura 52).

Figura 52 - *Flyer* de divulgação de cancelamento de todas as atividades da matriz e dos grupos que constitui o Maracatu Baque Mulher



Fonte: rede social/instagram - @baquemulherrecifematriz do Maracatu Baque Mulher (2022)

Esse *flyer* com a grafia da palavra “Covid-19”, escrita de forma equivocada, foi postado na rede social do Baque Mulher em 16 de março de 2020, mas, no dia seguinte, mestra Joana fez uma reportagem retificando a grafia citada. Esse acontecimento, de certo modo, apontou outra possibilidade para esta pesquisa, no período da pandemia, a Mestra realizou muitos projetos, quadros de *lives*, a exemplo do “Mestra Joana Convida” (Figura 53).

Figura 53 - Projeto Mestra Joana Convida



Fonte: rede social/instagram - @baquemulherrecifematriz do Maracatu Baque Mulher (2022)

A Figura 53, expõe séries de *lives* iniciadas no início de 2020 e finalizadas em 8 de abril de 2021, em razão do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Nessas *lives*, a Mestra convidou coordenadoras regionais e integrantes do Maracatu Baque Mulher, entre elas destacam-se Ramily Frota e Renata Farias/Renatinha Peixe-boi¹⁵⁰, coordenadoras do Baque Mulher Manaus e, convidadas da *live* transmitida ao vivo no dia 8 de maio de 2020, como consta na imagem a), dessa figura. A *yakekerê* Maria Helena Sampaio¹⁵¹, presidenta do Afoxé Oyá Alaxé foi a convidada da *live* transmitida no dia 18 de maio de 2021, identificada na imagem b). A *Iya Egbe*¹⁵² foi a convidada da *live* transmitida no dia 26 de junho de 2021, conforme a imagem c).

Além dessas mulheres, foram entrevistadas batuqueiras e batuqueiros da Nação do Maracatu Encanto do Pina, artistas, cantoras, cantores naturais de Pernambuco e de outras regiões do Brasil, *yalorixás*, *babalorixás*, *yakekerês*, *iabassê*, *yabás*, *ekedi*, ogãs, umbandistas, juremeiras, juremeiros de outros terreiros e centros, templos das religiões de matriz afro-indígena, para dialogarem sobre as suas práticas, expressões e manifestações dos afrodescendentes, objetivando fortalecer e disseminar a cultura negra (ROCHA, 2021).

Em relação ao Baque Mulher João Pessoa, em 2019 as atividades ocorreram no Atêlie Elionai Gomes, localizado na Ladeira da Borborema, no Centro de João Pessoa e nas residências das integrantes do grupo. Em 2020, não ocorreram oficinas e ensaios presenciais, apenas as rodas de diálogos e reuniões administrativas, em

¹⁵⁰ Ver a identificação dessas duas mulheres no Apêndice D.

¹⁵¹ Ver Apêndice D.

¹⁵² Ver Apêndice D.

formato *on-line*, retomando as atividades presenciais no segundo semestre de 2021. Essas atividades, desde então, ocorrem na Associação Comunitária Agrícola de Muçumagro – ACAM (Muçumagro), Parque Solon de Lucena (Centro), Praça da Independência (Tambiá) e na Praça da Paz (Bancários), espaços localizados em João Pessoa.

6.3 PROJETOS SOCIAIS IDEALIZADOS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE EM COLABORAÇÃO COM O MARACATU BAQUE MULHER

Esse Movimento feminista realiza inúmeras atividades, entre elas destacam-se: a) rodas de diálogo, b) oficinas, c) ensaios, d) apresentações artísticas, e) cortejos, f) desfile oficial, g) concurso das loas, h) reuniões de planejamento, i) projetos e j) séries de *lives* delineadas nessa seção.

- a) rodas de diálogo - tanto a matriz, Baque Mulher Recife, como os grupos do Movimento abordam temáticas relacionadas ao machismo, intolerância religiosa, preconceito religioso, racismo, violência contra as mulheres entre outras formas de violência, almejando garantir a proteção das garotas e mulheres, e a disseminação das práticas culturais por elas realizadas.
- b) oficinas - são pautadas nas práticas de mestra Joana Cavalcante, coordenadoras locais/regionais e batuqueiras que dominam os toques dos instrumentos – agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal, instrumentos são tocados no baque/batuque do Movimento. Tanto a Mestra quanto as mulheres que compõem o Movimento ministram oficinas de dança – maracatu, ijexá, afoxé entre outras expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, confecção de instrumentos, confecção de adereços/indumentárias/artefatos carnavalescos, além disso, ministram oficinas de percussão, de modo especial de maracatu de baque virado. Enquanto isso, nas oficinas as mulheres podem tocar todos os instrumentos, seja com o intuito de aprender a tocá-los ou aprimorar as técnicas adquiridas nos instrumentos que utilizam nas oficinas.

- c) ensaios - diferentemente das oficinas, são mais direcionados às apresentações previamente agendadas ou as que estão por vir. Sugere-se que, nos ensaios, que cada batuqueira toque exclusivamente o instrumento que irá tocar na apresentação artística da qual pretende participar.
- d) apresentações artísticas - são realizadas em praças, avenidas, associações comunitárias, instituições de ensino públicas e privadas, feiras, fóruns, manifestações políticas, congressos, seminários, encontros, festivais culturais, comunidades quilombolas, organizações não governamentais, instituições governamentais, a exemplo de casas de acolhimento para pessoas em situação de rua e privadas de liberdade, Câmaras de Vereadores/as. Entre essas, destaca-se a apresentação realizada em 2017 pelo Baque Mulher Rio de Janeiro na Câmara de Vereadores/as dessa cidade, a convite da então vereadora Marielle Franco.
- e) cortejos - são as apresentações realizadas pelo Maracatu Baque Mulher nas ruas e avenidas, onde as batuqueiras desse movimento tocam seus respectivos instrumentos, podem ser de curta ou longa duração, vai depender de determinados fatores, como por exemplo, o tempo estipulado pela produção do evento, pela mestra Joana, coordenadora local/regional dos grupos ou pela batuqueira que esteja apitando o cortejo do coletivo sob sua responsabilidade ou seja, do Baque Mulher da cidade onde atua.
- f) desfile oficial - compõe a programação cultural do carnaval de Recife. Esse desfile ocorre sempre na sexta-feira de carnaval pelas ruas do Recife Antigo, bairro da capital de Pernambuco. É pertinente registrar que em 2020, na 11ª edição desse desfile participaram cerca de 300 batuqueiras do Movimento, nas 12ª e 13ª não aconteceram em forma de cortejo, mas no formato de *live show*, transmitidas ao vivo pelo canal do *YouTube* de mestra Joana e participaram aproximadamente 45 batuqueiras do Baque Mulher Recife nessas *lives*, com a participação de Damares Calixto e Pecon Calixto (Baque Mulher Arcoverde), Laís Fialho (Baque Maringá) e à pesquisadora como apoio na 12ª e coralista na 13ª,

juntamente com Belinha, Damares e Pecon. A 14ª edição do desfile em tela aconteceu em 17 de fevereiro de 2023, com a participação de aproximadamente 170 batuqueiras, como já frisado nesse escrito.

- g) concurso das loas - ocorre anualmente no Encontro Nacional Baque Mulher. Percebe-se que as loas que compõe a maior parte do repertório do Movimento são de autoria de mestra Joana Cavalcante, precursora nas composições que objetivam combater o machismo, a violência contra as mulheres, a intolerância religiosa, o racismo e todas as formas de violência, temáticas caras, urgentes e priorizadas nesse coletivo. As loas compostas, cantadas, tocadas e dançadas no Movimento tendem a ser consideradas instrumentos de expressão do feminismo, luta e resistência pelos direitos das mulheres. Esse coletivo tem suas raízes fundamentadas no Encanto do Pina, Nação de maracatu de baque virado, que atravessa a complexidade rítmica e religiosa que expressa o maracatu, “patrimônio imaterial nacional”, assevera Alexandra Alencar (2015).
- h) *reuniões de planejamento* - da matriz e dos grupos do Movimento sempre foram presenciais uma vez por semana, a cada quinze dias, mensalmente ou quando necessário conforme as demandas e especificidades de cada grupo, mas de março de 2020 até dezembro de 2021, em razão da pandemia causada pela Covid-19, começaram a realizar suas reuniões de modo remoto, pelas plataformas *Google Meet*, *Zoom*, *WhatsApp* e o *Instagram* para pensar em estratégias de superação dessa pandemia, considerando os marcadores sociais da diferença e as particularidades de cada mulher que compõe esse coletivo.

A partir dessas reuniões, mestra Joana, as coordenadoras locais considerando as demandas apresentadas pela conjuntura do quadro pandêmico que o Brasil e o mundo estavam vivendo no momento, decidiram transmitir séries de *lives*, objetivando garantir remotamente as oficinas de dança, percussão, ensaios, apresentações culturais, campanhas e projetos promovidos pelo Movimento. Tais ações foram realizadas remotamente durante o período da pandemia causada pela Covid-19, tanto no Maracatu Baque Mulher como na Nação do Maracatu Encanto do Pina.

As mulheres participantes dessa nação, e de grupos de outros estados ligados ao Encanto do Pina têm se identificado com a proposta e somado forças ao Movimento que atualmente conta com mais de 1.000 (mil) componentes/batuqueiras por todo o Brasil e, em Portugal.

Dentre as loas entoadas nas apresentações artísticas do Movimento, destaca-se as de autoria de mestra Joana, a saber: “A batida do coração [meu tambor tem]”; “Bate o bombo”; “Bate o tambor, ó negra”; “Canto, sublime e danço”; “Disque 180”; “Eeeô baque rosa tá na rua”; “Gira, roda a saia”; “Hoje tem alegria”; “Maria da Penha é forte”; “Mulher guerreira”; “Nossa bandeira”; “Periferia”; “Rosa e laranja”; “Saia de chita” e “Sou mulher negra empoderada”, ver também títulos das loas que a Mestra é coautora (Apêndices K, L e M).

A Mestra foi inspiração para integrantes desse movimento exporem suas habilidades de compositoras, compondo também suas loas autorais que abordam temáticas potentes, defendidas por esse maracatu de feministas. Entre elas destaca-se Aline Valetim, Ana Paula Batista Guedes, Andressa, Andreza Andreia, Flávia Diniz, Glória Cunha, Helen Ábramo, Isabelle Caldas, Laís Fialho, Surama Reis e Tenily Guian¹⁵³.

Ana Paula Guedes, juntamente com Andreza Andreia, são as compositoras da loa “Baque rosa é ação”. Tanto essa, como as loas “Meu maracatu nascido no manguezal” de Flávia Diniz; “Obá Sirè” da compositora Laís Filho e, “Foi no Pina que aconteceu” de autoria coletiva, concorreram ao concurso de loas promovido pelo próprio movimento no III Encontro Nacional Baque Mulher, realizado em 2018 na cidade de Sorocaba, São Paulo.

A loa “Obá Sirè” de autoria da batuqueira Laís Fialho, mulher negra, candomblecista, mestra e doutoranda em história foi a vencedora desse concurso. Destacamos ainda, que Glória Cunha é a compositora da loa “Feministas do baque virado”, Helen Ábramo compôs a loa “É por este baque” e Isabelle Caldas autora das loas “Mestra, ô Mestra” e “Traz no baque a força dos orixás”.

Tenily Guian compôs as loas “As mulheres da minha Nação” e “O axé da minha nação”, essas loas homenageiam a Nação do Maracatu Encanto do Pina, também são cantadas nas apresentações do Baque Mulher. Tenily Guian e Aline Valetim são as compositoras da loa “Meu axé”.

¹⁵³ Ver a identificação dessas 11 mulheres no Apêndice D.

Diante desse contexto, o coletivo começou a realizar uma série de *lives*, campanhas e projetos. Destaca-se a série de *live* “Mestra Joana Convida” (Figura 53) e os projetos “Quem Somos”, “Baque Mulher é Periferia”, “Pérolas Negras Raiz Ancestral”, “Terapia Comunitária Integrativa”, “Mulheres em Ação”, “Aquilombamento Orumnílá” (Figura 56).

O projeto “Quem Somos” idealizado pela Mestra e as mulheres que compõem a equipe de elaboração de projetos do Movimento, é uma atividade cultural, pedagógica e memorialística, pois a cada dia da semana homenageava uma das batuqueiras do Baque Mulher. Esse projeto era uma forma de saudar e honrar toda a trajetória dessas guerreiras. É nesse sentido, que tal movimento, carinhosamente também é chamado “Família Rosa e Laranja”.

O Movimento, desde a sua fundação em 2008, desenvolve campanhas, projetos sociais, políticos e educativos. Entre eles destacam-se as campanhas para arrecadar alimentos, materiais de higiene pessoal, materiais de limpeza para as famílias vivendo em situação de vulnerabilidade, especialmente, as residentes na Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina e nas comunidades adjacentes, consideradas periféricas.

Esse coletivo acolhe mulheres de todas as faixas etárias, inclusive crianças, adolescentes, jovens e mulheres idosas. As mulheres adultas do Movimento têm uma atenção mais acolhedora e defensoras dos direitos das crianças, adolescentes e jovens. Enquanto isso, com as mulheres idosas, além dessa atenção, tem respeito e reverência aos ensinamentos, reverenciados como referências por suas trajetórias de mulheres feministas integrantes de um grupo de maracatu de baque virado.

Em março de 2020, quando foi decretado o isolamento social pelos impactos ocasionados pela Covid-19, o coletivo passou a fazer uso de novas estratégias para não interromper suas atividades, ações, campanhas e projetos sociais.

A primeira estratégia adotada foi a utilização das plataformas digitais, como ferramentas primordiais para disseminar as práticas culturais desse movimento. A partir dessas plataformas de forma remota o Movimento realizou os projetos: “Quem Somos”, “Baque Mulher é Periferia”, “Pérolas Negras Raiz Ancestral”, “Terapia Comunitária Integrativa”, “Mulheres em Ação”, “Aquilombamento Orumnílá” (Figura 54).

Figura 54 - Flyer de divulgação dos projetos: “Quem Somos”, “Baque Mulher é Periferia”, “Pérolas Negras Raiz Ancestral”, “Terapia Comunitária Integrativa”, “Mulheres em Ação”, “Aquilombamento Orumnilá”



Fonte: rede social/facebook do Maracatu Baque Mulher (2022)

Há ainda as mensagens de felicitações quando as integrantes do Maracatu Baque Mulher completam aniversário (Figura 55).

Figura 55 - Felicitações de aniversário às integrantes do Maracatu Baque Mulher



Fonte: rede social/WhatsApp do Maracatu Baque Mulher (2021)

O Movimento realizou inúmeras campanhas sobre os cuidados e a prevenção da contaminação do vírus da Covid-19 no período crítico da proliferação desse vírus, promoveu a “Rifa Baque Mulher” - foram rifados produtos personalizados desse coletivo, como forma de incentivar integrantes, apoiadoras e colaboradoras do Movimento a contribuírem com a reforma da sede e, promover a manutenção dos projetos sociais realizados por esse maracatu de feministas de baque virado.

Em 17 de outubro de 2020, às 17h, foi transmitida ao vivo no *YouTube* de mestra Joana Cavalcante e nas redes sociais do Movimento a *live* em comemoração aos 12 anos de (re)existência desse movimento feminista, com duração de uma hora trinta e cinco minutos e vinte e um segundos. Em 26 de fevereiro de 2022, às 17h, a *live* em alusão ao carnaval de 2022 do Maracatu Baque Mulher, com duração de duas horas e vinte minutos e quarenta segundos.

Os projetos “Baque Mulher Convida”, “Quem Somos”, “Baque Mulher é Periferia”, “Pérolas Negras Raiz Ancestral”, “Terapia Comunitária Integrativa”,

“Mulheres em Ação”, “Aquilombamento Orumnílá”, “Baque nas ideias - julho especial das pretas”, “Eu Sou Guerreira e Não Ando Só”, “Homenagem às mulheres”, “Roda de Acolhimento”, “Troca de Saberes”, esses entre outros projetos ocorreram em forma de *live*. A “Homenagem às mulheres” foi realizado durante todo o mês de março, mês alusivo ao respeito, dignidade, valorização e garantia dos direitos das mulheres.

A ação “Beleza Empoderada”, foi uma das ações sociais desenvolvidas pelo Movimento, em parceria com o Baque Mulher Recife, que vêm lutando de todas as formas para atenuar a situação de pobreza e extrema pobreza vivenciada pelas mulheres periféricas residentes na Comunidade do Bode. Tal ação objetivou arrecadar produtos de higiene pessoal, pensando principalmente nos cuidados com os cabelos *black* que predominam, focando também na educação menstrual e na luta contra a pobreza menstrual.

Essa ação foi lançada em 21 de outubro de 2021, período pandêmico que o mundo vivenciava, fato que ocasionou milhares de mortes e inúmeros impactos sociais. Afere-se que a situação pandêmica, principalmente o descaso do governo brasileiro com as periferias, afetou o bem-estar das mulheres da Comunidade do Bode, a exemplo da violência, baixa autoestima das crianças, adolescentes, jovens, bem como as pessoas adultas, levando-as a crises de ansiedade e depressão, a exemplo das 32 entrevistadas, 25 declararam ser depressivas ou já foram vítimas de algum tipo de violência.

Compreende-se que, a ação “Beleza Empoderada”, proporcionou não apenas o acesso a produtos de higiene, mas, de certo modo, a autoestima dessas garotas, mulheres, que tiveram seus cabelos *black*, símbolo de resistência e ancestralidade hidratados, com os penteados por elas definidos, se considerando lindas e empoderadas (ANSELMO, 2020).

Além dessas práticas, tem os projetos “Nota de apoio à Mestra Joana Cavalcante” - em razão da Mestra vivenciar constantemente a opressão do machismo estrutural, racismo institucionalizado, intolerância religiosa, preconceito religioso e ter tido a logomarca da Nação Encanto do Pina plagiada; “Workshop” - gira do maracatu: dança, tradição e fluxo no tempo presente, idealizado por Aline Valentim dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro e coordenadora da ala de dança dessa nação.

Diante do exposto, o Maracatu Baque Mulher possibilita as mulheres de todas as faixas etárias estarem se conectando com sua ancestralidade, com as práticas da

cultura negra e ressignificando sua identidade cultural. Como já destacado, há mais de 1.000 (mil) Mulheres no Brasil e em Portugal participando desse Movimento.

6.4 ENCONTROS NACIONAIS DO MARACATU BAQUE MULHER

As batuqueiras do movimento analisado vivem o maracatu como movimento, religião e expressão cultural do Brasil e do mundo. Através da percussão, canto e dança da cultura afro-brasileira socializadas entre as participantes das edições do Encontro Nacional Baque Mulher, batuqueiras e colaboradoras do Movimento. Elas têm se identificado com a proposta e somado forças nesse coletivo que hoje conta com mais de 1.000 batuqueiras por todo o Brasil e Portugal. Dito isso, podemos afirmar que essas mulheres disseminam expressões e manifestações culturais, ao tempo, que também adquirem novos conhecimentos.

Desde 2016, o Maracatu Baque Mulher vem realizando anualmente seus Encontros Nacionais. O I ocorre em 2016, na cidade de Sorocaba, São Paulo. O II, no ano seguinte, na capital de Pernambuco, Recife. Em 2018, o III concretizado em Sorocaba, interior de São Paulo, ano seguinte no Recife foi realizado o IV. Esses encontros tiveram como idealizadora à mestra Joana Cavalcante, mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, mãe pequena do *Ylê Axé Oxum Deym*, feminista, educadora social, militante das causas sociais e políticas na Comunidade do Bode localizada no bairro do Pina, Recife.

Nos anos 2020 e 2021, em razão do isolamento social, não foi possível realizar o Encontro Nacional, desse modo, o V ocorre em 2022, no interior de São Paulo, Sorocaba. O material de divulgação dos encontros pode ser visto na Figura 56.

Figura 56 - Cartazes de divulgação do I, II, III, IV, V Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

Esses encontros têm como idealizadora à mestra Joana Cavalcante, mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, mãe pequena do *Ylê Axé Oxum Deym* e militante feminista na Comunidade do Bode no bairro do Pina, como já destacado nesse escrito.

6.4.1 I Encontro Nacional Baque Mulher

O I Encontro Nacional Baque Mulher, realizado de 12 a 14 de agosto de 2016 em São Paulo, especificamente no Serviço Social do Comércio (Sesc), situado na Rua Barão de Piratininga, 555, Jardim Faculdade, Sorocaba, contou com a participação de aproximadamente 200 mulheres de várias cidades do Brasil (Figura 57).

Figura 57 - Mulheres que participaram do I Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

A Figura 57, expõe com nitidez o sorriso no semblante dessas mulheres guerreiras e empoderadas. São batuqueiras de fé e axé, que residem em grandes centros urbanos do Brasil e Portugal, a saber: Belo Horizonte/Minas Gerais, Sorocaba/São Paulo, Niterói/Rio de Janeiro (Sudeste); Brasília/Distrito Federal (Centro-Oeste); Joinville/Santa Catarina (Sul); Manaus/Amazonas (Norte), Salvador/Bahia e Olinda/Pernambuco (Nordeste). Há participantes do Movimento que residem nas periferias do Brasil, a exemplo das comunidades Brasília Teimosa, Ibiribeira e Pina bairros periféricos do Recife, Pernambuco.

Mestra Joana Cavalcante é a única mulher que está em pé na imagem, enquanto isso, as outras estão sentadas, entre elas as *yalorixás* que estão posicionadas a esquerda da Mestra, a saber: mãe Carminha é mãe de mestra Joana e está usando saia, blusa além de um turbante - pano de cabeça na cor laranja; mãe Penha trajando saia rosa, blusa laranja e com as duas mãos levantadas e, mãe Leu¹⁵⁴ usando um vestido de manga única nas cores amarelo, vermelho e branco, está com a mão direita levantada e utilizando um turbante na cor amarela. Essa *yalorixá* é ex-cunhada da Mestra.

Todas as atividades do I Encontro Nacional Baque Mulher foram gratuitas. Para as rodas de conversa e exibição do filme “Mães do Pina” foi necessário a retirada de

¹⁵⁴ Ver Apêndice D.

ingresso com uma hora de antecedência. As inscrições que garantiram hospedagem e alimentação foram realizadas pelo e-mail: encontronacionalbm@gmail.com.

Durante os três dias desse encontro centenas de mulheres se reuniram para promover não apenas um encontro entre elas, que além, disso, tocam, dançam e cantam as loas autorais, abarcadas como instrumento de expressão da feminilidade, feminismo, luta e resistência pelos direitos das mulheres.

Entre as atividades propostas nesse primeiro encontro destacam-se as oficinas de agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal ministradas pela mestra Joana e pelas batuqueiras do Baque Mulher Recife e da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Esses instrumentos são considerados tradicionais do maracatu de baque virado. Além das atividades elencadas, teve a exibição do filme “Mães do Pina”, realização das rodas de conversa, shows e apresentações artísticas do Movimento (Quadro 2).

Quadro 2 - Relação dos vídeos do I Encontro Nacional Baque Mulher

Nº	VÍDEOS DO I ENCONTRO NACIONAL BAQUE MULHER	DATA	NÚMERO DE VISUALIZAÇÃO	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO SIM	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO NÃO
01	Vídeo das mulheres tocando e dançando maracatu de baque virado no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #4 - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	12/08/2016	400	9	00
02	Vídeo de mestra Joana regendo o Movimento no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #7 - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	12/08/2016	162	6	00
04	Vídeo da Mestra ministrando oficina de maracatu de baque virado no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #1 - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	13/08/2016	389	17	00
03	Vídeo de mestra Joana ministrando oficina de maracatu de baque virado no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #8 - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	13/08/2016	193	8	00
05	Vídeo da Mestra regendo o movimento analisado no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #11 -	14/08/2016	2.539	62	00

	YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.				
06	Vídeo das participantes do Movimento cantando a loa “Baque rosa tá rua”, autoria de mestra Joana no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: I Encontro Nacional Baque Mulher Sorocaba - 2016 #2 - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	14/08/2016	55	2	00
07	Vídeo das participantes do Movimento cantando a loa “Na batida do coração”, autoria de mestra Joana no I Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: Baque Mulher/ Na Batida do Coração - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	20/08/2016	1.331	18	00

Fonte: elaboração da autora (2022)

Em agosto de 2016, aconteceram também as Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo com esse evento esportivo, houve uma presença expressiva das maracatuzeiras integrantes do Baque Mulher Rio de Janeiro. Essa constatação ratifica como o encontro supramencionado se configura enquanto um evento que tem a sua importância para as participantes do Movimento, de maneira especial para as batuqueiras cariocas.

6.4.2 II Encontro Nacional Baque Mulher

De 12 a 15 de outubro de 2017, aconteceu o II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade do Recife. As atividades culturais - oficinas de percussão, especificamente de maracatu de baque virado; dança no que tanque as expressões afro-brasileira como nas danças dos orixás; concurso das três melhores loas; rodas de diálogo sobre os fundamentos do candomblé nagô e das Nações de maracatu, além das apresentações artísticas deste encontro ocorreram no Barracatu situado na Rua Euríco Vitrúvio, 483, Pina, Recife, espaço físico disponibilizado pela Nação do Maracatu Porto Rico, localizada nesse endereço. Participaram do encontro em tela aproximadamente 150 mulheres entre crianças, adolescentes, jovens e idosas, na sua maioria, residentes nos bairros periféricos da capital de Pernambuco (Figura 58).

Figura 58 - Mulheres que participaram do II Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

Na imagem a), da figura 58, identificam-se três *yalorixás* sentadas usando guias de proteção, saias brancas e torços na cabeça desta mesma cor, são elas *vó Quixaba* - usando a blusa do encontro em tela nas cores rosa, laranja e branco, com os dedos das mãos entrelaçados na altura do rosto, a esquerda de *mãe Laura* - *yalorixa* com o tom de pele mais preta, usando blusa amarela, relógio no braço esquerdo, nota-se um detalhe branco na mão direita dela, percebe-se ser uma parte da saia ou ela estar com a mão enfaixada, imobilizada, e *mãe Enézia* - usando a blusa do encontro supracitado, pulseiras nos dois braços e as mãos no colo com os dedos entrelaçados. Por trás destas *yalorixas* é possível reconhecer a mãe da Mestre, *vó Carminha* em pé e usando um vestido estampado, há uma mulher não identificada a sua direita em pé e dezenas sentadas prestigiando a palestra de abertura do II Encontro Nacional Baque Mulher.

Na imagem b) identifica-se a predominância de crianças e adolescentes com o figurino usado no desfile oficial do carnaval 2016 tocando, cantando e dançando maracatu de baque virado, entre elas destacam-se *Luna Calixto* - cabelos com tranças nagô, olhando para baixo, ela é filha de Damares Calixto coralista do Movimento e irmã da caixeira Sandrinha; *Leorranny Beatriz* - sorrindo e com um arranjo de cabeça nas cores laranja, rosa e branco, ela é prima desta caixeira; *Sandrinha* - tocando caixa por trás da irmã Luna e usando óculos de sol, a sua direita *Dora/Doralice Silva* - usando cabelo *black power*, ela é irmã da agbezeira do Movimento, Ervannia Maria e do caixeiro da Nação Encanto do Pina, George Silva, e *Suely Luanny* - na frente de Dora, tocando alfaia e cantando, ela foi uma das homenageadas no V Encontro Nacional do Baque Mulher, ver Figura 64, imagem b.

Esse segundo encontro homenageou muitas mulheres, tal homenagem foi realizada em 13 de outubro de 2017, encontra-se disponível no canal do *YouTube* (Quadro 3).

Quadro 3 - Relação dos vídeos do II Encontro Nacional Baque Mulher

Nº	VIDEOS DO II ENCONTRO NACIONAL BAQUE MULHER	DATA	NUMERO DE VISUALIZAÇÃO	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO SIM	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO NÃO
01	Vídeo de divulgação do II Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: II Encontro Nacional Baque Mulher FBV - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	10/10/2017	108	2	00
02	Vídeo de divulgação do II Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: II Encontro Nacional Baque Mulher - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	11/10/2017	59	2	00
03	Vídeo referente as homenagens e depoimentos coletados no II Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: II Encontro Nacional do Baque Mulher - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	13/10/2017	156	10	00
04	Vídeo referente a apresentação do Movimento e Voz Nagô no Teatro Barreto Júnior integrando a programação cultural do II Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: II Encontro Nacional Baque Mulher Apresentação Grupo Voz Nagô - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	14/10/2017	211	10	00

Fonte: elaboração da autora (2022)

O grupo cultural pernambucano Voz Nagô, composto exclusivamente por mulheres negras, foi uma das atrações artísticas nesse encontro. Essa segunda edição homenageou muitas mulheres entre elas Ana Paula Batista Guedes, Lêda Alves, Lindacy Assis, Denise Botelho, Lúcia, mãe Enézia. Além disso, teve a profícua mesa de diálogo intitulada “Poder Feminino: a mulher que eu sou”.

A doutora *Denise Botelho* na mesa de abertura relatou que aos oito anos, estudante de uma instituição pública de ensino em Brasília, Distrito Federal e a única criança negra da sala, a professora lhe solicitou que varresse a sala enquanto isso, amigas, amigos e colegas estavam comendo bolo após os parabéns das crianças aniversariantes do mês. Quando *Denise* terminou de varrer a sala, a professora prontamente lhe falou - “você não serve para nada, nem para varrer uma sala”.

A atitude dessa professora nos leva ao seguinte questionamento: porque ela solicitou que *Denise*, a única criança preta presente no ambiente varresse a sala? Por que essa professora não solicitou a uma criança branca? Caso a professora tivesse solicitado que a criança branca varresse a sala e ela não varresse como a professora queria, será que ela ia dizer para essa criança branca que ela não serve para nada? Será que a professora teve uma atitude racista?

Constata-se que o depoimento da doutora *Denise Botelho*, proferido na mesa de abertura do encontro em tela, ativa a memória afetiva de quem viveu uma situação de racismo, machismo e/ou preconceito de classe social. Nessa perspectiva tal depoimento me fez lembrar duas situações de racismo que vivi quando criança, mas que pela minha imaturidade e sem conhecimento sobre o modo operante do sistema de sociedade que vivia até então, não as identifiquei como formas de preconceito por conta da cor da minha pele, negra.

A primeira situação de humilhação à qual fui submetida em razão da cor da minha pele, foi quando aos 11 anos era babá de uma criança branca e ela me chamou de macaca. A segunda foi aos 12 anos, quando exercia a função de trabalhadora, funcionária em casa de família/empregada doméstica. Quando falei para minha “patroa¹⁵⁵” que não ia mais continuar trabalhando em sua residência, porque estava prejudicando meus estudos e minha prioridade era estudar, pois meu maior objetivo era realizar o curso superior em universidade pública, ela prontamente me falou - “você nunca vai conseguir fazer um curso superior em universidade pública e sua mãe trabalhando como doméstica, mesmo que ela queira não terá condições de pagar sua universidade, mesmo que ela vendesse a casa onde vocês moram, porque casa em favela só é vendida por um valor insignificante”.

Inicialmente chorei, mas, prontamente e no ímpeto da resistência enxuguei minhas lágrimas e falei para mim mesma, eu tenho esse direito, eu posso, eu sou capaz, eu vou conseguir. E assim foi, atualmente sou titulada com duas graduações, duas especializações, mestra e doutora, títulos emitidos pelas instituições públicas de ensino superior, exceto o título de Especialista em Psicopedagogia, abarcado em uma instituição privada de ensino superior.

¹⁵⁵ Dona da residência onde eu pré-adolescente varria, espanava, lavava roupas e louças, passava pano no chão, engomava as roupas, lavava todos os cômodos da casa, inclusive os banheiros. Vivi momentos de muita humilhação, período que exerci esse trabalho braçal, não reconhecido pela proprietária da casa onde trabalhei e pouco reconhecido pela sociedade, que tende a desvalorizar os trabalhos braçais, mesmo sendo eles, trabalhos relevantes para o desenvolvimento das nações.

Tais situações e a forma como as superei me fortaleceram na condição de mulher preta, pobre, periférica, alfabetizada aos 13 anos e filha de mãe solo, mulher preta, não alfabetizada, que viveu um longo período da sua existência, juntamente com suas 3 filhas e 10 filhos em situação de extrema vulnerabilidade.

Morávamos em comunidade de ocupação, periférica, próximo ao mangue, construída de barro e coberta com palhas de coqueiro, não tínhamos água potável, energia elétrica, rede de escoto, rádio, televisão, geladeira, fogão, cozinávamos no fogo a lenha. No período do inverno havia muitas goteiras - a chuva entrava entre as palhas de coqueiro que cobria nossa casa. Nesse período, tenho a recordação, minha mãe para proteger eu e minha irmã caçula da chuva, nos colocava para dormir dentro do guarda-roupas grande de madeira que havia recebido de doação. Vivemos em situação de extrema pobreza na capital da Paraíba, João Pessoa, localizada na Região Nordeste do Brasil.

Assim como para mim, Denise Botelho, mestra Joana Cavalcante e tantas outras mulheres negras, pobres e periféricas, não foi e não é fácil romper com o sistema que nos diz constantemente que “não somos capazes”. As participantes do Maracatu Baque Mulher compreendem que é difícil, mas não é impossível, logo, é possível as mulheres superarem os obstáculos que a sociedade lhes impõe.

6.4.3 III Encontro Nacional Baque Mulher

Quanto à organização do III Encontro Nacional Baque Mulher realizado em Sorocaba entre 29 de novembro a 2 de dezembro de 2018, é possível identificar na Figura 59, mulheres tocando maracatu de baque virando e mestra Joana cantando loas que compõe o repertório do Movimento.

Figura 59 - Mulheres que participaram do III Encontro Nacional Baque Mulher

Imagem a)

Imagem b)

Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

A imagem a) da Figura 59, ilustra mulheres que participaram do encontro aqui analisado, com vários tipos de vestimentas que compõe os figurinos oficiais do Movimento, tocando timbau e alfaia, entre elas destaca-se Carol Real usando óculos para leitura, saia estampada, camisa branca, talabaque preto, tocando alfaia demonstrando um semblante de concentração ao que se propôs fazer, tocar maracatu de baque virado. Na imagem b) afere-se que, mestra Joana está cantando loa ao microfone com o cabo de extensão preto, usando o figurino do Movimento, cabelo black power, tiara na cabeça, um torço/pano da costa¹⁵⁶ na cor laranja sobre o ombro.

Nesse encontro mestra Joana Cavalcante afirmou que “o Maracatu Baque Mulher é uma revolução”, revelando, também que “aprendeu o que é ser feminista dentro do Movimento”. A Mestra ainda assevera que “nós mulheres precisamos nos unir e nos fortalecer cada vez mais”, informação disponível no canal do *YouTube* (Quadro 4).

Quadro 4 - Vídeo do III Encontro Nacional Baque Mulher

Nº	VÍDEO DO III ENCONTRO NACIONAL BAQUE MULHER	DATA	NÚMERO DE VISUALIZAÇÃO	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO SIM	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO NÃO

¹⁵⁶ Segundo Vânia de Carvalho (1982, p.20), pano da costa é “tecido em tear manual por escravos ou descendentes de escravizados, tem significado religioso e social. Analisado sob o ângulo social é um sinal que permite identificar a função, posição hierárquica e poder da sua portadora na comunidade religiosa afro-brasileira, e não apenas um complemento da indumentária da negra típica. Sob o ângulo religioso observamos um sentido de respeito, humildade, diante do Orixá e também um significado mágico — proteção — às suas portadoras. É uma peça que deve estar sempre presente na vestimenta da “negra baiana”. Seja ela quituteira, Yaô, lalorixá ou Veterana”. Sobre o pano da costa nos conta Abdias do Nascimento, “pode ser usado das seguintes formas: “amarrado enrodilhado, na cintura; “amarrado no busto, todo aberto nas costas, sobre saias bem rodadas; “caído sobre os ombros”; “em torno do pescoço, sobre os ombros, cruzando na frente, em forma de um “X”. Pela maneira de portar o pano da costa, o torso, colar de contas, o Kelê e o Idê, podemos identificar a “identidade” da usuária, sua função e posição hierárquica na comunidade”.

01	Vídeo da mesa de abertura do III Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: III Encontro Nacional do Baque Mulher / Abertura 2a. parte` - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	29/11/2018	166	9	00
----	--	------------	-----	---	----

Fonte: elaboração da autora (2022)

A mesa de abertura desse encontro foi mediada por Glória Cunha (Figura 60).

Figura 60 - Mesa de abertura do III Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: sede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

Essa mesa de abertura foi constituída pela mestra Joana Cavalcante, Estela Viana, mãe Ofá, Ana Paula Guedes e Eliane Dias¹⁵⁷. A palavra “guerreiras”, pronunciada de forma simultânea por todas as mulheres presentes nesse encontro, simbolizou o grito de representatividade e paz, por elas repercutido.

Tal mesa fez apresentação das convidadas participantes. Entre elas destacou à mestra Joana, ela relatou sua trajetória de vida, considerando seu lugar de fala de mulher preta, pobre, periférica, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*, mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina e idealizadora do Maracatu Baque Mulher. Afere-se que a Mestra no seu cotidiano busca aprender, apreender e transmitir novos conhecimentos, fomentando o alargamento dos grupos desse coletivo.

Estela Vianna é psicóloga, colaboradora do Movimento escrevendo projetos para esse coletivo. Ela militou no movimento estudantil na década de 70. É mãe do

¹⁵⁷ Ver a identificação dessas quatro mulheres no Apêndice D.

Jota batuqueiro da Nação do Maracatu Encanto do Pina, ele divide a coordenação e o apito do grupo de maracatu Ouro do Gongo com sua companheira Roberta Marangoni. Essa psicóloga é sogra de Roberta batuqueira da mesma Nação que o companheiro é participante, Baque Mulher São Paulo e compõe a equipe responsável pela elaboração e execução de projetos para o Movimento, o *Ylê Axé Oxum Deym*, a Nação Encanto do Pina, o maracatu mirim dessa nação e o Mazuca da Quixaba. Estela também é avó da Nina desde a primeira infância é batuqueira do Ouro do Gongo, Baque Mulher São Paulo e desfilante na Nação de maracatu que a mãe e o pai participam.

Mam'etu Lujidi, conhecida carinhosamente como mãe Ofá, é sacerdotisa de candomblé de tradição Kongo Angola. É coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) e do Núcleo São Roque e Região. Presidenta da Associação de Estudos e Defesa da Cultura Afro e Religiosidade Espírita de São Roque (AEDAB) e ativista do movimento negro.

Ana Paula Batista Guedes é graduada em comunicação social com habilitação em jornalismo. Ela é feminista, negra, cantora, produtora de eventos, praticante da religião de matriz africana, ativista e militante das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras. Ana Paula atua como mestra de cerimônia e ministra aula de dança afro primitiva, é uma das coralistas do Coral Nagô, coral de matriz afro-indígena que nos remete às ancestralidades das populações negra e indígena. Esse grupo é constituído exclusivamente por mulheres pernambucanas, que vem abrilhantando há mais de uma década as prévias do carnaval de Recife, destaca-se sua participação em 2023 no Tumaraca¹⁵⁸.

Eliane Dias se define como "militante e mulher negra em primeiro lugar". Ela nasceu nos fundos de um barraco, viveu em situação de rua até os oito meses e começou a trabalhar ainda criança. Atualmente é uma das principais vozes na defesa das causas negra e feminista do Brasil, e circula com desenvoltura entre políticos e artistas. Eliane é advogada, empresária, foi coordenadora da unidade administrativa antirracismo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o S.O.S. Racismo. Junto do rapper Mano Brown, criou a produtora Boogie Naipe e hoje atua como

¹⁵⁸ Encontro de batuqueiras, batuqueiros, percussionistas, musicistas e músicos criado em 2002, com objetivo de reunir no Marco Zero, Recife, Pernambuco, 13 Nações de maracatu de baque virado e cerca de centenas de maracatuzeiras, maracatuzeiros para saudarem as origens ancestrais afro-brasileiras através da potência e reverberação do baque/batuque impactante e peculiar da sonoridade ecoada pelas alfaias, agbês e a marcação de taróis, gonguês e timbal.

produtora do maior grupo de rap do Brasil, o Racionais MC's. É também colunista da revista Marie Claire.

Mãe Carminha, mãe Leu, mestra Joana Cavalcante, Andreza Andreia, Leorranny Beatriz, Lu Moura, Mariana Bianchi, Nefertiti Coutinho, Tenily Sales e Vanessa Reis¹⁵⁹ foram as mulheres homenageadas nesse III Encontro Nacional Baque Mulher. Estas homenageadas são todas participantes do Baque Mulher Recife, consideradas guerreiras pioneiras das lutas e causas sociais pautadas pelo Movimento, elas participam desde a fundação desse maracatu de baque virado. Esse encontro também representou uma homenagem aos dez anos de fundação do Movimento comprovado no tema “Uma Década de Baque Rosa com Muito Amo”, para evidenciar a trajetória do Movimento, principalmente das mulheres pioneiras na constituição desse maracatu de feministas empoderadas.

6.4.4 IV Encontro Nacional Baque Mulher

Realizado de 15 a 17 de novembro de 2019 na Escola de Referência em Ensino Médio João Bezerra, situada à Rua Francisco Valpassos, s/n – Brasília Teimosa e no SinsPire, situado na Praça do Arsenal na Rua da Guia, 237, o IV Encontro Nacional Baque Mulher contou com aproximadamente 200 mulheres participantes (Figura 61).

Figura 61 - Mulheres que participaram do IV Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

A imagem a) exibe uma mesa feminista e plural, composta por mulheres negras, brancas, periféricas e residentes em bairro elitizado do Recife, exercem a

¹⁵⁹ Ver a identificação dessas dez mulheres no Apêndice D.

função de bancária, mestra de maracatu Nação, produtora cultural entre outras habilidades dessas mulheres militantes das causas negra e feminista. E a imagem b) prova uma das atividades culturais promovidas pelo IV Encontro Nacional Baque Mulher, referente a uma apresentação artística com todas as batuqueiras participantes desse encontro. Tal apresentação foi realizada no Barracatu situado na Rua Euríco Vitruvius, 483, Pina, Recife.

O alojamento foi de uso exclusivo das inscritas, não foi aberta qualquer exceção para acompanhantes dormirem no local. O espaço disponível dessa instituição de ensino foram as salas de aula, utilizadas como dormitórios coletivos. Havia banheiros com chuveiros, quadra, auditório e área externa. Há outras informações referentes ao encontro supracitado no Quadro 5.

Quadro 5 - Vídeo e imagens do IV Encontro Nacional Baque Mulher

Nº	VÍDEO E IMAGENS DO IV ENCONTRO NACIONAL BAQUE MULHER	DATA	NÚMERO DE VISUALIZAÇÃO	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO SIM	GOSTOU DA APRESENTAÇÃO NÃO
01	Vídeo do Baque Mulher Floripa, homenageando à mestra Joana Cavalcante. Esse vídeo foi exibido no IV Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: Baque Mulher Floripa no IV Encontro Nacional - YouTube . Acesso em: 11 nov. 2022.	17/11/2019	38	4	00
02	Imagens referentes ao IV Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: iv encontro nacional baque mulher - Bing images . Acesso em: 21 mar. 2023.	17/11/2019	Informação não identificada	Informação não identificada	Informação não identificada

Fonte: elaboração da autora (2023)

Neste encontro as homenageadas são as guerreiras - *yalorixá* Irene, *yalorixá* Lú de Orixalá, *yalorixá* Andreia de Bessén, rainha Célia de Oyá, dona Lourdes, Azenilde Simões, Luciana Santos, Cristina Mello e Cida Pedrosa¹⁶⁰ (Figura 62).

¹⁶⁰ Ver a identificação dessas nove mulheres no Apêndice D.

Figura 62 - Mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: rede social/site do Maracatu Baque Mulher (2022)

Estas homenageadas são consideradas guerreiras e protagonistas das lutas e causas sociais, elas são “mulheres em ação”, tema do IV Encontro Nacional Baque Mulher. As participantes desse encontro foram responsáveis pela limpeza do local, o qual foi entregue limpo e em perfeito estado ao término do evento. Foi sugerido que as batuqueiras participantes levassem seu respectivo instrumento, figurino do Maracatu Baque Mulher ou roupas nas cores rosa, laranja e branco, colchonete, roupa de cama, talheres, pratos e outros itens de uso pessoal. Todas as refeições foram inclusas no valor da inscrição e realizadas no alojamento do encontro.

6.4.5 V Encontro Nacional Baque Mulher

Após dois anos desafiadores de pandemia sem o Movimento realizar o Encontro Nacional, mestra Joana, coordenadoras dos grupos e batuqueiras desse coletivo ficaram felizes com a realização do V Encontro Nacional Baque Mulher com o tema “Feministas do Baque Virado” ocorrido nos dias 9, 10 e 11 de dezembro de 2022 (Figura 63).

Figura 63 - Mulheres que participaram do V Encontro Nacional Baque Mulher

Fonte: Portal Sesc São Paulo (2023)

Não foram identificados vídeos no *YouTube* referentes a esse encontro, apenas fotos, como as demonstradas nas Figuras 63 e 64. O Sesc São Paulo, Espaço Cita, Nação do Maracatu Encanto do Pina e, o *Ylê Axé Oxum Deym* foram instituições parceiras na realização do encontro supracitado.

O Encontro reuniu cerca de 150 mulheres de todo o Brasil, entre as quais se destacam mestra Joana Cavalcante e as batuqueiras do Baque Mulher Recife para a realização de rodas de conversa, oficinas de maracatu e apresentações, tendo como um dos focos principais o fortalecimento de mulheres na luta feminista e o enfrentamento das opressões sociais como machismo, homofobia, transfobia, misoginia, racismo religioso e intolerância religiosa (DEUS, 2019).

Quadro 6 - Imagens do V Encontro Nacional Baque Mulher

Nº	IMAGENS DO V ENCONTRO NACIONAL BAQUE MULHER	DATA
01	Imagens referentes ao V Encontro Nacional Baque Mulher. Disponível em: Facebook . Acesso em: 2 fev. 2023.	9 a 11/12/2022

Fonte: elaboração da autora (2022)

Nesse link do Quadro 6 é possível visualizar dezenas de fotos referentes ao encontro em tela. Trata-se do registro imagético das oficinas de percussão, dança, ensaios técnicos da percussão e das loas que compõe o repertório do Movimento, ministradas pela mestra Joana, com a colaboração de Tenily Guian, Erivannia Maria e Suelly Luanny convidadas especiais e umas das homenageadas nesse encontro, além de Célia Benta e sua filha Shirlene Benta (Figura 64).

Figura 64 - Mulheres homenageadas no V Encontro Nacional Baque Mulher



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante; acervo pessoal de Suelly Luanny (2022)

A Figura 64 aponta as homenageadas no quinto encontro do Movimento, na imagem a) há um quantitativo de nove mulheres homenageadas, destacam-se *Célia Bento* rainha do Encanto do Pina, filha de santo do *Yê Axé Oxum Deym* e batuqueira do Baque Mulher Recife; *Shirlene Benta* filha biológica dessa rainha, filha de santo desse terreiro, responsável por conduzir a boneca calunga no desfile oficial desse maracatu Nação; *Tenily Guian* coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro, colaboradora do Encanto do Pina e dos projetos por essa nação desenvolvidos, a exemplo do Projeto Encantinho do Pina. E na imagem b) é apresentada a adolescente Suelly Luanny aos 17 anos, uma das convidadas especiais desse encontro. Ela recebeu flores e certificado de honraria pela relevante colaboração ao Movimento.

Na abertura desse encontro, mestra Joana nomeou Erica Malunguinho, Deputada Federal, como a madrinha oficial do Maracatu Baque Mulher. Há ainda no [link](#) aqui destacado imagens da mesa de abertura, palestras sobre os temas já abordados pelo Movimento, rodas de diálogos, cortejos, atividades culturais que compõem a programação desse encontro. Constata-se também um mural demonstrando a trajetória do Maracatu Baque Mulher, registro fotográfico de Erica Malunguinho, Doralyce e Jhadyane D'arc Cavalcante (Figura 65).

Figura 65 - Erica Malunguinho (Deputada Federal), Doralyce (compositora e cantora pernambucana), Jhadyane D'arc Cavalcante (filha de mestra Joana Cavalcante)



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 65 Erica identificada na imagem a) e Jhadyane na b), estão de trança nagô, a criança desde os dois anos usa penteados de matriz africana, comumente usados pela população negra. Doralyce reconhece sua identidade étnico-racial ao se apresentar em um evento nacional com o cabelo *black* por ela assumido como comprovado na imagem b, dessa figura.

7 NARRATIVAS E SABERES ANCESTRAIS DAS FEMINISTAS DO BAQUE VIRADO QUE TOMBAM, MAS NÃO CAEM

Esta seção evidencia como as práticas informacionais de socialização promovidas pela mestra Joana Cavalcante e pelo Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher contribuem na disseminação da cultura afro-brasileira, de maneira especial em Recife, Pernambuco.

É válido destacar que o Movimento proporciona às mulheres dele participantes obterem conhecimentos no que tange aos fundamentos do maracatu Nação e do candomblé nagô, religião de matriz africana, além disso, incentiva o protagonismo feminista em atividades artísticas, culturais e religiosas afro-brasileiras (ANSELMO, 2020). Observa-se esse protagonismo no Brasil e em Portugal, a partir das práticas informacionais de socialização desse maracatu de mulheres empoderadas, nos países em tela.

Tal incentivo, ocorre por meio da atuação dos grupos que compõem o Movimento, a exemplo do Baque Mulher Rio de Janeiro ao possibilitar a participação das mulheres na “Caminhada Inter-religiosa” realizada no Estado do Rio de Janeiro e, a oficina de maracatu de baque virado, realizada em 2022 no distrito de Lisboa, Torre de Belém, tão somente para as participantes do Baque Mulher Lisboa. Tal oficina foi ministrada pela *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym* Joana D’arc da Silva Cavalcante, mestra Joana Cavalcante (Figura 66).

Figura 66 - *Yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym* – Joana D’arc da Silva Cavalcante/mestra Joana Cavalcante



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

As fotografias da Figura 66 foram registradas no primeiro semestre de 2022, mestra Joana aos 44 anos, usa torço de cabeça e vestimentas na cor branca, brincos e guias, símbolos do candomblé, religião da Mestra que se baseia nos fundamentos da Nação nagô (LIMA, 1976). Essas indumentárias também representa o cargo religioso de *yakekerê* que mestra Joana ocupa no terreiro *Ylê Axé Oxum Deym*.

Essa guia na cor amarela faz referência a Oxum, orixá da Mestra, divindade feminina que cuida do seu ori/cabeça. É, também, uma das cores representativa da Nação do Maracatu Encanto do Pina, cuja regência foi assumida pela Mestra em 2008, consagrando-se a primeira mestra de maracatu Nação, acontecimento detalhado na terceira seção deste texto. Nesse mesmo ano, ela fundou o maracatu mirim dessa nação e o Movimento, detalhados na quarta e sexta seção, respectivamente. No dia que à Mestra postou essas fotos no seu perfil do facebook, adicionou o seguinte texto:

Viver é uma oportunidade, uma chance sem igual; sem repetição. E tudo que fazemos contra a paz, o amor e a alegria no mundo representa o errado que vive em nós. Basta de ódio, de ganância, de raiva. É hora de adotar uma nova postura perante a vida! É hora de ser feliz! E não se esqueça que a raiva é coisa mesquinha e que não resolve ou melhora algo nos seus dias. Enfrente os desafios com um agradecimento no rosto e um sorriso no coração! É que a vida merece ser desfrutada intensamente (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2022).

Estima-se que a partir dessa compreensão, “É hora de adotar uma nova postura perante a vida”, mestra Joana, alargou ações por ela já efetivadas que visibiliza o protagonismo e fortalece a memória e identidades das mulheres afrodescendentes, ao promover atividades artísticas, culturais e religiosas de matriz africana. A Mestra ministra oficinas de dança – maracatu, ijexá, afoxé, coco de roda, mazuca, realiza cultos religiosos no *Ylê Axé Oxum Deym*, inspira as participantes do Movimento compor loa/toada/canção/música ou hino de louvação cantada no maracatu, uma forma, em especial de reverenciar as orixás femininas.

Mestra Joana também possibilita que as integrantes do movimento supracitado ministrem essas oficinas, de modo especial para crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, tanto nos espaços informais de ensino - ONG, OSCIP, associação comunitária entre outros, bem como nas instituições regular de ensino -

escolas, universidades e faculdades, transmitindo saberes da cultura afro-brasileira a estudantes, professoras, professores e toda a comunidade acadêmica.

O Movimento é um coletivo constituído por mulheres trabalhadoras, mães solo, chefes de família/donas de casa, que almejam estarem livres e libertas de todas as formas de opressão. Nessa perspectiva, seguem tocando seus tambores, dançando e cantando loas que combatem o racismo, o machismo, a intolerância religiosa e todas as formas de violência, compreendidas como práticas que tendem a potencializar os atos de genocídio e feminicídio, atingindo as pessoas afrodescendentes, nomeadamente mulheres negras, que transformam as dores do machismo e racismo em potências, reinventando-se para se manterem vivas (RIBEIRO, 2018).

A trajetória de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher, com foco nas manifestações culturais e religiosas afrodescendentes, é analisada por meio dos relatos orais fornecidos pela Mestra representando a Região Nordeste e pelas 31 mulheres que integram esse maracatu de baque virado. Após as transcrições dos 32 áudios foi possível delinear o perfil das entrevistadas, como está demonstrado no Apêndice S.

Há algo no perfil das entrevistadas muito interessante, a exemplo da formação e atuação das que se autodeclaram brancas, cuja maioria possui curso superior, e das negras, semialfabetizadas ou têm apenas o Ensino Médio. Isso diz muito sobre a disseminação das manifestações culturais afrodescendentes fora de Pernambuco.

Será que se fossem em sua maioria negras, essa disseminação teria ocorrido? Hélio Pajeú, quando estava no doutorado, foi assistir a um grupo de maracatu em São Carlos, município brasileiro localizado no interior do Estado de São Paulo, e identificou que havia apenas uma pessoa negra. Depois dessa apresentação artística, o doutorando foi conversar com os integrantes desse grupo, que em sua maioria entendiam o maracatu como uma diversão, como uma atração, mas não sabiam e nem se vinculavam às práticas fundantes dessa manifestação. Avalia-se que as pessoas, sobretudo as não declaradas negras, tendem a folclorizar, romantizar ou discriminar a cultura afro-brasileira, a exemplo da memória e identidade das populações afro-brasileiras, corroborando com (PAJEÚ, 2022¹⁶¹).

Por esse motivo, endossa-se a pertinência do abarcamento das narrativas de mestra Joana no corpo desta tese, no intuito de propagar, disseminar os saberes

¹⁶¹ Relato proferido em 27 de maio de 2022 na banca de qualificação deste doutorado.

ancestrais da Mestra, focando no maracatu de baque virado. Sugere-se refletir sobre o lugar de fala dessa mulher preta, pobre, periférica, candomblecista e sem ensino superior, ela não domina na sua totalidade a pronúncia nem a escrita da língua portuguesa a contento para os parâmetros formais estabelecidos pelas universidades e faculdades.

Manuela Rocha (2021, p. 129) afirma que, Joana D'arc da Silva Cavalcante, “recebeu a responsabilidade de mestra como herança, revelada por suas mães de santo por meio do jogo de deloguns”, tornando-a detentora dos conhecimentos no que tange aos fundamentos de maracatu Nação, maracatu de baque virado e das religiões afro-brasileiras de forma mais arraigada o candomblé nagô e a jurema sagrada (ROCHA, 2021).

Mestra Joana, juntamente com as integrantes do Movimento, tem disseminado às expressões e manifestações culturais de matriz africana, destacando-se o maracatu de baque virado em mais de 40 cidades do Brasil e, em três países Portugal, Bélgica e Inglaterra.

As atividades realizadas pela mestra Joana e pelo coletivo analisado são compreendidas como fontes informacionais para salvaguardar a memória e a identidade das populações afro-brasileiras, pode-se dizer que as mulheres que compõem este maracatu de baque virado são disseminadoras da informação, bem como dos fatos memorialísticos e identitários da cultura de matriz africana à luz do fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas, como um ato de resistência e ressignificação do feminismo negro, como aponta Vanessa Santos (2017).

Essas ações são compreendidas como uma possibilidade de preservar, conservar e disseminar os fundamentos do maracatu e, o alargamento das identidades dos afrodescendentes. E, as atividades das mulheres de terreiro, assinalam contribuições pertinentes na constituição da memória desta expressão cultural, que compõe a centralidade das populações negras e periféricas (SANTANA, 2006).

Os elementos dessa cultura fomentada no Brasil, notadamente em Recife, as loas entoadas no baque/batuque e as danças para reverenciar orixás femininas e masculinos, estabelecem elementos fundamentais com relação à constituição e ressignificação da diversidade cultural, evidenciando alguns aspectos da cultura afro-

brasileira que nos remetem à nossa ancestralidade e representam a pluralidade cultural do país, afere Manuela Rocha (2021).

Sendo assim, o estudo assinala possível contribuição para a cultura pernambucana a partir das reflexões que objetivam preservar a memória, a identidade e os valores das manifestações culturais afro-brasileiras, ampliando a concepção da ressignificação dessa cultura, na perspectiva das mulheres, participantes do Movimento, de maneira especial do Baque Mulher Recife.

Averigua-se a contribuição da Mestra e desse coletivo na disseminação da informação, na reconstituição da memória das mulheres afrodescendentes e no processo de resistência das identidades culturais do Recife, a partir das práticas informacionais de socialização dessas mulheres.

Considera-se pertinente a participação feminina nas expressões e manifestações culturais dos afrodescendentes, com vistas a ampliar e fortalecer as discussões sobre a cultura, em especial a cultura afro-brasileira, por identificá-la como um fenômeno social que precisa ser compreendido na perspectiva da diversidade cultural e de gênero (SANTOS, 2022).

Para se ter uma melhor análise desse contexto, aprecia-se a atuação da Mestra e do Baque Mulher Recife a fim de compreender como disseminam a cultura afro-brasileira por meio das suas práticas informacionais de socialização, evidenciando o fortalecimento e visibilidade das narrativas dessas mulheres.

Esta tese, possui as cinco categorias expostas pelo autor Herbert Souza (1984) com as respectivas peculiaridades:

Os acontecimentos: há dois acontecimentos a destacar na conjuntura. O primeiro foi em 12 de outubro de 2008, quando mestra Joana funda o Movimento, com a missão de fortalecer mulheres no âmbito social, inicialmente como lideranças religiosas dentro da Comunidade do Bode, localizada em Recife, e na atuação em funções tradicionais dentro do maracatu, como dançar e costurar, por conseguinte viabilizando sua liderança na percussão musical e outras áreas. O segundo acontecimento foi em 29 de março de 2014, quando a Mestra incentiva e colabora com a fundação do Baque Mulher Campinas, sediado no Estado de São Paulo, na Região Sudeste do país.

Os espaços: tais acontecimentos ocorreram em vários espaços, inicialmente o movimento pesquisado tem atuação exclusivamente em Recife, Pernambuco, depois

na cidade de Campinas, São Paulo na sequência em Joinville, Santa Catarina, as capitais São Paulo e Rio de Janeiro, localizadas na Região Nordeste, Sudeste e Sul.

É pertinente destacar que a Região Nordeste, onde foi fundado o Movimento, ainda é considerada uma das regiões pobres do Brasil, com um expressivo índice de pessoas não alfabetizadas e vivendo em situação de vulnerabilidade. As mulheres, na sua maioria, são mães solo, criam sua prole, filhas e filhos sozinhas. Elas são responsáveis pelo sustento da família e pelos afazeres domésticos, esses espaços ampliam-se, justamente, por ocasião da fundação dos grupos que constituem o Maracatu Baque Mulher nas Regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil (Apêndice G).

O estudo não compara as cidades, onde o Movimento atua fomentando e disseminando suas atividades, práticas informacionais de socialização, como espaços isolados, ao contrário, identifica aspectos convergentes e divergentes das identidades culturais dessas cidades considerando suas respectivas realidades, percebendo-as como efeito/resultado/impressão de num determinado espaço-tempo, considerando que “mudar de cenário [espaço] já é uma indicação importante de uma mudança no processo” (SOUZA, 1984, p. 11, grifo nosso).

Desse modo, mesmo o coletivo adotando em comum acordo um regimento que direciona suas ações, em certa medida, ocorre mudança no processo de materialização das suas atividades de socialização conforme o panorama das dimensões econômica, social e política das cidades onde o Maracatu Baque Mulher desenvolve essas atividades.

Infere-se a atuação dos grupos desse maracatu de feministas em Portugal, Bélgica e Inglaterra. Nesses dois últimos países os grupos Baque Mulher Lisboa e Baque Mulher London estão temporariamente inativos, além desses grupos, o Baque Mulher Americana; Baque Mulher Cuiabá; Baque Mulher Fortaleza; Baque Mulher Itapevi; Baque Mulher Pinheira; Baque Mulher Piracicaba; Baque Mulher Sana e Baque Mulher Serra do Mar (São Sebastião-SP), que atuaram no Brasil, mas têm perspectivas de retomarem suas atividades, aqui já exemplificado. Esse doutorado não contempla o contexto internacional e sim, o nacional. Porém, as dimensões econômicas, sociais e políticas que perpassam o estudo são analisadas no contexto local, regional, nacional e global.

Atores (protagonistas): mestra Joana Cavalcante, 14 coordenadoras regionais, 16 batuqueiras e uma dançarina do Movimento. De acordo com Souza (1984, p. 12),

“grupos sociais e Instituições também podem ser atores sociais”, portanto, pode-se considerar esse maracatu como um dos atores do espaço analisado. Este estudo considera o grupo analisado um movimento feminista, cultural, social e político não de cunho partidário, mas pelas suas concepções ideológicas.

Em vista disso pode-se pontuar que, essas mulheres são agentes sociais de transformação da realidade, pelo posicionamento político, ideológico, religioso e pelo efetivo engajamento nas atividades desenvolvidas pelo movimento estudado e pela Mestra. Tais práticas são disseminadas por meio das ações de socialização materializadas de forma colaborativa entre as integrantes, no Maracatu Baque Mulher.

Dessa forma, foi possível observar que esse movimento representa um papel político e social, na trama e nas relações postas para as mulheres cotidianamente, na condição de mulheres de terreiro, negras, pobres, periféricas, mães solas, lésbicas, bissexuais e pansexuais marcadores sociais da diferença nos quais integrantes desse maracatu estão inseridas.

O Maracatu Baque Mulher tem ações, práticas informacionais de socialização pautadas nos fundamentos do candomblé, para disseminar as expressões e manifestações da cultura negra, de maneira especial o maracatu de baque virando considerando a concepção feminista defendida por, Héveny Araújo (2020), quando aponta que essa manifestação cultural é protagonizada pelas mãos das mulheres, considerando as histórias e memórias encruzadas pela força, resistência e militâncias das mulheres participantes desse maracatu.

Relações de força: pauta-se no fortalecimento e visibilidade das narrativas e práticas de socialização das mulheres com efetiva atuação no Movimento, constituído exclusivamente por mulheres que tocam maracatu de baque virado. Tal relação inicialmente foi de cooperação, mas quando os homens batuqueiros dessa expressão cultural e ancestral constatam que as mulheres têm potencial para tocar todos os instrumentos, inclusive, ministrarem oficinas de percussão, formarem e coordenarem grupos feministas disseminadores das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, de modo especial dos fundamentos de maracatu Nação, sentiram-se ameaçados e foram para o confronto.

Observa-se homens apoiadores, colaboradores dessas práticas do Movimento, mas em determinados espaços, constata-se homens com comportamento hostil, desrespeitoso, machista e com ações opressoras, desconsiderando o lugar de

igualdade que as mulheres têm o direito de ocupar na sociedade. Nessa conjuntura, mulheres e homens estarão sempre revelando uma relação de força entre domínio, igualdade ou subordinação (BUTLER, 2008).

A palavra, segundo Mikhail Bakhtin (2003, p. 41) penetra, "como signo ideológico, em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político". Desta maneira, as mulheres que integram o Movimento por meio das suas práticas de socialização, almejam uma relação de igualdade entre mulheres e homens. Identifica-se então, nessa coexistência, as três estratégias afirmadas por Herbert Souza (1984) "defensiva, reativa e alternativa". Na reflexão opositora ao machismo estrutural, essas mulheres repudiam a relação de domínio e subordinação em todas as dimensões e espaços.

Articulação (relação) entre "estrutura" e "conjuntura": as integrantes do Movimento disputam com os homens seu lugar de atuação como batuqueiras, sobretudo, na condição de fundadoras, coordenadoras e regentes de grupos, de maneira especial, Nações de maracatu de baque virado, espaço até um passado recente, dominado pelo seguimento masculino. Verifica-se uma luta de classes no interior desse movimento, bem como nas Nações de maracatu de Pernambuco, ou seja, nas manifestações culturais e na própria linguagem dessas manifestações (BAKHTIN, 2003).

A articulação entre a estrutura e a conjuntura, os acontecimentos e as ações desenvolvidas pelas sujeitas, sujeitos sociais não se dá no vazio. Elas têm relação com a sociedade à qual elas e eles (agentes sociais) pertencem, de certa forma, a conjuntura dessa relação na dimensão econômica, social e política é considerada transnacionalmente (SOUZA, 1984).

Para a compreensão de um fenômeno superestrutural importa considerar a sua relação com a infraestrutura, entendendo-as como "esferas de influência". Em "Marxismo e filosofia da linguagem", Mikhail Bakhtin (2006) defende que a explicitação de uma relação entre a infraestrutura e um fenômeno isolado qualquer, "destacado de seu contexto ideológico completo e único, não apresenta nenhum valor cognitivo". É impossível "estabelecer o sentido das transformações, sem essa relação recíproca". Somente assim, os fenômenos poderão ser apreendidos não como uma "convergência superficial", mas "num processo de evolução social realmente dialético,

que procede da infraestrutura e vai tomar forma nas superestruturas” (BAKHTIN, 2006).

O processo deve ser entendido necessariamente com base na relação recíproca entre a infra e as superestruturas ligando-se à questão central, para o pensamento de Bakhtin (2006), de saber “como a realidade (a infraestrutura) determina o signo”. A palavra capta o processo de transformação da infraestrutura em superestrutura antes dessa transformação “engendrar uma forma ideológica nova e acabada” (BAKHTIN, 2006).

Nesse sentido, é possível afirmar que o machismo estrutural assinalado por algumas mulheres integrantes do movimento pesquisado tem relação com o passado de uma sociedade coronelista e patriarcal. Tal fenômeno coloca mulheres numa condição de desigualdade em relação aos direitos políticos e sociais, induzindo-as a um sentimento de subordinação. Contudo, esse seguimento estrategicamente supera os desafios postos e reivindicam meios para mulheres e homens viverem numa sociedade justa e igualitária (ZAMBONI, 2014).

Conforme a análise, percebem-se conflitos entre mulheres e homens. É fundamental perceber o conjunto de forças e problemas que estão por trás desses conflitos, que na sua maioria, provém de interesses contraditórios das lutas em pauta, no que diz respeito à atuação das mulheres do Movimento, batuqueiras do maracatu de baque virado e a concepção dos homens batuqueiros dessa expressão cultural ancestral, que tem uma intrínseca relação com a história do passado da cultura das populações afrodescendentes.

Essa expressão aqui no Brasil, segundo Nei Lopes (2006) é a reminiscência das antigas coroações de rainhas e reis do Congo, suas histórias são narradas nas loas entoadas nessa expressão de origem nagô e banto que protagoniza a diversidade cultural e ressignifica as identidades das populações negras.

Percebem-se evidências concretas de duas situações nessa análise de conjuntura, a primeira diz respeito ao ponto de vista das batuqueiras do Movimento que reivindicam sua visibilidade, fortalecimento e respeito no âmbito do maracatu. E, a segunda do ponto de vista dos homens, que não admitem perder o domínio na atuação dessa expressão de matriz africana. As mulheres desse movimento estão em oposição ao poder dominante, de um machismo estrutural que perpassa todos os

lugares da sociedade, inclusive, na área da percussão, música, expressão e manifestação cultural afro-brasileiras (SANTOS, 2017).

Ao comparar as atividades da Mestra em articulação com as desse coletivo, procura-se superar as perspectivas centradas tão somente no espaço do Recife, Pernambuco e do Brasil como um todo, mas situá-las no contexto de “fenômenos transnacionais”, considerando suas dimensões econômica, social e política (SOUZA, 1984).

As análises de conjuntura, em certa medida, são conservadoras e têm a finalidade de reordenar os elementos da realidade, bem como da situação dominante, para manter o funcionamento do sistema. Avalia-se que a importância dos elementos da análise de conjuntura depende de cada situação, da relação ou posição num contexto mais amplo.

Nota-se que na sociedade tudo funciona interligado, como este estudo é um recorte da sociedade seus acontecimentos, espaços, atores/sujeitas, sujeitos, relação de forças, bem como a articulação entre “estrutura” e “conjuntura” estão interligados, por exemplo, o acontecimento ocorre em função de alguma necessidade ou interesse de uma pessoa ou grupo, a partir das relações de força em determinado contexto, do poder que as/os agentes sociais detêm em dada circunstância.

Segundo Souza (1984, p. 24), “a realidade ultrapassou a definição e a transnacionalização definiu a natureza dos Estados nacionais”, logo, a realidade de um acontecimento ou fato seja ele nacional ou mundial, configura-se nas relações de força dos Estados desenvolvidos ditando as regras do jogo para os Estados em desenvolvimento.

Para cada prática desenvolvida pela Mestra e pelo Movimento, se destacam aspectos importantes e decisivos para a análise, focando no equilíbrio da interpretação, considerando-se as contradições, por compreender que não existe linearidade nas práticas das entrevistadas, porque, as coisas que lhes cercam são pautadas em atos contraditórios, tendenciosos e modificáveis. Sendo assim, foram estudadas as tendências, observadas as dinâmicas dos acontecimentos e as contratendências (SOUZA, 1984).

Considera-se nessa análise o estudo da situação econômica, social, política, histórica, cultural e de gênero dos acontecimentos, a relação social de forças. Para viabilizar o entendimento das relações políticas de força, faz-se necessário não só

analisá-las, mas compreender o contexto dessas dimensões. Essa análise desconsidera, em certa medida a intuição e assinala o ímpeto da dúvida, principalmente, separa as partes de um todo.

7.1 NARRATIVAS DA FILHA DA OXUM: YAKEKERÊ MESTRA JOANA CAVALCANTE

Analisa as narrativas de mestra Joana a partir da entrevista realizada às 12h13min., em 3 de março de 2020 em sua residência, circunscrita no bairro do Pina, especificamente na Comunidade do Bode, considerada uma área periférica do Recife, capital pernambucana, localizada na Região Nordeste do Brasil. Essa entrevista teve quarenta e nove minutos e dezoito segundos de duração.

Joana D'arc da Silva Cavalcante consagrou-se mestra Joana após assumir em 2008 a coordenação geral e regência de um maracatu Nação, especificamente, Encanto do Pina (ROCHA, 2021). Em 12 de outubro de 2008, ela idealizou e fundou o Maracatu Baque Mulher, como exposto antes, com a missão de reivindicar a visibilidade, o empoderamento e a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos (OLIVEIRA, 2011), contribuindo na luta por igualdade de gênero e direitos das mulheres em uma sociedade que tende a legitimar práticas excludentes nas Nações de maracatu, espaços nos quais as mulheres sempre foram protagonistas, mas por muitos anos invisibilizadas, porque há um tempo não tão distante, o poder de decisão era exclusivo dos homens.

Atualmente, a Mestra é considerada uma das artistas populares pernambucanas de maior projeção nas Nações de maracatu do Brasil (ANSELMO, 2020; ARAÚJO, 2020; SANTOS, 2017) e incentivadora na disseminação de grupos de mulheres batuqueiras desse maracatu, os quais compõem a extensão do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. A matriz desse movimento, Baque Mulher Recife, sediada em Recife, 38 grupos atuantes nas outras cidades do Brasil e o Baque Mulher Lisboa, sediado em Portugal, totalizando 39 grupos em plena atuação, sob a coordenação geral de mestra Joana, as informações detalhadas desses grupos constam no (Apêndice G) e no portal eletrônico oficial do Movimento.

Conforme a perspectiva de Darcy Ribeiro (1995), mestra Joana desempenha o exercício do poder e militância política em relação às matrizes culturais, aos mecanismos de formação étnica e cultural das mulheres que integram o Movimento.

Carlos Coutinho (2011), analisa o processo de formação da sociedade brasileira, decorrido por "vias não-clássicas", o autor afirma que essa formação interferiu na produção da cultura, ao afirmar que os problemas relacionados a cultura estão vinculados à totalidade social da qual são ao mesmo tempo expressão e momentos constitutivos, ao elucidar uma análise de conjunto dos vínculos entre cultura e sociedade no Brasil. Para Antônio Gramsci (2001), a "organização da cultura" depende fundamentalmente da existência de uma sociedade civil, ou seja, já não é algo diretamente subordinado ao Estado, mas estar relacionada a organização social da sociedade civil.

A inserção das mulheres nas Nações de maracatu, além de fortalecê-las no âmbito social, inicialmente como liderança religiosa dentro de suas comunidades e na atuação em funções tradicionais dentro do maracatu, como dançar e costurar, por conseguinte, viabiliza sua liderança na percussão musical e em outras práticas culturais, a exemplo de tornarem-se mestras da cultura popular, coordenando grupos culturais de matriz africana, a exemplo das Nações de maracatu (ARAÚJO, 2020).

As atividades, práticas informacionais de socialização realizadas pela Mestra, pelo Movimento, bem como pelas mulheres que o integram, podem contribuir no processo memorialístico e identitário dessas mulheres que se reconhecem nessas práticas culturais, encorajando-as, como afirma Judith Butler (2003), a ampliarem o pensamento reflexivo nas relações de cunho sociocultural, problematizando as questões de gênero na perspectiva do feminismo e das identidades subvertidas.

O movimento supracitado tem como mentora Joana D'arc da Silva Cavalcante, consagrada no maracatu pernambucano como mestra Joana Cavalcante, primeira mulher à frente de uma Nação de maracatu, ela é considerada a única mestra, até então, a coordenar e apitar um maracatu Nação (ROCHA, 2021), Encanto do Pina, com participação ativa em outros, como por exemplo, Maracatu Baque Mulher, Maracatu Encantinho do Pina, coordenou por quase 15 anos a ala dos agbês da Nação Porto Rico e, foi coordenadora pedagógica do Ponto de Cultura dessa nação. Fundou o Maracatu Axé da Ilha, Filhas da Oxum Opará e Mazuca da Quixaba grupo de coco de terreiro, com foco na jurema sagrada, detalhados na quinta seção.

O Maracatu Baque Mulher corrobora para a manutenção e permanência das reminiscências culturais afro-brasileiras, abarcando uma discussão atual e legítima sobre racismo, intolerância religiosa (BRASIL, 2010), machismo, classe, raça, gênero e direitos humanos, considerando as diversas realidades nas quais as mulheres estão inseridas, com a missão de fortalecê-las, potencializando o companheirismo e a união entre elas nesse coletivo.

É possível reconhecer nesse processo uma contra hegemonia instaurada no Movimento, pelo fato desse maracatu de feministas voltar-se para uma centralidade no gênero e na classe, mas sem desconsiderar os marcadores identitários, ou seja, as populações afrodescendentes, bem como o lugar de fala e os marcadores sociais da diferença dessas populações, ao levar em consideração a “interseccionalidade” desses marcadores (AKOTIRENE, 2018).

Assim, é impossível ignorar esforços das lutas descentralizadas, a exemplo do empoderamento feminista, “lugar de fala” das mulheres negras, machismo, intolerância religiosa, identidade de gênero e orientação sexual (RIBEIRO, 2017).

Em 1999, Joana D’arc da Silva Cavalcante aos 21 anos quando ainda não tinha o título de mestra da cultura popular¹⁶², especificamente mestra de maracatu Nação, idealizou e fundou o grupo “Filhas da Oxum Opará”, no qual ministrava gratuitamente aulas de dança e canto para meninas de sete a 18 anos, residentes na Comunidade do Bode. Trata-se de um coletivo de matriz africana constituído por crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, residentes nessa comunidade e nas adjacências, consideradas favelas da Metrópole do Recife.

Aos 29 anos, ela foi consagrada a primeira mestra de maracatu de baque virado¹⁶³. Atuou por um período de quase 15 anos como agbezeira, coordenadora e coreógrafa da ala dos agbês da Nação do Maracatu Porto Rico (Figura 67).

¹⁶² Mulher detentora de saberes da cultura popular com notório conhecimento, que tenha uma longa trajetória na atividade por ela exercida, que seja reconhecida pelas/os seus pares - sua própria comunidade. Mestra de cultura popular é ser consagrada como uma mulher referência na transmissão de saberes e das formas de expressões da tradição popular. Dito isso, Joana D’arc da Silva Cavalcante é considerada mestra da cultura popular, ao torna-se uma referência na transmissão do maracatu Nação, expressão cultural da tradição popular de matriz africana.

¹⁶³ Mulher responsável pelo comando, regência de uma Nação de maracatu de baque virado. Nesse contexto, infere-se que mestra Joana é considerada a primeira mulher a receber esse título, após determinação das orixás, Oxum e Iemanjá, entidades espirituais que conduzem os fundamentos religiosos do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô onde a Mestra foi consagrada *yakekerê*/mãe pequena para coordenar e fazer a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Figura 67 - Mestra Joana Cavalcante regendo a ala dos agbês da Nação do Maracatu Porto Rico



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

Na Figura 67, mestra Joana está regendo a ala dos agbês do Porto Rico, dançando e tocando agbê de forma sincronizada, ao mesmo tempo que sorrir, transmitindo alegria e satisfação ao tocar esse instrumento nas cores que representam a nação em tela verde, vermelha e branca. Ela está usando o figurino confeccionado nessas três cores que também representa a identidade desse maracatu Nação. Em 2018, a Mestra desligou-se oficialmente do Porto Rico.

Em relação à trajetória profissional de mestra Joana, ela foi voluntária no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Prefeitura do Recife, onde ministrou oficinas de percussão para pessoas com deficiência intelectual. Na sequência trabalhou durante quatro anos no Programa Agente Jovem nessa prefeitura, exercendo a função de Educadora Social no quilombo urbano Ilha de Deus, localizado na Imbiribeira, região periférica do Recife.

Nesse programa a Mestra desenvolveu trabalhos de autoestima e pertencimento social com crianças, adolescentes e jovens vivendo em situação de vulnerabilidade. Tal contexto lhe motivou a fundar o Maracatu Axé da Ilha, objetivando disseminar a cultura da sua ancestralidade nesse quilombo urbano, Ilha de Deus. Avalia-se que a Mestra impulsiona o fortalecimento do maracatu de baque virado no quilombo citado, valorizando a cultura de matriz africana. Nesse contexto, ela é guardiã dessa manifestação cultural (CARNEIRO, 2003).

Mestra Joana não tem formação de ensino superior, não “domina” (academicamente falando) a pronúncia nem a escrita da língua portuguesa “corretamente”, mas tem provocado muitas reflexões no âmbito da academia e em outros espaços da sociedade brasileira, inclusive em Portugal. As pesquisas científicas, salvo as exceções, tendem a não legitimar o conhecimento de mulheres e homens, provenientes desses marcadores sociais da diferença que convergem com os da Mestra.

Quando o Programa Agente Jovem encerrou as atividades, mestra Joana trabalhou pela primeira vez de carteira assinada na SOSERVI¹⁶⁴ como Agente de Limpeza no Shopping Recife, andava com patins para realizar a manutenção desse shopping. Exerceu essa função por alguns meses, em seguida foi promovida por ser a funcionária, colaboradora mais rápida e ágil. Fato que lhe motivou a realizar o curso de vigilante na empresa Nordeste, empresa de segurança de valores. Ela saiu desse curso com a vaga de emprego garantido como Vigilante na TRANSVAL¹⁶⁵, onde trabalhou durante oito anos. Antes de exercer essas profissões, a Mestra vivia em situação de subemprego, trabalhando como babá, diarista, trabalhadora em casa de família e flanelinha.

Sobre as profissões desempenhadas pela mestra Joana, percebe-se a presença acentuada das consequências dos marcadores sociais da diferença, vivenciados pela população negra, pobre, periférica e candomblecista do Brasil, especificamente da Região Nordeste, onde a Mestra reside desde o ventre da mãe.

Atualmente mestra Joana é percussionista, dançarina, cantora, compositora, arte educadora, educadora social, ativista cultural, aderecista, figurinista, carnavalesca, coordenadora geral e regente da Nação do Maracatu Encanto do Pina. É idealizadora, fundadora e coordenadora geral do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, coletivo feminista com projeção nacional e internacional, como frisado neste texto.

A Mestra também desenvolve várias ações, práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, destacam-se as oficinas de *percussão* e *dança* (maracatu de baque virado, afoxé, alujá, ijexás, mazuca), *confecção de instrumentos* (agbê) e *confecção adereços* (estandarte, brinco, colar, bracelete, enfeite de cabeça,

¹⁶⁴ Sociedade de Serviços Gerais, empresa privada localizada na Avenida Nordestina, 325, Olinda, Pernambuco.

¹⁶⁵ Grupo Transval Segurança e Vigilância.

cenário), por ela ministradas. Ela ministra palestras com temáticas relacionadas aos direitos da população negra, principalmente das mulheres pretas, pobres, periféricas e de terreiro.

Em relação a compreensão dos ritmos afro, danças populares brasileiras na sua existência ela relata amar dançar, que a dança está na sua alma, no seu corpo. Desde criança a Mestra vivencia as práticas religiosas do candomblé nagô, “religião que faz parte do meu mundo, é minha escola na vida e na dança”, afirma mestra Joana Cavalcante (2020).

Referente a sua trajetória acadêmica, ela revela “eu tenho muito trauma, frequentar a escola foi um dos piores momentos da minha vida. O pouco tempo que vivi dentro das escolas, foi muito atormentador”. Neste breve relato da Mestra é apontado o arcabouço estruturante do sistema de ensino no Brasil que, tende a não fomentar políticas inclusivas, mas excludente que, em dada circunstância afasta as/os estudantes, pertencentes aos marcadores sociais da diferença, abarcando inclusive o marcador da africanidade.

Sobre o preconceito racial vivido declara,

durante toda minha infância eu era chamada de ‘Negra do Cabelo de Bombril’, ‘Negra do Cabelo Duro’. Um dos maiores *bullying* [intimidação vexatória, violência escolar, uso de força física, ameaça ou coerção para abusar ou dominar de forma agressiva outra pessoa] que sofri na escola era escutar, “vou levar o seu cabelo para minha mãe ariar panela (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

As narrativas da Mestra marcam aspectos históricos da naturalização e institucionalização do racismo, machismo, patriarcalismo, disparidade das relações de poderes em relação ao gênero, intolerância religiosa e racismo religioso em relação à religiosidade afro-brasileira. Desta maneira, as práticas informacionais de socialização de mestra Joana sobre a cultura negra tendem a sinalizar (re)significação e/ou constituição dos “marcadores das africanidades”, termo cunhado pela autora Sandra Petit (2015).

Conforme Maria de Fátima Garcia e José Antônio da Silva (2018), a memória dos marcadores da africanidade, conjunto das diversas expressões advindas das populações africanas e afrodescendentes que assinalam expressivamente a trajetória

cultural do Brasil, protagonizadas pela mestra Joana e pelas participantes do Maracatu Baque Mulher, à luz do empoderamento e resistência feminista dessas mulheres são abarcadas como práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira. Esses marcadores compõem o processo civilizatório das pessoas negras e não negras e, são pautados na conexão histórico-cultural com a África. Tal conexão pode ser identificada na produção material e simbólica desse país, na memória individual e coletiva da Mestra e das participantes do movimento pesquisado (CANDAU, 2019).

No que diz respeito a sua trajetória, no lugar social de primeira e única mestra de maracatu Nação de baque virado que ocupa na sociedade, mestra Joana Cavalcante (2020) revela, “tornar-me mestra foi bem naturalizado, eu não identificava o machismo, mas quando assumo a Nação do Maracatu Encanto do Pina, percebi o quanto ele é doloroso e sombrio” que em certa medida é naturalizado nas periferias. Após assumir a regência dessa nação a Mestra começou identificar a opressão e o machismo que as mulheres sofrem nas Nações de maracatu de baque virado (SANTOS, 2017).

Sobre a fundação da Nação Encanto do Pina, ela fez uma reconstrução, como se pode ver a seguir:

[...] foi fundada por uma mulher, dona Maria de Sônia, *yalorixá*, parteira e morava na Comunidade do Bode, no Pina. Ela fez o parto de muitas crianças, vários adolescentes, criou muitas filhas e filhos de santo, inclusive, a minha avó paterna e o meu pai foram criados também por dona Maria de Sônia. Ela fundou a Nação do Maracatu Encanto do Pina, em 1980 (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Essa *yalorixá* era a filha de santo mais antiga do seu Eudes Chagas e, fazia parte da Nação do Maracatu Porto Rico. Quando seu pai de santo, *babalorixá* Eudes Chagas morreu dona Maria de Sônia ausentou-se dessa nação, reuniu a família de mestra Joana – *yalorixá* vó Quixaba, *iabassê* mãe Carminha e o *babalorixá* Marcelo e fundou a Nação do Maracatu Encanto do Pina. Quando dona Maria de Sônia morreu, o *babalorixá* Marcelo, pai biológico da Mestra assumiu essa nação. Em 2008, com os problemas de saúde, pessoais e espirituais ele não pode dar continuidade na administração nem na regência desse maracatu Nação e, “nessa época foi jogado os búzios, dologuns e foi ordenado que eu assumisse a regência e o comando da Nação

Encanto do Pina, afirma mestra Joana Cavalcante (2020). Neste caso, desde 2008, mestra Joana segue na regência dessa nação, completando 15 anos de experiência, resistência e protagonismo na função de diretora e primeira mestra do maracatu de baque virado, até os dias atuais (SANTOS, 2022).

No âmbito religioso ela ressalta “sou da religião de matriz africana, minha base de vida, minha vocação. Tudo que eu sou, tudo que tenho é através da minha educação do candomblé”. Em relação a fundação do Movimento, bem como sua ativa atuação, mestra Joana fez a seguinte retrospectiva:

[...] antes mulher não podia tocar maracatu, quando abre-se o espaço e ela toca, esse espaço era pesado, a mulher ainda era mal vista. Eu participava da Nação do Maracatu Encanto do Pina e da Nação do Maracatu Porto Rico. Via nessas Nações, a rejeição e olhares de apontamento para a mulher e, pensei – a gente precisa de um espaço para tocar tambor, brincar e sermos felizes. Reuni algumas meninas, Mariana, Day e falei - vamos fazer um grupo só de mulheres, a ideia é a gente fazer um maracatu onde a gente possa se divertir. No domingo a gente pegava os instrumentos das duas Nações e ia para o Recife Antigo e, aproveitava para fazer o nosso lazer, assim que a gente chegava lá ia conhecer os espaços turísticos, depois a gente tocava maracatu. A gente levava as meninas de ônibus e quando terminava se reunia para lanchar. Nesse momento as meninas vinham com os relatos de abusos, e diziam - meu pai, meu padrasto, meu irmão, meu tio, meu cunhado. Elas falavam tudo, era muito pontuada as questões dos abusos, eu ficava abismada. É como eu falei antes, a gente vivendo dentro do contexto de abuso não consegue identificar. Foi através dos relatos dessas crianças, adolescentes e jovens que comecei a identificar e me incomodar com todas as formas de violência. Eu fiquei inquieta e disse – a gente tem que fazer alguma coisa. Aproveitei o Baque Mulher, já que a gente estava reunindo as mulheres todos os domingos. Nesse período já estava vindo mulheres não só daqui do Pina, mas, Imbiribeira, Joana Bezerra e, de vários outros bairros para participarem desse grupo feminista. Foi quando entendi que tinha necessidade mesmo da gente continuar com o Baque Mulher, para a gente falar assuntos de mulher. Até então eu não entendia nada, não sabia nem o que era feminismo, só entendia que a gente tinha que aproveitar aquele espaço para ajudar essas meninas que estavam passando por várias violências (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Tocar maracatu nessas Nações era uma resistência, como é uma resistência até hoje, porque mesmo quando as Nações de maracatu abrem espaços para as mulheres tocarem, elas não são bem aceitas nesses espaços porque, estão

disputando com os homens, fazendo a mesma coisa que eles, fato que ocasiona um certo incômodo entre os homens machistas (SANTOS, 2022).

Apesar desses percalços, mestra Joana decidiu formar um maracatu de mulheres que, posteriormente tornou-se um maracatu de feministas, que se reunisse no Recife Antigo, primeiro porque na Comunidade do Bode, Pina, já existiam duas Nações regidas e constituídas, predominantemente por homens que sempre apontavam as mulheres como as principais responsáveis por todos os equívocos ocorridos no batuque/baque dessas Nações. E, segundo, porque ela percebeu que as batuqueiras das duas Nações precisavam de um espaço exclusivo para tocarem maracatu sem sofrerem nenhuma opressão, que brincassem, sorrissem e fossem felizes fazendo o que gostam, tocando maracatu de baque virado.

Antes de fundar o Maracatu Baque Mulher mestra Joana já realizava trabalho sociocultural com “Filhas da Oxum Opará”, um grupo só de mulheres, além disso, também coordenou e coordena vários trabalhos com crianças, adolescentes e jovens da periferia do Recife. Quando essas garotas ficaram sabendo que a Mestra estava realizando um novo trabalho, que se tornou o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, com projeção nacional e internacional, começaram a integrar esse coletivo (ANSELMO, 2020).

Deste então, mestra Joana, juntamente com Mariana, Day e outras mulheres que estavam se reunindo aos domingos no Recife Antigo para tocarem maracatu, brincarem e se divertirem, mudaram toda a dinâmica. Elas não iam mais apenas para terem lazer, passaram a levar e se responsabilizar pelas crianças, adolescentes e jovens que começaram a participar da formação inicial desse movimento. Sempre após as toçadas, as mulheres levavam as meninas para lanche e conversar, momento que elas contavam todas as violências vividas no âmbito familiar.

Foram os relatos dessas meninas que motivaram mestra Joana a transformar um encontro semanal com as mulheres batuqueiras das Nações Encanto do Pina e Porto Rico para tocarem maracatu com entretenimento, em uma ocasião de reflexão e militância no combate a todas as formas de opressão e violência que as mulheres, crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode e adjacências são vítimas. O que era um batuque de mulher, Maracatu Baque Mulher, tornou-se no Movimento

de Empoderamento Feminino Baque Mulher – Feministas do Baque Virado, que vem “quebrando barreiras, unindo fronteiras e vencendo tabus”¹⁶⁶.

[...] na época eu vi uma postagem com o nome feministas, ainda era orkut, não existia facebook. Aí eu tive a ideia, vou fazer o seguinte – ao invés de colocar o nome Baque Mulher, vou colocar, Baque Mulher Feministas do Baque Virado. Esse nome feministas caiu como uma luva. Eu fui começar a pesquisar, entender o que era feminismo e como ia fazer para trabalhar a questão do feminismo dentro da comunidade. Foi quando fui entender que “o buraco é mais em baixo”, o assunto é bem mais complexo, porque o Baque Mulher estaria mexendo com tudo, com o tráfico e com os agressores do local onde moro. Uma forma sutil de chegar nesses caras, nessas doenças, nesses focos de violências sem se expor muito era através das loas. Foi quando eu tive a ideia de trazer as loas para cantarmos no grupo, principalmente falando sobre empoderamento feminista evidenciado nas loas “Disque 180”, “Maria da Penha é forte” e nas ações desse coletivo através do maracatu. A partir desse momento o Baque Mulher começou realmente a trabalhar o feminismo aqui dentro da Comunidade do Bode. Tudo foi acontecendo naturalmente, não teve essa de dizer - vamos começar fazer assim, foi acontecendo naturalmente, uma coisa foi puxando a outra (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

De acordo com o exposto, mestra Joana é uma mulher que busca pesquisar conhecimentos que até então lhe tinham sido negados, como por exemplo machismo, violência doméstica e empoderamento feminista. Ponderando o lugar social que a Mestra tem, ela é uma mulher visionária (bell hooks, 2018).

A denominação Baque Mulher Feministas do Baque Virado se deu porque:

[...] eu queria um grupo que só tocasse mulheres, existe vários nomes de grupos por aí, mas eu queria um nome que fosse só para mulher. Aí eu falei - Baque Mulher, baque que a gente chama, que é, o baque virado, baque do maracatu tocado no Baque Mulher. Somos um baque onde só mulher pode tocar, por isso coloquei o nome Baque Mulher, mas tem o baque solto, conhecido como maracatu rural (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Há registro da explicação desses dois ritmos de maracatu especificados por César Guerra-Peixe (1980), que corrobora com a afirmativa da Mestra. O autor distingue o primeiro do segundo e, afirma que o maracatu de baque solto também é

¹⁶⁶ Trecho da loa “Hoje tem alegria”, autoria de mestra Joana Cavalcante.

classificado como maracatu rural. Voltando a simbologia do acréscimo do nome - Feministas do Baque Virado - ao nome do Maracatu Baque Mulher, mestra Joana expõe o seguinte motivo:

[...] quando eu reunia as meninas para conversar eu sentia a necessidade da gente começar a trabalhar assuntos sobre as mulheres e começar a lutar pelos nossos direitos. Eu vi no orkut a palavra feministas, eu achei bonita e disse - o nome desse baque será Feministas do Baque Virado. Por isso que coloquei Baque Mulher Feministas e, Baque Virado, porque é o ritmo do maracatu que a gente toca. Então ficou, Feministas do Baque Virado, a gente estaria montando um coletivo de mulheres que luta contra todas as formas de opressão dentro do maracatu de baque virado (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

No âmbito da luta feminista, no combate às diversas formas de violência das quais as mulheres são vítimas, constata-se que o acréscimo da palavra feministas ao nome desse movimento, foi um ato político, necessário e urgente.

Na concepção da Mestra, o Movimento permanece ativo porque:

[...] ele foi e, continua sendo fundamental, tinha que existir mesmo, a gente vem quebrando vários tabus, enfrentando várias lutas e, tem fortalecido essas lutas. O cotidiano da Comunidade do Bode precisa do fortalecimento das mulheres, esse movimento veio para nos unirmos. Nossa luta é focada em garantir os direitos das mulheres e de todas as pessoas. A gente luta por todas as classes sociais. O Baque Mulher não tem classe, cor, gênero, a gente abraça todas as classes. Costumo pregar muito dentro do movimento que antes da gente ver qualquer outra coisa, a gente tem que fazer valer aquela palavrinha que virou moda – “sororidade”. A galera se agarrou nesse termo, mas não coloca em prática e para a gente pregar a sororidade, a gente não precisa ver a cor da pele, sororidade não é a cor da pele. A gente sabe que as mulheres que mais sofrem discriminação, são as negras. Elas são muito discriminadas, eu sei muito bem que todo sofrimento está na nossa classe, na condição de mulher preta, pobre e da periferia sinto na pele essa discriminação (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Esse depoimento mostra, que o Maracatu Baque Mulher é um movimento que não luta apenas em prol de uma única classe, mas de todas as classes. Mestra Joana luta para que as mulheres deem as mãos e acredita que:

[..] no Baque Mulher, o fortalecimento seja esse, um espaço que todas se respeitem, se olhem e entendam que juntas nós somos mais fortes. Esse movimento é um espaço onde a gente tem que pregar a verdadeira sororidade. Percebo muitos movimentos fechados, são na verdade grupinhos de mulheres que não fortalece em nada. Pontuo bastante dentro do Baque Mulher, que somos todas irmãs, iguais e que temos que sentir a dor da outra. Se a partir do momento que você se põe no meu lugar, ou seja, no lugar de mestra Joana, você vai sentir onde meu sapato aperta, você vai sentir a minha dor. Porque se pôr no lugar da outra pessoa é, um exercício difícil. No meu entendimento, a verdadeira sororidade é isso, se pôr no lugar da outra pessoa. Eu acredito que no Baque Mulher nossa potência, fortaleza é essa, uma se põe no lugar da outra (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

O respeito, que é um dos princípios do candomblé nagô também é uma das virtudes levada em consideração no Movimento, principalmente a sororidade. Esse conceito foi teorizado por Vilma Piedade no livro “Dororidade” publicado em 2017. Ela sustenta a tese que a sororidade, por si só, não atende as demandas, dores da pretitude. Sabe-se que a dor é um fardo que a muito tempo é conhecido e que as mulheres pretas sentem constantemente. A intensidade dessa dor está ligada, especificamente a cor da pele dessas mulheres, ou seja, “quanto mais preta, mais racismo, mais dor (PIEIDADE, 2017).

Para Tatiane Leal (2019), a sororidade “se abre como uma experiência sentimental que carrega uma potência de reconfiguração das relações entre mulheres [...] sem apagar as diferenças entre as mulheres e sua identidade como indivíduos”. Em entrevista concedida a equipe Objorc em 7 de novembro de 2022¹⁶⁷, mestra Joana Cavalcante narra que “sororidade é “moda porque é uma palavra tão falada, mas pouco executada” e acrescenta que por ser uma mulher do candomblé defende “uma palavra mais tradicional que é irmandade... Nós somos irmãs. Irmãs se olham no olho, irmãs se ajudam, se acolhem... É isso que pregamos dentro do Baque Mulher, e assim passamos força uma para as outras”.

Na concepção de Vilma Piedade (2017), um dos equívocos do movimento feminista foi considerar o movimento como um projeto singular, adaptado para atender a demanda da mulher branca, ocidental, especificamente de classe média, culta, que teve acesso ao sistema regular de educação. Em 1980, foi acionada uma perspectiva mais adequada ao feminismo, período que o movimento feminista passa a discutir

¹⁶⁷ Entrevista disponível em: <https://objorc.com.br/2022/11/07/mestra-joana-cavalcante/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

assuntos referentes aos vários tipos de mulher, ponderando os “aspectos culturais, sociais e, principalmente, étnicos” (PIEDADE, 2017).

Conforme aqui já registrado, a partir do levantamento realizado em 18 de abril de 2023, o Maracatu Baque Mulher é constituído por 39 grupos. Para eles integrarem esse coletivo de feministas do baque virado, necessariamente precisam ter como embasamento o regimento interno desse coletivo e “seguir a mesma tabuada, a mesma cartilha”, pontua mestra Joana Cavalcante (2022).

A expansão desse Movimento vem ocorrendo da seguinte maneira: as mulheres vêm para a Matriz, Baque Mulher Recife, se identificam, participam das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, sobretudo do maracatu, mas para elas constituírem um grupo que integre o Movimento nas suas respectivas cidades ou países, àquelas que se prontificarem em se tornar coordenadora local/regional sugere-se vivenciar algum momento com as batuqueiras dessa matriz na Comunidade do Bode. Essa vivência é imprescindível, para que as coordenadoras regionais dos grupos do movimento consigam “entender e sentir na pele o que é o verdadeiro Movimento Baque Mulher”, adverte mestra Joana Cavalcante.

Assim sendo, para se formar um grupo desse movimento independente da cidade, estado, região ou país, um dos critérios é vivenciar as ações promovidas pelo Baque Mulher Recife, bem como, mesmo que por um período curto, o cotidiano da Comunidade do Bode, no Pina, compreendida como favela e área periférica da Grande Recife. De forma peculiar, conforme a disponibilidade de cada mulher batuqueira aspirante a coordenadora de um grupo do Movimento, ela pode escolher o período para essa vivência.

Mestra Joana sugere que tal vivência ocorra no período do carnaval, momento que toda a família “Rosa e Laranja”, Maracatu Baque Mulher, bem como a família “Encantada”, Nação do Maracatu Encanto do Pina estão trabalhando em uma força tarefa para realizar o desfile oficial desse movimento e dessa nação.

No período que antecede o carnaval batuqueiras, batuqueiros e pessoas que apoiam, contribuem e desfilam no cortejo oficial da Nação Encanto do Pina e/ou no Maracatu Baque Mulher, colaboram na confecção de suas fantasias/indumentárias/figurinos com a intenção de festejarem o carnaval pernambucano, principalmente participar do desfile oficial dessa Nação e/ou do Movimento. Vivenciam momentos de tensão, preocupação, euforia almejando que

chegue o carnaval para ocuparem as avenidas, passarelas e palcos apresentando sua manifestação cultural, a exemplo do maracatu de baque virado.

Compreende-se ser esse o momento mais esperado pelas carnavalescas e carnavalescos. É exatamente nesse período que mestra Joana incentiva e solicita que todas e todos estejam na luta, resistindo firmemente e participando nos processos de criação, produção, manutenção, ensaios e apresentações, tais processos ocorrem de forma mais intensa, nos últimos dias que antecede o desfile oficial do Movimento, principalmente da nação citada, a qual concorre a premiação no concurso das Nações de maracatu, promovido pela prefeitura da cidade do Recife.

Há muita dedicação, amor e dias de trabalho árduos, mas após o desfile na passarela e o encerramento dos festejos carnavalesco, emerge o sentimento de satisfação e dever cumprido, independentemente da família Encantada, Nação do Maracatu Encanto do Pina ter sido consagrada como a vencedora ou obter a segunda posição, terceira ou quarta na colocação desse concurso.

Existem mais de 70 loas de maracatu, que compõem o repertório do Baque Mulher, consideradas representativas na concepção da Mestra, entre estas destacou e cantou uma loa da sua autoria “Sou mulher negra empoderada” - sou mulher negra empoderada / trago axé da Nação nagô / feministas do baque virado / mulheres guerreiras, tocando tambor / não há violência ou machismo qualquer / que cale meu tambor eu sou Baque Mulher / tocando tambor / trazendo o axé do baque virado, guerreiras mulher. Ela considera a loa mais representativa porque é quando:

[...] eu me reconheço, me afirmo como mulher negra, apresento a força do meu candomblé nagô e afirmo que o nosso tambor nunca vai se calar. Essa loa veio no momento bem difícil, de maior turbulência que vivie no Baque Mulher. Porque, quando esse movimento surgiu, era uma modinha massa, os homens todos queriam estar nos ensaios e apresentações, eram nossos apoios, estavam sempre nos apoiando. Eu creio que eles nos apoiavam porque achava bonitinho, um grupo de mulheres que a sociedade insiste em considerá-las frágeis (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

As mulheres participantes do movimento acima citado protagonizam suas práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira para além das demandas específicas desse maracatu de feministas, uma vez que elas não medem esforços para reduzir as desigualdades sociais em face a omissão do poder público e

das violações dos direitos humanos, sobretudo referentes as mulheres pretas, pobres, periféricas e de terreiro.

O empoderamento e protagonismo dessas mulheres, que comumente acumulam além das funções de coordenadoras de grupos de maracatu, batuqueiras, dançarinas e líderes religiosas, são arremão de família, mães solas, além delas atuarem como advogadas, arquivistas, assistentes sociais, atrizes, bancárias, bibliotecárias, cozinheiras, cuidadoras de pessoas idosas, diaristas, estudantes, médicas, pesquisadoras, produtora cultural, professoras, psicólogas, trabalhadoras formais, vendedoras entre outras profissões, conforme narrativas das entrevistadas.

Nos primeiros desfiles oficiais do Movimento surgido com a proposta das mulheres participantes das Nações Encanto do Pina e Porto Rico brincarem, festejarem entre elas o ato de tocarem, cantarem e dançarem maracatu de baque virado, havia um expressivo número de homens carregando instrumento, afinando o tambor, apoiando-as em tudo. Mas quando elas passam a lutar contra o machismo dentro desse coletivo, levantar a bandeira feminista e cantar loas como, por exemplo, “Disque 180”, “Hoje tem alegria” e “Maria da Penha é Forte” (Apêndice J), as mulheres começam a causar um forte incômodo e os homens que as apoiavam começaram a usar estratégias na tentativa de acabar definitivamente com esse maracatu de mulheres empoderadas.

Os homens machistas passaram a confrontar com as batuqueiras do Movimento, pois entenderam que ele veio para combater todas as formas de opressão, inclusive o machismo. Esse fato causou indignação na Mestre e ao mesmo tempo inspiração para compor a loa “Sou mulher negra empoderada”, que considera muito representativa. Esses homens ficaram indignados porque o coletivo estava lutando contra o machismo e, passaram a “sabotar as ações desse coletivo de todas as formas”, relata mestre Joana Cavalcante (2020).

Esta loa representa, em linhas gerais, um ato de resistência ao conflito que o Movimento estava vivendo no momento. A partir dessa composição mestre Joana teve outras inspirações para compor mais de 100 loas (Apêndice M) para o repertório desse movimento, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Maracatu Encantinho do Pina, bem como para o grupo cultural Mazuca da Quixaba, por ela idealizado, fundado e coordenado até então. A principal motivação para a Mestre compor é “a luta diária, o sentimento de sentir na pele a luta do dia a dia da vida. Cada letra é um anseio, uma

luta, uma dor, uma forma de gritar, expressar e respirar [suspirou, demonstrando um semblante de muita tristeza]. Cada letra é um grito de liberdade”, expõe mestra Joana Cavalcante (2020), que ao concluir esse relato emocionou-se.

O Movimento teve vários períodos difíceis, sabotagem nas oficinas, ensaios e apresentações, principalmente em outras cidades, estados e países. Um grupo de mulheres de Salvador, Bahia veio ao Recife, para realizar uma oficina de maracatu com mestra Joana e conhecer o Baque Mulher Recife, mas foram orientadas por determinados homens a não terem nenhuma aproximação com ela nem com a matriz desse movimento, “hoje esse grupo de mulheres de Salvador nos odeia, porque um machista escroto passou na frente e fez a cabeça delas”, expõe mestra Joana Cavalcante (2020).

Ao discorrer a respeito das suas atividades culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais desenvolvidas no Movimento, concomitantemente na Nação Encanto do Pina e no maracatu mirim dessa nação, a Mestra declara:

[...] é muita coisa, a gente tem rodas de conversa, confecções de roupas, adereços, instrumentos, conversas pessoais. Eu sou de tudo um pouquinho juíza, advogada, médica. A gente faz oficina de baque virado, a gente faz de tudo aqui dentro da Comunidade do Bode. Através do Baque Mulher, a gente trabalha muito o empoderamento feminino, o reconhecimento das mulheres negras. A gente trabalha diretamente com os meninos, eu costumo dizer que o Baque Mulher não é um movimento que divide o homem da mulher. A gente tem que estar trabalhando de forma coletiva, esses homens precisam estarem perto da gente, para a gente poder educá-los. A gente faz um trabalho em conjunto, com todas e todos (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Em relação ao Projeto Encantinho do Pina são realizadas rodas de conversa com meninas e meninos de forma mútua, trabalhando as questões sociais que permeiam o cotidiano das comunidades periféricas, “o que a gente mais ver é dificuldade dentro da Comunidade do Bode, por exemplo, teve uma época que a gente fez uma campanha contra as drogas, a gente está sempre batendo de frente com as drogas”, alega mestra Joana Cavalcante (2020).

É perceptível que a população periférica, nomeadamente crianças, adolescentes e jovens que têm pele negra residentes em comunidades periféricas, a exemplo da Comunidade do Bode, são mais vulneráveis, suscetíveis a situação de

violência e vulnerabilidade social. Para proporcionar uma melhor qualidade de vida a essa população, o projeto em tela,

[...] trabalha de todas as formas, com a questão pedagógica, arte, percussão, reforço escolar, a gente faz de tudo para não perder nossas crianças e jovens para as drogas nem para a criminalidade. A gente oferece aula de teatro, dança, capoeira, confecção de instrumento. Há vários jovens que participaram das nossas oficinas e projetos que estão viajando o Brasil inteiro para ministrarem oficinas. Também há os que aprenderam a confeccionarem instrumentos e abriram seu próprio empreendimento. Muitos desses jovens que tiveram oportunidade de participarem das nossas atividades, vivem exclusivamente do maracatu. Seja ministrando oficinas ou confeccionando instrumentos e, conseguem sustentar suas famílias (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

O Projeto Encantinho do Pina foi idealizado, criado e desde a fundação é coordenado pela mestra Joana. Entretanto, a ideia primeira vem do conjunto de ações das pessoas engajadas em projetos voltados para as questões sociais e educacionais, a Mestre elucidada essa narrativa.

[...] eu sempre trabalhei com crianças, Tenily e Mary também sempre foram loucas por crianças. A gente reuniu nossa vontade e criamos o Projeto Encantinho, para atender meninas e meninos da Comunidade do Bode. Esse projeto é misto e, promovido pela Nação Encanto do Pina. Já o Baque Mulher é formado só por mulheres, o Encantinho e a Nação têm um trabalho misto. Eu digo – a gente tem dois trabalhos, um só com as mulheres que é o Baque Mulher e o trabalho da Nação Encanto do Pina que é misto, com a participação de homens e mulheres em todas as idades e, tem o Encantinho que é só com crianças, jovens e adolescentes (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

O projeto em tela tem transformado a realidade das crianças, jovens e adolescentes participantes das ações por ele realizadas,

[...] nosso sonho, tenho fé em Deus, Olorum que vamos conseguir é, fazer o Instituto Encantinho, onde será o dia todo de atividades, para que as crianças saíam do Encantinho direto para a faculdade. É o sonho, e a gente vai chegar lá. No momento a gente trabalha com horários oposto da escola, as meninas e meninos largam da escola e vão para o Projeto Encantinho, de segunda a sexta-feira, na verdade de domingo a domingo, porque, de segunda a sábado tem o Encantinho e no domingo eles e elas têm o Baque Mulher. Durante a semana tem oficina de capoeira, teatro, atividade pedagógica, dança,

percussão, confecção de instrumentos, confecção de adereços, rodas de diálogos sempre com alguma temática que seja mais necessária no momento (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Além dessas atividades também são oferecidos vários momentos de lazer,

[...] reunimos todas e todos e fazemos os lazeres. A equipe atual é Mariana, nossa coordenadora pedagógica, Tenily, Paula, Erivannia, Mary NiKolly, Jamile Passos, Adri, nossas voluntárias e Jocien nosso voluntário. Todos são filhas de santo e filho de santo do *Ylê Axé Oxum Deym*. São pessoas que voluntariamente compartilham seus conhecimentos, doam seu tempo e somam nas ações do projeto. É um trabalho totalmente voluntário e a gente também abre espaço para outras pessoas de fora que tenham interesse em realizarem um trabalho voluntário. A gente tem Marcela, que é professora de matemática, ela sempre vem e já passou um tempo colaborando com a gente. Andressa é outra voluntária, mora em Porto de Galinhas, Pernambuco, batuqueira do grupo de percussão da Alfaia da Praia, ela também é professora e se propôs a dar aula de reforço escolar (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Há algumas regras no Projeto Encantinho do Pina, as crianças só participam das apresentações no carnaval, na solenidade religiosa dos Tambores Silenciosos Mirim, no desfile oficial da Nação Encanto Pina e do maracatu mirim dessa nação se elas forem,

[...] aprovadas no ano letivo da escola. É tipo uma premiação, para elas participarem do cortejo e de todas as apresentações, elas têm que serem aprovadas no ano letivo da escola. Percebo que isso tornou um incentivo a mais, a gente trabalha diretamente com as diretorias e coordenações das escolas. Mari, coordenadora pedagógica do Encantinho vai nas escolas conversar com as coordenadoras sobre o comportamento das nossas crianças que participam desse projeto. A escola também procura a gente quando tem algum problema com determinada criança, adolescente ou jovem que são estudantes na escola, sobre a questão do comportamento (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Um dos problemas apresentados pelas escolas é o desempenho escolar das crianças, adolescentes e jovens, mesmos quando elas e eles têm assiduidade nas aulas, não conseguem acompanhar as atividades pedagógicas de forma satisfatória. Mestra Joana afirma que essa assiduidade ocorre para atender uma exigência do Bolsa Família.

[...] A gente sabe que, o Bolsa Família é uma forma das crianças estarem na escola, porque se não forem perdem, mas não significa que elas vão estar ali estudando e dando o melhor de si para aprender. Elas estão ali para não levarem falta. A gente no Encantinho cobra delas o comprometimento realmente com a escola. A gente incentiva que elas passem de ano, exige notas boas e um bom comportamento. A partir do momento que elas não têm um bom comportamento na escola, a gente tem alguns critérios dentro do Encantinho, por exemplo, as crianças ficam de castigo, não participam das apresentações, atividades e passeios que promovemos (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Esse caráter condicional, de certo modo, imposto de forma imperativa, estimula as crianças, adolescentes e jovens que participam do Projeto Encantinho do Pina a terem um bom desempenho na escola. Essa condicionalidade é:

[...] uma troca, com isso a gente vem tendo um bom resultado. O ano passado, a gente sentiu muito essa dificuldade, porque a gente está realizando a construção da sede e não teve como fazer várias atividades com nossas crianças, adolescentes e jovens. Por exemplo, a gente não teve como fazer o reforço escolar, porque não tinha lugar para fazer, a gente não ia levar nossas crianças para estudar na rua, levando sol e chuva. As atividades que a gente podia fazer na rua, a gente fez, que eram as oficinas de percussão e dança, mas as atividades pontuais mesmo que é o reforço escolar, as rodas de conversa e várias atividades que a gente tem como orientação sobre higiene pessoal, a gente não conseguiu fazer (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Esse projeto objetiva sanar a situação de vulnerabilidade das crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode, o que não é possível resolver, solicita colaboração de profissionais de outras áreas, por exemplo, “a gente tem o pessoal do posto de saúde, para falar sobre a questão da gravidez. Tem muitas garotas adolescentes e jovens que a gente sabe, que não vão ao posto, não vão se acordar cedo para pegar uma ficha para serem atendidas”. A questão que se apresenta nos direciona a pensar que, caso o projeto não realize ações preventivas e de redução de danos com essas garotas há uma maior possibilidade de elas terem gravidez precoce, fato que já aconteceu com várias. A Mestra diz que:

[...] eu já cansei de comprar e dar enxovais, leite e massa cotidianamente. Faço um controle, tem algumas meninas que eu estou dando os anticoncepcionais e exijo que elas vão ao posto, por exemplo, C¹⁶⁸ eu já disse a ela - esse mês você tem que ir ao ginecologista e tem que trazer a receita médica para eu ter a certeza de que você foi consultada (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

O relato ratifica a crença de que mestra Joana, de certa maneira, acaba exercendo o papel de mãe e se responsabiliza pela educação sexual das garotas participantes do Projeto Encantinho do Pina. Para a Mestra, uma forma dessas garotas seguirem seus conselhos, orientações é o amor que elas têm pelo maracatu, porque:

[...] as garotas atendem minhas cobranças, quando eu uso o maracatu, principalmente o amor ao trabalho que desenvolvemos no Projeto Encantinho do Pina para obtermos êxito no combate a gravidez na adolescência. C, já disse – eu vou tia [mestra Joana Cavalcante] no posto fazer o exame e trazer para a senhora ver que eu fui. Se não for, assim, nossas garotas não fazem exame genecológico. Eu mesmo pego o remédio, tenho na minha agenda - eu dei o remédio a C tal dia. Já coloco o meu celular para despertar. Porque se a gente não fizer isso, C não vai tomar o remédio, ela vai engravidar, uma menina que só tem 15 anos. Temos esse trabalho, a partir das rodas de diálogo vamos percebendo as carências, fragilidades e resolvendo tudo que podemos resolver. Nosso projeto também contempla a preservação ao meio ambiente, oferece refeição, que é fundamental. Não conseguimos fazer nada se não tiver a refeição, porque as crianças chegam muitas vezes, sem um pão na barriga, muitas vezes, a gente termina as atividades e elas vão para casa dormir com o alimento que oferecemos. Não deixamos elas dormirem com fome, essa é a realidade (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

Para além de uma questão meramente social, a expressão “ela vai engravidar, uma menina que só tem 15 anos” evidencia uma realidade das adolescentes e jovens negras das periferias do Brasil, um contexto que a Mestra busca desconstruir e ressignificar esse legado histórico, étnico e cultural que as garotas negras tenham seu destino marcado por uma gravidez precoce, interrompendo a trajetória dessas adolescentes.

Mestra Joana nos convida a refletir sobre porque ainda é necessário falar de gravidez na adolescência, numa perspectiva de raça/etnia e social, ao demonstrar o

¹⁶⁸ Adolescente negra de 15 anos, filha de mãe solo, negra, não alfabetizada e desempregada.

quanto as garotas pretas, nomeadamente as periféricas são mais suscetíveis a engravidarem na adolescência, questão considerada “grave e importante em todo o mundo, pois a gravidez na adolescência é interpretada pelas políticas públicas como um problema a ser solucionado e extinto” (MENDONÇA, 2017, p. 18).

[...] estamos no meio, coração do Recife. Porque o Pina é praticamente o coração dessa cidade, próximo ao bairro nobre, Boa Viagem, mas a realidade aqui dentro da favela é essa mesmo. A gente adquire os gêneros alimentícios, porque eu sou a pidona, quem mais pede sou eu. Viajo o Brasil inteiro para ministrar oficinas, intensivões e todo o dinheiro proveniente dessas oficinas eu divido para mil coisas, invisto nos projetos sociais do *Ylê Axé Oxum Deym*, Baque Mulher, Encanto do Pina, principalmente nas atividades com as crianças do Projeto Encantinho do Pina. É um dinheiro para investir em tudo, a gente sobrevive dessas oficinas. Eu digo - Mari¹⁶⁹ vamos comprar logo um fardo de fubá e um fardo de biscoito que garanta uma semana de refeição. Quando a gente não tem alimento, eu saio pedindo ao povo (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Há uma relação estreita entre população negra, periferia e fome, principalmente em países onde o processo de cidadania não leva em consideração a equidade e viola os direitos fundamentais das cidadãs e cidadãos, a exemplo da ausência de políticas públicas que garantam moradia, segurança alimentar e educação para todas e todos.

Mestra Joana compactua com a ideia de que a educação seja uma estratégia para a mudança dessa realidade, de certa maneira, uma educação que possibilite a construção de conhecimentos, apropriada para viabilizar a consolidação da cidadania em suas dimensões civil e política, ponderando o recorte de gênero e raça. Avalia-se pertinente considerar a relação dialógica entre educação e construção de cidadania. Dito isso, percebe-se o quanto ainda é uma questão cara que precisa avançar no cenário nacional brasileiro, onde a cidadania na sua dimensão plena, de certo modo, parece ser algo distante, inatingível ou difícil de ser efetivado (BRASIL, 2016).

Ainda nesse contexto, a Mestra também chama a atenção para o fato de que o quadro de democracia que se instaurou nas periferias ainda não é capaz de resolver questões políticas, sociais, educacionais, de saúde pública, a saber: gravidez precoce (gravidez na adolescência), desemprego, violência, ausência de moradia, elevado índice de pessoas não alfabetizadas, desigualdade social e de gênero e, o uso de

¹⁶⁹ Coordenadora pedagógica do Projeto Encantinho do Pina.

drogas ilícitas, principalmente entre adolescentes, jovens negras e negros residentes nas periferias do Brasil.

Avalia-se que a educação integral, geração de emprego e renda, precisam ser compreendidas como políticas públicas prioritárias para essa população e sua família, considerando a questão do recorte racial e de gênero, marcadores sociais da diferença que estão postos em expressivos números (AKOTIRENE, 2018).

Para garantir a participação das batuqueiras do Baque Mulher Recife, nos ensaios que são realizados no centro do Recife,

[...] eu pago as passagens do transporte coletivo e, quando a gente conseguiu alguma apresentação, eu peço o transporte e o lanche delas [batuqueiras do Baque Mulher Recife], mas quando não tem, eu pago do meu bolso mesmo, tem que ser. O Baque Mulher Recife, sem minhas crianças e jovens da Comunidade do Bode não é o Baque Mulher Recife (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

Nesse depoimento da Mestra é evidente o desejo de garantir a participação dessas crianças e jovens, inclusive inserindo os garotos da comunidade como apoio nas atividades realizadas. Nesse contexto, mestra Joana assume uma função social ao fortalecer e visibilizar as atividades, além disso, repassa para a nova geração seus conhecimentos obtidos pelo lugar social e religioso que ocupa - *yakekerê* de um terreiro de candomblé nagô e mestra de maracatu Nação, considerando seu lugar de fala, ao compreender que:

[...] tudo nessa vida é aprendido, todas as práticas fortalecem ensinam. As práticas que desenvolvo com as batuqueiras do Movimento têm me fortalecido como mestra de maracatu, mulher e ser humano. É muito gratificante a gente ouvir que salvou uma vida, transformou e fortaleceu uma pessoa. Acredito que a gente só aprende quando a gente sente na pele. Eu perdi minha filha, Jhayana Cavalcante aos 17 anos [emocionou-se]. Se eu tivesse a cabeça que tenho hoje, não tinha perdido minha filha. Se eu identificasse todo machismo, toda opressão, se eu soubesse ou se entendesse o que era feminismo mesmo, não tinha perdido minha filha. Porque, eu ia ter mais base para acolher ela, ia saber dar o colo e a palavra na hora certa [emocionou-se]. Perder minha filha [silenciou-se por alguns segundos] e está no Baque Mulher, lutar e sobreviver à perda da minha filha nesse movimento, foi fundamental. Sem o Baque Mulher, sem o maracatu, sem a religiosidade na minha vida, eu não sei, se eu estaria aqui não. Cada relato de uma mulher, criança, adolescente, jovem, [emocionou-se] que me agradece e diz que o Baque Mulher

transformou, que o maracatu transformou sua vida, isso me motiva a continuar. Era tudo que eu queria ouvir da minha filha. Isso me fortalece cada vez mais [emocionou-se, com intensidade] (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Diante disto, embora o Movimento não seja um grupo terapêutico, ele foi um espaço imprescindível, acolhedor, para mestra Joana vivenciar o luto da filha de forma mais branda. Sobre esse maracatu de feministas de baque virado, a Mestra afirma:

[...] me fortalece e, eu estar lutando pelo Baque Mulher... estou lutando pela memória da minha filha [emocionou-se] e também por mim. É muito presente a presença da minha filha Jhayana na minha vida, eu vejo em cada uma dessas meninas, vejo em C, E, L, M, S vejo em cada uma dessas meninas, ela [Jhayana Cavalcante]. Eu faço por essas meninas, o que eu queria fazer pela minha filha [emocionou-se, com intensidade] e, eu não soube fazer, mas eu também não tive base para fazer [momento comovente para a pesquisadora, que também emocionou-se] (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Na concepção de Piedade (2017), a pesquisadora esboçou o sentimento de dororidade em relação à dor da Mestra ao tentar conseguir viver com a eterna ausência física da filha Jhayana Cavalcante. Contudo, as adolescentes que integram o Baque Mulher Recife representam essa filha, para mestra Joana.

Em 2018, a Mestra publicou no site oficial da Nação Encanto do Pina uma homenagem a Jhayana Cavalcante *in memoriam* “a minha filha Jhay, minha bela Oyá! Para você, a você dedico todos os baques que eu reger. Todas as minhas vitórias e conquistas são por você e para você, a mulher mais corajosa que conheço”. Essa homenagem revela o amor de mestra Joana pela filha primogênita.

De acordo com a Mestra, as atividades culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais – práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira promovidas pelo Movimento contribuem para disseminar informação, reconstituir a memória e evidenciar aspectos relacionados às identidades das populações afrodescendentes. Além disso, afiança que:

[...] o maracatu, candomblé são minha educação de base, principalmente o candomblé. Sem minha educação religiosa, eu não estaria aqui, eu não seria mestra Joana, não teria nada disso e nada disso estaria acontecendo. A gente saúda, respeita as nossas mais velhas e todos os nossos mais velhos, porque toda nossa educação é

religiosa, o maracatu é do candomblé. Essa manifestação cultural vem dos povos de matriz africana e, todo nosso trabalho social, nosso direcionamento emana do maracatu, que está ligado ao terreiro de candomblé nagô *Ylê Axé Oxum Deym*. Toda educação que a gente recebe dos nossos mais velhos, das nossas mais velhas vó Quixaba, mãe Carminha, mãe Helena, mãe Laura e mãe Enézia, nossas mães do Pina, a gente repassa para as crianças, adolescentes e jovens. As atividades que desenvolvo no Baque Mulher são pautadas no candomblé, minha religião (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

A partir dos pressupostos expostos, conduzidos à luz do protagonismo, empoderamento e resistência feminista nas práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira e das teorias das pensadoras e ativistas feministas norte-americanas e brasileiras, percebe-se que Mestra busca trazer para o Movimento toda base, aprendizado, vivência, tudo que ela vivenciou e continua vivenciando no candomblé, com influência na sua percepção de mundo (CARNEIRO, 2019).

Por isso, o regimento interno do Movimento tem muitos pontos fundamentados e praticados no candomblé, determinados grupos desse coletivo, num primeiro momento expuseram resistência em relação a alguns desses pontos, como a questão da hierarquia e o respeito à ancestralidade, mas aderiram aos fundamentos porque:

[...] nossas mais velhas têm muito o que nos ensinar, quando as pessoas mais velhas falam, a gente baixa a cabeça, porque elas têm muitos conhecimentos para nos transmitir, elas têm muito o que nos ensinar. A gente traz isso da nossa educação do terreiro de candomblé. A hierarquia é uma base fundamental, onde os mais velhos ensinam aos mais novos (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Na perspectiva do fortalecimento e visibilidade feminina, o Movimento é um coletivo feminista, empoderado e constituído por mulheres negras, pobres, periféricas, não negras (brancas), não alfabetizadas, graduadas, especialistas, mestras, doutoras, desempregadas, concursadas, trabalhadoras formais, empreendedoras, mulheres vivendo situação de subemprego e extrema pobreza. Essas batuqueiras, que se autodeclaram guerreiras, tocam com maestria maracatu de baque virado, prática cultural de matriz africana. De acordo com mestra Joana, o Movimento possibilita a disseminação desse maracatu e o protagonismo feminista, porque ele:

[...] vem lutando e fortalecendo suas práticas culturais a partir dos fundamentos religiosos das *yabás*, mulheres da Nação do Maracatu Encanto do Pina, e também das *yabás* ligadas as outras Nações, com as orixás mulheres. A gente vem com a força das orixás femininas, por exemplo, as cores, rosa e laranja, do Baque Mulher representa Obá e Iansã, duas mulheres fortes, guerreiras. O Baque Mulher luta contra toda forma de opressão as mulheres, segue o exemplo das mulheres mais velhas e, fortalece em todos os aspectos as manifestação afro-brasileira (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020).

Portanto, é um movimento de mulheres empoderadas que tocam maracatu de baque virado, que tende a visibilizar, fortalecer e protagonizar as narrativas feministas sobre os saberes culturais ancestrais, enfatizando os conhecimentos das participantes nas ações promovidas nesse coletivo, que se autodeclaram empoderadas e feministas do baque virado.

De acordo com mestra Joana, esse coletivo une forças, não legitima um saber único, mas múltiplas formas de saberes, pois como descreve Paulo Freire (2005) “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. Pode-se aferir que é provável, a Mestra compreender que cada mulher vem e contribui da forma que mais lhe convém, a partir dos seus saberes, conhecimentos e da sua bagagem cultural, por exemplo:

Carol [batuqueira do Baque Mulher São Paulo] e Roberta [coordenadora desse grupo do Movimento] contribuem na questão administrativa, na organização. A gente vai unindo forças, soma e se junta. Não tem essa de tu faz isso, tu faz aquilo, todas fazem tudo, porque o Baque Mulher é um coletivo que se ajuda mutuamente (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

Nessa conjuntura, mestra Joana entende o Movimento como uma fonte de informação para protagonizar a memória das populações afrodescendentes, a partir das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira. Esse coletivo transmite as tradições, expressões e manifestações dessa população, por ser um espaço que possibilita a preservação da memória e identidade (BOSI, 1979).

Como exemplo dessa prática, mestra Joana cita as oficinas ministradas nos Encontros Nacionais, do Maracatu Baque Mulher. Tais encontros reúnem *yalorixás*, *iabassê*, *yabás*, as mães do Pina (mães de santo que residem na Comunidade do Bode), pesquisadoras, não alfabetizadas, mulheres de todas as classes sociais, raças,

religiões e faixas etárias que juntas planejaram o I, II, III, IV e V Encontro Nacional Baque Mulher, além de várias atividades cotidianas, objetivando fortalecer e disseminar a cultura da ancestralidade negra.

De acordo com a Mestra, os aspetos que designam o Movimento como fonte de informação para disseminar as práticas da cultura de matriz africana, especialmente, em Recife, Pernambuco são:

[...] as loas porque invoca e saúda os orixás, nossos ancestrais. E também nos seminários realizados, principalmente nos Encontros Nacionais [I, II, III, IV e V Encontro Nacional Baque Mulher], nas rodas de conversa e nas atividades religiosas dentro do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro que acolhe todas as pessoas, inclusive, há um expressivo número de coordenadoras regionais do Baque Mulher que participam de outros terreiros, mas participam das nossas cerimônias religiosas, aprendendo os fundamentos do candomblé nagô (MESTRA JOANA CAVALCANTE, 2020, grifo nosso).

No âmbito do maracatu de baque virado, o Movimento representa para a cultura do Recife, “fortalecimento das mulheres, luta, acredito que representa muitas coisas [...] é um movimento de empoderamento feminino, que visa o empoderamento das mulheres num todo”. A base desse movimento é “união, fortalecimento e sororidade”, afiança a Mestra, que declara “sou uma mulher que amo todo mundo, o meu maior prazer é ter todo mundo junto, fortalecer e ajudar”, afirma mestra Joana Cavalcante (2020).

Sobre suas composições autorais revela “as loas da minha autoria sou eu que crio as letras, melodias e arranjos. Tem isso de partituras, não”, afirma mestra Joana Cavalcante (2020). Mesmo considerando o conhecimento teórico na área musical, é possível considerar a Mestra compositora, arranjadora e maestrina das suas composições melódicas.

Mestra Joana é uma mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, *yakekerê* nascida e criada na periferia do Recife, vivencia o maracatu Nação desde o ventre da sua mãe a *iabassê* Maria do Carmo da Silva. Aprendeu na resistência o que é assumir um lugar de militância dentro das Nações de maracatu na condição de mulher preta da pele retinta, viveu e continua vivendo muitas dores (PIEDADE, 2017).

Desde antes da Mestra nascer, a família já era praticante do candomblé nagô e também brincante dessa expressão cultural. Seu pai, *babalorixá* Manuel Cavalcante,

foi regente e diretor geral da Nação Encanto do Pina e diretor de apito do baque de maracatu da Nação Porto Rico, atualmente compõe a diretoria administrativa da Nação Encanto do Pina. Segundo a Mestra (2020), sua mãe é Baiana de Branco, sua avó paterna foi Dama de Paço dessa nação e a *yalorixá* que fundou o *Ylê Axé Oxum Deym*. Toda sua família participava da Nação Porto Rico e teve como *babalorixá* seu Eudes Chagas.

Compreende-se que as mulheres maracatuzeiras, nascidas e criadas dentro do contexto de periferia e também do maracatu, que são do berço dessa prática cultural, durante décadas, não compreendiam, não sabiam definir as violências que sofriam, a exemplo da violência moral, psicológica, mas com o alargamento das ferramentas tecnológicas, essas mulheres já conseguem definir as diversas formas de violência, porque tem a tecnologia para facilitar o acesso à informação, mas antes elas não identificavam racismo, machismo nas comunidades periféricas e nem nas Nações de maracatu (SAFFIOTI, 2004).

Mestra Joana (2020) declara que também não conseguia identificar nada disso, e destaca que “antes a mulher não podia tocar maracatu, e quando lhe é permitido teria que prender o cabelo, usar chapéu e usar as mesmas roupas, trajes, figurinos que os homens”. A partir do conhecimento sobre feminismo negro e empoderamento feminista, a Mestra começou a questionar tal contexto, ela se reconhece como uma mulher que combate veementemente todas as práticas que tendem a camuflar, principalmente legitimar as práticas machistas, de acordo com Heleieth Saffioti (2004), esse contexto é fruto de uma estrutura estruturante de sociedade pautada no patriarcado e na violência de gênero, que ainda se faz presente nas práticas de uma expressiva parcela de brasileiras e brasileiros.

A mulher, no contexto do patriarcado estrutural, foi educada para ocupar os espaços privados, casar-se, cuidar do companheiro/esposo e da sua prole (DAVIS, 2016), dessa forma, ela foi impedida de realizar várias atividades, inclusive tocar maracatu.

O argumento para justificar essa violência era que mulher nasceu para rodar saia, não pode tocar no tambor porque menstrua, mestra Joana e tantas outras mulheres só obedeciam, porque durante muito tempo foi assim estabelecido nas Nações de maracatu. Mas, à medida que a Mestra foi crescendo, foram florescendo suas curiosidades, perguntas e questionamentos sem respostas, contexto que

impulsionou mestra Joana a estudar, compreender e combater todas as formas de violência contra as mulheres (CARNEIRO, 2019).

Passaram-se os anos e, quando o *babalorixá* Eudes Chagas faleceu, a *yalorixá* dona Maria de Sônia filha de santo desse *babalorixá*, que, assim como mestra Joana, era uma mulher negra, pobre, periférica, cadomblecista e, mãe de santo da avó da Mestra, para garantir a continuidade da manifestação do maracatu na família fundou a Nação do Maracatu Encanto do Pina, mestra Joana e toda família, desde então, sempre estiveram inserida no contexto do maracatu com essa *yalorixá* e a Mestra foi criada transitando com todas as crianças da comunidade dançando maracatu (CARNEIRO, 2005). Quando mestra Joana e essas crianças cresceram, já era permitido às mulheres tocarem no baque das Nações de maracatu, momento histórico na conquista dos direitos das mulheres, mas como nem tudo são flores, as mulheres continuavam sendo rejeitadas e coadjuvantes nessas Nações (SANTOS, 2022).

Quando dona Maria de Sônia faleceu o *babalirixá* Marcelo, pai de mestra Joana assumiu a Nação do Maracatu Encanto do Pina, mas por circunstância de questões relacionadas à saúde, religiosidade e de ondem pessoal, ele não teve como dar continuidade e permanecer à frente dessa Nação por muito tempo. Ele se ausentou e não tinha quem assumisse o baque/batuque desse maracatu. A Mestra se colocou a disposição para essa função, mas inicialmente não obteve o consentimento para ser a regente/responsável em apitar o baque da Nação Encanto do Pina.

Importa destacar que mestra Joana não entendia o real motivo pelo qual não podia fazer a regência desse baque, já conhecia tudo sobre maracatu e tocava todos os instrumentos, além disso, é a herdeira da nação em tela. Mas, no curto espaço de tempo, por determinação espiritual, como já explicitado neste doutorado, a Mestra passa a assumir todas as responsabilidades dessa nação. Ela já vinha militando, com trabalhos sociais, dentro da Comunidade do Bode com as crianças, adolescentes e jovens, especialmente com as meninas, para sempre estarem juntas e buscarem soluções reais para as dificuldades vivenciadas na comunidade e, na regência dessa nação mestra Joana teve e continua tendo muitos obstáculos para permanecer como mestra da Nação Encanto do Pina, uma vez que o maracatu Nação é compreendido como um espaço “anteriormente hegemonicamente masculino” (SANTOS, 2017).

Como destacado neste escrito, em 1999, a Mestra cria o grupo “Filhas da Oxum Opará” e, em 2008 assume o baque da Nação Encanto do Pina e funda o maracatu

mirim dessa nação. Nesse mesmo ano institui o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher.

Outro momento marcante, na trajetória de mestra Joana, foi quando ela sinalizou ser capaz de fazer a regência do baque da Nação Encanto do Pina, a *yalorixá* Maria Helena, sua mãe de santo, junto com a *yalorixá* vó Quixaba, sua avó paterna, disseram “não, a gente vai ter que jogar os búzios para saber se você pode”. A Mestra ficou com muitos questionamentos na cabeça - porque tem que jogar os búzios para saber se eu posso fazer uma coisa que já faço naturalmente. Ela considerava normal ser a sucessora do pai, já que ninguém da família queria essa responsabilidade e, ela foi nascida e criada no contexto do maracatu, não só dançava mais já sabia tocar todos os instrumentos, cantar as loas e fazer tudo dentro do maracatu Nação.

Até, então, a Mestra não imaginava que existia machismo, racismo, não entendia a razão para ser impedida de reger a Nação Encanto do Pina, mas quando foram jogados os búzios, lemanjá e Oxum, orixás que conduzem os trabalhos espirituais do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro da *yalorixá* vó Quixaba, autorizaram que mestra Joana assumisse a nação em 2008.

Após alguns anos na regência dessa nação, foi que a Mestra entendeu o motivo das preocupações das mais velhas, sua mãe de santo e sua avó paterna, em relação à regência de uma Nação de maracatu, que tem seus fundamentos no candomblé nagô. Desde então, mestra Joana começou a identificar e entender o que era machismo, racismo. No primeiro momento que ela assumiu o maracatu, a primeira coisa que os batuqueiros mais antigos, principalmente os de idade avançada/idosos saíram, inclusive algumas mulheres não quiseram continuar na nação, porque achavam um absurdo uma mulher à frente do baque.

A Mestra ficava se perguntando: por quê? Pela ingenuidade ela acreditava que as batuqueiras e batuqueiros que não continuaram no baque da nação, era porque não gostavam dela. Mestra Joana não entendia, mas mesmo assim continuou na regência, não imaginava que seria a primeira mestra, para ela, estava na frente regendo um baque, porque não tinha ninguém para assumir essa responsabilidade, mas quando assume a nação em 2008, a partir das determinações espirituais é, que a Mestra começa a entender todas as violências que uma mulher mestra de maracatu de baque virado vivencia no contexto do maracatu pernambucano.

Foi preciso a Mestre convidar crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode e adjacências para fortalecerem o baque da Nação Encanto do Pina. Muitas pessoas de outras cidades, Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba também vieram para fortalecer a nação em tela, mas todos os homens da comunidade batuqueiros saíram e algumas mulheres também, como frisado anteriormente.

Em 2022, fez 14 anos que mestra Joana está nessa missão, mestra de uma Nação de maracatu de baque virado, uma missão de muitas responsabilidades, árdua, dolorosa, mas também bastante gratificante, pois a Mestre fala com entusiasmo sobre sua regência na Nação Encanto do Pina. Antes de se tornar mestra dessa nação, sentia que dentro do maracatu, especificamente, no baque das Nações Encanto do Pina e Porto Rico sediadas na Comunidade do Bode, “eram espaços hostis para as mulheres maracatuzeiras”, diz mestra Joana Cavalcante (2020).

Pode-se aferir, como afirma mestra Joana Cavalcante (2021)¹⁷⁰, que por mais que já se tivesse quebrado o tabu das mulheres desfilarem nas Nações tocando maracatu, as Nações até um passado recente, de um modo geral, não eram acolhedoras, os homens, salvo as exceções, tinham olhares de reprovação sobre a participação das mulheres como maracatuzeiras nas Nações de maracatu de baque virado, desconsiderando e invisibilizando o protagonismo das mulheres no maracatu Nação, que tem Pernambuco como o Estado expoente na disseminação dessa expressão cultural afro-pernambucana, protagonizada por mulheres desde outrora até os dias atuais. Elas sustentaram e continuam sustentando a base dessa manifestação cultural, como por exemplo costurar, confeccionar adereços, planejar e executar as atividades realizadas nas Nações de maracatu.

Conforme relato de mestra Joana, ela sentiu a necessidade de criar um espaço exclusivamente para as mulheres tocarem maracatu, que pudessem tocar com prazer, sorriso estampado no rosto, sem serem subjugadas com olhares de reprovações dos homens. De tal modo, que ela reuniu as crianças, adolescentes, jovens, mulheres de todas as idades da Comunidade do Bode e adjacências que participavam das Nações Encanto do Pina e Porto Rico, para tocarem no centro do Recife, porque nessa comunidade já existiam as Nações em tela. A Mestre também fazia parte,

¹⁷⁰ Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QDE9lyhPB1k>. Acesso em: 26 out. 2022.

coordenando a ala do agbê e o Ponto de Cultura da Nação Porto Rico, já exposto neste escrito.

Ao término dessa entrevista, mestra Joana Cavalcante (2020) falou para à pesquisadora “*Intellectual*, tu, não vai abandonar a gente não, né?”. À pesquisadora sentiu-se lisonjeada e surpresa com a pergunta, espontaneamente elas sorriram. Em seguida a Mestra disse “tu agora *abaicou* a Comunidade do Bode, tu não pode sair do Bode mais não, visse” [risos].

É oportuno registrar que as expressões “*Intellectual* e *abaicou*”, destacadas na fala de mestra Joana, são utilizadas com frequência no dialético cotidiano da pesquisadora, inclusive para se referir as pesquisadas, bem como para elucidar uma ação nos mais diferentes contextos, até mesmo no que diz respeito as ações, atividades desse doutorado que foi abarcado, ou seja, concluído.

Como destacado nesta tese de doutoramento, atualmente à pesquisadora é batuqueira do Baque Mulher João Pessoa, coralista do Baque Mulher Recife e da Nação do Maracatu Encanto do Pina, também é madrinha (colabora de forma financeira e afetivamente) nas demandas pessoal de uma criança de 11 anos que participa de forma assídua do Projeto Encantinho do Pina, promovido pela nação em tela, sob a coordenação geral de mestra Joana.

Isso ratifica a maneira de compreender se essa tese dialoga com o campo pesquisado, especificamente com as expectativas da Mestra e, se pesquisadora e pesquisada estão sintonizadas, compreendendo o principal objetivo do ponto de vista da função social dessa pesquisa. Nesse contexto, pode-se aferir que pesquisadora e pesquisada fortaleceram as suas convicções identitária acerca da construção das suas práxis, ou seja, apresentando seus conhecimentos relacionados as questões sociais, reflexões políticas, econômicas, morais, culturais e ideológicas, que em certa medida, estão sincronizados.

Mestra Joana Cavalcante carrega consigo o legado, que recebeu e continua recebendo da sua vó paterna, mãe biológica e pai biológico – *yalorixás* e *babalorixá* do *Ylê Axé Oxum Deym* e, também dos ensinamentos das mães do Pina: mãe Helena, mãe Laura, mãe Enézia, mãe Penha, mãe Tânia – *yalorixás* que residem na Comunidade do Bode. Mestra Joana é responsável pela coordenação geral e regência do Maracatu Baque Mulher e, rege o baque da Nação do Maracatu Encanto do Pina,

uma das Nações mais reconhecida no Estado de Pernambuco, além disso, é responsável pela manutenção dessa tradição afro pernambucana.

7.2 SABERES DAS MARACATUZEIRAS DO MARACATU BAQUE MULHER: GUERREIRAS BATUQUEIRAS DO BAQUE VIRADO QUE JUNTAS SE FORTALECEM E CAMINHAM MELHOR

Tanaka, Barbosa e Oliveira (2017) afirmam que os coletivos de maracatu constituídos por mulheres feministas proporcionam às suas participantes um lugar de fala, bem como a oportunidade de compor, cantar, dançar e tocar percussão, atividades que outrora lhes foram negadas.

Em consonância com essas autoras, as batuqueiras desses coletivos, especificamente do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher apropriam-se das práticas culturais afro-brasileiras, tornando-as reconhecidas nacional e internacionalmente, a exemplo de mestra Joana Cavalcante, Tenily Guian - coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro e uma das fundadoras do movimento em tela, Aline Valentim - dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro e coordenadora da ala de dança da Nação do Maracatu Encanto do Pina, dentre outras participantes desse movimento de maracatu de baque virado, que já se apresentaram na Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda (países baixos), Inglaterra, Portugal, Suécia, Angola entre outros países da África, terceiro continente mais extenso do mundo.

Segundo a entrevistada Guerreira 10 do Sudeste¹⁷¹, até a fundação do Baque Mulher Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 2018, não existia nessa região a presença de grupos de maracatus nem movimentos artísticos que disseminassem com obstinação a cultura da população negra, a exemplo do maracatu de baque virado.

O Baque Mulher Zona Oeste-RJ é uma extensão do Movimento, idealizado e fundado na capital de Pernambuco, Recife em 12 de outubro de 2008, pela mestra Joana Cavalcante. Esse grupo foi autorizado pela mestra e fundado por Tenily Guian

¹⁷¹ Refere-se a décima entrevistada dessa pesquisa, o complemento “do Sudeste” é justamente pelo fato dessa entrevistada declarar residir/morar nessa região do Brasil.

em 4 de setembro de 2018 no bairro de Campo Grande, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

O Baque Mulher Zona Oeste-RJ, assim como os outros grupos, também extensão desse coletivo, prima pelo acolhimento e sororidade, promovendo a oportunidade de acesso à cultura e ao lazer às mulheres residentes nesse território¹⁷². De acordo com a entrevistada Guerreira 10 do Sudeste, foi a partir da efetiva atuação desse grupo, que constitui o movimento pesquisado, que as manifestações do maracatu de baque virado, passaram a ser disseminadas no Rio de Janeiro, possibilitando a população carioca alargar seus conhecimentos sobre esse ritmo afro-brasileiro e seus fundamentos, oriundos do candomblé.

Conforme Roger Bastide (1989), candomblé é uma das religiões de matriz africana, difundidas no Brasil pelas populações africanas, que foram trazidas para terras brasileira em situação de escravidão. Para Raul Lody (1987), além de ser compreendido como uma religião, o candomblé é também uma resistência cultural.

Desde a fundação do Baque Mulher Zona Oeste-RJ, suas integrantes se articulam, se unem para tocar tambor, almejando também levar mensagens de luta, resistência e combate a todas as formas de violência e opressão, almejando conquistar e assegurar os direitos das mulheres. Elas também ministram oficinas de maracatu de baque virado, focando nos toques, danças, loas, narrativas do maracatu, lendas e contos africanos nas escolas do Rio de Janeiro, sob a coordenação local de Amle Pimentel, com a colaboração de Tenily Guian e coordenação geral de mestra Joana Cavalcante.

Para a entrevistada Guerreira 10 do Sudeste, esse é um ato de resistência, enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa nas instituições de ensino, destacando ainda que o Baque Mulher Zona Oeste-RJ precisa ter muita cautela, principalmente autorização da milícia, uma vez que essa facção é contra as religiões de matriz africana, alega a entrevistada.

Ela ainda narra que “milicianos do Rio de Janeiro perseguem terreiros de candomblé, jurema e os centros de umbanda”. Essa narrativa corrobora com o pensamento de Kabengele Munanga (2003), ao refletir sobre raça, racista e racismo, exposto na palestra intitulada “Uma abordagem conceitual das noções de raça,

¹⁷² Informações disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=TR4jAOa8k4U>. Acesso em: 16 jun. 2022.

racismo, identidade e etnia” proferida no “3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ”¹⁷³ em 5 de novembro de 2003, quando o autor afirma:

A raça na cabeça dele [racista] é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele [racista] considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele [racista] pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2003, p. 8, grifo nosso).

Em 2019, ocorreu no Rio de Janeiro uma declarada perseguição aos terreiros de matriz africana¹⁷⁴. Essa matéria publicada na internet endossa a seguinte narrativa:

[...] é muito recorrente as perseguições contra os terreiros das religiões de matriz africana na Zona Oeste do Rio de Janeiro, as milícias chegam nos terreiros localizados nas periferias da cidade, quebrando tudo que ver pela frente e escreve - só Jesus salva, além disso, apedrejam as pessoas praticantes dessas religiões, que são obrigadas a abandonarem seus templos religiosos (GUERREIRA 10 DO SUDESTE, 2020).

Em relação à expansão do maracatu, a entrevistada Guerreira 12 do Sudeste, afirma que há maracatu até no Japão, além disso, a entrevistada assevera que já existe maracatu gospel, corroborando com o ponto de vista de Afonso Aguiar Filho (2013), quando ele garante que essa expressão cultural “já invadiu o mundo” acrescentando ainda que “até no Japão tem o maracatu japonês e na igreja já tem o maracatu gospel, maracatu para Cristo”.

A entrevistada Guerreira 4 do Sul¹⁷⁵ declara “já ouvi vários relatos de mulheres que tinham depressão e a partir de sua inserção no Movimento, elas tiveram uma nova motivação de vida, esse coletivo me traz muita consciência, entendimento da religiosidade e muita alegria”. Nesse sentido, esse grupo de batuqueiras de maracatu de baque virado, combate todas as formas de preconceitos, violência contra as

¹⁷³ Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira do Rio de Janeiro (PENESB-RJ).

¹⁷⁴ Informações dessa matéria disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-investiga-ataques-a-terreiros-de-umbanda-e-candomble.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

¹⁷⁵ Refere-se à quarta entrevistada dessa pesquisa, o complemento “do Sul” é justamente pelo fato dessa entrevistada declarar residir/morar nessa região do Brasil.

mulheres, inclusive intolerância religiosa, machismo e colabora com a redução de quadro depressivo. O Maracatu Baque Mulher, para essa entrevistada é um movimento de cura para muitas mulheres.

Constata-se que há mulher que vive estágio depressivo e em alto grau de ansiedade, vivendo em situação de muita violência. Segundo a entrevistada Guerreira 13 do Centro-Oeste¹⁷⁶, “esse momento vivenciado pelo gênero feminino é muito doloroso, tornando-se um adoecimento coletivo, geral”. As mulheres que integram esse coletivo precisam “rever suas ações, fazer uma imersão, se conectarem com a natureza, terem contato com a terra, rios e águas, para aprenderem com a natureza o significado de ser mulher”, alega a entrevistada.

Antes de integrar o Movimento, a entrevistada Guerreira 31 do Nordeste¹⁷⁷ foi acometida por uma depressão. Ela revela a contribuição do coletivo na recuperação desse estágio de adoecimento ao afirmar “foi através do Maracatu Baque Mulher que eu saí de uma depressão muito feia”. Atualmente essa entrevistada canta, toca alfaia, agbê e ganzá, porém, diz “não sei fazer tudo, mas tenho orgulho de ser uma das componentes do grupo, me sinto superfeliz e muito orgulhosa de fazer parte desse coletivo, porque é coordenado pela mestra Joana, um exemplo de mulher”, assevera a entrevista.

Ao considerar as narrativas das entrevistadas, identifica-se o Movimento como um coletivo feminista que acolhe mulheres, possibilitando a elas compartilharem suas dores, conhecimentos e alegrias, exercitarem sua dororidade, defendida por Vilma Piedade (2017). Trata-se da capacidade das mulheres sentirem a dor das outras, colocar-se no lugar das mulheres que estão vivendo um processo doloroso, aspecto indispensável para se praticar efetivamente a sororidade (ROSCHEL, 2020).

Ponderando o que foi narrado nestas entrevistas, entende-se que as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira realizadas pela mestra Joana Cavalcante e pelo Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher contribuem significativamente na disseminação dessa cultura nas cidades onde atuam.

¹⁷⁶ Refere-se a décima terceira entrevistada dessa pesquisa, o complemento “do Centro-Oeste” é justamente pelo fato dessa entrevistada declarar residir/morar nessa região do Brasil.

¹⁷⁷ Refere-se à trigésima primeira entrevistada dessa pesquisa, o complemento “do Nordeste” é justamente pelo fato dessa entrevistada declarar residir/morar nessa região do Brasil.

Percebe-se que as mulheres participantes desse movimento por meio das suas práticas, almejam uma relação de igualdade entre mulheres e homens, elas repudiam a relação de domínio e subordinação em todas as dimensões e espaços. As batuqueiras desse maracatu lutam no combate e aniquilamento de todas as formas de opressão e violência contra as mulheres.

As batuqueiras do Maracatu Baque Mulher são submetidas aos diferentes marcadores, por exemplo: são mulheres negras, residentes em regiões periféricas. Dito isso, constata-se os marcadores de: gênero, etnia, e região, constituintes dessas mulheres e que podem definir os locais que elas ocupam e, quais as possibilidades de acesso a oportunidades e ambientes dessas batuqueiras.

É importante ponderar as subjetividades, necessidades e realidades específicas das mulheres que integram esse maracatu de baque virado e feminista. É preciso entender a realidade onde essas batuqueiras atuam, considerando o contexto delas minorizadas socialmente.

O Maracatu Baque Mulher é composto também por mulheres negras, militantes de diversos movimentos sociais, advogadas, arquitetas, arquivistas, artesãs (trabalhadoras manuais), atrizes, autônomas, babás, bancárias, cantoras, compositoras, cozinheiras, cuidadoras de pessoas idosas, dançarinas, diaristas (faxineiras), educadoras sociais, engenheiras, escritoras, médicas, musicistas, pedagogas, pesquisadoras, produtoras culturais, professoras, trabalhadoras em casa de família (empregadas domésticas), vendedoras entre outras profissões.

O movimento se constituiu em 2008, após a iniciativa de mestra Joana convidar batuqueiras do Encanto do Pina e Porto Rico, Nações de maracatu de baque virados sediadas no Pina, Recife, Pernambuco.

O fortalecimento dessas batuqueiras vem visibilizando a cultura afro-brasileira, especificamente o maracatu Nação e, desde então, vem se reunindo e realizando diversos eventos para divulgar essa cultura, bem como protagonizando as práticas feministas e a preservação dos saberes da população negra, corroborado com o não apagamento das memórias e sociabilidades das mulheres negras pernambucanas, combatendo o processo de exclusão da população negra da região Nordeste, através das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, fortalecendo os aspectos sociais e culturais relacionados a cultura negra, organizados a partir dos ideias de igualdade e democracia, em vez da exclusão e exploração.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira realizadas pela mestra Joana Cavalcante e pelo Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher são disseminadoras da cultura negra, possibilitando o contexto de alargamento dos fatos memorialísticos e identitários dessa cultura à luz do protagonismo, empoderamento, resistência, fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, essas práticas são apreendidas como um fenômeno social a ser compreendido no horizonte que aponta para a diversidade cultural, permitindo discussões de gênero, inclusive nas universidades. Elas também disseminam a cultura afro-brasileira no Brasil, de maneira especial em Pernambuco. No entanto já foi possível difundir às expressões e manifestações afro-pernambucanas na Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda (países baixos), Inglaterra, Portugal, Suécia, Angola entre outros países da África. As práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, são recomendadas para salvaguardar a memória e a identidade dos diversos símbolos culturais do Brasil nesses países.

Nessa conjuntura mestra Joana e as mulheres que compõem o Movimento são disseminadoras da informação dos marcadores da africanidade, conjunto das diversas expressões advindas das populações africanas e afrodescendentes que assinalam expressivamente a trajetória cultural brasileira.

A memória desses marcadores protagonizados pela Mestra e pelas participantes do Movimento, à luz do empoderamento e resistência feminista dessas mulheres são abarcados como práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira. Tais marcadores compõem o processo civilizatório das pessoas negras e não negras e, são pautados na conexão histórico-cultural com a África, identificada na produção material e simbólica do Brasil, na memória individual e coletiva de mestra Joana e das participantes desse movimento.

As narrativas orais possibilitam testemunhar acontecimentos, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea em alusão ao objeto estudado. A observação participante, viabilizou a investigação social numa perspectiva de interação, sendo possível verificar a participação ativa das mulheres nas

expressões artísticas e religiosas, com vistas a ampliar e fortalecer as discussões sobre a cultura afro-brasileira em Recife e numa proporção menor em Lisboa, Portugal.

A perspectiva de análise na qual nos fundamentamos permitiu observar o protagonismo feminista no âmbito cultural. A partir do fortalecimento e visibilidade das práticas informacionais de socialização da cultura negra, a partir das narrativas das mulheres, captamos marcas de como, a Mestra e o coletivo transmitem as tradições afrodescendentes em sua região, revelando aspectos que o designam como fonte de informação adequada para disseminar a cultura de matriz africana, especialmente, em Recife.

O protagonismo e o empoderamento feminista na reconstrução dessa cultura configuram-se em relevantes mecanismos para ponderar as relações de gênero e raça, com vistas a ampliar e fortalecer as discussões sobre esse fenômeno social que precisa ser compreendido no horizonte que aponta para salvaguardar e reconstruir a memória da população afrodescendente.

Compreende a informação como uma operação relevante na salvaguarda das expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, abarcando a informação como força motriz para a construção da memória e preservação dos significados identitários dessa cultura.

Há inúmeros desafios na busca constante da preservação e disseminação da cultura de matriz africana, sobretudo que abarque o fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas na memória e na identidade cultural afrodescendente. Nessa perspectiva é coesivo repensar o papel do homem na sociedade em relação ao desrespeito às mulheres; e conscientizá-los acerca dessa atitude.

É um desafio para a memória e a identidade cultural do Brasil. É essencial a reflexão dessa discussão para que as políticas culturais, considerem os saberes, conhecimentos e, que as práticas das mulheres possam ser significativas e emancipadoras no contexto cultural do país.

Assim, avalia pertinente a reflexão sobre o tema, para compreender que as práticas culturais das populações afrodescendentes permitem um alargamento nas expressões e manifestações de matriz africana, que articuladas têm o potencial de contribuir na formação identitária e memorialística da nação brasileira.

Observa que as ações das mulheres entrevistadas refletem diretamente no contexto cultural das cinco regiões do Brasil, influenciando, de um modo geral, o cotidiano do universo feminino. Assim, as mulheres tendem a refletirem sobre suas práticas e sobre a realidade na qual se encontram inseridas.

Para trazer sugestões de outras pesquisas relacionadas ou aprofundamento dos aspectos sugeridos por esta, é pertinente destacar que se realizou entrevista com a trigésima segunda batuqueira, identificada como Guerreira 32 de Lisboa, Portugal, realizada em 28 de fevereiro de 2020, teve dezenove minutos e seis segundos de duração. Porém, não foi analisada justamente pelo fato de a entrevistada estar representando o Baque Mulher Lisboa, sediado em Portugal, por sua vez, o recorte dessa pesquisa é nacional, ou seja, no território brasileiro.

Tal entrevista foi realizada com o intuito de sondar, mesmo que minimamente, como as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira realizadas pela mestra Joana Cavalcante e pelo Movimento contribuem na disseminação da informação referente às expressões e manifestações dessa cultura no exterior, especificamente, em Lisboa, Portugal.

Considera pertinente também registrar as limitações da pesquisa, entre elas a impossibilidade de aprofundamento em aspectos importantes, considerando a quantidade de entrevistas realizadas. O risco assumido resultou na riqueza de informações e na possibilidade de cumprir os propósitos relacionados à construção do glossário, tendo como consequência a possibilidade de compreensão do vocabulário e das características do Maracatu Baque Mulher.

A percepção das participantes desse coletivo, sobre a sociedade brasileira, para elas uma sociedade historicamente capitalista, coronelista, homofóbica, intolerante, lesbofóbica, machista, misógina, neoliberal, patriarcal, preconceituosa, racista, transfóbica e violenta, que corrobora com o sistema do capitalismo, colonialidade, meritocracia, neoliberalismo, com os tipos de feminicídio, racismo e violência, que ao seu modo tenta impor de forma naturalizada, principalmente as pautas relacionadas aos direitos das mulheres, de modo especial as negras.

Essas participantes apontam o movimento analisado como um espaço formativo de transformação social e cultural, que dissemina informações referentes as pautas urgentes e necessárias no combate ao machismo, sobretudo a não legitimação de qualquer forma de preconceito, opressão, intolerância religiosa e violência, além

disso, avalia ser um maracatu de feministas do baque virado e imprescindível para fomentar as expressões e manifestações da cultura afro-brasileira, além disso, é um coletivo de mulheres empoderada que ao longo da sua trajetória de quase 15 anos, vem quebrando barreiras, unindo fronteiras e vencendo tabus, no que tange ao protagonismo feminista na disseminação dessa cultura, especificamente no maracatu de baque virado, expressão cultural afro-pernambucana.

Constata que, embora intelectuais tenham criticado e refutado as teorias raciais e de gênero, pautadas na miscigenação da população brasileira, enaltecendo o tributo equitativo das três denominadas “raças”, na formação da sociedade brasileira, persiste a desconsideração das tensões, conflitos e contradições das relações raciais no Brasil. Historicamente estabelecidas pelo processo de formação, pautado no regime da economia patriarcal, elas resultaram na desmobilização, e invisibilidade da raça negra, nomeadamente das mulheres negras.

Os resultados mostram que há desafios na busca constante da preservação e disseminação das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira, abrangendo as narrativas feministas. Sob esta ótica, defende o tema como fenômeno social relacionado a gênero e raça, que deflagra a reconstrução da memória e identidade cultural da nação. Assinala expandir horizontes nos estudos referentes a informação, cultura, memória e identidade das expressões e manifestações afrodescendentes no campo da Ciência da Informação, ponderando os marcadores sociais da diferença: gênero e raça.

Considera o protagonismo e empoderamento das mulheres na reconstituição dessas expressões e manifestações, compreendendo que elas possibilitam um alargamento da cultura negra, que articulada, tem o potencial de contribuir na formação identitária e memorialística da nação brasileira. Evidencia indícios de modificação das estruturas políticas, sociais e culturais das expressões e manifestações afrodescendentes, entre elas o maracatu Nação.

O trabalho possui relevância sociopolítica e cultural, ao apresentar o maracatu de baque virado, manifestação de uma prática da cultura popular que, estruturalmente, se localiza na dimensão da resistência/preservação e, também, socialização de elementos constitutivos da cultura afro-brasileira, historicamente discriminada. Além disto, ele é um instrumento de luta política.

Ao apreender as práticas constitutivas desta manifestação pela dimensão informacional, correlacionando-as com as questões infomemorialísticas e identitárias, situa o objeto no campo da Ciência da Informação e o muni de originalidade, aspecto diferenciador e especificador de uma tese de doutoramento.

As práticas de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher são práticas informacionais socializadoras de elementos memorialísticos da cultura afro-brasileira que contribuem para a construção e preservação da memória e identidades afrodescendentes. Destaca o protagonismo e empoderamento da mestra nas Nações de baque virado, a partir da tríade informação, cultura e memória, compreendendo-as complementares na reconstrução das práticas memorialísticas e identitárias das expressões e manifestações culturais de matriz africana. Descreve as práticas informacionais e a trajetória artística da Mestra e do Movimento sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado.

Para tanto, analisa as práticas informacionais das expressões e manifestações afro-brasileiras sob a ótica de gênero, raça e classe no maracatu de baque virado como marcadores sociais da diferença do protagonismo identitário e memorialístico das mulheres afrodescendentes. Mapeia as práticas informacionais da cultura de matriz africana, na perspectiva das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, a partir das dimensões do protagonismo feminista, considerando as narrativas dessas batuqueiras.

Destaca os elementos memorialísticos do conjunto de práticas, a partir dos registros de fazer e pensar por meio da oralidade. Elabora um glossário para organizar as narrativas, fundamentar e evidenciar os processos e as práticas informacionais realizadas. Inclui entre os instrumentos de obtenção de dados a observação participante, a história oral de vida, os registros imagéticos, a etnografia e o estudo de caso que constituem o cotidiano das entrevistadas. Realiza análise de conteúdo, agrupando os dados em categorias. Os resultados mostram que há desafios na busca constante da preservação das práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, abrangendo as narrativas feministas. Sob esta ótica, defende o tema como fenômeno social relacionado a gênero, raça e classe. Discute as relações desses marcadores sociais da diferença, com vistas a ampliar e fortalecer as discussões desse fenômeno social que precisa ser compreendido no horizonte

que aponta para salvaguardar e reconstruir a construção histórica do país, que deflagra a reconstrução da memória e identidade cultural da nação. Assinala expandir horizontes nos estudos referente a informação, cultura, memória e identidade das expressões e manifestações afrodescendentes no campo da Ciência da Informação, ponderando os marcadores sociais da diferença.

Considera o protagonismo e empoderamento das mulheres na reconstituição dessas expressões e manifestações, compreendendo que elas possibilitam um alargamento da cultura afro-brasileira, que articulada, tem o potencial de contribuir na formação identitária e memorialística da nação brasileira. Evidencia indícios de modificação das estruturas políticas, sociais e culturais das expressões e manifestações afrodescendentes, entre elas o maracatu Nação.

O estudo contribui com as políticas culturais a partir das reflexões e ações que aspiram protagonizar as práticas feministas, conhecimento, aspectos da memória, identidade e valor das práticas informacionais afro-brasileiras, ampliando a concepção do empoderamento feminista na perspectiva das mulheres batuqueiras do Movimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

AGUIAR FILHO, Afonso Gomes de. TV Raiz.#2013 – Nação Maracatu Leão Coroado, 150 anos. [Entrevista cedida a] TV Raiz. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal REVISTA RAIZ. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J5rdyq4d_OQ. Acesso em: 23 ago. 2022.

AGUIAR, Neuma. **A mulher na força de trabalho na América Latina**. In. AGUIAR, Neuma (Org.). Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 02, p. 303–330, 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>. Acesso em: 24 ago. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. **"É de Nação Nagô!": o maracatu como patrimônio imaterial nacional**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ALMADA, Sandra. **Damas negras: sucesso, lutas, discriminação**: Chica Xavier, Léa Garcia, Ruth de Souza, Zezé Motta. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

ALMEIDA, Carla Maria de. **Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Memória, narrativas e fontes: o corpus da pesquisa em história oral e cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife. **Anais [...]**. Recife: UFPE, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270513413_ARQUIV_O_RESUMO.doc_TEXTO_Memoria_Fontes_Recife.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O Direito no Jovem Lukács: a filosofia do direito em história e consciência de classe**. São Paulo: Alfa Ômega, 2006.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Sartre: direito e política: ontologia, liberdade e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ANDRADE, Neiry Karla Carneiro de. **Auto dos orixás: uma ação afirmativa de resistência contra a intolerância religiosa e o racismo em João Pessoa – Paraíba**. 2022. Monografia (Graduação em Licenciatura em Teatro). Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ANSELMO, Tatyana Rodrigues. **O Baque Mulher: batucando o empoderamento feminino com a tradição sociocultural do maracatu de Recife/PE a Ribeirão Preto/SP**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A inclusão afrodescendente na era da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 61–75, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638>. Acesso em: 7 abr. 2023.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 31-54, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/19030>. Acesso em: 22 maio 2023.

ARAÚJO, Héveny Daniele Silva. **Maracatu pelas mãos de mulheres: histórias e memórias encruzadas pelo axé, resistência e militâncias no Baque Mulher**. 2020. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. **Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarado e frevo no carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 115-127, 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642/pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n3/v37n3a01.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

BAIRROS, Luiza Helena. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAMBIRRA, Natércia Ventura; LISBOA, Teresa Kleba. Enegrecendo o feminismo: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 270-284, 2019.

BARBOSA, Kátiusca Lamara dos Santos. **Da brincadeira a resistência: defendendo a territorialidade através da festa do coco de roda no Quilombo do Ipiranga, município do Conde/PB**. 2022. Tese (Doutorado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A mulher na Capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**. Tucson (EUA), v. 9, n. 1, p. 9-28, 2005.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **O caminho do negro no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **A Fonte Histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BENISTE, José. **Orum-Aiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BERKENBROCK, Volney. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BERNARDES, Júlia de Araújo. **Expressões culturais e experiências sociais: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC, 2003.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BIKO, Stephen Bantu. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Ática, 1990.

BOMBA, Mari. Família LGBTQIA+ encantada. [Entrevista cedida a] yabá Tenily Guian. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (123 min). Publicado pelo canal Mestra Joana Cavalcante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WeoTH0uQ2FQ>. Acesso em: 21 set. 2022.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 13 out. 2022.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Queroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.288/10**. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. **Guia orientador para mapeamentos junto aos povos e comunidades tradicionais de matriz africana**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/09/9_CNS_466_12.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

BRUM DE PAULA, Mirian Rose; ESPINAR, Gema Sanz. Coleta, transcrição e análise de produções orais. **Letras**, Santa Maria, n. 21, p. 69-84, 2000.

BUFREM, Leilah Santiago. Qualidade e quantidade como categorias indissociáveis de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 200-222, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/13e4/7ed452fcd1d5d69a43e387163b63d6bba1af.pdf>. Acesso em: 8 set. 2022.

BUFREM, Leilah Santiago. Reflexões sobre as dimensões da metodologia da pesquisa em Ciência da Informação e os estudos métricos da informação. *In*: SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; FROTA, Maria Guiomar da; MARQUES, Rodrigo Moreno (Orgs.). **Informação, mediação e cultura: teorias, métodos e pesquisas**. Belo Horizonte: Letramento: 2022. p. 43-71.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p.219-260, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vSbQjDcCG6LCPbJScQNxw3D/?format=pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Ancib, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 23 maio 2023.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CARNEIRO, Edison. **Religiões Negras: notas de etnografia religiosa; negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Mestra Joana. Mestra Joana Cavalcante. [Entrevista cedida a] **Objorc**, Campina Grande, 2022. Disponível em: <https://objorc.com.br/2022/11/07/mestra-joana-cavalcante/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

CAVALCANTE, Mestra Joana. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

CAVALCANTE, Mestra Joana. O nome dela é Mestra Joana Cavalcante. [Entrevista cedida a] Alma Preta Jornalismo. Recife: [s. n.], 2021. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal Alma Preta Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QDE9lyhPB1k>. Acesso em: 28 ago. 2022.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. London: Routledge, 1991.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folk-lore pernambucano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, LXX, II. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1908.

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

CRUZ, Jessé da. **A/r/tografando corpos negros no ballet clássico na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2019. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/DS/2019/366684_1_1.pdf. Acesso em: 6 abr. 2022.

DAVIS, Angela Yvonne. **Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday**. New York, Pantheon Books, 1998.

DAVIS, Angela Yvonne. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela Yvonne. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERRIDA, Jacques. **La Dissémination**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

DEUS, Lucas Obalera de. **Por uma perspectiva afroreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso**. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Stiftung, 2019.

DINIZ, Flávia Costa. **O maracatu e o combate à violência contra a mulher: uma história de lutas e poderes**. 2019. Monografia (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/MkwUOsNSh>. Acesso em: 25 mar. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. *In*: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula: a escrava**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres. 2004.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p. 49-64, 1994.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ENCONTRO NACIONAL MOVIMENTO DE EMPODERAMENTO FEMININO BAQUE MULHER. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://baquemulher.com.br>. Acesso em: 25 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp, 1995.

FIALHO, Laís Azevedo. O maracatu-nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira. *In*: Congresso Internacional de História, 13.; Semana de História, 22., 2017, Maringá. **Anais** [...], 2017. p. 1315-1321.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira. *In*: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 87-115.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas**: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/26603/1/DISSERTA%c3%87%83%20Walter%20Ferreira%20de%20Fran%a7a%20Filho.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2003.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro, 1952.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

GAMA, Zacarias. A quem serve a modernidade líquida de Bauman?. **Justificando**: mentes inquietas pensam Direito. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: http://www.justificando.com/2017/01/11/quem-serve-modernidade-liquida-de-bauman3/?fbclid=IwAR24UUSEGWvYj5fl5o_7fXf_DGZ6vM_XVuJbLtrovfKej8ssO2eC7F-k90g. Acesso em: 24 maio 2022.

GARCIA, Maria de Fátima; SILVA, José Antônio Novaes da. **Africanidades, afrobrasilidades e o processo (des)colonizador**: contribuições a implementação da Lei 10.639/03. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/69/3/150-1?inline=1>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/28209/16651>. Acesso em: 21 jun. 2022.

GOMES, Heloisa Toller. **O negro e o romantismo brasileiro.** São Paulo: Editora Atual, 1988.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 2 set. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel Therezinha (Org.). **O Lugar da Mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 89-106.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUEDES, Waschington Alves. Políticas de ação afirmativa: agência para a população negra no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de pesquisadores/as negros/as**, [S. l.], v. 10, Edição Especial, p. 159-181, 2018.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife.** [S. l.]: Irmãos Vitale, 1980.

GUERREIRA 1 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 2 DO CENTRO-OESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 3 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 4 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 5 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 6 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 7 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 8 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 9 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 10 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 11 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 12 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 13 DO CENTRO-OESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 14 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2019.

GUERREIRA 15 DO SUDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 16 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2021.

GUERREIRA 17 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 18 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 19 DO CENTRO-OESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 20 DO CENTRO-OESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 21 DO NORTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 22 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 23 DO NORTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 24 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 25 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 26 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 27 DO SUL. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 28 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 29 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 30 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUERREIRA 31 DO NORDESTE. [Sem título]. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Tavares de Oliveira. Recife: [s. n.], 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. *In*: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (Orgs.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia, EDUFBA, 2008. p. 63-82.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004.

HABERT, Benoît; NAZARENKO, Adeline; SALEM, André. **Les linguistiques de corpus**. Paris: Armand Colin, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Revista Gazeta de Cuba**. Cuba: Unión de escritores y Artistas de Cuba, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Gangsta culture – sexism and misogyny: who will take the rap? *In*: hooks, bell. **Outlaw Culture**: resisting representations. New York: Routledge, 1994. p. 115-124.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INRC. Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <https://inventariomaracatusnacao.blogspot.com/2011/12/>. Acesso em: 4 abr. 2022.

IPHAN. **Dicionário de patrimônio cultural**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural?letra=m>. Acesso em: 19 dez. 2022.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Dossiê do Maracatu Nação. Recife: Iphan, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acessado em: 30 mar. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismos cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOBASHI, Nair Yumiko; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v.15, n. especial, p. 7-21, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/SZ5RXSnjnDcjhZ9ykPpCHHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2022.

KOSKOFF, Ellen. **A feminist ethnomusicology: writings on music and gender**. Chicago: University of Illinois Press, 2014.

LANDES, Ruth. Escravidão negra e status feminino. *In*: LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 347-352.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20. Acesso em: 27 abr. 2023.

LÉLIS, Carmem. **Frevo patrimônio imaterial do Brasil: síntese do dossiê de candidatura**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-Nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Bagaço, 2005.

LIMA, Joyce Andryelly Santos. **Mulher negra como comprovação da ineficácia da Lei Maria da Penha**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

LIMA, Vivaldo da Conta. O conceito de “nação” nos candomblés da Bahia. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 12, p. 65-90, 1976.

LINS, Arline. Mulheres ganham mais espaço nos maracatus Nação em Pernambuco. **G1**, Recife, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2018/noticia/mulheres-ganham-mais-espaco-nos-maracatus-nacao-em-pernambuco.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LODY, Raul. **Candomblé-religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

LOPES, Helena Theodoro. **Mito e espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

LOPES, Nei Braz. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, Nei Braz. **Enciclopédia brasileira da Diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro: 2004.

LOPES, Nei Braz. **Incursões sobre a pele**. Rio de Janeiro: Artium, 1996.

LOPES, Nei Braz. Música popular, repressão e resistência negra. In: SILVA, Jaime da; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina (Orgs.). **Cativeiro e liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

LOPES, Nei Braz. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical**: partido-alto, calango, chula e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LUCINDA, Maria da Consolação. Práticas culturais, relações políticas e estratégias de luta por direito a territorialidade. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, [S. l.], v. 9, Edição especial, p. 224-249, 2017.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 61-86.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em:

<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3264/Hist%C3%B3ria%20oral%20como%20fonte%20-%20problemas%20e%20m%C3%A9todos.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 26 out. 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Renata Lucindo Ferreira. **Gravidez na adolescência: uma resposta ao outro?**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_MendoncaRL_1.pdf. Acesso em: 24 out. 2022.

MILES, Rosalind. **A história do mundo pela mulher**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.

MOREIRA, Viviane Terezinha de Faria. **Toadas do Maracatu Nação de Baque Virado**: um estudo de linguagem e performance. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13661/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_ToadasMaracatuNa%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

MOURA, Clóvis. **Brasil**: raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983.

MOURA, Maria Aparecida. Aula magna: decolonialidade e Ciência da Informação. Publicado pelo canal PPGCI UFPB. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (113 min). Disponível

em: https://www.youtube.com/watch?v=qbdNw_HRve8&t=209s. Acesso em: 3 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. **Ethnos Brasil**, [S. l.], v. 1, n. 1, p.11-20, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 62, p. 20-31, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Racismo da desigualdade à intolerância. **São Paulo em Perspectiva**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 51-54, 1990. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v04n02/v04n02_09.pdf. Acesso em: 24 maio 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Teorias sobre o racismo. *In*: MUNANGA, Kabengele. **Racismo**: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998. p. 43-65. (Série Estudos e Pesquisas, v. 4).

MUNANGA, Kabengele. Um branco pode ser negro. Não é uma questão biológica, mas política. *In*: MUNANGA, Kabengele. **Desconfiando**: porque o mundo é maior do que imaginamos. [S. l.: s. n.], 2009. p. 71-81.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. [S. l.]: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 2003. Palestra) apresentada no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, Rio de Janeiro, 2003.

MUNIZ, Kassandra da Silva. Linguagem como mandinga: população negra e periférica reinventando epistemologias. *In*: SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Cultura política nas periferias**: estratégias de reexistência (org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 273-288.

MUSSA, Alberto. Estereótipos de negro na literatura brasileira: sistema e motivação histórica. **Estudos Afro-asiáticos**, n. 16. Rio de Janeiro: Centro de estudos afro-asiáticos, 1989. p. 70-86.

NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA. Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina. Recife: [s. n.], 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9982>. Acesso em: 24 ago. 2023.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Textos e narração de Ori. Ôrí. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, 1989. Transcrição (mimeo).

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Summus, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa.** São Paulo: Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. **Cultura de matriz afro-brasileira: um estudo à luz da história de vida de Vó Mera mestra da cultura popular de João Pessoa-Paraíba.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. **Políticas para cultura popular: na Paraíba, muito do mesmo, ou ações efetivas?.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://1library.org/document/q0g2o5vz-politicas-cultura-popular-paraiba-muito-mesmo-aco-es-efetivas.html>. Acesso em: 9 set. 2022.

OLIVEIRA, Andréa Carvalho. Direito à memória das comunidades tradicionais: organização de acervo nos terreiros de candomblé de Salvador, Bahia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 2, p.84-91, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira.** Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 1998. (Congresso Nacional Afro-Brasileiro, v. 1)

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto “A Cor da Cultura”.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano.** 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Laços familiares/ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas. **Signs**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 1093-1098, 2000. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8ronk%C3%A9_oy%C3%A8w%C3%BAmi_-_la%C3%A7os_familiares-liga%C3%A7%C3%B5es_conceituais._notas_africanas_sobre_epistemologias_feministas.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

PAJEÚ, Hélio Márcio. **A estética da cultura popular na folia de Momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PATEMAN, Carole. **The sexual contract**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

PATROCÍNIO, Soraya Martins. Aquilombamentos éticos e estéticos: uma poética-política no contexto das teatralidades negras. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 255-276, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/35447>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PEREIRA, Tulio Augusto de Paiva. A igreja católica e a escravidão negra no Brasil a partir do século XVI. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, ano 3, v. 5, p. 14-31, 2018.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implantação da Lei 10.639/03**. Fortaleza : EdUECE, 2015.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/8809/4716>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PRAZERES, Maria Lúcia Gomes dos. **Terça Negra no Recife: narrativas sobre dança, música, espiritualidade e sagrado**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

QUEIROZ, Mariana. **Sementes de Joana**. São Paulo: Mocho Edições, 2021.

RAMOS, Luciana de Souza. Exu, o atlântico negro e o iroko: o assentamento das expressões religiosas africanas no Brasil. *In*: HÉIM, Bruno Barbosa; ARAÚJO, Maurício Azevedo de; HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro (org.). **Direitos dos povos de terreiro**. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 21-42.

REAL, Katarina. **Eudes**: o rei do maracatu. Recife: Massangana, 2001.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2 ed. Recife: Massangana, 1990.

REGIMENTO interno do Maracatu Baque Mulher. Recife: [s. n.], 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 4. ed. Florianópolis: Editora das mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Manuela da Silva. Nação do Maracatu Encanto do Pina: ritmo e ancestralidade. *In*: AZEVEDO, Amailton Magno. **Ritmos negros**: música, arte e cultura na diáspora negra. São Paulo: Pamela, 2021. p. 127-160.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista**: população, família e parentesco espiritual. 2007. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

ROSCHEL, Paula. **Sororidade**: quando a mulher ajuda a mulher. São Paulo: Europa, 2020.

RUBIM, Antônio Albino Canelas; TAVARES, Márcio. **Cultura e política no Brasil atual**. São Paulo: Perseu Abramo, 2021.

SACRAMENTO, Mariana Pereira do. **Povos tradicionais de terreiro**: memória, resistência e construção das relações nas políticas públicas. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, Paola Verri de. **Ecoturismo**: uma indústria sem chaminé?. São Paulo: Labor Edições, 2008.

SANTANA, Paola Verri de. **Maracatu: a centralidade da periferia**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Alcinéia Soares dos. **O lugar de fala das mestras: espaços de experiência social, temporal, simbólica e de resistência artística**. 2022. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Afirmção identitária: espaços e símbolos da religiosidade de matriz africana em Belo Horizonte. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 237-260, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Steffane. Movimento de mulheres negras no Brasil: rompendo com os silenciamentos e protagonizando vozes. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 1-22, 2020.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Gênero documental na arquivística: revisitando o conceito. **Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, Vitória, v. 2, n. 4, p. 53-66, 2018.

SANTOS, Vanessa Soares dos. Maracatu Baque Mulher, resistência e feminismo negro. **Revista NEIAB**, Maringá, v. 01, n. 1, p. 1-21, 2017.

SCHUMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem branco nem preto, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Elieny do Nascimento. **Responsabilidade social nas ações de extensão do Programa Iniciativas Negras: trocando experiências**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A inserção das temáticas africana e afro-brasileira e o ensino de Biblioteconomia: avaliação em Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 144-182, 2019.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na biblioteconomia: reflexões necessárias. *In*: DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (Org.). **Epistemologias Latino-americanas em Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha; Nyota, 2020. p. 119-202.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, [S. l.], ano 25, n. 2, p. 215-235, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QSsCvKP5t6Q7gtTqrczkbjr/?format=pdf>. Acesso em: 23 maio 2023.

SILVA JÚNIOR, Luiz Justino da; CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Noite dos Tambores Silenciosos**: resistência negra ou construção coletiva. [S. l.]: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fsoter.org.br%2Feventodinamico%2Fdocumentos%2F270712170721-Noite%2520dos%2520Tambores%2520Silenciosos.doc&wdOrigin=BROWSELINK>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 150-177, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 1085-1114, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.). **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões afro-brasileiras: construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900-1960). **Revista USP**, São Paulo, n. 55, p. 82-111, 2002.

SILVA, Valdir de Lima. **Cultos afro-brasileiros na Paraíba**: uma história em construção (1940-2010). 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Valdir de Lima. **O arquivo pessoal de Heliton Santana como fonte de informação e memória**: a militância social na Paraíba. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, Valdir de Lima; VALENTE, Tadeu Rena; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Pai Erivaldo e o Candomblé de Ketu na Paraíba: memórias e identidades afro-brasileiras. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 183-194, 2020.

SILVA, Vanessa Carolina; SILVA, Wilker Solidade. Marcadores sociais da diferença: uma perspectiva interseccional sobre ser estudante negro e deficiente no Ensino Superior brasileiro. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 62, p. 569-586, 2018.

SIQUEIRA, José Jorge. **Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944/1968**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; MUNIZ, Kassandra da Silva. Descolonialidade, performance e diáspora africana no interior do Brasil: sobre transições identitárias e capilares entre estudantes da UNILAB. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 80-101, 2017.

SOUZA, Herbert José de. **Análise de Conjuntura**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Wanderly Alves de. **Fundamentos antropológicos e sociológicos**. Maringá: UniCesumar, 2018.

SOUZA, Wilton de. Frevo & Maracatu. **Diário oficial**, Recife, 27 fev. 1987. Suplemento Cultural, p. 11. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/DocReader.aspx?bib=spfull&Pesq=27%20de%20fevereiro%20de%201987&pagfis=108>. Acesso em: 14 set. 2022.

TANAKA, Harue. Gênero, música, educação e saúde mental: mulheres em performance musical em tempos de pandemia. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 5., 2021, [S. l.]. **Anais [...]**. [s. l.]: [s. n.], 2021. [15] p.

TANAKA, Harue; BARBOSA, Kátiuska Lamara dos Santos; OLIVEIRA; Luiza Iolanda Pegado Cortez de. Empoderamento e performance musical: pesquisadoras em um batuque feminino. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499321017_ARQUIVO_Fazendogenero_2017_versaofinal_enviada.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alain. La transformación de las metrópolis. **Revista La Factoria**, n. 6, jun./set., 1998. Disponível em: <http://www.carlosmanzano.net/articulos/Touraine02.htm>. Acesso em: 3 fev. 2022.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: [s. n.], 2003. Disponível em: <https://bityli.com/BrsIV>. Acesso em: 25 de mar. 2023.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. São Paulo: Edusp, 2012.

VIANA, Mestre Chacon. A nação. **Nação do Maracatu Porto Rico**, Recife, [20--]. Disponível em: <http://nacaoportorico.maracatu.org.br/porto-rico/>. Acesso em: 31 nov. 2022.

VIANA, Mestre Chacon. Mestre Chacon Viana. **Nação do Maracatu Porto Rico**, Recife, [20--]. Disponível em: <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/o-mestre-e-os-batuqueiros/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone (org.). **Mulheres negras na primeira pessoa**. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

YABÁ TENILY GUIAN. Todas as famílias cabem na Nação Encanto do Pina. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (120 min). Publicado pelo canal Mestra Joana Cavalcante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hK-4kU0mS-4>. Acesso em: 9 abr. 2022.

YABÁ TENILY GUIAN. Família LGBTQIA+ encantada. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Mestra Joana Cavalcante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WeoTH0uQ2FQ>. Acesso em: 21 set. 2022.

ZAMBONI, Marcio Bressiani. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento**, [S. l.], v. 1, p. 14-18, 2014.

**APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DAS EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA ELABORADO PELA
PESQUISADORA A PARTIR DAS NARRATIVAS DE MESTRA JOANA
CAVALCANTE E DAS 31 INTEGRANTES DO MARACATU BAQUE MULHER
RECOLHIDAS NAS ENTREVISTAS E REVISTAS NA LITERATURA**

(A)

Abaicar - Pegar ônibus, agarrar alguém, assistir algo, escutar música, ir à praia, comer, beber, abraçar, beijar, namorar, transar, produzir texto, participar de eventos acadêmicos, políticos e culturais. Segundo a Guerreira 6 do Sudeste, à mestra Joana Cavalcante, abaicá todas as frentes, representando e abarcando as responsabilidades do Maracatu Baque Mulher. E a Mestra usa o termo abaicou para ilustrar que à pesquisadora agora faz parte da Comunidade do Bode, localizada no Pina, periferia do Recife, capital de Pernambuco.

Abará - Bolinhos feitos com massa de feijão fradinho¹⁷⁸.

Abismada - Mestra Joana usa esse adjetivo para exemplificar que, ficou impressionada ao ouvir os relatos das crianças e adolescentes da Comunidade do Bode, sobre as várias formas de abusos e violências vivenciadas no âmbito familiar.

Abuso - Arretar, bulir, aborrecer, chatear, incomodar, importunar, ser inconveniente. A Mestra usa o termo abuso, para explicitar que após as toçadas de maracatu e os passeios turísticos no Recife Antigo com as crianças e adolescentes da Comunidade do Bode, elas lhe relatavam as situações de abusos sofridas no âmbito familiar pelo avô, pai, padrasto, tio, irmão, cunhado, vizinho. Este fato a deixou abismada, motivando-a a fundar o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. A Guerreira 1 do Nordeste, refere-se ao termo para elucidar que as mulheres periféricas, que estão à margem da sociedade, que não tiveram oportunidade de estudar, não identificam o machismo, desconhecem seus direitos e não identificam uma relação de abuso. A Guerreira 17 do Nordeste destaca o termo em pauta para ilustrar que

¹⁷⁸ Referência ao texto de Eduardo Napoleão (2011). Ver: NAPOLEÃO, Eduardo. **Vocabulário Iorubá**: para entender a linguagem dos orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

atualmente as mulheres adolescentes, jovens e adultas dessa comunidade, estão empoderadas e não aceitam qualquer abuso do companheiro, ou de uma outra companheira. Elas entendem os abusos, violências nas relações afetivas, questionam, estão mais conscientes do valor delas, que não precisam aceitar situações abusivas. Essa entrevistada afirma que tal feito é o resultado do trabalho que mestra Joana, Tenily Guian, Mariana Bianchi/tia Mari e outras mulheres que não são necessariamente do Baque Mulher Recife, mas que estão colaborando para construir e consolidar as ações de empoderamento feminista que são realizadas na Comunidade do Bode. A Guerreira 18 do Sul, garante que o Movimento questiona e bate de frente no combate a todas as formas de abusos e violências, publicizando nota de apoio as mulheres vítimas de violência física, moral, patrimonial, psicológica, sexual destacando o apoio a cantora Karina Buhr que publicizou em 23 de dezembro de 2019 na rede social Medium, que ela “foi estuprada diversas vezes por *babalorixá* pernambucano”, líder religioso de um *ylê*/terreiro de natriz africana sediado no Estado de Pernambuco e, esse coletivo feminista apoiou publicamente a cantora violentada pelo *babalorixá*, que lhe chamava de filha e “usou sua força e autoridade dentro desse contexto pra escravizar minha mente e meu corpo”, narra Karina Buhr (2019)¹⁷⁹. Segundo essa entrevistada, o coletivo em tela é um movimento político, politizado, mas frisa que é doloroso, para as mulheres falarem sobre a violência sofrida, porque quando a vítima vai fazer a denúncia dessa violência, são acionados muitos gatilhos para lembrar do abuso sofrido. Ela compreende que o Movimento precisa ser um coletivo acolhedor e firme do seu propósito, fundamento que vem de mestra Joana, considerada uma referência para as participantes desse maracatu.

Ação que mestra Joana Cavalcante desenvolve - Em parceria com o Movimento, Nação do Maracatu Encanto do Pina, *Ylê Axé Oxum Deym* e o Mazuca da Quixaba, a Mestra idealiza e promove as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira (ações culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais) direcionadas às pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade social na Grande Recife, especificamente na Comunidade do Bode.

¹⁷⁹ Informação disponível em: [Karina Buhr revela que foi estuprada diversas vezes pelo babalorixá Dito de Oxóssi \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/dito-de-oxossi/). Acesso em: 15 mar. 2023.

Acué - Dinheiro, grana, mane, bufunfa, conforme as entrevistadas.

Adjá - É uma sineta de metal, com duas ou mais campainhas, usada para chamar os orixás ou provocar a incorporação. Também usada para chamar as filhas, filhos de santo para assistir à cerimônia de ofertar comida ao orixá. O adjá é mais comum no candomblé, sendo usado por *babalorixás*, *yalorixás* e *ekejis*.

Adupé / dupé - Obrigada, obrigado.

Afirmar identidade - Guerreira 10 do Sudeste, Guerreira 11 do Sudeste e a Guerreira 24 do Sul fazem uso dessa frase para ratificar que a população brasileira, principalmente, negra e indígena precisa compreender a afirmação da sua identidade, como um ato de resistência e adquirir o sentimento de pertencimento da própria identidade. Essas entrevistadas afirmam que o Movimento busca a afirmação da identidade religiosa, identidade das mulheres, principalmente, das negras, corroborando com o ato de resistência para visibilizar a identidade cultural do Brasil¹⁸⁰.

Afoxé (dança) - Expressão artística cultural, com gênese fundamentada essencialmente nas doutrinas religiosas dos cultos afro-brasileiros. Para a Guerreira 30 do Nordeste trata-se de uma manifestação artística de nossa afro-brasilidade¹⁸¹, herdada da população negra.

Afoxé (grupo / bloco afro) - Grupo de cultura afro que toca música em ritmo de ijexá, expressão artística cultural, fundamentada nas doutrinas religiosas dos cultos afro-brasileiros, afirma Guerreira 12 do Sudeste.

Afoxé (instrumento musical) - Tanto pode ser um instrumento de percussão, como um ritmo, uma dança ou até mesmo um grupo artístico que apresenta elementos da nossa ancestralidade, afirma Guerreira 12 do Sudeste. O afoxé é um instrumento musical formado por uma cabaça pequena redonda, recoberta com uma rede de bolinhas de plástico semelhante com o agbê/xequerê sendo que o afoxé é menor. O

¹⁸⁰ Referência ao texto de Erisvaldo Santos (2008).

¹⁸¹ Referência ao texto de Conceição Evaristo (2009).

instrumento afoxé pode ter variâncias, de acordo com o local em que é encontrado. Há a versão de madeira e/ou plástico juntada aos aspectos chamativos tradicionais como miçangas ou contas ao redor de seu corpo. Antigamente era comum que esse instrumento fosse tocado apenas em centros de umbanda. Atualmente, a realidade é diferente. O afoxé ganhou espaço no reggae e música pop, música rock, funk, tecnomelodia, forró, sertanejo, conforme as entrevistas.

Africanidade - Relação com as práticas, costumes, artefatos, memórias e identidades das populações afrodescendentes¹⁸². A Guerreira 6 do Sudeste usa esse termo para ilustrar que o Movimento tem relação com o campo espiritual, tambor e axé/força. Além disso, ressalta que esse coletivo representa africanidade.

Africano - A Guerreira 8 do Nordeste usa esse termo referindo-se a pessoa que reproduz os hábitos culturais e religiosos da população negra. É relevante destacar que africano é a pessoa que mora na África, terceiro continente mais extenso e o segundo mais populoso do mundo, declara a entrevista.

Afrodescendente - Pessoa que reproduz os hábitos culturais e religiosos da África; descendente da população negra, na sua maioria do continente Africano e que foram escravizadas, de acordo com Guerreira 1 do Nordeste e Guerreira 5 do Sudeste.

Afrontar - Confrontar pensamento, ideia ou ação de violência contra as mulheres é uma das missões do Movimento, alega Guerreira 3 do Sudeste, Guerreira 22 do Sul e Guerreira 29 do Nordeste.

Agarrar - Palavra comumente usada na Região Nordeste do Brasil, refere-se a pegar algo, uma pessoa pegou alguma coisa ou objeto com as próprias mãos. Mestra Joana, utiliza esse termo para afirmar que as pessoas utilizam o termo sororidade porque o considera bonito, mas não coloca a sororidade em prática.

Agbê / abê / xequerê - Instrumento de percussão surgido na África, confeccionado artesanalmente com cabaça, tocado em cultos religiosos e considerado um

¹⁸² Referência ao texto de Maria de Fátima Garcia e José Silva (2018).

instrumento sagrado. No continente africano esse instrumento é chamado de axatse, xequerê e lilolo, assegura Guerreira 12 do Sudeste.

Agêum - De acordo com Guerreira 12 do Sudeste, essa palavra no candomblé significa, “estou comendo, você aceita”?

Agêumam - Segundo Guerreira 12 do Sudeste, essa palavra no candomblé significa, “obrigada estou satisfeita”.

Agnóstica - Pessoa agnóstica pode ser considerada teísta – não acredita na existência de Deus, mas na existência de uma ou mais divindades ou ateísta – não acredita na existência de Deus nem de nenhuma divindade, conforme Guerreira 1 do Nordeste e Guerreira 17 do Nordeste.

Agressor - Quem comete qualquer ação violenta contra outra pessoa, conforme Guerreira 30 do Nordeste.

Aiê / àiyé / ayé - Palavra de origem iorubá que significa o mundo físico, planeta Terra onde habitamos, afirma Guerreira 31 do Nordeste.

Ala do chitão - Ala das escravizadas que usam vestido de chitão e seguem ao lado da Dama do Paço de uma Nação de maracatu. A Nação Encanto do Pina tem a ala do chitão, composta por mulheres que usam indumentárias confeccionadas com tecido de chita e compõe o desfile oficial dessa nação, afirma Guerreira 5 do Sudeste.

Alfaia / bombo / tambor / zabumba - De acordo com a Mestra, é um instrumento percussivo, conhecido por algumas pessoas como bombo ou zabumba. Utilizado para tocar maracatu, produz timbre/som característico e ritmo marcante. Também é utilizado para tocar ciranda, coco de roda e outros gêneros musicais. Para Guerreira 15 do Sudeste, alfaia é um instrumento percussivo confeccionado com pele animal ou material sintético, utilizado para tocar diversos gêneros musicais tipicamente nordestinos, principalmente maracatu, produz timbre facilmente identificado pelo ritmo característico e marcante que verbera, dependendo do estilo tocado. “Gosto muito de

tambor, porque ele deixa a gente expressar tudo que a gente sente naquelas pancadas que a gente dá nele, e a gente se fortalece cada vez mais [...] A cultura afro é muito linda, rica, tem tanta coisa bonita para nos oferecer”, frisa Guerreira 31 do Nordeste.

Alfazema - Perfume a base de erva, utilizado nas solenidades e cerimônias da religião de matriz africana, afirma Guerreira 12 do Sudeste.

Algo para ser uma brincadeira - Mestra Joana, Guerreira 3 do Sudeste e Guerreira 17 do Nordeste, utilizam essa frase para elucidar que a proposta inicial do Movimento era tão somente para as mulheres se divertirem, brincarem, ter um lazer entre elas.

Ama de leite - Mulher em situação de escravizada que amamentava filhas, filhos e crianças das mães que não tinham leite ou por algum motivo não amamentava sua prole, assegura Guerreira 15 do Sudeste.

Amadrinhar - Tornar-se madrinha, padrinho de uma criança, adolescente ou jovem do Projeto Encantinho do Pina, para proporcionar afeto, presente, material escolar, figurino do Movimento e da Nação Encanto do Pina, caso tenha condições financeira, de acordo com Guerreira 11 do Sudeste.

Amassi / batismo - Lavagem da cabeça da filha, filho de santo, garante Guerreira 2 do Centro-Oeste.

Amuleto - Normalmente é derivado de peles de animais ou minerais, tem diferentes significados, variando de crença para crença. Para a comunidade candomblecistas, por exemplo, amuleto tem a função de proteger-lhe ou conferir-lhe sorte na sua trajetória de vida nesse plano, declara Guerreira 12 do Sudeste.

Ancestralidade - É a produção de memória da nossa ancestralidade, tudo que fazemos atualmente são heranças que adquirimos das gerações anteriores a nós, “tudo que faço e tudo o que sou, ou seja, minhas práticas e todos os meus

conhecimentos, não tenho dúvida, que são pautados na minha ancestralidade, por isso, tenho orgulho da minha ancestralidade”, revela mestra Joana.

Ancestralidade negra - Categoria utilizada para elucidar que o Movimento representa um feminismo diferente, tem mulheres tocando maracatu, compondo e cantando loa que fala sobre o sagrado feminino e os orixás, representando a ancestralidade, ao abarcar o âmbito espiritual da religiosidade das populações afrodescendentes.

Ao leo - Pessoa que não consegue acessar seus direitos básicos fundamentais, está totalmente desamparada pelo Estado, garante Guerreira 1 do Nordeste. Ela utiliza o termo para afirmar que antes da promulgação da Lei Maria da Penha¹⁸³, as mulheres que viviam em situação de violência doméstica, quando precisavam acionar os órgãos públicos de saúde e segurança, sentiam-se totalmente desamparadas pelo Estado, que não garantia os direitos das mulheres vivendo em situação de violência.

Apanhar - Guerreira 12 do Sudeste, usa o termo para exemplificar a condição de agressão física que uma pessoa é vítima.

Apartar - Termo usado pela Guerreira 2 do Centro-Oeste para destacar que o grupo misto, com predominância masculina que participava, quando descobriu, que as mulheres desse grupo estavam participando do Movimento, começou a hostilizá-las, decidiram se desmembrar, afastar e se separar das mulheres que começaram a integrar esse maracatu de feministas do baque virado.

Apitar - Guerreira 10 do Sudeste, usa para explicar que a partir do incentivo de Tenily Guian, encorajou-se para assumir a regência das tocadadas, apresentações artísticas da parte percussiva do Movimento da cidade onde reside atualmente. Para isso, faz uso do apito, instrumento comumente utilizado por mestra e mestre para reger/orquestrar uma Nação de maracatu, artefato essencial para sinalizar o momento de iniciar e finalizar o baque/batuque ritmo da cultura afro-brasileira.

¹⁸³ Ver Lei 11.340, promulgada em 7 de agosto de 2006.

Apoio do Maracatu Baque Mulher - Homem que apoia, colabora e é parceiro do Movimento, alega mestra Joana Cavalcante e Guerreira 18 do Sul.

Aprendiz - Princiante em processo de aprendizagem para adquirir novos conhecimentos, conforme Guerreira 10 do Sudeste que empregou esse termo para ressaltar que tem apenas três anos de atuação no Movimento, entendendo que sempre tem muita coisa nova para aprender e se percebendo como uma principiante. Ela se coloca numa posição de aprendiz, observadora e compreende que isso tem que ser respeitado dentro da proposta desse coletivo feminista.

Apresentação artística do Maracatu Baque Mulher - Trata-se de apresentação artística realizada por esse movimento nas ruas, praças, instituições de ensino, organizações governamentais e não governamentais, diz mestra Joana Cavalcante.

Apropriação cultural - Para Guerreira 14 do Sudeste, é quando uma pessoa ou grupo apropriasse de modo desrespeitoso dos artefatos, objetos, símbolos, hábitos, costumes, saberes e práticas particulares de uma cultura. Tal apropriação, diz respeito à adoção ou utilização de bens específicos de uma cultura - sejam eles objetos, símbolos, hábitos ou comportamentos - por pessoas e/ou grupos culturais diferentes¹⁸⁴. Nesse contexto, as pessoas brancas protagonizam as criações negras, logo, apropriação cultural também é uma forma de racismo. Recomenda-se que pessoas brancas não protagonizem as manifestações culturais de pessoas negras, indígenas, e latinas, pois isso é configurado como racismo estrutural, afirma Guerreira 2 do Centro-Oeste.

Arrastão - Apresentação artística do Movimento, realizada em ruas e avenidas públicas nas cinco regiões do Brasil e em Lisboa, Portugal, expõe Guerreira 3 do Sudeste.

Arrecadar fundo no Maracatu Baque Mulher - Ato de angariar recursos financeiros para o Movimento, realizando oficinas, apresentações, *lives*, rifas colaborativas. Tais

¹⁸⁴ Referência ao texto de Bárbara Heleno e Rafaella Reinhardt (2017). Ver: HELENO, Bárbara Lopes; REINHARDT, Rafaella Max. Apropriação cultural: novas configurações das identidades na era da globalização. **Cadernos de estudos sociais e políticos**, Rio de Janeiro v.7, n.13, p. 115-128, 2017.

recursos são destinados para os projetos pedagógicos, sociais, educativos, rituais religiosos (práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira) do *Ylê Axé Oxum Deym* e para garantir os artefatos carnavalesco para o desfile oficial do movimento supracitado, da Nação Encanto do Pina e do maracatu mirim dessa nação.

Arte educadora - Uma das profissões de mestra Joana, que não tem formação acadêmica, mas é detentora de um vasto conhecimento empírico na área do maracatu, dança, música e da percussão. Ela confecciona artefatos carnavalescos e instrumentos musicais de forma artesanal, ministra oficinas de dança e percussão. Além disso, realiza *lives* para disseminar as práticas culturais da população de terreiro, negra e periférica. Sabe-se que arte educadora é a profissional da educação formal que trabalha com arte nas suas várias vertentes teatro, arte plástica, música, dança, entre outras expressões culturais.

Arte negra - Trabalhos artísticos produzidos pela e para as populações afrodescendentes, assevera Guerreira 31 do Nordeste.

Arteterapia - Terapia que faz uso das artes plásticas, com o objetivo de recuperar ou melhorar a saúde mental, o bem-estar emocional e social da pessoa, ou seja, tem basicamente os mesmos objetivos da psicoterapia, garante Guerreira 13 do Centro-Oeste que atua nessa área.

Assistente Social - Profissão da Guerreira 3 do Sudeste. Assistente social é a/o profissional de nível superior que tem como atribuição defender os direitos humanos e viabilizar o acesso da população a saúde, educação, cultura, previdência social e assistência social, garantindo o bem-estar físico, psicológico e social, principalmente, para as populações vivendo em situação de vulnerabilidade.

Atabaque - Instrumento de percussão, utilizado nos ritmos musicais da cultura de matriz africana, alega Guerreira 2 do Centro-Oeste.

Ateia / ateu - Expressão usada pela Guerreira 2 do Centro-Oeste, em alusão a sua religiosidade. Para ela, ateu é uma pessoa que não acredita na existência de Deus,

mas tem interesse legítimo no campo religioso e social, analisando os aspectos éticos, sociais e comunicacionais. Averigua-se que as ateias, ateus formam um contingente minoritário no Brasil, dada a uma possível discrepância entre os direitos dessa comunidade minoritária e o contexto oferecido pela sociedade brasileira, governo, e pela indústria da comunicação¹⁸⁵.

Ato higienista - A Região Sul do Brasil, tende a legitimar ações que objetiva higienizar os grandes centros urbanos em detrimento aos espaços periféricos, em relação aos eventos culturais e artísticos realizados nessa região, incentivando a participação de pessoas não negras e tolhendo a presença de pessoas negras e, grupos culturais que disseminam a cultura de matriz africana, que tem como missão disseminar as manifestações culturais afro-brasileiras. Percebe-se que as atitudes de cunho higienista do Sul do país tende a invisibilizar essas manifestações, afirma Guerreira 24 do Sul.

Axé - Tanto significa força, energia, poder como pode ser os assentamentos para os orixás que ficam nos pejis, também chamado dos altares dos santos, entidades para o povo de terreiro, candomblecista, assevera mestra Joana Cavalcante.

(B)

B.O - Mestra Joana utiliza esse terno para destacar o problema, conflito, confusão, briga, desavença, desarmonia, encrenca que ocorre na Comunidade do Bode, e ela é solicitada para apaziguar o B.O do momento.

Babá / babalorixá / pai de santo - Sacerdote de um terreiro, afirma Guerreira 3 do Sudeste e Guerreira 12 do Sudeste.

Babalakina - Dança de braços abertos como pássaros, expressão de origem banto, língua dos povos bantos, um dos primeiros africanos que chegaram no Brasil, garante

¹⁸⁵ Referência ao texto de Gino Giacomini-Filho e Sérgio Martin (2015). Ver: GIACOMINI-FILHO, Gino; MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual. **Estudos de Religião**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 13-29, 2015.

Guerreira 6 do Sudeste. Ela há mais de 12 anos fundou a Companhia de Dança Babalakina, fruto de um trabalho de pesquisa, ensino e criação em dança afro.

Bagaceira - Deus-nos-acuda, baderna, bagunça, confusão, fuá, fuzuê, tumulto, quebra-pau, barraco.

Baião - Gênero musical e dança popular, que faz uso da viola caipira, acordeão, triângulo e flauta doce, um ritmo típico da Região Nordeste do Brasil, afiança Guerreira 5 do Sudeste.

Baile de debutante / baile de formatura - A Guerreira 17 do Nordeste, usa os termos em alusão a saída de santo de mestra Joana. Conforme a entrevistada a saída da Mestra é quando ela se tornou mãe pequena, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*. Ela declara “para mim foi uma mistura, lembro que quando eu estava vendo, era uma mistura na minha cabeça, tentando comparar com as situações que eu conhecia, era uma mistura de baile de debutante com baile de formatura de ensino superior”.

Bancária - Profissão da Guerreira 2 do Centro-Oeste. Bancária é a profissional de nível superior que tem como atribuição realizar operações bancárias, seja em bancos ou instituições financeiras.

Bandeira feminista - Mestra Joana usa essa terminologia para garantir que o Maracatu Baque Mulher é um movimento feminista, defende constantemente pauta que contempla e apoia as causas das mulheres independente da sua classe, raça, etnia, orientação sexual, credo religioso. “Somos um movimento que luta pelos direitos das mulheres”, afirma a Mestra.

Bando - Para ilustrar que o Baque Mulher, coloca nas ruas muitas mulheres na percussão, tocando, dançando, cantando e entoando loas fortes, que “simboliza luta, resistência, dor, mas, também que sempre traz muita beleza e muita força”, afirma Guerreira 20 do Centro-Oeste.

Banho / banho de limpeza espiritual - Em relação a esse banho, Guerreira 31 do Nordeste garante que respeita muito as entidades espirituais, admira, gosta de usar roupas nas cores delas, que não tem nada contra, mas só acredita em Jesus. Respeita tanto as entidades, que se elas lhe receitarem um banho de limpeza espiritual, assegura que toma com certeza. Ela não debocha de qualquer entidade, quanto de qualquer despacho espiritual. Ela vem de uma família de candomblecistas, sua avó era feita no santo, dançava para os orixás. Na infância frequentava as giras de candomblé, levava oferendas nas matas, juntamente com suas tias. Mas, mesmo vivendo dentro dessa religião, nunca foi candomblecista. Nem ela sabe explicar o real motivo, acrescenta que até a história do seu nascimento é um tanto estranha, misteriosa.

Baque / batida do maracatu - Baque de maracatu, composto de alfaia, agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal, gerido por uma mestra ou mestre, que utiliza um apito para fazer a regência desse baque, o qual tem relação com as religiões de matriz africana, de modo especial com o candomblé, assevera mestra Joana Cavalcante.

Baque Mulher (BM) / Maracatu Baque Mulher / Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado (FBV) - Fundado pela mestra Joana em 12 de outubro de 2008, sediado na Comunidade do Bode, Pina, Recife, Pernambuco. Esse coletivo é composto exclusivamente por mulheres, com atuação nacional e internacional, contabilizando 39 grupos. Desses, 38 atuam nas cinco regiões do Brasil e um em Lisboa, Portugal. Há registros de grupos que compuseram esse movimento na Bélgica e, Inglaterra, mas estão temporariamente inativos, além desses, há os grupos Baque Mulher Americana; Baque Mulher Cuiabá; Baque Mulher Fortaleza; Baque Mulher Itapevi; Baque Mulher Pinheira; Baque Mulher Piracicaba; Baque Mulher Sana e Baque Mulher Serra do Mar (São Sebastião-SP), que atuaram no Brasil. Esses 10 grupos têm perspectivas de reativação das atividades por eles realizadas. Todos os grupos do Movimento estão sob a coordenação geral da Mestra e têm suas atividades baseadas no regimento interno desse coletivo feminista, fundamentado nos preceitos religiosos, culturais e educacionais do candomblé, religião de matriz africana.

Baque Mulher Matriz / Baque Mulher Recife - É a matriz do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, coordenado e idealizado pela mestra Joana, sediado na Comunidade do Bode, primeiro grupo desse movimento e uma referência para os 38 grupos existentes no Brasil e Portugal.

Baque virado - Baque que vira, ritmo do maracatu que é tocado no Movimento e na Nação Encanto do Pina, seu som e modo de tocar é diferente do maracatu rural, afirma mestra Joana. De acordo com Guerreira 18 do Sul, o baque virado surgiu em Recife durante o período escravocrata (século XVII e XVIII), para oferecer ritmo ao canto das loas e das danças para evocar os orixás, elementos da natureza, vinculados a religião africana.

Baqueta - Derivada do italiano, significa bastão, objeto em forma de pequeno bastão, em regra, tem uma das extremidades arredondadas, para percutir diferentes instrumentos musicais de percussão, fabricado na maioria das vezes de madeiras, plásticos ou fibras. Há diversos tipos de baquetas, mudando em seu tamanho, peso, espessura. Cada tipo comumente é indicado a um determinado ritmo musical, ponderando à sonoridade que a/o percussionista almeja produzir.

Barbarizar - Para ilustrar que as batuqueiras do Movimento que exercem a profissão de médicas, advogadas, arquitetas, engenheiras, que não têm nenhuma relação com o candomblé, são talentosas, têm excelente desempenho e surpreendem as que são candomblecistas, ao proporem ideias e criarem artefatos carnavalescos para o desfile oficial da Nação Encanto do Pina, declara Guerreira 12 do Sudeste.

Bater - Guerreira 9 do Sul usa o termo para ilustrar o ato do homem agredir fisicamente uma mulher.

Bater de frente com as drogas - Mestra Joana utiliza essa frase para elucidar que a Nação Encanto do Pina, em parceria com o Movimento, realizam campanha contra as drogas, empreitada política, ideológica e socioeducativa direcionada as crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode e adjacências, assistidas, assistidos

pelo Projeto Encantinho do Pina. Essa campanha tem o objetivo de conscientizar e combater o uso de substância psicoativa nessas comunidades. Ela é a coordenadora geral desse projeto e, Mariana Bianchi a coordenadora pedagógica.

Batuque - Percussão de um baque de maracatu, expressão e/ou manifestação cultural de matriz afro-brasileira, garante Guerreira 2 do Centro-Oeste.

Batuqueira / maracatuzeira - Batuqueira é a mulher que toca vários instrumentos percussivos, especialmente, da cultura popular de matriz africana. Já a maracatuzeira é a mulher que toca maracatu, também uma manifestação da cultura de matriz africana, revela Guerreira 18 do Sul.

Bênção - Um dos princípios do candomblé, reverência as patentes religiosas, respeito a quem deve respeito. Trata-se de um ato de respeito e educação, de acordo com a Guerreira 9 do Sul e a Guerreira 12 do Sudeste.

Berimbau - Instrumento musical utilizado sozinho ou acompanhado com outros instrumentos nas rodas de capoeira e no canto das canções populares no Brasil, assegura Guerreira 12 do Sudeste.

Bessen / Oxumarê / Osumarê - É um orixá que tem a energia das cores, da luz, do sol após as chuvas, o arco-íris, e por isso mesmo é associado às serpentes, que são muito coloridas, conforme Guerreira 20 do Centro-Oeste.

Bicha / baitola / coisado / esquisito / frango / mona / veado - Termos pejorativos para cognominar o homem que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com outro homem, segundo as entrevistadas dessa pesquisa.

Boca do tráfico - Comunidade periférica em situação de vulnerabilidade é configurada como um potente espaço que tende a influenciar crianças, adolescentes e jovens a traficarem drogas. Guerreira 3 do Sudeste pondera que a Comunidade do Bode é um lugar propício para influenciar crianças, adolescentes e jovens adentrarem

no submundo das drogas. Ela crer que as ações realizadas pela mestra Joana, nessa comunidade possibilita uma modificação dessa realidade.

Boca no trombone - Falar o que tem que ser falado, colocando-se em toda e qualquer situação, nunca silenciase diante das violências e injustiças sociais. A Guerreira 16 do Sul usa essa terminologia para afirmar que sempre vai defender com unhas e dentes todos os direitos da população LGBTQIAPN+. A entrevistada assevera que não haverá progresso da nação brasileira se os direitos das “minorias” – população LGBTQIAPN+, indígena, negra e todos os povos originários, compreendidas como “maiorias”, estiverem com os direitos violados. Ela afere que, falar sobre as especificidades e os direitos dessas populações é uma situação complexa, mas acredita que ainda é possível uma mudança desse quadro e avalia ser plausível vivermos em uma cultura de paz, principalmente que todas as pessoas tenham seus direitos garantidos.

Bocado - Uma analogia que a Guerreira 12 do Sudeste faz para declarar que no período do carnaval veem muitas batuqueiras e batuqueiros de outras cidades do Brasil e de outros países, para tocarem e desfilam no desfile oficial do Movimento e da Nação Encanto do Pina.

Bolha - Guerreira 18 do Sul usa essa terminologia para afirmar que o Movimento atua como um abrigo, amparo e proteção para as mulheres em situação de fragilidade emocional.

Bombar - Guerreira 5 do Sudeste aplica o termo para explicar que alimenta constantemente as mídias sociais do Movimento com as ações que esse movimento materializa. Guerreira 27 do Sul destaca a importância desse movimento abarrotar, encher, entupir, preencher seu coletivo de empoderamento feminista de mulheres pretas, pobres e periféricas.

Bongô - É um instrumento musical do tipo membranofone, composto por dois pequenos tambores unidos entre si por uma placa, na maioria das vezes, feita de madeira. Em geral abertos na extremidade oposta da pele e o corpo é geralmente

cônico e constituído de várias peças de madeira encaixadas e presas por um ou mais anéis metálicos, numa construção semelhante a um barril. Encontram-se, também, menos frequentemente, bongôs que são feitos de uma única peça de madeira escavada ou de meia seção de um coco ou cabaça.

Botar fé - Guerreira 27 do Sul, usa essa frase para esboçar que tem fé e acredita que as práticas artísticas e de militância realizadas pelo Movimento sob a coordenação de mestra Joana são concretas e reformadoras.

Boy - Guerreira 2 do Centro-Oeste, faz uma alusão aos homens de um grupo de maracatu composto por mulheres e homens que participava. Eles não aceitavam que as mulheres, que não participasse desse grupo usassem o espaço e os instrumentos do grupo misto, para realizarem ensaios do Movimento. A relação desses homens com as batuqueiras desse movimento era conflituosa. Já para a Guerreira 13 do Centro-Oeste, boy são os homens no gozo da sua juventude, que conheceu em um grupo de maracatu misto, mas que desconsideravam as potencialidades artísticas e intelectuais das mulheres que integravam esse grupo, motivo que lhe impulsionou a desligasse definitivamente desse coletivo misto e integrar o Movimento formado unicamente por mulheres.

Branquitude - Guerreira 3 do Sudeste aplica esse termo para elucidar que o Movimento lhe possibilita alargar seu estudo, ampliar seu olhar, sua desconstrução sobre seu privilégio e do próprio processo da sua branquitude. Afirma que a cor branca da sua pele lhe possibilita privilégios e que esse maracatu de feministas educa, empodera mulheres negras e mulheres dos corpos brancos, para elas entenderem que lugar é esse que elas falam, quem têm fala, quem deve falar, como deve falar e como elas se constrói e se constitui como mulheres. Guerreira 10 do Sudeste menciona o termo para elucidar que a pessoa não negra, principalmente, com o tom da pele de cor branca, marcador que constrói as relações de preconceitos raciais, não sofrem preconceito racial na mesma intensidade¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Referência ao texto de Lia Schuman (2012).

Bronca - Guerreira 2 e Guerreira 13 do Centro-Oeste, mencionam o termo para aferir que os homens integrantes do grupo misto que elas participaram, em muitos momentos eram grosseiros com as mulheres, brigavam, arengavam e faziam confusão por tudo, principalmente, para tocarem o instrumento que desejasse.

Broto - Homem bonito, no gozo da sua juventude.

Bruxa - Mulher que detém o conhecimento dos poderes da natureza, protege as pessoas e usa seus saberes com o propósito de ocasionar-lhes benefícios, afirma Guerreira 1 do Nordeste.

(C)

Cá - Lugar, espaço, ambiente, recinto.

Cabaça - Fruto da família do jerimum que hoje é utilizado para fazer agbê, mas, também têm outras finalidades dentro do candomblé, afiança Guerreira 12 e Guerreira 14 do Sudeste.

Cabelo black power - Cabelo com fibras cacheadas e crespas em seus diferentes formatos, seu estilo é livre de qualquer padrão imposto pela indústria dos cosméticos e da beleza estética. Esse estilo de cabelo é peculiar e ancestral, evidenciado de modo mais acentuado na população afrodescendente, garante a entrevista Guerreira 17 do Nordeste.

Cada letra é um grito de liberdade - Mestra Joana, menciona essa frase referindo-se as composições das loas de sua autoria. Tais loas descreve seu cotidiano na condição de mulher preta, periférica, pobre, candomblecista e mestra de uma Nação de maracatu de baque virado, cultura de matriz africana. Suas composições expressam sentimento de luta e dor, possibilitando expressar-se livremente.

Cafetã / cafetão - Túnica longa usada pelos povos árabes, turcos, muçulmanos e judeus, atualmente também pelas brasileiras, brasileiros, essa indumentária pode ser bordada ou forrada de peles preciosas, assegura Guerreira 12 do Sudeste.

Caixa - Um dos instrumentos de percussão que é tocado no Movimento e na Nação Encanto do Pina, destaca Guerreira 15 do Sudeste e Guerreira 17 do Nordeste.

Caldo cultural - Guerreira 6 do Sudeste, faz uma analogia a bagagem cultural, fundamentada nos saberes das mães do Pina – *yalorixás*/mães de santo mulheres pretas, pobres, periféricas, candomblecistas e da jurema, residentes na Comunidade do Bode. Essas *yalorixás* fortalecem, visibilizam e disseminam às expressões e manifestações de matriz afro-brasileira. Sendo assim, elas reconstituem a memória e evidenciam aspetos relacionados às identidades dos afrodescendentes. Declara que mestra Joana, tem um legado que carrega e faz questão de pontuar, que é baseado nas mães do Pina e que o Maracatu Baque Mulher fortalece a visibilidade da cultura negra. A Guerreira 10 do Sudeste, faz uso do termo caldo cultural para ilustrar que o Movimento envolve amplos aspectos da cultura de matriz africana, saberes e fazeres das mães de santo, mulheres pretas, pobres, candomblecistas, da jurema e das comunidades periféricas, disseminando e visibilizando a cultura negra, contribuindo para disseminar informação, reconstituir a memória e evidenciar aspetos relacionados as identidades dos afrodescendentes.

Calunga - Boneca ancestral, considerada uma boneca mística do maracatu e uma divindade secundária de culto banto.

Camada mais pobre - Guerreira 31 do Nordeste, faz uma alusão as mulheres negras, periféricas e pobres, em situação socioeconômica desfavorecida em relação a classe média, detentora de uma situação econômica considerada adequada.

Camada mais popular - Um seguimento da sociedade vivendo em situação socioeconômica desfavorecida em relação ao seguimento da classe média, avalia Guerreira 30 do Nordeste.

Candomblé - Religião de matriz africana e seus conhecimentos são transmitidos pela oralidade, afirma mestra Joana. Às entrevistadas, corroboram com essa afirmação e acrescentam que trata-se de uma religião africana que cultua os orixás, evocado pelos cantos e representados por meio de danças e oferendas; uma das religiões mais praticada no mundo; religião cultuada pelos afrodescendentes que viveram no Brasil como pessoas escravizadas. Essas pessoas perpetuaram sua religião utilizando a estratégia do sincretismo religioso usando os santos cultuados no catolicismo, uma alusão aos orixás, deusas e deuses, para não serem censuradas pela igreja católica¹⁸⁷.

Candomblé de Angola - Insere-se no contexto do resgate do papel do povo bantu na construção da afro brasilidade. Em sua cosmovisão, entende que existem forças regendo a natureza, estas forças podem ser boas e/ou ruins dependendo do ponto de vista. São forças complementares e antagônicas. Forças criadoras e dispersoras com potencial de vida e de morte. De acordo com a forma que se trabalhe estas forças dentro do jogo da vida atribuindo maior peso para o mau ou para o bem é a mesma medida que as forças da natureza vão retornar para a própria humanidade¹⁸⁸. Às entrevistadas, corroboram com essa perspectiva ao declarar que, o candomblé de Angola compõe a conjuntura do resgate da memória e das identidades do povo bantu na construção da afro brasilidade, no âmbito da cosmovisão, acredita que há forças supremas regendo a natureza, sejam elas benignas e/ou malignas com base na visão de quem analisa. Tais forças podem ser consideradas complementárias e contrárias, instituidoras e dispersoras da vida e morte, dependendo da vibração positiva ou negativa que são atribuídas a estas forças, que voltam para humanidade na vibração que foi mentalizada, sustentam essa compreensão às entrevistadas.

Candomblé ketu / candomblé nagô - É uma nação do candomblé, porque candomblé ketu, popularmente conhecido como candomblé nagô é uma nação do candomblé. Tal nação é fundamentada e disseminada nas tradições dos povos nagôs, afirma mestra Joana. Às entrevistadas, aderem essa afirmação e acrescenta que é

¹⁸⁷ Referência ao texto de Tulio Pereira (2018).

¹⁸⁸ Referência ao texto de Stefania Capone (2004). Ver: CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contracapa Pallas, 2004.

uma religião do povo africano, fundamentada e disseminada nas tradições do povo nagô. Elas também endossam que a perpetuação dos rituais realizados nos terreiros de candomblé, preserva grande parte do patrimônio cultural das africanas e africanos.

Cantada - Loa ou entoada que é cantada nas manifestações da cultura popular de matriz africana, expõe Guerreira 3 do Sudeste.

Canudo - Segundo Guerreira 17 do Nordeste, mestra Joana se referiu ao seu diploma de curso superior, emitido por uma instituição de ensino reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), especificamente, seu diploma de doutora em letras, que se referiu como canudo.

Capoeira - Uma arte completa que trabalha corpo, mente, alma e um espaço de militância das feministas¹⁸⁹. Tem dois sentidos, o primeiro está relacionado a arte, luta e dança, avaliada o esporte mais completo, por incluir a dança, o movimento, o contato. Ela é considerada luta porque tem um jogo, considerada dança, porque tem a música. Criada no século XVII pela população escravizada da etnia banto e se difundiu por todo o Brasil. Hoje é considerada um dos maiores símbolos da cultura brasileira, afirmam as entrevistadas.

Cara - Homem, garoto, menino, boy, declara Guerreira 2 do Centro-Oeste, referindo-se a pessoa do sexo masculino que participa do mesmo grupo misto de maracatu que ela havia participado. A Guerreira 12 do Sudeste e a Guerreira 20 do Centro-Oeste, utilizam o mesmo termo referindo-se a um homem que é mestre de uma Nação de maracatu, complementando que mestra Joana também é uma cara de muita força, fé, coragem e determinação pela sua persistência e resistência em está há quase 15 anos como mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

¹⁸⁹ Referência ao texto de Camila Pinheiro (2019). Ver: PINHEIRO, Camila. "Mulher na roda não é pra enfeitar"! A ginga feminista e as mudanças na tradição da capoeira angola. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 24, n. 1, p. 82-96, 2019.

Casa de umbanda / centro de umbanda / terreiro de umbanda - Templo, espaço religioso destinado a realização das práticas que são desenvolvidas pela umbanda, religião que envolve nas suas crenças elementos do candomblé¹⁹⁰.

Casa-grande - Era exatamente a casa dos senhores de engenho, pessoas que escravizavam a população negra trazida da África para o Brasil, afirma a Guerreira 23 do Norte. Entende-se que casa-grande foi casa de morada, vivenda ou residência do senhorio nas propriedades rurais do Brasil colônia a partir do século XVI. Tudo no engenho girava em torno da casa-grande, sendo ela uma espécie de centro de organização social, política e econômica local. No Brasil colonial, a casa-grande era estrategicamente construída próxima ao engenho propriamente dito, a senzala, a casa de farinha e a capela, de acordo com as entrevistadas.

Caso de violência - Registro de ato violento nas relações sociais e matrimonial, alega Guerreira 18 do Sul.

Castigo - Mestra Joana usa esse termo para expor que caso a criança, adolescente e jovem que participa do Projeto Encantinho do Pina não se dedique aos estudos, fica impossibilitada de participar das apresentações, atividades e passeios realizados pelo projeto. Desse modo, é estimulada a dedicar-se aos estudos para ter a oportunidade e privilégio de participar de todas as ações que são desenvolvidas pelo projeto em pauta. Conforme a Mestra, esse critério apresenta um bom resultado, porque as crianças, adolescentes e jovens consideram o critério proibitivo, um castigo, por isso dedicam-se aos estudos para participarem de todas as ações que são desenvolvidas pelo projeto supracitado.

Chutar a porta - Romper com os paradigmas impostos pela sociedade, sobretudo, no que tange às relações sociais e culturais de gênero, que são preestabelecidas socialmente, defende Guerreira 5 do Sudeste.

¹⁹⁰ Referência ao texto de Patrícia Birman (1985). Ver: BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Ciranda - Música, dança em forma de roda oriunda da Região Nordeste do Brasil, precisamente da Ilha de Itamaracá, Pernambuco. Essa manifestação cultural surgiu através das esposas/companheiras de pescadores que cantavam e dançavam esperando eles voltarem da pesca.

Classe - Grupo ou camada social que se organiza, em sociedades estratificadas, cuja formação contribui para a divisão do trabalho e as diferenças sociais.

Classe média - Classe social que tem uma situação econômica estável, essa classe possui um padrão de vida e de consumo elevado, tem possibilidade de acessar várias formas de lazer e cultura, embora não tenha os mesmos padrões de consumo exorbitantes como das classes superiores.

Classe social - Um grupo constituído por pessoas com padrões culturais, políticos e econômicos semelhantes. As mulheres integrantes do Movimento são de todas as classes sociais da sociedade.

Coco de roda - Ritmo e dança em forma de roda trazida para o Brasil pelas populações africanas na época da escravatura. Essa manifestação cultural surgiu nos engenhos de açúcar da antiga Capitania de Pernambuco, afirma Guerreira 29 do Nordeste.

Coco mazucado - Um ritmo de coco pontuado, prática cultural do folclore nordestino, legado das populações escravizadas e perpetuado pelas gerações vindouras, aferi Guerreira 4 do Sul.

Cola na gente - Mulheres trans se identificam, se aproximam e passam a integrar a ala de dança do Baque Mulher Rio de Janeiro, declara Guerreira 12 do Sudeste.

Colaborar - Fortalecer, contribuir, cooperar, cotizar.

Coletivo - Transporte público, ônibus, grupo, movimento, coligação entre pessoas.

Colofé - Significa pedido de benção a uma *yalorixá*/mãe de santo ou a um *babalorixá*/pai de santo de um terreiro de candomblé nagô ou da umbanda, declara Guerreira 25 do Nordeste.

Combater violência contra a mulher - Lutar contra qualquer prática violenta contra as mulheres.

Companheiro / cônjuge - Esposo, marido, parceiro.

Compromisso religioso - São os compromissos que mãe de santo, pai de santo, filha de santo e filho de santo assumem com os seus respectivos orixás.

Confabular - Conspirar uma ideia contrária ao interesse coletivo, ter ato secreto tortuoso e tramar uma enrascada com o intuito de prejudicar alguém.

Confecção de adereço do Maracatu Baque Mulher - Mestra Joana ensina as integrantes desse movimento, confeccionarem vários artefatos, exemplo, enfeite de cabeça, colar, brinco, pulseira, anel e outros adornos utilizados como adereços nesse coletivo e na Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Confecção de adereço do Projeto Encantinho do Pina - Uma das ações desse projeto é ministrar oficinas de confecção de vários artefatos, exemplo, enfeite de cabeça, colar, brinco, pulseira, anel e outros adornos utilizados no Maracatu Encantinho do Pina, uma extensão das práticas socio pedagógicas idealizada pela Nação Encanto do Pina.

Confecção de instrumento do Maracatu Baque Mulher - Mestra Joana ensina as integrantes desse movimento confeccionarem seus próprios instrumentos.

Confecção de instrumento do Projeto Encantinho do Pina - Uma das ações desse projeto é ministrar oficinas de confecção dos instrumentos de percussão que são utilizados no Maracatu Encantinho do Pina, na Nação Encanto do Pina e no Movimento.

Confecção de roupa - Mestre Joana ensina as integrantes do Movimento confeccionarem os figurinos, adornos/adereços usados nesse movimento e na Nação Encanto do Pina.

Confecção de instrumento nas oficinas realizadas pelas batuqueiras, batuqueiros da Nação do Maracatu Encanto do Pina e do Maracatu Baque Mulher

- Oficina de confecção de instrumento percussivo realizada nas cidades das cinco regiões do Brasil, ministrada pelas batuqueiras, batuqueiros dessa nação e pelas batuqueiras desse movimento, sob a supervisão de mestra Joana.

Confraternizar / celebrar a vida coletivamente - O Movimento promove encontros de celebração em alusão as datas comemorativas nos grupos das suas respectivas cidades e regiões.

Confrontar - Combater atos e ações dos homens machistas que não admitem a visibilidade e fortalecimento das mulheres, defende Guerreira 4 do Sul.

Conhecimento subjugado - Para Guerreira 11 do Sudeste é uma espécie de epistemicídio, que Sueli Carneiro (2005) com veemência o denuncia como “conjunto de estratégias que terminam por abalar a capacidade cognitiva das pessoas negras, que conspiram sobre a nossa possibilidade de nos afirmarmos como sujeito de conhecimento [...] não suficientemente dotados de racionalidade, capazes de produzir conhecimento e, sobretudo, ciência”.

Consciência de classe - Termo derivado das ciências sociais, pautado pela corrente marxista, para compreender as crenças e atitudes de uma pessoa a respeito de sua classe social ou condição econômica, conscientizando-a dos seus privilégios e da ausência desses para as classes subalternas. Para a Guerreira 7 do Sudeste essa consciência possibilita união, coesão entre iguais e a luta por melhorias para a classe subalternizada que tem seus direitos transgredidos.

Consciência do histórico do povo negro - Compreender as crenças, religiões, condição econômica, social, educacional e as atitudes da população afrodescendente, assegura Guerreira 7 do Sudeste.

Construção temporal - Algo estabelecido ao longo do tempo, conforme a trajetória da sujeita/o ou grupos sociais. O Movimento consolidou sua missão, paulatinamente, no decorrer da sua trajetória, tomando forma a partir da própria constituição e expansão desse movimento.

Contexto sociopolítico - Conjuntura dos atos sociais e políticos vigentes.

Coordenadora regional dos grupos do Maracatu Baque Mulher - Batuqueira responsável para coordenar um grupo desse maracatu na sua respectiva cidade e região. Segundo o regimento interno do Movimento, para torna-se coordenadora de um coletivo desse movimento, é imprescindível ter vivenciado algum momento das práticas e do cotidiano da Comunidade do Bode, preferencialmente, no período do carnaval com o Baque Mulher Recife.

Coro do bode - Matéria prima utilizada na fabricação artesanal do tambor, também conhecido por alfaia, instrumento percussivo usado no Movimento e na Nação Encanto do Pina, declara Guerreira 26 do Sul.

Coronelismo - Guerreira 19 do Centro-Oeste afirma que o Brasil ainda perpetua práticas vindouras do coronelismo. Segundo André Galvão (2012)¹⁹¹ essa prática política “se revela um elemento de grande importância na formação da identidade brasileira, mesmo que isso sugira um aspecto negativo da nossa formação”. A Guerreira 21 do Norte afirma “os atos da cúpula política brasileira reflete a identidade do coronelismo”. Para essa entrevistada aquelas, aqueles que não respeitam as filas nas repartições seja elas públicas ou privadas, que se recusa a aceitar regras, ordens, prescrições, leis, se aproveitam dos cargos, funções que ocupam para obter alguma

¹⁹¹ Ver a publicação “O coronelismo como referência identitária: um estudo sobre as narrativas de Wilson Lins”, publicado no III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, em 2012.

regalia, que têm posturas machistas também são indiscutivelmente reprodutoras, reprodutores dessa identidade.

Corpo branco - Corpo da pessoa não negra, que tem a pele embranquecida, avalia Guerreira 26 do Sul.

Corpo preto - Corpo da pessoa afrodescendente, conforme Guerreira 25 do Nordeste.

Cortejo - Apresentação artística das Nações de maracatu, onde as batuqueiras, batuqueiros tocam seus respectivos instrumentos em ruas e/ou avenidas públicas. O cortejo pode ser de curta ou longa duração, vai depender de determinados fatores, como por exemplo, o tempo estipulado pela produção do evento, pela mestra ou mestre que esteja regendo o cortejo da nação.

Cortejo oficial / desfile oficial - Apresentação artística oficial do Movimento e da Nação Encanto do Pina, compõe a programação cultural do carnaval oficial do Recife. O desfile do movimento ocorre sempre na sexta-feira e, o da nação no domingo de carnaval pelas ruas do Recife, capital de Pernambuco.

Cosme e Damião - Sincretizados como os erês/espíritos de crianças nas religiões afro-brasileiras e no catolicismo como os santos, São Cosme e Damião, afirma Guerreira 21 do Norte.

Cota racial - Reserva de vaga nas instituições públicas de ensino e no mercado de trabalho para um grupo da mesma etnia, com a finalidade de reparar as desigualdades étnicas e socioeconômicas das pessoas desfavorecidas, na maioria das vezes, populações negras e indígenas. O Baque Mulher Maringá, participou das discussões e reivindicou a aprovação das cotas raciais na Universidade Estadual de Maringá, conforme narrativa da Guerreira 24 do Sul.

Crime - Todo e qualquer ato criminoso, salvo as exceções, cometido nos grandes centros urbanos, pela ausência de políticas públicas, de modo especial, que garantam

emprego, moradia, educação, segurança alimentar e lazer. Adolescentes e jovens pobres, pretas, pretos, periféricas e periféricos são a população que por falta de oportunidade e violação dos seus direitos básicos e fundamentais, são induzidas, induzidos a adentrarem na criminalidade, tendo, geralmente, sua vida ceifada ainda na juventude. A Comunidade do Bode, cotidianamente perde sua juventude preta para o mundo do crime, fato esse que atende aos interesses do quarto poder, o crime organizado e a execução em massa da população negra, declara Guerreira 4 do Sul.

Cultura - Vivência, história, proposta e projeto de vida, como algo vivenciado e experienciado. A cultura de uma nação é o conjunto das expressões culturais existentes e praticadas pelo seu povo, afiança Guerreira 7 do Sudeste.

Cultura afro / cultura afro-brasileira / cultura de matriz africana - Conjunto de expressões e manifestações culturais do Brasil que sofreram algum grau de influência da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade, pondera às entrevistadas.

Cultura afro feminina - Cultura de matriz africana produzida, disseminada e abarcada pelas mulheres, alega Guerreira 19 do Centro-Oeste.

Cultura afro pernambucana - Cultura de matriz africana praticada no Estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil, garante Guerreira 19 do Centro-Oeste.

Cultura ancestral - Cultura transmitida por meio das narrativas orais, onde pessoas idosas compartilham com as mais jovens seus saberes ancestrais. Tal prática é uma das ações promovida pelo Movimento para disseminar a cultura da ancestralidade da população negra, assegura Guerreira 21 do Norte.

Cultura do maracatu - Cultura que o Movimento representa e dissemina nas suas práticas, levando a frente o legado dessa cultura ancestral, diz Guerreira 25 do Nordeste.

Cultura do Recife / cultura recifense - Expressões e manifestações culturais da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, localizada na Região Nordeste do Brasil, assegura Guerreira 26 do Sul.

Cultura negra - Envolve todas as expressões, manifestações, religiões e práticas das populações afrodescendentes. O Movimento, fortalece a visibilidade da memória e da identidade dessas populações, enaltecendo seus hábitos, costumes e crenças, aspectos intrinsecamente relacionados com as estruturas da cultura negra e da sua ancestralidade, afirma Guerreira 28 do Nordeste.

Cultura popular - Uma expressão que caracteriza um conjunto de elementos culturais específicos de uma nação ou região. Muitas vezes, classificada como cultura tradicional ou cultura de massas. A cultura popular é um conjunto de manifestações criadas por um grupo de pessoas que têm uma participação ativa nelas, conforme as entrevistadas.

Curandeira - Mulher benzedeira que cura doenças com rezas, prática transmitida de geração para geração, assegura Guerreira 1 do Nordeste.

Cutucar - Bulir, mexer, estimular, provocar outra pessoa a fazer uma fala ou ação, conforme as entrevistadas.

Cutucar as estruturas - Tentativa de possibilitar uma mudança cultural e também de mentalidade, almejando romper com as estruturas que estão postas, pondera Guerreira 7 do Sudeste.

(D)

Dama do Paço - Personagem feminina, cuja função no maracatu de baque virado é carregar/desfilar e dançar com a calunga, boneca mística desse maracatu, mas para carregá-la, a Dama do Paço precisa passar por um ritual religioso, afiança Guerreira 16 do Sul.

Dança afro - Manifestação artística da cultura de matriz africana, na concepção das entrevistadas.

Dança do Maracatu Baque Mulher / Passo do Maracatu Baque Mulher / Passinho do Maracatu Baque Mulher - Coreografia de maracatu elaborada pelas integrantes do Baque Mulher Recife, matriz desse maracatu de feministas, inspiradas na trajetória artística de mestra Joana.

De com força - Segundo Guerreira 21 do Norte, é a expressão utilizada para enfatizar algo de forma exagerada, especificamente em Manaus no Amazonas, Estado brasileiro da Região Norte.

Defumador - Utilizado nas solenidades e nas cerimônias da religião de matriz africana para defumar o ambiente. Trata-se de uma erva seca que, quando queimada com carvão, deixa o ambiente cheiroso.

Demonizar a religião de matriz africana - A demonização das religiões de matriz africana tem origem no racismo que acompanha o povo negro há séculos, desde que chegou ao Brasil escravizado¹⁹².

Demonizar o candomblé - Uma prática histórica do senso comum e evidente no Brasil, é satanizar, ou seja, dar aspecto ou caráter satânico ao candomblé, relacioná-lo com maldade, que provoca algo ruim para as pessoas. Avalia-se que essa compreensão é um equívoco, sendo assim, as pessoas precisam entender mais a base das religiões de matriz africana, suas origens históricas. Percebe-se que, de forma gradual o sentimento de demonização das manifestações religiosas das populações afrodescendentes, especificamente, o candomblé, vem sendo quebrado paulatinamente, e dando espaço ao conhecimento e reconhecimento da religiosidade dessa população, nomeadamente, as pessoas de terreiro de candomblé. Sendo

¹⁹² Referência ao texto de Vagner Silva (2005).

assim, promovendo o combate a intolerância religiosa, que é também uma das lutas veemente do Movimento, conforme às entrevistadas.

Desandar - Retroceder, acuar, recuar, empacar, desabaicar.

Desavença - Desarmonia, discórdia, desavença, desacordo, briga, treta.

Desconstruir - Construir novas percepções, assinalar outras perspectivas, sugerir novos pontos de vista, abarcar novas perspectivas.

Desesperança na vida - Falta de esperança em viver, estado que algumas mulheres, principalmente pretas, pobres e periféricas chegam no Movimento. Inclusive, algumas quando se sentem à vontade no movimento, em determinado momento, revela seu estágio depressivo e de solidude, ainda recorrente na vida das mulheres negras, alega às entrevistadas.

Desigualdade de gênero - Hegemonia masculina que oprime e viola os direitos do gênero feminino; não é novidade que a desigualdade de gênero é uma realidade vivida pelas meninas e mulheres em todo o Brasil.

Desmonte - Desarticular o que existe, desconjuntar e desmontar o que já existe.

Devota - Religiosa, contemplativa, beata.

Diálogo feminista - Diálogo entre mulheres que fortalece as questões sociais e políticas relacionadas ao feminino e a desigualdade de gênero.

Diarista - Trabalhadora doméstica, faxineira, mulher que trabalha em casa de família, na sua maioria família de classe média e/ou rica.

Dificuldade financeira - Pessoa em situação de vulnerabilidade financeira, desprovida de dinheiro, não tem condições financeira de adquirir bens.

Disparate - Absurdo, revoltante, equívoco, dúbio.

Dologuns - Jogo de búzios, jogo de dologuns.

Domínio público - Quando os direitos autorais de uma obra se expiram em alguns anos após a morte da autora ou autor, podendo ser reproduzida parcial ou integralmente por qualquer pessoa. A obra pode ser copiada sem a autorização da autora, autor, editora ou de quem os representem.

Dororidade - Carrega, no seu significado, a dor provocada em todas as mulheres pelo machismo [...] quando se trata de nós, mulheres pretas, tem um agravo nessa dor, agravo provocado pelo racismo. Racismo que vem da criação branca para manutenção de poder... E o machismo é racista. Aí entra a raça, gênero, classe. Sai a sororidade e entra dororidade¹⁹³.

Droga - Existe a lícita e ilícita. A droga lícita é a que pode ser comercializada, como a bebida alcoólica e, a ilícita é aquela que tem a sua venda proibida, como a maconha, crack, cocaína entre outras.

Duas forças que veem da favela - Mestra Joana e Tenily Guian, são mulheres periféricas e, entusiásticas nas ações que desenvolvem no Movimento. Elas são referências para as integrantes desse movimento feminista, assegura Guerreira 6 do Sudeste.

(E)

Ebó - Oferedas, conforme Guerreira 17 do Nordeste.

Ecoa - Repercute, reflete, ressoa.

¹⁹³ Referência ao texto de Vilma Piedade (2017).

Educação do candomblé - Educação pautada na hierarquia, respeito a pessoa mais velha, fundamentada nos preceitos e educação da religião de matriz africana, afirma mestra Joana Cavalcante.

Educação informal - Educação que não ocorre nas instituições formais de ensino, a exemplo das escolas e universidades, mas em espaços como associações e movimentos, a exemplo do Maracatu Baque Mulher. Tal maracatu promove troca do conhecimento entre as batuqueiras, objetivando a construção individual e coletiva, principalmente, a ressignificação e desconstrução das práticas que são pautadas pela sociedade patriarcal.

Educação popular - Educação pautada na pedagogia de Paulo Freire, que analisa os saberes prévios das sujeitas, sujeitos em suas múltiplas formas, compreendendo que não há saberes mais ou menos, mas saberes diferentes adquiridos na prática. O Movimento, tende a abarcar os princípios dessa educação.

Educadora social - Profissional que por meio das ferramentas e atividades pedagógicas, intervém nas problemáticas do cotidiano das pessoas em situação de vulnerabilidade, visando a garantia dos direitos básicos e a inserção social das pessoas. Essa é uma das profissões de mestra Joana.

Egum - É o nosso antepassado, esse termo é comumente usado nas religiões de matriz africana para se referir ao espírito de uma pessoa que faleceu, seja ela praticante ou não dessas religiões, aferi às entrevistadas.

Eke di - É a mulher responsável para tomar conta do terreiro, das pessoas, das/dos orixás. A *ekedi* não se manifesta com orixás, só auxilia e ajuda a cuidar das pessoas que estejam incorporadas, ou seja, que receberam alguma entidade/espírito, sejam de vibração elevada ou de baixa vibração.

Em carne e osso - Quando a pessoa está fisicamente presente, tocável. A Guerreira 3 do Sudeste, usa esse termo para exemplificar, que mestra Joana é uma pessoa acessível, principalmente, uma mulher comum como as outras.

Empoderamento de mulher - Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento, meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza e com as guerras¹⁹⁴. O objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além disso, assumirmos maior controle sobre nossos corpos, nossas vidas. Na perspectiva de gênero, o empoderamento das mulheres desafia as relações patriarcais no que se refere ao poder dominante do homem, à manutenção dos seus privilégios de gênero e principalmente à sua atuação dentro da família. Implica uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, assegurando, a estas, a autonomia no controle dos seus corpos, de sua sexualidade, de suas opiniões e de seus direitos de ir e vir.

Empoderamento de mulher negra - O ato de uma mulher afrodescendente se empoderar e fortalecer o empoderamento de outras mulheres negras.

Empoderamento feminista - Tema frequentemente debatido no Movimento, o qual objetiva alarga a participação das mulheres em todos os espaços entre eles no maracatu de baque virado, manifestação cultural de matriz africana.

Empoderar - Ato de dar ou conceder poder para si próprio ou para outrem; representa a ação de atribuir domínio ou poder sobre determinada situação, condição ou característica. O Movimento tem como uma das suas principais missões empoderar mulheres, principalmente, as mulheres pretas, pobres, periféricas e de terreiros (praticantes das religiões de matriz africana).

¹⁹⁴ Referência ao texto de Melo e Lopes (2012).

Encabeçar - Pessoa responsável para conduzir e mediar uma atividade específica de um determinado grupo ou instituição.

Encantado - Não são considerados espíritos de mortos, como os “eguns” do candomblé e os espíritos que se comunicam com as pessoas em centros espíritas e em seções de mesa branca, nem mesmo quando se acredita que tiveram vida terrena. Pertencem a outra categoria de seres espirituais¹⁹⁵.

Encantinho (Maracatu) / Maracatu Mirim do Encanto do Pina / Maracatu Mirim da Nação do Maracatu Encanto do Pina - Maracatu formado, exclusivamente pelas crianças, adolescentes e jovens que participam do Projeto Encantinho do Pina, realizado pela Nação Encanto do Pina.

Encantinho (Projeto) / Projeto Social Encantinho / Projeto Social Encantinho do Pina - Idealizado pela mestra Joana e, coordenado pela pedagoga Mariana Bianchi, em parceria com a Nação Encanto do Pina e com o Movimento desde 2013. Esse projeto é realizado com as crianças, adolescentes e jovens de dois a 17 anos e 11 meses, residentes na Comunidade do Bode e adjacências.

Encontro Nacional Baque Mulher - Realizado anualmente pelo Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, sediado um ano em Recife e no ano subsequente em outra cidade do Brasil. Esse encontro possibilita as mulheres participantes trocarem suas energias e experiências do cotidiano, refletirem sobre as mulheres, comemorem conquistas e reafirmarem lutas, especialmente, para sentirem a sororidade, a beleza de serem mulheres e contarem umas com às outras. Também é uma possibilidade de aprenderem com as mais velhas e com as mais jovens, ensinarem umas às outras as lidas da vida e os segredos do universo do maracatu de baque virado. Esse movimento já realizou os seguintes encontros: I Encontro Nacional Baque Mulher, realizado de 12 a 14 de agosto de 2016 em Sorocaba, São Paulo; II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado de 12 a 15 de outubro de 2017 em Recife; III Encontro Nacional Baque Mulher, realizado entre 29

¹⁹⁵ Referência ao texto de Sérgio Ferretti (1995).

de novembro a 2 de dezembro de 2018 em Sorocaba, o IV Encontro Nacional do Baque Mulher, realizado de 15 a 17 de novembro de 2019 em Recife. O V Encontro foi planejado para o mês de novembro de 2020 em Sorocaba, mas não foi executado por conta da pandemia do novo coronavírus. Esse encontro foi reagendado e realizado de 9 a 11 de dezembro de 2022 em Sorocaba. O VI Encontro Nacional do Baque Mulher acontecerá de 12 a 15 de outubro de 2023 em Recife.

Enegrecer - Guerreira 20 do Centro-Oeste, usa esse termo para ressaltar a relevância do alargamento da participação das mulheres negras, não exclusivamente como batuqueira, mas como coordenadora regional/local dos grupos que compõem o Movimento. Destacando a importância da figura de mestra Joana, como idealizadora e coordenadora geral desse coletivo, principalmente da transmissão dos seus ensinamentos ancestrais, a exemplo de incentivar as mulheres negras a tocarem tambor, um instrumento percussivo ancestral, simbolizando algo que traz a memória e, constrói a identidade delas enquanto mulheres negras, dessa forma o Movimento vai enegrecendo. A entrevistada alerta para o fato de as mulheres dos corpos brancos manterem a preocupação de estarem atentas para não afastarem as mulheres negras, para que elas sintam-se representadas por outras negras e acolhidas nesse movimento.

Engendrar - Produzir, causar, gerar, lançar.

Ensimesmamento - Concentrar-se ou estar completamente absorvida/o pelos próprios pensamentos; voltar-se para o interior de si mesmo.

Ensino - Preceitos, doutrina, princípio.

Entidade - Um ser sobrenatural no candomblé e na umbanda. Mesmo sendo monoteísta, o candomblé cultua diversas entidades que em sua crença representam as forças da natureza. Essas entidades variam entre orixás, inquices, voduns, entre outros. O mais interessante sobre essa religião é que há variações das crenças de acordo com cada nação.

Entoar - Ato de cantar a loa, entoada do maracatu.

Epistemicídio - Em linhas gerais é a omissão das universidades, faculdades e das instituições de ensino, no que diz respeito a disseminação da fonte de conhecimento que evidencia as teses, teorias das pesquisadoras negras e pesquisadores negros, que não dissemina nem visibiliza os saberes delas e deles. O epistemicídio tem como missão propagar os saberes das pesquisadoras brancas e pesquisadores brancos em relação as negras e negros.

Erê - Criança, guri, garota/o na sua primeira infância.

Escola de samba - É um tipo de agremiação de cunho popular que se caracteriza pelo canto e dança do samba, quase sempre com intuito competitivo. Sendo um tipo de associação originária da cidade do Rio de Janeiro-RJ, as escolas de samba se apresentam em espetáculos públicos, em forma de cortejo, onde representam um enredo, ao som de um samba-enredo, acompanhado por uma bateria; suas/seus componentes, que podem ser algumas centenas ou até milhares, usam fantasias alusivas ao tema proposto, sendo que a maioria destas/destes desfila a pé e uma minoria desfila sobre carros alegóricos.

Escola laica - Instituição escolar, fundamentada em um ensino desvinculado da educação da igreja, sem religião, ou seja, sem nenhum princípio de caráter religioso.

Espada de São Jorge - É uma planta de Ogum. No candomblé, essa planta é comumente usada como amuleto contra energias negativas, candomblecistas creem que essa planta afasta toda inveja, olho gordo e as energias de baixa vibração, protegendo-lhe e conferindo-lhe sorte em um determinado aspecto da vida.

Espingarda - Arma de fogo usada pelo agressor de Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica brasileira, para violentá-la na própria residência. Nesse caso, ela tornou-

se vítima da violência doméstica. Essa farmacêutica sofreu tentativa de feminicídio¹⁹⁶, afirma Guerreira 1 do Nordeste.

Etnia - Coletividade de sujeitas, sujeitos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir. A religião do candomblé não discrimina as pessoas pela sua etnia, porque trata-se de uma religião que acolhe todos os seguimentos da sociedade, garante mestra Joana Cavalcante.

Exu - É um orixá, uma das entidades espirituais da religiosidade afro-brasileira¹⁹⁷.

(F)

Favela do Bode - Comunidade do Bode, localizada no Pina, bairro situado na zona sul da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, situado na Região Nordeste do Brasil, considerada uma das regiões mais pobres do país.

Fazer a bonita - Momento que a mulher assume uma identidade que não é dela, exclusivamente para agradar as pessoas e ser considerada como a mulher isenta de qualquer culpa ou defeito.

Fazer cabeça - Quando a pessoa se inicia dentro do candomblé, religião de matriz africana e passa por todo um processo, um rito iniciático¹⁹⁸. Para pessoas candomblecistas esse ritual religioso é comumente conhecido como o amassi ou batismo, assevera Guerreira 3 do Sudeste.

Fecharão - Ato extravagante, exagerado, espalhafatoso.

¹⁹⁶ De acordo com a Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Ver: BRASIL, **Lei nº 13.104/15**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio com o circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília: Presidência da República, 2015.

¹⁹⁷ Referência ao texto de Vagner Silva (2013).

¹⁹⁸ Referência ao texto de Roger Sansi (2009). Ver: SANSE, Roger. "Fazer o santo": dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras. **Análise social**, Lisboa, v. XLIV, n. 1, p. 139-160, 2009.

Feedback - Retorno, resposta, devolutiva.

Femicídio - Um termo de crime de ódio baseado no gênero, amplamente definido como o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou em aversão ao gênero da vítima, mas as definições variam dependendo do contexto cultural. Segundo a feminista Diana Russell, femicídio é "a matança de mulheres por homens, porque elas são mulheres".

Feminismo - No início da fundação do Movimento, o significado do termo feminismo não era compreendido pela mestra Joana, mentora desse movimento, mas ela sabia que as mulheres da Comunidade do Bode, precisava de um espaço para se reunirem e conversarem assuntos relacionados as mulheres. "O feminismo ocorre na prática, nas nossas ações e também de como a gente se comporta. Não basta se dizer feminista, mas entender o feminismo, o que é e, como a gente consegue se enxergar", explica Guerreira 18 do Sul.

Feminismo acadêmico / feminismo teórico - Guerreira 11 do Sudeste e Guerreira 20 do Centro-Oeste, utilizam esse termo para ressaltar que esse feminismo não é priorizado no Movimento. Tal movimento procura alargar o debate sobre feminismo no âmbito periférico da sociedade, nas comunidades que estão excluídas do sistema vigente.

Feminismo branco - Guerreira 3 e Guerreira 11 do Sudeste, usam esse termo para advertir que o feminismo branco não é priorizado no Movimento, pois, o objetivo desse movimento é alargar o debate sobre feminismo negro¹⁹⁹.

Feminismo que vem da favela - Trata-se de um feminismo compreendido pelo lugar de fala das mulheres da periferia. O Movimento foi pensado, criado e, é coordenado por uma mulher da periferia, a partir das demandas das mulheres da Comunidade do Bode, explica Guerreira 3 do Sudeste.

¹⁹⁹ Referência ao texto de Vanessa Santos (2017).

Feminista - Palavra acrescentada ao nome do Movimento, inspirada em uma postagem que mestra Joana leu em 2008 no orkut, mídia social que foi substituída pelo facebook. Mesmo a Mestra não compreendendo o significado da palavra feminista, achou bonita e por esse motivo, acrescentou ao nome do grupo de maracatu de baque virado, que estava fundando nesse mesmo ano, composto exclusivamente por mulheres.

Figura - Termo utilizado para se referir a uma pessoa próximo aos 90 anos, reverenciada como sagrada porque está mais perto de Olorum, Deus onipotente, criador de tudo, todas, todos. Essa pessoa, mais velha dança, brinca juntamente com crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas no desfile oficial da Nação Encanto do Pina, mantendo e disseminando essa tradição do povo afrodescendente.

Filha de Iansã - Pessoa que tem o seu ori/cadeça, guiada pela orixá Iansã.

Filha de santo - No candomblé, a filha de santo representa uma verdadeira sacerdote, servindo de instrumento, de corpo, de cavalo, ou de *médium*, para a/o orixá que nela se incorpora, em certas ocasiões do culto. Nesses momentos, ela possui os mesmos gestos, timbre de voz, danças e cantigas que a identidade incorporada. Essas escolhas, em geral, têm lugar dentro dos próprios cultos e, durante a revelação dos orixás, a futura filha de santo é tomada por tremores e sobressaltos²⁰⁰.

Filhas da Oxum Opará - Grupo fundado em 1999 pela mestra Joana, cuja finalidade era ministrar oficinas de dança e canto para meninas em situação de vulnerabilidade, entre sete e 12 anos, residentes na Comunidade do Bode e circunvizinhas, consideradas comunidades periféricas do Recife.

Filme Mães do Pina - Apresenta o impacto das atividades sociais, eventos musicais e manifestações religiosas realizadas por diversas mulheres que mantêm com seus trabalhos a cultura viva da Comunidade do Bode. Este filme pernambucano dar visibilidade às mães de santo, personalidades do candomblé, consideradas guerreiras, sobrevivendo às dificuldades financeiras e construindo um importante

²⁰⁰ Referência ao texto de Vainsencher (2007).

legado cultural à Comunidade do Bode. Filme visto no 19º Cine PE Festival Audiovisual, em maio de 2015, alegam as entrevistadas.

Filosofia afro-brasileira - Pensamento filosófico que tende a compreender as relações da população brasileira afrodescendente na contemporaneidade. Trata-se de uma filosofia que evidencia as resistências culturais de matriz africana existentes no Brasil.

Filosofia afrodiaspórica - Estudo das questões que envolvem fundamentalmente os conhecimentos, práticas culturais, práticas religiosas, rituais, manifestações e valores de todas as pessoas, na perspectiva da cosmovisão, objetivando proteger todas as formas de vida da humanidade.

Florescer - Progredir, prosperar, avançar.

Folclore - Manifestações da cultura popular que acontecem e que formam a identidade social de um povo, reproduzido tanto individual quanto coletivamente e transmitido de geração para geração.

Fonte de sabedoria - Guerreira 5 do Sudeste atribui esse adjetivo à mestra Joana, por considerá-la uma pessoa que detém muitos saberes e conhecimentos²⁰¹.

Força benéfica - Energia benévola, energia positiva, força positiva.

Força expressiva - Ímpeto da expressão, falar subitamente sem pensar, falar o que vem à cabeça.

Força maléfica - Energia malévola, energia negativa, força negativa.

Formação católica - Educação e credo religioso pautados no catolicismo.

²⁰¹ Referência ao texto de Reginaldo Prandi (2001). Ver: PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.

Formação evangélica - Educação e credo religioso pautados no protestantismo.

Fundamento do maracatu - É pautado nos fundamentos do candomblé, religião de matriz africana, que à mestra Joana, adotou como sua prática religiosa. Nesse véis, ela reproduz essa educação nas práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais do Baque Mulher e da Nação Encanto do Pina.

(G)

Ganzá / mineiro - Instrumento musical de percussão, usado no maracatu e em outros ritmos musicais. Esse instrumento é utilizado na percussão do Maracatu Baque Mulher, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação e no Mazuca da Quixaba, coordenados e orquestrados pela mestra Joana.

Gênero - Uma gama de características pertencentes e diferenciadas entre a masculinidade e a feminilidade. Dependendo do contexto, essas características podem incluir o sexo biológico: como o estado de ser do sexo masculino, do sexo feminino, ou uma variação intersexo, que pode complicar a atribuição do sexo.

Geração passada - Geração das pessoas mais velhas, geração relacionada ao antepassado, geração ancestral, geração predecessora, geração antecessora.

Gonguê - Instrumento de percussão, derivado do ferro e tocado no maracatu para o orixá Ogum. Esse instrumento é utilizado na percussão do Maracatu Baque Mulher, Nação Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação e no Mazuca da Quixaba, coordenados e orquestrados pela mestra Joana. O gonguê é um instrumento bastante importante no maracatu, ele é, o que “define qual baque será tocado na hora do cortejo. É ele que manda na hora do toque”²⁰². Ainda sobre sua função, o Dossiê de Maracatu Nação: Inventário de Referências Culturais - INRC do Maracatu Nação

²⁰² Referência ao texto de Das Neves (2017).

aponta que “o gonguê é um exemplo que cumpre simbolicamente a função de toque sacramental que, em terreiros, é feito originalmente pelo agogô, podendo também ser feito pelo gonguê. Na função de evocação, o gonguê assume o papel originalmente feito pelo adjá”.

Governo pro fascismo - Governo que defende uma ideologia política ultranacionalista e autoritária caracterizada por poder ditatorial, nacionalismo extremo, desprezo pela democracia eleitoral e pela liberdade política e econômica, oposto ao liberalismo, ao marxismo, ao socialismo e ao anarquismo, o fascismo posiciona-se na extrema-direita do espectro político tradicional. Segundo Guerreira 3 do Sudeste, o Brasil em 2019, estava vivendo um sistema de governo pro fascismo.

Gravidez na adolescência - Gestação precoce e não planejada, que ocorre entre os dez e 20 anos, apontada como de alto risco, em decorrência das preocupa es que há para a mãe e para o recém-nascido, podendo ocasionar problemas sociais e biológicos. Ainda   recorrente esse tipo de gravidez nas comunidades periféricas da Grande Recife. Inclusive, duas irmãs integrantes do Maracatu Baque Mulher, Maracatu Mirim Encantinho do Pina, uma extensão da Na o Encanto do Pina, engravidaram aos 13 e 16 anos, respectivamente, ambas pretas, pobres, periféricas e filhas de mãe solo, semialfabetizada e empregada doméstica, considerado atualmente um termo racista, pois se referia, originalmente, às “mulheres negras que trabalhavam dentro das casas das famílias brancas”, que foram “domesticadas”, sendo considerado o termo correto apenas o nome empregada e/ou funcionária.

Grupo de mulher frágil - Termo utilizado pela mestra Joana, para explicar a percep o que os homens tinham, sobre o início da funda o do Maracatu Baque Mulher. Um expressivo número desses homens, são atualmente colaboradores e apoiadores desse movimento de empoderamento feminista.

Grupo misto - Grupo composto por homens e mulheres.

Grupo parafolcl rico - Grupo que apresenta folguedos e danças folclóricas. Participantes de grupos parafolcl ricos, em sua maioria, não são pertencentes das

tradições representadas. Esses grupos interpretam a cultura popular e são utilizados com a finalidade educativa, em eventos turísticos e culturais.

Grupo efetivo do Baque Mulher - É aquele grupo filial desse movimento que está em pleno exercício. Atualmente são 39 que estão na ativa e, 10 inativos temporariamente. Esses grupos ativos realizam rodas de diálogo, oficinas, ensaios, apresentações entre outras atividades no Brasil, e em Portugal.

Grupos/filiais do Maracatu Baque Mulher - Esse movimento não conta apenas com um grupo filial, mas com 39 grupos, incluindo a matriz, 38 atuantes no Brasil e um em Lisboa, Portugal. São coletivos de mulheres que se reúnem regularmente para tocar maracatu e promover o empoderamento feminista no maracatu de baque virado.

Guardiã - Pessoa que preserva, zela, cuida e, protege pessoas e objetos.

Guerreira - Um dos adjetivos que mestra Joana se refere as batuqueiras do Maracatu Baque Mulher. Essa pesquisa de doutoramento identifica cada entrevistada com esse adjetivo, acrescentando um número e a região que cada entrevistada reside forma como as mulheres são tratadas. A Guerreira 31 do Nordeste, alega que mestra Joana é uma super guerreira.

Guia - Guia pode ser um colar confeccionado artesanalmente com contas artesanais ou um guia espiritual, depende do contexto. Guia para a religião de matriz africana é colar, fios de contas que é usado no candomblé. Guru é um guia espiritual.

(H)

Hegemonia masculina - São práticas sociais, até então, legitimadas pelo discurso da sociedade patriarcal. Posição dominante dos homens na sociedade, que tende justificar a subordinação das mulheres.

Herança ancestral afro indígena - Legado, aqui compreendido como costumes, tradições e práticas da população africana e indígena, eternizados e perpetuados pelas comunidades descendentes dessas etnias.

Hierarquia - Um dos fundamentos do candomblé, religião de matriz africana. Esse fundamento é respeitado e exercido na íntegra tanto no Movimento como na Nação Encanto do Pina, que tem como mestra e coordenadora geral, mestra Joana Cavalcante, assegura Guerreira 4 do Sul.

Hierárquico - Termo utilizado pela Guerreira 12 do Sudeste para alegar que o Movimento é um maracatu de feministas do baque virado com princípios hierárquico, uma vez que essa expressão cultural de matriz africana é pautada nos fundamentos do candomblé, religião que defende a hierarquia como um dos seus fundamentos basilares.

Hipersexualização - Entende-se o fato de colocar toda ou boa parte da atenção nos atributos e valores sexuais, delegando para um segundo plano outras qualidades que uma pessoa possui, especificamente, as mulheres, assinala Guerreira 7 do Sudeste.

Hipossuficiência de representatividade - Significa que toda vez que uma pessoa preta negocia com uma pessoa branca, a pessoa preta já está em desvantagem, porque historicamente a fala da pessoa preta não tem poder, o poder é conferido a fala das pessoas brancas, conforme a cantora pernambucana Doralyce (2021)²⁰³.

Holofote - Foco da mídia, ampla visibilidade nas mídias.

Homem agressor - Mestra Joana, usa essa terminologia, referindo-se aos homens que cometiam atos de abusos com as crianças, adolescentes e jovens, que no ano de 2008 começaram a frequentar os primeiros encontros do Movimento, realizados no Recife Antigo.

²⁰³ Informação transmitida ao vivo na *live* do “Projeto Mestra Joana Convida”. Disponível em: [\(377\) MESTRA JOANA CAVALCANTE - YouTube](#). Acesso: 15 abr. 2021.

(I)

labassê - Mulher responsável pelo preparo de toda alimentação sagrada oferecida as/aos orixás, entidades e oferecida nas cerimônias religiosas as pessoas praticantes e simpatizantes do candomblé participantes dessas cerimônias. Filhas, filhos de santo candomblecistas podem auxiliá-la, mas ela é a responsável por algum equívoco nesse preparo e, deve estar presente em todas as atividades religiosas do *ilê/terreiro*, conforme Guerreira 28 do Nordeste.

lansã / Yansã / Oyá - Orixá de origem africana, manifesta-se sob várias formas naturais: o vento, que pode ser agradável e refrescante, mas especialmente o vento forte, quase um furacão; o fogo, que regenera e tudo envolve, mas principalmente o raio rápido, nervoso e com direção certa²⁰⁴. Orixá dos fenômenos climáticos, que detém a força dos ventos e o poder da natureza. É aquela que surge quando o céu se precipita em água e ventania. É a garra, a independência e a força feminina. O seu nome possui significado de: A mãe do entardecer, e foi dado à ela por Xangô, sua grande paixão. Mulher guerreira, essa orixá se distancia das características das demais, com toda sua garra ela acompanha os mais fortes nas batalhas, não nasceu para ficar em casa cuidando do lar. Lansã é o estereótipo perfeito da mulher guerreira, que não tem medo de se arriscar e mudar caso julgue necessário, que sai todos os dias à batalha e não tem receio de lutar, quem espera pela ajuda de lansã, encontrará em sua essência garra e coragem para vencer na vida e alcançar os seus objetivos²⁰⁵.

Ibeji - O Ibeji na umbanda e no candomblé, é visto como filho de criação de Oxum, devido a esse fato, em rituais voltados especialmente a orixá costuma-se dedicar algo também as crianças Ibejis.

Ideia colonizadora - Percepção da sociedade brasileira em relação a colonização do país, que tende a anular e invisibilizar, em certa medida, as práticas e tradições da população indígena e afrodescendente.

²⁰⁴ Referência ao texto de Gleason (1999).

²⁰⁵ Referência ao texto de Waldete Tristão (2018).

Identidade - Conjunto das características e dos traços próprios de uma sujeita, um sujeito ou de uma comunidade que caracterizam a sujeita, o sujeito ou a coletividade perante os demais.

Ideologia - Termo com diferentes significados e duas concepções: a neutra e a crítica. No senso comum o termo ideologia é sinônimo do termo ideário, contendo o sentido neutro de conjunto de ideias, de pensamentos, de doutrinas ou de visões de mundo de uma pessoa ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas. Para autores que utilizam o termo sob uma concepção crítica, ideologia pode ser considerado um instrumento de dominação que age por meio de convencimento - persuasão ou dissuasão, mas não por meio da força física de forma prescritiva, alienando a consciência humana.

Iemanjá / mãe Iemanjá - Orixá com domínio do mar salgado. Considerada a rainha do mar, cultuada, respeitada como a mãe da maioria dos orixás, cuja representatividade está ligada à fecundidade²⁰⁶.

Ijexá - Originalmente da cidade de Ilexá, na Nigéria. Esse ritmo foi apresentado na Bahia, Salvador pelas comunidades iorubás, escravizadas que foram obrigadas a aportarem neste Estado e, praticado nas comunidades negras, na música popular brasileira.

Ilê - Terreiro de candomblé, palhoça, casa de axé.

Ilê Axé Oxossi Guangoubira / Oxóssi Ilê Macaia de Oxóssi - Terreiro de candomblé da *yalorixá* mãe Elda de Oxóssi, localizado na Comunidade do Bode. Ela é ex-sogra de mestra Joana Cavalcante.

Imbuída - Repleta, abarrotada, cheia, carregada.

²⁰⁶ Referência ao texto de Reginaldo Prandi (2005). Ver: PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Imersão na comunidade - Aprofundar-se na religião de matriz africana e no maracatu difundido, disseminado na Comunidade do Bode.

Incenso - Usado nas solenidades e nas cerimônias da religião de matriz africana. Trata-se de uma erva seca que quando queimada com carvão deixa o ambiente cheiroso.

Inclusão social - Conjunto de ações que garante a participação igualitária de todas, todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos.

Instrumento de transformação - Termo utilizado pela Guerreira 3 do Sudeste, para esboçar que o Movimento é também um espaço que possibilita a prática de uma educação informal e que esse coletivo de maracatu de baque virado e, feminista, é um instrumento de transformação cultural, religiosa, artística, política, social e educacional.

Instrumentos tocados no Maracatu Baque Mulher - O baque, batuque desse movimento é constituído dos seguintes instrumentos de percussão: agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal.

Intelectual - Forma respeitosa de titular pessoas que temos afinidade e estima. Emprega-se o termo intelectual, não no sentido de atribuir esse adjetivo a pessoa que estuda a vida inteira, tem uma formação formal e sistemática, detentora do título de doutora, doutor. Título máximo emitido pela academia, quem segue à docência no ensino superior como profissão, escreve livros, publica capítulos de livros, artigos, realiza pesquisas e executa atividades afins. Entende-se que intelectual também é, a pessoa que senti e interpreta a vida por meio do conhecimento empírico da humanidade e da sua própria trajetória, de modo especial, pessoas que têm direito, porém não teve acesso à academia, mas cujas práticas transformam a vida das outras pessoas, dando-lhes oportunidade de revelarem suas múltiplas potencialidades, leia-se, múltiplas inteligências adquiridas e aprimoradas na trajetória da “academia da vida”. Nesse viés crianças, adolescentes, jovens, pessoas adultas e idosas que

integram o Movimento, Nação do Maracatu Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, Mazuca da Quixaba e, o *Ylê Axé Oxum Deym*, sediados na Comunidade do Bode, são intelectualizadas e providas de uma inteligibilidade aguçadíssima, pois detém um amplo conhecimento sobre maracatu de baque virado, conhecimento dos fundamentos do candomblé nagô, jurema, umbanda, danças das expressões e manifestações culturais de matriz africana, técnicas de confecção artesanal dos instrumentos tocados nas Nações de maracatu, elaboram e executam projetos culturais que disseminam a cultura afro-brasileira. Essas pessoas negras, pobres e periféricas também compõem loas, canções dessa cultura, cantam e interpretam suas composições autorais, ou seja, percebem e analisam configurações sociais, políticas e econômicas que estão inseridas, buscando estratégias de organização social para as demandas individuais e coletivas. Pessoas intelectuais entendem e fazem uso do conhecimento informal, em certa medida, como uma prática libertadora e de transformação da realidade, que efetivamente muda sua trajetória de vida e das pessoas do seu convívio social, de modo especial pessoas em situação de vulnerabilidade. Segundo Guerreira 20 do Centro-Oeste, a “academia deveria ouvir mestra Joana, sobretudo considerá-la uma intelectual, porque ela é uma fonte de saber, uma mulher que tem o conhecimento inigualável na sua prática cotidiana, pelas mulheres que ela forma, a força dela, o que ela constrói na Comunidade do Bode e fora dela, é algo que a academia tem muito que aprender”.

Intelectual negra - Termo que Guerreira 11 do Sudeste utiliza para se referir à mestra Joana, advertindo que para ela idealizar, executar e coordenar os projetos de cunho cultural, religioso, artístico, político, social e educacional no Movimento, na Nação Encanto do Pina, no maracatu mirim dessa nação, no *Ylê Axé Oxum Deym* e no Mazuca da Quixaba, indiscutivelmente, a Mestra é sim, uma pessoa detentora de uma inteligência, inteligibilidade e de uma intelectualidade aguçadíssima, que precisa ser reconhecida e legitimada, inclusive pelas universidades. Para essa entrevistada, mestra Joana é merecedora de receber o título de honoris causa. Título concedido por universidades a pessoa por elas considerada eminente, que não necessariamente seja portadora de uma graduação acadêmica - cursado o curso de ensino superior ou equivalente, mas que se destaca em determinada área - artes, ciências, filosofia, letras, promoção da paz, de causas humanitárias. Sendo assim, justamente, pela

Mestra se destacar nas artes e nas ações humanitárias que causa transformação social na sua comunidade, ela é sim merecedora do título de honoris causa.

Intensivão / oficina - Oficina que mestra Joana ministra em todas as regiões do Brasil e em outros países, formando outras batuqueiras, batuqueiros de faixas etárias diversas, transmitindo-lhes os fundamentos do maracatu, embasado nos princípios do candomblé nagô e nas técnicas percussivas de como se toca agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal instrumentos percussivos usados no baque virado. Esse ritmo é tocado no Movimento, na Nação Encanto do Pina e no maracatu mirim dessa nação.

Intolerância religiosa - Uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra. Ou seja, é um caso de preconceito associado a algum tipo de violência em que se pretende negar a existência de religiões específicas²⁰⁷. Esse é um dos temas abordado nas rodas de diálogo que são realizadas quinzenalmente pelo Movimento.

Invisibilidade da mulher - Ato que silencia as narrativas das mulheres, objetivando invisibilizar suas potencialidades artísticas e intelectuais.

Invisibilidade da mulher negra - Ato de invisibilizar os direitos da mulher afrodescendente.

Invocar - Reverenciar, respeitar, venerar, sagrar.

Iorubá / ioruba / yorubá / yoruba - É um idioma falado há séculos pelos povos iorubás em muitos lugares do mundo, destaca Guerreira 5 do Sudeste.

Itan - Lenda em iorubá, significa lenda dos orixás, que difunde o reconhecimento ancestral trazido na oralidade para o entendimento e preservação com a cultura

²⁰⁷ Referência ao texto de Camila Pinheiro (2019). Ver: PINHEIRO, Camila. "Mulher na roda não é pra enfeitar"! A ginga feminista e as mudanças na tradição da capoeira angola. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 24, n. 1, p. 82-96, 2019.

sagrada de matriz africana, reverenciando o matriarcado nas crenças religiosas e nas simbologias afro brasileiras. Os itans dos orixás, relatam alguma coisa que vivemos, uma história engraçada, séria ou algo que nos serve de exemplo para levarmos para nossa vida, além disso, nos deixa sempre uma mensagem, ao contar histórias de vários orixás, Obá, Oyá, Ibejis - Cosme e Damião, e dos encantados das religiões de matriz africana, explica a Guerreira 12 do Sudeste.

(J)

Jurema / jurema sagrada / cerimônia do ajucá - Religião que de maneira paulatina abarcou outras religiosidades dentro das ritualísticas de terreiro, mas ponderando o processo de conexão com os encantados. Trata-se de uma religião complexa, ao abranger suas práticas e ciências nos terreiros, tornando-se adaptativas aos novos tempos, entretanto baseada nos principais elementos relacionados ao mundo dos encantados que é o cachimbo, as plantas, o maracá, a fumaça e demais elementos considerados sagrados. É um dos rituais que combina elementos cristãos, indígenas, espíritas e afro-brasileiros, não é praticado no Brasil na mesma proporção que outras religiões, a exemplo do cristianismo. O nome jurema é originário de uma árvore - acácia jurema, cujas raízes os pajés faziam uma bebida capaz de produzir sonhos adivinhatórios.

Juremeira - [...] as juremeiras representam tanto figuras de poder, como figuras socialmente marginalizadas²⁰⁸.

(K)

Kolofé - Benção, sua benção.

Kolofé olorun - É a resposta para kolofé, “que deus te abençoe”.

²⁰⁸ Referência ao texto de Sônia Rosa (2009).

(L)

Lavagem da Escadaria - A tradicional Lavagem da Escadaria da Catedral Metropolitana de Campinas, interior de São Paulo é um ritual que ocorre há mais de trinta anos, acontece no Sábado de Aleluia, com a participação de praticantes de religiões afro-brasileiras. Esse rito é uma junção de fé, religião, tradição e cultura, além disso, é uma alusão a resistência das nações das populações negras vindas do território africano, detentoras de um rico legado cultural e religioso. Participantes dessa cerimônia fazem um cortejo e durante o trajeto entoam cânticos de matriz africana, levam flores e muita água de cheiro para perfumar o público presente nessa celebração religiosa e profana, que tem na sua programação cultural apresentações de jongo, congada, folia de reis, catira, dança afro, capoeira, samba entre outras expressões, frisa Guerreira 5 do Sudeste.

Lenda - Termo com vários significados, exemplo, mito, imaginação popular e tradição popular. Segundo Guerreira 3 do Sudeste, mestra Joana é uma lenda viva.

Lenda do orixá - Itan, significa dizer “vou contar a história do Saci Pererê”, “vou contar a lenda do Saci Pererê”, “vou contar o itan de Oxalá”, afirma Guerreira 3 do Sudeste.

Liturgia - Atividade religiosa definida pela tradição do candomblé.

Loa - Verso de louvor, louvação em versos improvisados ou não em louvor a rainha dos negros, Nossa Senhora do Rosário²⁰⁹.

Loa do Maracatu Baque Mulher - É loa que compõe o repertório do movimento. A maioria das loas que compõe o repertório desse coletivo, são de autoria de mestra Joana Cavalcante.

Logo / logomarca - Um conjunto formado por duas ou mais letras fundidas em um só tipo, compondo uma sigla. Essa peça de design identifica ou representa uma entidade, marca de produto ou serviço.

²⁰⁹ Referência ao texto de Maria Lúcia dos Prazeres (2019).

Louca por criança - Mestre Joana, usa essa frase para afirmar que Mariana Bianche - coordenadora pedagógica do Projeto Encantinho do Pina e Tenily Guian - colaboradora voluntária desse projeto, amam criança, gostam muito de criança e se identificam com trabalhos voltados a crianças, adolescentes e jovens.

Luanda - Além de ser conhecida como a Capital de Angola, é o nome atribuído a um toque específico de maracatu, aponta Guerreira 21 do Norte.

Lugar de fala - O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente a negra e o negro pode falar sobre racismo, por exemplo²¹⁰.

Lugar de privilégio - Oportunidade que uma pessoa tem de acessar espaços de poder e ocupar cargo que lhe proporciona privilégios, em relação a pessoa, que não tem oportunidade de acessar esses dispositivos de poder.

Luta feminina - Guerreira 21 do Norte pondera que, a reivindicação pelos direitos das mulheres, uma das missões do Movimento, o qual reconhece que suas ações (as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira) vão além da musicalidade, uma vez que evidencia o lado humano, encabeça uma luta feminista.

(M)

Machismo - [...] um sistema de ideias e valores que institui, reforça e legitima a dominação do homem sobre a mulher²¹¹.

²¹⁰ Referência ao texto de Djamila Ribeiro (2017).

²¹¹ Referência ao texto de Marcia Couto e Lilia Schraiber (2013).

Machista escroto - Homem que não admite a mulher ter os mesmos direitos que ele, conforme as entrevistadas.

Macumba - Do quimbundo ma'kôba é um instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao instrumento reco-reco. No Brasil, por meio de um processo de ampliação de sentido, o termo "macumba" - e o derivado "macumbeiro", originalmente o "tocador de macumba" passou a referir também, de forma pejorativa, às oferendas religiosas ligadas as religiões de matriz africana²¹².

Macumbeira - Mulher praticante da religião de matriz africana, especificamente da macumba.

Mãe solo - Mulher que se torna genitora, mas não conta com a coparticipação financeira e/ou emocional do genitor das filhas, filhos. A genitora está sozinha na educação da prole e, consecutivamente se doando mais a família enquanto isso, o genitor não assume essa responsabilidade na mesma proporção.

Mãe do Pina / mãe de santo da Comunidade do Bode - É *yalorixá*, sacerdotisa de uma casa religiosa de matriz africana e reverenciada como mãe do Pina. Essa *yalorixá* reside na Comunidade do Bode²¹³. É pertinente destacar que nessa comunidade há muitas mães de santos, em 2022, uma delas, mãe Helena - mãe de santo de mestra Joana Cavalcante, fez a passagem do *ayé/terra* para o *orun/céu* ou mundo, morreu de causa natural.

Magnitude - Condição magna, dimensão, grandeza e importância de um ato ou pessoa.

Malunguinho - Falange espiritual afro ameríndia presente nos terreiros de catimbó, toré e umbanda, principalmente na Região Nordeste do Brasil, inspirada na figura do líder João Batista, do Quilombo de Catucá.

²¹² Referência ao texto de Pierre Verger (2012).

²¹³ Ver o filme "Mães do Pina" do diretor Leo Falcão, apresentado pela primeira vez no festival CinePE, em 2015. Mestra Joana é uma das protagonistas desse filme.

Mana / mina - Garota, boyzinha, menina, mulher.

Mandinga - É o ato ou energia de uma pessoa que, tem conhecimento dos feitiços, feitiçarias e, emana uma força negativa de baixa vibração.

Manifestação afro-brasileira / manifestação afrodescendente - No Brasil há múltiplas manifestações culturais de matriz africana, que se misturam entre si. Parte-se do princípio das raízes africanas, das populações, que para esta terra foram trazidas, durante séculos, de maneira brutal, violenta, arrancadas de seu lugar de origem, de suas tribos e famílias²¹⁴.

Manifestação cultural - Às entrevistadas pontuam que o Movimento é uma manifestação cultural baseada na cultura das mulheres que objetivam disseminar as expressões culturais da população negra, especialmente a emancipação artística das mulheres negras, a partir da resistência feminina de descendência afro.

Maraca / maracá / maracaxá / maruga / bapo / carcaxa / xuatê - Oriundo do tupi *mbara'ká*, um dos instrumentos musicais indígenas mais conhecidos, típico das danças latino-americanas. É um idiofone de agitação, constituído por uma bola, que pode ser de cartão, plástico ou cabaça, contendo sementes secas, grãos, arroz ou areia grossa. Dependendo dos materiais usados, podem produzir sons como o de lixar ou o de arranhar, quando tocadas. Normalmente, são tocadas aos pares - com uma maraca em cada mão, agitando-se as, embora também possam ser tocadas rodando-se as lentamente.

Maracatu - Um ritmo musical, dança e ritual de sincretismo religioso com origem no Estado brasileiro de Pernambuco. Existem dois tipos, conforme o baque ou batida: maracatu Nação e maracatu rural²¹⁵.

²¹⁴ Referência do texto de Solange Rocha (2007).

²¹⁵ Referência ao texto de César Guerra-Peixe (1980).

Maracatu Nação / Maracatu de baque virado - É um candomblé na rua, festa onde todos podem participar, ligada diretamente ou não à religião, sendo assim uma manifestação tradicional brasileira, que hoje é aberta a quem tiver interesse de participar. Maracatu Nação²¹⁶ é um ente cultural único no Brasil e no mundo, que surgiu em Pernambuco graças ao encontro entre diferentes Nações africanas que aqui se “entrelaçaram”. Representa o candomblé e os reis de congo, da nação negra, assinala mestre Chacon Viana.

Maracatu misto - Grupo de maracatu composto por mulheres e homens.

Maracatuzeira - Mulher que toca maracatu, manifestação cultural de matriz africana.

Maria Padilha - Na religião de matriz africana é o nome da Pomba Gira, considerada uma entidade espiritual.

Masculinidade - A noção de masculinidade é normalmente entendida como uma metáfora de poder acessada pelos homens quando necessário. O ato sexual está intimamente ligado à masculinidade. Os homens são ensinados socialmente a encarar o sexo como um ato de conquista, um atestado de virilidade e uma forma de dominação²¹⁷.

Massa - Algo bom, muito legal ou uma pessoa muito boa, muito legal, bacana, importante e, também gênero alimentício para fazer papa, mingau para crianças recém-nascidas.

Matriz - Baque Mulher Recife, sede do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, fundado em 2008 na Comunidade do Bode, localizada no Pina, Recife.

Mazuca da Quixaba - Sediado no bairro do Pina, o grupo vem desenvolvendo trabalho musical que atraí muitas admiradoras e admiradores, traz no repertório toadas da jurema, coco e samba de Angola, suas batidas não deixam ninguém inerte.

²¹⁶ Referência ao texto de Ivaldo Lima (2005).

²¹⁷ Referência ao texto de Eliza Casadeii (2022).

Tendo à frente mestra Joana, neta da *yalorixá* vó Quixaba. O grupo nasceu de uma necessidade ligada ao paralelo singular que une o religioso e o profano, ao mostrar cantos, toques e danças, tudo o que acontece dentro de uma cerimônia religiosa da jurema. Através dessa iniciativa é montado show de palco para o público geral conhecer e valorizar as práticas culturais das populações praticantes da jurema sagrada.

Melindre - Amuação, delicadeza, incômodo.

Memória - Capacidade de adquirir, armazenar e recuperar, evocar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória biológica), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial). Também é o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental que se deteriora com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas ideias, ajudando a tomar decisões diárias.

Mesclar - Combinar, juntar, unir.

Mestiça - Mulata, parda, pessoa não branca.

Meter bronca - Fazer uma atividade de modo mais acelerado.

Meter o pé na porta - Subverter as regras postas, romper com as estruturas estruturantes de uma sociedade patriarcal, racista e preconceituosa, subvertendo a lógica de diminuição das mulheres.

Mestra da cultura popular - Mulher detentora de saberes da cultura popular com notório conhecimento, que tenha uma longa trajetória na atividade por ela exercida, que seja reconhecida pelas/pelos seus pares, sua própria comunidade, como uma referência na transmissão de saberes e das formas de expressões e manifestações da tradição popular. Mestra Joana é considerada também mestra da cultura popular, ao

torna-se uma referência na transmissão do maracatu, especificamente do maracatu de baque virado, expressão cultural da tradição popular de matriz africana.

Mestra de maracatu de baque virado - Mulher responsável pela regência, comanda uma Nação de maracatu de baque virado. Mestra Joana é considerada a primeira mulher a receber esse título, após determinação das orixás Oxum e Iemanjá - entidades espirituais que conduzem os fundamentos religiosos do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô onde a Mestra foi consagrada yakekerê/mãe pequena para coordenar e fazer a regência da Nação Encanto do Pina.

Mestra em saber acadêmico - Mulher que cursou o mestrado ou doutorado, grau acadêmico atribuído por uma instituição de ensino superior em qualquer área do conhecimento.

Milícia do Rio de Janeiro - A milícia na cidade do Rio de Janeiro, além de quebrar os terreiros, escreve “só Jesus salva”, apedreja lideranças religiosas e, as praticantes de religiões afro-brasileira, forçando-lhes a abandonarem seus templos, terreiros. Esses atos acontecem com frequência, afirma Guerreira 10 do Sudeste.

Milicianos - Grupo de pessoas armadas que utilizam do seu poder de polícia, seja como ex-policia ou como agente do Estado, com a finalidade de oprimir a comunidade e cometer crimes, principalmente em comunidades nas quais o Estado é omissor. Os milicianos podem ser financiados tanto pelo Estado como por instituições privadas.

Miscigenação - Ação, processo ou resultado da reprodução entre pessoas de grupos étnicos diferentes. Guerreira 17 do Nordeste, declara não ser uma mulher branca, se reconhece como parda, miscigenada, compreendendo sua raça/etnia mesclada, mista, misturada.

Misoginia - É uma das formas de violência mais antiga do mundo e delineada pelo sentimento de ódio ou aversão às mulheres, manifesta-se de inúmeras formas, abarcando a discriminação social e sexual e, objetificação das mulheres.

Missa gregoriana - Conjunto de 30 missas celebradas consecutivamente pelo sacerdote pela intenção de uma alma. Não é colocada nenhuma outra intenção. As celebrações consecutivas das missas são confiadas a um sacerdote, que fica responsável de que sejam celebradas diariamente. Ele pode também solicitar a um outro sacerdote que celebre a intenção da Missa Gregoriana. O fundamental da espiritualidade da Missa Gregoriana é que as celebrações sejam diárias, explica Guerreira 15 do Sudeste.

Misto - Combinado, composto, mesclado, miscigenado, misturado.

Morena - Significa “aquela que tem cor castanha”, “bronzeadas”. É um nome feminino que carrega o sentido literal da palavra. Não é utilizado apenas no Brasil, apesar de servir bastante bem às mulheres brasileiras, que na sua maioria apresentam esse tom de pele. No país, pode aparecer em nomes compostos, tal como Maria Morena ou Ana Morena. Guerreira 31 do Nordeste, atribui esse adjetivo, a coordenadora do Baque Mulher João Pessoa, que se autodeclara uma mulher negra. A entrevistada considera essa coordenadora uma mulher morena, linda maravilhosa e, essa coordenadora se autodeclara uma mulher negra.

Movimento acolhedor - Segundo Guerreira 6 do Sudeste, o Maracatu Baque Mulher acolhe as mulheres que chegam para participar desse movimento, com esse acolhimento elas sentem-se da família. Ressalta ainda que gosta de estar nesse coletivo feminista, porque, realmente, é um movimento muito acolhedor.

Movimento de cura - Adjetivo que Guerreira 1 do Nordeste atribuiu ao Maracatu Baque Mulher, ao afirmar que são inúmeros os benefícios no âmbito da saúde mental que o movimento proporciona as integrantes, além disso, consciência de classe, entendimento da religiosidade, muita alegria, felicidade e a cura de algumas doenças, principalmente a depressão.

Movimento que afronta - O Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher confronta e desestabiliza os padrões vigentes socialmente estabelecidos, explicita Guerreira 3 do Sudeste.

Mulher acolhedora - Adjetivo que Guerreira 3 do Sul atribuí à mestra Joana, para elucidar que a Mestra acolhe filhas, filhos de santo, batuqueiras, batuqueiros e todas as pessoas que precisam de acolhimento, tanto no âmbito espiritual, como financeiro, profissional e psicológico.

Mulher branca - Mulher com o tom e pigmentação da pele branca.

Mulher budista - Mulher que exercita o budismo como princípio religioso, que até frequenta um templo budista, mas não se considera pertencente e/ou adepta do budismo, declara Guerreira 1 do Nordeste.

Mulher candomblecista - Mulher praticante do candomblé; a candomblecista acredita que a terra tanto produz a vida, como se alimenta dela, entende que quando um animal morre, seu sangue espalha-se pela terra, alimentando-a. Essa religiosa crê que a vida é um ciclo sem fim, não concebe a ideia de ser maldita, mas confia que é encarnação do ciclo ininterrupto da vida, orgulha-se disso, busca exercer o respeito as pessoas idosas, à cultura africana, aos orixás e aos espíritos, enfatiza Guerreira 18 do Sul.

Mulher capoeirista - Mulher que pratica capoeira profissionalmente, declara a Guerreira 12 do Sudeste.

Mulher da favela - Mulher que reside nas comunidades periféricas.

Mulher da periferia - Mulher que reside em uma comunidade totalmente desprovida de infraestrutura básica, onde as políticas públicas não são efetivadas.

Mulher de ponta firme - Guerreira 27 do Sul, usa essa expressão para ressaltar que mestra Joana é, uma mulher que tem firmeza nas suas tomadas de decisões.

Mulher de terreiro - Mulher praticante da religião de matriz africana.

Mulher em situação de fragilidade - Mulher fragilizada emocional, cultural, social e economicamente.

Mulher empoderada - Guerreira 3 do Sudeste atribui esse adjetivo à mestra Joana, por considerá-la uma mulher dona do seu corpo e da sua vida, que questiona e desestabiliza as práticas patriarcal que sustenta a opressão de gênero, principalmente na Comunidade do Bode.

Mulher espiritualizada - Guerreira 1 do Nordeste, usa esse termo para ilustrar que ela não tem religião, mas percebe qual é a sua missão de vida, conseguiu equilibrar suas emoções e pensamentos, reconhece seus defeitos, virtudes e habilidades, traçando metas e, aspirando atingir seus objetivos.

Mulher fortalecedora - Guerreira 6 do Sudeste atribui esse adjetivo à mestra Joana, para ilustrar que a Mestra é uma mulher que além de se fortalecer cotidianamente, busca fortalecer outras mulheres, tornando-se eficaz, influente e importante para o fortalecimento das mulheres, principalmente, para as mulheres pretas, pobres e periféricas residentes na Comunidade do Bode.

Movimento que afronta - O Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher confronta e desestabiliza os padrões vigentes socialmente estabelecidos, explicita Guerreira 3 do Sudeste.

Mulher latina - Mulher de origem latino-americana, a exemplo da mulher de nacionalidade brasileira.

Mulher mexida - Guerreira 4 do Sul, usa esse termo para ilustrar que ficou sensibilizada com a trajetória de vida²¹⁸ das mulheres pretas, pobres e periféricas do Recife, especificamente, as residentes na Comunidade do Bode.

²¹⁸ Referência ao texto de Alex Ratts (2006). Ver: RATTTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

Mulher militante - Guerreira 30 do Nordeste, usa esse adjetivo para se referir à mestra Joana, por compreender que a Mestra protege ativamente as causas sociais, principalmente, os direitos das mulheres.

Mulher negra - A mulher negra tem sido parte importante da sociedade brasileira há cinco séculos. Como pertencente a um grupo social específico em defesa de seus interesses ou como parte do amplo contingente negra/o ou geral que luta por justiça social e inclusão social, sua atuação pode ser vista desde o regime escravocrata até hoje. É pertinente destacar, que de fato, as lutas das mulheres negras por equidade se desenvolvem ao longo dos séculos e devemos reconhecer que têm sido parte fundamental dos amplos segmentos que constroem cotidianamente o Brasil como nação²¹⁹.

Mulher negra pobre - Mulher afrodescendente em situação de pobreza.

Mulher pidona - Mestra Joana usa esse adjetivo para descrê-la como uma mulher que solicita constantemente colaboração financeira, material e força de trabalho as pessoas, que ela as nomeiam como parceiras, apoiadoras e colaboradoras dos projetos desenvolvidos pelo Movimento e pela Nação Encanto do Pina, sob sua coordenação geral.

Mulher preta - Mulher afrodescendente. Mestra Joana se autodeclara uma mulher preta e descendente das Nações afrodescendentes.

Mulher trans / mulher transgênera - Mulher que transicionou do masculino para o feminino.

Mulher universitária da classe média - Mulher que acessa um curso superior e faz parte de uma camada social privilegiada em relação a mulher não alfabetizada e em situação de extrema pobreza.

²¹⁹ Referência a Jurema Werneck.

(N)

Nação - O termo "Nação" é usado ainda hoje, e o foi ao longo do século XX, com duplo significado. O primeiro diz respeito as diversas manifestações culturais, tais como maracatus, sejam eles os de baque virado ou solto [...]. A segunda acepção do termo diz respeito à sua utilização entre os praticantes das religiões de divindades. Na religião dos orixás - xangô ou candomblé, um terreiro constitui-se parte de uma nação²²⁰.

Nação do Maracatu Encanto do Pina / Nação Encanto do Pina / Encanto do Pina / Encanto - Nação de maracatu de baque virado, sediada na Comunidade do Bode. Fundada em 1980 no Estado de Pernambuco pela *yalorixá* dona Maria de Sônia. Em 2008 mestra Joana assume a coordenação e a regência dessa nação.

Nação do Maracatu Porto Rico / Nação Porto Rico / Porto Rico - Nação de maracatu de baque virado, sediada na Comunidade do Bode, sob a regência do mestre Chacon Viana. Fundada em 7 de setembro de 1916 no Estado de Pernambuco, tendo como rainha e *yalorixá* Elda Viana. O símbolo dessa nação é a Caravela de Santa Maria, tendo como *babalorixá* Jailson Chacon Viana - mestre Chacon Viana, ex-cônjuge/ex-companheiro de mestra Joana e, filho biológico da *yalorixá* Elda Viana.

Nação Estrela Brilhante de Igarassu - É a Nação de maracatu mais antiga em atividade no Estado de Pernambuco.

Nagô - Sujeita/o de origem africana, que foi escravizada/o, descendente dos países africanos de língua iorubá. Palavra de origem desconhecida é, sinônimo dos termos jeje, ioruba.

Nanã / Nanã Buruquê - Uma das *yabás*, ela é a orixá feminina mais temida, tanto que em algumas tribos quando seu nome era pronunciado todos se jogavam ao

²²⁰ Referência ao texto de Lima (2014).

chão. Nanã está ligada a gênese do mundo e; juntamente com Oxalá, cria os seres humanos e ambos têm poder sobre a morte.

Navio negreiro - Nome pelo qual ficou conhecido o barco que transportavam as populações negras destinadas ao trabalho escravizado no continente americano entre os séculos XVI e XIX. O primeiro embarque registrado de populações africanas escravizadas ocorreu em 1525 e o último em 1866²²¹.

Nêgona - Adjetivo conferido pela Guerreira 31 do Nordeste para à mestra Joana, enfatizando a força que ela tem na condição de mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, filha, mãe da sua filha/o biológica/o, mãe de santo. De acordo com a entrevistada a Mestra comporta-se como se fosse a mãe de todas as batuqueiras do Movimento, dando atenção a todas, sem distinção. Mestra Joana “é maravilhosa”, acrescenta a entrevistada.

Negritude - Négritude em francês foi uma corrente literária que agregou escritores negros de países que foram colonizados pela França. Os objetivos da negritude são a valorização da cultura negra em países africanos ou com populações afrodescendentes expressivas que foram vítimas da opressão colonialista.

Neopagã - Sujeita/o pertencente ao neo paganismo, movimento religioso com base nas religiões pré-cristãs.

Nojento - Sujeito grosso, abominável, asqueroso, malacafento, repugnante, odioso, ignorante. Guerreira 31 do Nordeste, atribui esse adjetivo a companheiro de mulheres que vive em relacionamento abusivo. Essa entrevistada afiança, que a partir da intervenção do Movimento em lugares públicos, há possibilidade da mulher vivendo em situação de violência e insegurança se identificar com a proposta desse movimento, curtir o batuque do maracatu de baque virado, se animar e, começar a participar desse maracatu de feministas, que vem mostrando a potencialidade do

²²¹ Informação disponível em: <https://www.todamateria.com.br/navios-negreiros/>. Acesso em: 11 maio 2022.

maracatu, resgatando vidas, tirando mulheres da prostituição, das drogas e, dos relacionamentos abusivos, afirma essa entrevistada.

(O)

O bagui fica louco - Guerreira 7 do Sudesde, usa essa frase para afirmar que isso ocorre quando, uma mulher se empodera e entende o que realmente ela é, e passa a identificar as opressões ao seu redor, ou seja, a sociedade machista não consegue aceitar o empoderamento das mulheres.

O buraco é mais em baixo - Expressão que mestra Joana usa para ilustrar a dificuldade que enfrenta para, combater o abuso sexual sofrido pelas crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode. Esta expressão nada mais é do que dizer: "as coisas não são tão simples quanto parecem" ou "as aparências enganam".

Obá - Filha de Iemanjá e Oxála, senhora das águas doces, procura sempre pelo equilíbrio e, é defensora da justiça. Obá anda ao lado de Nanã, por isso também tem controle sobre o barro e as enchentes. Por possuir grande força física, ela representa o poder e a luta das mulheres, também é atribuído a ela o poder de transformar os alimentos crus em cozidos. Obá na umbanda e no candomblé é uma representação feminina cheia de energia, vida e força. Ela é temida por todos os outros orixás, pois consegue derrotar qualquer um, desde que a disputa seja honesta. Obá possui as características de garra e fibra que toda mulher gostaria de possuir, sem medo de ir à frente e mostrar seu poder²²².

Obrigação do bombo / obrigação da alfaia - Ritual religioso do candomblé, que utiliza o sangue do animal - cabra, bode, galinha, galo, pata/o, pombo, carneiro entre outros sacrificado, para purificar o bombo/alfaia que vai tocar maracatu no período do carnaval. Esse ritual precisa ser realizado para proteger também as batuqueiras,

²²² Referente ao texto de Yvonne Maggie (1975). Ver: MAGGIE, Yvonne. **Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

batuqueiros que vão tocar nas celebrações carnavalescas, explana Guerreira 24 do Sul.

Obrigação do candomblé - Quando a pessoa torna-se candomblecista, iniciada como filha, filho de santo de um *ilê*, terreiro de candomblé, tem de realizá-la para seu orixá de tempo em tempo, há obrigação de um, três, sete, quatorze, vinte um anos e por aí em diante. Trata-se de um conjunto de coisas a serem feitas e oferendadas ao orixá de cada filha/o de santo. Essa cerimônia acontece de várias formas para distintas finalidades, normalmente é uma obrigação de limpeza, para limpar o corpo, retirar os carregos, as baixas vibrações que a pessoa foi acometida e deixá-la de corpo fechado, brindado para toda e qualquer mandinga, conforme Guerreira 3 do Sudeste.

Oferenda - Presente para os orixás.

Ogã / ogan - Homem escolhido pelos orixás para cuidar do terreiro de candomblé e tocar nas cerimônias desse *ilê*.

Ogum - Na religião de matriz africana é reverenciado como o senhor do caminho e da vida.

Ogunhê - É a saudação que as filhas, filhos de santos fazem ao orixá Ogum, quando ele surge nas cerimônias religiosas que são realizadas nos terreiros de candomblé e religiões afins. Esse orixá é o deus da guerra da cultura afro-brasileira, diz Guerreira 28 do Nordeste.

Olorum - Deus criador do Universo; dono do Orum/firmamento; criador do Orum e do Aiye/céu e terra; Deus onipotente, criador de tudo e de todos.

Omolú - Segundo a literatura, é um poderoso orixá e, verifica-se sincretismo de Omolú com São Roque e São Lázaro. Em relação a sua versão jovem recebe o nome de Obaluaiê, sincretizado com São Roque. Na versão velha, é habitualmente reverenciado como Omolú, uma alusão ao sincretismo com São Lázaro. Omolú é o senhor dos elementos terra, fogo e responsável pela morte. Esse orixá é o mais temido

entre os seres humanos, porque tem o domínio de controlar a passagem desses seres de um plano para outro e, possui duas energias fortes e distintas. Seu nome está relacionado ao termo “rei e dono da terra”, em menção à forma como as energias são trabalhadas, fazendo relação entre a passagem de um plano para outro. A tradição revela que quando Omolú é representado em gravuras, via de regra, suas vestimentas são confeccionadas de palhas, para ocultarem o segredo da vida e da morte. Tanto esse orixá como o Obaluaiê são energias divinas cultuadas desde o Egito Antigo e, com a figura do “Anjo da Morte”, sempre estiveram presentes em diferentes culturas. Nos países do continente africano, as energias do Orixá eram consideradas “Senhores da Vida e da Morte”, variando conforme o culto. No período da escravidão, quando as populações africanas chegaram ao Brasil, os saberes relacionando o Orixá à questão da morte, doenças e medicina passaram a fazer parte da religião que viria a ser considerada umbanda, mas em regra, umbandistas não fazem diferenciação entre as energias de Omulú e Obaluaiê, porque eles estão relacionados com as energias da vida e da morte. Embora que inicialmente há algumas características que evidenciam a diferença entre esses orixás. Avalia-se que a morte, tem ligação com as forças de Omolú, responsável por encaminhar os seres após a passagem, os levando até o destino mecerido, agindo na libertação da matéria. Ele é presente com significativa intensidade em hospitais, cemitérios e necrotérios. Obaluaiê é o “Senhor das Passagens”, tem a incumbência de orientar o espírito a uma nova vida, além disso, atua na cura de doenças. Crer-se que tal energia possibilita os profissionais da área da saúde obterem sucesso na profissão, acredita-se que Obaluaiê tem o poder de aliviar às dores das pessoas que sofrem algum tipo de adoecimento. Segunda-feira é o dia dedicado às homenagens ao orixá, as principais cores relacionadas ao Omolú são as combinações: preto e amarelo ou marrom, amarelo e vermelho. Atotô é a saudação habitual para Omolú. Esse orixá é homenageado no dia 16 de agosto, mesmo dia consagrado São Roque, santo do catolicismo. Tal sincretismo ocorre pelo fato da figura católica ser conhecida por proteger contra doenças e pragas, como se fosse uma espécie de orixá, que tem consigo energias responsáveis tanto pela doença quanto pela cura. Assevera a tradição cristã que São Roque nasceu em uma família abastada, mas optou em viver em situação de pobreza e devoção. De acordo com a literatura, São Roque nas suas peregrinações, deparou-se com expressivo número de mortalidade ocasionado pela peste que assolou à Toscana, na Itália. Deste então

almejou ser útil, ele solicitou ao administrador do hospital desse local para permanecer próximo a pessoa em situação de adoecimento. Prontamente teve seu pedido atendido, começou a conviver de um modo cotidiano com essas pessoas com a saúde fragilizada. A tradição assegura que o poder de cura de São Roque acabou com a epidemia da doença na região supracitada e, que tal fato era comum ocorrer por todos os lugares que ele passava, curando apenas fazendo o sinal da cruz nas sujeitas e sujeitos em situação de adoecimento. Já o sincretismo de Omolú com São Lázaro é porque eles guardam os segredos da vida e da morte, esse orixá em sua figura mais velha é sincretizado com São Lázaro no dia 17 de dezembro é a celebração em sua homenagem. São Lázaro é conhecido pela Igreja católica porque tornou-se protagonista das histórias que marcaram a trajetória da bíblia sagrada, a exemplo do episódio da bíblia referente a ressurreição de Lázaro, um dos surpreendentes milagres de Jesus Cristo. Esse episódio garante que Lázaro estava morto há quatro dias quando Jesus o ressuscitou. Tal situação representa a passagem entre os dois planos, o físico e o espiritual, possibilitando relacionar a história do santo católico com o orixá, divindade considerado o guardião do portal entre o mundo dos vivos e dos mortos, conforme às entrevistadas e corroborado em pesquisa científica²²³.

Onda - Caçoar, chacotear, mangar, ridicularizar, achincalhar, bulir.

Opaxorô - Cajado de Oxalá, bengala de Oxalá.

Opressão - É o efeito negativo experimentado por pessoas que são alvo do exercício cruel do poder numa sociedade ou grupo social. Está particularmente associado ao nacionalismo e sistemas sociais derivados, onde as identidades são construídas por antagonismo aos outros.

Ori / Ory - Cabeça.

²²³ Referência ao texto de Reginaldo Prandi (2001). Ver: PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 46-63, 2001.

Orixá - Simboliza elemento da natureza, cada orixá representa uma força da natureza. Os orixás foram os primeiros seres que habitaram a terra, e dividem-se em duas qualidades: os orixás funfuns e os orixás de predominância²²⁴.

Oxalá / Obatalá / Oxaguiã / Oxalufã - Nome de um orixá termo do ioruba Òrisànlá e procedentes da língua ioruba.

Ôxe - Abreviação da expressão oxente utilizada com frequência na Região Nordeste do Brasil, principalmente, para referir-se a algo relacionado a espanto, admiração, susto, negação, rejeição, desaprovação e discordância. Guerreira 12 do Sudeste, utiliza essa expressão para ilustrar, que sua filha, seu filho, que tiveram uma educação pautada nos princípios do candomblé, chamam de modo respeitoso as pessoas adultas de tia, tio e, em contextos mais específicos pedem a bênção as pessoas com mais idade. Essa entrevistada destaca que as pessoas, que não teve essa educação, desconhecem os fundamentos, tradições, costumes e hábitos vivenciados no candomblé, elas esboçam expressão de espanto quando são chamadas de tias, tios ou alguma criança lhe pedem a bênção.

Oxum - É a orixá de mestra Joana. Essa orixá é considerada a deusa do amor, orixá das águas, aquela que mantém em equilíbrio as emoções, da fecundidade e da natureza. Mãe gentil dos povos antigos e dos novos, é ela que renova e intercede por nós em todas as situações. Também conhecida como Osúm, Osún ou Oxun, ela é a representação da sensibilidade, da delicadeza feminina e da paixão para motivar a essência da vida. Mamãe Oxum adora as águas calmas, e é através de sua energia que ela tranquiliza os corações dos apaixonados. Durante as incorporações dessa orixá, é de costume haver choro, pois sua sensibilidade é transferida as filhas, filhos e aquelas pessoas que buscam por seu carinho e atenção.

(P)

²²⁴ Referente ao texto de Gisèle Cossard (2014). Ver: COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awô**: o misterioso mundo dos Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

Padê - Comida, oferenda para Exu.

Pandemia - Epidemia de doença infecciosa que se espalha entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, todo o planeta Terra. Em 2020 a humanidade foi acometida pela infecção do coronavírus, transmitido pelo vírus da Covid-19.

Parteira - Mulher que realiza parto normal sem o uso de instrumentos utilizados pela medicina convencional. Na Comunidade do Bode, a *yalorixá* dona Maria de Sônia realizou muitos partos por meio dos seus conhecimentos empíricos de parteira, adquiridos das suas ancestrais. Na medida que as parteiras dessa comunidade foram falecendo essa prática foi deixando de existir. Pecebe-se que as dolas têm práticas que se aproximam das praticadas pelas parteiras. A parteira que fez o parto de mestra Joana, foi a *yalorixá* vó Quixaba, avó paterna da Mestra.

Patriarcado - O patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, ajuizado como categoria social.

Patrimônio cultural - É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O patrimônio faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de rememorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social²²⁵.

Patrimônio imaterial - Somente quando se sente parte integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às suas referências culturais. Essas referências são chamadas de bens culturais e podem ser de natureza material ou imaterial [...] Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas²²⁶.

²²⁵ Referência ao texto de Rodrigues (2012).

²²⁶ Referência ao texto do IPHAN (2012).

Peji - É o quarto de santo, também conhecido como o altar do orixá, considerado o local sagrado na religião de matriz africana, afiança Guerreira 21 do Norte.

Percussão - Instrumentos da orquestra de que se tira o som batendo; compreende principalmente os timbales, o bumbo, os pratos, o triângulo, bem como o vibrafone, os sinos e o xilofone; instrumento de percussão.

Percussão erudita - A percussão erudita, apesar de conter tradição oral no ensinamento, se baseia em anotação, escrita. Na percussão erudita, em geral, não se trabalha tanto com as mãos. Geralmente, na música erudita se trabalha com baqueta; duas ou quatro baquetas.

Percussão popular - Uma característica bastante importante da percussão popular é a tradição oral. Música popular se aprende tocando, geralmente, a musicista, o músico popular não é visto com importância. No popular, o músico trabalha com a mão e baqueta.

Periferia - Comunidade localizada à margem dos grandes centros urbanos, sem uma infraestrutura adequada para uma moradia digna. O Movimento é sediado numa periferia, Comunidade do Bode, localizada no Pina, Recife capital do Estado de Pernambuco.

Perrengue - Dificuldade, problema.

Perseguição - Ato ou efeito de perseguir. Segundo mestra Joana, a partir do momento que o Movimento começou a pautar questões relacionadas às mulheres, como por exemplo, o combate ao machismo, violência doméstica e todas as formas de violência contra as mulheres, levantar a bandeira feminista, o movimento começou a sofrer perseguições que tinha como objetivo destituir definitivamente esse maracatu de feministas.

Pesquisa - Processo sistemático para a construção do conhecimento humano gerando novos conhecimentos podendo também desenvolver, colaborar, reproduzir, refutar, ampliar, detalhar, atualizar, algum conhecimento pré-existente.

Poder feminino - [...] não tem a ver com se sobrepor aos homens ou à sociedade. Ele é o seu canal de acesso ao seu melhor e, por isso, de acesso à sua autoconsciência. E, é justamente com autoconsciência que você consegue despertar e usufruir dos seus potenciais, ficando imune às invalidações que praticamente toda mulher sofre desde que nasce²²⁷.

Pomba Gira - Na religião de matriz africana é considerada uma entidade espiritual. Ela gosta de cigarros de boa qualidade, luxo, brilho e destaque. Usa sempre muitos colares, anéis, brincos, pulseiras²²⁸.

Ponto - É cântico sagrado do candomblé, religião afro-brasileira que têm diversas funções como, por exemplo, homenagear uma entidade ou convidá-la ao convívio no centro. O ponto riscado ou ponto cabalístico nas religiões afro-brasileiras como o candomblé, umbanda, quimbanda e a quiumbanda é uma grafia sagrada que se refere à diagramas desenhados a mão como ângulos, retas, flechas, símbolos representativos, desenhos geométricos, pontos cardeais representando a assinatura do guia espiritual, guru.

Ponto de cultura - Espaço onde ocorre ações de impacto sociocultural nas comunidades. De acordo com Guerreira 11 do Sudeste, o Movimento, através das suas filiais tonaram-se pequenos pontos de cultura, porque articula ações – as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, objetivando fortalecer e dar visibilidade às expressões e manifestações afro e as mulheres praticantes dessa cultura.

²²⁷ Informação disponível em: <https://processohoffman.com.br/blog/lideranca-so-para-mulheres-parte-02-para-voce-o-que-e-poder-feminino/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

²²⁸ Referência ao texto de Reginaldo Prandi (2010). Ver: PRANDI, Reginaldo. Coração de Pombagira. **Esboços**, Florianópolis, v. 17, n. 23, p. 141-150, 2010.

Ponto de umbanda - Cântico sagrado dessa religião afro-brasileira que têm diversas funções como, por exemplo, homenagear uma entidade ou convidá-la ao convívio no centro. Quando os fiéis entoam um ponto de umbanda, eles estão ao mesmo tempo fazendo uma prece e invocando as falanges, chamando-as para fazer uma visita.

População afrodescendente - Descendente da população africana.

Posto do bairro / postinho da comunidade - Unidade Básica de Saúde, existente em cada bairro das cidades brasileira.

Povo africano - Pode referir-se as pessoas que vivem na África, ou as pessoas que traçam a sua ascendência a habitantes naturais da África. Isto inclui os membros da "Diáspora africana" resultante do tráfico de escravizadas, escravizados do Atlântico, como negras, negras, populações britânicas, afro-latino-americanas, afro-americanas, afro-caribenhas e afro-canadenses. O conceito de 'black people', povo negro é muitas vezes, utilizado como sinônimo de pessoas de ascendência africana.

Povo ancestral - Geração que antecedeu a geração atual.

Povo de terreiro - Pessoas que são adeptas e frequentam um *ilê*/terreiro, casa/templo religioso.

Povo do candomblé - Pessoas candomblecistas que frequentam um terreiro de candomblé, religião de matriz africana.

Prática religiosa afrodescendente - Culto aos orixás, preceito religioso, oferenda para os orixás e obrigação religiosa, são práticas das religiões de matriz africana.

Preconceito social - É aquele preconceito relacionado com a classe social, fundamentado no poder aquisitivo das pessoas, que são classificadas como ricas e pobres.

Pregar - Dizer, falar, endossar.

Princesa - Uma das personagens principais da corte de uma Nação de maracatu.

Projeto Encantinho do Pina / Projeto Social Encantinho do Pina - Realizado pela Nação Encanto do Pina e coordenado pela pedagoga Mariana Bianchi, sob a coordenação geral de mestra Joana, em parceria com o Movimento. Uma das ações desse projeto social é o Maracatu Encantinho do Pina, um batuque de baque virado, formado exclusivamente pelas crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode e circunvizinhas, consideradas comunidades periféricas do Recife.

Protagonismo - Ato de protagonizar um evento.

Protagonismo da mulher negra - A mulher negra torna-se protagonista da sua própria trajetória.

Protestante - Praticante de doutrina religiosa. Dentro do protestantismo histórico estão as igrejas luterana, presbiteriana, calvinista, metodista e batista.

Prudonde - Significa por onde, Guerreira 31 do Nordeste usou a expressão para enfatizar que não sabe falar bonito, corretamente, mas se coloca a disposição da pesquisadora para falar da forma que sabe, ela é semialfabetizada, não domina nem a leitura nem a escrita.

Pruquê - Significa porque, Guerreira 31 do Nordeste usa a expressão para enfatizar que não sabe falar bonito, sobretudo corretamente, mas se coloca a disposição da pesquisadora para falar da forma que sabe, ela é semialfabetizada, não domina nem a leitura nem a escrita.

Puxar - Cantar uma toada/loa, reger o baque/batuque nas apresentações do Movimento, iniciar uma temática nas rodas de diálogos desse movimento. De acordo com Guerreira 30 do Nordeste, quando se faz necessário, mestra Joana, puxa as batuqueiras pela orelha, ou seja, orienta como elas têm que fazer em determinada atividade desse maracatu de feministas.

(Q)

Quarto - Quando uma pessoa candomblecista faz um ritual religioso e fica recolhida em um quarto, geralmente por 21 dias, assevera Guerreira 22 do Sul.

Quebra de padrão - Rompimento de padrão estabelecidos até então.

Quebra de tabu - Invalidação dos preconceitos construídos socialmente.

Quilombo - A palavra quilombo vem do idioma banto, sendo uma referência a "guerreiro da floresta". A primeira definição de quilombo na administração colonial ocorreu em 1740. Quem a fez foi o Conselho Ultramarino Português. Para esta instituição, o quilombo era: "toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem achem pilões neles", conforme consta na literatura.

(R)

Raça - Categoria usada para se referir a um grupo de pessoas, cujas marcas físicas são consideradas socialmente significativas.

Rachar - Brigar, apartar, separar.

Racismo - Preconceito extremo contra todas e todos pertencente a uma raça ou etnia diferente.

Racismo estrutural - Refere-se as narrativas apresentadas pelas pessoas brancas, que tende ser as mais absorvidas pelo sistema, porque é o que o sistema quer de imediato.

Racismo religioso - Para Guerreira 19 do Centro-Oeste esse tipo de racismo é caracterizado, principalmente pelo preconceito ou pelo ato de violência contra as

peças praticantes das religiões de matriz africana. Ela endossa que adeptas e adeptos dessas religiões são alvos dos atos de violência religiosa no Brasil, assegura a entrevistada. Esse é um dos temas abordado nas rodas de diálogo que são realizadas quinzenalmente pelo Movimento.

Rainha de maracatu - Rainha de uma Nação do maracatu de baque virado, símbolo do poder, figura mais exuberante e com pontuação individual para a classificação final no desfile oficial do carnaval das agremiações de maracatu do Recife.

Realinhar os chakras / desbloquear os chakras - Proporciona a livre circulação de energia no corpo, isso engloba corpos sutis, energéticos, áurea e corpo físico. Com o desbloqueio, a energia consegue fluir por todos os chakras livremente e cada um pode então cumprir a sua função.

Rebaixar - Humilhar, desmoralizar, arrasar.

Rearticular memória - Unir os fatos relacionados a memória da humanidade.

Recalcular a rota da população negra / recalcular a trajetória da população negra - Guerreira 24 do Sul, usa o termo para elucidar que a sociedade, de maneira especial, o governo precisa repensar as violações vivenciadas pelas populações afrodescendentes.

Recifense - Quem nasce em Recife, capital do Estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil, considerado o berço das Nações de maracatu.

Referência - Termo empregado para destacar, que mestra Joana é uma referência para as batuqueiras do Movimento Baque Mulher e para todas as mulheres, que buscam conhecimentos ancestrais, inclusive uma influência no ramo da moda, a partir das vestimentas que idealiza, confecciona, cria, concretizando sua própria estética, alusiva as mulheres de terreiro, candomblecistas e maracatuzeiras. A Mestra também incentiva mulheres negras no âmbito artístico a partir das suas composições autorais, se tornando uma liderança comunitária, influenciando inclusive no comportamento

dessas mulheres, que tendem a rever seu próprio comportamento. Mestra Joana é uma referência não apenas artística, mas de responsabilidade, conduta, inspiração, exemplo de coragem, empoderamento, poder feminino, revolução, representatividade das mulheres periféricas e candomblecistas na sociedade, afirmam às entrevistadas.

Rejeitar o candomblé - Não aceitação dessa religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos.

Relação de abuso - Relacionamento afetivo violento entre duas pessoas que se relacionam afetuosamente.

Religião matriarcal - Religião regida por uma deusa ou deusas.

Representatividade da mulher negra - [...] a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira²²⁹.

Resgatar - Reconstituir, realinhar, transformar.

Resistência - Obstinação, oposição, aversão.

Revolução cultural / revolução comportamental - Diz respeito ao olhar educacional nas suas múltiplas facetas e, uma das principais mudanças é a transformação do vocabulário que brasileiras, brasileiros usam atualmente. É urgente e necessário uma mudança de atitude. A sociedade brasileira não pode mais continuar falando, reproduzindo palavras como: mulata, criado mundo, denegrir, claro, esclarecer, preterida, porque essas palavras são perpetuadas para subestimar, diminuir a autoestima de negras e negros.

Rito iniciático - Ritual religioso praticado pelas pessoas candomblecistas iniciantes na religião do candomblé.

²²⁹ Referência ao texto de Sueli Carneiro (2003).

Ritual - Às entrevistadas declaram que respeitam o ritual de não ingerir bebida alcoólica nem fumar, práticas consagradas como inapropriadas conforme o regimento interno do Movimento, pautado nos fundamentos, tradições, costumes e hábitos vivenciados no candomblé, que devem ser respeitados de forma invariável nas apresentações desse maracatu de feministas, que entoam loas saudando e reverenciando orixás, especialmente as femininas. Essa tradição é considerada um ritual no movimento supracitado.

Ritual do candomblé - É realizado em templos chamados casas, roças ou terreiros que podem ser de linhagem matriarcal - quando somente as mulheres podem assumir a liderança, patriarcal - quando somente homens podem assumir a liderança ou mista - quando mulheres e homens podem assumir a liderança do terreiro. A celebração do ritual é feita pela mãe de santo ou pai de santo, que inicia o despacho do Exu. Em ritmo de dança, o tambor é tocado, filhas, filhos de santo começam a invocar seus orixás para que os incorporem. Geralmente o ritual tem no mínimo duas horas de duração.

Rocheda / rochedo - Pessoa ou grupo que faz com propriedade as ações que se propõe a fazer. A Guerreira 31 do Nordeste usa a expressão para exemplificar que o Movimento realiza suas ações com muita destreza, maestria é, um movimento rochedo, declara a entrevistada.

Roda de diálogo / roda de conversa do Maracatu Baque Mulher - Esse Movimento realiza “rodas de diálogo quinzenalmente, contemplando o debate de temas como machismo, racismo, homofobia, intolerância religiosa e preconceito religioso. Considerando de modo sensível as diversas realidades nas quais as mulheres estão inseridas. O fortalecimento dessa rede pretende estimular o companheirismo e a união em torno de nossos objetivos”²³⁰.

Roda de diálogo / roda de conversa do Encantinho - O Projeto Encantinho do Pina realiza semanalmente rodas de diálogo, que contemplam o debate de temas como

²³⁰ Referência ao Artigo 2º do regimento interno do Baque Mulher. Atualizado em: 24 de abril de 2020.

gravidez na adolescência, abuso e exploração sexual, violência doméstica, empoderamento feminista, machismo, racismo, intolerância religiosa, preconceito religioso, uso de drogas ilícitas, preservação do meio ambiente, brincadeiras populares, cantigas de roda, expressões e manifestações culturais da população negra, considerando especialmente as diversas realidades nas quais as crianças, adolescentes e jovens estão inseridas.

Rolê - Festa, balada, lazer.

(S)

Sabotar - Ato de prejudicar uma ação ou uma pessoa de caso pensado.

Sagrado feminino - Tem uma intrínseca relação com os saberes ancestrais e com a força da natureza.

Saída de Joana - Um ritual do candomblé, que consagrou mestra Joana a patente de mãe pequena, *yakekerê* do *Ylê Axé Oxum Deym*.

Samba - O samba, como foi formatado no início do século XX no Rio de Janeiro, acabou se tornando, por vários motivos, ponto pacífico em nossa sociedade como um dos agentes culturais que melhor representa o “ethos” brasileiro. Esse é um dado irrefutável da nossa história e que coloca o samba, de certa forma, como uma referência fundamental para os debates sobre nossa formação social²³¹.

Samba reggae - É um tipo de samba. “Contar a história do samba é contar a história do negro²³² no Brasil, ou vice-versa. O samba surgiu da necessidade deste povo expressar o que vivia; seu passado, sua luta e sua resistência”²³³.

Sanar - Curar, acabar, sarar.

²³¹ Referência ao texto de Jost (2015).

²³² É pertinente acrescentar também a negra.

²³³ Referência ao texto de Lisboa (2010).

São Cosme e São Damião - O dia deles é celebrado também no candomblé, em 27 de setembro, tendo como referência dois orixás. Tanto nessa religião como no catolicismo eles não são as mesmas figuras, mas nessas religiões são irmãos com histórias de vida semelhantes. A tradição de São Cosme e São Damião tem como referência os Ibejis, divindades africanas. Para candomblecistas eles são irmãos gêmeos que em troca de doces e brinquedos, resolvem os problemas, garante prosperidade e abundância de praticantes do candomblé, mas caso as promessas não sejam cumpridas, os Ibejis faz travessuras, inclusive reverte os problemas que haviam sido resolvidos. Reza a lenda, que um dos irmãos morreu afogado e, o outro, no apogeu de sua tristeza, rogou ao Deus supremo, pela própria morte. Conforme essa tradição, foi deixada na terra uma imagem em que a figura dos dois apareciam juntas e, em hipótese alguma são separadas. Sendo assim, as promessas são feitas para a imagem que representa esses Ibejis, orixás crianças, que estão ligados a ideia de criação, são cultuados em todos os rituais, celebrados com cultos próprios durante todo o ano, também em troca de doces e brinquedos. Através da convivência com a cultura cristã, na festa desses orixás são distribuídos brinquedos, doces e caruru, comida típica que pode ser acrescida de amendoim ou castanha para as crianças, erês. Todavia, na umbanda, celebra-se também em 27 de setembro Cosme e Damião e não os Ibejis. Essa religião foi criada por escravizadas, escravizados que vieram da África para o Brasil e, para terem a permissão de realizar seus cultos, associaram suas deusas e deuses aos do catolicismo. Contudo tem o mesmo princípio apresentado pelo candomblé, conforme às entrevistadas e as literaturas pesquisadas.

Saravá - No candomblé nagô significa saudação, um salve. O termo originou-se do dialeto da população africana escravizada, significa também a força que movimenta a natureza. Além disso, é considerado um mantra que pode fixar ou dissipar determinadas vibrações, não é aconselhável pronunciá-lo sem a devida necessidade, conforme consta na literatura.

Saudar - Na religião de matriz africana significa, reverenciar e respeitar as patentes e lideranças espirituais, principalmente, levando em consideração a hierarquia.

Secundariedade da mulher - A posição de inferioridade da mulher nas relações de gênero tem sido marca da humanidade ao longo dos séculos. O gênero feminino traz consigo uma história de dominação, opressão, desrespeito e não-cidadania. Mesmo assim, as mulheres lutaram, ao longo da história, de acordo com as possibilidades de cada tempo, por menos opressão e mais igualdade em relação aos homens²³⁴.

Sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina - Prédio do terreiro de candomblé nagô *Ylê Axé Oxum Deym*, onde são realizadas as ações culturais, sociais, educacionais e pedagógicas do Projeto Encantinho do Pina, os ensaios e oficinas do Movimento, do Maracatu Encantinho do Pina – as práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira. Além dessas ações, há os ensaios do grupo cultural Mazuca da Quixaba.

Seita - São pessoas que seguem ou fazem parte de uma mesma tendência religiosa, declara Guerreira 31 do Nordeste.

Segundo plano - Algo ou alguém que não é prioridade, a exemplo das mulheres negras que não têm suas aspirações atendidas, porque são consideradas fúteis, afirma Guerreira 30 do Nordeste.

Sem um pão na barriga - Mestra Joana menciona essa frase aludindo às crianças, adolescentes e jovens do Projeto Encantinho do Pina que chegam para participar das atividades com fome, sem terem realizado a primeira refeição do dia.

Seminário do Maracatu Baque Mulher - Uma das ações que ocorrem nos Encontros Nacionais do Baque Mulher, com a participação de mulheres da religião de matriz africana, artistas da cultura afro-brasileira, representantes de movimentos sociais, *yalorixás* e pesquisadoras de várias áreas do conhecimento, que pesquisam temáticas relacionadas a violência contra a mulher, machismo, intolerância religiosa, preconceito religioso e temas afins.

²³⁴ Referência ao texto de Monteiro (2008).

Sem-vergonhice - Atitude ou comportamento de quem não tem vergonha, de pessoa enxerida, ou indiscreta.

Senso comum - Modo de pensar da maioria das pessoas, são noções comumente admitidas por todas e todos. Significa o conhecimento adquirido pela pessoa a partir de experiências, vivências e observações do mundo.

Situação de vulnerabilidade social - Situação de fragilidade material ou moral de mulheres, homens ou grupos diante de riscos produzidos pelo contexto econômico-social. Está relacionado a processos de exclusão social, discriminação e violação de direitos básicos delas, deles e dos grupos, em decorrência do seu nível de renda, educação, saúde, localização geográfica, dentre outros marcadores sociais da diferença.

Sociedade doentia - Sociedade que propaga todas as formas de preconceito e violência.

Sociedade machista - Sociedade ideologicamente marcada pelo patriarcado e pela misoginia, que invisibiliza as mulheres e visibiliza os homens, a partir de um discurso patriarcal.

Soltar os cachorros - Perder a paciência, ficar brava, chateada com alguém ou com alguma situação.

Solo - Ato de solar uma performance musical, artística sozinha.

Sororidade - É a sensibilidade que a mulher tem de se colocar no lugar da outra, na tentativa de sentir a dor que outra mulher estar sentindo no momento. Palavra que virou moda, bastante usada, mas não é posta em prática, garante mestra Joana Cavalcante (2020).

(T)

Tabu - Proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável.

Tacar fogo na pista - Suscitar uma discussão calorosa que, alargue as reflexões, principalmente a elaboração e efetivação de políticas públicas sobre as pautas que defendem os direitos das populações que vivem em situação de vulnerabilidade, a exemplo das populações negras, indígenas, pobres, extremamente pobre e LGBTQIAPN+ - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgêneros, queer, interssexo, assexuais, panssexuais, não-binário e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidades de gênero que existam.

Tambor de crioula / punga - Dança de origem africana praticada por descendentes de escravizadas, escravizados africanos no Estado brasileiro do Maranhão, em louvor a São Benedito, um dos santos mais populares entre negras, negros. É uma dança alegre, marcada por muito movimento e descontração.

Tatuagem - Uma arte permanente feita na pele humana que tecnicamente, consiste em uma aplicação subcutânea obtida através da introdução de pigmentos por agulhas. A motivação para cultuadoras, cultuadores dessa prática é ser uma obra de arte viva e temporal tanto quanto a vida. Guerreira 9 do Sul, tatuou a logomarca do Movimento no seu corpo, especificamente, na perna direita.

Tematização do Maracatu Baque Mulher - Temas abordados nas atividades desenvolvidas pelo movimento em pauta.

Templo budista - Genju Ibaragui, representante da linha budista Nichiren, em 1936, fundou perto da cidade de Lins, no Estado de São Paulo, um “núcleo de culto” para praticantes da sua religião. No ano seguinte, era consagrado como o único templo budista em solo brasileiro²³⁵.

²³⁵ Referência ao texto de Usarski (2004).

Terapia holística - [...] exploram a experiência humana de uma maneira diferente - uma maneira que tenta tratar o ser humano em sua totalidade recorrendo à operacionalização do conceito de energia²³⁶.

Terreiro - //ê, barracão, casa de axé, casa de candomblé. Local onde ocorre os rituais do candomblé, culto ou religião de origem africana que foi trazida para o Brasil pelas negras e pelos negros que viveram em situação de escravização.

Teteregum - É uma planta de Oyá e Ossain.

Teto - Casa, residência, moradia, lar.

Timbal - É derivado do caxambu. Em 1960, o músico José Lisboa Marinho, da cidade do Coração de Maria, no Recôncavo Baiano, já tocava esse instrumento em sua banda. Foi popularizado por Carmem Miranda, Jorge Benjor e Carlinhos Brown. Este último fundou o grupo Timbalada em 1991 baseado no instrumento. O timbal é utilizado na percussão do Movimento, Nação Encanto do Pina e no maracatu mirim dessa nação.

Tira onda - Expressão utilizada pela Guerreira 12 do Sudeste, para exemplificar que quando uma criança, adolescente ou jovem do Projeto Encantinho do Pina, veiculado a Nação do Maracatu Encanto do Pina não chama uma mulher mais velha de vó, mãe, tia, prontamente, as outras crianças, adolescentes e jovens, a reprime dizendo que isso não é admissível, conforme os princípios do candomblé, que é “tiração de onda”, atitude desrespeitosa. Essa mesma expressão foi utilizada pela Guerreira 25 do Nordeste para exemplificar que a mulher toca tambor sim, com muito domínio e “tira onda”, sempre que toca.

Tô - Significa estou, Guerreira 31 do Nordeste usa a expressão para enfatizar que não sabe falar bonito, corretamente, mas se coloca a disposição da pesquisadora para falar da forma que sabe, ela é semialfabetizada, não domina a leitura nem a escrita.

²³⁶ Referência ao texto de Martynetz e Serbena (2020).

Toada - Loa cantada no maracatu, um ritmo musical da cultura de matriz africana.

Tocar maracatu - É o ato de uma maracatuzeira, maracatuzeiro tocar maracatu, ritmo das Nações de maracatu fortemente presentes no Estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil, onde mestra Joana nasceu, fundou em 2008 o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. Nesse mesmo ano, por determinação dos orixás, patronos espirituais do *Ylê Axé Oxum Deym*, se tornou mestra de maracatu de baque virado, ao assumir a coordenação geral e a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Nesse mesmo ano ela funda o maracatu mirim dessa nação, formado exclusivamente por crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Bode e outros bairros periféricos da Grande Recife. Em 2013, funda o Projeto Encantinho do Pina.

Tocada do Baque Mulher - Apresentação artística realizada pelo Movimento, consagrado um maracatu de feministas do baque virado.

Toda tribo tem seu cacique - Expressão utilizada pela Guerreira 12 do Sudeste, para exemplificar que em todos os espaços sociais há uma liderança, que precisa ser respeitada. Conforme a hierarquia estabelecida no candomblé a pessoa mais velha é consagrada e respeitada pela sua seriedade, paciência, por resolver determinada situação no respirar, saber o que está fazendo, por estar mais perto da energia do sagrado, pela áurea de uma pessoa que está mais perto de Olorum, Deus onipotente, criador de tudo, todas e todos. De acordo com os princípios do candomblé, a hierarquia é um dos princípios que contribui para garantir a continuidade da tradição dessa religião de matriz africana.

Toque - Som rítmico ecoado do instrumento de percussão da cultura de matriz africana, entre eles destacam-se atabaque e tambor.

Torço - Pano de cabeça, pano da costa ou alacar. De origem Árabe e do Egito, é usado por mulheres e homens que viveram em condição de escravização e juntaram-se com africanas, africanos. Essa população começou a usar o torço por conta do sol quente do Egito, localizado no continente africano. As mulheres usavam o torço para

proteger o ventre, transportarem crianças e protegerem a cabeça do sol. No Brasil muitas pessoas herdaram a cultura desse povo e começaram a usá-lo. No candomblé é direito da mulher usá-lo e nos terreiros usa-se o torço como proteção para estar com a cabeça coberta²³⁷.

Tradição da população afrodescendente - São os conhecimentos, hábitos, práticas e costumes de negras, negros, descendentes das africanas e africanos.

Tradição oral - Perpetuação dos mitos e valores de uma comunidade, transmitidos pela oralidade.

Traços negroides - São características relacionadas a raça negra; estão relacionados com ou é característico das negras e negros; traços que se assemelha à raça negra e, também que apresenta elementos das populações negras, afiança Guerreira 19 do Centro-Oeste.

Travestir de homem - Guerreira 12 do Sudeste usa esse adjetivo, como uma analogia para a seguinte explicação, antigamente, para a mulher poder tocar nos baques de maracatu em Recife, obrigatoriamente ela teria que se vestir com roupas que eram confeccionadas para os homens.

Treche - Algo difícil de muita agitação, briga, confusão, conflito.

Turbulência - Motim, tumulto, desordem, buchicho.

(U)

Um moi de coisa - Grande quantidade, um monte de objetos, várias coisas.

²³⁷ Referência ao texto de Vânia Carvalho (1982).

Umbanda - Religião brasileira, originada nas décadas de 1950 e 1960. Ela surge por determinação espiritual e faz a fusão de três ramificações religiosas, a de origem indígena - culto da jurema, de origem negra - culto aos orixás femininos e masculinos e de origem branca religião católica. A primeira fusão acontece entre indígenas e populações negras que se unem na busca pela não escravização, e em seguida se funde com o catolicismo num processo chamado de sincretismo, onde negras e negros buscaram fundir os elementos do culto aos orixás femininos e masculinos com o culto as santas, santos com ligação ao catolicismo. Dessa forma as comunidades afrodescendentes conseguem trazer uma gama de conhecimentos religiosos sobre as entidades dessa religião até os dias atuais.

(V)

Vem p'ra cá - Chamando a pessoa para um lugar específico, demarcando o lugar para a pessoa comparecer.

Vestimenta - Traje, roupa, veste, figurino.

Vigilância de patrimônio - Profissional de segurança responsável para proteger o patrimônio público, profissão que mestra Joana exerceu durante 10 anos.

Violência contra a mulher - Crime contra a vida, integridade, saúde física e psicológica da mulher, motivada e em certa medida, justificada pelo machismo estrutural, herança da sociedade patriarcal, estrutura intensamente reproduzida na sociedade brasileira até os dias atuais.

Violência de gênero - Violência relacionada as mulheres, abrangendo a violência psicológica, física, psíquica, patrimonial e todo tipo de violência contra as mulheres.

Violência doméstica - Padrão de comportamento que envolve violência ou outro tipo de abuso, na sua maioria cometida por homens contra a mulher, num contexto

doméstico como no caso de um casamento ou união estável, ou contra crianças, adolescente, jovens, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

Virar / virada / viração - No baque, toque de maracatu, é tocar o instrumento percussivo de modo mais cadenciado, destacando sua sonoridade rítmica na percussão dos outros instrumentos.

Visibilidade da mulher negra - Possibilitar as mulheres afrodescendentes uma maior notoriedade e popularidade das suas ações, almejando o seu merecido sucesso.

Visibilidade feminina - [...] a visibilidade feminina na arte cresceu arrebatadamente, é possível hoje ver as mulheres dominando o meio artístico, principalmente nas artes visuais²³⁸.

Visse - Ver, olhar, observar, captar, enxergar.

Vixe Maria - Forma reduzida da expressão religiosa Virgem Maria, danou-se bichinha. Trata-se de uma interjeição que indica surpresa, desaprovação ou aprovação, insatisfação ou satisfação, preocupação, medo, susto, admiração. Tem significado parecido com "eita". Guerreira 31 do Nordeste, usa a expressão para falar o quanto o Movimento é importante para sua vida e para o contexto cultural de sua cidade, por representar a força e a consciência política das mulheres afrodescendentes.

(W)

Wiccaniana - Pessoa praticante de religião neopagã.

(X)

²³⁸ Referência ao texto de Silva e Pando (2017).

Xangô - É um Orixá²³⁹.

Xangozeira - Termo pejorativo usado para se referir a mulher candomblecista, adepta do candomblé, religião afro-brasileira. Afere-se que xangozeira, catimbozeira e feiticeira é a forma genérica e depreciativa de se referir a mulheres que são praticantes das práticas mediúnicas afro-brasileiras²⁴⁰.

Xirê - Gira realizada nos terreiros pertencentes as religiões de matriz africana para a evocação das entidades, orixás.

(Y)

Yá / yalorixá / mãe de santo - Sacerdotisa de um terreiro, seja ele de candomblé, jurema, umbanda ou quimbanda. Outras grafias possíveis incluem *iyalorixá*, *iyá* e *ialaorixá*. Recebem ainda o nome de mãe de terreiro, mulher de terreiro.

Yabá / Yabaé / labá - Mulher escolhida pelas entidades - orixás para cuidar, zelar, manter o *ilê* - terreiro. Também é respeitada como ajudante de *yalorixá*, encarregada das cerimônias religiosas.

Yakekerê / mãe pequena / laquequerê / iakekerê / iaquequerê / iá-quererê (da língua iorubá, junção de *iya+kekere*) - Segunda pessoa mais importante em um terreiro de candomblé, cargo de mãe pequena do candomblé. Na ausência da *yalorixá* ou do *babalorixá*, é ela que assume o comando do *ilê*. Está sempre presente no terreiro e faz parte de todos os preceitos e obrigações. Mestra Joana é mãe pequena do *Ylê Axé Oxum Deym*.

²³⁹ Referência ao texto de José Siqueira (2006). Ver: SIQUEIRA, José Jorge. **Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944/1968**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006.

²⁴⁰ Referência ao texto de Lima (2017).

Yálossain - Cargo dentro do candomblé destinado a uma mulher reverenciada como filha do orixá Ossain. *Iyálossain* tem a missão de catar as folhas, rezar para as folhas e invocar Ossain.

Ylê Axé Oxum Deym - Terreiro de candomblé nagô da *yalorixá* vó Quixaba/Maria Cândida Silva, avó paterna de mestra Joana. Esse terreiro de candomblé nagô está sediado na Comunidade do Bode. As orixás Oxum e Iemanjá, são as entidades espirituais que conduzem os fundamentos religiosos do *Ylê Axé Oxum Deym*, barracão onde a Mestra foi consagrada *yakekerê*/mãe pequena para coordenar e fazer a regência da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Desde o ventre da mãe biológica, *iabassê* mãe Carminha, que mestra Joana frequenta essa casa de axé. O pai biológico da Mestra, pai Marcelo, é *babalorixá* e ela é *yakekerê* desse *ilê*, terreiro de matriz africana.

(Z)

Zuela - Loa, entoada, canto, música que compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher, da Nação do Maracatu Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação e Mazuca da Quixaba.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DE MESTRA JOANA CAVALCANTE

01. Como informação adicional diga-nos sua idade; formação escolar; profissão e sua raça/etnia?

02. Conte-nos sua trajetória enquanto primeira e única mestra de maracatu de baque virado?

03. Diga-nos qual sua religião? Qual a influência dessa religião na sua trajetória artística?

04. Quando foi fundado e como surgiu a ideia da criação do Maracatu Baque Mulher? Por que esse grupo permanece ativo?

05. Atualmente existem quantas grupos do Movimento? Como ocorre a expansão desse coletivo de mulheres?

06. Há quantas loas/músicas no repertório do Movimento? Qual delas a senhora considera mais representativa? Por quê?

07. A senhora já compôs quantas loas/músicas para o repertório do Movimento? O que a motiva a compor?

08. Quais são as mais representativas práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais que a senhora desenvolve no Movimento?

09. As práticas que executa fortalecem e visibilizam o saber e conhecimento da senhora enquanto mulher, principalmente mestra de maracatu de baque virado? Por quê?

10. As práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais promovidas por esse coletivo, contribuem para disseminar informação, reconstituir a

memória e evidenciar aspetos relacionados as identidades das populações afrodescendentes? Por quê?

11. Em sua opinião, o Movimento é um coletivo que contribui para o fortalecimento e visibilidade feminina nas práticas e, manifestações da cultura de matriz afro-brasileira? Por quê?

12. Qual a relevância do saber e conhecimento das integrantes do Movimento nas ações promovidas pelo coletivo?

13. O Movimento é uma fonte de informação para disseminar a cultura de matriz afro? Como o Movimento transmite as tradições e manifestações afrodescendentes?

14. Quais aspectos designam o Movimento como fonte de informação para disseminar as práticas da cultura de matriz africana, especialmente, em Recife?

15. Fale-nos o que o Movimento representa para a cultura do Recife?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS BATUQUEIRAS DO MARACATU BAQUE MULHER

01. Como informação adicional, diga-nos sua idade; formação escolar; profissão e sua raça/etnia?
02. Conte-nos sua trajetória enquanto batuqueira do Maracatu Baque Mulher?
03. Diga-nos qual sua religião? Qual a influência dessa religião na sua trajetória artística?
04. Há quanto tempo você participada do Movimento? Por que você continua participando desse grupo?
05. Sua participação no Movimento, fortalece e visibiliza seu saber e conhecimento enquanto integrante desse coletivo de maracatu? Por quê?
06. Você considera que as práticas desenvolvidas pelo Movimento, contribuem para disseminar informação, reconstituir a memória e evidenciar aspectos relacionados as identidades das populações afrodescendentes? Por quê?
07. Em sua opinião, o Movimento é um grupo que contribui para o fortalecimento e visibilidade feminina nas práticas e, manifestações da cultura de matriz afro-brasileira? Por quê?
08. Qual a relevância do saber e conhecimento das integrantes do Movimento nas ações promovidas por esse coletivo?
09. O Movimento é uma fonte de informação para disseminar a cultura de matriz afro? Como o Movimento transmite as tradições e manifestações afrodescendentes?
10. Quais os aspectos que designam o Movimento como fonte de informação para disseminar as práticas da cultura de matriz africana, especialmente, em Recife?

11. Você já compôs loas/músicas para o repertório do Movimento. Por quê?
12. Qual a loa/música do repertório do Movimento que você considera mais representativa? Por quê?
13. Diga-nos qual a influência de mestra Joana Cavalcante na sua trajetória artística?
14. Diga-nos o que à mestra Joana Cavalcante representa para você?
15. Fale-nos o que o Movimento representa para a cultura do Recife?

APÊNDICE D - MULHERES MENCIONADAS NAS ENTREVISTAS

(A)

Adri - Adriana Carla Spezia Perdiz é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, sob a coordenação geral de mestra Joana e coordenação pedagógica de Mariana Bianche. Adriana reside na Comunidade do Bode, praticante da religião de matriz africana, toca ganzá/mineiro no Maracatu Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina, sob a regência da Mestra.

Alcinéia - Alcinéia Soares dos Santos é dançarina do Baque Mulher Salvador e pesquisadora veiculada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. Nesse programa em 2022 ela defendeu a dissertação de mestrado intitulada: O lugar de fala das mestras: espaços de experiência social, temporal, simbólica e de resistência artística, que discute as relações de gênero no contexto da cultura popular a partir do questionamento do número reduzido de mestras nos folguedos e demais manifestações culturais populares no âmbito da dança e das provocações feministas propostas pelas mestras interlocutoras, Janja, precursora do feminismo angoleiro e mestra Joana Cavalcante precursora do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher – Feministas do Baque Virado (FBV).

Aline Valentim - É mestra em Ciências Sociais, bailarina, professora, artista e arte educadora, em dança e arte negra. Ela é idealizadora e diretora da Cia Babalakina de Dança Afro, dançarina e coordenadora da ala de dança do Baque Mulher Rio de Janeiro desde 2019, atuante no Estado do Rio de Janeiro, localizado na Região Sudeste do Brasil e, coordena a ala de dança afro no desfile oficial da Nação Encanto do Pina. Aline também já ministrou oficina de dança afro em vários países da Europa, Espanha, Finlândia, França entre outros localizados ao norte do continente europeu.

Amle - Amle Pimentel é mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atua nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro como professora de português, é coordenadora do Baque Mulher Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ela se autodeclara branca e umbandista.

Ana Paula - Ana Paula Batista Guedes tem formação técnica em comunicação e jornalismo e é graduada em comunicação social com habilitação em jornalismo. Formada em oratória e mestra de cerimônia, também tem formação em dança afro primitiva, sua história e sua contemporaneidade. Ela é feminista, produtora de eventos, ativista e militante das manifestações culturais afro-brasileiras, cantora, integrante do coral “Voz Nagô” que abrilhanta a abertura do carnaval de Recife. É praticante da religião de matriz africana, jornalista e locutora oficial do Movimento e da Nação Encanto do Pina.

Ana Tavares - Ana Lúcia Tavares de Oliveira é graduada em pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, graduada em arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba, especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba, especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora da cultura negra, indígena e afro-diáspora. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Música, Corpo, Gênero e Saúde (MUCGES²⁴¹). Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares (GLICPOP). Estudante do Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e Produção Científica, da Universidade Federal do Paraná. Voluntária do Projeto de Extensão/Pesquisa SaúdeArte: troca de saberes e difusão da cidadania. Atriz sob o nº 0811/0681-PB, cantora popular sob o nº 3065-PB, dançarina, maracatuzeira, mulher cis, preta, pobre, periférica e fundadora do AjaMulher, coletivo de mulheres negras que objetiva fomentar as culturas negras, indígenas e afro-diáspóricas. Percussionista e vocal dos grupos AjaMulher, Oju-Òrun, Movimento e da Nação Encanto do Pina. Têm 17 capítulos de livro publicado, 6 artigos e 4 comunicações em anais.

²⁴¹ Esse grupo foi idealizado pela professora doutora Harue Tanaka e “criado em 2016, sendo pensado como espaço para discorrer no âmbito dos “ativismos”, educação, educação musical, performance artístico-musical e das chamadas pedagogias abertas das mulheres na cultura popular a exemplo das coquistas, cirandeiras e do movimento Baque Mulher” (TANAKA, 2021).

Andreia / tia Andreia - Andreza Andreia Maria Bezerra de Andrade da Silva é uma das primeiras participantes do Movimento e maracatuzeira das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Ela é mãe solo de Elba Mariana e Maya Silva, batuqueiras desse movimento e das duas nações desde a primeira infância e avó de Benício Gabriel Andrade da Silva, batuqueiro do Maracatu Encantinho do Pina desde os dois anos. Andreia é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina e autora da loa “Baque rosa é ação” em parceria com Ana Paula Guedes.

Andressa - Batuqueira do grupo Alfaia da Praia, professora de matemática, educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina. Autora da loa “Guerreira de fogo” em parceria com mestra Joana e mestre Chacon Viana.

Andreia - Andreia de Bessén (*in memoriam*) ela foi candomblecistas, constureira do Movimento, da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação e do Mazuca da Quixaba.

Ane Guinlins - Uma das primeiras mulheres trans, guerreira atuante nas atividades artísticas e culturais de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Guinlins fez a passagem, faleceu em abril de 2021.

Aniely - Aniely Mirtes Soares Alves pedagoga, terapeuta naturologista e especialista em gestão de pessoas. Ativista social e política pelo empoderamento feminino, LGBTQIAP+²⁴² e afrocultural. Desde agosto de 2019 está coordenadora do Baque Mulher João Pessoa.

Aqualtune - Filha do rei do Congo, Aqualtune foi uma princesa-guerreira antes de ser escravizada no Brasil. No final do século XVI, a princesa liderou cerca de 10 mil congolezes, entre mulheres e homens, após invasão de sua nação no episódio que ficou conhecido como a *Batalha de Mbwila*. Ela foi derrotada, capturada e levada posteriormente para o mercado de escravizadas, encravizados, onde foi embarcada em um navio negreiro que fez a travessia até o Brasil. Aqualtune chegou ao Recife,

²⁴² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênicos, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexual, Pansexualidade, demais orientações sexuais e identidades de gênero.

Pernambuco, em 1597. Naquele mesmo ano, um grupo de 40 negras, negros em situação de refúgio formaram na Serra da Barriga o que viria ser o Quilombo dos Palmares. Por ser forte e saudável, a princesa-guerreira foi vendida no Brasil como reprodutora, sendo levada, já grávida, para a região de Porto Calvo, em Alagoas. Lá, Aqualtune ouviu falar sobre o local que reunia africanas, africanos livres. Ela estava no sexto mês de gestação quando organizou uma fuga que acabou juntando mais escravizadas, escravizados pelo caminho, alcançado por fim o quilombo. Afere-se que Aqualtune ganhou o comando do território tanto porque tinha ascendência nobre quanto pelo fato de ter conhecimentos políticos, organizacionais e de estratégia de guerra²⁴³.

Azenilde - Azenilde Simões foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

(B)

Bartira - Ex-coordenadora do Baque Mulher Arcoverde, grupo com atuação no sertão de Pernambuco.

(C)

Carol - Carol Real é batuqueira do Baque Mulher São Paulo e colaboradora da Nação Encanto do Pina, seu companheiro/esposo também é colaborador e, sua filha adolescente desfila nessa nação e toca agbê no Baque Mulher São Paulo. Carol é participante do Maracatu Quilôa, sediado em Santos, interior de São Paulo.

Catarina - Escravizada que usa vestido de chitão para representar uma personagem em Nação de maracatu. É uma das personagens da Nação Encanto do Pina que

²⁴³ Informação disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/aqualtune-mancha-verde_br_5c7ef536e4b0e62f69e771b5. Acesso em: 11 maio 2022.

segue ao lado da Dama do Paço no desfile dessa nação, alega a entrevistada Guerreira 5 do Sudeste.

Cecília²⁴⁴ - Nome fictício da adolescente de 15 anos, que se autodeclara negra, reside com sua família na Comunidade do Bode, desde que nasceu. Ela toca agbê juntamente com sua irmã de 11 anos no Baque Mulher Recife e no Maracatu Encantinho do Pina, seu irmão de 12 anos é batuqueiro dessa nação. Cecília, a irmã e o irmão, participam do Projeto Encantinho do Pina.

Célia / Célia de Oyá - Célia Benta da Silva é rainha da Nação Encanto do Pina, toca ganzá no Movimento é mãe de Shirlene Benta do Nascimento, responsável em desfilar com a calunga de Iemanjá no desfile oficial dessa nação, assim como sua mãe, Shirlene e sua filha Shay são participantes do Movimento onde elas tocam alfaia.

Cida - Cida Pedrosa foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

Clara Nunes - Clara Francisca Gonçalves Pinheiro, brasileira, mineira, pesquisadora da Música Popular Brasileira (MPB). Ela foi compositora, cantora, consagrou-se como uma das maiores e melhores intérpretes do Brasil, viajou para muitos países representando a cultura brasileira. Clara Nunes era conhecedora das músicas, danças e das tradições africanas. Ela se tornou umbandista e levou a cultura afro-brasileira para suas canções e vestimentas. Clara foi a primeira cantora brasileira a vender mais de 100 mil discos, derrubando um tabu segundo o qual mulheres não vendiam discos e no decorrer da sua trajetória artística, vendeu milhões de discos. Foi considerada a 9ª maior voz brasileira, pela revista Rolling Stone.

Clarice Lispector - Chaya Pinkhasivna Lispector, nasceu em 1920 e faleceu em 1977, foi escritora e jornalista, de origem judia. Clarice Lispector se tornou reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX. Fez parte do

²⁴⁴ Nome fictício de uma adolescente negra que aos 16 anos tornou-se mãe solo, foi residir em uma casa de palafita, localizada na Comunidade do Bode, nas proximidades do *Ylé Axé Oxum Deym*, juntamente com sua filha recém-nascida que também é negra.

Terceiro Tempo Modernista, que com seu romance inovador e com sua linguagem altamente poética, põe em xeque os modelos narrativos tradicionais. “A Hora da Estrela” foi seu último romance, publicado em vida²⁴⁵.

Cléia Vargas - Coordenadora do Baque Mulher São Paulo.

Cristina - Cristina Mello foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

D)

Dameres Calixto - Dameres Berreza Montenegro é batuqueira do Baque Mulher Arcoverde, coralista da Nação Encanto do Pina, toca caixa na Nação Porto Rico, sediada em Recife e, no Maracatu Raízes do Sertão, sediado em Arcoverde, interior de Pernambuco. Dameres é uma das cantoras oficiais do grupo “Samba de Coco Raízes do Arcoverde”, mãe solo de uma garota e dois garotos, a garota aos 11 é batuqueira do Baque Mulher Arcoverde e dos maracatus mirins das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. O garoto primogênito de Dameres é batuqueiro dessas nações e participante do “Samba de Coco Raízes do Arcoverde”, uma tradição cultural da família Calixto, o filho caçula de Dameres ainda não participa dessas expressões culturais mas, aos três anos canta e dança o repertório da tradição familiar.

Dandara - Esposa de Zumbi e mãe de três filhos, ela lutou com armas pela libertação total das negras e negros no Brasil, liderava mulheres e homens, também tinha objetivos que iam às raízes do problema e, não se encaixava nos padrões de gênero que ainda hoje são impostos às mulheres. É exatamente por essa marca do machismo que Dandara não é reconhecida nem estudada. A maior parte da sua história é ainda um mistério. Ela suicidou-se (jogou-se de uma pedreira ao abismo) depois de presa, em 6 de fevereiro de 1694, para não retornar à condição de escravizada. “Dandara ainda vive em todas, todos que lutam por liberdade”, afirma entrevistada.

²⁴⁵ Informação disponível em: https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/. Acesso em: 18 abr. 2022.

Dani de Oyá - Cantora, atriz, dançarina, colaboradora do Baque Mulher Rio de Janeiro e uma das convidadas do projeto “Mestra Joana Convida”, projeto idealizado pela Mestra, realizado em parceria com o Movimento e a Nação Encanto do Pina.

Dani Portela - Eu sou filha da redemocratização do Brasil, mulher negra e mãe de Alice. Digo isso sempre quando conto a minha história, porque ela se confunde com as consequências que a Ditadura Militar trouxe para a vida de várias pessoas. Sou filha por adoção de um ex-presos político da ditadura militar brasileira. Fui ensinada desde cedo que tudo que eu aprendesse na vida, teria que ser partilhado com a comunidade. Por isso eu me formei alfabetizadora pelo Método Paulo Freire ainda na adolescência, como historiadora e advogada popular, atuo na defesa dos direitos das mulheres. Fui a vereadora mais votada nas eleições de 2020 e hoje construo um mandato que é, ao mesmo tempo, popular, antirracista, jovem, feminista, LGBTQIA+, anticapacitista, que inclui as religiosidades e credos diversos, e que enxerga as crianças como garotas, garotos de direitos. Fui também candidata a governadora de Pernambuco em 2018 pelo PSOL, partido que integro desde 2016, sendo a mulher com a maior votação nominal para o cargo da história. Naquela campanha, fiquei conhecida como a “Mulher da Flor” e tenho muito orgulho desse codinome porque toda flor carrega uma semente e eu espero poder espalhar muitas sementes de liberdade e esperança. Biografia Parlamentar inserida em 11 de março de 2021. As informações são de responsabilidade da assessoria de comunicação da vereadora em 2022.

Daniela Gramanne - Em 2017 atuava como professora de música na Universidade Federal da Paraíba, no dia 24 de março de 2017, juntamente com Karol, também professora de música dessa universidade e algumas mulheres da cidade de João Pessoa, Paraíba, entre elas Juliana Carneiro e Mauriene Freitas, batuqueiras do Baque Mulher Recife desde sua fundação, 2008, realizaram a primeira reunião do Baque Mulher João Pessoa. Atualmente as professoras Daniela Gramanne e Karol residem em outro país.

Daniele Osuniwe - Uma das convidadas da série de *lives* do projeto “Mestra Joana Convida”, realizado em parceria com o Movimento e a Nação Encanto do Pina.

Day - Dayana em 2008, ano da fundação do Movimento residia na Comunidade do Bode. Ela é enfermeira, praticante da religião de matriz africana. Atualmente reside no Rio de Janeiro, toca gonguê no Baque Mulher Rio de Janeiro e na Nação Encanto do Pina.

Déa - Batuqueira do Baque Mulher Niterói e colaboradora do Baque Mulher Zona Oeste, sediado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro.

Denise - Denise Botelho participou da mesa de abertura do II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade do Recife, que teve como tema “Poder Feminino: a mulher que eu sou”. Ela é doutora em educação.

Dona Ivone Lara - Yvonne Lara da Costa foi uma das primeiras mulheres negras a se formarem em um curso superior, uma das primeiras assistentes sociais do Brasil, desempenhou importante papel como enfermeira na reforma psiquiátrica no Brasil, cantora, compositora brasileira. Ela foi consagrada rainha e grande dama do samba, primeira mulher a assinar um samba-enredo e a fazer parte da ala de compositores de uma escola de samba Império Serrano. Em 2015, entrou para a lista das "Dez Grandes Mulheres que Marcaram a História", faleceu em 16 de abril de 2018 aos 96 anos.

Doralyce - Cantora nordestina, pernambucana, nascida em Recife, criada entre Olinda e Palmares, começou a cantar aos 3 anos, na igreja. Ela se autodeclara negra, feminista, luta para derrubar o patriarcado e, acredita na força das suas letras para levar conhecimento às pessoas e transformar a realidade política e social do país e, no poder da arte como meio de revolucionar a sociedade, promovendo uma profunda reflexão sobre o papel das vozes que foram historicamente silenciadas. Doralyce é autora de mais de 300 músicas, entre elas o sucesso *Miss Beleza Universal*, ela não tem receio de expor ideias e assumir posições. Em entrevistas concedidas aos programas que já participou, entre eles destaca-se o programa *Hora do Rango*, na Rádio Brasil Atual rememorando a carreira e pensando um Brasil sem machismo, sem meias palavras a cantora afirma “acho que todo presidente da República, exceto

Lula, que foge desse meu raciocínio, deveria estudar ciências sociais. A democracia é uma ditadura que perdeu o disfarce. Quando você é branco, as pessoas te julgam pela sua aparência. Quando você é preto, é pela sua capacidade cognitiva e o conhecimento que você conseguiu adquirir. Não basta viver uma ditadura colonial, porque a gente ainda replica vários sistemas, tanto econômicos quanto sociais de colônia, a gente ainda foi catequizada e catequizado”. Quando ela era evangélica afirma, “enchia o saco do pastor para cantar. Falava para ele: Pastor, o senhor não vai me chamar para cantar? Estudei num convento”. A cantora foi praticante dos preceitos da igreja Assembleia de Deus, estudou em escola evangélica e, posteriormente em escola católica, especificamente um convento em Olinda. Atualmente reside no Rio de Janeiro, foi tema de tese de doutorado defendida em 2018 na Northwestern University, em Chicago, nos Estados Unidos. A tese apresenta a cantora como uma das principais representantes do afrofuturismo - movimento que mistura filosofia, ciência, arte e cultura africana para criticar o racismo e a discriminação.

Duda Lopes - Maria Eduarda Lopes Martins aos 23 anos, reside no bairro Imbiribera, Recife, se autodeclara preta, pobre, periférica, praticante da religião de matriz africana no terreiro de candomblé *Ylê Axé Oxum Deym* da *yalorixá* vó Quixaba e filha de santo de mestra Joana. Eduarda participou como educadora social do Projeto Encantinho do Pina, ministra oficinas de alfaia e agbê em outros estados do Brasil, sob a supervisão de mestra Joana. Atualmente, Eduarda toca alfaia no Baque Mulher Recife e agbê na Nação Encanto do Pina e integra o Mazuca da Quixaba. A filha e o filho de Eduarda participam do projeto supracitado, a garota aos 8, o garoto aos 5 anos. Ele toca alfaia no Maracatu Encantinho do Pina e, a irmã toca agbê nesse maracatu e no Baque Mulher Recife e, é a rainha do desse maracatu mirim. O companheiro/esposo de Eduarda e pai dessas crianças é batuqueiro da Nação Encanto do Pina, um dos homens que compõe a equipe de apoio do Baque Mulher Recife e o primeiro Ogã, homem escolhido pelo orixá para cuidar, tocar e zelar a casa de candomblé. Ele foi feito no terreiro mencionado.

Dilma - Dilma Vana Rousseff presidiu o trigésimo sexto governo da nação brasileira e foi a primeira presidenta do Brasil, representando o Partido dos Trabalhadores (PT),

exerceu o cargo de 2011 a 2016, ano que foi afastada por um processo de impeachment. Dilma Rousseff é economista, política brasileira e foi vítima da ditadura militar no Brasil. Assumiu, em 2023, a direção do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), instituição dos Brics - grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

(E)

Elba Mariana - Elba Mariana Andrade da Silva, militante pela luta racial, periférica, afrodescendente, caixeira (mulher que toca caixa, instrumento musical percussivo que também é tocado no maracatu Nação). Ela se autodeclara preta, pobre, praticante da religião de matriz africana no terreiro de candomblé *Ylê Axé Oxum Deym da yalorixá* vó Quixaba e filha de santo de mestra Joana. Elma participou como educadora social do Projeto Encantinho do Pina, ministra oficinas de caixa em outros estados do Brasil, sob a supervisão de mestra Joana. Atualmente, toca caixa no Baque Mulher Recife e nas Nações Encanto do Pina, sob a regência da Mestra e Porto Rico, sob a regência do mestre Chacon Viana, ex-companheiro/esposo de mestra Joana Cavalcante.

Eliane - Eliane Dias participou da mesa de abertura no III Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade de Sorocaba, São Paulo. Ela é advogada, produtora cultural, esposa do cantor Mano Brown e mulher negra muito importante na militância.

Erica Malunguinho - Aos 37 anos, tornou-se a primeira mulher trans a ser eleita para uma assembleia legislativa no Brasil. Uma de suas principais motivações para concorrer foi o assassinato de Marielle Franco, uma política afro-brasileira LGBT. Erica é deputada, tem como área de atuação a luta antirracista, educação, saúde, cultura, povos tradicionais (mulheres e homens originários), comunidades de terreiro, mulheres, população LGBTQIA+ e, população carcerária. Ela é educadora está mais uma vez na linha de frente para combater e impedir que projetos como o Projeto de lei nº 504/2020 (dispõe sobre a proibição da publicidade, através de qualquer veículo de comunicação e mídia de material que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual relacionados a crianças no Estado de São

Paulo) sejam aprovados. A deputada e educadora Erica Malunguinho, é nascida e criada em Pernambuco, em uma família de militantes orgânicos - de movimentos populares - que acreditavam na política institucional como posição importante para construir um projeto de sociedade justa. Na cidade do Recife que, aos 17 anos, Erica iniciou sua pesquisa em artes performáticas, elaborando questões de construção de identidades transvestigeneres. Ao chegar a São Paulo, aos 20 anos, continuou a pesquisa, adentrando no universo da educação e movimentando as relações raciais; até então, por ter uma família, amigas, amigos, escola, professoras negras e professores negros, essas relações se davam em outras atmosferas. Na educação, trabalhou como professora e como agente cultural. Por mais de uma década, seguiu na formação de docentes e gestores de escolas, creches, ONGs e da rede de circos escolas, para compartilhar o que chamavam de “ampliação do universo cultural”. Naquele momento, as investigações de Erica estavam no âmbito das artes, culturas e políticas a partir dos fundamentos de raça e de gênero. Ao passo que trabalhava oficialmente na educação, estava envolvida como ser política e politizada em todos os pleitos, observando de perto e ativamente esse desenho que se construía à revelia dos princípios do mais que necessário bem-estar. Assim também, como artista e cidadã, construiu com irmãs, irmãos, e às vezes solitária, diversas ações performáticas que afrontavam as estruturas de poder. Continuou a estudar, tornou-se mestra em estética e história da arte, e decidiu dar continuidade a uma narrativa que por séculos prediz o agora. Então, caminhou à margem para fortalecer a construção de um projeto político profundo que estivesse disposto a destrinchar e encarar com coragem as ramificações do projeto colonialista. Nesse anseio, foi parido o quilombo urbano de nome Aparelha Luzia, em 2016, onde toda pesquisa de vida descrita se movimenta em amplas dimensões, pensando em negritudes como fundamento para continuidade de uma narrativa coerente para o enfrentamento das questões e resoluções das violências estruturais, entre outras coisas mais que não cabem em uma breve biografia. Lugar de reequilíbrio de forças que projeta uma alternância de poder, como bem deveria ser regra na dita democracia (MALUNGUINHO, 2022²⁴⁶).

²⁴⁶ Ver: MALUNGUINHO, Erica. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300625>. Acesso em: 25 dez. 2022.

Estela - Estela Viana participou da mesa de abertura no III Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade de Sorocaba, São Paulo. Ela é psicóloga, colaboradora do Movimento escrevendo projetos para esse maracatu de feministas. Militou no movimento estudantil na década de 70. Estela é mãe do Jota (batuqueiro da Nação Encanto do Pina), sogra de Roberta Marangoni (batuqueira dessa nação e do Baque Mulher São Paulo), e avó de Nina (batuqueira da nação e do movimento que sua mãe integra).

(F)

Flávia / Flavinha - Flávia Diniz Costa ex-coordenadora do Baque Mulher João Pessoa, Paraíba. Tem 36 anos, é graduada em Ciências Sociais, trabalha como professora de Sociologia do Ensino Médio na rede pública de ensino. Ela se autodeclara branca, afirma não ser totalmente entregue a uma religião, mas acredita, tem afeição e se identifica com o candomblé. Participante do Baque Mulher desse 2017, quando concedeu essa entrevista em 4 de março de 2020 estava na condição de coordenadora regional do Baque Mulher João Pessoa, atuante na Paraíba, Estado localizado na Região Nordeste do Brasil. Em setembro de 2020 foi residir na praia de Pipa, localizada em Tibau do Sul, Rio Grande do Norte e, repassou a coordenação para outra batuqueira do Baque Mulher João Pessoa, Aniely Mirtes Soares Alves. A entrevistada desfila na Nação Encanto do Pina.

(G)

Gaby - Gabrielli Dantas tem 36 anos é advogada, batuqueira do Baque Mulher João Pessoa e mãe solo de Helena Dantas, que tem 10 anos e desde os quatro anos é batuqueira desse maracatu de feministas.

Gesiely - Coordenadora do Baque Mulher Zona Oeste do Rio de Janeiro, sediado em Campo Grande.

Gláucia - Única batuqueira negra, até então, do Baque Mulher Brasília, afirma Guerreira 2 do Centro-Oeste.

Glorinha - Glória Cunha é batuqueira do Movimento desde 2010, toca caixa no Baque Mulher Campinas, desde sua fundação, nas Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Glorinha é graduada em música com habilitação em percussão erudita, mestra em Educação. Atua como percussionista, é professora aposentada. Ela é autora das loas: “E o laranja de Obá”, “Feministas do baque virado” e “Guerreiras de Palmares”.

(H)

Helen - Helen Ábramo é batuqueira do Baque Mulher São Luiz e autora da loa “É por este baque”.

Helena - Helena Dantas tem 10 anos é batuqueira do Baque Mulher João Pessoa e filha de Gabrielli Dantas, também batuqueira desse maracatu de feministas.

Helena - Maria Helena Sampacio é praticante da religião de matriz africana. Ela é *yakekerê*, presidenta do Afoxé Oyá Alaxé e foi a convidada da *live* do projeto “Mestra Joana Convida”, transmitida no dia 18 de maio de 2021. Tal *live* possibilitou oportunidades únicas de prestigiar, conhecer, trocar e disseminar conhecimentos entre pessoas praticantes dessa religião e, com pessoas não praticantes que prestigiaram o projeto em tela.

Heleninha - Maria Helena da Silva tem 13 anos é coralista do Baque Mulher Recife, batuqueira da Nação Encanto do Pina e filha de Neide Maria da Silva, que também é batuqueira desse maracatu de feministas e dessa nação.

(I)

Irene - Praticante da religião de matriz africana, exerce a função de *yalorixá*/mãe de santo. Ela foi uma das homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

Isabelle Caldas / Belinha - Isabelle Caroline Caldas da Paz é percussionista, maracatuzeira, produtora cultural, arte-educadora, compositora, cantora, intérprete e prioriza disseminar as manifestações da cultura tradicional do Estado de Pernambuco. Nasceu e se criou em um terreiro de candomblé nagô Egbá, o *Ylê Axé Iemanjá Sabá*, templo religioso de culto aos orixás. Esse *ilê* foi fundado em 1986, no bairro periférico do Recife, pela *yalorixá* Doralice Caldas de Iemanjá Sabá, avó materna de Belinha que herdou esse terreiro, desde a morte da sua avó. Ela assumiu a missão de fazer dessa casa de axé um aquilombamento político, assistência comunitária, e preservação da fé, resignificação da memória e identidade da cultura afro-diaspórica. Isabelle Caldas realiza as atividades religiosas e festividades tradicionais criadas pela *yalorixá* Doralice Caldas em vida. Essa ativista cultural, artista das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras, participa, constantemente de cursos de produção cultural e percussão, realizados em Recife e em outras capitais do Brasil. Ela se tornou a principal responsável pelas atividades do *Ylê Axé Iemanjá Sabá*, onde aprendeu a tocar agbê de candomblé. É um terreiro muito conhecido na comunidade e respeitado por todas, todos, candomblecistas e simpatizantes do candomblé. Ela se formou em Iniciação Musical na Escola Estadual de Artes João Pernambuco, na adolescência se iniciou como agente cultural no grupo “Alto Tocando”, na comunidade do Alto José do Pinho, bairro periférico e considerado o berço da cultura do Recife. Essa agente cultural é uma artista que está sempre buscando aprimorar seus conhecimentos, tem atuação contínua em projetos sociais direcionados às mulheres de terreiro, bem como a comunidade em geral, com a missão de disseminar as práticas, expressões e manifestações culturais afro-brasileiras. Juntamente com as percussionistas da comunidade do Alto José do Pinho formou o grupo percussivo Linha de Frente, que teve como primeiro trabalho apresentado em público uma oficina de percussão desenvolvida nessa comunidade, através do Grupo Poesis no carnaval de 2014, no polo oficial descentralizado do carnaval da cidade do Recife. Participou como produtora artística no evento Festival Coco de Roda Zumbi Olinda e da coordenação de Trio no evento Desfile do Bloco Virgens Abraça Brasil 2015. Participou de uma apresentação artística com o Grupo Percussivo Awà dê Onilê Marê

na prévia do carnaval do Alto José do Pinho. Em 2019, participou do Clube do Samba junto com a cantora e compositora Karyna Spinelli, atuou como assistente de captação de som do documentário Mãe Dorinha. Foi co-fundadora do Agbes Odara, junto com a batuqueira Maya Silva (integrante do Baque Mulher Recife e da Nação Encanto do Pina), um empreendimento de confecção de agbês com encomendas particulares e para grupos, cuja missão é a criação de identidade visual dos instrumentos através das cores e desenhos. Ministrou oficina de confecção de agbê para o Grupo Estrela do Mar. Isabelle Caldas já realizou inúmeras oficinas, como artista convidada em respeitados grupos de maracatu, dos quais se destacam, Rio Maracatu (Rio de Janeiro), Arrastão do Beco, Chapéu de Sol, Rochedo de Ouro, Cia Caracaxá, Baque de Santa e Lelê de Oyá (São Paulo), Trovão das Minas, Baque de Mina e O Bloco (Minas Gerais), entre outros grupos de maracatu sediados em várias regiões do Brasil. Integrou o Núcleo de Formação de Agentes de Cultura da Juventude Negra - NUFAC, participou do curso de Produção Cultural e Percussão, no terreiro de Beth de Oxum, mestra do grupo cultural Coco de Umbigada e também participou de muitas apresentações com o Maracatu Nação Estrela Brilhante em vários estados do Brasil e também na Europa. Tais vivências lhe possibilitou aprimorar seus conhecimentos, tanto na confecção dos instrumentos da cultura popular pernambucana quanto em tocá-los, a exemplo do agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal. Desde 2005, essa artista recifense vem mantendo atividades artísticas intensas e regulares na Grande Recife e em várias cidades do país, a exemplo de Belo Horizonte (Minas Gerais) e João Pessoa (Paraíba), entre outras capitais a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano começou a integrar a Nação Encanto da Alegria, como batuqueira e oficinaira do instrumento agbê. Em 2007, a Nação do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, na qual atuou como batuqueira, arte-educadora e cantora durante uma década. Em seguida, participou durante cinco anos como percussionista e coralista do grupo Tambores de Ogum. Foi oficinaira convidada no Encontro Nacional de Maracatu, participou da gravação do CD do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife e ministrou oficinas na Organização Não Governamental Pró-Criança e Família, sediada em Olinda, Pernambuco durante três meses. Desde 2015, coordena um projeto sócio-político-cultural promovido pelo terreiro *Ylê Axé Iemanjá Sabá*, sediado na comunidade onde reside desde que nasceu. Os eventos que o constituem são realizados no mês da Consciência Negra,

o Digí Àiyè (Espelho do Mundo). Nesse projeto são realizadas mesas de diálogo, palestras, apresentações culturais e ação social na comunidade. Desde 2017, participa do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, sediado em Recife, Pernambuco, no qual exerce inúmeras funções, entre elas destacam-se batuqueira de timbal, caixa, alfaia. Além de compor o coral como cantora é oficinaira de baque virado e substitui à mestra Joana Cavalcante na regência das apresentações sempre que necessário. Trata-se de um grupo de maracatu formado exclusivamente por mulheres e utiliza a percussão, sobretudo, suas loas como ferramentas de emancipação e combate ao epistemicídio, racismo religioso e poder patriarcal. Atualmente também integra o coral da Nação Encanto do Pina, sediado na Comunidade do Bode, localizada no Pina, bairro periférico do Recife. Trata-se de uma das nações mais respeitadas do Recife, que tem como liderança à mestra Joana, a primeira e única mulher regente de uma Nação de maracatu. Isabelle Caldas participa ativamente na preparação dos adereços da corte e confecção de alegorias no período pré-carnavalesco e, durante o ano todo como luthier de tambores e oficinaira. É arte-educadora do Projeto Encantinho do Pina, promovido pela referida nação com crianças, adolescentes e jovens vivendo em situação de vulnerabilidade social, que compõem a corte mirim da Nação Encanto do Pina, residentes na Comunidade do Bode e nos bairros adjacentes. Nesse projeto Isabelle utiliza seus conhecimentos de confecção de instrumentos, canto, percussão do maracatu e outras expressões afro-culturais, como coco de roda e afoxé, para contribuir na formação e acolhimento dessas garotas e garotos. Integra há cerca de três anos o Mazuca da Quixaba, grupo de coco fundado no *Ylê Axé Oxum Deym*, atuando como coralista e percussionista, tocando agbê, mineiro e maracas. Também é integrante do Afoxé Oxè Saba. Ela se dedica a pesquisa de sua cultura e a leva para outros lugares no Brasil e na Europa, possui um repertório que mescla influências diversas de maracatu de baque virado, música indígena e africana, ritmos de ciranda, coco de roda, afoxé, baião, samba reggae, entre outros. Em sua instrumentalização, as influências são mescladas pela alfaia, gonguê, maracas, pantagome, caixa, mineiro e agbê de candomblé e maracatu, dununba, congas, yús, timbal, e outros instrumentos. Realizou trabalhos no meio cultural e contemporâneo, relacionando com nomes de prestígio artístico, a saber, Naná Vasconcelos, Lenine, Karryna Spinelli, Alceu Valença, Milton Nascimento, Diogo Nogueira, Marisa Monte, Marcelo D2, Gabriel Pensador, Leci Brandão, Silvério

Pessoa, Fafá de Belém, Lirinha entre outros. Belinha vem ao longo desses aproximadamente 20 anos, transmitindo seus conhecimentos por todo o país, ministrando oficinas de percussão e palestras sobre o universo afro-religioso ao qual pertence, valorizando cada vez mais a sua cultura e atuando como potente artista e multiplicadora da cultura de terreiro, das expressões e manifestações culturais afro-brasileiras. Antes do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, Isabelle Caldas ministrava regularmente oficinas de canto e percussão, principalmente dos seguintes ritmos, maracatu de baque virado, coco, ijexá e afoxé em associações comunitárias, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais, principalmente em festivais de abrangência local e nacional. No período do isolamento social em decorrência dos efeitos econômicos e sociais da pandemia da Covid-19, ela passou a realizar essas oficinas em forma de *lives*, para amenizar os impactos desses efeitos, almejando garantir suas necessidades básicas e fundamentais, de modo especial, alimentação e moradia. Essa artista afro-religiosa tem como filosofia de vida, ideologia política, entendendo como um ato de resistência disseminar e visibilizar as expressões da cultura da população negra, por meio de ações culturais que tende a resignificar e fortalecer a identidade cultural das populações originárias (afrodescendentes e indígenas), com vista à valorização, compartilhamento do conhecimento, saberes, fazeres artísticos e culturais, principalmente das mulheres negras. Belinha é candomblecista, batuqueira do Baque Mulher Recife, confecciona agbê, toca todos os instrumentos, ministra oficinas de percussão dos instrumentos que são tocados no Movimento, confecciona adereços e compõe o coral da Nação Encanto do Pina.

Iya - Iya Egbe é osuniwa do Egbe Awo Asé Iya Orun, produtora cultural, curadora do Centro Cultural Orummilá, coreógrafa e dançarina afro, yorubana, mãe solo, idealizadora do projeto Niwajú, defensora do empoderamento e fortalecimento entre as mulheres.

(J)

Jady - Mulher transgênera, está frequentando o Baque Mulher Rio de Janeiro, expressou o desejo de aprender a tocar ganzá/mineiro, mas até o presente momento ainda não disponibilizou-se para aprender a tocar esse instrumento de percussão, um dos instrumentos que o Maracatu Baque Mulher inclui no seu batuque/baque virado, tocado nesse movimento.

Jamile - Jamile Andreia Passos é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, reside na Comunidade do Bode, toca alfaia no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina e, compõe a coordenação LGBTI dessa nação. Ela é praticante da religião de matriz africana filha de santo do *Ylê Axé Oxum Deym* e a primeira mulher da Nação Encanto do Pina que teve sua alfaia que toca maracatu, escolhida para “comer”, um ritual onde o coro da alfaia é revestido por sague de animais.

Jhayana - Jhayana Cavalcante filha primogênita de mestra Joana, que nos deixou precocemente, aos 17 anos. Na infância e juventude dedicou-se veementemente as atividades culturais e religiosas do Maracatu Baque Mulher, da Nação Encanto do Pina, do *Ylê Axé Oxum Deym* e, que tem como mestra e *yakekerê*, mestra Joana Cavalcante, sua mãe biológica. Jhayana também integrou a Nação do Maracatu Porto Rico, *Ilê Axé Oxossi Guangoubira*, que tem como mestre e *babalorixá*, Chacon Viana, seu pai biológico.

Jo Assumpção - Mulher transgênera, bailarina, pedagoga, dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro. Ela estuda temas sobre maracatu, diversidade sexual e de gênero na cultura popular em geral, especificamente, nas expressões e manifestações culturais de matriz africana. Além disso, Jo Assumpção pesquisa temas relacionados aos direitos da população LGBTQIAPN+.

Ju - Juliana Carneiro é ex-coordenadora do Baque Mulher João Pessoa. Ela é jornalista.

Juliana Sotero - Batuqueira da Nação Encanto do Pina e uma das entrevistadas da série de *live* “Mestra Joana Convida”.

(K)

Karina Buhr - Karina Buhr Magalhães é cantora, compositora, percussionista, poetisa e atriz brasileira. Aos 8 anos se mudou para o Recife em Pernambuco, cidade natal de sua mãe, onde iniciou sua carreira musical em 1992, nos grupos de maracatu, Piaba de Ouro e Estrela Brilhante. De lá para cá integrou a banda Eddie, formou a banda Comadre Fulozinha. Karina é uma das entrevistadas da série de *live* “Mestra Joana Convida”.

Karol - Em 2017 atuava como professora de música na Universidade Federal da Paraíba, no dia 24 de março de 2017, juntamente com Daniela Gramanne, também professorara de música dessa universidade e algumas mulheres da cidade de João Pessoa, Paraíba, entre elas Juliana Carneiro e Mauriene Freitas, batuqueiras do Baque Mulher Recife desde sua fundação, 2008, realizaram a primeira reunião do Baque Mulher João Pessoa. Atualmente as professoras Karol e Daniela Gramanne residem em outro país.

Karol Araújo - Karolina Araújo é batuqueira da Nação do Maracatu Porto Rico, ex-integrante do Movimento e da Nação Encanto do Pina. Karol é neta dá rainha e sobrinha da Dama do Paço dessa nação. Ela ministrou oficina de maracatu no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil, se autodeclara uma mulher negra, pobre e periférica. É esposa/companheira de Rumenique, contamestre da Nação Porto Rico.

Karen - Karen Aguiar aos 18 anos, foi designada pelo avô, mestre Afonso Aguiar, falecido em abril de 2018, para cuidar da Nação do Maracatu Leão Coroado, patrimônio tradicional da família. Com aproximadamente 160 anos de fundação, é considerada uma das Nações mais antiga e relevante para a cultura pernambucana. Foram jogados os búzios, conforme a tradição perpetuada pela religião de matriz africana, para ter revelação da espiritualidade se a jovem Karen seria a mulher designada para estar à frente dessa nação. É ela quem apita nos ensaios desse maracatu, preparando o baque para o Carnaval. Ela é nascida e criada no terreiro do candomblé que fundamenta os preceitos desse maracatu, a jovem não hesita, pois passou a vida toda sendo preparada. Mas, apesar de designada para a função, é

Afonzinho, irmão de Karen, quem vai levar o maracatu para a rua no Carnaval. Ela entende: "Meu avô disse que eu não seria mestra". A tradição do maracatu de baque virado não permite às mulheres serem mestras. Em Pernambuco, apenas uma ocupa esse espaço, à mestra Joana Cavalcante, da Nação Encanto do Pina, também escolhida pelos búzios. Karen diz não ter essa "ambição": "ser mestre é um título muito forte, pesado. São 155 anos de peso, de ancestralidade. Se o mestre Afonso não dizia que era mestre, quem sou eu pra fazer isso?"²⁴⁷

Karynna Spinelle - É cantora, compositora, iniciou a trajetória artística em 2005, inspirada pela musicalidade e energia das zuelas que ouviu nos terreiros de candomblé e jurema sagrada. Ela é uma das principais representantes do samba pernambucano. Com dois álbuns já lançados e múltiplas apresentações pelos palcos do Brasil, a cantora considera o samba um instrumento de cultura, cidadania e fé. Karynna fundou o Clube do Samba do Recife, no Morro da Conceição; colabora com visibilidade do grupo "Mesa Autoral de Samba de Pernambuco", coletivo de compositoras, compositores, cantoras e cantores; promoveu e participou de *lives* solidárias na pandemia, foi uma das convidadas na *live* do projeto "Mestra Joana convida". Suas composições contemplam ritmos nordestinos, entre eles o maracatu, com a devoção ao samba, expressões culturais que enfatiza sua ancestralidade africana.

(L)

Laís Fialho - É coordenadora do Baque Mulher Maringá, candomblecista, filha de santo de mestra Joana, mestra e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Maringá com a tese em andamento Intitulada: A religiosidade praticada e produzida pela Nação do Maracatu Encanto do Pina-Recife, 2008 a 2021.

Laís Lima - Coordenadora do Baque Mulher São Paulo e colaboradora na Nação Encanto do Pina.

²⁴⁷ Informação disponível em: [Karen Aguiar, a escolhida como cuidadora da tradicional Nação Leão Coroadado | LeiaJá - Carnaval 2020 \(leiaja.com\)](#). Acesso em: 12 jan. 2023.

Lalá - Lalá Calixto é coordenadora do Baque Mulher Arcoverde, maracatuzeira do Maracatu Raízes do Sertão, sediado em Arcoverde, interior de Pernambuco. Lalá é irmã de Damares Calixto e Pecon Calixto, participantes desses maracatus, coralistas da Nação Encanto do Pina e cantoras oficiais do grupo “Samba de Coco Raízes do Arcoverde”, grupo que mistura influências da poesia do sertão e do regionalismo nordestino, com influência das culturas indígena e negra, sediado em Arcoverde no sertão de Pernambuco.

Lêda - Lêda Alves participou da mesa de abertura do II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado em 2017 na cidade do Recife, que teve como tema “Poder Feminino: a mulher que eu sou”. Nesse ano ela era Secretária Municipal da Cultura do Recife.

Leo - Leorranny Beatriz Lira de Araújo é batuqueira do Baque Mulher Recife, da Nação Encanto do Pina, da Nação do Maracatu Porto Rico e, é sobrinha da Mestre. Leo juntamente com Duda Lopes e Erivannia Silva coordenam a ala do agbê da Nação Encanto do Pina.

Lila - Maria José da Silva é costureira do Movimento, da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação e do Mazuca da Quixaba.

Lindacy - Lindacy Assis é bióloga e participou da mesa de abertura do II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade do Recife, que teve como tema “Poder Feminino: a mulher que eu sou”.

Lú / Lú de Orixalá - É praticante da religião de matriz africana, exerce a função de *yalorixá* no seu templo religioso. Ela foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

Lú - Luciana Conceição Dutra de Moura toca alfaia no Baque Mulher Recife e foi uma das homenageadas no III Encontro Nacional, em comemoração aos dez anos de fundação desse coletivo.

Lourdes - Lourdes foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

Lúcia - Participou da mesa de abertura do II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade do Recife, que teve como tema “Poder Feminino: a mulher que eu sou”. Ela é Capitã da polícia civil.

Luciana - Luciana Santos foi uma das mulheres homenageadas no IV Encontro Nacional Baque Mulher.

Luiza - Batuqueira do Baque Mulher Niterói e colaboradora do Baque Mulher Zona Oeste, sediado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro e da Nação Encanto Pina.

Luna - Luna Calixto se autodeclara uma criança negra. Ela é filha de Damares Calixto coralista do Movimento e irmã da caixeira Sandrinha, participante do Movimento e da Nação Encanto do Pina, maracatu de feministas e nação que Luna também participa como agbezeira. Luna é percussionista e compõe o vocal do “Samba de Coco Raízes do Arcoverde”, grupo que mistura influências da poesia do sertão e do regionalismo nordestino, com influência das culturas indígena e negra, sediado em Arcoverde no sertão de Pernambuco.

Luzia - Costurava as camisas para as batuqueiras e batuqueiros da Nação Encanto do Pina, no início da gestão e regência do pai Marcelo, *babalorixá* do *Ylê Axé Oxum Deym* e, pai biológico de mestra Joana.

(M)

Mãe Elda Viana - *Yalorixá*/mãe de santo é a sacerdotisa do *Ilê Axé de Oxóssi Guanguobira*, rainha da Nação do Maracatu Porto Rico e, ex-sogra de mestra Joana. Essa *yalorixá* reside na Comunidade do Bode.

Mãe Carminha - Ela é *iabassê* e também *yabá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro de candomblé nagô que, sua filha mestra Joana é a *yakekerê*. Mãe Carminha, assim como sua filha é praticante dessa religião de matriz africana desde o ventre da mãe. É uma mulher branca, mas com traços negroides a exemplo do seu cabelo crespo e sua religiosidade. Ao longo da sua trajetória, a partir da sua força, resistência, ciência e sabedoria por ela adquiridas, cuida da comunidade de terreiro e, vem contribuindo com a preservação dos saberes e fazeres relacionados a cozinha de santo no Estado de Pernambuco, de modo especial na cidade do Recife, alargando a transmissão dos saberes tradicionais do candomblé nagô para a nova geração no que tange a cultura afro-diaspórica que vivencia na prática desde sua primeira infância. No desfile oficial das Nações de maracatu do carnaval desse estado, é desfilante do Encanto do Pina, representando a ala das baianas de branco, reverenciada/respeitada como uma das baianas principais dessa nação e, ex-baiana de branco na Nação de Maracatu Porto Rico, que é regira pelo seu ex-genro, mestre Chacon Viana. Ela é uma das responsáveis pela confecção de alegorias da nação Encanto do Pina. É a referência mais antiga na ala de dança do Maracatu Baque Mulher, coletivo de feministas do baque virado fundado e coordenado pela sua filha mestra Joana Cavalcante.

Mãe Enézia - *Yalorixá*/mãe de santo é a sacerdotisa do *Ylê Axé Oxum Sobê*, reverenciada como mãe do Pina, reside na Comunidade do Bode. Participou da mesa de abertura no II Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade do Recife, que teve como tema “Poder Feminino: a mulher que eu sou”.

Mãe Helena - *Yalorixá*/mãe de santo é a sacerdotisa do terreiro *Xangô Tunde*, mãe de santo da Mestra, reverenciada como mãe do Pina, reside na Comunidade do Bode.

Mãe Laura - *Yalorixá*/mãe de santo é a sacerdotisa do Centro Espírita *Ylê Axé Xangô Aganju*, reverenciada como mãe do Pina, reside na Comunidade do Bode.

Mãe Leu - É candomblecista, *yalorixá* do *Ilê Axé Oxossi Guangoubira*, filha de Elda de *Oxóssi*, rainha da Nação do Maracatu Porto Rico, irmã de Chacon Viana, mestre dessa nação e ex-cunhada de mestra Joana Cavalcante.

Mãe Neyde - Madrinha do Maracatu Navegante fundado em 2013 e, integra o Centro Cultural Orùnmilá.

Mãe Ofá - Participou da mesa de abertura no III Encontro Nacional Baque Mulher, realizado na cidade de Sorocaba, São Paulo. Ela é mãe de santo.

Mãe Penha - É candomblecista, *yahorixá do Ilê Axé Oxossi Guangoubira*, costureira do Movimento, da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação e do Mazuca da Quixaba.

Mam'etu Luijidi - Conhecida carinhosamente como mãe Ofá é sacerdotisa de candomblé de tradição Kongo Angola. É coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) e do Núcleo São Roque e Região (INTECAB). Ela é presidenta da Associação de Estudos e Defesa da Cultura Afro e Religiosidade Espírita de São Roque (AEDAB) e ativista do movimento negro.

Manuela Rocha - Coordenadora do Baque Mulher São Paulo e colaboradora da Nação Encanto do Pina.

Marcela - Professora de matemática, educadora social, voluntária do Projeto Encantinho do Pina.

Marga - Marga Vieira, coordenado do Baque Mulher Florianópolis e colaboradora da Nação Encanto do Pina.

Mari / tia Mari - Mariana Bianchi é coordenadora pedagógica do Projeto Encantinho do Pina, responsável em conduzir a calunga de Iemanjá no desfile oficial da Nação Encanto do Pina.

Mari - Mariana é bióloga, participante do Baque Mulher João Pessoa e ex-coordenadora desse grupo.

Mari Bomba - Mariana Ferraz Moura tem 25 anos, graduada em moda, atua como trabalhadora diarista, DJ, produtora de eventos, empreendedora, fotógrafa, desenhista e multiartista. Ela se autodeclara latina, candomblecista, cantora e compositora. É coordenadora do Baque Mulher Curitiba, desde 2015, atuante no Paraná, localizado na Região Sul do Brasil. Ela se autodeclara uma mulher anarquista, lésbica, debochada, desbocada que peita na hora do embate, aguenta sair no soco e, subverte o sistema.

Maria da Penha - Maria da Penha Maia Fernandes é uma farmacêutica brasileira que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado. Ela tem três filhas e hoje é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, vítima emblemática da violência doméstica. A sua trajetória em busca de justiça durante 19 anos e seis meses faz dela um símbolo de luta por uma vida livre de violência. [...] Autora do livro “Sobrevivi... posso contar”, lançado em 1994. Em 2009 funda o Instituto Maria da Penha, ela ainda hoje fala sobre a sua experiência, dá palestras e luta contra a impunidade dessa violência que é social, cultural, política e ideológica, afetando milhares de mulheres, meninas e adolescentes em todo o mundo [...] A história de Maria da Penha significa mais do que um caso: era um exemplo do que aconteceria no Brasil sistematicamente sem que os agressores fossem punidos²⁴⁸.

Marielle Franco - Marielle Francisco da Silva, criada no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, era socióloga, se autodeclarava negra, mãe solo, lésbica. Foi a quinta vereadora eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com maior votação, líder política, defendia o feminismo, os direitos humanos, criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, denunciou vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradoras, moradores de comunidades vulnerabilizadas, por compreender que tais comunidades estão nessa condição em decorrência dos poucos esforços do Estado, no que diz respeito a efetivação de políticas públicas que possibilite minimizar a situação da pobreza e extrema pobreza das populações periféricas do Brasil. Marielle Franco foi executada em 14 de março de 2018, pelos

²⁴⁸ Informação disponível em: <http://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

criminosos que estavam em um carro que emparelhou com o dela e efetuaram vários disparos, que também mataram o motorista, Anderson Pedro Gomes.

Matê - Colaboradora do Projeto Encantinho do Pina, reside no Rio de Janeiro, praticante da religião de matriz africana, toca timbal no Baque Mulher Rio de Janeiro e na Nação Encanto do Pina.

Mary - Mariana Lopes Passos Matheus é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, do qual sua filha adolescente de 14 anos e seu filho de 4 anos são participantes. Mary reside na Comunidade do Bode, se autodeclara uma mulher negra, praticante da religião de matriz africana, mãe solo dessa adolescente e desse garoto. Ela toca agbê e sua filha ganzá/mineiro no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina.

(N)

Nay - Nayana é colaboradora do Baque Mulher Recife e toca alfaia na Nação Encanto do Pina. Uma das mulheres que elabora e cria as artes do Movimento e dessa nação.

Naya Lopes - Uma das convidadas da série de *lives* “Mestra Joana Convida”.

Nefertiti - Nefertiti Coutinho é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, professora, arte educadora, bailarina, coreógrafa, batuqueira, uma das fundadoras do Baque Mulher Recife, escreve e dirige espetáculos, diretora do Nefertiti Studio de Danças e da Cia Maktub. Ela toca alfaia no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina.

Neidinha - Neide Maria da Silva é batuqueira do Baque Mulher Recife, da Nação Encanto do Pina, colaboradora dessa nação, do Movimento e voluntária do Projeto Encantinho do Pina. Neidinha é mãe solo de Heleninha que tem 13 anos. Essa adolescente é coralista do Baque Mulher Recife e batuqueira da nação em tela.

Nicole - Batuqueira do Movimento, do Maracatu Encantinho do Pina e, assistida pelo Projeto Encantinho do Pina, promovido pela Nação Encanto do Pina.

(P)

Paty - Patrícia Aliprandini Soares, reside na Comunidade do Bode, toca alfaia no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina.

Paula - Ana Paula Ferreira da Silva foi educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina, suas filhas foram participantes e seu filho aos 13 anos participa desse projeto, ele é batuqueiro da Nação Encanto do Pina e um dos garotos que compõe a equipe de apoio do Baque Mulher Recife. Paula dançou nesse coletivo, foi colaboradora voluntária da nação em tela, sua filha caçula foi batuqueira dessa nação de baque virado e desse maracatu de feministas. A filha primogênita de Paula é coordenadora da ala de agbê da Nação Encanto Pina, batuqueira do Baque Mulher Recife, ministra oficinas de agbê e alfaia nas cidades do Brasil, sob a coordenação de mestra Joana. Ana Paula se autodeclara uma mulher negra, praticante da religião de matriz africana, ela se desligou dessas ações no final do semestre de 2022.

Paula do Cabloquinho - Colaboradora e desfilante da Nação Encanto do Pina.

Pecon Calixto - Ilma Maria Bezerra Montenegro, batuqueira do Baque Mulher Arcoverde, coralista da Nação Encanto do Pina, Maracatu Raízes do Sertão, sediado no Arcoverde, produtora e cantora oficial do Samba de Coco Raízes do Arcoverde. Pecon Calixto é irmã de Damares Calixto - participante desse coletivo e coralista da Nação Encanto do Pina e Lalá Calixto - coordenadora do Baque Mulher Arcoverde e maracatuzeira do Maracatu Raízes do Sertão sediado no interior de Pernambuco.

Priscila - Batuqueira do Baque Mulher Niterói e colaboradora do Baque Mulher Zona Oeste, sediado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro e da Nação Encanto do Pina.

(R)

Ramily - Ramily Frota é coordenadora do Baque Mulher Manaus e uma das convidadas no projeto “Mestra Joana Convida”, *lives* que possibilitou oportunidades únicas de prestigiar, conhecer, trocar e disseminar conhecimentos entre mulheres participantes do Movimento e com pessoas que prestigiou o projeto em tela.

Raquel - Raquel Willadino é diretora do Observatório de Favelas e autora do livro *Vidas adolescentes interrompidas: um estudo sobre mortes violentas no Rio de Janeiro*, publicado eletronicamente pelo Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) em 2021.

Renatinha Peixe-boi - Renata Farias divide a coordenação do Baque Mulher Manaus com Ramily Frota. Renatinha foi também uma das convidadas no projeto “Mestra Joana Convida”, *lives* que possibilitou oportunidades únicas de prestigiar, conhecer, trocar e disseminar conhecimentos entre mulheres participantes do Movimento e com pessoas que prestigiou o projeto em tela.

(S)

Sandrinha - Sandra Dariana se autodeclara preta, pobre, praticante da religião de matriz africana. Participou do Projeto Encantinho do Pina, ministra oficinas de caixa em outros estados do Brasil, sob a supervisão de mestra Joana Cavalcante. Atualmente, toca caixa no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina, sob a regência da Mestra e, tocou por quase vinte anos na Nação do Maracatu Porto Rico, sob a regência do seu tio biológico, mestre Chacon Viana, ex-esposo de mestra Joana. Sandrinha desde criança toca com muito domínio todos os instrumentos que são tocados nessas nações e no maracatu de feministas em tela.

Shirlene - Shirlene Benta do Nascimento é *yabá* do terreiro de candomblé *Ylê Axé Oxum Deym*, Dama do Paço da Nação Encanto do Pina e filha da rainha dessa nação, Célia Benta da Silva. *Yabá* Shirlene e sua filha adolescente de 14 anos tocam alfaia no Baque Mulher Recife e na Nação Encanto do Pina. A mãe de Shirlene toca ganzá nesse movimento de feministas do baque virado.

Suely Luanny - Maxsuelly Luanny da Silva dos Santos se autodeclara preta, pobre, praticante da religião de matriz africana. Suelly participou do Projeto Encantinho do Pina é participante da Nação Encanto do Pina. Ela ministra oficinas de agbê e alfaia no Baque Mulher Recife, sob a supervisão de mestra Joana, toca todos os instrumentos que são tocados na nação e no coletivo em tela, sob a regência de mestra Joana e, toca agbê na Nação Porto Rico, sob a regência do mestre Chacon Viana, ex-esposo de mestra Joana Cavalcante.

Surama Reis - Compositora da loa “Veja que Encanto tão lindo salve o Encanto do Pina”.

(T)

Taís - Batuqueira fundadora do Baque Mulher Chapada dos Veadeiros.

Thais de Oxum - Cantora e colaboradora do Baque Mulher Rio de Janeiro.

Thalita Alana - Psicóloga clínica, mãe solo, candomblecista, filha de santo de mestra Joana Cavalcante, desfilante da Nação Encanto do Pina. No desfile oficial do carnaval de 2023, Thalina teve a honra de conduzir a boneca de Maria Padilha - entidade espiritual que protege o *Ylê Axé Oxum Deym* nesse desfile. Bançarina e porta bandeira do Baque Mulher Recife, colaboradora voluntária do Projeto Encantinho do Pina.

Tenily / *yabá* Tenily / *yabá* Tenily Guian / mãe Té - Tenily Sales atua como percussionista é, da religião do candomblé, candomblecista, se autodeclara branca. É *yabá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, mulher escolhida pelo orixá para cuidar, zelar, manter

esse terreiro, educadora social voluntária no Projeto Encantinho do Pina, professora, capoeirista, desfilante e uma das primeiras batuqueiras na Nação Encanto do Pina, batuqueira no Baque Mulher Recife desde a fundação, 2008. Tenily é coordenadora e regente do Baque Mulher Rio de Janeiro e Baque Mulher Niterói. Ela é empreendedora do Canecaifé, empreendimento em canecas padronizadas, já ministrou oficina de maracatu na Alemanha, Angola, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Portugal, Suécia, entre outros países da África e da Europa.

(V)

Vanessa - Vanessa Figueiredo Reis Nogueira é colaboradora do Baque Mulher Recife, coralista da Nação Encanto do Pina e ex-coralista da Nação Porto Rico.

Vivian - Batuqueira do Estrela de Aruanda e compositora das loas “Nação Pernambucana” e “Oye grito de guerra”.

Vó Quixaba - Maria Cândida da Silva, *yalorixá* sacerdotisa e fundadora do *Ylê Axé Oxum Deym*. Ela se autodeclara uma mulher preta, pobre, periférica, aposentada, candomblecista, se consagrou a sacerdotisa matriarca, patente máxima da cúpula sagrada religiosa desse terreiro de candomblé nagô. É inspiradora e liderança do Mazuca da Quixaba, que em 2022, completou 18 anos de existência e resistência.

(X)

Xanda - Alexandra Eliza Vieira Alencar é coordenadora do Baque Mulher Florianópolis.

**APÊNDICE E - MAPEAMENTO DOS ESTUDOS PUBLICADOS E EM
ANDAMENTO SOBRE MESTRA JOANA CAVALCANTE, MARACATU BAQUE
MULHER E NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA**

GÊNERO DOCUMENTAL TÍTULO	OBJETIVO DO ESTUDO	AUTORIA ANO DE PUBLICAÇÃO
1. Seção de Dissertação Intitulado: Relações de gênero no maracatu-Nação (p. 30 - 69) Título da Dissertação: Rainhas, Mestres e Tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-Nação Pernambuco	Abordar questões referentes às relações de gêneros nos grupos de maracatu	OLIVEIRA, Jailma Maria (2011)
2. Tese Intitulada: “É de Nação Nagô!”: o maracatu como patrimônio imaterial nacional	Compreender o maracatu Nação pernambucano como uma configuração cultural, que só pode ser analisada se voltarmos nosso olhar para os sentidos que os maracatuzeiros atribuem à sua prática cultural	ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira (2015)
3. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: A presença das mulheres na cultura popular: os casos dos maracatus rural e Nação	Analisar as representações de gênero que legitimam e estruturam posições de homens e mulheres no âmbito do maracatu de baque virado, tomando como objeto o Maracatu Nação Encanto do Pina	SILVA, Gilcélia Barboza da PAULA FILHA, Maria José de PINTO, Suênia Claudiana do Nascimento (2015)
4. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: Mães do Pina: o diálogo entre identidades, liderança e comunidade	Analisar as transformações culturais ocorridas na Comunidade do Bode, Recife, Pernambuco provocadas pela influência das mães do Pina	BIANCHI, Mariana (2015)
5. Seção de Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: Movimentos de Empoderamento Feminino na retomada de autonomia (p. 33 - 67) Título do Trabalho de Conclusão de Curso: A autonomia da mulher sobre o próprio corpo no ordenamento jurídico brasileiro	Expor alguns dos meios que as mulheres veem utilizando para discutir e reivindicar seu empoderamento e a retomada da autonomia sobre seus próprios corpos, como na formação de coletivos e organizações feministas	CARRAL, Isabela Gil de Amorim (2016)
6. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: Poder feminino: presença nas loas da Nação do Maracatu Encanto do Pina	Refletir questões sobre a Nação do Maracatu Encanto do Pina, manifestação cultural afro-brasileira, que é patrimônio cultural imaterial	ROCHA, Manuela da Silva (2017)
7. Artigo Intitulado: Maracatu Baque Mulher: resistência e feminismo negro	Relatar brevemente a experiência do I Encontro Nacional Baque Mulher realizado em Sorocaba, São Paulo em 2016 e refletir de como ações como esta corroboram para a	SANTOS, Vanessa Soares dos (2017)

	manutenção e permanência das reminiscências culturais afro-brasileiras na modernidade, envoltas por uma discussão atual e legítima sobre direitos humanos, de classe, raça e gênero	
8. Tese Intitulada: O Mestre Apitou: mestres, apitos, Nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas	Apresentar ao leitor e leitora os fluxos de maracatu na formação de uma comunidade translocal e como tal apresenta sua existência e permanência alimentadas por uma série de signos compartilhados e práticas de ensino aprendizagem, em sua maioria, rearranjados na dispersão do maracatu e suas significantes de relações	SILVA , Charles Raimundo da (2018)
9. Artigo Intitulado: Gênero, Classe e Raça: reflexões sobre as composições musicais das mulheres do Maracatu Baque Mulher	Apresentar reflexões preliminares sobre as composições musicais das mulheres integrantes do Maracatu Baque Mulher a partir de uma perspectiva epistemológica da etnomusicologia feminista	ARAÚJO , Héveny Daniele Silva (2018)
10. Capítulo de Livro Intitulado: Elas tocam tambor: autonomia e empoderamento feminino no Maracatu Baque Mulher (p. 151-161) Título do Livro: Gênero e sexualidade na educação: conceitos, enlaces e possibilidades pedagógicas	Contribuir para o movimento de luta por igualdade de direitos das mulheres em uma sociedade que legitima práticas excludentes	MOURA , Luciana Conceição Dutra de (2018)
11. Seção de Dissertação Intitulado: Maracatu à Paraíba: a reinvenção da tradição e novos paradigmas Título da Dissertação: Maracatu à Paraíba: uma análise das reinvenções e conexões político-sociais-religiosas a partir do Pé de Elefante	Entender como se propagou o maracatu, manifestação cultural, cujas raízes bebem do leite da cultura religiosa negra, se recriando, se resignificando, como algo que resiste ao tempo, mesmo diante das intempéries, saindo dos terreiros de religiões afro-brasileiras para as casas e festas públicas, ocupando um lugar e se tornando visível aos olhos da sociedade	NEGREIROS , Regina Coeli Araújo (2018)
12. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: O Maracatu e o Combate a Violência Contra a Mulher: uma história de lutas e poderes	Analisar a conquista das mulheres no maracatu Nação espaços antes exclusivos dos homens, contemplando a trajetória de mestra Joana Cavalcante, a primeira mulher à reger uma Nação de maracatu de baque virado: a Nação do Maracatu Encanto do Pina (1980); fundadora também do Maracatu Baque Mulher (2008)	DINIZ , Flávia Costa (2019)
13. Epígrafe em Trabalho de Conclusão de Curso. As autoras citam um trecho da loa “Maria da Penha” (p. 5). É relevante	Analisar as conquistas do movimento feminista num aspecto individual e coletivo	PEREIRA , Isabelly Eduarda SANTOS , Mailane Oliveira dos SILVA , Noemy Rodrigues da (2019)

destacar que essa loa é de autoria de mestra Joana Cavalcante Título do Trabalho de Conclusão de Curso: Tecendo o Feminismo: novas perspectivas para o futuro		
14. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: Direitos Humanos e Cultura: a transformação do maracatu de baque virado e a experiência do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher	Apresentar a cultura negra através do maracatu de baque virado, este trabalho propõe a reflexão sobre as renovações dos processos da cultura tradicional e os espaços legítimos às mulheres	JURADO , Camila Silva (2020)
15. Dissertação Intitulada: Maracatu pelas mãos de mulheres: histórias e memórias encruzadas pelo axé, resistência e militâncias no Baque Mulher	Evidenciar a atuação de mulheres batuqueiras no Maracatu Baque Mulher, grupo idealizado e fundado pela mestra Joana Cavalcante, primeira mulher a reger uma Nação de maracatu, a Nação do Maracatu Encanto do Pina, localizada na Comunidade do Bode, no bairro do Pina, periferia do Recife, Pernambuco	ARAÚJO , Héveny Daniele Silva (2020)
16. Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado: O maracatu e a representatividade feminina por meio da percussão	Descrever a trajetória do maracatu Nação em uma abordagem que enfatize como a mulher está inserida nele e sua participação mais efetiva no que tange a atividade de percussão, destacando o papel de mestra e traçando a expansão do grupo percussivo Baque Mulher, como contributivo nesse processo	GARUZI , Jesiele (2020)
17. Dissertação Intitulada: Expressões culturais e experiências sociais urbanas no Recife: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher	Analisar e discutir como a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Baque Mulher, duas expressões culturais, são afetadas direta e indiretamente pelos processos de gentrificação e de expulsão que acometem a área da cidade na qual estão situados	BERNARDES , Júlia de Araújo (2020)
18. Artigo Intitulado: Corpo feminino e o maracatu: potencialidades ancestrais	Entrelaçar a assimilação de decolonialidade e o conhecimento empírico transformador da manifestação de cultura popular	FRUTUOSO , Larissa Bohr (2020)
19. Capítulo de Livro Intitulado: Baque Mulher Lisboa: música e feminismo (p. 75-92) Título do Livro: Comunicación desde una perspectiva de género: artes, medios y otras tecnologías	Apresentar o Baque Mulher e o núcleo Baque Mulher Lisboa, a partir de dados colhidos em investigação de campo, em aplicação de questionários e em plataformas digitais	LIMA , Tatiana Rodrigues (2020)
20. Dissertação Intitulada: O Baque Mulher: batucando o empoderamento feminino	Identificar como o Baque Mulher contribui com o empoderamento das integrantes do grupo em Recife,	ANSELMO , Tatyana Rodrigues (2020)

com a tradição sociocultural do maracatu do Recife-PE a Ribeirão Preto-SP	lugar de origem, e no grupo filial de Ribeirão Preto-SP	
21. Artigo Intitulado: As ressonâncias do Maracatu Baque Mulher na vida das mulheres de Arcoverde, Pernambuco	Investigar as transformações psicossociais na vida das mulheres ocorridas a partir da participação ativa no grupo Maracatu Baque Mulher no município de Arcoverde, Pernambuco	GUIMARÃES , Gabriella Tenório BELO , Léa Carla Oliveira (2021)
22. Artigo Intitulado: Repercussão: considerações sobre a videoperformance	Abordar questões de programa de performance e registro tendo como referência a videoperformance repercussão	SANTOS , Laís Castro dos (2021)
23. Relatório Intitulado: Empoderamento Feminino no Grupo de Maracatu Baque Mulher na Cidade de João Pessoa-Paraíba	Observar de forma participante o grupo social Baque Mulher João Pessoa na cidade de João Pessoa-Paraíba, para identificação de um fenômeno social	QUIMBA , Cleidiana Soares; ALMEIDA , Lúcia de Fátima; PEREIRA , Mária do Socorro Vieira (2021)
24. Tese em Andamento Intitulada: Micropolíticas Feministas Periféricas: contribuições antropológicas a partir da organização de mulheres negras de Recife, Pernambuco	Compreender de que forma a participação de mulheres negras em grupos culturais feministas contribui para a construção das suas micropolíticas de resistência e, de que maneira as atividades políticas e culturais das mulheres negras contribuem com a luta feminista contra as desigualdades de gênero	AZEVEDO , Auta Jeane da Silva (2023)
25. TESE INTITULADA: MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira	Descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado	OLIVEIRA , Ana Lúcia Tavares de (2023)
26. Tese em Andamento Intitulada: A religiosidade praticada e produzida pela Nação do Maracatu Encanto do Pina-Recife, 2008 a 2021	Sistematizar uma narrativa historiográfica que elenque o papel religioso desempenhado pelas mulheres da Nação do Maracatu Encanto do Pina; investigar as relações históricas entre essa nação e as práticas religiosas oriundas do candomblé e jurema; analisar o processo histórico em que se evidencia cada vez mais a religiosidade afro-brasileira na Nação do Maracatu Encanto do Pina	FIALHO , Laís Azevedo (2025)
27. Livro Intitulado: Sementes de Joana	Esta obra, conta a história da primeira mulher consagrada mestra em uma Nação de maracatu de baque virado, mestra Joana Cavalcante. A obra Sementes de Joana foi contemplada pelo Edital de produção e publicação de obras de ficção infanto-juvenil do ProAC - Programa de Ação Cultural do	QUEIROZ , Mariana (2021)

	Estado de São Paulo, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, com apoio da Mocho Edições	
28. Pós-doutorado Intitulado: Empoderar como? Música e ativismo no Maracatu Baque Mulher Lisboa	Investigar como o Maracatu Baque Mulher, fundado por mulheres negras na periferia do Recife, Pernambuco, contribui para erguer mulheres brancas, negras e mestiças que partilham a condição de imigrantes e integram o Baque Mulher Lisboa	LIMA , Tatiana Rodrigues (2021)
29. Dissertação Intitulada: O lugar de fala das mestras: espaços de experiência social, temporal, simbólica e de resistência artística	Discutir as relações de gênero no contexto da cultura popular a partir do questionamento do número reduzido de mestras nos folgedos e demais manifestações culturais populares no âmbito da dança e das provocações feministas propostas pelas mestras interlocutoras, Janja, precursora do feminismo angoleiro e mestra Joana precursora do Movimento Feministas do Baque Virado	SANTOS , Alcinéia Soares dos (2022)
30. Dissertação em Andamento Intitulada: Tessituras entre maracatu, educação e infância: a constituição de integrantes na Nação do Maracatu Encanto do Pina	Investigar, através das narrativas (auto)biográfica, pela via da memória, e documentos, como registros iconográficos, quais os atravessamentos entre maracatu, educação e infância construídos pelas pessoas participantes da pesquisa	VIANA , Juliana Aline Gomes (2024)
31. Artigo Intitulado: Sororidade e violência psicológica: análise de feministas do movimento baque virado (música, gênero, saúde)	Analisar atitudes que (re)produzem violência simbólica e psicológica - art. 147-B, Código Penal, alterado pela Lei n. 14.188/21 e assédio moral, a partir das vivências no movimento de feministas de baque virado - Baque Mulher João Pessoa e na assistência da enfermagem em unidade de pronto atendimento - saúde, em João Pessoa, Paraíba	TANAKA , Harue LOURENÇO , Clara Emanuela Lima (2023)
32. Artigo Intitulado: Gênero, música, educação e saúde mental: mulheres em performance musical em tempos de pandemia	Discutir racismo estrutural, abuso virtual, violências de gênero, visão das mulheres sobre a performance, sexismo na música, empoderamento feminino, a invisibilidade das compositoras, e outras questões relacionadas interseccionalmente, a partir de categorias analíticas abarcadas pelo grupo interdisciplinar sobre música, corpo, gênero, educação e saúde (MUCGES), e das chamadas pedagogias abertas das mulheres na cultura popular, as coquistas, cirandeiras e do Movimento Baque Mulher	TANAKA , Harue (2021)

<p>33. Artigo Intitulado: Mulheres em performance musical: ações de um grupo de pesquisa em música e gênero</p>	<p>Apresentar a questão da performance feminina em espaços de educação não escolar - não formal aliando-a às chamadas pedagogias abertas em suas trajetórias culturais - grupos como Baque Mulher, Vó Mera e Suas Netinhas, Ana do Coco, Coco das Manas, dentre outros, num processo de construção da memória na performance musical feminina ao que chamamos de “musicar local”</p>	<p>TANAKA, Harue (2021)</p>
<p>34. Artigo Intitulado: Empoderamento e performance musical: pesquisadoras em um batuque feminino</p>	<p>Analisar sucintamente o ingresso de batuqueiras incipientes - sem experiência com instrumentos musicais, facilitado por oficinas, promovendo uma reflexão sobre o processo no que tange à aprendizagem, memorização e consequente execução de ritmos</p>	<p>TANAKA, Harue BARBOSA, Kátiusca Lamara dos Santos OLIVEIRA, Luiza Iolanda Pegado Cortez de (2017)</p>
<p>35. Dissertação Intitulada: Toadas do maracatu nação de baque virado: um estudo de linguagem e performance</p>	<p>Fazer uma análise de cunho explicativo, pautadas em dois pontos, o primeiro é focado na memória ancestral e seus reflexos na performance das toadas e o segundo objetivo está elencado na concepção e representação do cruzo religioso diaspórico onde a encruzilhada é notada como potência e possibilidade de encontros e crenças</p>	<p>MOREIRA, Viviane Terezinha de Faria (2021)</p>
<p>36. Artigo Intitulado: Feministas do baque virado: a circulação de saberes e a atuação do Baque Mulher em Joinville</p>	<p>Refletir sobre o papel ocupado pelas mulheres na sociedade e a importância dos espaços femininos, em uma realidade profundamente marcado pelos sons e pelas narrativas masculinas</p>	<p>JERONIMO, Evelyn de Jesus MEIRA, Roberta Barros (2021)</p>
<p>37. 10. Capítulo de Livro Intitulado: Nação do Maracatu Encanto do Pina: ritmo e ancestralidade (p. 128-159) Título do Livro: Ritmos Atlânticos: música, arte e cultura na diáspora negra</p>	<p>Problematizar o maracatu nação ou de baque virado, como uma manifestação cultural afro-brasileira, oriunda do Estado de Pernambuco, considerada patrimônio cultural imaterial. Com ênfase na Nação do Maracatu Encanto do Pina, a leitora e leitor poderão penetrar na complexidade rítmica e religiosa que expressa o maracatu Nação</p>	<p>ROCHA, Manuela da Silva (2021)</p>

Fonte: elaboração da autora (2023)

**APÊNDICE F - NOME FICTÍCIO DAS ENTREVISTADAS, DATA, HORÁRIO,
TEMPO DE DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

ENTREVISTADA	DATA	HORÁRIO	TEMPO DE DURAÇÃO
Mestra Joana Cavalcante	03/03/2020	12h13	0h49':18''
Guerreira 1 do Nordeste	04/03/2020	17h26	0h33':15''
Guerreira 2 do Centro-Oeste	16/11/2019	16h41	0h29':42''
Guerreira 3 do Sudeste	17/11/2019	12h09	0h38':16''
Guerreira 4 do Sul	15/11/2019	19h29	0h19':09''
Guerreira 5 do Sudeste	16/11/2019	13h55	0h27':15''
Guerreira 6 do Sudeste	28/02/2020	16h27	0h42':03''
Guerreira 7 do Sudeste	28/02/2020	10h27	0h30':56''
Guerreira 8 do Nordeste	02/03/2020	11h20	0h46':07''
Guerreira 9 do Sul	02/03/2020	19h35	0h24':08''
Guerreira 10 do Sudeste	15/11/2019	17h13	0h26':40''
Guerreira 11 do Sudeste	28/02/2020	14h50	0h43':09''
Guerreira 12 do Sudeste	02/03/2020	15h38	1h24':09''
Guerreira 13 do Centro-Oeste	29/02/2020	11h47	0h32':51''
Guerreira 14 do Sudeste	16/11/2019	18h07	0h19':52''
Guerreira 15 do Sudeste	10/02/2020	15h30	Via e-mail
Guerreira 16 do Sul	28/02/2021	10h41	0h29':02''
Guerreira 17 do Nordeste	25/06/2020	14h	1h04':20''
Guerreira 18 do Sul	01/03/2020	11h35	0h32':26''
Guerreira 19 do Centro-Oeste	01/03/2020	09h27	0h34':01''
Guerreira 20 do Centro-Oeste	01/03/2020	15h28	0h57':04''
Guerreira 21 do Norte	01/03/2020	10h38	0h51':22''

Guerreira 22 do Sul	02/03/2020	15h30	0h37':42''
Guerreira 23 do Norte	02/03/2020	17h40	0h41':48''
Guerreira 24 do Sul	28/02/2020	09h28	0h42':01''
Guerreira 25 do Nordeste	02/03/2020	10h43	0h22':20''
Guerreira 26 do Sul	26/08/2020	15h27	0h44':52''
Guerreira 27 do Sul	03/03/2020	14h09	0h21':09''
Guerreira 28 do Nordeste	03/03/2020	16h40	0h31':31''
Guerreira 29 do Nordeste	19/10/2020	20h09	0h29':17''
Guerreira 30 do Nordeste	19/10/2020	14h34	0h36':49''
Guerreira 31 do Nordeste	13/08/2020	14h14	0h25':33''

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE G - LEVANTAMENTO DOS GRUPOS ATIVOS E INATIVOS DO MARACATU BAQUE MULHER

Grupos que constituem o Maracatu Baque Mulher Levantamento realizado em: 18 de abril de 2023							
Nº	GRUPO	REDE SOCIAL	FUNDAÇÃO	COORDENADORA	CONTATO	ESTADO (REGIÃO)	PAÍS
01	Baque Mulher Recife	Baque Mulher Recife Matriz (@baquemulherrecife matriz) • Fotos e vídeos do Instagram	12/10/2008	Mestra Joana Elaine Cristina Erivannia Maria Isabelle Caldas Jamile Passos Mariana Passos Thalita Alana	(81) 9 9786 2207 (81) 9 8976 1616 (81) 9 8313 1792 (81) 9 8843 2352 (81) 9 9556 2223 (81) 9 8454 4993 (81) 9 8842 6640	Pernambuco (Nordeste)	Brasil
02	Baque Mulher Campinas	Baque Mulher Campinas (@baquemulhercampinas) • Fotos e vídeos do Instagram	29/03/2014	Iara Lage Luana Marques	(19) 9 9566 5011 (19) 9 9301 1115	São Paulo (Sudeste)	Brasil
03	Baque Mulher Joinville	@baquemulherjoinville • Fotos e vídeos do Instagram	01/06/2015	Josi Ana Rosa Alice	(47) 9 8906 0853 (47) 9 9622 1563 (47) 9 9695 0891	Santa Catarina (Sul)	Brasil
04	Baque Mulher São Paulo	Baque Mulher São Paulo (@baquemulheresp) • Fotos e vídeos do Instagram	01/03/2016	Roberta Marangoni Cléia Vargas Laís Lima	(11) 9 9800 2474 (11) 9 8618 7470 (11) 9 5856 6507	São Paulo (Sudeste)	Brasil
05	Baque Mulher Rio de Janeiro (Lapa-RJ)	Maracatu Baque Mulher - RJ (@baquemulherRJ) • Fotos e vídeos do Instagram	01/03/2016	Tenily Guian Pri	(21) 9 8016 3800 (21) 9 9337 5589	Rio de Janeiro (Sudeste)	Brasil
06	Baque Mulher Londrina	Baquemulherlondrina (@baquemulherlondrina) • Fotos e vídeos do Instagram	04/03/2016	Luh Braga	(43) 9 9861 4740	Paraná (Sul)	Brasil
07	Baque Mulher Manaus	Maracatu Baque Mulher Manaus (@baquemulhermanaus) • Fotos e vídeos do Instagram	13/03/2016	Kelly Pricila Lú Saturno Débora Raiclicia	(92) 9 8849 8949 (92) 9 8147 9908 (92) 9 9446 5073 (92) 9 8453 7693	Amazonas (Norte)	Brasil
08	Baque Mulher Ribeirão Preto	Baque Mulher Ribeirão Preto (@baquemulherRP) • Fotos e vídeos do Instagram	01/05/2016	Paula Nonato	(16) 9 8262 4375	São Paulo (Sudeste)	Brasil

09	Baque Mulher Sorocaba	Baque Mulher Sorocaba (@baquemulhersorocaba) • Fotos e vídeos do Instagram	01/06/2016	Catani	(15) 9 8163 2915	São Paulo (Sudeste)	Brasil
10	Baque Mulher Floripa	Baque Mulher Floripa (@baquemulherfloripa) • Fotos e vídeos do Instagram	06/06/2016	Marga Vieira Xanda Alencar	(48) 9 9621 4003 (48) 9 9907 2389	Santa Catarina (Sul)	Brasil
11	Baque Mulher Matinhos	Baque Mulher Matinhos (@baquemulhermatinhos) • Fotos e vídeos do Instagram	30/11/2016	Bia Fluz	(41) 9 9194 1297	Paraná (Sul)	Brasil
12	Baque Mulher Arcoverde	Baque Mulher Arcoverde PE (@baquemulherarcoverde) • Fotos e vídeos do Instagram	06/12/2016	Lalá Calixto	(87) 9 9933 7635	Pernambuco (Nordeste)	Brasil
13	Baque Mulher João Pessoa	BaqueMulherJp (@baquemulherjp) • Fotos e vídeos do Instagram	24/03/2017	Aniely Mirtes	(83) 9 9604 3254	Paraíba (Nordeste)	Brasil
14	Baque Mulher Maringá	Baque Mulher Maringá (@baquemulhermaringa) • Fotos e vídeos do Instagram	01/07/2017	Láís Fialho	(44) 9 9968 7871	Paraná (Sul)	Brasil
15	Baque Mulher Blumenau	Baque Mulher Blumenau (@baquemulherblumenau) • Fotos e vídeos do Instagram	04/07/2017	Simone Maike Mette Ana Pereira	(47) 9 9657 5852 (47) 9 9957 5080	Santa Catarina (Sul)	Brasil
16	Baque Mulher Foz do Iguaçu	Baque Mulher Foz do Iguaçu (@baquemulherfoz) • Fotos e vídeos do Instagram	20/08/2017	Valentina Rocha	(45) 9 9842 8487	Paraná (Sul)	Brasil
17	Baque Mulher Curitiba	Maracatu Baque Mulher Curitiba (@baquemulhercwb) • Fotos e vídeos do Instagram	01/01/2018	Mari Bomba Jéssica Miranda	(41) 9 9898 3256 (41) 9 9966 2871	Paraná (Sul)	Brasil
18	Baque Mulher Brasília	Baque Mulher Brasília (@baquemulherbrasilia) • Fotos e vídeos do Instagram	26/03/2018	Raissa Romano Luiza Martins Camila Oswaldo	(61) 9 9661 3350 (61) 9 9609 2865 (61) 9 8238 5132	Distrito Federal (Centro-Oeste)	Brasil
19	Baque Mulher Alto Paraíso (GO)	Baque Mulher Alto Paraíso- GO (@baquemulheraltoparaíso) • Fotos e vídeos do Instagram	30/03/2018	Renata Amato	(62) 9 8249 3350	Goiás (Centro-Oeste)	Brasil
20	Baque Mulher Tocantins	Baque Mulher Tocantins (@baquemulherto) • Fotos e vídeos do Instagram	22/07/2018	Sara Ramos Itiane	(21) 9 6512 4444	Tocantins (Norte)	Brasil
21	Baque Mulher Aracaju	Baque Mulher Aracaju - SE (@baquemulheraracaju) • Fotos e vídeos do Instagram	01/09/2018	Elis Pétala	(79) 9 9146 7946	Sergipe (Nordeste)	Brasil

22	Baque Mulher Zona Oeste-RJ (Campo Grande, Rio de Janeiro)	Baque Mulher ZO/RJ (@baquemulherzo) • Fotos e vídeos do Instagram	04/09/2018	Amle Pimentel	(21) 9 6469 2527 (21) 9 8026 9945	Rio de Janeiro (Sudeste)	Brasil
23	Baque Mulher Niterói (Praça da Cantareira, Rio de Janeiro)	Maracatu Baque Mulher Niterói (@baquemulherniteroi) • Fotos e vídeos do Instagram	09/09/2018	Tenily Guian	(21) 9 8016 3800	Rio de Janeiro (Sudeste)	Brasil
24	Baque Mulher Itajaí / Bal. Camboriú	Baque Mulher Itajaí/Bal. Camboriú (@baquemulheritajaibc) • Fotos e vídeos do Instagram	29/09/2018	Mariana Mattos Kely Wolf	(48) 9 2000 8070 (47) 9 9927 7427	Santa Catarina (Sul)	Brasil
25	Baque Mulher Salvador	Baque Mulher Salvador (@baquemulhersalvador) • Fotos e vídeos do Instagram	01/11/2018	Soiane Gomes	(71) 9 8656 5671	Bahia (Nordeste)	Brasil
26	Baque Mulher Ipatinga-MG	Baque Mulher Ipatinga MG (@baquemulheripatinga) • Fotos e vídeos do Instagram	20/11/2018	Dani Dornela	(31) 9 7570 4549	Minas Gerais (Sudeste)	Brasil
27	Baque Mulher Lisboa	Baque Mulher Lisboa (@baquemulherlisboa) • Fotos e vídeos do Instagram	01/04/2019	Bruna Oliveira Heloise Medeiros	(351) 9 6250 2576 (351) 9 6026 2720	Lisboa (Europa)	Portugal
28	Baque Mulher Belo Horizonte	Baque Mulher Belo Horizonte (@baquemulherbh) • Fotos e vídeos do Instagram	26/05/2019	Aline Vivian Lee	(31) 9 8575 5863 (31) 9 7171 6246	Minas Gerais (Sudeste)	Brasil
29	Baque Mulher Porto Alegre	Baque Mulher Porto Alegre (@baquemulherpoa) • Fotos e vídeos do Instagram	11/01/2020	Silvia Ellers Liane Pilar	(51) 9 8284 9517 (51) 9 9173 0000 (51) 9 8040 6437	Rio Grande do Sul (Sul)	Brasil
30	Baque Mulher São Luís	Baque Mulher São Luís (@baquemulhersaoluiss) • Fotos e vídeos do Instagram	21/10/2020	Héveny Araújo Luana Appel Pollyana Amorim Danielle Moreira	(98) 9 8113 5253 (98) 9 9199 8763 (98) 9 8128 2313 (98) 9 8867 1528	Maranhão (Nordeste)	Brasil
31	Baque Mulher Porto de Galinhas	BM Porto de Galinhas (@baquemulher_porto degalinhas) • Fotos e vídeos do Instagram	13/12/2020	Stella Francisca Andreia Duarte Jade Tereza Jade Tereza	(81) 9 9824 5119 (81) 9 9110 1763 (81) 9 9247 3515 (81) 9 9247 3515	Pernambuco (Nordeste)	Brasil
32	Baque Mulher Valinhos Vinhedo	Baque Mulher vinhedo @baquemulhervinhedo • Fotos e vídeos do Instagram	12/07/2021	Elisângela Riberio Nataly Silva	(19) 9 8175 9610 (19) 9 9182 5508	São Paulo (Sudeste)	Brasil

33	Baque Mulher Taubaté	Baque Mulher Taubaté baquemulhertaubate Fotos e vídeos do Instagram	01/08/2021	Rafaela Valente Gabriela Correa	(12) 9 8291 7838 (12) 9 9201 4699	São Paulo (Sudeste)	Brasil
34	Baque Mulher Campina Grande	https://www.instagram.com/baquemulhercg/	22/10/2021	Eliane Cristina Azevedo Maria Cecília Sabrina Gomes	(83) 9 8825 2535 (83) 9 9181 7726 (83) 9 8635 6711	Paraíba (Nordeste)	Brasil
35	Baque Mulher Marechal Hermes	Não itentificada	07/05/2022	Elisa Menezes	(21) 9 9775 5866	Rio de Janeiro (Sudeste)	Brasil
36	Baque Mulher Pirapora	Não itentificado	12/05/2022	Luciana Galiza	(38) 9 9197 3171	Minas Gerais (Sudeste)	Brasil
37	Baque Mulher Alvorada	Não itentificada	21/09/2022	Silvia Ellers Dona Vera	(51) 9 8284 9517	Rio Grande do Sul (Sul)	Brasil
38	Baque Mulher Piedade	Baque Mulher Piedade (@baquemulherpiada) • Fotos e vídeos do Instagram	15/03/2023	Marissol	(15) 9 9818 1993	São Paulo (Sudeste)	Brasil
39	Baque Mulher Belém	Maracatu Baque Mulher Belém (@baquemulherbelem) • Fotos e vídeos do Instagram	06/04/2023	Keila Mariah Bianca Alves	(91) 9 8585 1968 (91) 9 9193 8145	Pará (Norte)	Brasil
40	Baque Mulher Americana-SP Temporariam ente inativo	Baque Mulher Americana SP (@baquemulher_am) • Fotos e vídeos do Instagram	08/05/2016	Anne Bianca	(19) 9 9533 7563 (19) 9 9226 7935	São Paulo (Sudeste)	Brasil
41	Baque Mulher Cuiabá Temporariam ente inativo	Baque Mulher Cuiabá - MT 🇧🇷 🇲🇹 (@baquemulhercuiaba) • Fotos e vídeos do Instagram	01/06/2016	Kawany Carolina	(65) 9 9967 4651 (65) 9 9251 8762	Mato Grosso (Sul)	Brasil
42	Baque Mulher Serra do Mar (São Sebastião-SP) Temporariam ente inativo	Baque Mulher Serra do Mar (@baquemulher_serradomar) • Fotos e vídeos do Instagram	01/01/2017	Ariane de Oliveira	(12) 9 9788 7061	São Paulo (Sudeste)	Brasil
43	Baque Mulher Piracicaba Temporariam ente inativo	Baque Mulher Piracicaba (@baquemulherpiraciba) • Fotos e vídeos do Instagram	13/01/2019	Pâmela Cristina	(19) 9 9822 0066	São Paulo (Sudeste)	Brasil
44	Baque Mulher Bruxelas Temporariam ente inativo	Baque Mulher Bruxelas (@baque_mulher_bru_xelas) • Fotos e vídeos do Instagram	12/05/2019	Não identificada	Não identificado	Bruxelas (Europa)	Bélgica
45	Baque Mulher Fortaleza Temporariam ente inativo	Baque Mulher Fortaleza (@baquemulherfortal) • Fotos e vídeos do Instagram	06/12/2019	Jamili Craveiro Manu Texeira	(85) 9 8640 0141	Ceará (Nordeste)	Brasil

46	Baque Mulher London Temporariamente inativo	Baque Mulher London (@baquemulherlondon) • Fotos e vídeos do Instagram	23/04/2020	Bruna Calderon	(44) 746307 5957	Londres (Reino Unido)	Inglaterra
47	Baque Mulher Pinheira Temporariamente inativo	Baque Mulher Pinheira (@baquemulherpinheira) • Fotos e vídeos do Instagram	22/05/2020	Joh Mayara Daiane Gregori	(47) 9 9996 8931	Santa Catarina (Sul)	Brasil
48	Baque Mulher Sana Temporariamente inativo	Baque Mulher Sana (@baquemulher_sana) • Fotos e vídeos do Instagram	23/06/2020	Não identificada	Não identificado	Rio de Janeiro (Sudeste)	Brasil
49	Baque Mulher Itapevi Temporariamente inativo	Baque Mulher Itapevi (@baquemulheritapevi) • Fotos e vídeos do Instagram	08/10/2022	Naty Roots	(19) 9 9182 5508	São Paulo (Sudeste)	Brasil

DURANTE O PERÍODO DE 12/10/2008 À 18/04/2023, CONSTATA-SE 49 GRUPOS FUNDADOS PELO MOVIMENTO BAQUE MULHER, MAS ATUALMENTE 10 ESTÃO TEMPORARIAMENTE INATIVOS E 39 INCLUINDO A MATRIZ ESTÃO ATIVOS.

1 MATRIZ - sediada no Brasil, especificamente em Recife, Pernambuco

39 GRUPOS DO MOVIMENTO ATIVOS - 38 sediados no Brasil e 1 em Portugal, especificamente em Lisboa

10 GRUPOS DO MOVIMENTO TEMPORARIAMENTE INATIVOS - 8 atuaram no Brasil, 1 na Bélgica, especificamente em Bruxelas e 1 na Inglaterra, especificamente em Londres

ATUALMENTE 39 É O TOTAL DE GRUPOS ATIVOS DESSE MOVIMENTO - levantamento realizado em 18/04/2022

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE H - ATIVIDADES IDEALIZADAS PELA MESTRA JOANA CAVALCANTE E PROMOVIDAS PELO MARACATU BAQUE MULHER CONSIDERANDO OS FUNDAMENTOS DO CANDOMBLÉ NAGÔ E A TRAJETÓRIA DA MESTRA

ATIVIDADES	DESCRIÇÕES
MARACATU BAQUE MULHER	É um movimento de empoderamento feminista de maracatu de baque virado, constituído exclusivamente por mulheres, idealizado e fundado pela mestra Joana Cavalcante em 12 de outubro de 2008. Sediado na Comunidade do Bode, localizada no Pina, bairro periférico do Recife, com projeção nacional e internacional. Coordenado pela Mestra - mulher preta, pobre, periférica, candomblecista, <i>yakekerê</i> do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> , primeira e única mestra de maracatu Nação. Ela é educadora social, mãe de Jhayana Cavalcante (<i>in memoriam</i>), João Jhadyel, Jhadyane D'arc, idealizadora dos grupos "Filhas da Oxum Opará", "Mazuca da Quixaba" e "Maracatu Axé da Ilha"
GRUPOS DO MARACATU BAQUE MULHER	Além da matriz, Baque Mulher Recife, há 38 grupos do Movimento, sendo um atuando em Lisboa, Portugal que se reúnem regularmente para tocar maracatu de baque virado nas cinco regiões do Brasil e, em Portugal. Tais grupos seguem o regimento interno desse coletivo, o qual é baseado nos fundamentos do candomblé nagô, no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> e na Nação Encanto do Pina
REGIMENTO INTERNO DO MARACATU BAQUE MULHER	Fundamentado nos ensinamentos do candomblé nagô, religião de matriz africana. O respeito a hierarquia é a base fundamental dessa religião. As pessoas mais velhas ensinam as mais novas. Tal ensinamento faz parte da educação do candomblé, posta em prática pela Mestra e pelo Movimento
ENCONTROS NACIONAIS DO MARACATU BAQUE MULHER	Realizados anualmente sob a coordenação geral de mestra Joana. Em 2019 foi realizado o IV Encontro Nacional Baque Mulher. Nos anos 2020 e 2021 em razão dos impactos causados pela pandemia do Covid-19, não houve o encontro nesses dois anos. O V encontro ocorreu de 9 a 11 de dezembro de 2022 em Sorocaba, São Paulo. Tais encontros possibilitam as mulheres participantes trocarem suas vivências do cotidiano, refletirem sobre as mulheres, exercitarem a sororidade, aprenderem com as mulheres mais velhas e com as mais jovens
RODAS DE DIÁLOGOS NO MARACATU BAQUE MULHER	Nessas rodas todos os grupos desse movimento abordam temáticas relacionadas ao machismo, intolerância religiosa, racismo, violência contra a mulher entre outras formas de violência

<p>OFICINAS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Mestra Joana, as coordenadoras regionais e as integrantes do Movimento que dominam os toques dos instrumentos - agbê/xequerê, alfaia/tambor, caixa, ganzá/mineiro, gonguê e timbal, ministram oficinas de percussão, de modo especial de maracatu de baque virado; oficinas de dança - maracatu, ijexá entre outras expressões e manifestações da cultura afro-brasileira. Desde jovem a Mestra ministra oficinas de percussão, canto, dança afro-brasileira, constrói e faz a manutenção de alguns instrumentos percussivo, a exemplo do agbê, cria e executa a confecção de estandarte, indumentárias, adereços, cenários e adornos carnavalescos, para serem utilizados no desfile oficial da Nação Encanto do Pina e desde 2008 no desfile oficial desse maracatu de feministas</p>
<p>LOAS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Maior parte do repertório desse movimento, são loas de autoria da Mestra, precursora nas composições que objetivam combater o machismo, violência contra a mulher, intolerância religiosa, racismo e todas as formas de violência, temáticas priorizadas no Movimento. Mestra Joana foi inspiração para participantes desse coletivo exporem suas habilidades de compositoras, compondo loas que abordam temáticas potentes defendidas pelo movimento em tela</p>
<p>APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>São realizadas em praças públicas, avenidas, feiras, congressos, seminários, encontros, festivais culturais, colóquios, palestras, workshop, comunidades quilombolas, atos políticos em favor da democracia, gincanas culturais, cerimônias religiosas de matriz africana, nos terreiros de práticas mediúnicas afro-brasileiras, associações comunitárias, instituições de ensino público e privado, em Organizações Não Governamentais (ONGs) e nas instituições governamentais, a exemplo da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, casa de acolhimento para pessoas em situação de rua e privadas de liberdade</p>
<p>CORTEJOS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>São as apresentações realizadas pelo Movimento nas ruas e avenidas públicas, onde as batuqueiras desse maracatu de feministas do baque virado tocam seus respectivos instrumentos. Os cortejos podem ser de curta ou longa duração, vai depender de determinados fatores, como por exemplo, o tempo estipulado pela produção do evento, pela mestra Joana, pela coordenadora regional dos grupos desse maracatu ou pela batuqueira que esteja apitando o cortejo do respectivo grupo que coordena</p>
<p>DESFILE OFICIAL DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Desfile do Movimento que compõe a programação cultural do carnaval oficial do Recife. Esse desfile ocorre sempre na sexta-feira de carnaval pelas ruas do Recife Antigo</p>
<p>REUNIÕES</p>	<p>As reuniões do Movimento sempre foram presenciais, mas a partir de março de 2020, em razão da pandemia causada pelo</p>

<p>DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Covid-19, o coletivo em tela começou a realizar suas reuniões de modo remoto, para pensar em estratégias de superação dessa pandemia. Em 2022 as reuniões de cada grupo desse maracatu de feministas começaram a acontecer presencialmente, mas a Mestra para reunir as 39 coordenadoras regionais, continua realizando as reuniões em formato <i>on-line</i></p>
<p>SÉRIES DE LIVES CULTURAIIS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Mestra Joana e as coordenadoras regionais do Movimento realizam <i>lives</i> para concretizar reuniões, rodas de diálogos, e ensaios dos grupos por elas coordenadas. Tais ações foram realizadas remotamente durante o período da pandemia causada pela Covid-19</p>
<p>LIVES SHOWS E EVENTOS SOLIDÁRIOS DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>A Mestra, em parceria com o Maracatu Baque Mulher e a Nação do Maracatu Encanto do Pina realiza <i>lives shows</i> - apresentações culturais, artísticas; oficinas/intensivões, para arrecadar recursos financeiros com a finalidade de comprar cestas básica e distribuí-las com as famílias vulnerabilizadas da Comunidade do Bode e, adjacências, vivendo em situação de extrema pobreza no período da pandemia, bem como para investir na reformar do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> que também será a sede desse movimento e da nação aqui descrita</p>
<p>PROJETO “QUEM SOMOS” DO MARACATU BAQUE MULHER</p>	<p>Trata-se de um projeto executado de forma <i>on-line</i> idealizado pela Mestra e uma comissão de mulheres que compõe a equipe de elaboração de projetos do Maracatu Baque Mulher. Quem Somos, foi um projeto que a cada dia da semana homenageava uma das batuqueiras do Movimento, forma de saudar e honrar toda a trajetória dessas guerreiras que constitui a Família Rosa e Laranja, como esse maracatu de feministas do baque virado é carinhosamente chamado</p>

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE I - ADJETIVOS QUE ÀS ENTREVISTADAS ATRIBUÍRAM À MESTRA JOANA E O QUE ELA REPRESENTA PARA CADA ENTREVISTADA

ENTREVISTADAS	ADJETIVOS ATRIBUÍDOS À MESTRA JOANA	O QUE À MESTRA JOANA REPRESENTA
Guerreira 1 do Nordeste	Excelente batuqueira que toca sem igual, corajosa, empoderada, feminista, inspiradora, uma negra revolucionária	As mulheres negras no maracatu, coragem, empoderamento, feminilidade, inspiração, revolução, vitória das mulheres
Guerreira 2 do Centro-Oeste	Compositora, grande visionária, muito forte	Conhecimento, força, informação, poder feminino e sabedoria
Guerreira 3 do Sudeste	Enérgica, lenda viva, sábia, vigorosa	Muita coisa, energia, grandiosidade, sabedoria, vida, vigor, muitos saberes
Guerreira 4 do Sul	Bailarina, empoderada, firme, forte, transformadora, bela	Empoderamento, firmeza, fortaleza, transformação da realidade
Guerreira 5 do Sudeste	Forte, influenciadora, inspiradora, vitoriosa	Exemplo de força, influência, inspiração, riqueza de Oxum - orixá feminina que protege o ori/cabeça da Mestra. Ela incorpora essa entidade espiritual
Guerreira 6 do Sudeste	Articuladora, campeã, cuidadora, dançarina, encantadora, firme, forte, liderança, linda, primeira mulher a coordenar uma Nação de maracatu, protagonista da sua trajetória, uma super mulher	Protagonismo feminista, beleza, cuidado com as mulheres, encantamento, firmeza, força feminina, inspiração, liderança, lindeza humana, luta, magia, movimentação artística, protagonismo feminino, referência de mulher, vitória das mulheres
Guerreira 7 do Sudeste	Deusa, grande professora da vida, mãe de santo, mestra, mulher de axé, periférica, potente, regente da Nação do Maracatu Encanto do Pina, grande exemplo de mulher e feminista	Brilho, transmissão de ensinamentos, muita força feminina, muito axé para as mulheres, pioneirismo no maracatu de baque virado, potência da negritude, representatividade da mulher de axé e periférica, superação, representação divina, representa tudo
Guerreira 8 do Nordeste	Cantora, especial, forte, inteligente, muito maravilhosa e sábia, nova, generosa, nunca diz não para mim, toda vida ela foi mais ela, tem amor próprio, trata as pessoas igualmente	As mulheres no maracatu de baque virado, amor, companheirismo, força, generosidade, inteligência da mulher preta, mudança, musicalidade, renovação, respeito, sabedoria da mulher periférica
Guerreira 9 do Sul	Forte, gigante, inovadora, mestra, resistente, tem uma luz muito radiante, transformadora, referência no maracatu, transformadora da realidade, respeitosa	Reconhecimento da negritude, capacidade de se identificar com as mulheres pretas, inovação importante no panorama cultural do Recife e outros lugares, força feminina, resistência, sororidade
Guerreira 10 do Sudeste	Inspiradora, mãe, mulher da periferia do Recife que vira mestra de uma Nação de maracatu, mulher ideal, sua prática é toda embasada pelo seu	Coerência entre o discurso e a prática, inspiração de vida para as mulheres periféricas do Recife e as batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, mulher que idealizo

	discurso, tem ideal na vida; organiza, toca e regi uma Nação de maracatu, todo o discurso dela está alinhado com a prática, tudo que fala realiza, organizada, religiosa, feminista, revolucionária	ser, representatividade feminina na percussão e na regência das Nações de maracatu de baque virado; representatividade matriarcal, tudo que eu aspiro como mulher, um grande conjunto harmonioso de todas as práticas que propõe, força ancestral
Guerreira 11 do Sudeste	Amiga, regente de uma Nação de maracatu, encara todos os obstáculos, enfrenta o machismo que é estrutural, fortalece outras mulheres, fortíssima, irmã, leal, líder, feminista, mãe, mestra, companheira, primeira mulher a está à frente de um apito, resiliente, vence barreiras até hoje, valoriza as mulheres e visibiliza as que tocam maracatu, pratica a sororidade	Abertura de portas para que as mulheres conseguissem se juntar, independente da comunidade que esteja inserida, cumplicidade, emancipação e fortalecimento da mulher negra em lugar de destaque, enfrentamento ao machismo, tem grandíssima relevância para o fortalecimento da cultura e das mulheres que já tocavam nas Nações, quebra de tabu, representatividade matriarcal, representatividade na regência de Nação de maracatu, resiliência, superação, enfrentamento a todas as formas de violência
Guerreira 12 do Sudeste	Acredita no potencial das mulheres, faz elas saírem de casa para frequentarem o Maracatu Baque Mulher, deseja que todas, todos e todes fiquem bem, destemida, guardiã, <i>yalorixá</i> , passa por cima de várias coisas para que o ser humano de fato brilhe e seja feliz em tudo na vida, primeira mulher está à frente de uma Nação de maracatu de baque virado, rodou a chave, se mete na vida das pessoas se achar que elas estão destorcendo seu caminhar, sempre faz além do que se propõe a fazer, acolhedora, proporciona conforto para todas, todos e todes, toma atitude para cada situação, tem um coração gigante, maior do que a sede do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> , tihosa, pega na mão de mulher que nunca tocou nada e diz - "você é capaz de tocar todos os instrumentos de percussão"	A virada de chave, acolhimento, muita força, amor materno, apoio espiritual, fortalecimento religioso, potência negra, estímulo para as mulheres tornarem-se batuqueiras de maracatu de baque virado, força feminina, fundamentação religiosa, protagonismo feminino, pioneirismo de mestra à frente de uma Nação de maracatu, possibilidade de mudança do contexto social das pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade, transformação cultural, ressignificação nas estruturas dos maracatus Nação do Recife, proteção dos direitos das mulheres, representatividade matriarcal, sororidade, superação, revolução das mulheres, visibilização das práticas feministas, valorização da cultura de matriz africana, força da mulher negra, pobre, periférica e candomblecista no maracatu Nação de baque virado, potencialidade das mulheres na cultura Pernambucana
Guerreira 13 do Centro-Oeste	Corajosa, influenciadora, matriarca, resiliente, resistente, inspiradora, representa as mulheres negras	Coragem, exemplo de mulher, força da mulher negra, garra, influência, inspiração, representatividade matriarcal, resiliência
Guerreira 14 do Sudeste	Determinada, influenciadora, revolucionária, tem muita força, autoridade religiosa	Determinação, garra, influência para outras batuqueiras, progresso, revolução, símbolo de força, potência do exercício da militância
Guerreira 15 do Sudeste	Conhecedora dos fundamentos da religiosidade africana, Deusa, filha, guerreira, idealizadora do Baque Mulher, jovem, juremeira, mãe, negra, tem orixá, Oxum, percussionista,	A força dos fundamentos da religiosidade africana, amor fraternal, incentivo para mulheres tocarem maracatu, luta, musicalidade, protagonismo da trajetória de uma mulher negra, jovem, xangozeira,

	periférica, protagonista da sua trajetória, toca tambor e maracatu, tornou visível o poder das mulheres negras e jovens da Comunidade do Bode, xangozeira, macumbeira, matriarca, exemplo de mulher	juremeira e da favela, religiosidade, reverência, rompimento dos elos da corrente de preconceitos raciais/religiosos e machismos que a sociedade, extremamente preconceituosa preconiza, visão futurista, visibilidade das mulheres a partir do ato de tocar maracatu, poder feminino e feminista
Guerreira 16 do Sul	Corre a trás dos seus objetivos, faz acontecer seus ideais, mulher forte, guerreira, lutadora, resiliente, resistente, empoderada, tem muita garra, referência para as mulheres	Empoderamento feminino, força feminina, garra e luta da mulher negra, periférica, relevante contribuição para o crescimento de outras mulheres, resistência da mulher negra no maracatu de baque virado
Guerreira 17 do Nordeste	Admirável, capacidade de evoluir e transformar sua realidade, cheia de energia, nunca desiste da luta, defende o protagonismo feminino, Deusa, incentivadora no combate a vários tipos de violência contra as mulheres, inspiradora, determinada, protagonismo feminino, religiosa, símbolo de inspiração para outras mulheres denunciarem e combaterem os vários tipos de violência	A força que almejo ter na vida, admiração da trajetória de uma mulher preta, pobre e periférica, capacidade das mulheres evoluírem no maracatu de baque virado, influência da mulher no maracatu, inspiração para as mulheres pretas, pobres e periféricas, possibilidade de estimular outras mulheres acreditarem que podem ser o que quiser, se ela trabalhar para isso, mentalizar consegue transformar toda e qualquer realidade, tanto no nível pessoal como profissional
Guerreira 18 do Sul	Acessível, administra muita coisa, muita gente, adorável, cuidadora, extremamente inspiradora, feminista, uma mulher muito forte, grande visionária, incrível, mãe, muito inteligente, mulher mais linda do mundo, questionadora, revolucionária, toca e ensina o toque de todos os instrumentos, uma das mulheres de maior referência, forte, feminista, mobilizadora, reflete sobre suas práticas, matriarca, revolucionária, candomblecista	Acessibilidade para mulheres abarcarem o universo do maracatu de baque virado, admiração, amor, cuidado com as mulheres, disseminação dos fundamentos do candomblé, ensinamento da cultura de matriz africana, inspiração para outras mulheres pretas, pobres e periféricas, profunda reflexão, símbolo de representatividade da mulher negra, pobre e periférica, transmissão de conhecimento, um grande exemplo de mulher de terreiro, uma das mulheres de maior referência na cultura de matriz africana em Recife, extrema inspiração
Guerreira 19 do Centro-Oeste	Forte, lutadora, não baixa a cabeça, resiliente, resistente, sábia, transformadora, única e primeira mulher a reger um baque de maracatu Nação	Força, luta, mudança, pioneirismo de mulher a reger uma Nação de maracatu de baque virado, resiliência, resistência, sabedoria, transformação na cultura de Pernambuco
Guerreira 20 do Centro-Oeste	Ágil, autoridade religiosa, bela, dedicada, feminista, genial artisticamente falando, incrível, inspiradora, intelectual negra que, tem que ser reconhecida, liderança espiritual, lutadora, muito forte e marcante, o cara, tem a força de uma mulher transformadora da realidade do mundo, prática, revolucionária, representatividade	Possibilidade de transformação do mundo, agilidade feminina, autoridade religiosa, dedicação ao maracatu de baque virado, genialidade artística, ideal de força da negritude, impacto na representatividade do feminismo negro, inspiração, visibilidade da intelectualidade negra, ressignificação das manifestações culturais de matriz africana, representação de uma força que chega ser sobrenatural

Guerreira 21 do Norte	Absoluta, atenciosa, cheia de axé, comprometida com as mulheres, crianças e com as pessoas que chegam na porta dela, dar atenção as pessoas de forma igual, grande amiga e professora, inspiradora, liderança espiritual, mãe, mestra, forte, muito poderosa como mulher e pessoa, mas quando tem que soltar os cachorros, solta, resistente, ser humano incrível, uma pessoa que está 100% engajada no que ela se dispõe a fazer	Amizade e atenção com as mulheres, autoridade religiosa, companheirismo, compromisso com as mulheres, crianças e com as pessoas que precisam de acolhimento, cumplicidade, determinação, empoderamento feminino, engajamento na garantia dos direitos da mulher, força da ancestralidade, igualdade nas relações humanas, inspiração, liderança espiritual, luta, luz, muito axé, pro atividade, relações humanizadas, representa a resistência contra a opressão, machismo, representatividade matriarcal, sabedoria, sororidade
Guerreira 22 do Sul	Talentosa, incrível, forte, habilidosa, inspiradora, influenciadora, mestra de uma Nação de maracatu, organizada, traz consigo uma grande força, protagonista no maracatu, candomblecista, preta, pobre e periférica, símbolo de organização, traz consigo uma grande força	Amor maternal, representatividade da ancestralidade, sou privilegiada em poder estar viva ao mesmo tempo que à mestra Joana, enquanto mulher negra ela representa resistência, talento, protagonismo da mulher negra, habilidade, influência para outras batuqueiras, pioneirismo à frente de uma Nação de maracatu de baque virado, representação da ancestralidade negra
Guerreira 23 do Norte	Encantadora, impulsiona a mulher fazer o que almeja, o que acredita, ultrapassa os limites, determinada, preta, candomblecista, mãe de santo	Determinação, encantamento, incentiva a mulher a acreditar nas suas potencialidades, representação da luta das mulheres, simboliza força e resistência
Guerreira 24 do Sul	Busca sempre aprender os ensinamentos dos mais velhos, corajosa, criativa, influenciadora, inovadora, iyá/mãe, liderança comunitária, política e religiosa, mas, também Mestra é renovadora, resiliente, respeitosa, tem muita força, transformadora da realidade brasileira, transmissora dos ensinamentos ancestrais	Criatividade, força da mulher preta, pobre e periférica, grande referência de coragem, força e resiliência, autoridade religiosa, pioneirismo à frente de uma Nação de maracatu de baque virado, representatividade matriarcal, reverência aos ensinamentos dos mais velhos, signo de coragem, resiliência e transformação, transmissão dos ensinamentos da cultura de atriz africana, autoridade religiosa
Guerreira 25 do Nordeste	Apita uma Nação de maracatu, empoderada, espelho para muitas mulheres, fortalece outras, inspiradora, lutadora, muito batalhadora, forte, guerreira, negra, periférica, feminista, primeira e única Mestra, determinada, resistente	Batalha diária contra as diversas formas de violência contra as mulheres, inspiração para muitas mulheres, luta das mulheres, pioneirismo à frente da Nação de maracatu de baque virado, representação do feminismo negro
Guerreira 26 do Sul	Candomblecista, feminista, negra, periférica, pobre, candomblecista, primeira mulher Mestra a reger uma Nação de maracatu, reivindicadora dos direitos das mulheres, idealizadora, fundadora e coordenadora do Maracatu Baque Mulher, visionária, revolucionária	Causa ruptura no modelo da participação masculina vigente, pioneirismo da mulher na regência de uma Nação de maracatu de baque virado, reivindicação dos direitos das mulheres, representação da luta da mulher dentro de muitas complexidades, ruptura da estrutura patriarcal vigente, símbolo de resistência negra, um relevante impacto com o Movimento no Brasil e no exterior

Guerreira 27 do Sul	Cantora, compositora, criativa, confecciona, cria e realiza a estética da Nação Encanto do Pina, coordena e rege essa nação, enaltece as mulheres, primeira mulher a reger uma Nação de maracatu, o que já gerou muitas inquietações nos corações masculinos, referência artística, líder, referência para outras mulheres, resiliente, responsável, dedicada, subversiva	Criatividade, dedicação com estética percussiva e artística da Nação Encanto do Pina, pioneirismo da mulher a reger uma nação de baque virado, referência de liderança comunitária e artística, tem responsabilidade ética e moral, representação de uma força que não é só por ser Mestreira, mas da bagagem dos seus ancestrais, resistência da mulher negra, subversão da lógica que já está estabelecida, aversão das proposições de diminuição das mulheres
Guerreira 28 do Nordeste	Estimula as mulheres a acreditarem nas suas potencialidades, grande irmã, mãe de santo, transforma o contexto em que vive, como mulher preta, pobre e periférica	A possibilidade de influenciar as mulheres a acreditarem nas suas potencialidades, autoridade religiosa, sentimento de irmandade, transformação do contexto social das mulheres pretas, pobres e periféricas
Guerreira 29 do Nordeste	A única mestra mulher no maracatu de Nação, inspiradora, revolucionária, mulher à frente de tudo da Nação Encanto do Pina	Inspiração para todas as mulheres, pioneirismo de uma mulher à frente de uma Nação de maracatu de baque virado, representatividade do feminismo negro nas Nações de maracatu, revolução
Guerreira 30 do Nordeste	Admirável, empoderada, fonte de pesquisa sobre maracatu do baque virado, forte, grandiosa, candomblecista, guerreira, mãe, negra, transmite saberes e conhecimentos da cultura de matriz africana	Admiração, autoridade religiosa, empoderamento feminino, força do poder feminino, grandiosidade, luta diária, representatividade das mulheres de terreiro, resistência negra, matriarcal, transmissão dos saberes e conhecimentos da cultura de matriz africana
Guerreira 31 do Nordeste	Influenciadora no maracatu de baque virado, só tem coisa boa para influenciar as mulheres, super guerreira, tem uma força muito forte, trajetória de muitas lutas, transmite muita paz, representa o feminismo, uma preta linda e maravilhosa	A oportunidade de outras mulheres adentrarem no maracatu de baque virado, influencia outras mulheres no processo do empoderamento feminino, luta diária pelos direitos das mulheres, símbolo de muita paz, uma relevante fonte de inspiração para outras mulheres

Fonte: elaboração da autora (2021)

APÊNDICE J - COMPOSIÇÕES AUTORAIS DE MESTRA JOANA CAVALCANTE

Nº	TÍTULOS DAS LOAS LETRAS DAS LOAS
01	<p style="text-align: center;">A batida do coração</p> <p>Vem meu povo chega p'ra ver / Encanto do Pina Nação p'ra valer / Maria de Sônia foi quem fundou / Encanto do Pina de Nação nagô / meu tambor tem a batida do coração / meu baque é virado / segure o compasso da marcação / vem meu povo chega p'ra ver / Encanto do Pina Nação p'ra valer / Maria de Sônia foi quem fundou / Encanto do Pina de Nação nagô</p> <p>Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
02	<p style="text-align: center;">Baque da minha Nação</p> <p>Eu sou do baque / segura a pisada meu povo / escute o refrão / Baque Mulher chegou p'ra ficar / tocando o baque da minha Nação</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
03	<p style="text-align: center;">Bate o tambor ó negra</p> <p>Bate o tambor ó negra / eu quero ver a poeira subir / é nesse baque que eu vou / é nesse baque meu amor / mulher guerreira tocando tambor / rosa e laranja eu sou / eu sou / Baque Mulher / com muito amor / mulher guerreira / a raiz nagô</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
04	<p style="text-align: center;">Canto sublime e danço</p> <p>Canto sublime e danço / trago a alegria do meu ilê / no baque virado mulheres guerreiras mostra p'ra você / baque rosa / baque das ondas e baque trovão / esse baque é virado / traz o axé da minha Nação</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
05	<p style="text-align: center;">Disque 180</p> <p>Disque 180 denuncie o agressor / contra a violência ecoa o meu tambor / com a lei Maria da Penha os machistas não passarão / contra a violência o meu apito sempre à mão / com o apitão / o agressor não tem vez não / piu / piu / com a lei Maria da Penha os machistas não passarão</p> <p>Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
06	<p style="text-align: center;">Eh, eh, eh, ô baque rosa está na rua</p> <p>Eh, eh, eh, ô / baque rosa está na rua pedindo a paz e muito amor / e em mulher não se bate nem com uma flor / já dizia o Capiba não importa sua cor / Baque Mulher na levada do tambor luta contra a violência / o preconceito e o opressor</p>

	Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/ . Acesso em: 9 set. 2022.
07	<p style="text-align: center;">Eu toco tambor</p> <p>Eu toco tambor / meu baque é virado / eu vim de Luanda / que meu rei mandou / salve o rei, salve a rainha / o Baque Mulher é de Nação nagô</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
08	<p style="text-align: center;">Gira roda a saia</p> <p>Gira, roda a saia deixa a poeira no ar / Baque Mulher não deixa tambor calar / vem no xiquexa dos agbês p'ra vadiar / quebrando baqueta no balanço ijexá / na palma da mão e no swing do ganzá / Baque Mulher não deixa tambor calar</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
09	<p style="text-align: center;">Hoje tem alegria</p> <p>Hoje tem alegria / hoje tem alegria / tambor ecoar / esse é o Baque Mulher que nasceu no Pina para empoderar / lutar contra a opressão / violência e exclusão / vem no baque virado trazendo o axé da minha Nação / é de baque virado / é de maracatu / vem quebrando as barreiras / unindo as fronteiras / vencendo o tabu</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
10	<p style="text-align: center;">Mãe Helena, vó Quixaba</p> <p>Mãe Helena / vó Quixaba / é o axé desse ilê / toca o bombo batuqueiro / roda a baiana que eu quero ver / toca o bombo batuqueira / roda a baiana que eu quero ver / Dama do Paço segura o compasso / quebra baqueta / balance o agbê / toca caixa responde o gonguê / Encanto do Pina é Nação p'ra valer / toca caixa responde o gonguê / Encanto do Pina é o axé do dendê</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
11	<p style="text-align: center;">Maria da Penha é forte</p> <p>Maria da Penha é forte / é forte p'ra valer / com sua força e coragem fez a lei acontecer / a lei Maria da Penha / agora eu já sei / 11.340 do ano 2006 / mulheres do mundo inteiro / com garra p'ra vencer / vamos unir as nossas forças e fazer acontecer / temos direito à liberdade / temos direito de viver / temos direito / temos direito / temos direito de vencer</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
12	<p style="text-align: center;">Meu pai Ogum</p> <p>Com a força do meu pai Ogum / meu gonguê carrega axé / sou Encanto do baque virado / sou Nação nagô / salve ogum megê / ogum / ogum tayô / ogum / ogum megê / ogum venceu demanda / ogum êh ogunhê</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
13	<p style="text-align: center;">Mulher guerreira</p>

	<p>Mulher guerreira / mulher de fé / mulher de coragem / mulher com axé / esse baque é virado é o baque nagô / o Baque Mulher tocando tambor / esse baque é virado é o baque nagô / contra a violência e o machismo opressor</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
14	<p style="text-align: center;">Nossa bandeira</p> <p>Veja que linda tão bela nossa bandeira faz arrepiar / é o baque virado com garra / força e coragem eparrey Oyá / toca caixa / mineiro e agbê / pula batuqueira faz tremer o chão / é o baque virado com garra / batendo baqueta saudando a Nação</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
15	<p style="text-align: center;">Ô brilha o sol</p> <p>Ô brilha o sol / brilha a lua / roda a baina e a corte real / Maria de Sônia foi quem fundou / Encanto do Pina de Nação nagô / ô brilha o sol / brilha a lua / roda a baina e a corte real / Dama do Paço mostra p'ra você / a calunga de cera é o axé do dendê</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante. Acesso em: 3 mar. 2022.</p>
16	<p style="text-align: center;">O encanto que vem de Luanda</p> <p>O Encanto que vem de Luanda / vem saudando a rainha do mar / com seu brilho que é da Oxum / Encanto do Pina acabou de chegar / salve os mestres / axé todos mestres / colofé nossa mãe Yemanjá / com seu brilho que é da Oxum Encanto do Pina acabou de chegar</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
17	<p style="text-align: center;">Odilá</p> <p>Na batida do baque virado / bota a saia p'ra rodar / contra o preconceito meu tambor vai ecoar / odilá / odilá, odicá contra violência meu tambor vai ecoar / odilá / odilá, odicá contra a intolerância meu tambor vai ecoar / vem mulher vem mostrar teu axé com força e coragem / esse é o Baque Mulher / vem mulher / vem mostrar teu axé / com força e coragem feminista do Baque Mulher</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
18	<p style="text-align: center;">Periferia</p> <p>Eu sou do gueto mulher preta sim senhor / periferia sou favela Pina / Bode com amor / sou mulher negra o racismo é opressor / sinto a cor da minha pele incomodar por onde vou / periferia sou periferia / Baque Mulher é periferia / meu baque é forte de guerreira, sim senhor / luta contra a violência o preconceito e o opressor</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
19	<p style="text-align: center;">Rosa e laranja</p> <p>Rosa e laranja força e coragem / Baque Mulher aqui já chegou / p'ra saudar todas Nações de baque virado de Nação nagô</p>

	Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/ . Acesso em: 9 set. 2022.
20	<p style="text-align: center;">Saia de chita</p> <p>Saia de chita / laço de fita / Baqueta na mão trazendo axé / são as mulheres guerreiras de fé / esse é o Baque Mulher / Baque Mulher / oi joga meus agbês quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher / oi joga meu mineiro quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher / oi quebra no gonguê quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher / oi quebra no meu caixa quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher / oi quebra meu timbal quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher / oi quebra minhas alfaias quero ver como é / Baque Mulher / Baque Mulher</p> <p>Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
21	<p style="text-align: center;">Sou mulher negra empoderada</p> <p>Sou mulher negra empoderada / trago o axé da nação nagô / feministas do baque virado / mulheres guerreiras tocando tambor / não há violência ou machismo qualquer / que cale meu tambor eu sou Baque Mulher / tocando tambor trazendo axé do baque virado guerreira mulher</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
22	<p style="text-align: center;">Sustenta a pisada</p> <p>Vem meu povo sustenta a pisada / segura a galera na palma da mão / vem saudando Encanto do Pina / Nação Porto Rico, nossas Nações / vem quiloa baque do sertão / o Baque Mulher com seu baque trovão / o mazuca que é da quixaba / segura a pisada na palma da mão</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
23	<p style="text-align: center;">Vem nesse baque de mulheres p'ra lutar</p> <p>Vem nesse baque de mulheres p'ra lutar / contra a desigualdade aqui e em qualquer lugar / de norte a sul os tambores ecoar / na batida do coração baque rosa em ação / vem nesse baque / baque rosa é união / aqui ninguém solta ninguém / na luta contra opressão</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
24	<p style="text-align: center;">Xangô Ayrá</p> <p>Batuqueiro segura esse baque / na batida do coração / batuqueira segura esse baque / na batida do coração / Encanto do Pina com seu esplendor / no baque virado saudando xango / filho de Yemanjá rainha do mar / cabecylê xangô ayrá / ayrá baô ayrá</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>

Fonte: elaboração da autora (2022)

**APÊNDICE K - COMPOSIÇÕES COAUTORAIS DE MESTRA JOANA
CAVALCANTE**

Nº	TÍTULOS DAS LOAS LETRAS DAS LOAS
01	<p style="text-align: center;">Título: Cheguei na beira do mar (Mestra Joana compôs essa loa em parceria com o seu pai Marcelo Cavalcante)</p> <p>Cheguei na beira do mar / vi um Encanto tão bonito / era uma sereia / que se chama Janaína / toca as alfaias / toca as alfaias / toca as alfaias o Encanto chegou / toca as alfaias / toca as alfaias / toca as alfaias o Encanto do Pina é de Nação nagô.</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
02	<p style="text-align: center;">Título: Foi agora que eu cheguei (Mestra Joana compôs essa loa em parceria com Tenily Guian)</p> <p>Foi agora que eu cheguei / para dar o meu recado / sou eu Encanto do Pina de Nação nagô de baque virado / cheguei no brilho do ouro / nas ondas do mar sagrado / sou eu Encanto do Pina peço licença p'ra dar o meu recado</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
03	<p style="text-align: center;">Título: Guerreira de fogo (Mestra Joana compôs essa loa em parceria com o seu ex-esposo/companheiro mestre Chacon Viana e a batuqueira Andressa)</p> <p>Mulheres que lutaram pela liberdade / mulheres guerreiras guerrearam com todo esplendor / duvidam da capacidade e da força de uma mulher / juntas nós somos mais fortes / aqui quem fala é o Baque Mulher / guerreira do fogo orixá da justiça / senhora do vento com todo esplendor</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
04	<p style="text-align: center;">Título: Menina segura o baque (Mestra Joana compôs essa loa em parceria com o seu ex-esposo/companheiro mestre Chacon Viana)</p> <p>Bate o bombo não bambeia quero ver tambor falar / menina segura o baque não deixa tambor calar / bate o bombo não bambeia quero ver tambor falar / ai êeu mamãe Oxum eparrey odomya</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
05	<p style="text-align: center;">Título: Meu baque é forte (Mestra Joana compôs essa loa em parceria com o seu ex-esposo/companheiro mestre Chacon Viana)</p> <p>Meu baque é forte segure a pisada menina danada quero ver quem é / sou de Luanda / sou Nação nagô / o Baque Mulher aqui já chegou / meu baque é forte segure a pisada menina danada quero ver quem é / sou de Luanda / sou Nação nagô / o Baque Mulher tocando tambor</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>

Fonte: elaboração da autora (2022)

**APÊNDICE L - LOAS / PONTOS / MÚSICAS QUE FORAM MENCIONADAS NAS
ENTREVISTAS E SUAS RESPECTIVAS AUTORIAS**

Nº	ENTREVISTADAS GUERREIRAS	TÍTULOS DAS LOAS / PONTOS / MÚSICAS AUTORIAS DAS LOAS / PONTOS / MÚSICAS
01	Guerreira 3 do Sudeste Guerreira 6 do Sudeste Guerreira 12 do Sudeste Guerreira 17 do Nordeste Guerreira 19 do Centro-Oeste	<p align="center">Título: As mulheres da minha Nação Autoria: Tenily Guian</p> <p>As mulheres da minha Nação / são guerreiras, batuqueiras / baianas e <i>yalorixás</i> / conhecem a fundo o segredo do mundo com brilho da Oxum e a coragem de Oyá / a Dama do Paço carrega a calunga / mãe lemanjá vem nos abençoar</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
02	Guerreira 3 do Sudeste Guerreira 7 do Sudeste	<p align="center">Título: Baque rosa é ação Autoria: Ana Paula Guedes e Andreza Andreia</p> <p>Hê, hê, hê, Baque Mulher corre p'ra ver / hê, hê, hê quem nunca viu vem conhecer / nasceu com as cores definidas / mulheradas na ativa fortaleza e poder / na batida / baque rosa é a ação / é a fundamentação na história da Nação / o machismo aqui dentro não se cria / orixá é nosso guia / muito axé p'ra nos mover / vem guerreiras / faz parte dessa família / união a gente tem / aqui ninguém solta ninguém / hê, hê, hê, Baque Mulher corre p'ra ver / hê, hê, hê quem nunca viu vem conhecer</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
03	Guerreira 11 do Sudeste Guerreira 12 do Sudeste Guerreira 18 do Sul Guerreira 24 do Sul	<p align="center">Título: Bate o tambor ó negra Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Bate o tambor ó negra / eu quero ver a poeira subir / é nesse baque que eu vou / é nesse baque meu amor / mulher guerreira tocando tambor / rosa e laranja eu sou / eu sou / Baque Mulher com muito amor / mulher guerreira a raiz nagô</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
04	Guerreira 12 do Sudeste	<p align="center">Título: Bota o cavalo p'ra correr Autoria: Doralyce</p> <p>(Essa música não compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher)</p> <p>Não há mal que ele não vença / é senhor do meu destino / é dono da minha cabeça / ele está sempre comigo / tu me atire a pedra certa / ou tu saiba atirar / ele vem lá das pedreiras / os seus filhos vêm vingar / se eu peço ele me escuta / então tu erre o meu caminho / ou vai se ver com Tranca-Rua / e o dendê de Malunguinho / bota o cavalo p'ra correr / p'ra correr / pr'a correr / quem mandou foi João Batista / acho melhor tu obedecer / papai veio de Aruanda / bota o cavalo p'ra correr</p>

		Disponível em: https://www.letras.mus.br/doralyce/bota-o-cavalo/ . Acesso em: 9 set. 2022.
05	Guerreira 17 do Nordeste	<p>Título: Companheira me ajude Autoria: Domínio público</p> <p>Companheira me ajude / que eu não posso andar só / eu sozinha ando bem / mas com você ando melhor / ô companheira me ajude / que eu não posso andar só / eu sozinha ando bem / mas com você ando melhor</p> <p>Loa cantada pela Guerreira 17 do Nordeste durante a entrevista, concedida em 24 de junho de 2020 pela entrevistada.</p>
06	Guerreira 12 do Sudeste	<p>Título: Deixa a gira girá Autoria: Os Tincoãs</p> <p>(Essa música não compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher)</p> <p>lê oh / lê oh / lh ioh / meu pai veio da Aruanda / e a nossa mãe é lansã / meu pai veio da Aruanda / e a nossa mãe é lansã / ô gira / deixa a gira girá / deixa a gira girá / Saravá lansã! / é Xangô e Iemanjá / iê deixa a gira girá... / lê...dururururu, lá, lálailá, lálaiálá / "Zambi, rô, Zambi, Zambi na qua tê sá baquice, baquice, batabaquice de Orixá / kylê ibai, totê de maiungá / xê cumarô loxê kulundu loxê / keto tá sôto atotô, oba!" / meu pai veio da Aruanda / e a nossa mãe é lansã / ô gira / deixa a gira girá</p> <p>Disponível em: https://www.letras.mus.br/os-tincoas/1654036/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
07	Mestra Joana Guerreira 16 do Sul Guerreira 18 do Sul Guerreira 19 do Centro-Oeste	<p>Título: Disque 180 Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Disque 180 denuncie o agressor / contra a violência ecoa o meu tambor / com a lei Maria da Penha os machistas não passarão / contra a violência o meu apito sempre à mão / com o apitaço / o agressor não tem vez não / piu / piu / com a lei Maria da Penha os machistas não passarão</p> <p>Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
08	Guerreira 15 do Sudeste	<p>Título: E o laranja de Obá Autoria: Glória Cunha</p> <p>O rosa de Oyá e o laranja de Obá inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / Tereza de Benguela / Dandara de Palmares inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / Luiza Mahin / Carolina de Jesus inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / Angela Davis / Clementina de Jesus inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / mãe Helena e vó Quixaba / mãe Enézia e dona Elda inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / nossa mestra Joana e o poder feminino inspiram esse baque / é mulher que vai tocar / Geralda e sinha mães Dango e Corajacy inspiram esse baque / é mulher que vai tocar</p>

		Disponível no arquivo pessoal da compositora. Informação concedida em 15 de maio de 2020 pela Guerreira 15 do Sudeste, compositora dessa loa.
09	Guerreira 1 do Nordeste	<p>Título: Meu maracatu nascido no manguezal Autoria: Flávia Diniz</p> <p>Meu maracatu nascido no manguezal / amor como esse na vida nunca vi igual / mestra Joana quem fundou com muito axé / mostrando p'ro mundo a força de uma mulher / meu baque é virado / feminista e de fé / mostrando que lugar de mulher / é onde ela quiser/ eu sou / eu sou Baque Mulher / rosa e laranja mudou o meu destino / com a força nagô tocando o meu tambor / é o poder feminino</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 15 de maio de 2020 pela entrevistada.</p>
10	Guerreira 9 do Sul Guerreira 12 do Sudeste Guerreira 18 do Sul Guerreira 19 do Centro-Oeste Guerreira 20 do Centro-Oeste Guerreira 26 do Sul Guerreira 27 do Sul Guerreira 29 do Nordeste Guerreira 31 do Nordeste	<p>Título: É por este baque Autoria: Helen Ábramo</p> <p>É por este baque / que eu ergo a voz / eu não ando sozinha / eu venho por mim / venho por todas nós / e se mexer com ela / eu não vou deixar / não vou / esse baque é maré / vem das ondas mulher filha de lemanjá / e se mexer com ela / eu não vou deixar / não vou / mulher guerreira com brilho da Oxum e a coragem de Oyá</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
11	Guerreira 4 do Sudeste Guerreira 15 do Sudeste	<p>Título: Feministas do baque virado Autoria: Glória Cunha</p> <p>Feministas do baque virado / gira esse baque / gira o mundo / transforma a vida / ela pode mudar / feministas do baque virado / muda esse baque / é Oxum que chega e avisa / que quer o abatá / ora ieie / toca o agbê / tem a princesa e o seu abatá / ora ieie vamos vencer / temos Oxum p'ra nos abençoar</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
12	Guerreira 15 do Sudeste	<p>Título: Guerreiras de Palmares Autoria: Glória Cunha</p> <p>A marcha de Zumbi / também é de Dandara / Aquatune e Sabina / guerreiras de Palmares / meu povo vem p'ra rua / vamos festejar / consciência negra no tambor vai ecoar</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 15 de maio de 2020 pela entrevistada.</p>
13	Mestra Joana Guerreira 1 do Nordeste Guerreira 8 do Nordeste Guerreira 15 do Sudeste Guerreira 30 do Nordeste	<p>Título: Maria da Penha é forte Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Maria da Penha é forte / é forte p'ra valer / com sua força e coragem / fez a lei acontecer / a lei Maria da Penha / agora eu já sei / 11.340 do ano 2006 / mulheres do mundo inteiro / com garra p'ra vencer /</p>

		<p>vamos unir as nossas forças e fazer acontecer / temos direito à liberdade / temos direito de viver / temos direito / temos direito / temos direito de vencer</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
14	Guerreira 12 do Sudeste	<p>Título: Marielle guerreira nasceu na Maré p'ra o mundo dominar Autoria: Tenily Guian</p> <p>Nasceu na Maré p'ra o mundo dominar / Marielle guerreira sua voz não vai se calar / vamos lutar incansavelmente / nossas vidas importam / Marielle guerreira sempre presente</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 3 de março de 2020 pela entrevistada.</p>
15	Guerreira 15 do Sudeste	<p>Título: Marielle guerreira Baque Mulher chegou para louvar Autoria: Glória Cunha</p> <p>Baque Mulher / chegou para louvar Marielle / heroína popular / bate o tambor por onde for / cante esta história de luta e dor / Marielle guerreira / mulher negra brasileira / Marielle assassinada e a justiça não faz nada / Baque Mulher / chegou para louvar Marielle / heroína popular / Marielle quem é? / filha da Maré</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 15 de maio de 2020 pela entrevistada.</p>
16	Guerreira 23 do Norte	<p>Título: Meu baque é forte Autoria: Mestra Joana Cavalcante e mestre Chacon Viana</p> <p>Meu baque é forte segure a pisada / menina danada quero ver quem é / sou de Luanda / sou Nação nagô / o Baque Mulher aqui já chegou / meu baque é forte segure a pisada / menina danada quero ver quem é / sou de Luanda / sou Nação nagô / o Baque Mulher tocando tambor</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
17	Guerreira 12 do Sudeste	<p>Título: Miss beleza universal Autoria: Doralyce (Essa música não compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher)</p> <p>Mode on high tech / modelo ocidental / magra, clara e alta miss beleza universal / é ditadura / quanta opressão / não basta ser mulher / tem que tá dentro do padrão / miss beleza / miss beleza universal / miss beleza / miss beleza universal / miss beleza / miss beleza universal / foda-se o padrão / miss beleza / miss beleza universal / miss beleza / patriarcado passa mal / miss beleza / miss beleza universal / miss beleza / até o patriarcado cair / as grades do sistema que me prendem / limitam esse espaço / dessa ordem e progresso / numa nacionalidade mista / Chico Science me diria onde se afoga a democracia / a democracia é ditadura disfarçada / a democracia / a</p>

		<p>queda da hierarquia é anarquia / finda-se o governo / fode o capital / é pouco fomento p'ra tanta burocracia / escravos de nós mesmos / e o que podemos comprar / pagar / miss beleza, miss beleza universal</p> <p>Disponível em: https://www.letras.mus.br/bia-ferreira/miss-beleza-universal/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
18	Guerreira 6 do Sudeste	<p>Título: Mulher guerreira batuqueira, brasileira Autoria: Aline Valentim</p> <p>Mulher guerreira / batuqueira / brasileira salve a mãe Oxum / mulher guerreira / batuqueira / brasileira salve Nanã e lemanjá / mulher guerreira / batuqueira / brasileira salve mamãe Oxum / mulher guerreira / batuqueira salve Nanã e lemanjá / <i>yabás / yalorxás</i> curandeiras do meu Brasil / sabedoria popular / que as nossas mulheres nutriu / somos forte como o vento / procura as águas do mar / somos do Rio Dourado e da lama para sustentar / eparrê, eparrê, eparrê e eparrê / oraeê, oraeê, oraeê, oraeê, eoô / eparrê, parrê, oraeê, eoô</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 28 de fevereiro de 2020 pela entrevistada.</p>
19	Guerreira 23 do Norte	<p>Título: Mulher guerreira, mulher de fé, mulher de coragem Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Mulher guerreira / mulher de fé / mulher de coragem / mulher com axé / esse baque é virado / é o baque nagô / o Baque Mulher tocando tambor / esse baque é virado / é o baque nagô / contra a violência e o machismo opressor</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
20	Guerreira 2 do Centro-Oeste Guerreira 21 do Norte Guerreira 30 do Nordeste	<p>Título: No Baque Mulher me tornei aprendiz Autoria: Não identificada</p> <p>No Baque Mulher encontrei minha raiz / hoje eu sou batuqueira / encontrei minha raiz / com a força do baque / não há quem me pare / eu sou guerreira e não ando só / e junto com outras / eu sou bem maior</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
21	Guerreira 11 do Sudeste	<p>Título: No Baque Mulher você toca o que quiser Autoria: Roberta Marangoni</p> <p>No Baque Mulher você pode fazer tudo / ainda mais quando damos as mãos / esse exército é poder puro / no Baque Mulher você toca o que quiser / alfaia, timbal, mineiro e gonguê / toca caixa e agbê / o Baque Mulher não é contra o homem não / quem quiser chegar para somar / vem com a gente guerrear</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 28 de fevereiro de 2020 pela entrevistada.</p>
22	Guerreira 12 do Sudeste	<p>Título: O axé da minha Nação</p>

		<p>Autoria: Tenily Guian</p> <p>O axé da minha Nação / vem do meu barracão / sou Encanto do Pina / com as folhas alfazema e danda / vou p'ro meu carnaval com proteção divina / minha vó que tem conhecimento / cuida dos fundamentos p'ra eu desfilar / com a força do meu barracão / saio na proteção com os meus orixás</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
23	Guerreira 2 Centro-Oeste Guerreira 13 do Centro-Oeste Guerreira 24 do Sul	<p>Título: Obá Sirè Autoria: Laís Fialho</p> <p>Poderosa e sagrada / Oba vem nesse congá / p'ra trazer coragem e força / p'ro Baque Mulher passar / ela vem de elekô / o reinado de mulher / p'ra lembrar que o lugar dela / é onde ela quiser / é nessas águas que nos movemos / Obá Sirè elekô aja oci / é nessa força que nós seguimos / Obá Sirè elekô aja oci</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
24	Guerreira 20 do Centro-Oeste	<p>Título: O Semente é baque nagô Autoria: Raissa Romano (Essa música não compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher)</p> <p>É filho de Porto Rico / o seu pai é Xangô! / o Semente é baque nagô / com a baqueta na mão / cantando vem saudar o maracatu de Recife / a força dos orixás / Kaô / Kaô kabecilê / aganju Xangô é o rei do candomblé</p> <p>Disponível no arquivo pessoal da autora. Informação concedida em 1 de março de 2020 pela entrevistada.</p>
25	Guerreira 8 do Nordeste	<p>Título: Periferia Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Eu sou do gueto / mulher preta sim senhor / periferia sou favela / Pina Bode com amor / sou mulher preta / o racismo é opressor / sinto a cor da minha pele / incomodar por onde vou / meu baque é forte de guerreira sim senhor / luto contra a violência / o preconceito e o opressor / periferia sou periferia / Baque Mulher é periferia</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
26	Guerreira 4 do Sul Guerreira 5 do Sudeste Guerreira 28 do Nordeste Guerreira 31 do Nordeste	<p>Título: Poder feminino Autoria: Rudah Felipe e Robson Batista</p> <p>Deusa da beleza Oxum / é o poder feminino / seu templo sagrado é em Osogbo / ôô ôô / e aqui no Brasil vamos tocar tambor / em seu louvor / p'ra tradição se preservar as crianças vão cantar / no balanço ijexá / ora yeye o yalodê, Orixá / a força das águas conservar / vai manter / vai cuidar / mãe do ventre puro amor / divindade yorubá / yapetebi orùnmilá</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
27	Guerreira 27 do Sul	<p>Título: Raiz batuqueira</p>

		<p>Autoria: Não identificada</p> <p>Morena raiz batuqueira / menina guerreira que toca o amor / garota segura a pisada / pois forte é a pancada do baque nagô / do gueto vem nega beleza / flor da realeza tocando tambor / garota segura a pisada / pois forte é a pancada do baque nagô</p> <p>Disponível no acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022).</p>
28	Guerreira 17 do Nordeste	<p>Título: Saia de chita Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Saia de chita / laço de fita / baqueta na mão trazendo axé / são as mulheres guerreiras e de fé / esse é o Baque Mulher / na palma da mão quero ver como é / esse é o Baque Mulher / oi joga meus agbês quero ver como é / Baque Mulher / oi joga o mineiro quero ver como é / Baque Mulher / oi quebra no gonguê quero ver como é / Baque Mulher / no meu caixa quero ver como é / Baque Mulher / meu timbal quero ver como é / Baque Mulher / minhas alfaias quero ver como é / Baque Mulher</p> <p>Disponível em: https://baquemulher.com.br/carnaval/carnaval-2018/repertorio-2018/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
29	Guerreira 12 do Sudeste	<p>Título: Se meu pai é Ogum Autoria: Umbanda</p> <p>(Essa música não compõe o repertório do Maracatu Baque Mulher)</p> <p>Se meu pai é Ogum / vencedor de demandas / ele vem de Aruanda p'ra salvar filhos de umbanda / Ogum / Ogum Yara / Salve os campos de batalha / salve a sereia do mar / Ogum / Ogum Yara</p> <p>Disponível em: https://www.lettras.mus.br/umbanda/se-meu-pai-e-ogum/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>
30	Mestra Joana Guerreira 5 do Sudeste Guerreira 6 do Sudeste Guerreira 9 do Sul Guerreira 10 do Sudeste Guerreira 11 do Sudeste Guerreira 12 do Sudeste Guerreira 13 do Centro-Oeste Guerreira 14 do Sudeste Guerreira 22 do Sul Guerreira 25 do Nordeste Guerreira 26 do Sul Guerreira 31 do Nordeste	<p>Título: Sou mulher negra empoderada Autoria: Mestra Joana Cavalcante</p> <p>Sou mulher negra empoderada / trago o axé da Nação nagô / feministas do baque virado / mulheres guerreiras tocando tambor / não há violência / ou machismo qualquer / que cale meu tambor / eu sou Baque Mulher / tocando tambor / trazendo axé / do baque virado guerreira mulher</p> <p>Disponível em: http://baquemulher.com.br/loas/. Acesso em: 9 set. 2022.</p>

Fonte: elaboração da autora (2021)

**APÊNDICE M - TÍTULOS DAS LOAS QUE COMPÕE O REPERTÓRIO DO
MARACATU BAQUE MULHER, NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO
PINA, MARACATU ENCANTINHO DO PINA, MAZUCA DA QUIXABA E SUAS
RESPECTIVAS AUTORIAS**

Nº	TÍTULOS DAS LOAS	AUTORIAS
001	A batida do coração [meu tambor tem]	Mestra Joana Cavalcante
002	Aê Encanto	Mestre Chacon Viana - ex-esposo da Mestra
003	As mulheres da miha Nação	Tenily Guian - coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro
004	Atoto	Tenily Guian - homenagem ao <i>babalorixá</i> D.A/Adalberto de Lima Cavalcante Filho, tio da Mestra
005	Axé, axé	Não identificada
006	Ayrá baó	Não identificada
007	Baque da minha Nação	Mestra Joana Cavalcante
008	Baque rosa é ação	Ana Paula Guedes - colaboradora do Encanto do Pina e Andreza Andreia - batuqueira do Baque Mulher Recife
009	Baque rosa toca Porto Rico	Não identificada
010	Bate baqueta segura a pisada	Mestra Joana Cavalcante
011	Bate o tambor ô negra	Mestra Joana Cavalcante
012	Batuqueiro segure esse baque	Vinícius Rocha
013	Boa noite meu senhor [meu baque chegou]	Mestra Joana Cavalcante e o compositor Tó
014	Boa noite meu senhor [cheguei agora]	Surama Reis
015	Cabelos negra	Tenilly Guian
016	Cantei p'ra vovó	Belinha Caldas - batuqueira do Baque Mulher Recife
017	Canto coco com Mazuca	Mestra Joana Cavalcante
018	Canto sublime e danço	Mestra Joana Cavalcante
019	Carrega nos ventos	Mestra Joana Cavalcante
020	Chega meu povo	Não identificada
021	Chegou meu baque	Não identificada
022	Cheguei agora	Não identificada
023	Chequei na beira do mar	Marcelo Cavalcante em parceria com a filha, mestra Joana Cavalcante
024	Com a força do meu pai Ogum	Mestra Joana Cavalcante
025	Com o rosa de lansã	Maria Gabi - batuqueira do Baque Mulher Brasília
026	Companheira me ajude	Domínio público
027	Coroou	Tenily Guian - coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro
028	Dançar minha Mazuca	Mestra Joana Cavalcante
029	Deusa da beleza	Rudah Felipe e Robson Batista
030	Disque 180	Mestra Joana Cavalcante
031	E o laranja de Obá	Glória Cunha - batuqueira do Baque Mulher Campinas
032	É por esse baque	Helen Ábramo
033	Eeeô baque rosa tá na rua	Mestra Joana Cavalcante
034	Encanto do Pina [lá no mangue]	Augusto Menezes - uma homenagem a <i>yalorixá</i> Maria de Quixaba, fundadora do <i>Ylé Axé Oxum Deym</i>
035	Encanto do Pina [Nação de Mina]	Origem tradicional
036	Encanto do Pina é vovó	Roberta Marangoni - coordenadora do Baque Mulher São Paulo e Tenily Guian - coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro
037	Encanto que vem de Luanda	Não identificada
038	Esse baque desde a cachoeira	Augusto Menezes - uma saldação para Oxum
039	Eu toco tambor [salve rei, salve rainha]	Mestra Joana Cavalcante
040	Feministas do baque virado	Glória Cunha - batuqueira do Baque Mulher Campinas
041	Foi agora que eu cheguei	Surama Reis
042	Foi ela	Belinha Caldas - batuqueira do Baque Mulher Recife

043	Foi no pina que aconteceu	Deborah Trittoli
044	Gira roda a saia	Mestra Joana Cavalcante
045	Guerreira de fogo	Mestra Joana Cavalcante, Chacon Viana e a batuqueira Andressa - homenagem as mulheres que lutaram pela liberdade
046	Guerreiras de Palmares	Glória Cunha - batuqueira do Baque Mulher Campinas
047	Hoje tem alegria	Mestra Joana Cavalcante
048	Janaína [foi, foi Janaína]	Mestre Chacon Viana
049	Jobiuê nijá toco o tambor no <i>ilê</i>	Não identificada
050	Lagrimas dos orixás	Não identificada
051	Mãe das águas doces	Samuel Rodrigo
052	Mãe Helena, vó Quixaba	Mestra Joana Cavalcante
053	Maria da Penha é forte	Mestra Joana Cavalcante
054	Maria Padilha é Mojubá	Não identificada
055	Marielle guerreira [Baque Mulher chegou para louvar]	Glória Cunha - homenagem a Marielle Franco (<i>in memorian</i>)
056	Marielle guerreira [nasceu na Maré]	Tenilly Guian - homenagem a Marielle Franco (<i>in memorian</i>)
057	Menina segura o baque	Mestra Joana Cavalcante e mestre Chacon Viana
058	Menina, raiz batuqueira	Água - batuqueiro da Nação Porto Rico
059	Mestra ô Mestra	Belinha Caldas - batuqueira do Baque Mulher Recife
060	Meu axé [minha força]	Tenily Guian e Aline Valentim - dançarina do Baque Mulher Rio de Janeiro
	Meu baque chegou	Mestra Joana Cavalcante
061	Meu baque é forte	Mestra Joana Cavalcante e mestre Chacon Viana
062	Meu maracatu nascido no manguezal	Flávia Diniz - homenagem à mestra Joana Cavalcante
063	Meu pai Ogum	Mestra Joana Cavalcante
064	Meu tambor tem a batida do coração	Não identificada
065	Minha doce mãe	Não identificada
066	Mulher guerreira [batuqueira brasileira]	Aline Valentim
067	Mulher guerreira [mulher de fé, mulher de coragem]	Mestra Joana Cavalcante
068	Mulheres que lutaram	Andressa, mestra Joana Cavalcante e mestre Chacon Viana
069	Na batida do coração	Mestra Joana Cavalcante
070	Nação pernambucana	Vivian - batuqueira do Estrela de Aruanda
071	Nagô bate tambor	Não identificada
072	Não é não	Tenilly Guian
073	Nasceu com as cores definidas	Não identificada
074	No Baque Mulher me tornei aprendiz	Não identificada
075	No Baque Mulher você toca o que quiser	Roberta Marangoni
076	No romper da Aurora	Não identificada
077	No <i>Ylé Oxum Deym</i>	Matê e César
078	Nossa bandeira	Mestra Joana Cavalcante
079	O axé da minha Nação	Tenily Guian
080	Ô brilha o sol, brilha a lua	Mestra Joana Cavalcante
081	O Encanto chegou ôô, ôôô	Ryan - batuqueiro do Alfaias da Praia
082	O Encanto que vem de Luanda	Mestra Joana Cavalcante
083	Ô venha ver meu povo o Encanto na passarela	Mestra Joana Cavalcante e o compositor Tó
084	Obá Sirê	Laís Fialho - coordenadora do Baque Mulher Maringá
085	Odilá	Mestra Joana Cavalcante
086	Ogum Tayo	Origem religiosa tradicional
087	Oh! Mensageiro da paz	Tenily Guian
088	Ouvi os tambores zuado	Edney de Omulu
089	Oyá senhora dos ventos	Roberta Marangoni
090	Oye grito de guerra	Vivian

091	Pé, pé, pé, pé de guiné,	Origem religiosa tradicional - ponto de preto velho da umbanda
092	Pega a tua proteção	Tenily Guian
093	Periferia	Mestra Joana Cavalcante
094	Poder feminino	Rudah Felipe e Robson Batista
095	Povo de axé	Não identificada
096	Quarenta anos de tradição Yéyê Omo Eja	Ryan do Alfaias da Praia e Tenily Guian
097	Raiz batuqueira	Não identificada
098	Reafirmo a minha fé	Tenilly Guian e Aline Valentin
099	Renasceu, renasceu	Surama Reis
100	Respeite o rufar dos tambores	André da Mata - saudação aos tambores
101	Rosa e laranja	Mestra Joana Cavalcante e mestre Chacon Viana
102	Rufem os tambores, toca o egó	Tenily Guian
103	Saia de chita	Mestra Joana Cavalcante
104	Salve a força	Tenily Guian
105	Salve Exu ele pisa no toco do galho só	Não identificada
106	Salve o Encanto do Pina	Não identificada
107	Saudação as nações	Não identificada
108	Segue embaixador	Origem tradicional
109	Seus cabelos compridos meu maracatu de sereia	Gabriel Brum
110	Sou espada de lansã	Ryan do Alfaias da Praia
111	Sou mulher negra empoderada	Mestra Joana Cavalcante
112	Sou mulher, sou guerreira	Não identificada
113	Sustenta a pisada	Mestra Joana Cavalcante
114	Tambor ecoou	Não identificada
115	Tem guardião na porteira	Não identificada
116	Traz no baque a força dos orixás	Belinha Caldas
117	Veja que Encanto tão lindo	Surama Reis - saldação a Nação Encanto do Pina
118	Veja que linda tão bela nossa bandeira	Mestra Joana Cavalcante
119	Vem meu povo [a batida do coração]	Mestra Joana Cavalcante
120	Vem nesse baque de mulheres p'ra lutar	Mestra Joana Cavalcante
121	Vi o rio [salve Oxum]	Ryan do Alfaias da Praia
122	Vou deixar pedra rolar [toca tambor]	Ryan do Alfaias da Praia
123	Xangô Ayrá	Vinícius Rocha
124	Ya bata lodê	Origem tradicional do candomblé nagô
125	Yakekere	Não identificada
126	Yalodê	Deivson Santana e Vinicius
127	Yeye Omo Eja [40 anos de tradição]	Ryan do Alfaias da Praia

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE N - HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE, REPRESENTANDO O MARACATU BAQUE MULHER



Imagem: a)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)



Imagem: b)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)



Imagem: c)

Fonte: rede social/site do Movimento (2022)



Imagem: d)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)



Imagem: e)

Fonte: rede social/instagram - @baquemulherrecifematriz do Movimento (2022)



Imagem: f)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)



Imagem: g)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)

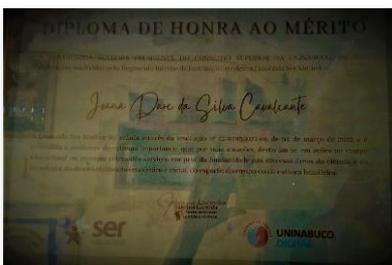


Imagem: h)

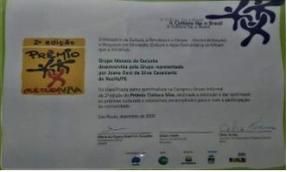
Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)



Imagem: i)

Fonte: acervo pessoal da Mestra (2022)

APÊNDICE O - HONRARIAS À MESTRA JOANA CAVALCANTE, REPRESENTANDO O YLÊ AXÉ OXUM DEYM, NAÇÃO DO MARACATU ENCANTO DO PINA, MARACATU ENCANTINHO DO PINA, MAZUCA DA QUIXABA E FILHAS DA OXUM OPARÁ

 <p>Imagem: a) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: b) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: c) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>
 <p>Imagem: d) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: e) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: f) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>
 <p>Imagem: g) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: h) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: i) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>
 <p>Imagem: j) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: k) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2022)</p>	 <p>Imagem: l) Fonte: acervo pessoal da Mestre (2023)</p>

P - TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL AO MARACATU NAÇÃO



Fonte: acervo pessoal de mestra Joana Cavalcante (2022)

APÊNDICE Q - AGENDA DE MESTRA JOANA CAVALCANTE 2022 – 2023

MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Janeiro 2022	01	Festa em comemoração ao primeiro dia do ano de 2022 com o Baque Mulher Recife na Comunidade Bode
	09	Roda de diálogo com o Baque Mulher Recife
	16 e 23	Oficina de maracatu com o Baque Mulher Recife
	26, 30 e 31	Ensaio com o Baque Mulher Recife para a <i>live</i> “Carnaval 2022 da Resistência com as Feministas do Baque Virado”, em alusão ao carnaval do Movimento
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Fevereiro 2022	04 a 08	Roda de diálogo e oficina de maracatu em Ipatinga e Pirapora, municípios brasileiros localizados no interior do Estado de Minas Gerais, objetivando abrir grupos do Movimento nesses municípios
	06	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Eriannia Maria, batuqueira do Baque Mulher Recife, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Ela é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina
	13 e 20	Ensaio geral com o Baque Mulher Recife para a <i>live</i> “Carnaval 2022 da Resistência com as Feministas do Baque Virado”, em alusão ao carnaval do Movimento
	26	<i>Live</i> “Carnaval 2022 da Resistência com as Feministas do Baque Virado”, em alusão ao carnaval do Movimento
	27	Roda de diálogo, oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife na Comunidade do Bode
	MÊS ANO	DIAS
Março 2022	06, 13 e 20	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife na Comunidade do Bode
	27	Roda de diálogo, oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife na Comunidade do Bode
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022

Abril 2022	01 a 12	Roda de diálogo e oficina de maracatu no Baque Mulher Lisboa, sediado em Portugal
	03	Entrevista coletiva a imprensa em Lisboa
	04	Mediou o debate sobre o filme “Mães do Pina” em Lisboa
	09	Cortejo com o Baque Mulher Lisboa
	10	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Maria Eduarda, batuqueira do Baque Mulher Recife, Nação do Maracatu Encanto do Pina, filha de santo de mestra Joana e educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina
	12	Solenidade de encerramento das vivências sobre maracatu no Baque Mulher Lisboa
	17	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	24	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Maya Silva, batuqueira do Baque Mulher Recife, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Ela é filha de santo de mestra Joana e educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Mai 2022	01	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Jamile Passos, batuqueira do Baque Mulher Recife, Nação do Maracatu Encanto do Pina, filha de santo de mestra Joana e educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina
	02	Criou o grupo de WhastApp intitulado “Agregados do Oxum Deym”, objetivando promover a troca de respeito e carinho entre as filhas e filhos de santo, bem como transmitir informações referentes as cerimônias e cultos religiosos as pessoas simpatizantes, colaboradoras e agregadas do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> . Segundo mestra Joana, “uma filha ou filho de santo que não respeita seu solo sagrado está no caminho errado, pois o terreiro é um templo religioso, não é roupa que [...] troca quando não serve mais”
	06	Celebração em homenagem ao dia das mães na escola de Jhadyanna D’arc sua filha caçula, batuqueira do Baque Mulher Recife. Ela aos quatro anos já toca todos os instrumentos que são docados nas Nações Encando do Pina e Porto Rico. Jhadyanna é participante dos maracatus mirins dessas Nações
	07	Reunião de planejamento com o Baque Mulher Recife
	08	Festa em homenagem ao dia das mães na Comunidade do Bode

	09	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Leorranny Beatriz, batuqueira do Baque Mulher Recife, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Ela é sobrinha da Mestra
	10	Aniversário da sua avó paterna vó Quixaba, <i>yalorixá</i> do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> , situado na Comunidade do Bode
	11	Ensaio com o Mazuca da Quixaba no terreiro do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> , situado na Comunidade do Bode
	12	Assistiu em formato <i>on-line</i> a apresentação artística do Baque Mulher Recife, realizada no 19º Congresso do Movimento Negro Unificado, sediado em Recife. A Mestra, designou Erivannia Maria para representá-la nessa apresentação. Oficializou a fundação do Baque Mulher Ipatinga e do Baque Mulher Pirapora, sediados no interior de Minas Gerais.
	12 a 16	Participação especial no Festival Obá Xirê - 4ª edição, realizado em Maringá, Paraná. Teve participação nas edições anteriores
	15	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Suelly Luanny, batuqueira do Baque Mulher Recife, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico.
	17 a 24	Participação especial no Festival Poder Feminino - 1ª edição, realizado em Foz do Iguaçu, Paraná. Além da Mestra, ministraram oficinas de maracatu nesse festival, Tenily Guian - coordenadora do Baque Mulher Rio de Janeiro e Elba Mariana - batuqueira do Baque Mulher Recife
	19	Supervisionou de forma <i>on-line</i> o ensaio do Mazuca da Quixaba realizado no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
	20	Entrevista à Rádio Cultura Foz ²⁴⁹
	21	Assistiu de forma <i>on-line</i> a apresentação artística do Mazuca da Quixaba, realizada no Encontro de Coco Mané João do Pina, sediado no Pina. Ela designou Isabelle Caldas para representá-la nesse encontro
	22	Supervisionou de forma <i>on-line</i> a oficina de maracatu ministrada por Shirlene Benta, batuqueira do Baque Mulher Recife, das Nações Encanto do Pina e Porto Rico. Ela é educadora social voluntária do Projeto Encantinho do Pina
	29	Roda de diálogo, oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022

²⁴⁹ Entrevista disponível em: [\(3\) Facebook](#). Acesso em: 20 maio 2022.

Junho 2022	02	Reunião de forma <i>on-line</i> com o Baque Mulher João Pessoa, sediado na Paraíba
	03 a 05	Supervisionou a oficina “Confecção de Agbê” ministrada por Djúlio Alberto Oliveira de Araújo, agbezeiro da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Oficina realizada na sede desta nação, sediada na Comunidade do Bode
	04	Cerimônia religiosa em alusão ao mestre Manoel Coréa - patrono espiritual do Mazuca da Quixaba. Nessa data o grupo referendado completou 18 anos de existência, saravando aos encantos da jurema sagrada
	05	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	10 a 13	Roda de diálogo e oficina de maracatu com o Baque Mulher Florianópolis, sediado em Santa Catarina
	15	Reunião de forma <i>on-line</i> com as coordenadoras do Movimento
	10	Entrevista de forma <i>on-line</i> referente a dissertação de mestrado da pesquisadora Alcinéia Soares, veiculada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, sediada em Salvador
	16	Representou o Baque Mulher e a Nação Encanto do Pina na reunião realizada no museu do Recife
	18	Participou juntamente com as integrantes do Baque Mulher Recife de um diálogo político não partidário com a Vereadora Dani Portela na sede desse movimento
	19	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	21	Apresentação artística com o Mazuca da Quixaba, realizada na Comunidade do Bode
	25	Arraiá Encantado na Comunidade do Bode, em alusão ao festejo junino dessa comunidade
	26	Roda de diálogo, oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	30	Cerimônia religiosa “Xirê Amalá para Xangô” no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
	02	Cerimônia “Coco Zé Pilitra” no <i>ilê</i> de mãe Laura, situado na Comunidade do Bode
	03	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife

Julho 2022	08	Reunião das agremiações de maracatu, realizada no Núcleo Afro do Recife, sediado no Pátio São Pedro, Recife. Participou de solenidade na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) nessa capital. Concretizou apresentação artística com o Mazuca da Quixaba, realizada no Polo de São João do Recife, sediado em Campina do Barreto, Recife
	09	Evento cultural no Museu da Abolição, sediado em Recife
	10	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	13	Realizou de forma <i>on-line</i> reunião com as coordenadoras dos grupos que formam o Maracatu Baque Mulher
	15	Apresentação artística com o Baque Mulher Recife na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte), sediada em Olinda, Pernambuco
	16 a 17	Participação especial no I Encontro Estadual do Baque Mulher Paraíba, com os grupos “Baque Mulher João Pessoa” e “Baque Mulher Campina Grande”. Esse encontro objetivou fortalecer o empoderamento feminista através da oficina de maracatu, ministrada pela mestra Joana, realizado na Associação Comunitária Agrícola de Muçumagro (ACAM), sediada em João Pessoa, Paraíba
	19	Realizou juntamente com as batuqueiras do Baque Mulher Recife a manutenção nos instrumentos percussivos
	20	Constituiu a Comissão da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE). Realizou ensaio com a Nação Encanto do Pina
	21	Reunião com o Afoxé Omô Nilê Ogunjá para planejar ações culturais afro-brasileira
	24	Organizou juntamente com o coordenador do grupo cultural Afoxé Omô Nilê Ogunjá o ensaio aberto desse grupo com a Nação Encanto do Pina, realizado no Recife Antigo
	26	Apresentação artística com o Baque Mulher Recife no evento cultural “Terça Negra”
	28	Realizou em formato <i>on-line</i> um diálogo com o Baque Mulher Manaus
	30	Participou com o Baque Mulher Recife da programação cultural do Festival de Inverno de Garanhões (FIG), realizado anualmente em Garanhuns, Pernambuco
31	Cerimônia religiosa “Xirê Cesta para Oxum” no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>	

MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Agosto 2022	04 a 05	Reunião com a coordenação do Fórum da Associação Nação de Pernambuco (AMANP), realizado no Núcleo Afro do Recife
	06	Participou do evento cultural com todas as Nações de baque do Estado de Pernambuco, realizado no Pátio de São Pedro, Recife
	07	Cerimônia religiosa “Obrigação para Maria Padilha” no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
	08 a 09	Participou do seminário para o concurso do carnaval de Recife, realizado no Núcleo Afro do Recife
	12 a 14	Apresentações artísticas com o Baque Mulher Recife, Nação Encanto do Pina e Mazuca da Quixaba no Festival Lula Calixto, realizado anualmente em Arcoverde, Pernambuco
	16 a 21	Roda de diálogo, oficina de maracatu, oficina de dança afro e cortejo com o Baque Mulher São Paulo
	17	Participou com o Baque Mulher São Paulo do Festival Dançando nas Bordas e realizou um cortejo com o grupo em tela nesse festival
	20	Realizou a regência do Bloco Mulheres do ABC em São Paulo das 10h às 12h. Participou do Bloco de Pedra em São Paulo das 12h às 14h. Ministrou oficina de maracatu para o grupo de maracatu “Ouro do Congo”, sediado em São Paulo das 15h às 19h
	21	Oficina de maracatu para o Baque Mulher São Paulo e o Baque Mulher Sorocaba
	22	Criou o grupo de WhatsApp intitulado “Carnaval Encanto 2023” e enviou o <i>link</i> para todas as participantes do Maracatu Baque Mulher e para pessoas da sua lista de contato, convidando-as a desfilar com a Nação Encanto do Pina no carnaval de 2023, compondo as diversas alas no desfile dessa nação
	24 a 25	Realizou a regência do Bloco Cidade em São Paulo
	26	Oficina para o Baque Mulher Vinhedo, Baque Mulher Piracicaba e Baque Mulher Campinas em São Paulo
	27	Oficina para o grupo Maracatucá, sediado em São Paulo, no período da manhã. Participou com o grupo Ouro do Congo da apresentação artística do Olubajé, no período da noite
28	Ensaio para o evento cultural Xaxará, idealizado pelo grupo Ouro do Congo, sediado em São Paulo	
29	Gira de jurema no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>	

MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Setembro 2022	01	Reunião com o Sesc referente ao projeto “Nós Tantas”
	03 a 04	Participou do evento “IV Xaxará Congo em Festa”, idealizado pelo grupo de maracatu “Ouro do Congo”. Realizou roda de diálogo e oficina de maracatu nesse grupo que pesquisa, que pratica e vive a cultura do maracatu Nação. Esse grupo nasceu em 2010 na Zona Sul de São Paulo
	05	Reunião <i>on-line</i> pelo google meet com o Baque Mulher Valinhos
	05 a 08	Roda de diálogo e oficina de maracatu com o Baque Mulher Ribeirão Preto, situado no interior de São Paulo
	06	Celebração do aniversário da <i>yalorixá</i> mãe Neide, colaboradora do Baque Mulher Ribeirão Preto
	07	Apresentação artística com o Mazuca da Quixaba no Sesc Campo Limpo, sediado em São Paulo
	09 a 11	Oficinas de agbê e maracatu, especificamente o baque virado da Nação do Maracatu Encanto do Pina com os grupos de maracatus do Rio de Janeiro, que são apadrinhados pela nação mencionada. A Mestra encerrou essas oficinas, regendo um cortejo de maracatu nas avenidas do Rio de Janeiro
	13 a 16	Participou das reuniões <i>on-line</i> da Fomativa Edital Nós Tantas realizada pelo Sesc São Paulo
	16	Apresentação artística com o Baque Mulher Recife, na Marcha das Agriculturas realizada em Calçada, Pernambuco no período da manhã. E realizou apresentação artística com esse maracatu de feministas, após a exibição do filme “Mães do Pina” no Museu da UNICAPEF, no período da tarde
	17	Participou do Projeto “Formação, democracia e consciência política no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> ”, no período da tarde. Participou da cerimônia religiosa no <i>ilê/terreiro</i> da <i>yalorixá</i> Laura em alusão a mestra do candomblecista Diego, batuqueiro na Nação Encanto do Pina e apoio/parceiro do Movimento, no período da noite
	19	Reunião <i>on-line</i> com a Diretoria da Nação Encanto do Pina, para planejamento do carnaval de 2023
20	Reunião da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE), representando a Nação Encanto do Pina	
20 a 22	Reuniões <i>on-line</i> da Fomativa Edital Nós Tantas, realizada pelo Sesc São Paulo	

	23	Celebração em alusão ao aniversário da filha caçula Jhadyanna D'arc
	24 a 26	Oficinas do batuque do Movimento e da Nação Encanto do Pina em Brasília e na Chapada dos Veadeiros, Goiás
	24	Festa de Paulina, entidade espiritual do batuqueiro Vitor
	25	Festa de Paulina, entidade espiritual do batuqueiro Vagner às 13h. Oficina do baque tocado no Maracatu Baque Mulher no museu da Universidade Católica do Recife às 16h
	25 a 29	Reuniões <i>on-line</i> com as coordenadoras dos coletivos do Maracatu Baque Mulher, realizadas das 19h às 22h
	27	Roda de diálogo, oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	29	Participou juntamente com o Baque Mulher Recife da gravação do CD da banda Maestrick, no estúdio localizado em Recife das 10h às 16h
	30	Apresentação artística no Festival Musicalizando, realizado no Mercado da Ribeira em Olinda, Pernambuco promovido pelo Coletivo de Mulheres Curumin, às 19h. Apresentação artística com o Baque Mulher Recife às 21h, e com o Mazuca da Quixaba às 22h, no evento cultural promovido pela escola de samba "Gigante do Samba"
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Outubro 2022	01	Todas as segundas-feira e sextas-feira até o carnaval, mestra Joana realizou ensaio da Nação do Maracatu Encanto do Pina, às 19h. Nas quintas-feira oficinas da Nação do Maracatu Encanto do Pina às 19h. Nos sábados oficinas do Maracatu Encantinho do Pina, às 14h, e da Nação do Maracatu Encanto do Pina, às 16h. Todos os domingos oficinas e ensaios do Baque Mulher Recife, às 16h
	01 a 10	Realizou Eboris, Oces - cerimônias religiosas no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
	02	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	03	Reunião <i>on-line</i> com as coordenadoras do Baque Mulher
	08	Homenageada no Festival da Resistência realizado em Recife
	09	Solenidade religiosa para Cosme e Damião das crianças Clarinha e Davi participantes do Maracatu Encantinho do Pina. Mestra Joana também prestigiou o ensaio da Nação Estrela Brilhante do Recife

	11	Apresentação artística com o Mazuca da Quixaba em Recife
	12	Aniversário de 14 anos de fundação do Baque Mulher Recife, mas pela contenção de gastos, mestra Joana não celebrou o aniversário do movimento
	12 a 14	Participou do Encontro das Trabalhadoras Rurais, realizado no Cais do Sertão, sediado em Recife. No dia 13 desse mês realizou uma apresentação artística com a matriz do movimento pesquisado nesse encontro
	14	Comemoração em alusão ao “Dia das Crianças” na Comunidade do Bode, com distribuição de presentes, brinquedos, bolos, refrigerantes e guloseimas
	16	Apresentação artística com o Baque Mulher Recife e com o Mazuca da Quixaba no evento cultural em Água Fria, promovido pelo Coco do mestre Zé do Beco, coordenado pela ativista cultural Paula do Cabloquinho
	21 a 23	Intensivão de agbês em Brasília
	24 a 26	Oficinas dos toques do Baque Mulher e da Nação Encanto do Pina em Brasília
	27	Celebração em alusão ao aniversário de Leorranny Beatriz, sobrinha de mestra Joana, batuqueira do Baque Mulher Recife e das Nações Encanto do Pina e Porto Rico
	29	Homenageada em Recife, representando o Mazuca da Quixaba
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Novembro 2022	01	Participou da Caminhada de Terreiros de Pernambuco e recebeu uma homenagem representando o Maracatu Baque Mulher. Evento realizado no centro do Recife e promovido pela Rede de Articulação da Caminhada de Terreiros de Pernambuco (Rede ACTP)
	06	Regência da apresentação da Nação Encanto do Pina no evento religioso “Amalá de Xangô” no Pátio de São Pedro, Recife, sob a organização da Sr ^a Maria Helena
	07	Entrevista <i>on-line</i> (<u>Mestra Joana Cavalcante Objorc</u>) a equipe Objorc
	09 a 14	Intensivão de agbê e vivência com o Baque Mulher Rio de Janeiro, Baque Mulher Niterói e, o Baque Mulher Zona Oeste-RJ
	11	Aniversário natalício de mestra Joana

	13	Realizou cortejo de maracatu de baque virado e celebrou seu aniversário natalício no Rio de Janeiro
	16	Reunião <i>on-line</i> com Mário Tedx
	16 a 21	Oficina de maracatu em Ribeirão Preto, São Paulo
	20	Oficina de maracatu e ensaio com o Baque Mulher Recife
	22	Concedeu entrevista a Mário Tedx no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
	23	Ensaio com o Mazuca da Quixaba
	26	Cerimônia religiosa em alusão a saída da ekedy Leorranny Beatriz
	27	Participou do I Encontro de Juremeiros em São Paulo
	28	Celebração em alusão ao aniversário natalício do filho João Jhadyel Cavalcante, batuqueiro do Maracatu Encantinho do Pina, do grupo Mazuca da Quixaba e das Nações Encanto do Pina e, Porto Rico
	29	Homenageada através da Secretaria da Mulher do Recife. E realizou reunião <i>on-line</i> com as coordenadoras dos grupos atuantes para deliberar as atividades do V Encontro Nacional Baque Mulher
MÊS ANO	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2022
Dezembro 2022	01	Produção com mais afinco das alegorias, adereços, indumentárias, cenários e figurinos para o desfile oficial do Movimento e da Nação Encanto do Pina
	03	Participou de show no Clube Português
	04	Confraternização do Baque Mulher Recife
	09 a 11	Idealizou e realizou o V Encontro Nacional Baque Mulher em Sorocaba, São Paulo
	12 a 24	Atividades religiosas no <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>
	18	Saída - feitura da filha de santo da Mestra, Jamile Passos como yaó do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i> . E, a confirmação de Jaimison Pedro como ogã desse terreiro de candomblé nagô
	20	Reuniao <i>on-line</i> com a coordenadora do Baque Mulher Campina Grande
	21	Cortejo "Meu Ori é de Yemanjá"

	25	Celebração em alusão a festividade natalina na Comunidade do Bode
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Janeiro 2023	06	Ensaio da Nação Encanto do Pina
	07	Oficina do Maracatu Encantinho do Pina às 14h Oficina da Nação Encanto do Pina às 16h
	09	Ensaio da Nação Encanto do Pina
	13	Ensaio da Nação Encanto do Pina
	13 a 15	II Intensivão de agbês e do batuque da Nação Encanto do Pina em Brasília
	14	Oficina do Maracatu Encantinho do Pina às 14h. Oficina da Nação Encanto do Pina às 16h
	15	Ensaio do Baque Mulher Recife
	19	Ensaio geral da Nação Encanto do Pina na Comunidade do Bode para apresentação artística no Tumaraca ²⁵⁰
	20	Ensaio geral da Nação Encanto do Pina na Rua da Moeda para apresentação artística no Tumaraca
	26	Concedeu entrevista via zoom para falar sobre “empoderamento feminino”
	28	Prestigiou a “Gira de Jurema Rosálha” no terreiro de jurema sagrada na Comunidade do Bode
29	Ensaio geral do Baque Mulher Recife na Rua da Moeda para apresentação artística no desfile oficial do Movimento	
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
	01	Produção com mais afinco das alegorias, adereços, indumentárias, cenários e figurinos para o desfile oficial do Movimento e da Nação Encanto do Pina
	03	Ensaio da Nação Encanto do Pina
	04	Ensaio do Maracatu Encantinho do Pina às 14h Ensaio da Nação Encanto do Pina às 16h

²⁵⁰ Criado em 2002, o encontro está em sua vigésima edição e reúne, no Marco Zero, 13 Nações de maracatu de baque virado e cerca de 700 batuqueiras e batuqueiros, que saúdam as origens ancestrais afro-brasileiras através da potência do baque do trovão das alfaias, agbês e a marcação de taróis e gonguês.

Fevereiro 2023	05	Ensaio Baque Mulher Recife
	10	Realizou a obrigação religiosa que objetiva rogar proteção as divindades sagradas do candomblé nagô, para as batuqueiras, batuqueiros e desfilantes da Nação do Maracatu Encanto do Pina nos festejos carnavalescos
	12	Ensaio Baque Mulher Recife
	13	Ensaio da Nação Encanto do Pina na Comunidade do Bode
	15	Ensaio geral da Nação Encanto do Pina para apresentação no Tumaraca
	16	Apresentação da Nação Encanto do Pina no Tumaraca, realizado no Marco Zero
	17	Desfile Oficial do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher
	19	Desfile da Nação Encanto do Pina no concurso das agremiações de maracatus em Recife
	20	Desfile do Maracatu Encantinho do Pina nos Tambores Silenciosos Mirim às 15h. Desfile da Nação Encanto do Pina na Noite dos Tambores Silenciosos às 23h
	21	Fez a regência de duas apresentações do Movimento e quatro apresentações da Nação Encanto do Pina
	22	Festa da Nação Encanto do Pina comemorando a participação no concurso das agremiações de maracatus da cidade do Recife
	22	Acompanhou pessoalmente o resultado do concurso das agremiações de maracatus do carnaval de 2013 em Recife. A Nação Encanto do Pina se concagrou campeã desse carnaval, na categoria maracatu de baque virado. A Mestra chorou de alegria e nesse mesmo dia, promoveu outra celebração para comemorar o título recebido pela nação
	MÊS	DIAS
Março 2023	05	Aniversário de 43 anos de existência e resistência da Nação do Maracatu Encanto do Pina. I Festival Cultural Periferia Bode, sediado na Comunidade do Bode
	10	Palestra na Escola João Bezerra, situada à Rua Francisco Valpassos, s/n - Brasília Teimosa, Recife. Reunião com Mariana Bianchi, que teve como pauta "Prestação de contas do carnaval de 2023"

	13	Reunião <i>on-line</i> Intensivo SIM, realizado pela plataforma digital do zoom às 19h
	17	Evento particular às 20h
	21	Reunião Ethel Cineasta às 15h. Reunião <i>on-line</i> com o Baque Mulher Manaus às 19h
	22	Reunião <i>on-line</i> Baque Mulher Recife
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Abril 2023	02	Acolhimento de novas integrantes do Baque Mulher Recife
	04	Reunião <i>on-line</i> Cineasta Ethel
	06	Reunião <i>on-line</i> Baque Mulher Pará
	10	Aniversário do babalorixá/pai Marcelo, pai biológico de mestra Joana. Será uma festa surpresa
	15	Festa de Jurema na casa de Deni
	20 a 25	V Festival Oba Xirê
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
	13	Festa de Manoel Coreia e Maria Luziara e, o aniversário de 19 anos do Mazuca
	14	Celebração do Dia das Mães, realizada na Comunidade do Bode, Recife
	19 e 29	Intensivão de maracatu de baque virado no Baque Mulher Rio de Janeiro
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Junho 2023	04, 11, 18 e 25	Oficinas e ensaios do Baque Mulher Recife
	10 a 18	Aresentações do Mazuca da Quixaba no Estado de São Paulo
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Julho	01 a 09	Aresentações do Mazuca da Quixaba no Estado de São Paulo

2023	02, 09, 16 e 23	Oficinas e ensaios do Baque Mulher Recife, na Comunidade do Bode
	22	Oficina baque da Nação Encanto do Pina, na Comunidade do Bode
	30	Apresentação artística no Cortejo das Bandeiras - I Encontro Estadual de Igualdade de Gênero Musical do Galpão do Vira, com a preservação da musicalidade dos artistas LGBTQIA+
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Agosto 2023	12	Cerimônia religiosa em louvação a Maria Padilha, uma das entidades espirituais que mestra Joana encorpora
	18 a 20	V Xaxará Congo em Festa, sediado em São Paulo
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Setembro 2023	09 e 10	Encontro Estadual do Movimento, sediado em Campina Grande na Paraíba
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Outubro 2023	12 a 15	VI Encontro Nacional Baque Mulher, sediado em Recife
	21 a 28	Reservado ao Baque Mulher Belo Horizonte, Estrela de Aruanda e intensivão de agbê em Belo Horizonte
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Novembro 2023	11	Celebração do aniversário de mestra Joana
	28	Celebração do aniversário de João Jhadyel, filho da Mestra
MÊS	DIAS	ATIVIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS AGENDA - 2023
Dezembro 2023	01 a 09	Recolhimento espiritual de Mariana Bianchi, renovação de Laís Fialho e Cesar filhas e filhos de santo de mestra Joana
	09	Cortejo “Meu Ori é de Yemanjá”

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE R – LOGOMARCAS DO MARACATU BAQUE MULHER



Fonte: rede social/facebook do Maracatu Baque Mulher (2021)

APÊNDICE S - PERFIL DAS 32 ENTREVISTADAS

ENTREVISTADAS	PERFIL DAS ENTREVISTADAS
	<p>Mestra Joana Cavalcante – Joana D’arc da Silva Cavalcante brasileira, nordestina, pernambucana, nascida em 11 de novembro de 1978 em Recife, tem 44 anos. Filha de Maria do Carmo da Silva/<i>yalorixá</i>/mãe de santo e Manoel Cândido Cavalcante/<i>babalorixá</i>/pai de santo. Nasceu de parto normal, realizado na residência da família, pela sua avó paterna, à <i>yalorixá</i> vó Quixaba/sacerdotisa do terreiro de candomblé nagô <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>, situado na Comunidade do Bode, localizada no bairro do Pina, Recife. Mestra Joana reside nessa comunidade desde seu primeiro dia de vida, desde que nasceu. Se autodeclara uma mulher preta, pobre, periférica, feminista, antirracista, empoderada, compositora, cantora, artista da cultura afro-brasileira, candomblecista, praticante do candomblé nagô, religião de matriz africana, que traz o axé/força da Nação nagô, descendente da população africana. Desde o ventre da sua mãe vivencia, senti o axé das cerimônias/rituais da religião de matriz africana, especificamente, o candomblé nagô. Casou-se aos 17 anos com o mestre Chacon Viana/<i>babalorixá</i> do <i>Ilê Axé Oxossi Guangoubira</i> e filho biológico da rainha da Nação do Maracatu Porto Rico, à <i>yalorixá</i> Elda Viana, com quem teve duas filhas e um filho. Aos 20 anos foi mãe biológica, pariu a primogênita Jhayana Cavalcante (<i>in memoriam</i>), aos 31 João Jhadyel (13 anos) e aos 40 anos a caçula Jhadyane D’arc (4 anos). Em 2008, aos 29 anos, consagra-se mestra de uma Nação de maracatu de baque virado quando os orixás - deusas e deuses da mitologia yorubá representadas e representados pela natureza através do jogo de búzios indicou-a para assumir a coordenação geral e regência da Nação Encanto do Pina, fundada em 5 de março de 1980 pela <i>yalorixá</i> dona Maria de Sônia, bisavó paterna da Mestra considerada primeira e única até então, mestra de maracatu de baque virado. Em 12 outubro desse mesmo ano, ela funda o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado, denominado, Maracatu Baque Mulher, constituído exclusivamente por mulheres feministas, sediado na Comunidade do Bode, localizada em Recife. Atualmente são 39 grupos, sendo 38 atuando nas cinco regiões do Brasil e um em Lisboa, Portugal, que estão sob a coordenação geral da Mestra. Aos 32 anos foi consagrada <i>yakekerê</i>/mãe pequena do <i>Ylê Axé Oxum Deym</i>, suas vivências lhe proporcionaram identificar, saldar e reverenciar o axé da nação descendente de africanas, africanos, tem orgulho da sua etnia. cursou o Ensino Médio através do sistema supletivo de ensino, declara ter pavor ao sistema formal de ensino. Aos 44 anos se separou do mestre Chacon Viana. Em fevereiro de 2023 a Nação Encanto do Pina, regida pela mestra Joana foi a campeã - recebeu o título de primeiro lugar no concurso das agremiações de maracatu de baque virado, realizado pelo governo de Pernambuco.</p>
	<p>Guerreira 1 do Nordeste – Tem 36 anos, é graduada em Ciências Sociais, trabalha como professora de Sociologia do Ensino Médio na rede pública de ensino. Ela se autodeclara branca, afirma não ser totalmente entregue a uma religião, mas afirma ter afeição e se identifica com o candomblé. Participa do Movimento desde 2017, quando concedeu essa entrevista em 4 de março de 2020 estava na condição de coordenadora regional do Baque Mulher João Pessoa, atuante na Paraíba, Estado localizado na Região Nordeste do Brasil. Em setembro de 2020 foi residir na praia de Pipa, localizada em Tibau do Sul, Rio Grande do Norte e, repassou a coordenação para outra batuqueira desse Movimento, Aniely Mirtes Soares Alves. A entrevistada desfila na Nação do Maracatu Encanto do Pina.</p>
	<p>Guerreira 2 do Centro-Oeste – Tem 32 anos, é graduada em Ciências Contábeis, possui duas especializações nessa área, exerce a função de Bancária. Ela se autodeclara branca, com formação católica, mas não se identifica com essa religião, depois que conheceu o</p>

maracatu se considera simpatizante do candomblé. É batuqueira do Baque Mulher Brasília desde 2015, atuante no Distrito Federal, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil.

Guerreira 3 do Sudeste – Tem 31 anos, é graduada em Serviço Social, especialista em Saúde Pública, exerce a função de Assistencial Social com atuação na Política de Assistência Social. Ela se autodeclara branca, ex-praticante do candomblé ketu. Atualmente é praticante da religião neopagã, wiccaniana. Em 2020 estava como coordenadora regional do Baque Mulher Sorocaba, atuante em São Paulo, Estado localizado na Região Sudeste do Brasil. Em 2022 repassou a coordenação do grupo para outra batuqueira, porque passou no processo seletivo de um projeto piloto do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é batuqueira do Baque Mulher Niterói. Ela participa desse movimento desde 2015.

Guerreira 4 do Sul – Tem 47 anos, ensino técnico em Gastronomia, exerce a função de Técnica em Gastronomia. Ela se autodeclara negra, frequentava um terreiro de umbanda, mas atualmente é praticante do candomblé ketu e batuqueira do Baque Mulher Floripa desde 2017, atuante em Santa Catarina, Estado localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 5 do Sudeste – Tem 68 anos, é graduada em Arquitetura, mestra em História da Arquitetura. Arquiteta aposentada, exerceu essa função durante 25 anos na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, município localizado no Estado de São Paulo. Ela se autodeclara branca, não tem religião, se considera uma pessoa muito pragmática, mas a partir do momento que conheceu a cultura afro-brasileira apaixonou-se pelos orixás, divindades cultuadas na religião de matriz africana. É batuqueira do Baque Mulher Ribeirão Preto desde 2016, atuante em São Paulo, Estado localizado na Região Sudeste do Brasil e desfilante na ala do chitão no desfile oficial da Nação Encanto do Pina.

Guerreira 6 do Sudeste – Tem 43 anos, é graduada e mestra em Ciências Sociais, na sua dissertação do mestrado realizou uma pesquisa sobre maracatu, não prosseguiu na docência, pois optou atuar na cultura e educação através da dança, com foco nas questões raciais. Ela é dançarina, professora, artista e arte educadora, em dança e arte negra, além disso, é idealizadora e diretora da Cia Babalakina de Dança Afro. Ela se autodeclara negra, embora não seja iniciada no candomblé, se considera candomblecista, porque canta música do candomblé e dança para os orixás. É dançarina e coordenadora da ala de dança do Baque Mulher Rio de Janeiro desde 2019, atuante no Estado do Rio de Janeiro, localizado na Região Sudeste do Brasil. Também coordena a ala de dança afro no desfile oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina. A entrevistada já ministrou oficina de dança afro em vários países da Europa, Espanha, Finlândia, França entre outros localizados ao norte do continente europeu.

Guerreira 7 do Sudeste – Tem 20 anos, é graduanda em Biologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, estuda as questões relacionadas a agroecologia e agricultura urbana. Ela se autodeclara branca, afirma não ter religião, mas tem muita fé nos orixás e na jurema sagrada. É batuqueira do Baque Mulher Rio de Janeiro desde 2017, atuante no Estado do Rio de Janeiro, localizado na Região Sudeste do Brasil e desfilante na Nação Encanto do Pina.

Guerreira 8 do Nordeste – Tem 69 anos, paraibana, natural de Itabaiana, município da Paraíba, localizado na Região Nordeste, cursou até a 4ª Série do Primário, atual 3º ano do Ensino Fundamental. Aos 8 anos começou a trabalhar com sua mãe lavando roupa de ganho no rio - recebia dinheiro lavando roupas para outras pessoas, engomando e, em usina de agave. Aos 15 migrou da sua terra natal para a cidade do Recife, capital pernambucana, fixando residência até o presente momento, trabalhando de diarista/faxineira, lavadeira e costureira. Ela se separou muito jovem do seu primeiro esposo/companheiro com quem teve

três filhas, se casou pela segunda vez e teve mais duas filhas e seis filhos com o segundo companheiro, o qual morreu vítima de afogamento. Continuou trabalhando para criar suas cinco filhas e seus seis filhos, se autodeclara morena, se considera católica porque foi criada no catolicismo, sua avó lhe levava com frequência a igreja católica desde sua infância, mas faz 50 anos que ela frequenta o candomblé, religião que mais se dedica atualmente. É batuqueira do Baque Mulher Recife desde 2016, atuante no Estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil e, costureira do Movimento, da Nação Encanto do Pina, do maracatu mirim dessa nação e do Mazuca da Quixaba.

Guerreira 9 do Sul – Tem 27 anos, Ensino Médio, deu início alguns cursos superiores, mas não conseguiu concluí-los, trabalha como diarista é mãe solo de uma garota de 5 anos. Ela tatuou a logomarca do Movimento no seu próprio corpo, se autodeclara parda e declarou não ter nenhuma religião. É batuqueira do Baque Mulher Floripa desde 2017, atuante no Estado de Santa Catarina, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 10 do Sudeste – Tem 39 anos, é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Portuguesa. Atua nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro como professora de português, inglês e percussão. Ela se autodeclara branca e umbandista desde criança, sua família é católica, mas sua mãe sempre a levava na umbanda. Desde a primeira infância frequenta vários terreiros, mas apenas há três anos encontrou um centro de umbanda que lhe acolheu e atendeu suas expectativas espirituais. Considera que sua trajetória artística tem relação com sua religião, com o maracatu e com todas as formas de cultura africana. Integra o Movimento desde 2016, coordena o Baque Mulher Zona Oeste, Campo Grande desde 2018, atuante no Estado do Rio de Janeiro, localizado na Região Sudeste do Brasil.

Guerreira 11 do Sudeste – Tem 39 anos, é graduada em Educação Física, mas não atuou na área. Atualmente atua como Artesã e Produtora Cultural, colabora com a mestra Joana nas produções do Maracatu Baque Mulher e da Nação Encanto do Pina. Ela ressaltou que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, considera sua raça amarela, se autodeclara umbandista, mas frequenta o *Ylê Axé Oxum Deym*, realiza as obrigações e os trabalhos nesse terreiro, referente ao Maracatu Ouro do Gongo, um maracatu misto sediado na capital do Estado de São Paulo, que coordena juntamente com o seu companheiro/esposo. Tal maracatu é apadrinhado pelas Nações Encanto do Pina, Porto Rico e pela religião, candomblé nagô. Considera que sua trajetória artística tem relação com sua religião, afirmando que o maracatu lhe levou a sua religiosidade. Quando conheceu o maracatu e começou escutar as loas que falam dos orixás, elas começaram a tomar uma proporção enorme na sua vida, lhe fez chegar na sua religião, umbanda. Fato que mudou toda sua relação com o mundo, universo, forma de vida e estilo. Tudo que pensa e faz é pautado pela sua religiosidade, que lhe transformou na mulher que é hoje. Ela integra o Movimento desde 2009, coordena o Baque Mulher São Paulo, atuante no Estado de São Paulo, localizado na Região Sudeste do Brasil, batuqueira na Nação Encanto do Pina.

Guerreira 12 do Sudeste – Tem 37 anos, é graduada em Educação Física. Atua como percussionista, é da religião do candomblé, candomblecista, se autodeclara branca. É *yabá* do *Ylê Axé Oxum Deym*, mulher escolhida pelo orixá para cuidar, zelar, manter esse terreiro, educadora social voluntária no Projeto Encantinho do Pina, professora, capoeirista, desfilante e uma das primeiras batuqueiras na Nação Encanto do Pina, batuqueira no Baque Mulher Recife desde a fundação 12 de outubro de 2008. Coordenadora e regente do Baque Mulher Rio de Janeiro e Baque Mulher Niterói. Ela é empreendedora do Canecaifé, empreendimento em canecas padronizadas, já ministrou oficina de maracatu na Alemanha, Angola, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Portugal, Suécia, entre outros países da África e da Europa.

Guerreira 13 do Centro-Oeste – Tem 37 anos, é graduada em Artes Visuais, especialista em Terapia Orquídeas. Atua como Terapeuta por meio da Arteterapia. Não consegue identificar a cor da sua pele, não tem religião definida, mas se identifica com o candomblé, umbanda e com todas as religiões espiritualistas. Ela é batuqueira do Baque Mulher Alto Paraíso-GO desde 2018, atuante no Estado de Goiás, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil.

Guerreira 14 do Sudeste – Tem 39 anos, é graduada em Engenharia Florestal. Atua como Engenheira Florestal, não tem religião definida, mas se identifica com o candomblé. É batuqueira do Baque Mulher Niterói desde 2016, atuante no Estado do Rio de Janeiro, localizado na Região Sudeste do Brasil.

Guerreira 15 do Sudeste – Tem 66 anos, graduada em Música com habilitação em Percussão Erudita, mestra em Educação. Atua como percussionista, é professora aposentada. Não soube responder sua etnia, declarou não ter religião definida. É batuqueira do Movimento desde 2010, atuante no Baque Mulher Campinas, Estado de São Paulo desde sua fundação, localizado na Região Sudeste e, batuqueira na Nação Encanto do Pina.

Guerreira 16 do Sul – Tem 36 anos, é graduada em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar. Atua como Coordenadora Pedagógica no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Ela se autodeclara branca e católica, porém, frequenta alguns terreiros, se declara simpatizante do candomblé. É batuqueira do Movimento desde 2013, ex-coordenadora do Baque Mulher Floripa e atual batuqueira do Baque Mulher Curitiba desde 2019, atuante no Estado do Paraná, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 17 do Nordeste – Tem 36 anos, é graduada em Letras, mestra e doutora em Linguística. Atua como professora universitária efetiva há oito anos no Estado da Paraíba. Ela se autodeclara miscigenada e agnóstica, mas respeita todas as religiões. É batuqueira do Baque Mulher Recife desde sua fundação 12 de outubro de 2008, atuante no Estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil.

Guerreira 18 do Sul – Tem 25 anos, é graduada em Comunicação Multimídia. Atua como Gerente de Marketing de Vendas. Ela se autodeclara branca, está se aproximando do candomblé, mas não se considera uma candomblecista, porque, não existe um terreiro na cidade que reside, Maringá, para frequentá-lo. É batuqueira do Baque Mulher Maringá, desde sua fundação 1 de julho de 2017, atuante no Estado do Paraná, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 19 do Centro-Oeste – Tem 36 anos, superior incompleto, atua como autônoma, se autodeclara branca e não tem religião. Ela é coordenadora do Baque Mulher Chapada, desde sua fundação 30 de março de 2018, atuante no Estado do Goiás, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil.

Guerreira 20 do Centro-Oeste – Tem 22 anos, é doutoranda em Antropologia, atua como Antropóloga. Ela se autodeclara branca, não tem religião, mas acredita, de certa forma, ser do candomblé, porque, toca maracatu. É coordenadora do Baque Mulher Brasília, desde 2018, atuante no Distrito Federal, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil e, desfilante na Nação Encanto do Pina.

Guerreira 21 do Norte – Tem 36 anos, é graduada em Propaganda e Marketing, atua como Doula. Ela se autodeclara parda, se identifica com o candomblé, mas não faz parte dele ainda. É coordenadora do Baque Mulher Manaus, desde 2016, atuante no Amazonas, localizado na Região Norte do Brasil.

Guerreira 22 do Sul – Tem 23 anos, é graduada em Comunicação Social, mestra em Literatura. Ela se autodeclara negra, não tem religião, não é firmada em nenhum *ilê*/terreiro, mas sua espiritualidade, corpo e mente, voltam-se para o candomblé. É autônoma na área de fotografia, audiovisual e revisão de texto. É coordenadora do Baque Mulher Foz do Iguaçu, desde 2019, atuante no Paraná, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 23 do Norte – Tem 37 anos, é graduada em Arquitetura, atua como Arquiteta. Ela se autodeclara branca e católica. É batuqueira do Baque Mulher Tocantins, desde 2019, atuante no Tocantins, localizado na Região Norte do Brasil.

Guerreira 24 do Sul – Tem 28 anos, é graduada em História, mestra e doutoranda em História Cultural. Ela se autodeclara negra, candomblecista, atualmente está desempregada, mas é professora de formação. É coordenadora do Baque Mulher Maringá, desde 2016, atuante no Paraná, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 25 do Nordeste – Tem 19 anos, Ensino Médio, atua como Vendedora. Ela se autodeclara negra, candomblecista. É batuqueira do Baque Mulher Recife, desde 2015, atuante em Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil. Agbêzeira/toca agbê nas Nações Encanto do Pina e Porto Rico.

Guerreira 26 do Sul – Tem 29 anos, ensino superior, atua como professora. Ela se autodeclara branca e católica. É batuqueira do Baque Mulher Foz, desde 2019, atuante no Paraná, localizado na Região Sul do Brasil.

Guerreira 27 do Sul – Tem 25 anos, é graduada em Moda, atua como diarista/faxineira, DJ e produtora de eventos. Ela se autodeclara latina, candomblecista, cantora e compositora. É coordenadora do Baque Mulher Curitiba, desde 2015, atuante no Paraná, localizado na Região Sul do Brasil. Desfila com traje de soldado romano no desfile oficial na Nação Encanto do Pina.

Guerreira 28 do Nordeste – Tem 46 anos, é graduada em Pedagogia, atua como Pedagoga. Ela se autodeclara branca, pobre e candomblecista. Coordenadora Pedagógica do Projeto Encantinho do Pina, reside na Comunidade do Bode. Ela é Dama do Paço da Nação Encanto do Pina. É batuqueira do Baque Mulher Recife, desde sua fundação 12 de outubro de 2008, atuante em Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil.

Guerreira 29 do Nordeste – Tem 31 anos, Ensino Médio, atua como produtora cultural. Ela se autodeclara negra, pobre e católica. É coordenadora do Baque Mulher Arcoverde, desde 2017, atuante em Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil.

Guerreira 30 do Nordeste – Tem 28 anos, ensino superior, atua como professora do Ensino Médio. Ela se autodeclara branca e católica. É batuqueira do Baque Mulher Arcoverde, desde 2018, atuante em Pernambuco, localizado na Região Nordeste do Brasil.

Guerreira 31 do Nordeste – Tem 63 anos, não alfabetizada, atua como Artesã. Ela se autodeclara negra, pobre e simpatizante do candomblé. É batuqueira do Baque Mulher João Pessoa, desde 2018, atuante na Paraíba, localizado na Região Nordeste do Brasil.

Fonte: elaboração da autora (2022)

APÊNDICE T - CARTA DE ANUÊNCIA DO MARACATU BAQUE MULHER

Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher (Feministas do Baque Virado)
BAQUE MULHER MATRIZ. RECIFE-PE

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora **Ana Lúcia Tavares de Oliveira**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **MOVIMENTO FEMININO BAQUE MULHER: disseminando informação e conhecimento da cultura de matriz afro-brasileira por meio das práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas e sociais da Mestra Joana Cavalcante**, que está sob a coordenação/orientação da **Prof.ª Dr.ª Leilah Santiago Bufrem** cujo objetivo é apresentar o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher (Feministas do Baque Virado), por meio das práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas e sociais da Mestra Joana Cavalcante, considerando-o um movimento disseminador da informação, espaço de alargamento dos fatos memorialísticos e identitários da cultura de matriz afro-brasileira à luz do fortalecimento e visibilidade das narrativas e práticas do seguimento feminino.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais das participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Recife, em 13 / 02 / 2020.



Joana D'arc da Silva Cavalcante

CPF: 029.563.414-64

Coordenadora Geral do Movimento Feminino Baque Mulher

APÊNDICE U - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Convidamos a Sra. _____ para participar como voluntária da pesquisa **MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Ana Lúcia Tavares de Oliveira**, e-mail: ana7tavares@yahoo.com.br.

A pesquisadora **Ana Lúcia Tavares de Oliveira** está sob a orientação da **Prof^a. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem**, e-mail: santiagobufrem@gmail.com e coorientação do **Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira**, e-mail: muriloas@ufpe.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Justificativa: A pesquisa se justifica pela necessidade de se manter em voga discussões em torno da cultura afro-brasileira, bem como pelo seu ineditismo ao propor reconstruir a trajetória da primeira e única até então, mestra de maracatu de baque virado. Outrossim, busca ampliar as discussões sobre o fortalecimento e

visibilidade das mulheres, na disseminação dessa cultura, de maneira especial, expondo contribuições pertinentes na reconstituição da memória e das identidades das atividades culturais do Recife.

Objetivo geral: descrever as práticas informacionais e a trajetória artística de mestra Joana Cavalcante e do Maracatu Baque Mulher sob a ótica do empoderamento social, enfatizando o protagonismo feminista nas Nações de baque virado.

Objetivos específicos: a) analisar as práticas informacionais das expressões e manifestações afro-brasileiras sob a ótica de gênero, raça e classe no maracatu de baque virado como marcadores sociais da diferença do protagonismo identitário e memorialístico das mulheres afrodescendentes; b) mapear as práticas informacionais da cultura de matriz africana, na perspectiva das batuqueiras do Maracatu Baque Mulher, a partir das dimensões do protagonismo feminista, considerando as narrativas dessas batuqueiras; c) destacar os elementos memorialísticos do conjunto de práticas, a partir dos registros de fazer e pensar por meio da oralidade.

Para o alcance dos objetivos, tornou-se fundamental a elaboração de um glossário das expressões e manifestações culturais de matriz afro-brasileira organizado pela pesquisadora a partir das narrativas de mestra Joana e das 31 integrantes do Movimento recolhidas nas entrevistas e revistas na literatura, para organizar as narrativas, fundamentar e evidenciar os processos e as práticas culturais realizadas, constituindo-se, ao final, como um produto e resultado alcançado. Para isso, realizou-se leitura analítica para a seleção e escolha dos termos com especial sentido, cujo significado foi concretizado a partir das análises e interpretações das categorias sistematizadas ao longo das transcrições das entrevistas, como base na organização e categorização sistemática das narrativas e, quando necessário, consultou-se a literatura científica.

Detalhamento dos procedimentos da coleta de dados, forma de acompanhamento: Para tratar do Baque Mulher Recife e suas relações com as práticas culturais de mestra Joana Cavalcante, como fonte de informação que propicia a disseminação da informação da memória e das identidades culturais afro-brasileiras, leva-se em consideração o *corpus* empírico, documentos eletrônicos e físicos, a exemplo do portfólio da Mestra, regimento interno do Movimento, composições das loas cantadas nas apresentações artísticas do Maracatu Baque Mulher, Encanto do Pina, maracatu mirim dessa nação, as zuelas do Mazuca da Quixaba, disponibilizadas

nas plataformas digitais e redes sociais desses coletivos, leva-se em consideração também, os documentos orais.

No caso específico desta pesquisa, realizou-se a entrevista por meio do contato direto com as 32 entrevistadas, procurando ouvir suas próprias histórias, para depois absorvermos as informações necessárias para o desenvolvimento do estudo.

Quanto à fase de transcrição, foram feitas pela própria entrevistadora. As passagens pouco audíveis foram colocadas entre colchetes, constando o termo “trecho inaudível”. Além disso, as dúvidas e os silêncios foram assinalados por reticências; apenas a mestra Joana Cavalcante será identificada, as 31 integrantes do Movimento entrevistadas, foram designadas pelo adjetivo “Guerreira”, um número e a identificação da respectiva região onde elas residem e atuam nas práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas, sociais e educacionais, compreendendo-as como práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado. Reconhecendo que toda pesquisa que envolve seres humanos pode conter riscos, como por exemplo a possibilidade eventual de ocorrer algum constrangimento em relação ao não conhecimento da temática pela pessoa entrevistada. Nesse sentido, certificamos que todas as perguntas da entrevista dessa pesquisa, diz respeito ao conhecimento e experiência vivenciada pelas entrevistadas em relação ao objeto da pesquisa.

Benefícios diretos e indiretos para as voluntárias: não estão previstos nesta pesquisa benefícios diretos às entrevistadas, porém como benefícios indiretos a pesquisa apresenta as práticas culturais do Movimento, como práticas informacionais de socialização da cultura afro-brasileira, promovendo a disseminação da memória e das identidades culturais à luz do fortalecimento e visibilidade das narrativas feministas.

Todas as informações desta pesquisa foram confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, a não ser entre as responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa gravações, entrevistas, fotos e filmagens, estão armazenados em pastas de arquivo no computador, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período mínimo de cinco anos.

Nada lhe foi pago e nem foi cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houve necessidade, as despesas para a sua participação assumidas pelas pesquisadoras - ressarcimento de transporte e alimentação.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife, CEP: 50740-600, Telefone: (81) 2126-8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Ana Lúcia Tavares de Oliveira



(assinatura da pesquisadora)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo **MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira**, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Local e data _____

Assinatura da participante: _____

Impressão
digital

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite da voluntária em participar.

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE V - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto **MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira**

Pesquisadora responsável: Ana Lúcia Tavares de Oliveira

Instituição/Departamento de origem da pesquisadora: Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Artes e Comunicação - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

E-mail: ana7tavares@yahoo.com.br

À pesquisadora do projeto acima identificada assume o compromisso de:

- a) Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – CEP/UFPE e que os dados coletados serão armazenados pelo período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa;
- b) Preservar o sigilo e a privacidade das voluntárias cujos dados serão estudados e divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificá-las;
- c) Garantir o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais, além disso, o devido respeito à dignidade humana;
- d) Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem as participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- e) Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Final da pesquisa.

Recife, 27 de fevereiro de 2020.



Assinatura da Pesquisadora Responsável

APÊNDICE W - AUTORIZAÇÃO DE USO DE ARQUIVOS/DADOS DE PESQUISA DO MARACATU BAQUE MULHER

Declaramos para os devidos fins, que cederemos à pesquisadora Ana Lúcia Tavares de Oliveira, o acesso aos arquivos do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado, para serem utilizados na pesquisa **MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: protagonismo e empoderamento feminino na reconstrução da cultura afro-brasileira**, que está sob a orientação da **Profa. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem** e coorientação do **Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira**.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais das participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisadora deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Joana D`arc da Silva Cavalcante

CPF: ***.***.***4-**

Coordenadora do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MOVIMENTO FEMININO BAQUE MULHER: disseminando informação e conhecimento da cultura de matriz afro-brasileira por meio das práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas e sociais da Mestra Joana Cavalcante

Pesquisador: ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 25752719.5.0000.5208

Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.857.311

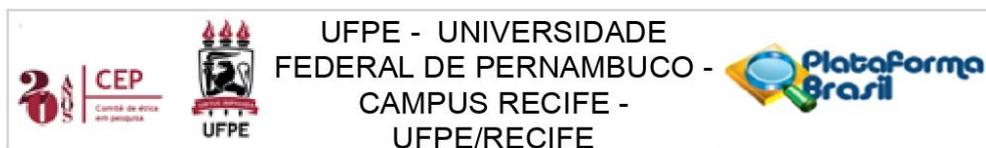
Apresentação do Projeto:

Trata-se um projeto de doutoramento em Ciência da Informação, da UFPE, interessado em investigar, com registros orais, o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher (Feministas do Baque Virado), por meio das práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas e sociais da Mestra Joana Cavalcante, considerando-o um movimento disseminador da informação, espaço de alargamento dos fatos memorialísticos e identitários da cultura de matriz afro-brasileira à luz do fortalecimento e visibilidade das narrativas e práticas do seguimento feminino. Serão ouvidas 06 mulheres, uma liderança deste movimento em Pernambuco e outras cinco, dentro do mesmo movimento, nas demais regiões do país.

Objetivo da Pesquisa:

1- Identificar as práticas culturais, religiosas, artísticas, políticas e sociais do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher (Feministas do Baque Virado), considerando o saber e conhecimento da Mestra Joana Cavalcante; 2- Averiguar a contribuição da Mestra Joana Cavalcante na disseminação da informação, na reconstituição da memória das mulheres afrodescendentes e no processo de resistência da identidade cultural de Recife-PE; 3- Reconstruir a trajetória do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher (Feministas do Baque Virado) através dos relatos orais fornecidos pela Mestra Joana Cavalcante,

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.857.311

representando a região Nordeste e cinco mulheres que integram os grupos das cinco regiões do país.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram bem descritos e estão bem avaliados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos foram apresentados e estão adequados.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto eticamente adequado.

Considerações Finais a critério do CEP:

As exigências foram atendidas e o protocolo está APROVADO, sendo liberado para o início da coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio do Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/CCS/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

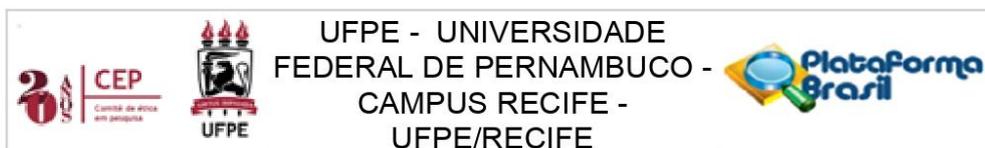
Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/CCS/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.857.311

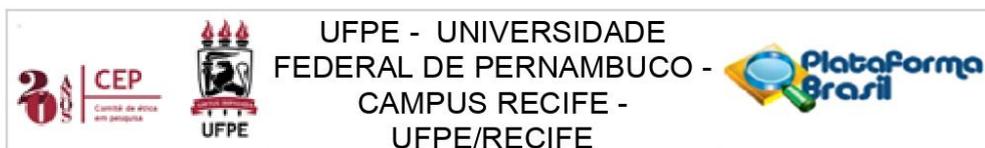
ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1463544.pdf	13/02/2020 11:51:48		Aceito
Outros	Carta_Anuencia.pdf	13/02/2020 11:51:08	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CARTADERESPOSTAASPENDENCIAS.docx	07/02/2020 14:08:31	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.doc	07/02/2020 14:03:50	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMAIORESDE18ANOS.docx	18/11/2019 12:08:28	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CurriculoLattesLeilahSantiagoBufrem.pdf	18/11/2019 11:55:59	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CurriculoLattesAnaLuciaTavares.pdf	18/11/2019 11:55:09	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOCONFIDENCIALIDADE.pdf	18/11/2019 11:50:55	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	DECLARACAODEAUTORIZACAODEUSODEDADOS.pdf	14/11/2019 17:08:01	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	DECLARACAODEVINCULODOCURSO.pdf	14/11/2019 17:07:16	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	14/11/2019 16:31:51	ANA LUCIA TAVARES DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.857.311

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 27 de Fevereiro de 2020

Assinado por:

LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br